HISTÓRIA ORAL DO EXÉRCITO NA

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

BRASIL

TOMO 5

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial

BIBLIOTHECA DO EXERCITO
Casa do Barão de Loreto
— 1881 —

Fundada pelo Decreto nº 8.336, de 17 de dezembro de 1881,
por FRANKLIN AMÉRICO DE MENEZES DÓRIA, Barão de Loreto,
Ministro da Guerra, e reorganizada pelo
General-de-Divisão VALENTIN BENÍCIO DA SILVA,
pelo Decreto nº 1.748, de 26 de junho de 1937.

Biblioteca do Exército Editora
Praça Duque de Caxias, 25 – Ala Marcílio Dias – 3º andar
20221-260 – Rio de Janeiro, RJ – Brasil
Tel.: (55 021) 2519-5707 – Fax (55 021) 2519-5569
DDG: 0800 238 365
Endereço Telegráfico "BIBLIEX"
E-Mail: bibliex@ism.com.br
Home-Page: http://www.bibliex.eb.br

Coordenador Geral
Aricildes de Moraes Motta

História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial

TOMO 5
Rio de Janeiro e Minas Gerais

Biblioteca do Exército Editora
Rio de Janeiro
2001

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA Publicação 722

História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial Tomo 5

Coordenador Regional – RJ e MG
Geraldo Luiz Nery da Silva

Assessor
Aurelio Cordeiro da Fonseca

Capa:
Murillo Machado

Revisão:
Andreza Tarragô
Ellis Pinheiro
Léa Maria da Costa Serpa
Ricardo Braule Pinto Bezerra Pereira

H673 História oral do Exército na segunda guerra mundial / Coordenação geral de Aricildes de Moraes Motta. – Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército Editora, 2001.
T. 5. (Biblioteca do Exército; 722)

Conteúdo: Rio de Janeiro e Minas Gerais / Coordenador Regional : Geraldo Luiz Nery da Silva.
ISBN 85-7011-302-1

1. Guerra mundial, 1939-1945 – Brasil. 2. Militares – Entrevistas. I. Motta, Aricildes de Moraes, coord. geral. II. Silva, Geraldo Luiz Nery da, coord. reg. III. Título: Rio de Janeiro e Minas Gerais. IV. Série.

CDD 940.540981

Os textos contidos neste Tomo referem-se a 17 entrevistas realizadas no período de 9 de agosto a 23 de novembro de 2000, na Coordenadoria do Rio de Janeiro e Minas Gerais.

As entrevistas são apresentadas textualizadas, o que, em história oral, significa transcrevê-las sem as perguntas e com a fusão das respostas.

Impresso no Brasil Printed in Brazil

Sumário

General-de-Divisão Octávio Pereira da Costa*

Nasceu em Maceió, Alagoas. Oriundo do Colégio Pedro II, foi para a Escola Militar do Realengo, onde realizou o Curso de Oficial de Infantaria, de 1939 a 1942, sendo, neste último ano, declarado Aspirante-a-Oficial. Pertenceu ao 19º BC e ao 18º RI, em 1942 e 1943, ambos na Bahia. Daí, ingressou na FEB, ao ser transferido para o 11º RI, com o qual participou da Campanha da Itália, como S2 do I Batalhão. Foi Instrutor da AMAN em 1946 e 1947. Realizou o Curso da ECEME e o do CEMCFA, da ESG. Como Oficial Superior, exerceu as funções de Membro da Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai; Comandante do Grupamento de Elementos de Fronteira; Instrutor da ECEME; Oficial de Gabinete do Ministro do Exército, General Odylio Denys; Assistente-Secretário do Chefe do EME; Comandante do CEP; Membro do Gabinete Militar e Chefe da AERP da Presidência da República e Subchefe do Gabinete do Ministro do Exército. Participou das 7ª, 8ª e 9ª Conferências de Exércitos Americanos. Como Oficial-General foi: Chefe do Gabinete do EME, Comandante da 6ª RM, Secretário Geral do Exército, Diretor de Especialização e Extensão e Vice-Chefe do DEP. Foi articulista do “Jornal do Brasil”, cronista dos Diários Associados e Professor da Universidade de Brasília. Escreveu os livros *Mundo sem Hemisférios* e *Trinta Anos Depois da Volta*, síntese da Campanha da FEB, atualizado vinte anos depois com o título *Cinqüenta Anos Depois da Volta*. Dentre as suas condecorações pela participação na FEB, destacamos: Cruz de Combate de 2ª Classe, Medalha de Campanha, Medalha de Guerra e as estrangeiras: Cruz de Guerra, com palma, e Cavaleiro da Legião de Honra, ambas da França.

---

* Oficial de Informações do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria, entrevistado em 15 de agosto de 2000.

Antes de tratar do ambiente no Brasil em relação à Segunda Guerra Mundial no ano de 1939 e no início da década de 40, é preciso, primeiro, lembrar que o País vivia um regime, eminentemente, totalitário. Vargas havia consolidado o seu poder a partir do golpe de 10 de novembro de 1937 e governava de forma incontrastável. Vivíamos um período que se caracterizava pelo totalitarismo. Era esse o nosso quadro político.

A História mostra, como se observa claramente ao recordar esse quadro, que a primeira reação popular, em todas as ocasiões em que há um golpe de estado, em que há um surto revolucionário, é de perplexidade e de certa aceitação, depois, todavia, começam as primeiras reações na medida em que o estado de direito não se normaliza.

Isso aconteceu na República com Deodoro e Floriano. Aconteceu com Vargas em 1930, quando ele deu o golpe de estado de 1937 e aconteceu em março de 1964. Primeiro perplexidade e uma certa aceitação e, na medida em que demora a normalização, começam as reações.

Vargas enfrentou essas reações em 1930 e 1932, mas, após 1937, antes que as reações começassem com todo o vigor, ocorreu a deflagração da Segunda Guerra Mundial, que se constituiu no mote para que o regime totalitário implantado no Brasil se consolidasse, durando oito anos a partir de 1937 e seis anos a partir do início do conflito mundial.

O deflagrar da Segunda Guerra Mundial foi, para Vargas, extremamente auspicioso no ponto de vista da sua permanência no poder e do ponto de vista da ausência de reações mais fortes ao seu governo totalitário. Vivíamos um regime tipicamente totalitário, em que não havia qualquer liberdade de imprensa.

O que se passou depois no Brasil em termos de restrições à liberdade de imprensa são gotas d'água no oceano, comparando-se ao que fez Vargas. Ele criou um Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que controlava toda a Imprensa e, ao mesmo tempo, fazia todo o trabalho de promoção pessoal do ditador. Ressalto, portanto, que era esse o quadro político.

O quadro social e o quadro econômico do fim de 1939 e a década de 1940 mostram que éramos uma nação de 40 milhões de habitantes, quer dizer uma nação quatro vezes menor do que é hoje, desprovida de transporte, desprovida de telecomunicações, basta dizer que uma ligação telefônica do Rio para São Paulo levava horas. Então, não havia telecomunicações, não existiam vias de transporte adequadas interligando o Rio de Janeiro, capital da República, ao Nordeste, a não ser pelo litoral, e o próprio acesso ao Sul do País era extremamente difícil. A ligação com a Região Nordeste por terra era realizada muito precariamente por péssimas estradas

de rodagem que atravessavam os rios com extrema dificuldade, existindo como outra sofrível alternativa o transporte fluvial, ao longo do Rio São Francisco, que atendia um trecho dessa demorada e deficiente conexão.

Por outro lado, tudo que tínhamos era importado. A nossa indústria, praticamente, nada fabricava. Até os nossos garfos e colheres e a marmita do soldado vinham do exterior. Indústria mesmo não havia, como também empregos não eram gerados pelo setor secundário, definindo o quadro econômico e o quadro social da época, marcados pelo atraso, sob todos os aspectos.

Um Brasil dividido

Diante do conflito que se instalara na Europa entre as forças totalitárias nazi-fascistas, encabeçadas por Hitler e Mussolini, e as democracias da Grã-Bretanha e da França, reforçadas, posteriormente, pela dos Estados Unidos, após o ataque do Japão, que se alinhou ao Eixo totalitário e, mais tarde, o totalitarismo soviético, que se aliou às democracias, depois da invasão alemã ao seu território, nesse divórcio entre forças oponentes poderosas, no Brasil, via-se de tudo, com uma altercação permanente entre posições conflitantes.

Dentro do Exército, havia claros simpatizantes do nazi-fascismo nos mais altos escalões hierárquicos, como o próprio Presidente da República, amigo pessoal de Mussolini, a quem muito admirava, mantendo com ele freqüente correspondência através de amigos pessoais. Vargas considerava Mussolini um hábil transformador da Itália, merecedor da maior admiração e entusiasmo.

Por outro lado, havia os fervorosos adeptos das idéias do Mundo Ocidental, americanistas convictos, como, por exemplo, o famoso e atuante Embaixador Oswaldo Aranha, que muito contribuiu para as posições que, mais tarde, o Brasil veio a assumir.

Havia um quadro de contradições. Eram muito controvertidas as posições adotadas, variando, inclusive de um lugar para o outro. No Sul, havia minorias de origem germânica, onde a penetração nazista se dava fortemente, o mesmo acontecendo entre minorias japonesas, localizadas, principalmente, em São Paulo, que tendiam para o apoio aos países do Eixo. Havia de tudo dentro do Estado brasileiro. O quadro, portanto, era de dificuldade para que o País adotasse uma posição clara diante da Segunda Guerra Mundial.

Recordo-me, por exemplo, com muita nitidez, que, ao ingressar no Exército em março de 1939 como Cadete do Realengo, assisti ao início da Segunda Guerra Mundial e via como os cadetes e a oficialidade se dividiam no acompanhamento da guerra.

Havia os entusiastas das “blitzkrieg” alemãs e havia os irredutíveis na defesa da democracia e da liberdade, sendo que estes eram a maioria. Lembro-me perfeitamente de que, em 1940, cito esse fato para bem exemplificar o panorama existente dentro das Forças Armadas, o Corpo de Cadetes foi chamado para assistir a uma apresentação de filmes de origem germânica trazidos pelo Adido Militar da Alemanha no Brasil, que faziam a apologia do seu país em guerras.

Essa reunião foi feita num cinema do Realengo que os cadetes chamavam de Milímetro, como oposição ao famoso Cine Metro de Copacabana. O Milímetro era uma casa de espetáculos bastante razoável, onde os cadetes viam os seus filmes e que, nesse dia, acolheu a representação germânica para apresentar os filmes de guerra da Alemanha, o que ocorreu, como vimos, em 1940.

Era o Adido Militar alemão que, com a anuência do Comandante da Escola Militar, trazia filmes claramente de propaganda do regime nazista para serem exibidos aos cadetes.

Os filmes versavam sobre a guerra da Espanha em 1936, quando os alemães testaram os seus novos armamentos, a sua aviação militar e os seus potentes blindados em diversas operações naquela guerra. Havia filmes sobre a guerra da Espanha e filmes das primeiras invasões alemãs da Polônia, da Checoslováquia, filmes muito bem feitos e que impressionavam sob o ponto de vista militar.

Quando os cadetes, que a princípio assistiam àquilo com grande perplexidade e curiosidade, viram claramente configurado de que se tratava de filmes de propaganda, desencadeou-se ensurdecedora vaia, verdadeira pateada. Cabe registrar, portanto, que o Corpo de Cadetes do Realengo, em 1940, protestou violenta, e até de certa forma indisciplinadamente, contra aqueles que haviam trazido o Adido da Alemanha para exibir filmes de propaganda de guerra.

Foi suspensa a projeção e o Corpo de Cadetes levado ao pátio da Escola, onde recebeu uma reprimenda por sua conduta avessa à disciplina, mas perfeitamente justificável. Com esse registro, fica patente que a grande maioria dos cadetes posicionou-se de maneira irrefragável em favor da liberdade e da democracia.

Era esse o clima que imperava, clima de incompreensões, de divisões em que havia ainda remanescentes do nosso Integralismo, aficcionados do fascismo de Mussolini, Integralismo ao qual se filiara parcela da oficialidade de alto nível, que se mostrava nitidamente germanófila, havendo, por outro lado, tanto na caserna como no meio civil, os que queriam o Brasil ao lado da liberdade e da democracia.

No entanto, o Presidente da República ficava a cavaleiro dessas contradições, aparentemente indeciso, a tal ponto que, em 1940, depois do mês de maio, em que os alemães derrotaram a Bélgica e a França, consolidando o seu poderio por toda a

Europa Ocidental, o Presidente fez a bordo do encouraçado *Minas Gerais*, a 11 de junho de 1940, um discurso extremamente duvidoso, deixando transparecer que estava mais para o lado para o qual parecia inclinar-se o pêndulo, para o lado nazi-fascista, que reunia maior possibilidade de vencer a guerra. Não se sabe bem até onde ele queria chegar, pois, como grande político e homem extremamente observador, é possível que estivesse agindo com o objetivo de auferir vantagens dos possíveis confrontos entre os poderosos. Tudo indica que realmente quis tirar o maior partido possível da guerra e conseguiu fazê-lo.

Ele tinha em vista realizar alguns projetos nacionais, valendo-se dos alemães ou dos americanos, como uma grande usina siderúrgica que favorecesse o prometido surto de industrialização do País, o que acabou por ocorrer, mas o fato é que custou a se definir, sem sombra de dúvida.

O Brasil ao lado das democracias

A mudança só ocorreu nitidamente a partir de Pearl Harbor, quando a Esquadra americana, no Pacífico, foi afundada pelos japoneses em 7 de dezembro de 1941, fato que trouxe, logo em seguida, a declaração de solidariedade da América contra a agressão, assinada em janeiro de 1942, vinda, posteriormente, em agosto do mesmo ano, a declaração de guerra do Brasil à Alemanha e à Itália, no mês em que se verificou a escalada dos torpedeamentos de nossos navios mercantes, iniciados em conseqüência do rompimento da nossa neutralidade levada a efeito, como vimos, em janeiro.

Com os torpedeamentos que se verificaram, de fevereiro a agosto de 1942, o Brasil pagou caríssimo o rompimento de sua neutralidade e a adesão à causa da liberdade e da democracia. Pagou com o afundamento de cerca de 75 mil toneladas de navios mercantes e mais de setecentas vidas perdidas que levaram o Governo a declarar guerra à Alemanha e à Itália em 31 de agosto. Para uma Marinha Mercante que não tinha grande expressão, a perda repentina de 19 navios da melhor categoria foi realmente terrível para o nosso País.

Começou-se, então, a pensar na aproximação com os americanos, valendo-se da figura do Embaixador Oswaldo Aranha, muito bem entrosado com os Estados Unidos e homem intimamente ligado a Vargas, até por ser gaúcho, egresso da Revolução de 1930. Vale lembrar que, até então, o Brasil tivera, dentro do seu território, uma Missão Militar francesa, que, no início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, retornou ao seu país. A mesma ficou aqui de 1920 até 1939, com grande presença em nossas escolas e relevantes serviços prestados ao Exército Brasileiro.

A partir de 1942, o Brasil começa a se aproximar da América e também do Exército americano, que estava em pleno período de renovação, de criação de novos armamentos e equipamentos, reformulando a sua doutrina de guerra e nós passamos a nos aproximar dessa modernização de forma ainda muito incipiente.

Nessa época, as nossas Unidades eram todas hipomóveis, a motorização praticamente inexistia. Essa começou aos poucos, ao mesmo tempo em que amadurecia a idéia de participar da campanha, escolhendo-se o Teatro de Operações da Itália, para que o Brasil pudesse ter uma representação mais expressiva no próprio campo de luta.

Pensou-se, inicialmente, em levar algo da ordem de um Corpo de Exército, em torno de 60 mil homens, formado por três Divisões de Infantaria. A primeira seria a Divisão de Infantaria Expedicionária, a ser formada no Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo que, afinal, levou inclusive pessoal de outras regiões. A segunda, que iria em seguida, seria a Divisão do Nordeste. E a terceira sairia do Rio Grande do Sul.

Criação da Divisão Expedicionária

Como conseqüência das decisões, tratativas e acordos, em agosto de 1943, portanto no ano seguinte ao dos terríveis torpedeamentos e um ano após a declaração de guerra, foi feita a Portaria de Criação da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, assinada em 9 de agosto de 1943, e convidado o então General-de-Divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes para comandá-la.

Era um homem austero, simples e bastante cuidadoso nos seus procedimentos, dotado basicamente de muito bom senso. Um profissional por todos respeitado.

Conta-se um episódio, não sei se verdadeiro, mas de qualquer maneira curioso, ligado ao seriíssimo problema da escolha de quem deveria comandar a Divisão brasileira. Vargas tinha um grande amigo, um general do Sul como ele, Newton Estillac Leal, que depois veio a ser um homem muito à esquerda, a quem ele teria perguntado: “O que é que você acha, Newton, da ida da Força Expedicionária Brasileira para lutar na Itália?” E Newton Estillac Leal, muito inteligente, teria silenciado. Mantinha-se calado e não respondia à pergunta de Vargas, que insistiu: “O que é você acha da ida da nossa Força?” “O que você pensa a esse respeito?” E Estillac Leal lhe disse: “Na verdade, não estou pensando na ida, estou pensando na volta”, o que é, sem dúvida, uma reflexão de profunda sabedoria.

Ao dizer a Vargas que estava pensando na volta, ele, ao mesmo tempo, dizia que pensava, sim, no que ocorreria com o regime totalitário de Vargas depois da volta da Força Expedicionária Brasileira. Pensando também na volta, foi que Vargas,

assessorado pelo Ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra, escolheu a figura ímpar de Mascarenhas de Moraes.

Um homem sem ambições, um homem de valor... Um homem de caráter, apolítico, que não iria se valer da Força Expedicionária para efeitos políticos, o que realmente aconteceu. O Ministro Dutra, ao indicá-lo a Vargas, sabia o que estava fazendo.

Em agosto de 1943, ele foi sondado e aceitou prontamente, como grande soldado que sempre foi. No final do ano, mês de dezembro, uma comitiva de altos chefes militares visitou a frente de luta no Norte da África e no Sul da Itália. Nessa comitiva, estava o General Mascarenhas de Moraes, como também o General Anor Teixeira dos Santos, que seria o Chefe do Estado-Maior da FEB no Interior, e outros oficiais do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, visita que se mostrou muito proveitosa. Um mês após, janeiro de 1944, inicia-se, o comando de Mascarenhas, que iria enfrentar, com grande empenho e acerto, problemas de todas as ordens.

Breve retrospecto pessoal

Fazendo um correlacionamento desse período de guerra com a minha vida pessoal, devo recordar que entrei para a Escola Militar em 1939 e, após realizar o curso regulamentar de quatro anos, saí Aspirante-a-Oficial precisamente em 10 de setembro de 1942, portanto dias após a declaração de guerra do Brasil à Alemanha e à Itália, feita, como vimos, em 31 de agosto de 1942. Comecei, portanto, o meu curso no período da neutralidade brasileira e terminei-o na fase em que o País decidira participar da beligerância, reagindo, como vimos, aos catastróficos afundamentos de seus navios, com perda de preciosas vidas, além da vultosa perda material.

No dia 19 de setembro de 1942, já estava eu a bordo de um navio dentro da Baía de Guanabara, navio que integrava o primeiro comboio naval brasileiro depois dos torpedeamentos e juntamente com muitos companheiros que também iriam se deslocar para o Nordeste, ficando uns em Salvador, alguns em Aracaju, outros mais em Recife. Da Bahia ao Pará, a Turma de 1942 do Realengo iria chegar aos seus destinos, viajando nesse primeiro comboio, cuja escolta oferecia certa segurança aos nossos navios, sujeitos à ação permanente e insidiosa dos submarinos inimigos.

Depois de estar alguns dias no fundo da Baía de Guanabara, dentro do Navio *Almirante Alexandrino*, descobriu-se acidentalmente que este não iria parar em Salvador, que era o meu destino, assim como dos aspirantes Mário O'Reilly e José Luiz Coelho Netto, meus colegas de Turma. O O'Reilly e o Coelho Netto, que viriam a ser grandes generais, ambos de saudosa memória, queridos amigos, que iriam comigo servir em Salvador.

Às vésperas da largada, fomos retirados do *Almirante Alexandrino* e colocados num cargueiro, de nome *Carioca*, que esse, sim, iria aportar em Salvador, levando os três aspirantes e variado material de guerra, principalmente canhões.

Na segunda quinzena de setembro, o comboio partiu com escolta brasileira e americana, mas pouco depois da saída da barra, verificou-se que o comboio ia adiante, enquanto o nosso navio fumegava, fumegava e não conseguia acompanhar.

A escolta se aproximava, transmitia várias mensagens por meio daquelas bandeirolas, daquelas sinalizações óticas, mas o navio não andava e, afinal, foi largado à própria sorte e o comboio seguiu viagem. Depois de oito dias navegando lentamente, o cargueiro chegou a Salvador, creio que três semanas após termos sido declarados aspirantes.

Passamos, daí para frente, a viver o quadro do Nordeste, que se preparava para a guerra através de um adensamento de efetivos e de equipamentos. Por outro lado, observava-se a chegada de unidades aéreas e navais norte-americanas, parte delas destinadas ao salto rumo ao Norte da África, assim como constava, também, a passagem de tropas de várias nacionalidades por Salvador, Recife, Natal e Belém com destino idêntico.

Enquanto assistíamos a tudo aquilo e iniciávamos a nossa vida na tropa nesse clima de preparação para a guerra, observávamos que o quadro dos saudosos 19º Batalhão de Caçadores e 18º Regimento de Infantaria, aquartelados em Salvador, era de total distanciamento da guerra, imperando a rotina castrense de todos os tempos.

A preparação para a guerra ainda no Brasil

Finalmente, em fins de 1943, fomos transferidos os três aspirantes, agora já 2ºs tenentes, para o 11º Regimento de Infantaria em São João Del Rei, onde chegamos em janeiro de 1944, que era um bom aquartelamento de tempo de paz, simples, modesto, limpo e que vinha de um bom comando, quando estava por se transformar num Regimento que iria para a guerra.

Começamos, agora sim, a viver intensamente um clima de preparação para a guerra, mas sem armamento, sem equipamentos especializados, só sabendo que ali estávamos para ir à guerra. O que há de importante nessa fase, e que ficou na memória para sempre, foi a forma como chegavam os contingentes que iriam integrar o 11º Regimento de Infantaria, em São João Del Rei.

Tais contingentes vinham do 12º Regimento de Belo Horizonte e do 10º Regimento de Juiz de Fora e também de reservistas formados pelas duas Unidades. Lembro-me, perfeitamente, da chegada, num determinado dia de janeiro de 1944, pela peque-

na ferrovia, a São João Del Rei, àquela cidadezinha pacata, de um enorme contingente, vindo de Belo Horizonte e de Juiz de Fora, com cerca de dois mil homens que se mostravam revoltados, absolutamente revoltados em ter que ir para a guerra.

Depois de apresentados ao Regimento, eles saíram às ruas, ao fim do dia, inteiramente indisciplinados. Embebedaram-se nos bares de São João Del Rei e praticaram toda a sorte de tropelias, a tal ponto que um Batalhão do Regimento, que já estava formado, teve que deslocar-se para a cidade e, com muita energia, trazê-los todos para o quartel.

Esse quadro não me saía da memória: homens que haviam sido retirados de suas casas, de sua vida normal, alguns casados, outros com filhos, além daqueles com sérios problemas pessoais, agora incorporados ao 11º Regimento de Infantaria, com a finalidade de, com o mesmo, ir combater o alemão, única informação de que dispunham.

É extremamente difícil aquilatar-se a medida exata de como foi penoso ajustar e organizar tudo isso, não só em São João Del Rei, como em tantos outros locais, de modo que se ultimassem os preparativos, a partir de março, da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, que se concentrou, no Rio de Janeiro, com o 2º RI, que se deslocara de seu quartel em Minas Gerais, reunido no acantonamento do Morro do Capistrano, na Vila Militar.

Para se ter uma idéia mais exata das dificuldades, basta reportar-se a um relatório do 2º RI em que constava terem passado pelo quartel do Regimento treze mil homens para que se pudesse chegar aos três mil e tantos combatentes que lutaram na Itália integrando a Unidade. Foi, realmente, um trabalho extremamente penoso, esse da segunda fase, em que se organizou a Força Expedicionária Brasileira, época em que não havia equipamento adequado, não se dispunha de armamento atualizado, estando as Unidades desprovidas de meios imprescindíveis ao quadro que se avizinhava, como uniformes, que eram de baixa categoria, incompatíveis com as exigências de uma Força que ia se bater na guerra.

Por outro lado, criou-se uma Divisão formada por elementos inteiramente heterogêneos, com o Regimento de Caçapava, São Paulo, o Regimento Sampaio, do Rio de Janeiro, e o Regimento de São João Del Rei, de Minas Gerais.

A Artilharia com três grupos do Rio de Janeiro e um de São Paulo, a Engenharia de Aquidauana no Mato Grosso, tudo reunido nessa região ecumênica do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

As Unidades eram heterogêneas, fundamentalmente, porque provinham de grandes unidades ou de grandes comandos que nada tinham a ver com a guerra. Imagine-se o que pode significar, na prática, uma Unidade se preparando, ajustando-se para participar de uma campanha no além-mar, em que óbices se acumulavam,

e o seu comando superior, o Grande-Comando que a enquadrava, estando completamente desvinculado da missão, alheio a tudo o que se passava.

Contraste brutal se observava em relação ao que ocorria, por exemplo, nos Estados Unidos, como tive oportunidade de ver, onde as Grandes Unidades eram formadas como um todo naqueles fortes, *Fort Brag*, *Fort Benning*. Em todos aqueles fortes, a Grande Unidade se reunia, adestrava-se, para, dali, partir para a guerra.

Aqui, nós organizamos uma Divisão por critérios absolutamente políticos, como política era a nossa Ordem de Batalha e continua sendo ao longo de toda a história, com um batalhão em cada capital de Estado e um adensamento de tropa na fronteira Sul e outro na fronteira Oeste, além de um Batalhão de Caçadores, cujo nome vem mudando, em cada região do País. Pois bem, foi dessa Ordem de Batalha, eminentemente política, que emergiu a Força Expedicionária Brasileira.

Nesse ponto, eu gostaria de abordar dois trechos: um de um livro meu – *Trinta Anos Depois da Volta* – que sintetiza bem toda essa parte e que, em 1995, foi reeditado com o nome *Cinqüenta Anos Depois da Volta*, e o outro de um Comandante de Batalhão do Sampaio, também muito expressivo, ambos retratando com fidelidade o que foi esse período.

Em *Trinta Anos Depois da Volta*, destaco que a transposição da FEB, do projeto à realidade, trouxe à tona difíceis problemas. Como preparar, à maneira americana, uma Divisão heterogênea de um Exército até então moldado em doutrina e padrões franceses. Criar órgãos novos para os quais não tínhamos pessoal, nem material adequado.

Proceder à seleção de pessoal, segundo padrões muito acima de nossa realidade, para adaptá-los a condições climáticas de um terreno estranho ao nosso. Dificuldades de reunião, de concentração e de preparação de unidades descentralizadas, de subordinação administrativa e disciplinar a diferentes organizações.

Inexistência de uniforme adequado ao clima e de material bélico em quantidade necessária ao atendimento das necessidades de instrução. Inexistência de reservistas para todas as funções previstas pela nova doutrina e gigantesco fluxo de convocados, em curto prazo, em quantidade muito superior aos efetivos previstos.

Tratava-se, em suma, de preparar uma Divisão para a qual não havia disponibilidade de todas as qualificações funcionais, dada a escala na utilização de material que nunca tínhamos visto, segundo uma doutrina que nos era estranha. Somem-se a isso as resistências passivas que a guerra psicológica adversária ativava; as vaidades, os melindres e as susceptibilidades que se levantavam no calcanhar da FEB e, mais que isso, o sentimento de impotência e inferioridade que entorpecia o brasileiro e a mocidade da época, englobando-se todos esses aspec-

tos, tem-se o quadro em que aquela mocidade foi à guerra contra o nazismo. Palavras minhas naquele pequeno livro.

Agora, palavras de um Comandante de Batalhão do Regimento Sampaio, já falecido, o Major Uzeda: "As comissões médicas encarregadas da seleção de nossos soldados tiveram um trabalho inaudito; realizaram três, quatro e mais exames, diminuindo cada vez mais as exigências, abrandando cada vez mais os índices. Mesmo assim, em cada novo exame médico, lá se ia um contingente de nossos soldados.

Ainda 24 horas antes de nosso embarque, o Batalhão perdeu duzentos homens, vinte e quatro horas antes do embarque, duzentos homens inaptos para a guerra. Por incrível que pareça, tivemos soldados que procuraram adquirir moléstias, dessas que se adquire facilmente nas ruas escusas, para escaparem à seleção ou, em outras palavras, para fugirem da guerra. E lá se iam soldados instruídos e vinham outros para se instruir, exigindo um esforço a mais dos devotados instrutores.

Também, de quando em vez, já estando pronto o Batalhão, organizado, vinham novos pedidos de dispensa. Descobria-se que havia soldados casados que tinham filhos, filhos naturais. E como apareceram filhos "naturais"! Palavras do Major Uzeda, Comandante do 1º Batalhão do Regimento Sampaio.

Isso dá bem a medida de como era o clima. Então, o que se fez a partir de março até julho e depois até setembro, quando se foram os primeiros escalões da FEB para o Teatro de Operações italiano? O que se fez? Preparou-se o que se pôde, organizou-se o que se pôde, adestrou-se física e psicologicamente o pessoal, criou-se um espírito de Regimento, extremamente importante ao notar-se que existiam outros problemas.

Havia o problema da situação de cada Regimento. O Regimento Sampaio era uma Unidade privilegiada em relação às outras. Por quê? Já estava aqui aquartelada e o seu Comandante era um homem de grande prestígio, um oficial de Estado-Maior de grande conceito que veio a ser Chefe da Casa Militar do Presidente Vargas, o Coronel Caiado de Castro, depois promovido a General.

O 6º RI teve dois comandantes, ambos de grande prestígio político – os coronéis Segadas Viana e Nelson de Melo –, coronéis de Estado-Maior, posteriormente promovidos a General.

Enquanto isso, o último na escala hierárquica era o que vinha do interior do Estado de Minas Gerais, quando Minas não era o que é hoje; era um Estado de muito menos projeção do que os outros dois. O 11º RI era comandado por um oficial sem Curso de Estado-Maior, embora fosse uma bela pessoa, um oficial bastante sensato e equilibrado, o Coronel Delmiro Pereira de Andrade, mas contrastava com os grandes nomes dos outros dois comandantes. Então, tudo que chegava era primeiro para o Sampaio, depois para o 6º RI e, por último, para o 11º RI. As coisas aconteciam assim.

Além do mais, o Comandante da Infantaria Divisionária, um grande general, o General Zenóbio da Costa, tinha predileção nítida pelo 1º RI. O Regimento Sampaio era, sem sombra de dúvida, a sua Unidade preferida, o que realmente pesava na balança. Uma outra predileção sua estava no culto à ordem unida, o que não deixava de ser uma escola de preparação da disciplina, da integração e da boa formação dos homens, no momento em que não se tinha o material adequado. Assim, grande parte do tempo dedicamos à instrução de ordem unida, uma vez que estávamos impossibilitados de dar a ênfase devida às instruções de fundamental importância para a guerra, como, por exemplo, a de armamento, munição e tiro.

Por isso e por outros problemas de diversas ordens, os exercícios foram relativamente limitados, exercícios nos moldes antigos, nos padrões já conhecidos, realizados em Gericinó, e naquelas elevações em volta do Morro do Capistrano, na Vila Militar, mas exercícios sem maior envergadura.

A partida do 1º escalão

Assinala-se como curiosidade interessante de constatar que, às vésperas da chegada ao Rio de Janeiro dos navios americanos, encarregados de realizar o transporte da FEB para a Itália, veio à tona um problema relevante, o de se manter o máximo sigilo em relação à operação, por causa da existência de uma quinta-coluna desenfreada de informantes, de toda a natureza, a serviço permanente do inimigo, trazendo, em conseqüência, um grande temor de que um navio daqueles fosse torpedeado.

Então o que se fez nos últimos dias de junho, exatamente nos dias 29 e 30 de junho, quando se soube da chegada ao Porto do Rio de Janeiro do navio *General Mann*, embora não soubéssemos quem e quantos iriam. Desencadeou-se um exercício com três destacamentos: o primeiro, que era o do Regimento Sampaio, iria para Santa Cruz. O destacamento dois, que tinha como principal integrante o 6º Regimento, iria para Nova Iguaçu. E o 11º RI, que compunha o terceiro destacamento, iria para o Recreio dos Bandeirantes.

Assim, na madrugada de 29 para 30, nós nos pusemos na estrada, totalmente equipados como se fôssemos todos para o Teatro de Operações. Nós do 11º RI partimos para o Recreio dos Bandeirantes, como previsto; o Sampaio deslocou-se para Santa Cruz; e o 6º RI, cujo destino era Nova Iguaçu, tomou o trem e foi para o cais do Porto, embarcando no *General Mann*.

Exatamente no dia 2 de julho, partiu o 1º escalão que chegou a Nápoles no dia 16 de julho, composto pelo 6º Regimento de Infantaria, pelo II Grupo de Obuses 105mm (II GO 105) e por outras Organizações Militares (OM) das Armas e Serviços,

valor Companhia ou valor Pelotão ou Seção. Deu-se uma coisa muito curiosa, após o embarque do 6º RI, do II GO 105 e de outras OM divisionárias de menor efetivo, sobrou espaço no navio e, então, na última hora, ainda levaram, do 1º RI e do 11º RI, subunidades para completar o navio.

Embarcou, por exemplo a Companhia de Obuses do 11º RI, em que estava o Coelho Neto e era excelente, a qual foi adotada pelo 6º RI como sendo a sua própria Companhia de Obuses, por influência do General Zenóbio da Costa, que tinha grande confiança na Companhia e, em especial, no seu Comandante, Capitão Ventura. A outra Companhia, que era realmente do 6º RI, foi organizada como um pequeno depósito de pessoal, um núcleo de recompletamento para as operações do 6º RI que vieram a se realizar, em seguida, em território italiano.

Ao se completar o navio, quando da partida do 1º escalão, com subunidades do 11º e do Regimento Sampaio, esses dois regimentos, que seriam as principais Unidades dos 2º e 3º escalões, ficaram desestruturados, necessitando recompletamento.

A ida dos 2º e 3º escalões

Paradoxalmente, desde a partida, a 2 de julho, do 6º RI e dos demais componentes do 1º escalão, até a ida do 11º RI e do 1º RI, em 22 de setembro, portanto nesse período de três meses, julho a setembro, a instrução do 11º RI ganhou um grande impulso, entre outras razões porque recebeu um excelente Oficial de Estado-Maior, o então Major Jurandir Bizzaria Mamede, depois renomado General, o qual era para ter embarcado com o 6º RI, o que não aconteceu, por não ter ficado pronta a sua documentação.

O Major Mamede, grande oficial, tranqüilo e atuante, foi o responsável, à frente da 3ª Seção do Regimento, pela real recuperação da instrução do 11º RI, realizando essa tarefa de uma maneira extraordinária. Veja-se o valor, para uma instituição, de uma pessoa que tem bom senso, tino de educador, capacidade de organização. Reunindo tudo isso, o General Mamede aproveitou esses três meses de forma excepcional, recuperando todo o tempo perdido. O 11º RI, do início de julho até 22 de setembro, lucrou imensamente com o Major Mamede que, como Oficial de Operações do Regimento, nesse período e também na guerra, se houve exemplarmente, como mostraremos mais tarde.

O nosso deslocamento para a Itália, que se deu a partir de 22 de setembro, foi um episódio inesquecível da minha vida. Pensar o que era um transporte de guerra com mais de cinco mil homens em cada navio: o que levava o 1º RI, o *General Mann*, o mesmo que transportara o 6º RI, e o que nos levava, cujo nome era *General Meighs*.

Transporte de guerra extraordinário, muito bem preparado, muito bem organizado, com alojamento para todo mundo e com um rodízio do serviço de rancho permanente em todas as horas.

Havia duas refeições por dia e aquilo funcionava impecavelmente, assim como os exercícios de salvamento, realizados com muita seriedade, além dos serviços de escala a bordo, dos quais participava a maioria dos oficiais. A tropa se conduziu maravilhosamente bem e, a partir do momento em que entrou no navio, ganhou ânimo novo, deixou para trás as amarras, os problemas com sua vida pessoal e começou a pensar na realidade da guerra.

Vendo o comboio, o blecaute do comboio à noite, completamente às escuras e os navios navegando em ziguezague durante 14 dias, passamos por Gibraltar, pelo Mediterrâneo, dentro daquele quadro de guerra, e afinal chegamos ao Porto de Nápoles no dia 6 de outubro de 1944, onde tudo se encontrava destruído, os navios emborcados, afundados pelos bombardeios...

No cais, a multidão de italianos famintos, pedindo comida e uma ponta de cigarro, deixou-nos impressionados. Era um espetáculo medonho, inesquecível, absolutamente inesquecível. A fome leva o homem a pedir e a querer fumar para, de alguma forma, tentar enganar a fome. Pediam, em desespero, rações, se acotovelando por qualquer coisa que se jogava de bordo. Ver a guerra como destruía não apenas o país, como também desestruturava o povo, tornou-se um espetáculo constrangedor.

Enquanto o 6º RI se deslocou de Nápoles por via terrestre, em caminhões, na direção do Norte da Itália, os nossos 2º e 3º Escalões deslocaram-se em embarcações de desembarque anfíbio, 55 LCI (*Landing Craft Infantry*), com uma capacidade de cerca de duzentos homens por unidade, indo até o porto de Livorno, onde navios de maior calado não podiam entrar pelos estragos causados com a guerra.

Essa viagem foi outra odisséia inesquecível, porque, no caminho, pegamos uma tormenta indescritível; 55 embarcações pequenas, uma ao lado da outra, enfrentando ondas enormes que caracterizavam quase que uma tromba d'água que se via à distância. Ninguém conseguiu comer nada. Nesses dois dias de viagem insuportável, a alimentação a bordo era composta das rações de caixinha e de latinhas, se não estou enganado as rações K. Isso teve um efeito muito sério, pois todos se incompatibilizaram definitivamente com aquele tipo de ração, associando-a ao terrível enjôo sofrido durante todo o tempo que passaram naqueles navios, dentro do quadro de verdadeira tempestade.

Eu, por exemplo, naquela embarcação, tive uma sorte imensa, pois, por acaso, acabei ficando junto a um saco de laranjas, o que me propiciou passar a viagem toda chupando laranja, que é o que há de melhor para enjôo; além do mais, não sou

dado a enjoar em viagens marítimas. Assim, fui um dos poucos que resisti. Todo mundo, até a tripulação, achou o deslocamento terrível.

Ao chegarmos a Livorno, passamos a viver uma outra fase, começando por receber algumas peças de uniforme americano, como *combat field*, *combat jaquet*, agasalhos, galochas, além de uma alimentação de primeira ordem, fornecida nos acampamentos e aí a preparação passou a ser bem mais proveitosa do que anteriormente.

Nesse período, a Unidade já se ajustava melhor, já apresentava sinais de maior organização, de mais espírito de Corpo.

Esse material todo que foi entregue aos 1º e 11º Regimentos de Infantaria não o foi quando da chegada do 6º RI, em julho, que combateu por todo o tempo no Vale do Serchio com deficiência inclusive de armamento. O desempenho brilhante do 6º RI levou o americano a apoiar, desde o início, as tropas que chegaram à Itália nos 2º e 3º escalões no mês de outubro, oferecendo essa quantidade de material que não tinha sido possível antes.

Assim, o 6º RI também se defrontou com graves problemas, mas portou-se admiravelmente bem. Ressalte-se que o Regimento de Caçapava, do Vale do Paraíba, Estado de São Paulo, teve mais sorte na hora de entrar em combate, porque, em termos operacionais, ele foi empregado numa fase de tomada de contato. O seu engajamento deu-se gradativamente.

O 6º RI entra em combate

Os americanos haviam perdido o contato com os alemães após uma perseguição e se encontravam numa operação de retomada do contato com o inimigo. O 6º RI entrou nessa fase e foi extremamente feliz, porque agiu com muita precaução, mas com grande audácia ao mesmo tempo. Camaiore, Monte Prano, Fornaci, Galicano, Barga foram operações muito bem conduzidas, com reconhecida competência, no entender do V Exército dos Estados Unidos, o qual ficou vivamente impressionado com tudo o que lhe foi dado ver.

A atuação do 6º Regimento de Infantaria, especialmente, e do 1º Escalão como um todo, foi extremamente favorável à FEB, até que, no dia 30 de outubro, se não me engano, o 6º RI sofreu um terrível contra-ataque em Castelnuovo Di Garfagnana, quando perdemos, inclusive, o nosso primeiro oficial – o 1º Tenente José Maria Pinto Duarte – , que tinha sido meu contemporâneo no Colégio Pedro II, figura humana extraordinária, grande oficial de Infantaria. Ele sofreu o contra-ataque; portou-se bem, mas foi um contra-ataque feito por tropas especiais, planejado e executado com muita perfeição.

Houve uma outra circunstância curiosa, nessa ocasião, 30 de outubro. Os outros dois escalões já estavam na Itália e estagiavam naquela área junto ao 6º RI. Vários oficiais dos outros dois regimentos, inclusive do meu Batalhão, assistiram ao contra-ataque, sendo que alguns voltaram daquela frente de combate – Castelnuovo Di Garfagnana – profundamente preocupados com as cenas do contra-ataque, particularmente terríveis no local onde perdemos o nosso Tenente.

Esse foi, portanto, o primeiro malsucedido da FEB, mas um insucesso em que a Unidade se portou com extrema dignidade e não cedeu terreno à toa. Foi muito firme nos seus propósitos, de maneira que esse episódio, embora malsucedido, não deslustrou a passagem do 6º RI pelo Vale do Rio Serchio.

Rocada para o vale do pequeno Rio Reno

Sem dúvida, em atenção ao que o Regimento fez nessa primeira campanha, fomos premiados, por decisão do IV Corpo do V Exército, passando para o Vale do Reno, e aí entra em cena, inicialmente, o 6º RI, formando com outros elementos não brasileiros, uma força, que se chamou *Task Force 45*, ou seja, Força Tarefa 45.

Com a *Task Force 45*, vem o primeiro insucesso na tentativa de conquista de Monte Castelo e então entra em combate o 11º RI, em situação muito diferente daquela vivida pelo 6º RI, em que, como lembrei, houve toda uma adaptação, onde se viveu o quadro típico da marcha para o combate.

A busca do contato foi uma coisa paulatina, enquanto o 11º RI – o nosso Regimento de São João Del Rei, de Minas Gerais – foi colocado numa situação muito difícil em Monte Castelo, batismo de fogo depois do insucesso anterior de tropas com experiência, como no caso do 6º RI.

Aqui, eu gostaria de caracterizar um quadro um pouco mais amplo. Houve a rocada da FEB para o Vale do Rio Reno e para região cortada pela estrada 64, que ia de Pistóia para Vergato e daí, para Bolonha – a célebre rota 64.

Nesse Teatro, os americanos estavam atuando e tinham chegado até às encostas do Monte Belvedere, do Monte Castelo, do Monte Gorgolesco e de Castelnuovo Di Vergato, mais à direita. Nessa frente, os alemães já estavam encastelados em alturas que dominavam totalmente o Vale do Rio Reno e a estrada 64.

Era um quadro caracterizado por aquilo que o General Mascarenhas de Moraes, em seu relatório, e o então Coronel Castello Branco, Oficial de Operações da FEB, denominaram como quadro de uma defensiva agressiva, mas o Comandante da Divisão pretendia que, quando chegasse o inverno, nós já estivéssemos em cima dessas elevações.

A defensiva era agressiva, a fim de que pudéssemos buscar melhores posições para posterior tomada da ofensiva. Os alemães ocupavam muito boas posições, enquanto nós estávamos nas fraldas dessas elevações, no Vale do pequeno Rio Reno, inteiramente dominados pelas vistas do inimigo e, por isso, cobertos por uma grande nuvem de fumaça, fabricada, que nos protegia durante o dia inteiro da observação dos alemães e, conseqüentemente, dos seus fogos.

Os pequenos efetivos então caracterizavam o quadro, não apenas do 11º RI, mas de toda a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE). A partir daí, nessa defensiva agressiva, a 1ª DIE atua não como uma Divisão acionando os seus regimentos como um todo, mas acionando batalhões isolados. Batalhão de um com o Batalhão de outro. É esse o quadro dos três primeiros ataques ao Monte Castelo.

Pode-se afirmar que foi uma guerra de batalhões; menos do que batalhões, foi uma guerra de subunidades, menos do que subunidades, foi uma guerra de pelotões, uma guerra de pequenos efetivos, de homens cara a cara com o inimigo. Então é esse o quadro do pequeno Rio Reno.

O papel de nossa Divisão no conjunto do Teatro de Operações

Vale dizer que é preciso ver, e nem todo comentarista, sobretudo civil, tem sensibilidade para isso, ver qual o quadro característico do TO da Itália, onde atuou a nossa Divisão. Eu me refiro principalmente a esse conhecido jornalista William Waack que escreveu um perverso livro contra a FEB. Ele resolveu buscar em arquivos alemães, ingleses e americanos referências à FEB. Santa ingenuidade, dentro de uma guerra de milhões de combatentes, quis ver referências sobre o menor grande-comando, que é a Divisão, no caso brasileiro de 25 mil pessoas, ou seja, quis que uma única Divisão deixasse traços que levassem os estrangeiros – alemães, ingleses e americanos – a realizar relatórios ou estudos específicos a respeito da mesma, eles que lidaram com Corpos de Exército, Exércitos e Grupos de Exércitos, enquadrando, no seu conjunto, dezenas e mais dezenas de Divisões.

Como lembrança, uma Divisão é apenas um elemento de um Corpo de Exército no meio de numerosas Divisões que se confrontam de um lado e de outro. Para se dar uma idéia, estiveram em contato só com a nossa 1ª DIE 13 ou 14 Divisões, sendo dez alemãs e três ou quatro italianas.

Vejamos uma síntese do que se passou no Teatro de Operações da Itália. Devemos salientar que, depois daquelas grandes operações do Sul da Itália, com passagem por Roma, Anzio e Salerno, chegou o momento em que se sentiu que a guerra seria, daí em diante, na Normandia.

Procurou-se esvaziar a frente italiana para levar algumas Unidades e Grandes Unidades da Itália para o Sul da França, pois era o momento de se continuar a guerra no continente europeu, mas com o objetivo de buscar a decisão na França, primeiro no Sul da França e depois na Normandia.

Assim, a frente italiana passou a ficar equilibrada em termos de forças em presença. Portanto, é preciso perceber qual era a finalidade das forças aliadas. A finalidade não era ganhar a guerra na Itália e, sim, fixar os efetivos alemães em solo italiano, impedindo que eles saíssem dali para ir lutar em outro lugar. Era, portanto, segurar os alemães agressivamente, segurar lutando para, na hora oportuna, partir para o golpe final, como se deu na Ofensiva da Primavera.

Dentro desse quadro, as frentes eram imensas, frentes de vinte, trinta quilômetros para uma Divisão, o que todos sabem que é uma barbaridade. Então é preciso compreender que, dentro do quadro da campanha italiana, a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária era uma Divisão só, sem rodízio e sem repouso, tendo que lutar permanentemente na frente de combate para manter a presença do Brasil na guerra.

Então quais eram as suas ações para fixar o inimigo? Incluía a cobertura de flanco de outras Unidades ou Grandes Unidades, com a realização de diversas ações ofensivas que levassem à fixação do inimigo. Quem conhece as operações militares sabe que nem sempre o sacrifício maior está no ataque principal. Às vezes, o sacrifício maior está numa ação secundária de fixação do inimigo, particularmente nas amplas frentes do Teatro de Operações italiano, em que você tem que lutar contra efetivos que se apresentam em todas as partes de tais frentes, obrigando-nos a distender nossos meios para o cumprimento da missão, empregando maiores efetivos nas partes selecionadas dessas largas frentes.

Sabemos que a arte da guerra é uma arte injusta. Ataca-se com maior poder de combate onde o inimigo se encontra mais fraco, justamente para obter o êxito e conseguir o rompimento do seu dispositivo defensivo. É com essa compreensão que se deve olhar o quadro da presença da Força Expedicionária Brasileira na Itália para entender como a mesma atuou no Vale do Rio Reno.

Os ataques ao Monte Castelo

Como é que foi isso? No dia 24 de novembro, houve o primeiro ataque a Monte Castelo. Foi o ataque da *Task Force 45*, a que já se aludiu, com um batalhão do 6º RI (III/6º RI), ataque que não foi bem-sucedido, pois não chegou em cima da elevação, que configurava o objetivo. No dia seguinte, 25 de novembro, o mesmo

Batalhão tentou novamente, mas sem sucesso, até porque não contava com o Batalhão americano, que refluíra, deixando o flanco esquerdo da nossa Unidade completamente exposto.

No dia 29, houve um segundo ataque ao Monte Castelo com um Batalhão do 1º RI, o I/1º RI, do Maj Uzeda; um Batalhão do III/6º RI, do Maj Sylvino; e um outro do 11º RI, o III/11º RI, do Maj Cândido, a Este, cobrindo o flanco. O grupamento de ataque ficou sob o comando do General Zenóbio da Costa e os quatro grupos de Artilharia deveriam apoiar esse ataque, que tinha o II/6º RI, como reserva.

Feitos os reconhecimentos para o ataque, o deslocamento dos batalhões para a base de partida, decorreu em condições precárias, em face das chuvas copiosas e dos grandes lamaçais.

Na noite de 28 para 29, enquanto se processava a tomada do dispositivo para o ataque, foi a nossa tropa informada da expulsão dos americanos de Monte Belvedere ficando, em conseqüência, com o seu flanco descoberto.

Os Batalhões do 1º RI e do 11º RI iam ter o seu batismo de fogo, enquanto as tropas do 6º RI estavam fatigadas pela longa campanha que vinham enfrentando, desde o Vale do Rio Serchio. Esse ataque, em larga frente, cerca de 5Km, também foi malsucedido. O Batalhão Uzeda, que era um bom Batalhão, não conseguiu chegar aos seus objetivos, apesar de lutar muito, mas ficou no meio do caminho. Monte Castelo continuou resistindo e, desta vez, causou-nos duzentas baixas.

Logo depois desse segundo ataque fracassado, o meu Batalhão, o I/11º RI, foi aspirado para a frente. No dia 30, fizemos o reconhecimento ao lado do Maj Jacy, que era o Comandante do Batalhão. Oficial modesto, simpático, uma bela figura, mas não possuía o Curso de Estado-Maior. Tratava-se de um homem que, vim saber depois, havia obtido menção regular na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

Antes de irmos ao Regimento, passamos pelo Posto de Comando Avançado da Divisão, onde encontrei o então Coronel Castello Branco, que era o Oficial de Operações da 1ª DIE. Ele se dirigiu a mim afavelmente, porque eu havia sido seu cadete no Realengo; ele fora meu Comandante na Escola Militar... Da Divisão, saímos para o PC do Batalhão, que iríamos substituir – o I/1º RI – passando antes pelo do Regimento, que não conhecia bem a situação, porque a 1ª DIE estava acionando diretamente os batalhões.

Veio, então, o pior. Ao chegarmos ao PC do Batalhão, não sabíamos que o Maj Uzeda, seu Comandante, grande figura, brilhante oficial, meu conterrâneo de Alagoas, era inimigo declarado do Maj Jacy. Na EsAO, fora o Maj Uzeda quem dera a menção regular ao Maj Jacy. Assim, essa forte inimizade vinha de antes. A nossa passagem

pela Unidade foi, conseqüentemente, constrangedora, uma vez que o Major Uzeda se negou a receber o Major Jacy, que acabou sendo atendido por outros oficiais para obter as informações necessárias à realização da substituição. Na verdade, essa troca de informações foi insatisfatória e os acertos também deixaram muito a desejar. Os procedimentos mais usuais, mais normais, de deixar munição nas posições, de trocar equipamentos não foram honrados. Assim, a substituição foi a pior possível, mas não quero, com isso, justificar o que aconteceu ao Batalhão, especialmente à sua 1ª Companhia ao entrar em linha.

O clima do 1º Batalhão do 1º Regimento de Infantaria, que ia ser substituído, era terrível, clima próprio de um batalhão após um ataque fracassado. Foi o segundo ataque a Monte Castelo.

Após o contato com esse Batalhão, voltamos e nos preparamos para cumprir o que ficou estabelecido, ou seja, o nosso Batalhão – o I/11º RI – ultrapassaria aqueles elementos do I/1º RI para provavelmente continuar o ataque no dia seguinte.

A entrada em combate do meu batalhão

Essa ultrapassagem se deu ao longo do dia 2 de dezembro, dia inesquecível, até porque é a data do aniversário do Colégio Pedro II, do qual eu sou aluno dileto. Entrava o nosso Batalhão na frente de combate, após aqueles terríveis reconhecimentos, onde assistimos a um choque de personalidades e de melindres plenamente caracterizado.

Antes do Batalhão avançar, o Major Jacy deveria decidir sobre o dispositivo a ser adotado. Ele tinha a 1ª Companhia comandada pelo Capitão Carlos Cotrim, sobre o qual já vou abrir um espaço; a segunda era do Capitão Silvio Schleder, um grande oficial; e a terceira estava com o Capitão Hésio de Melo e Alvim, que depois veio a ser engenheiro militar; e a Companhia de Petrechos Pesados com o Cap Thório de Souza Lima, ele que foi mais tarde, no posto de Major, Instrutor – Chefe do Curso Básico da AMAN.

O Major Jacy começou cometendo um erro palmar para estabelecer esse dispositivo, com duas companhias na frente e uma em reserva. Ele resolveu sortear, abdicando de sua condição de Comandante na montagem do dispositivo, deixando de observar as características e o valor de cada um de seus capitães. Por azar nosso, no tal sorteio, coube a parte mais viva da frente, que era a região de Casa de Guanella, ao Capitão Cotrim.

À esquerda da 1ª Companhia, em lugar mais acessível, encontrava-se a subunidade do Capitão Schleder e atrás, em reserva, ficava o Capitão Hésio. Note-se

que esses capitães eram todos comissionados, ou seja, eles eram tenentes comissionados capitães.

Por quê? Porque os capitães, na época da FEB, eram homens de trinta e tantos anos, com muito tempo de serviço, portanto já não eram os mais indicados para comandar Companhias na guerra, atividade melhor exercida por gente mais jovem. Abordei esse aspecto numa conferência, mostrando que o Exército teve o bom senso de comissionar primeiros-tenentes no posto de Capitão.

Eram esses, os Capitães. O capitão Cotrim eu conhecia desde São João Del Rei. Era um verdadeiro super-homem, com mais de um metro e noventa, campeão de tudo o que se pode imaginar. Campeão de esgrima, de boxe, de basquete, de vôlei. Era um homem muito forte, fanfarrão, boêmio. Debochava de tudo e ia tirar de letra o que viesse. Ia voltar da guerra herói. Era, pois, uma figura humana extraordinária. No entanto, tinha problemas pessoais. Era separado de sua mulher por culpa sua, por culpa de sua boemia. A mulher não agüentou mais e se separou. Mas ele tinha loucura pela mulher, apesar de boemio inveterado. Conheço bem o problema, porque dormíamos no mesmo alojamento em São João Del Rei e jogávamos vôlei e basquete no time de oficiais do 11º RI.

Por outro lado, a sua fanfarronice era terrível. Lembro-me que, certa vez, ainda no morro do Capistrano, no Rio de Janeiro, onde estávamos acantonados, passei acidentalmente pela 1ª Companhia no momento em que ele falava a seus subordinados a respeito de alguns soldados que haviam pedido dispensa, alegando estarem doentes, coisas que o Major Uzeda relata em seu livro.

O Cotrim estava fazendo uma admoestação extremamente severa, com uma violência brutal, uma insensibilidade humana inacreditável, dizendo: “Não admito covarde na minha Companhia”, tudo porque o pobre do pracinha tinha ido à visita médica, pedira uma dispensa e ele achava que o sujeito queria fugir da guerra, tratando os dispensados impiedosamente, como se houvessem cometido algum crime. Cheguei a lhe falar posteriormente, que aquela reprimenda passara de todos os limites. Tive, assim, um pressentimento, uma agourenta antecipação. Como é que aquele homem podia fazer uma coisa dessas? Ninguém é dono do seu futuro e todo mundo paga pelo que fala e pelo que diz, e não deu outra.

Por outro lado, o Cotrim foi daqueles que estavam perto de Castelnuovo Di Garfagnana, quando do forte contra-ataque nazista sobre o 6º RI e voltou de lá impressionadíssimo, o que me levou a falar com o Major Jacy, como Oficial de Informações do Batalhão, a respeito dele, alertando o nosso Comandante que o Capitão Cotrim voltara da frente do 6º RI parecendo outro homem. É preciso ver, dizia eu, o que se passa com ele. O seu comportamento estranho merece uma

atenção especial. No mínimo, teria que ficar em 2º escalão. Aquele sorteio foi de uma infelicidade brutal.

O pânico de Guanella

Voltemos, então, ao dia 2, data em que entramos na frente de combate e, ao tomarmos posição, o alemão percebeu que havia tropa nova em 1º escalão, não somente o nosso Batalhão, como um outro que ficou mais adiante.

Assim, o inimigo percebeu que o ataque iria ser retomado, tendo, então, resolvido – eu não sei bem o que se passou, mas provavelmente resolveu – fazer uma ação limitada, uma impulsãozinha para amedrontar o pessoal verde que estava estreando, e colher informações.

A verdade é que o inimigo foi extremamente bem-sucedido na frente da 1ª Companhia, porque o Cotrim, depois de passar o dia inteiro reclamando, pelo telefone de campanha, dos efeitos do terreno lamacento na locomoção, das condições físicas e psicológicas de sua tropa, do cansaço dos seus homens, proveniente das dificuldades da noite anterior para chegarem ao local da substituição, entrou pela noite a dentro vendo assombração em tudo, o que é coisa da primeira noite de combate, na qual não se distingue, ainda, o que vai, nem o que vem; não se conhece a natureza dos arrebentamentos, nem a distância em que estão acontecendo.

Só depois de algumas noites, afere-se o ouvido e a vista, não quer dizer que se saiba tudo, mas na primeira não se sabe nada.

Aqueles clarões, aquelas rajadas, aqueles bombardeios, aqueles problemas todos, aliados ao frio, já intenso, e a lama, lama por todo lado, tiveram um efeito desastroso na frente da 1ª Companhia, o que a levou a abandonar sua posição por falta de ação de comando e capacidade de controle do Cotrim, que se julgou cercado pelo inimigo, principalmente depois de ver suas linhas telefônicas e aparelhos de transmissões serem inutilizados pela explosão de granadas, deixando-o sem comunicações com o Batalhão, de onde vinham as forças morais para ele enfrentar e vencer a situação.

Assim, no princípio da madrugada, a 1ª Companhia desprega, abandona a posição, gerando um pânico total. Não se pode imaginar o que seja o pânico em combate, que torna os esforços para contê-los dificílimos, infrutíferos, porque passam todos assustadíssimos, parece o fim do mundo. É gente que joga armamento, equipamento e peças de uniforme fora, olhos esbugalhados, o medo estampado nas faces... É uma coisa difícil de descrever.

O Major Jacy esforçou-se por segurar o pessoal, tentando reter as companhias, que não sabiam para onde se dirigir, porque tinham chegado na véspera, debaixo

da geração de fumaça, desconhecendo as estradas. Houve gente que correu para os lados, acabando por entrar em outras companhias.

Com um grupo, o Major se dirigiu para onde a maioria se foi e eu que, acidentalmente, havia conhecido o local do Posto de Comando (PC) do Regimento – acho que era um dos poucos que sabia dessa localização – saí nessa direção que não era para onde o pessoal estava indo.

Reuni, então, os poucos homens de minha equipe – um sargento, um cabo e alguns soldados –, pois o Oficial de Informações tem esse pessoal capaz de montar um observatório, e me dirigi terreno afora para o PC do 11º RI em plena madrugada. Essa é a primeira vez que conto esse episódio de minha vida, isto é, minha primeira noite de combate.

O Major Mamede

Ao chegar ao Regimento, encontrei vários oficiais reunidos numa sala e procurei pelo Major Mamede, S3 do Regimento. Ele saiu e veio ao meu encontro. Eu estava evidentemente cansado, assustado, pois meu Batalhão, na sua primeira noite de combate, tinha entrado em pânico. Não estava, evidentemente, tranqüilo como estou hoje, ao contrário, encontrava-me assustado quando narrei tudo que havia acontecido ao Major Mamede. Ele já sabia, mas não através do testemunho pessoal, ao vivo, no caso do Oficial de Informações do Batalhão que ainda guardava integralmente na memória a fisionomia da frente que presenciara.

O Major Mamede já estava ultimando a organização de uma segunda linha com um Pelotão do Regimento e com alguns elementos da Administração, todos já ali preparados. Então, ele me conduziu com esses homens, deu-me uma nova frente, colocou-me em posição e passou a noite toda comandando esse processo, que assegurou a integridade da posição, embora nada tivesse acontecido nessa nova linha, porque o alemão não foi para lá, pois não estava interessado em avançar sobre nosso setor, não desejava nada disso. O que o inimigo queria já o fizera, ou seja, amedrontar a tropa novata e obter informações, como falamos.

A verdade é que o Major Mamede assegurou a integridade da frente, apesar de esse novo dispositivo não ter sido sequer testado.

No Morro do Capistrano, Rio de Janeiro, comecei a admirar o Major Mamede por tudo o que fez em prol do nosso Regimento, que mudou muito e para melhor com a sua providencial chegada. Todavia, naquela noite passei a admirá-lo ainda mais, pela sua capacidade de decisão, atuando, oportuna e acertadamente, no momento da confusão e do perigo.

Pude tirar uma conclusão importantíssima sobre o meu conceito de valor militar e de coragem, que explico a seguir. Fui subordinado do General Mamede, quando Comandante da Escola de Comando e Estado-Maior, época em que ele era estigmatizado por ser indeciso, por ser parado, por ser uma geladeira pessoal, na medida em que deixava os casos sem solução porque não decidia. Eu não conseguia entender como é que aquele homem que eu tinha visto, naquela noite, acender e agir de uma maneira extraordinária, chegava em tempo de paz e se tornava indeciso a ponto de ser, talvez injustamente, assim considerado pelos outros.

A minha conclusão é muito simples e eu a consolidei através de observações de outras pessoas. Penso que a coragem é a capacidade de ver claro diante do perigo. Diante do perigo físico há pessoas cuja inteligência se apequena, inviabiliza-se, congela. Há outras pessoas que, diante do perigo físico, acendem, as suas rotações se aceleram e elas vêem melhor do que as outras. Elas têm mais serenidade para aquilatar as reais proporções do perigo.

Daí, a minha modesta contribuição em dizer que a coragem é a capacidade de ver claro diante do perigo e que o General Mamede, que eu pude observar como Major na guerra, na noite do pânico, foi um homem extremamente corajoso – aliás ele já vinha da Revolução de 1930 – como homem corajoso. Naquela noite, ele via e agia muito melhor do que todos nós, muito melhor mesmo, e, no entanto, na paz, como Comandante da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, no mínimo, ficava no mesmo nível, ficava apenas no nosso nível, não acendia, como naquela noite no campo de batalha italiano. Na ECEME, faltava o perigo, que o levava a atuar de imediato e a todo tempo.

O Batalhão foi acolhido, saiu da frente, que passou a ser ocupado por um Batalhão do 6º RI. Adiou-se o ataque. Recordando, o primeiro ataque foi em 24 e 25, o segundo, no dia 29 e não se retomou o ataque por decisão, extremamente apropriada, do General Mascarenhas de Moraes, Comandante da Divisão.

Retirou do Regimento o Capitão Cotrim e submeteu-o a Conselho de Guerra. Tirou, também, o Capitão Schleder, Comandante da 2ª Companhia, submetendo-o ao referido Conselho. O primeiro foi condenado e perdeu a patente; o segundo foi absolvido e voltou. Reintegrou-se ao Exército de Paz.

Como não havia núcleo de recompletamento, o General Mascarenhas tomou uma decisão extremamente corajosa. Pegou o Ajudante-de-Ordens do General Zenóbio – Cap Bueno – e mandou comandar a 1ª Companhia, a do Cotrim; e ao seu Ajudante-de-Ordens, o Capitão Meira Mattos, entregou a 2ª Companhia, determinando, ainda, que o Batalhão atuasse, em 1º escalão, no próximo ataque ao Monte Castelo, que seria no dia 12 de dezembro, devendo, portanto, ficar em 2º escalão preparando-se para esse ataque.

Os capitães Meira Mattos e Bueno

Posteriormente, assisti à chegada dos capitães Bueno e Meira Mattos. O Batalhão entrou em posição para atacar, no dia 12, as alturas em frente a Bombiana e Abetaia.

A Companhia do Meira Mattos atacaria à direita as alturas em frente à Bombiana e a do Bueno atacaria a localidade de Abetaia, que era no Vale do Monte Castelo, e à esquerda outros Batalhões dos demais Regimentos atacariam no mesmo dia.

O Meira Mattos, Capitão Ajudante-de-Ordens do Comandante da DIE, chega a um Regimento, onde um de seus Batalhões sofreu a sua noite de pânico no dia do batismo de fogo, com a missão de substituir um outro Capitão para atacar com essa Companhia, cujos oficiais ele não conhece. Nunca soube de missão mais difícil em toda a minha vida.

Ao chegar, o Meira Mattos procurou informar-se comigo quem era quem, como era a Companhia do Schleder. Mostrei-lhe a ele que o Schleder era um grande oficial, mas tinha um defeito grave – era fascinado pelo Cotrim e que acabou impregnado por aquele clima de pânico.

O que se sabe é que a 1ª Companhia acabou arrastando a 2ª, que era considerada uma ótima Subunidade, muito bem instruída e que se destacava no âmbito do Batalhão, até que se envolveu naquela lamentável ocorrência.

Quando assumiu o comando da Companhia, fez uma reunião com os que podiam sair da frente de combate e disse que estava ali com a missão maior do que a missão de combate, que ali estava para recuperar o prestígio do Capitão Schleder.

Estava ali para provar que a Companhia era excelente e que o seu Comandante também. E nessa mesma circunstância, eles, subordinados do Schleder, deveriam receber a ele, Meira Mattos. Poucas vezes vi alguém dizer tão bem o que precisava ser dito.

Foi extremamente feliz. A Companhia ficou empolgada; ali se encontrava para dar o melhor de si, a fim de bem cumprir a sua missão, chegar ao seu objetivo e provar que a Companhia era boa e o Capitão também.

O bom nome do 11º RI e do Capitão Schleder, de sua figura, querida pelos subordinados, estavam à prova. E não deu outra coisa. No dia 12, o ataque partiu. Foi outro ataque que não deu certo por várias razões, mas a Companhia do Meira Mattos cumpriu integralmente a missão, chegou ao objetivo. Os soldados dos capitães Schleder e Meira Mattos conquistaram o objetivo, enquanto que a Companhia do Bueno se despedaçava em Abetaia, mas valentemente. Ali seu Comandante ficou mortalmente ferido. Não morreu porque o seu Ordenança, o seu obstinado Ordenança foi buscá-lo, conseguindo achá-lo moribundo e o trouxe, depois de uma noite inteira de persistente e incansável procura.

O cumprimento da missão pelo Meira Mattos, com base no exitoso desempenho da 2ª Companhia, contribuiu imensamente para que o Schleder fosse absolvido e eu vi, naquela oportunidade, que o Capitão Carlos de Meira Mattos seria capaz de cumprir qualquer missão, na guerra ou na paz, e foi o que ele sempre fez até hoje. Ele sempre levou a muito bom termo as missões que lhe foram atribuídas, por mais difíceis que fossem. As missões que ele recebeu ao longo do Movimento de 1964 foram tão difíceis quanto as da guerra e ele as cumpriu exemplarmente, inclusive se sacrificou para isso.

Nesse ataque de 12 de dezembro do Batalhão, há um episódio inesquecível, acontecido na madrugada de 13. Queremos mostrar o que é preciso fazer, depois de um ataque fracassado, para recuperar, buscar os feridos e os mortos. Como é que se reconstitui a frente. Um episódio impressionante marcou essa busca tão difícil e perigosa.

O sargento Wolf e o soldado Sérgio

Comecei a viver dentro do meu próprio Batalhão a mesma situação que tinha acompanhado no Batalhão Uzeda do 1º RI. Assim, naquela madrugada de 13 de dezembro, presenciei um episódio extraordinário. Tínhamos, em nosso Batalhão, um sargento que, para mim, foi o maior combatente que conheci em minha vida. Trata-se do sargento Max Wolf Filho, que eu conheci de perto e que vi, inclusive, morrer posteriormente.

Esse homem, na ocasião, pertencia à Companhia de Comando e era como um elemento de reserva a ser empregado em missões difíceis, especialmente nas patrulhas mais perigosas. Depois lhe foi entregue um Pelotão de combatentes de escol, para que ele executasse as grandes ações do Batalhão. Na noite de 12 para 13, ele ainda integrava a Companhia de Comando do Batalhão e o General Zenóbio estava aflitíssimo, porque não sabia do seu Ajudante-de-Ordens, Cap Bueno, designado Comandante da 1ª Companhia, após o pânico. Sabia-se que ele tinha caído em Abetaia, mortalmente ferido durante o ataque.

As últimas pessoas que o viram, informaram que estava praticamente morto, quando o ordenança perdeu o contato com ele, não sabendo precisar exatamente onde o Capitão se encontrava. O Zenóbio, que o liberara para a missão, era um homem sentimental, sensível, com um terrível complexo de culpa porque o seu Ajudante-de-Ordens estava ali, na frente, ferido mortalmente.

Então, o General Zenóbio mandou um oficial de seu Estado-Maior, um oficial extraordinário, que depois veio a ser General – Alcyr D'Ávila Melo –, para saber quem

poderia sair ao encontro do Capitão Bueno. Estávamos, no momento, no Posto de Comando (PC) do Batalhão (I/11º RI) em Bombiana, depois do ataque fracassado do dia 12 de dezembro.

Diante do emissário do General Zenóbio, que exigia o resgate do corpo do Capitão Bueno, o Major Comandante do Batalhão, com toda sinceridade e sem diminuição para qualquer um de nós que ali estávamos, dirigiu-se a esse representante, Tenente-Coronel D'Ávila Melo, e lhe disse: "Coronel, neste Batalhão só há um homem capaz de cumprir essa missão. Esse homem é o sargento Wolf. Vou mandar chamá-lo para buscar o corpo do Capitão Bueno." Eu, pessoalmente, concordei integralmente com o que disse o Major, pois conhecia o Wolf, que era realmente um combatente extraordinário, um soldado acima de tudo.

Demorou-se. Não se encontrava o Wolf e inquietava-se o representante do General Zenóbio. Afinal, chegaram o Wolf e dois padioleiros. Exaustos, inteiramente fatigados, sujos de lama até nos olhos, rasgados e o Major Jacy transmitiu a ordem ao Sargento Wolf, que lhe disse: "Eu e esses dois padioleiros, desde que a noite caiu, estamos indo e vindo das primeiras linhas trazendo os feridos que encontramos ao longo do caminho e já trouxemos algumas dezenas".

Até que o dia amanheça, vamos continuar fazendo isso. Se ao longo de uma dessas viagens encontrarmos o Cap Bueno, nós o traremos para o Senhor. Todos ouviram silenciosamente e acataram com o maior respeito, porque ali falava uma pessoa que sabia o que estava fazendo. Não era nenhuma jactância, era um homem capaz de fazer aquilo que estava dizendo.

Quase ao clarear o dia, voltou o sargento Wolf, acompanhado dos padioleiros, dizendo que tinham trazido vários feridos, mas que não haviam conseguido localizar o corpo do Capitão Bueno, fato abordado pelo Cap Adhemar Rivermar de Almeida, Oficial de Operações do Batalhão, em seu livro.

Não demorou mais meia hora e chegou o Ordenança do Capitão Bueno – soldado Sérgio – um negro retinto, extremamente simpático, iluminando a madrugada com a sua fidelidade, com a sua lealdade. Chegou dizendo que tinha encontrado e transportado o Capitão Bueno para o Posto de Saúde do Batalhão. Disse, ainda, que não tinha dormido, porque voltou para Abetaia e que, depois de procurar horas a fio, afinal encontrou o seu Capitão e o trouxe de volta.

Estava cumprida pelo soldado Sérgio a missão humanitária que fora dada ao Batalhão pelo Gen Zenóbio, com uma circunstância extremamente favorável – o Capitão Bueno não estava morto e sim gravemente ferido. Passou, primeiro, por hospitais da Itália, depois foi mandado para os Estados Unidos. Chegou a viver por alguns anos com grandes seqüelas de guerra, com ferimentos em várias partes do corpo.

O Capitão Bueno nos deixou um extraordinário exemplo de cumprimento do dever no ataque do dia 12, que encerrou as tentativas de conquista de Monte Castelo na fase da defensiva agressiva, pois veio o inverno, que durou toda a segunda quinzena de dezembro até o fim da primeira quinzena de fevereiro. O rigoroso inverno europeu foi, na verdade, o grande momento da instrução, da preparação de todos os batalhões da FEB para a guerra.

As lições que o inverno ensinou

O inverno ensinou ao soldado brasileiro a combater. As patrulhas, extremamente difíceis desse período, tiveram um valor extraordinário para o completo aprendizado do nosso combatente com relação à arte da guerra, inclusive para o nosso Batalhão que, depois da noite do pânico, ficou conhecido como Batalhão Laurindo. Por que Laurindo? Porque havia, naquela ocasião, um samba que dizia que o Laurindo desceu o morro chorando, então nosso Batalhão teria descido o morro chorando, ficando estigmatizado em toda a Força Expedicionária como o Batalhão Laurindo, aquele que desceu o morro chorando. Está no livro *Montese*, do Adhemar Rivermar de Almeida, que pertencia, como disse, ao Estado-Maior da Unidade.

Assim, todos os nossos Batalhões muito aprenderam nas patrulhas, realizadas nas noites frias do inverno, que impediam as operações, paralisavam as operações dos escalões Batalhão e Companhia, possibilitando, no entanto, o emprego de grupos-de-combate e até pelotões, que aprenderam, com as dificuldades das noites gélidas do inverno, a guerra como realmente era.

Por uma circunstância extremamente feliz, fez-se a convocação de uma nova Divisão, a 10ª Divisão de Montanha – que havia sido preparada durante dois anos nos Montes Rochosos da América do Norte para ganhar a guerra dos Apeninos na Itália. Uma Divisão de super-homens e de equipamentos altamente especializados de guerra na montanha. O Comando do IV Corpo-de-Exército decidiu que a mesma fosse empregada no combate ao lado da nossa 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária.

Por diversos dias, o pessoal dos batalhões da 10ª Divisão de Montanha americana entrava em linha, ao lado dos pelotões brasileiros para realizar patrulha com a nossa tropa. Então, os americanos saíam em patrulhas com os brasileiros – oficiais, sargentos, cabos e soldados – iam e voltavam, viam e aprendiam os macetes que os brasileiros já conheciam de como fazer patrulha, de como se ocultar, de como avançar, de como progredir, daí porque essa Divisão de Montanha ficou amicíssima da Divisão Brasileira. A 10ª de Montanha, como era conhecida, aprendeu a combater junto à 1ª DIE e o seu batismo de fogo foi ao lado de nossa Divisão.

Assim, a nossa real preparação foi durante o inverno e também a partir da entrada em combate da Divisão de Montanha, que já possuía um nível de preparação muito superior ao nosso, mas lhe faltava a experiência da realidade da frente de combate.

A retomada das ações ofensivas

Aquilo tudo que aprendemos muito nos serviu no dia 21 de fevereiro, no quarto e definitivo ataque desencadeado sobre o Monte Castelo, sendo que a ação inicial a cargo da 10º Divisão de Montanha deu-se ao longo das cristas de Belvedere, Gorgolesco, Mazzancana e de Capela de Ronchidos. O ataque da nossa Divisão deveria ser iniciado após a conquista de Mazzancana, o que ocorreu como previsto, para conquistar Monte Castelo e depois La Serra, atuando no flanco direito da 10ª Divisão americana, com o Regimento Sampaio, como um todo, com um batalhão do 6º e outro do 11º.

O ataque da 1ª DIE foi muito bem-sucedido, contando com o apoio aéreo e de carros de combate. Após a consagradora vitória do dia 21 de fevereiro, os combates continuaram até 26 de fevereiro, dia em que se conquistou La Serra, consolidando o êxito alcançado em Monte Castelo.

Em seguida, a FEB realizou operações mais à direita do seu dispositivo na direção de Vergato, primeiro sobre Monte Soprassasso e depois, sobre Castelnuovo Di Vergato. Essa operação foi feita pelo 6º RI e pelo I do 11º RI, nosso Batalhão, que nessa ocasião já não tinha como Comandante o Major Jacy, e sim o Major Carvalho Lisboa, que viera do III Batalhão do nosso Regimento.

Posteriormente, a frente avançou e o dispositivo foi reajustado e nós nos debruçamos sobre o Vale do Panaro, depois do Rio Reno, tendo à nossa direita o bastião de Montese.

Houve aí uma pequena fase defensiva, um período de intenso patrulhamento. Era uma fase preparatória para o desencadeamento da Ofensiva da Primavera.

Note-se, voltando um pouquinho atrás, que essas operações bem-sucedidas sobre Monte Castelo, que caiu com o ataque de 21 de fevereiro, Belvedere, Mazzancana, Capela de Ronchidos, Morro De La Toracia, La Serra, Soprassasso e Castelnuovo Di Vergato, que levaram à ocupação dessa cadeia de elevações, chamada de Montes Apeninos, caracterizaram a execução plena do Plano Encore.

A patrulha do sargento Wolf na véspera de Montese

Agora, tratava-se de achar condições para a Ofensiva da Primavera, com as tropas aliadas debruçadas sobre o Vale do Panaro e em frente do baluarte represen-

tado por Montese, que se apresentava à nossa frente. Tem-se a impressão de que se temia que os alemães estivessem esvaziando a frente, refazendo-a mais à retaguarda, de modo que a ofensiva caísse no vazio. Ledo engano.

Os alemães mantinham uma disciplina de fogo extraordinária, passando dias e dias sem dar um tiro de artilharia ou de morteiro. Lembro-me de uma ação nossa durante uma determinada tarde, em que fomos a um observatório do nosso Batalhão, ocasião em que lá apareceu o jornalista Joel Silveira, correspondente de guerra, e que conosco ficou naquele Posto de Observação, onde já havia muita gente, e eu receava que aquela imprudência viesse a ser punida pelo inimigo, mas não se ouviu um tiro de canhão ou de qualquer outra arma. Nada, o silêncio era total. Eles esperavam a hora prevista, evitando que com os tiros das armas fossem reveladas as suas posições. Eram exímios profissionais, daí a impressão de que a frente estava se esvaziando.

Esse quadro de aparente ausência do inimigo levou o Comando a determinar o emprego de patrulhas em fortes golpes-de-mão, nas vésperas do dia 14, data em que se daria o ataque a Montese. Num desses dias, exatamente em 13 de abril, foi feita uma patrulha, na nossa frente que se dirigiu para o ponto cotado 747, ação que foi comandada pelo próprio sargento Wolf, que já estava recomendado para ser promovido a 2º Tenente e, nessas condições, saiu à frente daquele Pelotão para atingir o objetivo previsto.

Fomos assistir à ação do observatório a que já nos referimos e verificamos quando ele se aproximou de uma casa, em cima do ponto cotado 747, rompeu a cerca, à frente do seu Pelotão, e recebeu rajadas de metralhadoras, que saíam de todas as partes da plantação em volta da casa. Wolf tombou alvejado pelos tiros incessantes daquelas armas, que se mantiveram silenciosas até o momento certo.

Aí, vivemos um cenário espantoso, o Pelotão endoideceu, não mais querendo saber do ponto cotado e, sim, de trazer o valente sargento Wolf, com gente rastejando de todo lado, para arrastá-lo, pegá-lo pelas pernas e trazê-lo e, nesse momento, fechou o tempo: era artilharia, era morteiro, eram metralhadoras, era tudo. Depois eu vou voltar a esse ponto.

A ofensiva da Primavera

No dia seguinte, começou o ataque, ou seja, o primeiro dia da Ofensiva da Primavera, cabendo ao nosso Batalhão a frente mais à esquerda do dispositivo da FEB, que combatia cobrindo o flanco esquerdo da 10ª Divisão de Montanha, encarregada do ataque principal, tendo à direita e à sua retaguarda a 34ª Divisão Blindada, que, aberta a brecha, romperia para o Norte, na direção do Vale do Pó.

Nesse primeiro dia de combate, praticamente a única Unidade que chegou ao objetivo foi o nosso Batalhão. Sim, o nosso Batalhão, com o Tenente Iporã, que entrou em Montese, conquistou Montese e, logo em seguida, o Batalhão da direita, o 3º Batalhão do nosso Regimento, que também chegou aos primeiros objetivos. Houve dificuldades imensas nos dois dias subseqüentes, com episódios heróicos da 7ª Companhia, comandada pelo Capitão Memória, que era uma figura extraordinária, e com o Capitão João Faria. Com as 8ª e 9ª Companhias, retomou-se o ataque no dia 15, penosamente, para conquistar as alturas mais à frente e mais à direita, enquanto que a Divisão de Montanha não tinha conseguido grandes coisas.

Todo o dispositivo na frente da 1ª DIE pagou um preço elevadíssimo pela conquista desse objetivo, porque o alemão temia que por ali rompesse a Divisão Blindada. Então desencadeou sobre aquela frente a maior concentração de fogos de artilharia daqueles últimos anos, como consta dos relatórios do V Exército.

Houve muitas perdas nas ações para a conquista de Montese que foi, sem dúvida, a vitória mais dramática, mais sangrenta e a de maior repercussão para o futuro. Por quê?

Aproveitamento do êxito e perseguição

Porque com a conquista de Montese, a 1ª DIE pôde receber a missão de aproveitar o êxito na direção de Zocca, no Vale do Panaro, oportunidade em que se procurou envolver todas aquelas forças que tinham enfrentado o 6º RI na primeira fase da história da FEB, no Vale do Rio Serchio, quer dizer, no lado esquerdo de todo o dispositivo aliado na Itália.

Nos dias subseqüentes à conquista de Montese, a 10ª Divisão de Montanha acabou por romper, também, a frente e no seu calcanhar partiu a 34ª Divisão Blindada – a Divisão da cabeça-de-boi, que era o seu símbolo, o seu logotipo – partiu e rompeu para o Vale do Pó.

Para que a Infantaria da 1ª DIE pudesse envolver o inimigo que retraía, tomou-se uma decisão importantíssima, da maior oportunidade e do maior realismo. A Divisão resolveu abdicar de quase toda a sua Artilharia, empregando os seus caminhões para transportar a Infantaria, que necessitava de velocidade, precisava ganhar tempo para impedir a retirada das tropas alemãs.

Soltou na frente, o seu Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado, com um louco maravilhoso chamado Plínio Pitaluga, um homem de trinta e tantos anos, mas de uma bravura e de uma lucidez extraordinária, com aquela coragem, com aquela capacidade de ver claro diante do perigo até hoje. Esse homem rompeu e foi bater

contra as retaguardas do inimigo que tentavam ultrapassar o Rio Pó para se dirigirem ao Passo de Brenner e entrarem pela Áustria, livrando-se da perseguição.

Então, o Pitaluga foi com seu Esquadrão e os encontrou em Collecchio e em Fornovo di Taro. Deu-lhes um ultimato, de uma insensata coragem, mas de um grande realismo diante das circunstâncias e, em seguida, foi chegando o 6º Regimento de Infantaria nos caminhões da Artilharia para fechar os pontos de passagem da famosa 148ª Divisão de Infantaria alemã, da Divisão Bersaglieri italiana e de remanescentes da 90ª Divisão Panzer. Assim, conseguimos, culminando todo esse trabalho extraordinário, essa presa espetacular, de mais de 14 mil prisioneiros somente nessa rendição, num total de vinte mil quinhentos e tantos prisioneiros feitos pela FEB durante a Campanha da Itália.

Enquanto o 6º RI se voltava para sudoeste e para a esquerda do dispositivo, bloqueando a passagem das forças inimigas que tentavam se retirar, o nosso Regimento era mandado na direção de Turim, com o I Batalhão na vanguarda, passando por Alessandria, a Nordeste da Itália, até chegarmos a Turim.

O nosso Batalhão foi, portanto, a primeira tropa regular a alcançar Turim. Havia muita gente pendurada nos postes pelos partisans[1], que sacrificaram todos os italianos colaboracionistas por eles presos. As ruas estavam cheias de cadáveres, quando entramos em Turim. Enquanto isso, o 1º Regimento de Infantaria foi na direção do Rio Pó e fez uma cabeça de ponte em Piacenza, passando para outro lado do rio na região do Município de Cremona, chegando até a Cidade de Lodi.

O fim da guerra

Então, como a guerra terminou? Terminou com o 6º RI ainda arrebanhando os prisioneiros na rendição das tropas inimigas em Fornovo. O 1º RI em Piacenza, na cabeça de ponte sobre o Vale do Rio Pó e um pouco mais a nordeste. Finalmente, o 11º RI, de Turim para mais a oeste, com a 1ª Companhia, a que fora do Cotrim e do valente Bueno, na cidade de Suza, fronteira com a França, na ponta mais avançada do dispositivo brasileiro no fim de guerra na Itália, onde se deu a nossa ligação com o VII Exército francês.

Assim, terminamos a guerra, com o nosso Batalhão em Turim e uma Companhia em Suza. E o "Laurindo" apregoava que havia conseguido subir o morro, sendo, na verdade, o primeiro a entrar em Montese com o Tenente Iporã à frente de um Pelotão da 1ª Companhia, como vimos.

---

[1] Partisan: Combatente voluntário que não pertence a um exército regular e que luta por um ideal nacional, político, religioso etc. Pl. partisans (pal.fr.) – Pequeno Dicionário Koogan Larousse.

Essa é a visualização das operações. Como síntese da campanha, não há heroísmo, há realismo, há a capacidade do homem se adaptar e ter senso de responsabilidade e saber cumprir o seu dever. E nosso homem soube fazê-lo.

Há, portanto, o admirável homem brasileiro, este sim merecedor de todos os elogios. Homem com uma enorme capacidade de adaptação, com senso de realidade muito grande. Dando-lhe as condições mínimas para que possa fazer as coisas, desde que ele tenha essas condições, ele é capaz de tudo.

A participação da Força Expedicionária Brasileira na Itália foi altamente louvável e muito bem-sucedida, quaisquer que sejam as apreciações dos Willians Waacks da vida, sem nenhuma qualificação para julgar a FEB...

É preciso não pensar que a FEB foi ganhar a guerra na Itália; não foi ganhar guerra alguma, foi cumprir o seu dever e cumpriu-o bem, com a maior dignidade, com a maior correção, vivendo de sucesso e momentos de grande felicidade, podendo-se dizer que a sorte também nos acompanhou.

O saldo foi extremamente positivo, pois uma Divisão, com 25 mil homens, fez mais de vinte mil prisioneiros. Vale lembrar que na realidade não eram 25 mil combatentes, eram 15 mil, porque dez mil estavam em atividades administrativas na retaguarda. Assim, quinze mil fizeram mais de 20.500 prisioneiros.

E com uma perda de quatrocentos e cinqüenta combatentes mortos, menos de 2% do seu efetivo na Itália e menos da metade dos que morreram nas costas brasileiras, vítimas do torpedeamento de nossos navios por submarinos inimigos. É um saldo altamente positivo para uma Divisão em, aproximadamente, um ano de guerra.

Respondendo a perguntas específicas

Devo complementar agora a minha narrativa, abordando os aspectos relacionados com as perguntas que me foram feitas, começando pelo inverno rigoroso que suportamos na Itália. O "General Inverno" foi extremamente benéfico para nós, porque foi a nossa escola, a grande escola de combate de todos nós. Há quem diga que para os povos tropicais o primeiro inverno rigoroso é favorável e que o segundo não o seria. Então, tecnicamente o emprego da tropa foi feito dentro dessa idéia. Isso é uma questão de organismo, de saúde, de higiene, portanto não tenho condições de opinar.

No entanto, posso dizer que o soldado brasileiro, com a sua capacidade e criatividade, chegou a mecanismos de sobrevivência admiráveis que foram imitados, inclusive pelos americanos. A verdade é que chegamos à Itália, onde era alto o nível

de pé-de-trincheira, levando os combatentes norte-americanos a amputar pernas, porque os seus pés congelavam como conseqüência daquele inverno rigoroso. E o brasileiro o que fazia? O brasileiro deixava de lado o coturno e enchia a galocha de palha e de papel de jornal. Ficava mexendo com os dedos e não houve casos de pé-de-trincheira em número expressivo.

Vieram pessoas à frente brasileira para ver por que os índices brasileiros de pé-de-trincheira eram desprezíveis, constatando que o fato se devia à criatividade do soldado brasileiro.

No que concerne ao desempenho dos oficiais e graduados posso dizer que, de uma maneira geral, foi muito bom, embora tenha acontecido um ou outro problema de relacionamento nos altos escalões da FEB. Sabemos, por exemplo, de inimizades dentro do próprio Estado-Maior da 1ª DIE. O Chefe da 3ª Seção, Tenente-Coronel Castello Branco, futuro Presidente da República, e o Chefe da 2ª Seção, Coronel Amauri Kruel, eram inimigos pessoais, o que criou problemas enormes.

Da mesma forma, o Chefe do Estado-Maior, Cel Floriano de Lima Brainer, mais tarde General, escreveu um livro precioso sobre a Força Expedicionária, mas era um livro denominado *A Verdade Sobre a FEB*, de ataques brutais ao Tenente-Coronel Castello Branco. É um livro muito bom, porque o seu autor era o Chefe do Estado-Maior, mas ele conta todas as intrigas, "tricas e futricas" do Estado-Maior da FEB e revela as suas mágoas. Observa-se claramente como o General Mascarenhas de Moraes administrava tudo aquilo muito bem, cuidadosamente, com profundo bom senso. Conseguiu, apesar desses problemas, levar tudo a bom termo, superando as divergências em prol do bem comum. Eu mesmo contei o episódio ocorrido com os dois majores – o Comandante do meu Batalhão e o do I Batalhão do Regimento Sampaio, fatos semelhantes aos que ocorreram no nível divisionário.

Há, por conseguinte, altos e baixos em toda a parte, mas de uma maneira geral, o desempenho foi bastante favorável. Mas é preciso que se diga que, para os brasileiros, a campanha da Itália foi uma guerra de capitães, tenentes e sargentos no que diz respeito a combatentes profissionais, além de alguns majores e coronéis e quatro generais.

Com isso, quero dizer que era uma guerra altamente descentralizada, cujas operações ficaram a cargo de subunidades, ou seja, das companhias, de seus pelotões e frações. Era a guerra das pequenas unidades, daí porque se sintetiza dizendo que foi uma campanha de capitães, tenentes e sargentos e, nesses três níveis, a nossa representação foi formidável, superando todas as expectativas.

Outro aspecto a destacar refere-se ao relacionamento com a população local, que foi o melhor possível. A hospitalidade italiana foi muito grande com relação ao

brasileiro, que é um pouco italiano, tem aquele jeito italiano, talvez seja mais italiano do que luso, pelas afinidades enormes existentes entre os dois povos.

Além disso, aquelas regiões por onde passamos estavam praticamente órfãs dos seus homens, que o alemão tinha levado para as suas indústrias no interior da Alemanha ou mesmo para combatentes. Então, as famílias ali estavam muito carentes.

Tito, o tenente partisan

Um outro ponto muito interessante diz respeito aos partisans. O partisan é um outro quadro, é outra guerra. Odiavam os alemães, sobretudo pelo mal que eles fizeram às suas famílias. Vou contar um episódio vivido ao lado dos partisans, muito interessante e pitoresco, na fase do inverno, quando nos preparávamos para o futuro que começaria em 21 de fevereiro com a conquista de Monte Castelo. Durante essa preparação, a FEB foi informada de que receberia partisans italianos para participarem da guerra conosco.

Eram homens que haviam integrado tropas irregulares em luta ferrenha contra os nazistas e que estavam ali à nossa disposição para servirem de guias nas regiões montanhosas, nos Belvederes, nos Castelos, nas torres de Nerone e em outras regiões altas por onde andamos.

Como Oficial de Informações, um dia recebi vinte partisans italianos que chegavam para cooperar com o I Batalhão do 11º RI. Conhecendo alguma coisa de italiano, percebi que havia cinco com status de oficial e os outros 15 eram considerados soldados. Então, o meu raciocínio foi imediato. Se conto com cinco oficiais e 15 soldados e tenho cinco subunidades, incluindo a Companhia de Comando e a de Petrechos, como é que vou dividi-los? Obviamente, um oficial e três soldados para cada Companhia.

Ingenuamente, coloquei um sargento de cada companhia – 1ª Companhia de Fuzileiros, 2ª, 3ª, Companhia de Comando e a de Petrechos – um ao lado do outro e mandei que os cinco tenentes partisans formassem atrás de cada um deles, escolhendo, assim, a Companhia em que desejavam ficar, o que foi feito naturalmente.

Olhando para os 15 partisans considerados soldados e, no meu italiano “macarone”, solicitei que saíssem de forma e se colocassem atrás do Tenente com quem eles queriam servir. Mandei-os fora de forma e todos foram para trás de um só, todos escolheram o mesmo Tenente.

Foi uma lição de vida extraordinária, ali estava o líder, cujo nome de guerra lembro-me bem, era Tito, Tenente Tito. Pedi desculpas e, por outro critério, distribuí o pessoal, com base no meu bom senso particular, de modo a ter três soldados por Companhia.

Esse episódio serviu de motivação para as palestras que fiz, ao longo de minha vida na caserna, sobre liderança militar. Todas as vezes que ia fazer uma palestra sobre liderança militar, começava contando esse fato absolutamente verídico.

Daí em diante, passei a observar o Tenente Tito. Não era o mais inteligente, não era o mais culto, não era o mais forte, não era o mais digno. Mas era seguramente aquele que todos queriam ter ao seu lado no momento de perigo, era aquele em que todos confiavam.

O Tenente Tito acabou ao lado do Wolf no seu Pelotão, porque os dois falavam a mesma linguagem, era o mesmo tipo de gênio, o mesmo modo de proceder. Eles trabalharam conosco durante bom tempo, em toda a fase da defensiva. Terminada a guerra, ocasionalmente, encontrei o Tito em Turim, onde havia muitos partisans, todos sedentos de vingança, agora caçando os fascistas. Tito, quando me viu, perguntou, logo, pelo seu amigo Max Wolf: "Onde está o meu amigo Max?" Informei-o de sua morte. Vejam que os verdadeiros combatentes falam realmente a mesma linguagem.

Médicos e capelães

Vamos falar um pouco do apoio de saúde e do apoio religioso. O apoio de saúde foi muito efetivo. No caso particular do meu Batalhão, tínhamos dois oficiais de quadro de Saúde admiráveis: o médico era o Tenente Yvon Méier e o dentista, Tenente Rui, que morreu lutando na ação de Montese. Portaram-se de modo excepcional.

O médico era um combatente extraordinário, além de médico foi sempre um homem brilhante, bom profissional, inteligente, namorador, sedutor e de uma coragem pessoal impressionante. Basta dizer que, morto o Wolf na patrulha do dia 13 de abril de 1945, foi ele quem trouxe de volta o Pelotão, missão dificílima porque os seus integrantes não se conformavam em voltar sem Wolf. Coube-lhe a tarefa de trazer o Pelotão disciplinadamente, o que só poderia ser feito por um homem realmente extraordinário.

Mas não era só no Batalhão, em todos os escalões, o Serviço de Saúde, com base no americano, funcionou maravilhosamente bem.

Quanto ao Serviço Religioso, não há dúvidas de que foi muito bom. No nosso Regimento, por exemplo, estava o Frei Orlando, uma alma puríssima, um homem boníssimo, inteiramente a serviço do bem. Querido por todos, era santificado, apesar de viver na Terra, ele se encontrava no Céu.

Um companheiro nosso do 11ª RI escreveu um livro sobre ele e eu prefaciei. Foi muito bom tê-lo prefaciado, porque pude deixar ali registrada uma palavra de carinho a quem viveu para servir.

O soldado alemão e os aliados

A respeito do inimigo devo dizer que o soldado alemão era realmente extraordinário, um grande combatente, que cumpriu o seu dever impecavelmente. No fim, quando se apresentaram, durante a rendição, fizeram-no com muita dignidade. Aquele episódio, na verdade trouxe-lhes uma sensação de alívio, uma vez que não havia como resistir mais. Eles só não se entregaram antes, porque sabiam que suas famílias estavam sujeitas a retaliações no interior da Alemanha. Assim, lutaram até quando puderam, fazendo jus ao conceito de combatentes admiráveis.

Em relação às tropas aliadas, podemos dizer que tivemos a felicidade de ter junto a nós a 10ª Divisão de Montanha. Era uma tropa excepcional, realmente muito bem preparada e que ficou bastante grata à tropa brasileira porque teve a sua ambientação ao combate conosco e seu batismo de fogo ao nosso lado.

Eles nos eram muito agradecidos pelo fato de sua iniciação em operação de patrulha ter sido feita conosco, oportunidade em que lhes passamos tudo que havíamos aprendido antes. Era curioso que, na retaguarda, quando nos encontrávamos em outras cidades, como em Florença ou em Roma, nos dias de dispensa ou após o fim da guerra, eles, ao verem o soldado brasileiro, ao nos identificarem pelo distintivo, ficavam no maior entusiasmo e faziam uma grande festa.

A Divisão Blindada, a Divisão da cabeça-de-boi, também operou na nossa frente de combate durante algum tempo.

Havia ainda um Regimento de negros, era o 372º Regimento de Infantaria. Já era uma forma de discriminação formar um Regimento só de negros. Não era um bom Regimento, deixava muito a desejar em termos de motivação e, por via de conseqüência, de empenho no combate e de zelo pelo seu material, que muitos de seus integrantes abandonavam nas posições quando das substituições. Não podiam ter motivação com o regime de plena segregação racial então existente nos Estados Unidos da América. Esse Regimento teve realmente um desempenho desastroso.

O que mais me impressionou na Itália

Sobre o que mais me impressionou na campanha da Itália, diria que muitas coisas me impressionaram vivamente. Em primeiro plano, a lição maior que eu trouxe da guerra é que o homem brasileiro não é aquele homem que vi em São João Del Rei naquela primeira noite em que lá chegou, quebrando os bares e assustando o seu povo pacato. O homem brasileiro, desde que bem tratado, bem alimentado, considerado, é capaz de qualquer coisa... É pura grandeza...

Pode ser apontado como dos melhores soldados, durante a campanha. Assim, em primeiro lugar, destaco a minha profunda admiração pelo homem brasileiro e a determinação de dedicar a minha vida à tarefa de ser um instrumento de sua educação. Ao longo dos meus quarenta anos de serviço ativo como oficial, eu sempre me considerei um educador, com a convicção de que este homem brasileiro que foi à guerra é um homem extraordinário. Essa é a grande lição da campanha.

A outra lição é a de um país destruído pela guerra. É um quadro terrível... Fome, tristeza...

Uma terceira lição da campanha é também o apego à terra. Aquelas famílias que ficaram na terra de ninguém... Sim, aquelas famílias naquelas casas de pedra, vivendo junto conosco as mesmas agruras para não largar o seu chão, a sua casa. Esse apego é impressionante e dá para a gente entender tudo.

Sem os maridos, sem os irmãos, sem os filhos e netos, que partiram, a maioria levada pelos alemães – os tedescos na língua italiana – ficou o restante da família – velhos, mulheres e crianças – para garantir a terra, ao lado dos brasileiros que passaram por ali. Era impressionante, porque os nossos, que ficaram algumas semanas nesses lugares, fizeram afetos, tornaram-se familiares e voltaram, posteriormente, para ver as pessoas, isso no sentido positivo, mas houve, também, aqueles que extrapolaram e foram condenados por desvio de conduta, condenação por estupro, raríssimos casos, mas houve.

Com isso quero dizer que o homem é capaz da glória, mas é capaz da miséria. É preciso tudo fazer para que ele busque a glória, participe muito mais da glória. Esse é o caminho.

Para as exceções raríssimas, a legislação permitia que o Comandante da DIE condenasse à morte e executasse no território. A Justiça Militar condenou à morte, mas não foram executados. O General Mascarenhas de Moraes não determinou a execução. Ele comunicou ao Presidente Vargas e mandou os condenados para o Brasil, que acabaram não sendo executados, tendo as suas penas reduzidas para seis anos e, após cumpri-las, foram postos em liberdade.

Os maiores destaques

Vamos, agora, falar dos maiores destaques da FEB, no meu Batalhão.

Nas afirmações anteriores, eu já disse que a minha grande admiração, ao longo da guerra, foi pelo sargento Max Wolf Filho, a quem conheci pessoalmente, com quem convivi. Era um paranaense descendente de alemão e de uma cabocla, possivelmente de origem indígena.

Por trás do sargento Wolf, tenho a impressão de que havia problemas familiares não só em relação à mãe, que o levava a não considerar o pai como tal, porque ele não tinha procedido bem com relação a ela, fazendo-o transferir esse drama de família para o alemão. Ele os atacava com garra, havendo, creio eu, correlação com a sua vida pessoal. Quanto ao seu matrimônio, também, existia algo. A impressão que me passava é que, além de ser um extraordinário combatente, um soldado exemplar, ele se comportava, por motivações outras, quase como um suicida, com invulgar coragem, com impressionante bravura, embora sempre com muito tirocínio.

Além do Wolf, evidentemente, houve grandes comandantes de Companhia, o Capitão Memória foi excelente, conquanto não fosse do meu Batalhão, o Meira Mattos, com aquele episódio que eu contei, consagrou-se, na guerra, como um militar brilhante, ratificando esse conceito no movimento de 31 de Março de 1964 e durante toda a sua belíssima carreira; o Capitão Hugo Abreu foi, também, um belo combatente lutando à frente de uma Companhia do III Batalhão do nosso 11º RI. Não posso deixar de citar Milton Tavares como grande Capitão...

O Mamede se houve muito bem tanto nos pródromos da partida para a Itália como na guerra, onde cresceu ainda mais. O meu segundo Comandante de Batalhão, o extraordinário Manuel Rodrigues de Carvalho Lisboa, excelente Comandante de Unidade e que, depois, como General, comandou o II Exército, em São Paulo. Dois outros grandes comandantes de batalhão foram os majores Cândido e Syzeno Sarmento.

Nos escalões mais altos, lembro o excelente Coronel Caiado de Castro, Comandante de Regimento; o Castello Branco, excepcional como sempre, o general Cordeiro de Faria, o próprio Zenóbio. Havia grandes oficiais. Não tenho condições, nesse momento, de citar todos, mas a minha admiração maior, pela convivência, observando o seu destemor em combate, por tudo que vi, ninguém me contou, tributo ao sgt Max Wolf.

O episódio do sargento Bonfim

Outro fato relacionado com o Wolf ocorreu quando estávamos na região de Bombiana. Naquela oportunidade, tínhamos um posto no caminho de Abetaia, um posto avançado que só era ocupado de noite, para lá seguindo, ao entardecer um Grupo de Combate (GC) que ficava nesse posto até pouco antes do amanhecer, momento em que regressava. Era um lugar de passagem obrigatória, pois a elevação conduzia para aquele ponto. O pessoal ali ficava, desde o anoitecer, só no telefone, aquele de magneto, pelo qual o telefonista do GC sussurrava informando as aproximações, tudo muito baixinho e a gente acompanhava aquilo durante toda a noite, inclusive eu na qualidade de Oficial de Informações.

Esse grupo pegou o nome de “Grupo da Paúra”, paúra é medo em italiano, então, ficou batizado como “Grupo da Paúra”. Integrá-lo era uma coisa terrível. Considerando o perigo que o mesmo representava, o Major Comandante do Batalhão estabeleceu que haveria um rodízio entre todas as nossas Companhias, cada dia permanecendo um grupo de combate – o sargento e seus homens – no “Grupo da Paúra”.

A escala correu e chegou o dia do Grupo de Combate do sargento Bonfim, que ao apresentar-se disse: “Apresento-me preso, mas não vou para o ‘Grupo da Paúra’. Podem me colocar no Conselho de Guerra, mandem-me, condenem-me, fuzilem-me, façam o que quiser, mas para o ‘Grupo da Paúra’ eu não vou”. Deixou lá os seus soldados, e veio dizer isso.

Vejam só as grandezas e misérias da guerra. Nesse instante, o Major teve uma inspiração: “Chame o Wolf, chame o Wolf”. O Wolf era, inicialmente, da Companhia de Comando e, depois, da tropa especial para grandes missões. Veio o Wolf e vi de perto tudo o que aconteceu. O Major virou-se para ele e disse: “Wolf, o Sargento Bonfim disse que não vai para o ‘Grupo da Paúra’ de maneira que eu quero que você leve o sargento Bonfim e o pessoal dele. Mande-o à sua frente, vá atrás dele, se ele der um passo à retaguarda, você o mate. Mate-o e a responsabilidade é minha. Wolf, você entendeu a ordem?” O Wolf disse ao Major que iria cumprir a sua ordem. Não disse que matava, disse que cumpriria a ordem.

Que coisa terrível! O Bonfim ficou pequenininho e o Wolf saiu andando com o Bonfim. Andaram um pouco e voltaram os dois. O Bonfim se adiantou, entrou no gabinete do Major, pediu licença e disse: “Major, eu vim dizer ao Senhor que vou para o ‘Grupo da Paúra’ sem o sargento Wolf, que sou tão homem quanto ele e vou dizer-lhe mais – quero ir todas as noites para o Grupo da Paúra” e foi, logo em seguida, pegar seus soldados.

O que o Wolf disse a esse camarada no caminho eu não sei, mas que houve uma transformação radical no comportamento do Bonfim, isso houve!

O Wolf pegou um farrapo de homem, passou alguns minutos com ele e o cara volta para dizer que era tão homem quanto o Wolf e afirma que quer ir para o ‘Grupo da Paúra’ todos os dias... É simplesmente impressionante...

Aspectos psicológicos

Tratemos, agora, da exploração psicológica por parte das forças em confronto. Digo-lhes que a mesma foi muito mais do alemão. Era terrível o bombardeio de panfletos lançados pela Artilharia inimiga. Esta jogava prospectos com mensagens e

desenhos muito bem feitos, percebendo-se claramente que contavam com ótimos informantes brasileiros. A tese fundamental era voltada para o anti-americanismo, jogando-nos contra os Estados Unidos e o seu governo principalmente.

De nossa parte, havia o jornalzinho *O Globo Expedicionário* e o *Cruzeiro do Sul*, mas isso víamos raramente. Os nossos correspondentes de guerra foram mais cronistas. Suas crônicas, muito interessantes, viemos a ler depois da guerra. Assim, a guerra psicológica alemã foi melhor que a nossa.

Em compensação, o apoio administrativo, que era americano, foi excelente. A estrutura era perfeita, tudo funcionava, da melhor forma possível. A comida era ótima, passava-se muito bem, todos os combatentes no Natal comeram peru, mesmo nas posições mais avançadas, o que era, na época, coisa raríssima. E não foi só nas festas natalinas, mas em outras oportunidades também. Comia-se bem todos os dias, sendo servido o que havia de melhor.

Desvios de comportamento

Com relação ao comportamento dos nossos homens, devo dizer que, de uma maneira geral, a conduta foi positiva, mostrando o brasileiro muita capacidade de adaptação; é simpático e se faz querer bem. Mas houve alguns incidentes, algumas brigas com outras tropas, normalmente decorrentes do uso de álcool. Eu mesmo tive um colega de alto valor que se envolveu num problema dessa natureza. Houve outra coisa perigosa e que também passa despercebida, que foi o contrabando, que não era coisa exclusiva de quem quer que fosse, eu via tanto no brasileiro como no americano. O soldadinho brasileiro fazia um pequeno, que nós chamávamos de escatoletagem; escatoleta é lata em italiano. Então, o sujeito botava no seu bornal as latinhas que recebia diariamente no rancho e saía, por ali, vendendo ao italiano. A isso, a gente chamava escatoletagem. Dessa forma, ganhava um dinheirinho a mais para viajar quando obtivesse licença. Em alguns casos, essa prática chegou a passar da conta, entrando pela gasolina, pneus e peças de automóvel, com as apropriações indébitas correspondentes.

Houve mais alguns casos, quando começaram a chegar os navios brasileiros para levar a nossa carga de volta, uma vez que retornamos em navios americanos, mas a carga foi trazida em navios brasileiros, que chegavam carregados, porque não podiam viajar com os porões vazios. Sei de um navio, carregado de café, que a sua colocação não foi feita por meios regulares junto ao italiano, faminto e sequioso por esse tipo de bem, o mesmo acontecendo com cigarros e outros materiais que vinham no porão dos navios.

A FEB estabeleceu que o soldo do combatente deveria ser dividido em três partes: uma era entregue à família aqui no Brasil, outra era depositada no banco para cada um receber quando voltasse e a terceira parte ficava com o homem na Itália para ser transformada em liras. No fim da guerra, o dinheiro foi novamente convertido para a nossa moeda.

Estabeleceu-se que ninguém poderia trazer da Itália mais do que recebera ao longo da guerra. Houve gente, que não era pracinha, que ficou procurando brechas dos outros nas relações de conversão para trazer o dinheiro que tinha. Alguns poucos, cujas disponibilidades superavam as brechas existentes de outros companheiros, tiveram que comprar jóias e outros bens.

Logo após o término da guerra, quando eu era Auxiliar de Instrutor na Academia Militar das Agulhas Negras, indiquei um oficial, inteligente e muito capaz, para ser Instrutor e a pessoa a quem indiquei ficou horrorizada, dizendo-me – aquele fulano fez isso, fez aquilo, e eu caí das nuvens. A primeira vez que o encontrei pessoalmente relatei-lhe o fato integralmente como se passara e ele, infelizmente, confirmou, evidentemente a seu jeito e procurando justificar o injustificável. Então, como dissemos, também presenciamos miséria, que existe em toda a parte, mas esse ângulo não se pode ignorar.

A FEB depois da guerra

De um modo geral, a FEB, no seu regresso, foi recebida pelo Exército com altos e baixos, muita receptividade de algumas pessoas, pouca receptividade de outras. Viu-se, também, inveja, mágoa, ressentimentos em certos setores. Eu fui feliz porque fui para a AMAN e, na Academia, apliquei e transmiti, como Auxiliar de Instrutor, o que havia aprendido. Assim, dentro do Exército fui muito bem recebido e, na sociedade, de uma maneira geral, acima do previsto.

Depois da volta da FEB, há duas coisas interessantes a ressaltar: primeira é a posição do Marechal Mascarenhas, que fez questão de não tirar partido de sua consagração como Comandante da FEB. Aqui, sempre se apresentou como um homem comum, como um Chefe comum, mas foi, sem dúvida, um grande Comandante, não só na preparação da FEB e durante a campanha na Itália, mas depois da volta, porque não usou politicamente a FEB e passou o resto de sua vida trabalhando em favor do pracinha. Ele fez o que foi possível para dar alguma coisa àqueles que tanto deram de si para a Pátria. Nesse aspecto, ele realizou, também, um trabalho extraordinário.

O outro aspecto está relacionado com a criação das organizações de ex-combatentes. A primeira foi a Associação dos Ex-combatentes do Brasil. Nesse período,

década de 1950, houve uma grande "esquerdização" em nosso País. Foi, nessa época, que se criou o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) em oposição à Escola Superior de Guerra. Como os Estados Unidos, a União Soviética também saíra vencedora na Segunda Guerra Mundial e esse fato por si só fermentou esse movimento vultoso de "esquerdização". O próprio Vargas passou para a esquerda uma vez deposto em 1946, voltando, em 1950, muito à esquerda.

A Associação dos Ex-Combatentes foi tomada pela esquerda, ou seja, grande número de ex-combatentes da Marinha Mercante passou a dominá-la totalmente. Daí, os combatentes que foram à Itália, os veteranos da linha castrense, digamos assim, virem a fundar a Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira – ANVFEB – cujos membros passaram a usar uma boina azul, em vez da verde, que era a da outra Associação.

Nunca participei de uma, nem de outra, porque nunca me julguei ex-combatente e sim combatente, considerando que estava na ativa.

Tudo isso deu problemas, discussões, brigas. O próprio Marechal Castello Branco foi Presidente da Associação dos Ex-combatentes, lutando muito contra esse processo de "esquerdização". Depois vieram os episódios da Cruzada Militar, do Clube Militar, tudo isso como parte de um bojo só, o que é, portanto, interessante ressaltar.

A participação do Exército nesse conflito mundial foi da maior importância, porque até então a Força Terrestre se instruíra dentro dos padrões franceses definidos. Houve, assim uma certa americanização em termos de doutrina e do material bélico empregado, o que significa, sem dúvida, uma evolução considerável. Podemos dizer que o Exército ganhou muito com a Missão Militar francesa, mas ganhou bastante com a guerra.

Contribuição da FEB

A realidade da guerra, inclusive, trouxe uma contribuição importantíssima. Acho que a FEB ajudou também a trazer para o Exército o sentido de hierarquia militar, perdida no Tenentismo. O ciclo tenentista e mesmo o período varguista, com promoções avassaladoras de tenentes, como Cordeiro de Faria, Juarez Távora, Juracy Magalhães e muitos outros, não serviu aos pilares básicos da Instituição, particularmente à hierarquia, porque esses oficiais foram promovidos atropelando todo mundo. O próprio Castello foi vítima disso, tendo sido preterido muitas vezes. Houve, com a Revolução de 1930, uma quebra muito grande da hierarquia, porque o Tenentismo foi a base dessa Revolução.

A FEB, na minha opinião, isso não é divulgado, mas eu o faço, contribuiu muito para a hierarquização das Forças Armadas. Depois disso, não houve mais aventuras tenentistas; não se viam mais manifestações fora da linha hierárquica. Acho que essa contribuição foi imensa.

Um outro aspecto em que a FEB influiu demais diz respeito à organização militar. Na década de 1950, eu estive duas vezes na Escola de Comando e Estado-Maior, como aluno e depois como instrutor, função que exerci muito cedo. Tínhamos, nessa época, três tipos de organização: a tipo três era hipomóvel, a tipo dois era a da FEB e o tipo um reunia as unidades do Acordo Militar Brasil-Estados Unidos, assinado, se não me engano, em 1959.

Quanto à influência da FEB na minha vida pessoal, posso dizer que o fato de tê-la integrado não me trouxe qualquer vantagem. Indiretamente, trouxe, não pela FEB em si, porque essa vantagem também atingiu a outros que não foram à Itália. Refiro-me ao fato de que, durante a guerra, a EsAO foi fechada, não havendo aperfeiçoamento de oficiais. Conseqüentemente, não se considerou, como uma exigência para o ingresso na ECEME, o curso da EsAO.

Assim, depois de ser Instrutor da Academia, fui para o 5º Regimento de Infantaria, em Lorena, onde descobri, lendo, em 1948, um Boletim do Exército, que aquele era o último ano em que se podia fazer concurso para ECEME sem ter realizado o Curso de Aperfeiçoamento, que iria ser retomado em 1950. Senti a importância de aproveitar aquela oportunidade extraordinária. Então, dediquei aquelas poucas semanas de que dispunha para habilitar-me, estudando com todo o empenho, para enfrentar o concurso e, dessa maneira, em 1949, estava eu na Escola de Estado-Maior, recém promovido a Capitão, pois a minha promoção ocorreu no fim de 1948. Realizei o curso em 1949-51 como Capitão e, em seguida, fui convidado para Instrutor, indo, posteriormente, ainda como Capitão, para o Paraguai, como integrante da Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai. Isso, em termos de carreira, ajudou-me muito, mas a FEB em si não influiu.

Como se verifica em meu currículo, pertenço à turma de 1942 da Escola Militar do Realengo, única turma, naquela época, a realizar o curso em quatro anos.

Passamos de um regime de três para quatro anos. Então, eu me formei em 1942, mas se criou uma turma de 1941, a rigor essa turma de 41 tinha que ser incorporada a nossa, mas isso não aconteceu, ficando constituída uma turma à parte, porque haveria um ano em que a Escola não formaria oficiais. Deu-se, portanto, uma coisa curiosa, as nossas turmas estudavam as mesmas coisas, sendo que uma terminava o ano, como Aspirante-a-Oficial, e a outra ia fazer o quarto ano.

No final da década de 1950, veio o Ministro Lott e criou uma lei, com a melhor das intenções, para corrigir a disparidade nas promoções entre as Armas,

considerando que havia um avanço muito acentuado, que chegou a oito anos, da Engenharia e Artilharia em relação à Infantaria e à Cavalaria.

Havia até uma anedota de um Major de Cavalaria que vinha no trem da Central, retornando da Vila Militar, quando um meninozinho vestido de marinheiro passou a incomodar o Oficial, a ponto de as pessoas que ali viajavam não entenderem como o Major aturava aquela criança insuportável. Até que um passageiro perguntou-lhe: "Por que o Sr. está aceitando esse atrevimento todo desse garoto?" E o Major respondeu-lhe: "Não vou fazer nada, porque esse garoto pode ser um Coronel de Engenharia". É uma caricatura, mas bem reveladora da situação da época. Então, existia uma disparidade muito grande, porque o Instituto Militar de Engenharia – a Escola Técnica na época – aspirou uma porção de gente e abriu vagas, principalmente para as Armas de Engenharia e Artilharia, gerando uma desigualdade muito grande. Então, o Lott, na melhor das intenções, fez uma lei pela qual ninguém de uma turma podia alcançar a turma anterior.

Agora, imagine a minha turma, que nem recebeu os repetentes da anterior, ter que ficar congelada onde estava, até que a nova lei atingisse os seus objetivos. Só quando cheguei ao posto de Major é que a coisa começou a se modificar. Por isso, é que só chegamos a General com 54 anos, com toda a Força Expedicionária, com todo o Curso de Estado-Maior, feito quase como Tenente.

Sem dúvida, a FEB teve um reflexo extremamente positivo na minha vida pessoal no que se refere ao amadurecimento, tanto que me imbuí, como já disse, com toda a ênfase, da absoluta necessidade de exercer sempre, durante toda a minha vida, o papel de educador, sem admitir quaisquer desvios, inclusive o chamamento da Engenharia Militar, ao qual resisti, levando a minha carreira até o fim.

A Cerca dos Homens

Para encerrar essa minha participação, gostaria de ler uma mensagem, uma pequena crônica, que intitulei *A Cerca dos Homens*, publicada no *Jornal do Brasil* e inserida nesse meu livrinho *Mundo Sem Hemisférios*, que retrata o episódio da morte do sargento Max Wolf Filho, à frente de uma patrulha que lhe coube comandar na guerra.

"Nas anteportas da ofensiva, os nazistas falavam às nossas perplexidades com o silêncio e na inatividade inteligente que nos impunham. Dia após dia, não havia um só tiro de canhão ou de morteiro. Muda a frente morta.

Nosso observatório, o mais bombardeado de todo o setor brasileiro, estava impune. Patrulhas transitavam à noite na terra de ninguém. E chegavam até onde não podiam chegar, até onde o alemão devia estar. Sombra e silêncio.

Que sucedera? Teriam ido embora, deixando em nossa frente, como fizeram antes com os americanos, irrelevantes destacamentos retardadores, formados de feridos. Se assim fosse, o ataque cairia no vazio. E perderíamos o contato com o inimigo. E, livre, ele escolheria, inteiro, a cena para o choque de nossa surpresa e de seu interesse.

Era preciso medir a incerteza. Cada batalhão deveria enviar, à luz do dia, duas patrulhas fortes até onde a reação costumava ser cruenta. Fariam prisioneiros, colheriam informações para o ataque do dia seguinte ou ocupariam as posições abandonadas, iniciando o penoso caminho de tatear a retomada do contato. Estranho como pareça, na guerra dos homens, melhor a intimidade do contato do inimigo que o vazio da incerteza.

Em nossa frente, o ponto cotado 747 era o acidente capital. Sobre o mesmo marcharia o nosso pelotão especializado nas ações de patrulha, a que se dera o comando de um sargento, um sargento que a liderança do combate credenciara às funções de oficial.

Estivemos com Wolf até quando partiu. Foi-lhe dito que o silêncio bradava a poupança da munição e que, na hora precisa, os nazistas lá estariam opondo-se a nossa vontade. Aconselhou-se-lhe que se precavesse, pois o reconhecimento seria à luz do dia. Penso que se convencera da tese de que se defrontava com o nada, que o alemão sagaz já estava longe. Fui vê-lo progredindo em pé, desassombradamente, à frente de seus homens com duas fitas de munição trançadas sobre os ombros numa cruz exótica, cujo reluzir o denunciava ao mundo dos outros.

Ei-lo alcançar o terço superior da elevação, em cujo topo havia a Casa de Lépore, cenário de tantos dramas outros de que fora ele mesmo o herói só. Até ali, o terreno era coberto pela vegetação. Uma cerca, depois chão limpo, arado e fofo. Vi-o deixar os companheiros no aconchego da vegetação, transpor a cerca do nosso mundo e buscar os altos.

Deixaram que chegasse bem perto e até quando não podiam mais errar. A luzidia munição a entrecruzar-se no peito. A saraivada. A cruz no peito. O paranaense caiu por sobre o ventre descosido. Aquela cerca não separava apenas as idéias dos homens, se não porque o próprio mundo dos homens.

Depois, foi a doidice santa de seus liderados para tentar trazê-lo de volta. A rajada da metralhadora rasgava um alarido de sangue. Tudo o que estava há tanto tempo calado, do chão revivescia ao chamamento da morte.

A patrulha firmava a metralhadora junto à cerca, tentando calar a arma que abatera o líder. Dois homens rastejavam, puxando o corpo pelas pernas. Um deles ali ficou, colado ao chão que o prendera. Veio o outro. Viram que Wolf estava morto junto à cerca. E outros estavam morrendo. Um pracinha, esquálido e ousado, fez emergir

de junto à cerca a grandeza grandalhona de Wolf. E ziguezagueando grogue, por entre o pespontado de balas no chão, exausto, se fizera jazer na bem-aventurança que a primeira cratera dadivosa lhes oferecia.

Ali mesmo, bem perto da cerca, morto e vivo se confundiam. Examinou o herói, ajeitou-lhe o uniforme, colocou-lhe o capacete, acomodou-o na cova irmã, começou então o imenso rastejar de volta, da avidez de quem busca a vida. Do observatório, ajudava-se o difícil retorno da patrulha, dando olhos a nossa Artilharia para cegar os outros olhos, com os nossos fogos fumígenos e de neutralização.

Inútil a peregrinação da noite dos padioleiros para encontrar o Wolf. Os homens do Batalhão do 11º de Minas Gerais queriam de qualquer forma buscar o companheiro pertinho de sua cerca e do mundo de ninguém. Queriam buscar o paranaense, que passara o nosso batismo de fogo, na noite distante de nosso pânico, carregando munição para as posições avançadas e retornando com os feridos. Queriam trazer o homem que, após todo ataque fracassado, não descansava enquanto não trouxesse de volta, primeiro, os feridos e, se possível, os mortos. Queriam trazer o paciente artesão das tramas e armadilhas da vida e da morte, das patrulhas no frio do inverno todo.

Impossível trazê-lo agora. Amanhã, era a largada da grande Ofensiva da Primavera e o nosso dever – arrancar Montese. O sargento Wolf lá ficara, para que estivéssemos presentes na hora da decisão.

Começava naquele 14 de abril o fim da guerra na Itália. As melhores forças dos V e VIII Exércitos convergiam sobre Bolonha e depois diriam quem primeiro haveria de chegar ao Passo de Brenner. No nosso Corpo de Exército, o quarto, lá estavam para as bandas da direita os tigres da Primeira Divisão Blindada e, em reserva, prontos para a arremetida, os cabeças-de-boi da Trinta e Quatro.

E ali, bem juntinho de nós, à direita também, a extraordinária 10ª de Montanha, dos super-homens, longo tempo preparados nos Montes Rochosos para o golpe decisivo nos Apeninos e nos Alpes.

Pois bem, nesse 14 de abril de 1945, a ofensiva nem chegou a sair direito, desmilingüiu-se em toda a frente. Só o pracinha brasileiro chegou ao seu destino. Só o pelotãozinho mais da esquerda, da companhia mais da esquerda, do Batalhão de cobertura do flanco esquerdo de todo o poderoso dispositivo de ataque do IV Corpo, chegou até onde se tinha que chegar.

Era um Pelotão da mesma Companhia do Wolf, acordada na noite anterior, sonhando trazer de volta o grande herói que não voltou. Era o Pelotão do sereno Tenente Iporan, que conseguira surpreender em cheio os defensores da localidade, envolvendo-os, exigindo-lhes a rendição. Ele haveria de arrastar para a frente o resto da Companhia, o I Batalhão, o Regimento.

Nos outros dias, temendo que Montese fosse a chave da ofensiva e cuidando ver nos carros que apoiavam a ação da FEB o próprio desembocar da Blindada americana, o alemão realizou no setor brasileiro uma concentração de artilharia maior que todos os tiros lançados sobre todas as Divisões juntas.

E livres desse castigo, argumento último reservado contra a ação principal, e que, afinal, nos coube como preço de Montese, lá se foram a Montanha e a Blindada, irresistíveis, para o Vale do Pó, numa arremetida que ninguém mais segurou. E a própria FEB, sem as lagartas e sem as asas dos blindados, mas nas rodas dos caminhões de sua Artilharia, deixada atrás, para fazer andar os pés da Infantaria, a nossa FEB, lá, nós fomos também cercar o mundo dos alemães da Itália ocidental e abraçar os franceses em Susa, nos confins dos Alpes.

Lá fomos nós sem parar, sem tempo para escarafunchar o chão, para encontrar a cratera, para buscar a cerca que nos separara de um dos nossos melhores. Estava faltando um. O que sempre esteve em Montese, mas não pisou Montese. O que não respirou a nossa poeira para o Pó. O que não chegou a ver, na cara, de arianas Divisões, perseguidas, cercadas, subjugadas pelo pracinha de malícia inocente, a cara do alemão seu pai, que julgara menosprezar a pudicícia de sua mãe cabocla.

O que não chegou a viver a vitória da liberdade, a redemocratização de nosso País. O que não pôde sobrepassar aquela cerca, para sobreviver conosco na busca da remoção das cercas todas, que separam os homens e os seus mundos plantados de cercas".

Essa é a grande lição da FEB, para mim, pessoalmente. Lutar a vida toda, dar de mim o melhor, para afastar as cercas que separam os homens.

General-de-Divisão
Geraldo de Araújo Ferreira Braga*

Natural da Cidade de Pouso Alegre, MG, pertence à turma de 4 de novembro de 1944 da Escola Militar do Realengo. Na guerra, no posto de 2º Tenente, exerceu a função de Instrutor de Infantaria do Depósito de Pessoal. Durante sua carreira militar, freqüentou os cursos das seguintes escolas: EsIE – curso de Guerra Química; EsAO; *The Corps School – Chemical Defense*, em Maryland, Estados Unidos; ECEME e o Curso de Estado-Maior; Comando da ESG e Comando das Forças. Desempenhou as funções de Instrutor da Escola de Sargento das Armas, da Academia Militar das Agulhas Negras e da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Em 1975, foi nomeado Adido das Forças Armadas, junto à embaixada do Brasil no Senegal. No posto de General-de-Brigada comandou a 9ª Brigada de Infantaria Motorizada Escola, no Rio de Janeiro, e o Centro de Informações do Exército. Em novembro de 1981, foi promovido a General-de-Divisão, último posto na ativa, quando comandou a 1ª DE e a 1ª RM, ambas com sede na Cidade do Rio de Janeiro. Passou para a reserva em novembro de 1985. Recebeu a Medalha de Campanha e a Medalha de Guerra, por sua participação na Segunda Guerra Mundial.

---

* Instrutor do Depósito de Pessoal, entrevistado em 28 de setembro de 2000.

Inicialmente, quero agradecer por estar participando desse projeto e o faço com muita satisfação. Fui para a reserva em 1985, nós estamos no ano 2000 e ser lembrado por companheiros, depois de todos estes anos, já é um motivo de alegria. Agora, quero fazer uma ressalva: o meu "posto de observação" era muito modesto; eu não passava de um "cadete do 4º ano", porque fui para a Itália, assim como outros companheiros de minha turma da Escola Militar, ainda aspirante-a-oficial, recém-formado. O meu "PO" tinha uma altura muito baixinha, pequena, mas estou pronto para atender o que me for solicitado.

Então vamos aos fatos: éramos cadetes do 3º ano da Escola Militar do Realengo e corria o ano de 1944. Provavelmente, este fato que eu vou relatar tenha ocorrido no princípio do mês de outubro. O Capitão Miguel Lopes de Siqueira Camucê, nosso instrutor, reuniu o Curso de Infantaria numa sala e fez uma exposição sobre as necessidades de prestarmos o nosso serviço ao Brasil, no Teatro de Operações na Itália, mas fez a ressalva: "Aqueles que desejarem ir não devem pensar que vão para uma aventura; vão para uma experiência profissional dura, expedição penosa. A guerra é uma coisa penosa, então os senhores têm que ver isso com realidade."

O Capitão Camucê fez a peroração e teve uma atitude que reflete seu ótimo caráter. "Vou deixar sobre a mesa umas folhas de papel almaço em branco; aqueles que quiserem ser voluntários para a Força Expedicionária Brasileira assinem aqui, os que não quiserem não precisam assinar e, naturalmente, irão ser convocados parte daqueles que assinarem as folhas." Foi assim que entrei na Força Expedicionária Brasileira, como cadete do 3º ano. Agora, a bem da verdade, quero dizer o seguinte: creio que todos, todos os companheiros da Arma de Infantaria, sem exceção, assinaram a folha de papel almaço. Éramos na Infantaria, se não me engano, 84, e nós fomos, ao todo, para lá, 26 ou 27. É um percentual razoável, não dava para irem todos.

Eu fui no último escalão da FEB, o 5º escalão. Como o tempo era curto, as coisas eram corridas. Vou dar-lhe um exemplo disso: saí da Academia e fui classificado – quando digo "eu" é porque quero dar o exemplo próprio do que se passava na época –, eu e mais dois companheiros meus, aspirantes Francisco Wilson Leão e Aluízio Carneiro da Rocha, não para a Força Expedicionária Brasileira, mas fomos designados para o 9º Regimento de Infantaria, em Pelotas. No primeiro serviço no Regimento, tinha chegado há uns quatro ou cinco dias, recebi o telegrama do Diretor de Movimentação do Pessoal do Exército classificando-nos no Centro de Recompletamento do Pessoal da FEB. Pegamos o avião e retornamos para o Rio. Saí aspirante no dia 4 de novembro, já me apresentava aqui no dia 5 de janeiro e 5 de fevereiro foi nossa data de embarque para a Itália. Nós, os três aspirantes que estavam em Pelotas, viemos juntos.

Quer dizer, os fatos processavam-se nesse ritmo; tenho a impressão de que no alto escalão é isso mesmo, as necessidades são tamanhas, as providências são tão grandes, que os acontecimentos meio que precipitam-se, senão não haveria necessidade de irmos a Pelotas e voltar dias depois.

Bom, viemos para o Centro de Recompletamento do Pessoal da FEB, que estava dividido em dois grupamentos. Ocupamos o quartel do 1º Regimento de Infantaria, que já tinha ido para a Itália. Na Vila Militar existe uma elevação que se chama Morro do Capistrano, onde montou-se um acampamento com barracas de dez praças e lá funcionava o outro grupamento. Havia, pois, uma parte no quartel do 1º Regimento de Infantaria e outra no Capistrano. Fiquei no quartel do Regimento Sampaio, na Companhia comandada pelo Capitão Manoel da Graça Lessa, e era o Comandante do 1º Pelotão da Companhia.

Esse período, de janeiro a fevereiro, foi dedicado, basicamente, a inspeções de saúde – exames de sangue, urina etc – e adaptação ao material americano, porque tínhamos sido instruídos por uma Missão Militar francesa. Só na segunda parte do 3º ano da Escola Militar fomos apresentados ao fuzil *Garand* e ao canhão 37mm anticarro, quer dizer, no armamento estávamos ultrapassados. Os exercícios eram copilados das escolas americanas e eram inteiramente diferentes, mas muito diferentes mesmo, dos que nós aprendemos da Missão francesa, que eram de treinamento em tempo de paz.

Então, passou-se a usar munição real: granadas, muito tiro de morteiro 60mm, que não conhecíamos. Passamos a trabalhar com a metralhadora de mão, que chamávamos na época de *Tommy Gun*, as metralhadoras .50, .30 etc, uma gama de material que não conhecíamos.

Quando fomos apresentados ao canhão 37mm na Escola Militar em 1944, foi uma coisa formidável. Era a primeira vez que víamos uma arma anticarro e assim foi com a bazuca – o lança-rojão.

Passamos essa fase de treinamento que, há de se convir, foi curta. Saí aspirante em 4 de novembro e embarquei dia 5 de fevereiro para a Itália, nesse espaço de tempo fui a Pelotas, voltei e ainda treinei. A preparação, eu diria, foi precária e com o maior esforço. Não chegamos a realizar grandes exercícios preparatórios que outros escalões fizeram. Eles fizeram marcha de 20km, 24km, 30km. Não fizemos marcha alguma, não houve tempo.

Foi preparado um exercício específico de embarque e desembarque na estrada de ferro; colocaram um vagão de trem no campo de instrução do Regimento Sampaio, atualmente um campo de esporte, e nós aprendíamos a embarcar e desembarcar com rapidez e em silêncio. Tudo fazia crer que o embarque seria à noite, como realmente foi feito.

Esse centro, depois, lá na Itália, transformou-se em Depósito do Pessoal da FEB.

O trajeto da Vila Militar para o navio nós fizemos à noite, pela Estrada de Ferro Central do Brasil e em relativo sigilo. É difícil, no Rio de Janeiro, fazer-se alguma coisa em sigilo, como fazer um comboio da Vila Militar a Praça Mauá , transportando milhares de homens, aproximadamente cinco mil e tanto homens, quase um quarto da 1ª Divisão de Exército, atualmente 18 mil homens. Começamos a embarcar no dia 5 e terminamos no dia 6, zarpando do Rio de Janeiro no dia 8 no navio *General Meighs*.

A nossa origem, não é preciso dizer, pernambucano, maranhense, gaúcho, catarinense etc é díspare. O soldado brasileiro parecia não ver a realidade que estava prestes a enfrentar, de ir para uma guerra. Quantos, mas quantos embarcaram levando o seu violão, seu cavaquinho; é o espírito da nossa gente, da nossa raça; o soldado não pode modificar isso, nós somos assim.

A vida no *General Meighs* era exercício diário de abandono de navio, muito bem executado e planejado pelas autoridades de bordo. Durante a noite, ao pôr-do-sol, havia escurecimento total do navio. Imagine-se cinco mil homens dentro dos seus compartimentos, porque não podiam ficar “zanzando” pelo navio, tinham quer ir para o compartimento, praticamente reclusos, enfrentando um forte calor. O pessoal enjoava... vomitava... O sistema de camas de lona, uma sobre a outra, nem sempre é o debaixo que vomita, às vezes, é o de cima...

Eu fazia parte da polícia militar de bordo, andava armado e tratamento, inclusive alimentar, diferenciado. Era como a nossa polícia do Exército, um MP americano; até a braçadeira era americana. Era para policiar, dirimir dúvidas, atender o soldado, reprimir qualquer manifestação. Honestamente, ninguém era feliz a partir do pôr-do-sol, quando do escurecimento total do navio, uma medida de segurança, para reduzir risco de submarino nos torpedear; não havia felicidade, nem violão tocava.

Agora, durante o dia, a própria administração do navio, o Comandante, através do serviço social, promovia uma série de manifestações agradabilíssimas. Para que ficasse registrado, distribuíram um diploma quando da travessia da Linha do Equador e promoveram show, esse tipo de que falam hoje, o “karaokê”. Em um palco os nossos companheiros cantavam, imitavam artistas americanos, imitavam artistas brasileiros. Além dos exercícios normais de abandono de navio e os de tiro da guarnição.

Após 14 dias de duração do transporte, transcorridos razoavelmente, desembarcamos diretamente no Porto de Nápoles, daí levados de caminhão para uma área de estacionamento nas proximidades de Bagnoli. Chegando nesse estacionamento – relato este fato porque eu não sei se amanhã alguém vai viver uma situação de guerra –, fomos diretamente para um círculo talvez com uns cinqüenta chuveiros, cinqüenta

homens em cada um daqueles banheiros, tomamos banho de ducha morna e, saindo daquela ducha, sofremos uma pulverização para evitar parasitas, germes... essas coisas... para depois receber uma roupa limpa. Eles entregavam a roupa esterilizada. O americano tinha um cuidado muito grande em evitar propagação de sarna ou doenças. Depois, recebemos a barraca, o material, enfim, o equipamento para acampar.

Nesse ponto volto a falar na primeira pessoa. O boletim do dia em que cheguei publicava a minha classificação para fazer um curso de Comandante de Pelotão nas proximidades do estacionamento em Santa Agatha Dei Gotti. Esse curso, nomeado em inglês *Leadership Training and Battle School*, de liderança, treinamento de comando de Pelotão em combate, era realmente exaustivo, de mais de três semanas. Trabalhava-se de manhã à tarde. Munição, só tiro real, e os instrutores, escolhidíssimos. O nosso instrutor de combate em montanha tinha sido um campeão de corrida nos Estados Unidos, Ten Preston. Subia na montanha com uma rapidez extraordinária e ficava lá olhando, sorrindo, querendo que chegássemos com a velocidade dele.

O instrutor de contra-informação já se punha numa situação de real superioridade perante o auditório e aparecia muito bem uniformizado com inúmeras medalhas, e quem o apresentava dizia do significado de cada medalha: ele recebeu por isso... e por isso... etc. Quando acabava de dissertar, já sabíamos quem estava ali para explanar o problema de contra-informação.

O curso foi valioso. Éramos da ordem de trinta brasileiros em cada período, que contava com alunos de todos os Exércitos que lutavam na Itália. Normalmente oficiais jovens, aspirantes, tenentes. Começava com uma alvorada diferente: dado o toque de corneta, levantávamos da cama como estivéssemos vestidos, de cueca etc... tínhamos que entrar em forma de imediato. Faziam uma contagem rápida a fim de verificar se todos estavam presentes e mandavam-nos voltar para nos uniformizarmos.

Retornando do curso fomos mandados para o Depósito de Pessoal, em Staffoli. O Depósito era um vastíssimo acampamento, e o efetivo dos oficiais dividido em dois padrões: o efetivo de enquadramento e o de substituição. O enquadramento era dos oficiais fixos, como, por exemplo, na minha Unidade, o Capitão Antonio Damião de Carvalho Júnior, extraordinário disciplinador, chamava o soldado de “meu filho”, mas era exigentíssimo. Ele possuía um Subcomandante e cinco ou seis tenentes que desempenhavam as funções de subalternos, visando ao enquadramento da Companhia, e nós, do efetivo de substituição, ficávamos na área de treinamento e procurávamos imitar, mais ou menos, o que víamos lá em Santa Agatha. Minha função era de instrutor de combate; alguns companheiros eram instrutores de armamento. O pessoal do enquadramento levava o Pelotão para as diferentes oficinas onde era feito o aprendizado, por rodízio. Assim funcionava o Depósito.

Era extraordinária a capacidade de assimilação desse mesmo soldado brasileiro, que vinha das várias regiões do País. Como se adaptava ao morteiro 60mm, aos fuzis, à metralhadora e enfrentava o exercício pesado!

O homem é produto de uma comunhão de sentimentos, então, nós constituíamos um grupo que o nome já dizia, éramos efetivo de substituição. Cabia-nos esperar o que ocorresse na frente para o boletim escalar os substitutos. Com isso, você sentia uma ansiedade enorme. Sob o ponto de vista profissional, sair do Brasil, ir a uma guerra e não combater é como ir a Roma e não ver o Papa; então, o espírito era ver o Papa. O espírito era ir para o *front*.

Havia ansiedade, sim, ansiedade, não para que houvesse baixas, mas que criassem novas Unidades, que empregassem novos efetivos, que aumentassem o valor empenhado, pois seria a oportunidade de o efetivo de substituição também ter a sua chance de ir ao *front*. Parece que houve até uma idéia aqui no Brasil, parece, isso eu não estou afirmando, ouvi essa conversa com o Marechal Mascarenhas de Moraes de quem fui Ajudante-de-Ordens, uma idéia do Ministro de substituir todos os elementos da frente. Cada um permaneceria no *front* apenas seis meses e depois seria substituído, o que todo o Estado-Maior foi contra, e com razão, era um homem que estava ganhando experiência que seria substituído e mesmo que fosse assim, se o primeiro embarque foi em 30 de junho, não teria dado tempo de fazer isso.

Em fevereiro, quando cheguei à Itália, havia uma temperatura amena, até agradável, um pouco mais para frio, mas uma temperatura agradável. Vivíamos bem nas barracas de dez praças, não havia o menor problema.

O Depósito de Pessoal ficava afastado da cidade, no campo, e nossa convivência com civis era com os prestadores de serviço, por exemplo, as moças que iam lavar as nossas roupas e em troca ganhar chocolates, cigarros etc, porque eram as moedas que tinham valor. Meu relacionamento com a população foi com essa gente do campo. Apenas quando me transferi para Nápoles é que pude ver o sofrimento de um povo submetido a uma guerra. Moças jovens, com filho pequeno, entregando-se por barra de chocolate, maço de cigarro. Tive muita pena de ver.

Exemplo da provação enfrentada pelo povo italiano foi a distribuição do combustível. Para mobilidade das Forças Armadas, a gasolina era colocada ao longo das estradas, em tonéis, e bastava a viatura chegar, estacionar, apanhar a bomba e abastecer. Esse processo prático criava um problema: o auto civil, porque o tonel ficava na beira da estrada. O americano era implacável nisso. Passava um carro civil, ele o parava, enfiava um algodão no tanque de gasolina e tirava a amostra; se a gasolina encontrada fosse da cor daquela do Exército americano, que tinha uma coloração própria, riscava um fósforo e colocava fogo no carro imediatamente. Era o

modo de coibir o uso da gasolina do Exército. Imagine-se um povo submetido a essas privações, a essas provações. Minha lembrança não é das mais agradáveis, é de um povo sofrido, com seu território invadido por todos os lados. Primeiro foi o alemão, depois o americano, que desembarcou no dia 9 de julho de 1943.

Nessa Campanha, o que mais me impressionou foi o apoio logístico, porque estamos habituados aos nossos padrões e, quando se vê uma área imensa com centenas de aviões de combate, centenas e centenas de carros de combate, gigantescos depósitos de material, ficamos admirados com a grandeza, a fortuna que custou tudo aquilo. Vou relatar algo que eu não tinha pensado em contar. Fui furtado, quando desembarquei no Porto de Nápoles. Na área de desembarque deixamos os sacos, que eram “nossos armários”, em forma, para que os americanos os apanhassem e transportassem. Quando percebi, meu saco estava vazio, não tinha nada, absolutamente nada.

Apesar deste transtorno, nada me faltou porque fui suprido de tudo, imediatamente. Foi só chegar e contar o ocorrido a quem me recebeu. A bem da verdade, inicialmente, não recebi uma peça sequer que fosse de uniforme brasileiro, devido ao travamento proporcionado pela nossa angustiante burocracia. Recebi de imediato, do depósito americano, dois macacões, material de higiene – escova de dentes, sabonete, toalha – coturno, enfim, tudo. Afinal, estávamos em guerra! Repito: a logística americana me impressionou muito.

Eu já narrei o suprimento de combustível ao longo da estrada. Repare que é uma solução que não passa pela nossa cabeça: colocar ao longo das estradas tonéis de gasolina!

Não gostaria de fazer referência a algum integrante do Depósito. Seria até injusto se fizesse isso, porque convivi sempre com gente de primeira qualidade. Tive na minha vida militar essa sorte, de conviver com gente excelente.

À guisa, apenas, de lembrança – insisto que não estou destacando – cito, por exemplo, o Cap Damião, Comandante de Companhia, que se preocupava com o bem-estar de seus homens. Até na hora do banho ele punha a Companhia em forma e inquietava-se até que o Subcomandante, que era o 1º Tenente Miguel Nazar Safady, fosse verificar se todos estavam arrumados, se estavam agasalhados para ir ao banheiro, se tinham levado sabonete, enfim, uma revista antes do pessoal ir para o banho. Na Companhia dele, que era a 11ª Companhia de Fuzileiros, havia um quadro onde se lia: “Tudo o que deve ser feito deve ser bem feito” e ele cumpria rigorosamente a sentença.

Outros companheiros nossos, mesmo que posteriormente estivéssemos em campos políticos adversos, não podemos retirar-lhes o mérito, como o 1º Tenente de

Cavalaria Kardec Leme, da Companhia de Manutenção. Trabalhador, exaustivamente trabalhador. A qualquer momento ele estava apto para atender-nos, buscando sanar o problema, quer de viaturas, quer de armamento. Eu estou citando pessoas pinçadas entre dezenas de homens excepcionais.

Em conseqüência da situação em que estava, integrado ao Depósito de Pessoal, voltado para a instrução que era o meu trabalho, não pude, infelizmente, sentir a explosão de alegria pela vitória aliada. Soube pelo boletim que haviam cessado as hostilidades, portanto, passou-se como sendo um ato rotineiro.

Durante os preparativos para o retorno ao Brasil, recebi a missão de me deslocar para Nápoles, ainda na Companhia comandada pelo Capitão Manoel da Graça Lessa: nessa Subunidade eu era o oficial de Infantaria; o artilheiro era o Tenente Herculano Augusto Virmond. Nesse encargo, o Virmond chefiava uma carpintaria. O que ele fazia? Reunia todo o material que viria para o Brasil, fazia os caixotes e os embalava. A minha situação era diferente: recebi um Pelotão de Mão-de-Obra, cuja missão era carregar os caixotes com o material para os caminhões, levar para o cais e embarcar nos navios-transportes. Tudo na força física, no braço.

Na organização do Exército americano existe essa Companhia de Mão-de-Obra. Fomos designados para compô-la e executar esse trabalho sacrificante e de grande responsabilidade.

Depois, deu-se a nossa volta, como também o regresso da FEB, recebida festivamente não só na rua pela população, com o pessoal desfilando, como nas nossas casas embandeiradas.

Para mim, o fato de participar desta Campanha, foi bastante positivo. O Exército me ressarciu mais do que eu merecia. Chegando ao Rio fui classificado no Regimento Escola de Infantaria (REI), que para um Tenente de Infantaria não pode haver melhor Unidade. Eu e muitos outros companheiros, praticamente toda a tenentada do REI, éramos oriundos da FEB.

A partir daí, como uma conseqüência natural, quando é criada a Escola de Sargento das Armas (EsSA), o Comandante, Coronel Miguel Cardoso, foi buscar os oficiais para a Escola no Regimento Escola de Infantaria, que deveria possuir bons oficiais. A EsSA foi criada onde era a antiga Escola Militar de Realengo, no Rio de Janeiro. Originou-se da antiga Escola de Sargentos de Infantaria. Assim, do REI fui transferido para a EsSA.

O mesmo fato repetiu-se quando o meu Subcomandante da EsSA, Cel Hugo de Faria – da família dos Faria, de São João Del Rei. Um deles, o Comandante de Companhia João Manoel de Faria Filho, do 11º RI, tem ações incríveis na FEB – foi nomeado Comandante do Corpo de Cadetes da AMAN, e é natural que escolhesse

quem já conhecia, e assim fui para a Academia. Mais tarde, o então Major Meira Mattos, Instrutor-chefe do Curso de Infantaria da AMAN, indicou-me para ser o Ajudante-de-Ordens do Marechal Mascarenhas de Moraes. São fatos que se sucedem, naturalmente.

A conseqüência para o Exército da nossa participação no Teatro europeu foi uma mudança enorme; dos nossos padrões de instrução, chegando até a apresentação do nosso pessoal. Havíamos aprendido que o militar tem que andar bem fardado, em qualquer situação. Nossa antiga Missão Militar francesa cumpriu a sua missão na época, após o final da Primeira Grande Guerra. Com relação ao material, usávamos a ultrapassada metralhadora Madsen e o Mosquetão Mauser, modelo 1908. Evoluímos em tudo, inclusive na arrumação dos PC de Companhia. Hoje quando se entra num PC de um Comandante de Batalhão, ou de Companhia, encontra-se uma sala arrumada e decorada. Isso não era visto dentro do Exército, não ficava bem!

O problema dessa evolução é que temos que aceitá-la; a nossa cultura, advinda da formação histórica da nossa gente, tem que se tornar apta para aceitar essa nova mentalidade.

Por fim, agradeço, novamente, a convocação que me foi feita. É muito bom saber que, saindo do Exército em 1985, 15 anos depois, existe esta iniciativa do Projeto História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial.

General-de-Brigada Ruy Leal Campello*

Nasceu na Cidade do Rio Grande - RS. Formou-se pela Escola Militar do Realengo em 1940, quando foi declarado Aspirante-a-Oficial de Infantaria. Realizou, como Oficial, os cursos da EsAO, da ECEME e do CEMCFA, da ESG. Na FEB, foi Subcomandante da 5ª Cia/1º RI. No final de 1945, promovido a Capitão, permaneceu no Regimento Sampaio, no Comando da 5ª Cia. Em 48/49, exerceu as funções de Ajudante de Ordens do Gen Tristão de Alencar Araripe. Após a ECEME, foi para a 3ª DC, em Bagé, servindo, depois, no atual CML, de 1955 a 1957, de onde foi para o Curso de Infantaria da EsAO. Integrou o "Batalhão Suez" indo, depois, para o EM da 1ª DI no Rio. Em 1959, serviu no QG do I Exército, sob o comando do Gen Odylio Denys. Passou, depois, para o Gabinete do Ministro, com a ascensão do Gen Denys a esse cargo. Promovido aos postos de Oficial Superior por merecimento. De 1961 a 1964, pertenceu ao EME. Em abril de 1964, passou a integrar a 2ª Seção do EM da 1ª DI, comandada pelo Gen Orlando Geisel, vindo, a partir de maio, para o Gabinete do Ministro Costa e Silva. De 1966 a 1968, comandou o Regimento Sampaio. Foi, em seguida, para Chefia da 3ª Seção do I Exército e, daí, para o Gabinete do Ministro Orlando Geisel, de onde saiu para a CMBW, dali retornando ao Gabinete do Ministro, em 1973, quando foi promovido a General-de-Brigada. Nesse posto, exerceu os seguintes cargos: Diretor de Movimentação, Comandante da 8ª Bda de Inf Mtz e Diretor do Pessoal Civil. Deixou, em 1978, o serviço ativo. Dentre as condecorações que lhe foram outorgadas, por sua participação na FEB, destacam-se: Cruz de Combate de 2ª Classe, Medalha de Campanha, Medalha de Guerra e Cruz ao Valor Militar, da Itália.

---

* Subcomandante da 5ª Companhia do 1º Regimento de Infantaria, entrevistado em 21 de agosto de 2000.

A Segunda Guerra Mundial teve início em 1939, com a invasão da Polônia pelo Exército alemão. No Brasil, vivíamos um clima de paz. Éramos apenas 45 milhões de habitantes. Os meios de comunicação, transportes ferroviários, rodoviários, marítimos e aéreos eram limitados. Nosso comércio de importação e de exportação se dirigia principalmente aos Estados Unidos e Europa.

As informações do conflito, conseqüência do surgimento do Nazismo e Fascismo, chegavam ao nosso conhecimento através do rádio, jornais e cinemas.

Naquele tempo, o cadete do Realengo vivia com o objetivo principal de alcançar o aspirantado. É claro que acompanhávamos, sob o ponto de vista militar, aquelas fases da luta. O desempenho do Exército alemão nos causava admiração, em particular, pela rapidez e desenvoltura de suas ações ofensivas. Era a chamada *Blitzkrieg* (guerra relâmpago).

Adolf Hitler, em sua obra *Mein Kampf* (Minha Luta), conseguira levantar os brios do povo alemão e partira para reconquistar a posição de potência mundial, rompendo e anulando as restrições, impostas à Alemanha, pelos tratados após guerra de 1914-18. Assim é que, a partir de 1935, uma seqüência crescente de acontecimentos foi levando de roldão todas as barreiras impostas ao final da Primeira Guerra. Reocupação da Renânia, ocupação do Sarre e Memel, anexação do território dos Sudetos e da Áustria, tudo voltando a fazer parte da Alemanha nazista.

Na Itália, Mussolini, líder fascista, segue o mesmo exemplo. Em 1939, ele age na Abissínia. O Japão cria o slogan "A Ásia para os asiáticos".

França e Inglaterra envidavam esforços para fazer frente aos acontecimentos e evitar o conflito. Não vou citar os inúmeros tratados levados a efeito para a não deflagração da guerra. A invasão da Polônia, em 1º de setembro de 1939, não deixou outro caminho para ingleses e franceses. Seus Governos declararam guerra à Alemanha.

Os Estados Unidos acompanham a hecatombe mantendo a neutralidade. O mesmo acontece com as demais nações americanas.

A Rússia, que a princípio estava neutra, resolve invadir parte do território polonês e, logo depois, a Finlândia.

O Corpo Expedicionário britânico, lutando ao lado de franceses e belgas, não consegue resistir ao Exército alemão, sendo fragorosamente derrotado. Sua retirada em Dunquerque ficou na história. Os alemães entram em Paris e a França se rende. A cerimônia de capitulação é realizada no Bosque de Compiègne, no mesmo vagão ferroviário onde em 1918 os alemães se renderam aos franceses.

Logo após, a África, especialmente o Norte africano ficam à mercê dos ataques italianos. O Marechal Graziani chega a Sidi Barrani, repelindo os ingleses. Hitler,

em auxílio aos italianos, envia para lá a poderosa *Afrika Korps*, sob o comando de Von Rommel. Igualmente em apoio a Mussolini, a Alemanha ataca a Grécia e Iugoslávia. Logo depois, os alemães se atiram sobre a Rússia e são detidos em Stalingrado. Luta feroz que deixa o mundo estarrecido, em todas as frentes, em todas as direções.

Ao findar o ano de 1941, em 7 de dezembro, enquanto a diplomacia japonesa, em Washington, na Casa Branca, procura iludir aos americanos, uma poderosa força aeronaval japonesa ataca Pearl Harbor e as perdas, em homens, navios e aviões, são imensas para os EUA. Ao mesmo tempo, os japoneses atacam as Filipinas, Malásia e toda a Ásia. É o conflito mundial. A neutralidade em que se encontravam as nações do Norte, Centro e Sul da América passa a estado de beligerância contra o Eixo Roma-Berlim-Tóquio. As nossas relações diplomáticas são rompidas com aqueles países e em seguida nossos navios são torpedeados pelos submarinos alemães. Finalmente, em 22 de agosto de 1942, em face das grandes manifestações populares em todo o Brasil, nosso Governo declara o estado de beligerância em todo território nacional e, a 31 de agosto, declara guerra ao Eixo.

As perdas aliadas são muito grandes. Como conseqüência, a mobilização nacional, para atender os acordos diplomáticos, é intensa. O Saliente nordestino assume papel relevante e necessário ao apoio das ligações com a África do Norte, ameaçada pela ofensiva do *Afrika Korps*.

A possibilidade de ataque à fronteira marítima do Brasil é preocupante, principalmente no Norte e Nordeste. Por isso, em 1943, são autorizadas pelo governo brasileiro a criação de bases de apoio, navais e aéreas, americanas, em Belém, Natal, Recife e Salvador. Nossa Marinha e a FAB destacam-se no patrulhamento do litoral e escolta de comboios, em conjunto com vasos de guerra americanos. São estabelecidos vários teatros de operações em território nacional. A vigilância terrestre é realizada em todos os pontos sensíveis. As ilhas oceânicas, principalmente Fernando de Noronha, mereceram atenção especial.

Atravessamos momentos de grande tensão com as restrições impostas pela situação na época. As dificuldades de transporte e de suprimento, ao lado dos problemas advindos do racionamento pesavam sobre a vida nacional. Os efeitos políticos e psicológicos apresentaram-se ponderáveis, com manifestações das minorias raciais existentes, principalmente no Sul do País, que foram imediatamente reprimidas.

Há dois fatos em minha lembrança, ocorridos entre 1938 e 1940. Um foi a homenagem espetacular que a Escola Militar do Realengo prestou ao General Marshall, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas americanas. Outro foi a visita do Adido Militar alemão, o qual lá comparecera para mostrar aos cadetes um filme de propaganda da Legião Condor (alemã) que atuara na Guerra Civil espanhola. Os cadetes

foram deslocados para o cinema civil do Realengo que, jocosamente, chamávamos de Milímetro, pois na cidade havia os imponentes Cines Metro. Aconteceu que, durante a projeção do filme, o Corpo de Cadetes prorrompeu em formidável vaia, interrompendo a sessão. Esse incidente deu motivo à severa repreensão, no pátio, aos cadetes, pelo então Capitão Geraldo de Menezes Cortes, Ajudante do Corpo. Essas duas visitas e a nossa atuação já demonstravam a inclinação pelo lado aliado.

Outro ponto interessante a citar decorre do fato de que, apesar da grave situação mundial vigente, parece que aqui não se levava muito a sério os conseqüentes perigos. Nossas viagens para o Rio Grande do Sul, onde fomos classificados ao término do curso, férias para o Rio de Janeiro e o regresso ao 1º Batalhão do 9º Regimento de Infantaria, eram realizadas pacatamente nos navios da Costeira. Em 1942, quando fomos transferidos para a Vila Militar, a viagem foi completamente diferente. Navio colado à costa e sem iluminação. Era o perigo dos torpedeamentos que já existiam, pois começaram em 14 de fevereiro e nós aqui chegamos em 12 de fevereiro. Foi um risco muito grande. Com a beligerância, as unidades na Vila Militar viviam em constante estado de expectativa. Os comandantes eram de reconhecido prestígio. As baixas eram constantes nos exercícios, muito reais, realizados em obediência a então vigente doutrina militar francesa, ainda decorrente da Primeira Guerra Mundial.

Numa noite, ao chegar ao 2º RI, onde servia, encontrei um inusitado movimento. Era o aprestamento de uma Companhia de Fuzileiros, a qual se deslocaria na manhã do dia seguinte para guarnecer os túneis da Estrada de Ferro Rio-São Paulo até Volta Redonda, cuja usina já estava com a construção iniciada. Mais tarde, todo o efetivo é lançado para Barra Mansa e o 1º RI, Regimento Sampaio, manda um Batalhão para Angra dos Reis. Vivia-se um clima de pré-guerra. O 2º RI era uma Unidade de escol e propiciava aos seus quadros uma excelente oportunidade para formação profissional, instrução de tiro e marchas extremamente longas. O General Tristão Araripe escrevera, certa vez, na *Revista Defesa Nacional*, que "a Infantaria deve marchar". Desse treinamento, nós iríamos nos beneficiar quando, mais tarde, fomos transferidos para o Sampaio, Unidade Expedicionária.

Em maio de 1943, com a FEB em organização, eu ainda pertencia ao 2º RI e houve uma demonstração de grande vulto para uma equipe de oficiais brasileiros e uma de americanos, esta chefiada pelo General Ord. Nesse exercício, foram empregadas todas as armas, inclusive carros de combate da Escola de Motomecanização, tendo sido realizado com sucesso. Obtivemos grandes ensinamentos.

A Infantaria não tinha cem por cento de apoio da Artilharia, pela não existência dos observadores avançados e oficiais-de-Ligação junto aos comandantes de Companhia e comandantes de Batalhão, respectivamente. Os meios de comunicação

foram, totalmente inoperantes. Essa falta de comunicações motivou a não transmissão da posição em que nos encontrávamos e, na hora H, a Artilharia atirou sobre nós. Uma série de eventos cooperou para a fatalidade que aconteceu. Os carros-de-combate progredindo e atirando, meu Pelotão aferrado ao terreno, sem comunicações. Não havia observadores avançados. Ainda não conhecíamos o *fox hole*. Enfim, eu tive dois mortos e três feridos. A mensagem, redigida na Caderneta de Ordens e Partes, fora enviada por mensageiro e o Capitão não acreditou, vindo à frente imediatamente, face ao que acontecera, para tomar as providências devidas. Estou narrando esses fatos para mostrar que, no nosso Exército, havia bastante treinamento, quando tantos dizem que a FEB não os realizou.

Em 1943, o quadro começa a mudar. No Pacífico, as vitórias americanas se sucedem. Na África do Norte, na Sicília, na Rússia, o alemão se desintegra. Com isso, o Saliente do Nordeste diminui de importância.

No 2º RI, o meu Comandante era o Coronel, depois General Tristão de Alencar Araripe. Ele foi transferido para comandar a Guarnição de Fernando de Noronha e na despedida me disse textualmente: “Alferes, você não é meu secretário e sim o Vasconcelos. Ele também é solteiro e mais antigo. Ele vai comigo e você fica no Regimento.” O seu nome completo era José Luis Pereira de Vasconcelos Filho, integrou o 11º RI na Itália e terminou sua carreira ingressando no Quadro Técnico. Era tio do nosso conhecido General Erar, artilheiro, falecido há pouco tempo.

Em face disso, assumiu o Comando do 2º RI, o Coronel Eugênio Rubens Vieira da Cunha. Como decorrência da transferência de militares do Norte para o Sul, eu fui transferido para o 35º BC, em Bragança, no Pará, e o Coronel Vieira da Cunha conseguiu anular minha transferência.

Na época, nós tenentes queríamos combater, sem pretensão de querer bancar o valente ou aparecer em destaque. Era a vibração profissional. Eu, acompanhado do grande amigo 1º Tenente Paulo de Mendonça Ramos, que havia tirado o Curso de Motomecanização, fomos nos apresentar no Quartel-General da Infantaria da FEB, na Rua São Francisco Xavier, onde era o antigo Ginásio Vera Cruz. Ali, nos apresentamos ao General Euclydes Zenóbio da Costa, que nos agradeceu e em seguida nos transferiu para o Regimento Sampaio. Ao tomar conhecimento da minha movimentação, o Comandante do 2º RI passou-me uma competente espinafração, dizendo: “Fiz por você e recebo como troca o seu pedido de transferência do Regimento.” Eu nada falei, só consegui dizer: “De qualquer forma, agradeço o que o senhor fez por mim.”

Ao chegar ao Sampaio, fui designado para o II Batalhão, 5ª Companhia, cujo Comandante era o Capitão Valdir Moreira Sampaio. O 2º RI teve grande parte de seus efetivos transferidos para o Regimento Sampaio, cujo Comandante, Coronel Caiado,

sempre viajava conosco, de madrugada, nos trens da Central, quando entabulava afável conversa. Certo dia, mostrou-me uma lista de oficiais subalternos transferidos para o Sampaio, sobre os quais solicitava informações. Naturalmente, eu lhe transmitia o que era possível.

A FEB, ao ser organizada fora decidido que seria composta de três divisões de Infantaria, ou seja, um Corpo de Exército. Finalmente, ficou reduzida a uma única Divisão obedecendo aos padrões do Exército americano. Isso resultou num grande trabalho e dificuldades que foram sendo vencidas. Era tudo diferente e a tropa devia satisfazer determinado padrão de higidez física e saúde. As incapacidades foram enormes. O envelhecimento dos quadros também era uma deficiência. Os mais antigos estavam ultrapassados para tomar parte na Campanha. Nós sentimos isso na pele quando em contato com a tropa americana no TO da Itália.

Naquela época, um Regimento passou a contar com o efetivo de 19 subunidades. Cada uma delas tinha de 190 a 200 homens, dando um total para o Regimento de quase 4 mil homens. Era maior do que a Brigada de hoje. A formatura daquela tropa, diariamente pela manhã, emocionava a todos nós.

O poder de fogo do Regimento era um colosso. A Companhia passou a ter uma Seção de Morteiros 60mm e uma Seção de Metralhadoras .30.

Os batalhões tinham três companhias de fuzileiros, uma Companhia de Petrechos Pesados, uma Companhia Comando com um Pelotão de Canhões Anticarro de 57mm. Pois bem, o Regimento, além dos três batalhões, ainda contava com as suas Companhias de Comando e de Serviço, uma Companhia de Canhões Anticarro de 57mm e uma Companhia de Obuses Howitzer 105mm que, no nosso caso, tinha a assessoria técnica do meu grande amigo, já falecido, Capitão de Artilharia Antônio Carlos de Andrada Serpa. O Comandante da Companhia era o Capitão de Infantaria, vindo da Escola Militar do Realengo, Hugo de Sá Campello Filho, meu falecido e lembrado irmão. Já na Itália, antes do primeiro ataque a Monte Castelo, novembro de 1944, sofreu um sério acidente. O Comando da Companhia de Obuses ficou, então, até o fim da guerra, com o Capitão de Artilharia Andrada Serpa.

Nossas dificuldades eram grandes. No novo Regimento, na nova Divisão, tudo era moderníssimo. Meios de transporte totalmente motorizados, armamento, equipamento, fardamento, munição, serviço de saúde. Éramos um Exército treinado com material obsoleto e antigo... Nossos meios de transporte eram os muares. As cozinhas de campanha eram na base da lenha. As novas cozinhas, por subunidade, eram modernas e a gasolina. Com esta modernidade toda, houve necessidade de formação de milhares de especialistas. Surgiu, então, a Escola de Instrução Especializada, um grande passo que o Exército deu em função da FEB.

Durante o meu curso na EsAO, eu me lembro que nosso então instrutor Breno Borges Fortes, nas suas aulas de Tática, falava das dificuldades do remuniciamento, para a Infantaria, caso existisse em seu QO uma Cia de Obuses 105mm. Eu não observei isso durante a guerra. Esse material atirava em grandes ângulos e recobria as concentrações dos Morteiros 81mm e 60mm das Companhias de Petrechos. Éramos um potente Regimento de Infantaria e a Divisão era poderosa.

Outro problema para o Comando da Divisão foi com as unidades sediadas fora do Rio de Janeiro, em outros estados da Federação. Elas tiveram treinamento. A maioria de seus homens eram praças prontas. Sua doutrina, seu material e equipamento de combate eram diferentes. Isso não acontecia conosco. Estávamos em nosso aquartelamento. Tínhamos exemplares de armamento, equipamento, munição e viaturas americanas. Não todo o material do Regimento, é claro, mas o suficiente para que, aos poucos, pudéssemos nos adaptar ao mesmo. Atirávamos, fazíamos manobras e tínhamos o nosso CIG (Campo de Instrução de Gericinó), com pistas de arame farpado para progressão com tiro real, redes de embarque em navios, estandes para tiro e tudo mais. Digo isso, pois acho uma injustiça dizer que nós não tivemos treinamento.

Urgia, no entanto, para o Comando da DIE (Divisão de Infantaria Expedicionária), trazer para a Vila Militar as OM de fora. Era o caso do 6º RI, 11º RI e o nosso III Grupo, Bandeirante. Eram problemas sofisticados. Milhares de homens, mal aquartelados, tudo adaptado, eram moços, gostavam de visitar suas famílias nos finais-de-semana, locais longe do Rio, em outros estados, meios precários de transporte. Tudo isso influía na instrução, no enquadramento da tropa.

Repito, mais uma vez, nós do Rio levamos vantagem. Nossos homens, em sua grande parte, eram cariocas. Após os licenciamentos de finais-de-semana, estavam prontos no Regimento para suas atividades de preparo para o combate. Até os manuais de instrução, nós já os tínhamos traduzido.

Inicialmente, parecia que o destino da FEB seria a África. Numa oportunidade, o então Coronel Hugo Panasco Alvim, Comandante do Grupo Escola e que estagiara na África do Norte, fez uma palestra na qual nos foi apresentado pela primeira vez o camburão de gasolina de 18,9 litros, reservatório prático e portátil usado pelos americanos no abastecimento de viaturas motorizadas. Era a troca pura e simples, num Posto de Suprimento de Combustível, de um camburão vazio por um cheio. Para esta palestra, o trajeto de ida e volta do Sampaio ao Grupo Escola, por falta de transporte, foi, pela Oficialidade do Regimento, realizado a pé.

Esse caso do suprimento e outros numerosíssimos, revolucionaram tudo. Nós vivíamos com pedidos em extensos formulários, muita burocracia e, de repente, passa-

mos a conviver com processos simples, objetivos e práticos. Para isso, precisamos ser uma Nação com potencial, desenvolvido e com capacidade de mobilização industrial.

A questão dos uniformes, equipamento de campanha, cinto de guarnição e mochila aqui fabricados deixou muito a desejar, principalmente no inverno rígido que sofremos. Na verdade, tivemos 25.334 homens na Itália. Apesar de todas as dificuldades, na tarde de 31 de março de 1944, a Infantaria da 1ª DIE, sob o Comando do General Zenóbio da Costa, desfilou pelas principais avenidas do Rio de Janeiro, entre delirantes aclamações de enorme massa popular. Findo o desfile, impressionante e magnífico, a Infantaria Expedicionária, numa prova de apuro físico, regressou, em marcha a pé, aos seus quartéis na Vila Militar.

No dia 20 de maio de 1944, assistimos à esplêndida demonstração de tiro que a Artilharia Divisionária da FEB efetuou no Campo de Instrução de Gericinó, na presença de diversas autoridades, inclusive o Presidente da República. O General Cordeiro de Faria, com sua habitual habilidade, conversou conosco, falou sobre o que tinha visto dos americanos e nos mostrou as Baterias dos Grupos da AD. Eu visitei a 1ª Bateria do III Grupo, Grupo Souza Carvalho, Bateria comandada pelo Capitão João Alvarenga Soutto Mayor, mais tarde meu colega na Escola de Estado-Maior, na Praia Vermelha.

Em 24 de maio, quatro dias depois, houve um outro desfile de toda a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, sob o comando do General Mascarenhas de Moraes.

Muito se fala sobre a tropa que integrou o 1º escalão, no caso o 6º RI, ter seguido com treinamento deficiente. De fato, o Sampaio estava melhor preparado. Nós tivemos a vantagem sobre os demais regimentos, pois, desde o início, realizamos nosso adestramento para a guerra sem os problemas que eles tiveram. Organização dos quadros, exames de saúde, preenchimento dos claros, uso do armamento, Campo de Instrução, enfim, não tivemos que nos deslocar de um estado para outro, como foi o caso deles, com a totalidade de meios. Creio que isso influiu muito na operacionalidade dessas unidades. Para que se tenha uma idéia, o 6º RI, na hora do embarque, recebeu recompletamento de outras organizações, inclusive a Companhia de Obuses do 11º RI, sob o comando do Cap Ventura, que seguiu fazendo parte do 6º RI, no 1º escalão.

Finalmente, chegou a hora do nosso embarque. O Comandante reuniu os oficiais no 3º andar do Pavilhão de Comando e deu ordens para o Regimento entrar de prontidão. Aguardávamos o tão esperado dia. As ligações telefônicas foram cortadas. O então Tenente Campello, solteiro, é designado para o Destacamento Precursor e embarca dois dias antes no Navio Transporte da Marinha americana *General Mann*. As ordens incluíam a saída do referido destacamento do quartel de Artilharia no Campinho, ocupado pelo Grupo Souza Carvalho, que, para ali, fora com a ida do

Grupo do Cel Da Camino para a Itália, no 1º escalão. Nós lá chegamos em plena hora do rancho. A Unidade estava em polvorosa, preparando-se, também, para partir. Ficamos sem refeição. Não almocei nem jantei e nessas condições saímos pela rua 24 de Maio afora, dirigindo-nos para o Cais do Porto do Rio de Janeiro. Apesar do sigilo, havia gente nas janelas das casas nos dando adeus. Ao chegar ao destino, demos de cara com aquele gigantesco navio e passei ao comando do então Tenente-Coronel Adhemar de Queiroz. Contamos todos os beliches, que eram superpostos, para organização e distribuição do efetivo. Conhecer o navio nos mínimos detalhes, esquema do funcionamento e escala de serviço, tudo isso era nossa missão para instruir a tropa que iria embarcar e atravessar o Atlântico, em direção à Itália.

O embarque foi normal. Na minha Companhia, faltou apenas um soldado que pertencia ao efetivo reserva de embarque. O faltoso não era, pois, do Regimento. Fazia parte daqueles que compunham a reserva. O Sampaio estava, portanto, 100% a bordo do *General Mann*.

Durante a viagem a maior ordem possível. Era o nosso primeiro contato com as Forças Armadas americanas. Sua Marinha, seus fuzileiros navais. Havia um destacamento deles comandado pelo Coronel Mac Nair. Eram os responsáveis pela ordem, conduta e disciplina de viagem da tropa. A revista passada por ele não era brincadeira e os detalhes ou falhas observados eram levados ao conhecimento dos comandantes brasileiros para futuros ensinamentos. Muita gente enjoou, mas o uso da dramamina foi eficaz e, em breve, a tropa se acostumou. Os exercícios de abandono do navio eram realizados sistematicamente e a ordem e a disciplina imperavam. O acesso às baleeiras dava-se por ordem de compartimentos. Evidentemente, não eram realizados totalmente. A tropa vivia em estado de alerta. Exercícios antiaéreos e anti-submarinos aconteciam constantemente e nós ficávamos em dúvida se eram ou não verdadeiros. O uso de coletes salva-vidas era obrigatório, havendo, um certo dia, uma inspeção do Gen Cordeiro de Faria e do Cel Mac Nair para verificar se o equipamento estava sendo corretamente utilizado. Não se aceitava o fato de o colete salva-vidas estar desamarrado, o que se constituía em falha a ser anotada, com demérito para o compartimento em que se constatasse o seu uso incorreto. No navio, todos tiravam serviço. Eram duas refeições por dia e três para o pessoal de escala. O navio viajava em blecaute. Tivemos o cerimonial de passagem do Equador. Descontração geral e alegria para todos. Não preciso narrar a chegada a Nápoles, nosso primeiro contato com a guerra. Porto destruído, navios afundados, uma cena impressionante.

Ali, houve o transbordo da tropa, do *General Mann* para os LCI (*Landing Craft Infantry*), operação essa realizada em perfeita ordem. Cada barcaça (LCI) transportava cerca de duzentos homens (uma subunidade). Embarcamos somente com o Saco A,

bagagem de primeira urgência. Do restante do material, não tomamos conhecimento. Viajamos nesses navios, pelo Mar Tirreno, até Livorno, ao norte, com cobertura aérea. Este porto era de grande importância para os suprimentos do V Exército.

Ao desembarcarmos, seguimos para o nosso primeiro destino em terra, uma grande área de estacionamento, Tenutta Reale de San Rossore, próximo a Pisa, campo de caça do Rei da Itália. Todas as instalações, inclusive banheiros, tinham sido preparados pelos americanos. As barracas, também foram por nós preparadas sem nenhum atropelo. Foram realizadas, como treinamento, pequenas marchas, não da envergadura como as que tínhamos realizado no Brasil. Houve, igualmente, cursos de especialização, destacando-se o de minas, num campo, em Marina de Pisa, tido como provável local de desembarque alemão. As minas eram numerosas e reais. Nos exercícios, tivemos baixas fatais. Fomos apresentados às minas anticarro e antipessoal.

Tivemos oportunidade de ver a tropa inglesa de Artilharia Antiaérea. Viviam isolados e tomavam chá, mas, de vez em quando, entravam em contato conosco. Podíamos ver os *Blimps* (Balões de Barragem) no Porto de Livorno. Houve até um alarme, de um possível ataque aéreo, embora a Força Aérea alemã, podia-se dizer, já não atuasse mais.

Tivemos, então, o primeiro contato com uma Grande Unidade de soldados americanos negros. Era a 92ª Divisão que veio integrar o IV Corpo de Exército. Vivíamos o mês de outubro de 1944 e o 6º RI, que chegara no 1º escalão, havia sido lançado, ao comando do General Euclydes Zenóbio da Costa, grande Infante, faço questão de afirmar, em progressão no Vale do Serchio. Este vale se situava no flanco Oeste do que seria a Linha Defensiva do V Exército. O alemão manobrava em retirada. Nós vimos, posteação derrubada, fios telefônicos e de força cortados, túneis obstruídos, estradas danificadas igualmente e pontes destruídas. Tudo isso ele fazia ao se retirar.

Na minha opinião, pode ser teórica, mas há algum fundamento, o comportamento do inimigo nos primeiros contatos deixou o 6º RI com uma falsa impressão do Exército alemão parecia que não mais ofereceria resistência. Numa ocasião, recebemos a visita do Tenente José Maria Pinto Duarte, que integrava uma subunidade de um Batalhão do 6º RI, que veio visitar seus companheiros do Sampaio. Trocava impressões da campanha conosco e, ao ser perguntado como era o inimigo, respondeu: “Não tem problema, nós chegamos e ele vai saindo.”

Eu me lembro bem das palavras dele. Nós éramos da mesma turma. Havia dois tenentes comigo, o Alberto Chaon e seu irmão Moisés Chaon, este já falecido. O Alberto era Oficial de Comunicações do Batalhão e o Moisés, Comandante de Pelotão da 6ª Companhia.

Faríamos uma adaptação de oficiais no *front*, junto ao 6º RI, que atuava no Vale do Serchio, com uma escala a ser cumprida. Cabia a mim o estágio, porém, de repente o Capitão, ao voltar, tirou o meu nome da lista. Um tenente, R/1 convocado, brigou comigo e cismou que a vaga pertencia a ele. Eu era Subcomandante da Cia e o Tenente, em questão, comandava Pelotão. Eu o indiquei para o Sampaio, vindo do 2º RI. Foi um fato desagradável. O Capitão Valdir disse para mim: "Olha, Rui, deixa esse camarada ir, eu já não estou aturando mais a insistência dele."

Tinha dito ao companheiro que não pediria ao Capitão para não ir e que não havia pressa, pois a guerra não terminaria tão cedo. É interessante acrescentar que ele era oriundo da Escola de Sargentos de Infantaria (ESI) e tornou-se um grande tenente de nossa Arma. Ele deveria ficar uma ou duas jornadas, mas não deu certo, em face do recuo do 6º RI, com o contra-ataque alemão.

Havia sido montado um ataque para ocupação das alturas ao norte de San Quirico-Lama Di Sotto. Durante a jornada inicial, tudo fora bem, mas ao anoitecer os alemães contra-atacaram vigorosamente. Até então a tropa não estava ambientada a tamanha reação e tinha uma noção completamente diferente do tipo de atuação inimiga. Recuamos, perdendo a linha de contato até então mantida. Sofremos muitas baixas, mortos, feridos e desaparecidos (alguns prisioneiros e recuperados após a guerra). Dentre os mortos, dois eram oficiais, comandantes de Pelotão, um deles, o Tenente Pinto Duarte. Sua morte foi dramática e é descrita num livro do General Segadas Viana, naquela ocasião Coronel Comandante do 6º RI. Ele ficou em posição até a retirada dos últimos homens de sua Companhia.

Os estagiários, capitães e tenentes, que lá se encontravam, vieram preocupados. O contra-ataque alemão foi desencadeado com extrema violência. Toda a tropa, no nosso caso, Infantaria, arma básica de uma DI, tem seus percalços. O 11º RI e o 1º RI sofreram igualmente reveses, como mostrarei adiante.

Com esta campanha, cessam as atividades do Destacamento FEB no Vale do Serchio. Como um todo, a 1ª DIE, enquadrada no IV Corpo, do V Exército, é rocada para atuar, no Vale do Reno, sob o Comando do General Mascarenhas de Moraes. Eu era Subcomandante de Companhia, a 5ª do 2º Batalhão do 1º RI. Pela organização americana, essa função não era apenas para responder pelo suprimento da tropa. Ele também é o substituto operacional do Capitão. É lógico que o Subcomandante tem que conhecer tudo de sua Subunidade. Eu não fui melhor nem pior do que os demais, mas agradeço a Deus ter guiado os meus passos no exercício da função que me foi delegada.

Uma Companhia do 6º RI, recentemente rocada do Vale do Serchio, ocupava, no Vale do Reno, uma região na linha de frente do IV Corpo. Essa tropa merecia

descanso e urgia sua substituição pelo Sampaio ou 11º RI. Ambos, não tinham ainda entrado em ação. O 1º RI estava em melhores condições operacionais.

O nosso 2º Batalhão iria substituir o Batalhão do 6º, sob o Comando do então Major Silvino Castor da Nóbrega. Era uma figura notável de infante. A minha 5ª Companhia, numa Zona de Reunião recuada, preparava-se para entrar em posição, em sua primeira missão de combate. Já tínhamos lançado nossos reconhecimentos à frente, Comandante de Companhia e Comandantes de Pelotão. Finalmente, iríamos com destino ao *front*. Embarcamos nas viaturas, tendo antes, o Comandante do Batalhão nos mostrado na carta o itinerário a seguir e o ponto de desembarque. Não fizemos perguntas. Situação de tensão, chuva fina. Os soldados motoristas conheciam o percurso a seguir e, ainda mais, com o prévio reconhecimento na carta, seguimos e chegamos ao local previsto. Depois da Ponte de Silla, desembarcamos. Iríamos continuar a pé. Enfrentamos, então, as primeiras conseqüências do sentimento da frente de combate. Pelo sibilar das granadas de Artilharia que passavam sobre nossas cabeças, nós não sabíamos se eram amigas ou inimigas vindo em nossa direção. Isso nos deixou tensos e tivemos dúvidas numa bifurcação e sobre qual o caminho a seguir para a posição que nos fora destinada.

Neste exato momento, aparece um vulto. Era o Comandante do Batalhão do 6º RI. O Major Silvino Castor da Nóbrega, acompanhado de dois de seus elementos e que, pessoalmente, indica-nos o caminho a seguir. A 5ª Companhia recebe e ocupa as posições da 6ª Cia do 6º RI. Seu Comandante, Cap Los Reis entrega a posição ao Cap Valdir. Ao amanhecer, a substituição foi dada como efetivada.

Durante duas ou três noites, tivemos os primeiros embates. O inimigo reage violentamente na frente de nosso 2º Batalhão e do 3º Batalhão, que ocupa posição mais a leste, face à Torre Di Nerone e nós, então, tivemos as primeiras baixas. A 5ª Companhia viveu seus primeiros dias de campanha, a partir de 19 de novembro de 1944 até os primeiros dias dezembro, no *front* Africo-Volpara. Colheu aí grandes e verdadeiros ensinamentos para toda a campanha. Ninguém deixou, na ocasião, de utilizar o seu material, improvisar aquilo que foi possível e usufruir dos suprimentos que a tempo e a hora eram fornecidos.

Vários incidentes ocorreram. Num deles o Tenente Comandante do 3º Pelotão solicita remuniciamento urgente. Temia uma investida inimiga contra sua posição. Com ordem do Cap Valdir, sem possibilidade de uso de viatura, organizei um grupo para transportar a munição em mochilas e escalei a trilha, até o ponto onde deveria entregá-la ao 3º Pelotão, à porta da Igreja de Africo. As ligações telefônicas foram feitas para avisar o Comandante do Pelotão do início da operação.

Realizado o trajeto, penoso e, além disso, perigoso, atingimos a região; porém, não encontramos os elementos do 3º Pelotão. A munição foi descarregada na

porta da igreja; e, logo após, conseguimos ligação com o Comandante do 3º Pelotão, por meio do Pelotão de Petrechos. Esse Comandante de Pelotão, apesar da amizade existente, foi por mim duramente advertido, porque falhara na missão combinada.

Tenho a dizer, ainda, que os dias vividos, nesse primeiro *front*, propiciaram a 5ª Companhia de Fuzileiros, em sua ambientação de combate, um estreito e melhor conhecimento entre seus integrantes. Até aí, só nos conhecíamos em atividades de paz. A partir daquele momento, cada um ficou conhecendo, de fato, os homens com quem trabalhava.

Chegado o mês de dezembro, com a entrada do inverno, fomos surpreendidos, determinada noite, com tiros de Artilharia, cujos arrebentamentos soavam de maneira diferente. Era a propaganda inimiga que nos lançava boletins, concitando nossos homens à deserção, dizendo que o Dia do Juízo Final estava próximo. Eram folhas da revista *Time* com uma caveira de soldado inglês. Pensavam, na certa, que ali estivesse tropa inglesa. Após a missão inicial, nos primeiros dias de dezembro, fomos retirados de linha e substituídos pela 2ª Companhia do Batalhão Olívio Uzeda, I Batalhão do nosso Regimento. A 5ª Companhia, em 4 de dezembro, dirige-se à região prevista para reajuste de efetivos e material.

Nessa ocasião, tivemos notícias do fracassado ataque de 29 de novembro a Monte Castelo. Tomaram parte no mesmo, parte do nosso 2º Batalhão, quase todo o 1º Batalhão e um Batalhão do 11º RI. Sofreram pesadas baixas.

Vivemos, então, dias de ansiedade pelo que aconteceria mais à frente. Recebemos ordens de reconhecimento de nova posição. Seria realizado um novo ataque a Monte Castelo. O IV Corpo recebeu do V Exército a missão do rompimento da Linha Gótica antes do Natal. Dessa maneira, os reconhecimentos foram realizados durante o dia e, mais tarde, próximo ao dia do ataque, durante à noite. Temperatura baixa, leito da estrada, enlameado e congelado, o que dificultava sobremodo os deslocamentos para as zonas de reunião.

Nosso ponto de destino era Casa Madreva. Por um engano de sinalização, nos dirigimos a Femmina Morta. Noite escura, frio, piso congelado, progressão penosa. Por sorte, descobrimos o erro, quando os primeiros elementos da Cia já se deslocavam no atalho que conduzia a Femmina Morta.

Dirigi-me à frente e fiz retornar o pessoal para o caminho certo, isto é, Casa Madreva. Confirmada a data do ataque, permanecemos cerca de duas jornadas nessa região. Ficamos misturados com italianos, que não abandonaram suas casas e animais. Alojamo-nos nos estábulos. O suprimento só nos chegava em carroças, tracionadas a boi, pois o local era inacessível ao *jeep*. Ficamos em péssimas condições. As informações diziam que o inimigo, possivelmente, apresentava forte des-

gaste devido aos bombardeios de nossa Artilharia e não teria condições de apresentar grande resistência. Em conseqüência, foi montado um ataque de surpresa. O dispositivo teria o III Batalhão a Oeste e o II Batalhão a Leste, ambos do 1º RI, apoiados por tropas do 11º RI a Leste e também no extremo Oeste. A data seria 12 de dezembro.

Na madrugada do dia acima referido, a 5ª Cia recebe ordem de cerrar sobre a zona de reunião avançada e daí até a Linha de Partida. No desenvolvimento do deslocamento, fomos surpreendidos pelo desencadear de tremendo fogo de Artilharia. O chão treme e ficamos surpresos. Fora quebrado o sigilo do ataque. A Companhia cerra a frente para ultrapassar a 4ª Companhia. Ao chegar à crista, na contra encosta da região à esquerda, ou seja, a leste de Casa Guanella, encontramos o pelotão reserva da 4ª Cia e dois pelotões nossos. O primeiro e o terceiro pelotões são lançados na direção de La Ca e C. Vitelline, objetivos a conquistar. O inimigo reage violentamente, barrando, nessa região, o nosso avanço.

Nessa ocasião, nós tivemos uma visão das baixas. O 1º sargento Santal, muito forte, com o curso de Educação Física, vem conduzindo o Tenente Achilles Galloti Khering, ambos da 4ª Companhia. O Tenente, muito pálido, enrolado em gases dos primeiros curativos que lhe foram colocados pelos padioleiros. Seus ferimentos eram sérios. Daí para frente, recebemos ordem do Cap Valdir de atender aos pedidos dos comandantes de pelotões, que apelavam insistentemente por socorro dos padioleiros, face às inúmeras baixas. Os referidos padioleiros, com todo o vigor, a pé, com as padiolas, transpõem a crista e se dirigem aos locais onde estão os feridos. O inimigo permite esse trabalho humanitário, porém, ao término do mesmo, novamente eles desencadeiam potentes concentrações de morteiros e armas automáticas, quase nos atingindo no local onde nos encontrávamos.

Ao cair da tarde, o ataque é dado como fracassado e a Cia recebe ordens de retraimento, a coberto da Linha de Partida, onde existia uma tropa do 11º RI. Recebemos a cobertura de uma barragem de tiros fumígenos desencadeados, com mestria, pela Cia de Petrechos Pesados do nosso Batalhão. Nosso Capitão consegue reunir a Cia e a reorganiza, passando a conduzi-la até o local em que embarcaríamos para a posição de reserva em Porreta Terme, onde se situava o Quartel-General da Divisão. O aspecto dos homens era constrangedor, em face da dureza do combate que tiveram naquela jornada. O local para o qual nos dirigíamos era de extremo perigo, por ser objetivo certo e permanente da Artilharia alemã. Ali, nós teríamos várias baixas. Em Porreta Terme, passamos o Natal de 1944 e o romper do ano de 1945. Sofremos constantes bombardeios e tivemos sempre o apoio do nosso padre capelão, no conforto espiritual e material à tropa, pois sempre dava um jeito de nos arranjar um bom vinho.

Como Companhia em reserva, um belo dia, recebemos ordem de embarque dada pelo IV Corpo de Exército. O Comandante da Companhia não estava presente. Ao comando do Subcomandante, todos os homens, com seu equipamento e material, dirigem-se para a zona de reunião prevista. Neste momento, surge o Capitão e assume o comando, para apresentá-la a um grupo de oficiais do Estado-Maior brasileiro e do IV Corpo americano. Momentos antes da apresentação, o Comandante do Batalhão, Major Syzeno, com a sua calma habitual, desembarca de seu *jeep*, cumprimenta-nos e realiza a apresentação da companhia aos oficiais inspecionadores. A equipe de oficiais consulta o relógio e nos manda retornar ao acantonamento. A 5ª Companhia mostrara a presteza que se espera, em guerra, de uma Subunidade em reserva. Foi muito gratificante para nós.

Nessa época, houve um grave problema em todas as frentes dos Exércitos aliados. Foi a contra-ofensiva alemã nas Ardenas e os conseqüentes contra-ataques em todos os setores no TO europeu. Na Itália, isso também aconteceu. No Vale do Serchio, a 92ª Divisão americana sofreu violentos contra-ataques alemães e recuou, cedendo as posições que havia recebido do nosso 6º RI. A Divisão Blindada sul-africana deslocou-se para aquele setor com a finalidade de fechar a brecha e defender aquela zona de ação.

Recebemos ordens de substituir, novamente, tropa do 6º RI, na Região de Riola, Lissano e Belvedere-Lissano, onde se encontrava a Companhia do Cap Ayrosa. Essa Subunidade ocupava Boscaccio, Precária e Monte Cavalloro. Isso ocorreu logo nos primeiros dias de janeiro. Demos graças ao bom Deus por sairmos de Porreta-Terme, local onde sofremos muitas baixas. Os capitães Valdir e Ayrosa encetaram reuniões e ligações para a substituição de uma Subunidade por outra.

Em seu livro, o Capitão Ayrosa conta a emoção que tivera, naquela ocasião, em ser substituído por uma Companhia comandada por um seu companheiro do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

Ao chegarmos àquela região, encontramos o nosso bravo Capitão Pitaluga com o seu Esquadrão, fechando a estrada na direção leste, substituindo os carros-de-combate da Divisão Blindada americana.

Um fato engraçado aí aconteceu: um soldado do Capitão Pitaluga deixara uma submetralhadora encostada numa viatura. Um soldado nosso, que sempre aprontava alguma, apanhou a referida arma. No dia seguinte, se não me engano, volta o Capitão Pitaluga e pergunta daquele jeito dele: “O Valdir! Onde está a minha metralhadora?” Realizada a revista da Companhia, a arma aparece e é devolvida ao nosso bravo Comandante do Esquadrão de Reconhecimento.

Pois bem, ali naquela defensiva, a 5ª Companhia consolidou o seu treinamento. Inverno, neve, o panorama do terreno completamente mudado, estrada impra-

ticável e o suprimento só através de muares. As viaturas não podiam chegar de Lissano a Boscaccio e Monte Cavalloro. Era um esforço constante, muita tensão e sofrimento para a tropa, que ali se encontrava, efetuar essa ligação. Tivemos oportunidade de realizar patrulhas, inclusive durante o dia, com mortos e feridos, como aconteceu na Região de Boscaccio. Nessa ocasião, a Companhia tinha em reforço elementos da 6ª Companhia, comandados pelos tenentes Moysés Chaon e Deschamps. O sargento Santino, do 3º Pelotão, realizou uma patrulha na direção de Castelnuovo, demonstrando bravura incomum. Ele era um dos esteios da Companhia.

Agora, eu volto a citar o Tenente Gilson aquele Tenente que brigou comigo para ir estagiar no Vale do Serchio. Ele estava totalmente esgotado, não dormia, vivia em permanente vigília. Telefonava constantemente, dizendo-me que ia dormir, mas eu escutava perfeitamente a sua tosse pelo *hand talk* ou pelo telefone de campanha. O sargento Santino e o soldado Geninho, mensageiro do Pelotão, ficavam com desvelo e carinho, assistindo seu Tenente. O soldado Geninho era o centroavante do Botafogo de Futebol e Regatas, grande soldado na guerra e um homem humano e inteligente em tempo de paz.

Eu falei acima sobre as ligações rádio e fio. Eram constantes e permanentes e sua manutenção era feita sempre a qualquer tempo e a qualquer hora pelos homens de Comunicações que, no nosso caso, tinham à frente um sargento que foi realmente um grande herói. Era o sargento Manoel Maria de Vasconcelos, que foi depois da guerra professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esse homem, sem ordem alguma, testava os circuitos, ensinava como fazer as ligações, dirigia os mensageiros; seu comportamento era exemplar em todas as ocasiões. Parecia uma máquina que funcionava sem precisar de qualquer controle. Em combate, operava tranqüilamente, dando uma demonstração cabal de que os combatentes brasileiros eram tenazes e sabiam perfeitamente o que estavam fazendo.

Ao deixar essas posições, fomos colocados novamente em reserva na região de Porreta Terme. Dessa vez, fomos acantonar em outros prédios à direita da rua e não mais na região frontal da cidade, onde tivéramos anteriormente, local muito atingido pelos bombardeios. Aliás, recordo que, naquela ocasião, granadas nos atingiram em cheio, causando um grande número de baixas. Desse episódio, saiu gravemente ferido o Tenente Afrânio Viçoso Jardim, da Cia de Transmissões, e a 5ª Cia perdeu o bravo 3º sargento Paulo Inácio de Araújo. Um soldado, Ramon Merayo, perdeu o braço. Outros feridos ali tivemos com menor gravidade. Impossível descrever, após o bombardeio, nossa ansiedade para controlar e verificar as faltas de nossos soldados!

Muito bem, voltamos a Porreta agora. Já é o fim do inverno que, segundo as notícias da época, foi um dos mais rigorosos na Itália, nos últimos tempos. O homem

brasileiro, acostumado ao clima quente, resistiu e superou tudo isso. Abandonou os seus borzeguins. Usou somente as galochas e as forrou com feno, evitando assim a falta de circulação e o pé-de-trincheira. Foi instruído, aprendeu ações ofensivas e defensivas e aí está novamente em reserva, reorganizando-se para próximas ações.

Visando às próximas operações, foram expedidas ordens para revisar o aprestamento das unidades da Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE). Isto posto, em determinado dia, recebemos ordens de execução e treinamento da Subunidade, por meio de um exercício de ataque, dentro de uma operação simples, tudo ao comando de nosso Capitão Valdir. Fomos transportados até um determinado ponto e, de lá, marchamos até a região escolhida. O Comando da Cia deu missões aos pelotões, forneceu os apoios necessários e o hipotético ataque foi realizado a contento. A 5ª Companhia era tropa veterana e o Capitão tinha realmente a Companhia na mão. Na volta, ao chegar ao local de acantonamento, a tropa, em forma, presta continência ao terreno. Essa era a 5ª Companhia de Fuzileiros.

O inverno estava terminando e o nosso Batalhão é colocado em reserva para tomar parte na ofensiva que se avizinhava e que estava programada para fevereiro de 1945. Nessa altura dos acontecimentos, o V Exército, que sofrera dificuldades de suprimentos de material e de pessoal, recebera em reforço uma Divisão de Infantaria de Montanha, a 10ª Divisão, recém-chegada dos Estados Unidos, que havia sido concentrada na Região de Vidiciatico, local de relativa calma. Essa Divisão seria a ponta de lança no ataque planejado para os dias 18, 19, 20 e 21 de fevereiro de 1945.

Como já disse acima, o II Batalhão, colocado em reserva para tomar parte nessa manobra, cerra sobre a Região de Crociale, que fica logo ao sul da região de Monte Castelo. Junto ao seu Posto de Comando (PC), ficou o da 5ª Companhia. O nosso Capitão se dirige ao II Batalhão e recebe as ordens necessárias para o cumprimento da próxima missão.

O inimigo, entretanto, está presente, o que se verifica através de uma concentração de artilharia em que uma das granadas atinge o PC do Batalhão, causando baixas fatais. Estávamos acantonados em uma casa próxima ao PC. O Capitão, chega, então, cansado, cheio de lama, deita na cama, sob reclamos da mulher do italiano que disse: "*Qui dormiri noi*". O capitão responde: "Noi, coisa nenhuma. Essa cama é minha". Em seguida nos mostra na carta a manobra, que seria um ataque frontal e, logo após, um ataque nas direções norte-noroeste e norte-nordeste e as elevações básicas de Pizzo di Campiano e Monte Belvedere.

Depois, já no fim, Monte Castelo e M. della Torraccia. Essa manobra nos foi mostrada em detalhe pelo Capitão Comandante, ali, em Crociale e não sabíamos, ainda, qual seria a missão da 5ª Companhia. Nós estávamos na reserva e essa ordem

nos chegou mais tarde porque o Comandante do Regimento passara a 5ª Companhia por insistência do Comandante do 1º Batalhão, Major Uzeda, à sua disposição. A Companhia se dirige para a Região de Gaggio-Montano, a fim de se apresentar ao Comandante do 1º Batalhão.

O ataque já estava sendo desencadeado com sucesso. A Companhia recebe ordens de partir de Crociale até a Região de La Grilla e transpõe a estrada que atravessa Gaggio-Montano, onde se tem a primeira visão do compartimento do ataque. O Sol começava a se ocultar, mas ainda iluminava a região – um amplo compartimento. Havia inclusive neve nos grotões das maiores alturas. A Companhia faz o primeiro contato com o Comandante do I Batalhão na Região de Mazzancana. Nessa região, o Comandante do I Batalhão, Major Uzeda, dá ordem por escrito ao Capitão Valdir e exige recibo. As palavras não foram bem essas, mas a ordem foi a seguinte: "Deveis ultrapassar a 3ª Companhia e atingir a cota 977 na Região de Monte Castelo". Estavam em companhia do Major Uzeda os Capitães Arnóbio Pinto de Mendonça e Hildebrando Góes Cardoso, ambos de seu Batalhão.

Como eu já disse, as palavras do Major Uzeda foram indelicadas, sua maneira de se dirigir ao Capitão Valdir não fora gentil, o que magoou profundamente o Capitão, homem digno, capaz e forte. Em seguida, progredimos na direção da cota 977 até o objetivo final. O Capitão Valdir faz a ligação com as duas outras companhias do 1º Batalhão, menos com a 3ª Companhia, pois houvera um incidente com a Divisão de Montanha americana. Os dois capitães com os quais foram feitas as ligações eram Everaldo José da Silva e Yeddo Jacob Blauth.

Após a ligação, quando os capitães citados voltam às suas posições, há um bombardeio sobre nós e tivemos baixas, principalmente na Seção de Comando, algumas fatais.

Na ultrapassagem do Pelotão de Petrechos da 1ª Companhia do I Batalhão, um de seus tenentes foi morto em ação. Esse Tenente adoecera, tivera alta do hospital e no dia desse ataque estava à testa de seu Pelotão. Durante o combate, nós passamos por ele, que exaurido colocava neve na boca. Ao final do ataque, uma granada inimiga o matou.

Tínhamos a Divisão de Montanha atacando La Torraccia, que é logo adiante. Nós atacamos Monte Castelo. De repente, divisamos grupos de soldados em C. Zolfo. Poderiam ser inimigos. Íamos atirar, mas o Capitão não permitiu. Divisamos, então, soldados da Divisão de Montanha americana, perdidos durante o ataque, trazendo, carregado numa lona de barraca, um soldado americano ferido e conduzido por alemães que eles fizeram prisioneiros. Os americanos, em inglês, desorientados, pedem-nos notícias de como chegar a *main road* (estrada principal), coisa que naquele

momento era difícil para nós explicarmos. Finalmente, por gestos, foi mostrada a direção, para eles socorrerem o seu ferido e conduzirem seus prisioneiros, saindo da situação difícil em que se encontravam.

Ao galgar Monte Castelo, já à meia-luz, o sargento auxiliar do 1º Pelotão Roque Valença comunica ao Subcomandante que está faltando gente, muitos perdidos e sem orientação. Resolvemos fazer a ligação através de um sinal luminoso. O sargento pega o projetor e bate com este no solo, saindo a estrela verde. Isso foi visto no PC do Regimento. Logo a seguir, vem o Observador Avançado, Tenente Cândido Manoel Ribeiro, com sua equipe de ligação. Ele traz na cabeça as duas caixas do equipamento de sua Estação de Rádio e, logo em seguida, a coloca no ar, transmitindo para o Oficial-de-Ligação, no PC do Batalhão, que a crista de Monte Castelo estava ocupada. Anoiteceu e passamos a nos preocupar e a nos preparar para repelir o contra-ataque. É um corre-corre tremendo. Todos cavando abrigos, posições de tiro e *fox holes*. Nós sabíamos da possibilidade da ocorrência de reação inimiga e não era hora mais de vacilar. Todos organizam o terreno rapidamente. Chega um comboio do 1º Batalhão comandado pelo Capitão Renato Augusto de Castro Muniz de Aragão, Subcomandante do Batalhão. Ele é pai do General Aragão, Técnico. Em sua companhia, vem o 1º Tenente Erasto Pires Sayão, Subcomandante da 1ª Companhia do 1º Batalhão. São distribuídos suprimentos somente para a tropa do I Batalhão. Nós da 5ª Companhia nada recebemos.

Ao amanhecer do dia seguinte, o Major Uzeda aparece com seu séquito, dirige-nos algumas palavras e segue para a sua 1ª Companhia. De repente, uma granada explode na crista, no meio da nossa posição. O Tenente Bicudo, à viva voz, grita: "Capitão, o soldado Rubens foi atingido". Era um soldado nosso chamado a atenção por consecutivas falhas de disciplina. Tinha sido transferido da Companhia, mas pediu ao Major Syzeno para interceder junto ao Capitão Valdir por sua volta para a 5ª Companhia. Já fora advertido por ter em combate se exposto desnecessariamente ao inimigo. Não usava capacete de aço e não cavara abrigo. Foi punido pelo destino, praticamente degolado pelo impacto. Seu capacete de fibra, contendo parte do couro cabeludo, foi cair no abrigo do Comandante do Pelotão.

A missão, após o ataque vitorioso, devia prosseguir sobre M. della Caselina e La Serra, mais à direita de Monte Castelo porque Torraccia ainda resistia. Nessa ocasião, a 5ª Companhia é recuperada pelo 2º Batalhão e vai a um novo ponto de reunião aguardar ordens e se reorganizar na Região de Casa Guanela, onde dormimos. No dia seguinte, tivemos a visita de nosso Capitão Capelão.

Logo em seguida, a Companhia é lançada sobre La Serra, onde já se encontrava a 6ª Companhia do Capitão Wolfango. Ele já tinha lançado seus pelotões, Tenente

Apolo, Tenente Deschamps e Tenente Chaon (Moysés), já atuando nos objetivos previstos. Tendo como reforço, elementos do 11º RI e também da nossa 4ª Companhia.

Durante a noite em que passamos em Della Caselina, onde estavam justapostos os postos de Comando da 6ª e da 5ª Cia, tive ocasião de presenciar a atitude serena do Cap Valdir, que, com seu modo jovial, apesar do sibilar das granadas que faziam tremer a casa onde nos alojávamos, transmitia algumas idéias ao Comandante da 6ª Companhia que, com a carta da região e uma lanterna (*flash light*), procurava orientar o Comandante de um dos seus pelotões.

Após a conquista de La Serra, entregamos a posição aos americanos da 10ª Divisão de Montanha. Recebemos ordens de ocupar, em substituição também aos americanos, a Região de Capela Di Ronchidos.

Reconhecemos a posição e tivemos estreitos contatos com a tropa americana que iríamos substituir e, no caminho, estivemos no Posto de Comando de um Batalhão do 11º RI. O Comandante da Companhia (americana) tinha sido ferido e seu substituto, no Comando, era um Tenente baixinho, simpático, moço, muito mais moço do que qualquer um de nós. Ele nos mostrou tudo. Nos entendimentos, ficou acertado, para nós e também para o Batalhão, o fornecimento de guias que iriam nos orientar no deslocamento para Capela Di Ronchidos (destino da 5ª Companhia), Belvedere e Gorgolesco.

Pouco antes, ao realizar o reconhecimento de mortos em ação, chamado por um Tenente Comandante de Pelotão, eu recebi um choque emocional. É preciso aqui uma explicação. Ao sairmos para La Serra, notei que havia muitas faltas no efetivo de um dos pelotões. Ao interpelar o Tenente, sobre a quantidade de faltas, ele me respondeu que os homens ausentes estavam enfermos.

Energicamente, disse ao Tenente que chamasse todos os doentes e os colocasse em forma, o que foi feito. O Pelotão partiu completo para ação. O Tenente Cândido, Observador Avançado de Artilharia, presenciou o fato dizendo-me: "Nunca pensei que você fosse capaz de tal atitude".

Mas, aí é que está o valor de um Tenente. Na hora da missão, não pode haver companheirismo. A fatalidade fez com que um desses homens fosse vitimado em combate. Tratava-se do soldado Francisco Walter Savastano, cujos restos repousam no Monumento. Ao observar, no solo, aqueles soldados inertes, uns eram nossos, outros eram da 6ª Companhia, o Tenente aponta para um deles e diz: "Esse era um daqueles que você fez entrar em forma!" "Qual seria a minha reação? Nenhuma, eu dei as costas e me retirei. Eu tinha e tenho, até hoje, a minha consciência tranqüila. Cumpri o meu dever, a minha obrigação. Aquilo foi uma fatalidade. Lastimo, lastimo muito e reverencio a sua memória. Foi um soldado brasileiro que ali tombou."

A Companhia se dirige a seu novo destino, Capela Di Ronchidos. Ultrapassamos umas Posições de Bateria, não sei se eram nossas (de Grupos da nossa AD) ou americanas (10ª Divisão de Montanha). Logo surgem dois homens da Divisão americana, que serviriam de guias sem equipamento, portando unicamente carabinas .30. A 5ª Companhia permanecia totalmente equipada. Tivemos jornadas duras em Monte Castelo, La Serra, com deslocamentos árduos, em locais íngremes, missões para soldado treinado. Naquela situação, os guias eram montanheses e sem equipamento. De vez em quando, eu gritava para os dois americanos: "*stop*" e eles paravam. Passei a ser o Regulador de Marcha, previsto em nosso Manual de Serviço em Campanha. Com esse procedimento, evitei o alongamento da coluna e a dispersão do pessoal. Chegamos a tempo e, ao amanhecer, estávamos em posição em Capela Di Ronchidos.

Tivemos notícias de que os americanos tinham conquistado Torraccia e o 6º RI, Castelnuovo Di Vergato.

A tropa, nessa posição, organizou várias patrulhas que foram realizadas durante o dia. Entre nós, havia um Destacamento de Carros-de-Combate americanos que atendia os nossos pedidos de fogo, sobre determinados objetivos na linha de frente. O Tenente, antigo ferroviário no Texas, tinha dificuldades em nos entender. Com o tempo, tudo deu certo. Nossos pedidos eram normalmente executados. Houve um perfeito entrosamento com a tropa aliada nas atividades de patrulha, quando sofremos baixas e fizemos prisioneiros.

O I Batalhão ficou mais à esquerda, sendo criado naquela região o Destacamento Olivier. Tivemos um Grupo de Combate nosso, mais a Companhia de Canhões Anticarro do Regimento, que ocupou Pizzo Di Campiano, lá em cima, nas alturas do flanco-oeste. Isso liberou os americanos para prosseguimento em suas manobras.

O Batalhão entrega a posição de Ronchidos e é colocado em reserva na Região de Vidiciatico, que fica ao sul dessas alturas. Começa então um grande reajustamento. Há notícias de uma Grande Ofensiva que seria desencadeada em abril. Estamos em fim de março. É a Ofensiva da Primavera. Recebemos ordens de reconhecer regiões imediatamente ao sul de Montese, onde seria realizado o ataque. O nosso Batalhão recebe ordens para substituir elementos do 370º Regimento americano da 92ª Divisão que atuavam na região Leste e mais ao Norte de Sassomolare.

Essa tropa destoava completamente, em suas ações e atitudes, das demais unidades americanas ou aliadas com que tivemos contato. Era comandada por brancos e os oficiais superiores e capitães também o eram. Daí para baixo eram negros. Era uma prova cabal do racismo americano.

A reação de seus componentes (negros) era de total e completa indiferença a tudo. Abandonavam completamente suas posições e material. Não queriam coisíssima

alguma. Depois do incidente, no Vale do Serchio, foi retirada de linha e reorganizada. Dois de seus batalhões foram colocados à retaguarda para serviços diversos, principalmente os de faxina e de recuperação de estradas. O outro Batalhão, reforçado por mais alguns elementos, passou a cumprir a missão que cabia ao 370º Regimento. Parte desses elementos foi substituída na Região de Montese, pelos nossos II e III batalhões.

Foram feitos reconhecimentos em posições situadas a sudeste de Montese, na Região de Campo Del Sole e de Tamburini.

Entramos em posição já sabendo do que se tratava e que o ataque não seria realizado por tropa nossa e sim do 11º RI que estava mais à esquerda. Nessa ocupação de posição, a Companhia fez vários contatos, inclusive realizou patrulhas à luz do dia. Eu estava respondendo pelo Comando, pois o Capitão estava "estressado", termo usado hoje em dia, naquela época era "estafa". Foi um problema que, mais tarde, transformou-se num problema cardíaco. Felizmente, o Comando não sofreu solução de continuidade. Toda missão recebida foi cumprida.

A 5ª Cia organizou uma patrulha, lançada à Região Sudoeste de Montese. Sua organização, seu emprego e acompanhamento ficaram a meu cargo, como Subcomandante. Organizada a patrulha com voluntários, efetivo de um Grupo de Combate, a mesma se dirige para o Cemitério de Montese, como estava previsto. Houve recomendação para que marcasse o itinerário com fitas amarelas, devido à possibilidade de existência de minas. A progressão seria feita durante o dia e dominada pelos observatórios de Serreto e Paravento. Acompanhávamos o deslocamento da patrulha, até o ponto em que desapareceu no terreno, na região marcada como objetivo. Pelo rádio, era mantida comunicação comigo, e eu transmitia as informações ao PC da 5ª Cia, onde o Cap Valdir controlava o desenrolar da situação e aguardava ordens do Comandante do Batalhão.

Tudo parecia correr sem alteração, até que recebemos ordens de determinar o recolhimento da patrulha. Estávamos já ao cair da tarde e, até então, nenhuma reação do inimigo. O sargento Jonas, Comandante da patrulha, recebe ordem de regressar, e os primeiros homens podiam ser vistos do nosso Posto de Observação (PO) utilizando o mesmo itinerário de ida. Súbito, ouvem-se tiros partidos da Região da La Torre e um sinal luminoso, com estrelas verdes e vermelhas, parte daquele ponto. Era o sinal para desencadear os fogos de morteiros e metralhadoras da resistência inimiga, que ali se encontrava. Os tiros de morteiro são precisos e causam desorganização na execução do retraimento, assim como a baixa de alguns de seus integrantes. A comunicação é feita, de imediato, ao Posto de Comando da 5ª Companhia, que solicita fogos sobre a região inimiga. Os homens são acolhidos na região de nosso PO

e constatam-se seis baixas: três mortos e três feridos. Dentre os feridos, estavam o próprio sargento Jonas Godoy, e o cabo Auxiliar Didi Soares, os últimos a deixarem a posição. Houve um desaparecido. O aspecto e a fisionomia desse soldado jamais esquecerei. Ele estava barbado e era o último homem na coluna do Grupo de Combate. Ele não regressou e nunca foi encontrado. É um dos desaparecidos da FEB.

Após os resultados obtidos pela ação das patrulhas enviadas à frente, ficou claro que os alemães resistiriam ao ataque e dificultariam a tão desejada ruptura de suas defesas.

As operações continuavam e fomos lançados mais adiante para reforçar a 6ª Companhia.

Tivemos oportunidade de sentir a organização defensiva do soldado alemão. Em Tamburini, no dia 13 de abril, foram intensos os bombardeios que sofremos. Em 14 de abril, dia do ataque propriamente dito, sua resistência foi tenaz. O bombardeio de nossa Artilharia foi tremendo, emocionante. Foi um espetáculo digno de registro. A sua eficaz ação consegue realmente conter a resistência do inimigo como um todo.

Aparecem inúmeros alemães se entregando e são conduzidos, como prisioneiros para a retaguarda. Vejo, então, um Comandante de Batalhão do 11º RI, um homem valente e imenso de grande, que era o Major Cândido. Ele havia sido meu Capitão no 2º RI. O 11º RI atuava à nossa esquerda e na nossa frente. Nós fizemos ligações com ele e com outro Batalhão ao comando do Major Lisboa, também do 11º RI. Esses dois batalhões estavam no ataque.

Durante as jornadas de 14 e 15 de abril, o inimigo continua a resistir. Nesse período, tivemos a notícia do falecimento do Presidente Roosevelt, dos EUA, mas isso não abalou o moral do V Exército. Outro espetáculo foi a ação da aviação aliada, inclusive do nosso 1º Grupo de Caça – o “Senta a Pua”. O roncar de seus motores, impressionava-nos. Eles estavam indo para cima do alemão. Para a tropa que estava embaixo, era uma tranqüilidade, pois via que estava sendo apoiada.

Fomos lançados para a Região de Sassomolare. Não sabíamos exatamente a missão. Era o Comandante da FEB, General Mascarenhas de Moraes, que visitava aquela posição do *front*, que hoje é histórica. Pode-se dali descortinar a Região de Montese sendo bombardeada pela Artilharia Divisionária da 1ª DIE e coberta de espessas colunas de fumaça.

O Capitão Wolfango, que era o Comandante da 6ª Cia, recebe o General Mascarenhas para quem explana a situação. O General observa, de binóculo, o campo de batalha. Logo após, a comitiva se retira. Em seguida, veio a ordem para a 5ª Companhia retornar à Divisão e passar à disposição da 4ª Companhia, comandada pelo Cap Vargas. O comandante anterior tinha sido substituído pelo Cap Marcos de Souza Vargas.

Na hora em que aciono os homens para iniciar o deslocamento, um sargento do 2º Pelotão, Manuel Mathias Filho, que tinha um ouvido apurado, gritou: "Tenente, o tedesco atirou", e, em seguida, a granada explode exatamente à direita daquela posição da arma automática. Houve correria e pânico, que procurei contornar. Determinei que os homens se abrigassem nos porões do casarão, onde nos encontrávamos.

Lembro-me de um sargento, do 2º Pelotão, que queria transpor a porta. Todavia, o fuzil em diagonal impossibilitava tal tentativa e a tensão em que ele se encontrava o impedia de entender o que estava acontecendo. Felizmente, o inimigo não prosseguiu na ação, mas tivemos duas baixas, o 2º sargento Zaneli Aguiar, auxiliar do 3º Pelotão, e o soldado José Ferraço, atirador de metralhadora .30 do Pelotão de Petrechos.

Até hoje ainda tenho na memória a visão dos homens sentados junto à parede da casa, e o soldado Ferraço, homem forte, possante, com a metralhadora entre as pernas.

O ferimento deixou-o com os dedos da mão esquerda deformados, só não acontecendo coisa mais grave porque a metralhadora que segurava recebeu o restante dos estilhaços da granada e ficou avariada. O 2º sargento Zaneli foi ferido no ventre, mas sem gravidade. Mais tarde, em plena campanha, o soldado Ferraço foi promovido a sargento.

Coloquei a Companhia em deslocamento na estrada. Ao passar no PC do Regimento, que ficava nessa estrada, fui cumprimentado afetuosamente pelos capitães Moziul Moreira Lima e Manoel Thomaz Castello Branco, este é o autor de um dos melhores livros sobre a FEB, na Campanha da Itália.

A parte operacional do livro esteia-se particularmente no Regimento Sampaio, mas seus relatos, cobrem toda a campanha e dele, muito me valho, quando preciso realizar alguma pesquisa. Orgulho-me de ter cooperado com ele durante a elaboração do livro, pois servíamos juntos no Sampaio.

Havia recebido ordens de me apresentar, como já citei, ao Capitão Vargas. A Companhia estava desfalcada. Só contávamos com o 2º Pelotão, o Pelotão de Petrechos e mais alguns poucos elementos. Eu me deslocava na direção do PC do referido Capitão. Fazia o deslocamento em reconhecimento feito na carta. O PC ficava em Il Monte. O Tempo urgia, escurecia. Em determinado trecho da estrada, cruzamos com elementos do 6º RI, comandados pelo 1º Tenente Ary Miguez. Ele era baixinho, bem falante. Após a guerra, tirou o curso da Escola Técnica (IME). Já faleceu.

Com o devido cuidado, pedi à sentinela que me conduzisse ao Capitão Vargas, que não conhecia, apesar de integrar o II Batalhão desde dezembro de 1944. Tal fato se explica pela contínua movimentação de subunidades. O soldado abriu a rústica porta da casa, batendo de leve com o punho para avisar. Transponho a soleira da

porta e, de início, vejo apenas a luz de uma vela colocada junto a uma mesa, sobre a qual está estendido o Cap Vargas, coberto com uma capa azul-escura. Só apareciam as botas pretas (chamadas botas Natal), que não usávamos. A impressão que tive não foi nada agradável. Pareceu-me estar sendo velado o corpo de algum companheiro.

O soldado telefonista, sentado junto à mesa, com o telefone ao ouvido, em voz baixa, mantinha conversação com algum dos pelotões engajado na frente. Mesmo falando baixo, para deixar o Capitão repousar, este acabou acordando. Só então transmiti o motivo de minha presença, porém ele tinha sido avisado pelo Comandante do Batalhão, Maj Syzeno.

A 4ª Cia sofrera duros golpes pela conquista da cota 778. O Aspirante Mega morreu e o Ten Amorim fora gravemente ferido, ambos comandantes de Pelotão. O corpo do soldado enfermeiro Bomfim jazia num campo minado, necessitando do apoio do Pelotão de Minas para sua retirada. O Cap Vargas colocou seu telefone à minha disposição. Durante a noite, nosso Comandante de Batalhão, Major Syzeno Sarmento, ao telefone me disse: “Ruy, a situação em Montese ainda não está resolvida. Amanhã cedo, você ocupa Paravento e atinja Canello, que é uma ravina que corta Montello e Montebuffone”.

Aguardamos o romper do dia. Uma intensa cerração cai sobre a região, cobrindo tudo. Eu não sabia se eram granadas fumígenas do inimigo. A verdade é que a visibilidade era muito difícil. De repente, chegam soldados transportando o corpo de seu Comandante de Pelotão, o Aspirante Mega. Nota-se o especial carinho e dedicação ao seu chefe. Entregam o corpo ao Capitão Vargas e o colocam no solo. Dou uma ordem e retiro meus homens dali. Não era bom psicologicamente assistir àquela cena, pois iríamos entrar em combate.

Chegamos a Paravento e aí diviso o cenário das alturas ao Nordeste de Montese. Numa encosta, o cadáver de um soldado alemão, encostado num barranco, com gaze enrolada na cabeça. O corpo já inchado. Mais adiante, um carro de combate americano avariado e abandonado. A luta tinha sido cruenta.

Muito bem, Paravento estava em nossas mãos e, no reconhecimento, vimos que os alemães tinham ali um PC que funcionava no subsolo. As paredes todas forradas de pano branco (lençóis), inclusive o teto, e material de toda ordem abandonado. Telefones, equipamentos diversos, armamento e munição.

De repente, chega o Capitão Comandante da Companhia. com a ordem de recolhimento da mesma. Eu reuno os homens. O Capitão deixa o *jeep* comigo. Dou ordens para que o pessoal deixe tudo que tinha apreendido na região. Cada um deveria ficar somente com o seu equipamento. Recolhi o material no reboque do *jeep*. Nossas rações tinham vindo na referida viatura e foram distribuídas aos ho-

mens. Indo para a Região de Tamburini, divisamos um espetáculo inteiramente novo. Eram as tropas da Divisão Blindada americana que estavam se reunindo para romper o dispositivo para o Norte, na direção das passagens do Pó.

Daquele local, a ordem era correr para o Rio Pó. São então organizados os grupamentos táticos do General Cordeiro de Faria, do General Zenóbio e do Gen Falconiere. Nosso Batalhão ficou no Grupamento Tático do Gen Cordeiro.

A Infantaria, que se desloca a pé, passa a ser transportada nos caminhões da Artilharia. Foi uma grande decisão do Gen Mascarenhas.

Sucederam-se os combates de Zocca, Collecchio e Fornovo e a conseqüente rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã e da Divisão Bersaglieri Itália, além de remanescentes da 90ª Divisão Panzer alemã.

Por um capricho do destino, essas tropas foram as que nos enfrentaram no batismo de fogo da FEB no Vale do Serchio. O nosso 2º Batalhão, ocupando Salsomaggiore, concretiza o cerco dessas tropas.

Destaco nesse cerco, o trabalho do Esquadrão do Capitão Pitaluga. Foi o nosso representante cavalariano e teve atuação destacada dentro da FEB.

Com o combate de Collecchio e Fornovo, a nossa missão na guerra propriamente dita foi encerrada.

Após tantos anos, uma forte impressão do que assisti e participei naquela Campanha ficou indelevelmente em minha memória.

Não posso deixar de citar três nomes: Coronel Caiado de Castro, Comandante do Regimento Sampaio, Major Syseno Sarmento, Comandante do II Batalhão do 1º RI e Capitão Valdir Moreira Sampaio, Comandante da 5ª Companhia que, por tudo que realizou, foi condecorado com a medalha *Bronze Star* pelos americanos.

Esses três homens deram exemplos magníficos de liderança para seus oficiais, sargentos e soldados.

Eles se irmanaram a tantos outros, fazendo da FEB motivo de orgulho para o Brasil, pelo seu marcante desempenho, comprovado por resultados concretos na Campanha da Itália.

General-de-Brigada João Evangelista Mendes da Rocha*

Nasceu na Cidade de Piracuruca - PI. Oriundo do Colégio Militar do Ceará, foi declarado Aspirante-a-Oficial da Arma de Infantaria em 22 de novembro de 1937. Realizou, como oficial, os cursos de Técnica de Ensino e da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais – EsAO. Como Aspirante-a-Oficial, foi designado para o 13º BC, Joinvile – SC, e, em seguida, transferido para o 5º BC, Itapetininga – SP. Como 1º Tenente, foi transferido do 1º Batalhão de Fronteira (Foz do Iguaçu – PR) para o 6º Regimento de Infantaria (Caçapava – SP), Unidade integrante da 1ª DIE, que fez parte do 1º escalão da FEB e onde permaneceu do começo ao fim da guerra. Tomou parte diretamente nas operações de Camaiore, Monte Prano, Lama di Sotto, Montecavalloro, Boscacio, Soprassasso, Castelnuovo, Collecchio e Fornovo, assim como no ataque de Barga. Promovido a Capitão em dezembro de 1944, passou de Subcomandante da 2ª Cia / 6º RI ao comando da mesma. Após a guerra, serviu na 1ª Circunscrição de Recrutamento Militar, RJ; 9º BC, Caxias do Sul; 19º RI, São Leopoldo – RS; Diretoria de Ensino do Exército, RJ; 3º RI, São Gonçalo – RJ; 2º BIB, São Cristóvão – RJ. Comandou a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. Em 1985, foi promovido a Coronel, chegando, em seguida, na inatividade, ao posto de General-de-Brigada. Na reserva, graduou-se em Administração Pública pela EBAP / FGV – RJ e em Problemas Brasileiros pela FCC / UFRJ. Autor dos livros *Senha* e *Contra-Senha*, *A Serviço do Brasil*, *E o Sonho Continua* e *Nacionalismo Tem Sentido, Sim!* Membro Efetivo e Perpétuo da Academia de Letras da Região de Sete Cidades (Piauí), ocupando a cadeira nº 10. Dentre as condecorações que lhe foram outorgadas, pela sua participação na Segunda Guerra Mundial, destacam-se: Cruz de Combate de 2ª Classe; Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

---

* Subcomandante e, depois, Comandante da 2ª Cia / 6º RI, entrevistado em 11 de outubro de 2000.

Logo de início, quero louvar a idéia do Projeto História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial. Uma idéia-força, eu diria, porque vai mostrar, em seus múltiplos aspectos e através de numerosos e diversificados relatos, a campanha da FEB que, na Itália, procurou cumprir o seu dever e da qual fui participante com muito orgulho.

Lamento por outro lado a demora na elaboração dessa história porque muitos companheiros, mais categorizados, já se foram de nossa vida e cujo depoimento teria sido de grande valia a todos nós.

No Brasil, o ambiente de um modo geral era de desânimo porque nessa época nós enfrentávamos uma ditadura que era simpática ao Eixo, através de vários ministros e até chefes militares nossos.

Isso foi verdadeiro até 1942, quando, face ao torpedeamento de nossos navios, declaramos guerra ao Eixo.

Sentimos, então, o clamor do povo nas ruas pedindo patrioticamente o nosso ingresso naquele conflito mundial. Verdade se diga que essa causa aliada foi sempre simpática a alguns ministros nossos no governo, mas não chegou a ser suficiente para que o Brasil, logo de início, guardando uma neutralidade até certo ponto sem sentido, enfrentasse a guerra.

Temíamos uma invasão à Ilha de Fernando de Noronha e ao saliente nordestino. Numa conferência realizada em Natal, entre os presidentes Vargas e Roosewelt dos Estados Unidos da América, ficou decidida a cooperação americana ao Brasil, em meios navais e aéreos.

A minha designação para a FEB deu-se quando eu servia no 1º Batalhão de Fronteira, Foz do Iguaçu, e fui transferido para o 6º Regimento de Infantaria. Este Regimento, sediado em Caçapava-SP, tinha um Batalhão em Taubaté e outro em Pindamonhangaba. Para este último eu fui designado. Como era 1º Tenente e mais antigo, por falta de capitães, sempre comandei Companhia.

Nossa instrução foi muito deficiente. Faltavam manuais de instrução e os poucos existentes tínhamos que traduzi-los. Faltava armamento e equipamento. A burocracia era uma coisa de arrepiar os cabelos. Para grande preocupação dos comandantes, era imensa a quantidade de papelada a resolver. Como conseqüência, a instrução foi prejudicada.

No Rio de Janeiro, Vila Militar, fazíamos muito exercício de tiro no velho estande ali existente. Quanto à parte física, fomos bem preparados. Saíamos do Campo de Instrução de Gericinó, local de nosso aquartelamento, em corrida, até a estação de Deodoro. Exercícios de combate e preparação para a guerra, bem como embarque e desembarque de navios, deixaram a desejar.

O embarque foi uma total surpresa. Recebemos ordens de nos aprestarmos para realizar manobras. De repente, seguimos para a Estação da Vila Militar e, neste local, embarcamos em seis ou sete composições ferroviárias, às quais foram diretamente para o Cais do Porto. Isso foi no dia 29 de junho de 1944. O embarque da tropa finalmente se deu no Rio de Janeiro em 2 de julho. A conduta da tropa foi modelar. Não houve pânico nem indisciplina. Todos estavam conscientes da ida para a guerra e do dever a ser cumprido.

A viagem foi tranqüila. Apenas uma vez houve ameaça de submarino. Lembro-me de que todos, em expectativa nervosa, ficamos durante três ou quatro horas, cada grupo em seus botes, prontos para lançamento ao mar. Felizmente, nada de anormal aconteceu. No dia seguinte de nossa chegada a Nápoles, houve um bombardeio alemão ao cais da referida cidade. Eles erraram por 24 horas. Nós já estávamos acantonados.

Antes de entrarmos em combate, tivemos uma preparação, mais ou menos técnica, sob a direção dos americanos. Os cursos eram realizados perto de Tarquinia. Somente os especialistas freqüentavam as escolas nesse local. O fuzileiro volteador ficava na expectativa da chegada do armamento. Tínhamos o fuzil *Springfield*, tipo Mauser de repetição. O que nos prometeram foi o *Garand*, semi-automático, e que não foi fornecido.

Somente mais tarde, na minha Companhia e por ocasião da substituição da 92ª DI americana, apoderamo-nos do referido fuzil. Ao serem substituídos, os americanos dessa malconceituada Divisão, displicentemente, abandonavam seu armamento nas posições. Nós então fazíamos a substituição do *Springfield* pelo *Garand*.

Nossa estréia no *front* deu-se na noite de 15 para 16 de setembro de 1944, com natural nervosismo para uma tropa estreante.

No dia seguinte, a nossa Companhia, a 2ª do 6º RI, recebeu ordens para avançar. Conquistamos os primeiros povoados, sempre muito bem recebidos pelos italianos que nos ofereciam vinho, mostrando a grande hospitalidade que por nós sempre tiveram. Finalmente, recebemos ordens para tomar e ocupar Camaiore.

Nosso Comandante, na época Capitão, liderou o Grupamento nessa operação. Cerramos sobre a cidade e na oportunidade passamos a ter contato e a receber os tiros do terrível canhão 88mm. Surgiram os primeiros feridos e logo passamos a receber fogos de Monte Prano, o qual teve que ser por nós conquistado três ou quatro dias após. Nesse ataque, deu-se o nosso Batismo de Fogo.

No Vale do Serchio, além de Camaiore e Monte Prano, houve o frustrado ataque a Barga. Quando minha companhia ultrapassou a 8ª Companhia do Cap Los Reis, este nos advertiu, através de informações, que teríamos grandes dificuldades ao atingir as alturas de Lama di Sotto. “O alemão está dominante e muito forte e os fará recuar.” Não deu nada diferente do que nos foi dito. Recuamos perdendo grande

quantidade de fio. É preciso frisar que o alemão sempre retraía e ocupava alturas que lhes forneciam pontos fortes e dominantes. O que aconteceu em Barga foi que eles retraíram, mas prepararam o contra-ataque. No nosso Batalhão, a 3ª Companhia sofreu muito e as 1ª e 2ª Companhias igualmente tiveram que recuar. Neste combate, nosso Capitão Ayrosa sofreu seu primeiro ferimento. Recebeu a citação do Tenente-General Mark Clark, Comandante do V Exército americano, Grande Comando a que pertencíamos. Em seguida, o Regimento foi atuar no Vale do Reno com a missão de conquistar Castelnuovo. Minha Companhia recebeu como objetivo a cota 722, conquista que realizamos, materializando a posse daquele baluarte.

Tanto na operação acima, como em Collecchio e Fornovo, tivemos a colaboração do 11º RI, sendo que, nestas últimas localidades, do Batalhão do Major Ramagem. Apreendemos um grande arsenal de guerra dos alemães dentro de Collecchio. Nessas ações, merecem louvor especial os pelotões e pequenas unidades, frações. As patrulhas, que considero a célula-mãe da FEB, engrandeceram a nossa ação na Itália.

Falar sobre a campanha implica citar o nosso soldado, homem simples, de porte médio e modesto, que se agigantou na guerra, apesar do precário treinamento.

Por incrível que pareça, quando se engajaram em combate e tomaram consciência de que representavam o Brasil, numa guerra em solo estrangeiro, ao lado de soldados de outras nações, eles criaram alma nova e foram bravos e valorosos.

Os oficiais da ativa pareciam que estavam num exercício comum. Quanto aos oficiais R/2, foram a grande surpresa. Eles agiram como se tivessem freqüentado as mesmas escolas de formação dos oficiais da ativa. Na minha Companhia, a maioria de subalternos era de oficiais R/2. Eles tiveram um perfeito desempenho.

Os nossos homens conseguiram também uma excelente adaptação ao clima. Neve, chuva e frio com temperatura de vários graus abaixo de zero. Para o frio nos pés, usavam unicamente o galochão forrado com feno e jornal. Assim, mantinham a circulação e evitavam o pé-de-trincheira. Recebemos também ótimos agasalhos dos americanos.

Com a dureza do combate, terreno montanhoso, clima adverso e demais dificuldades, era lógico que as baixas acontecessem, causadas por ferimentos em ação, acidentes e doença.

Nós tivemos uma boa quantidade de médicos na Companhia que foram convocados como oficiais combatentes e atuaram assim até o final da guerra. Eles, às vezes, lembravam-se de que eram médicos e passavam a atender doentes e feridos. Quanto aos padioleiros, foram sempre bravos e valentes. Mereceram nossos aplausos.

Combatemos num terreno difícil, lama em quantidade, clima frio, com chuvas constantes e contra o melhor soldado do mundo, o alemão, um cumpridor de ordens. Em sua casamata, podia não estar o tenente ou outro superior, mas eles cumpriam a

missão até as últimas conseqüências. Tivemos um exemplo na tomada de Soprassasso. Um homem obcecado, nesta época, com fraca alimentação. Nós encontramos biscoitos que, misturados com água, transformavam-se na sopa para eles. Ocupavam poderosos abrigos, construídos em pontos dominantes. Não se revelavam ao inimigo. Nesse ponto, nosso soldado era displicente.

Os alemães usavam muita propaganda. Nossas posições ficavam cheias de panfletos por eles lançados. Alguns visavam a abater nosso moral, com os seguintes dizeres por exemplo: “Enquanto você está aqui guerreando, sua noiva está com outro no Brasil.” O nosso soldado, além de não dar a menor atenção àquela panfletagem, achava graça desse trabalho inútil do inimigo.

Sobre o soldado aliado posso dizer que os americanos, com exceção da 92ª DI, causaram-nos excelente impressão. Recebemos deles ótimo tratamento e apoio logístico. Com os ingleses, não tivemos contato, eram isolados e soberbos. Não queriam receber o apoio americano. Com a 10ª Divisão de Montanha americana, não tivemos contato. Ela ficou mais entrosada com o Sampaio, 1º RI. Igualmente, aconteceu com a 1ª ELO e o 1º Grupo de Caça. De um modo geral, suas atuações foram muito ligadas ao Sampaio. Nós estávamos em outro setor.

Nós fizemos a guerra e jamais poderemos esquecer aqueles que foram sacrificados no cumprimento do dever, bem como os que tiveram atuação destacada. Foram muitos. Citando alguns, estarei homenageando os demais. Em Castelnuovo, por exemplo, a morte do cabo Romeu Casagrande. Gritando, apressadamente, eu o chamei: “Onde está o chefe da peça?” Ele tinha mais de dois metros de altura e se dirigiu em minha direção. Subitamente, ao se lançar no solo protegendo-se de um bombardeio, caiu em cima da mina fatídica. Eu assisti a tudo. Foi terrível. Pernas e braços voaram em diferentes direções. Isto aconteceu mais ou menos ao meio-dia de 5 de março de 1945. Foi impressionante: um corpo cheio de vida despedaçado desta maneira.

O 2º sargento Andirás Nogueira de Abreu. Faleceu em ação no dia 28 de abril de 1945, em Collecchio, quatro dias antes do término da guerra. Era um bravo, homem simples e tranqüilo, sempre voluntário para qualquer missão. Morreu metralhado, crivado de balas ao investir sobre metralhadoras nazistas que flanqueavam o avanço da Companhia.

O soldado Abel Antonio Mendanha faleceu em ação no dia 29 de abril de 1945, em Collecchio, três dias antes do fim das hostilidades no Teatro de Operações da Itália. Tombou, cumprindo missão de mensageiro, sob forte bombardeio. Durante toda a guerra, em combate, mostrou calma, tenacidade, sangue-frio e desprendimento. Em Belvedere, após chegar de uma patrulha, ocultou o fato de estar ferido e apresentou-se voluntário para outra missão contra o inimigo.

Ao ser escalado para a missão em que perdeu a vida, pediu insistentemente para falar comigo. Eu o recebi pensando que ele estava querendo, desta feita, furtar-se de seguir com a patrulha. Ao chegar a minha presença, disse, meio tenso, na sua simplicidade comovente: "Capitão, tenho um pedido para lhe fazer: Caso não volte, diga a minha mãe e minha família que, na FEB, cumpri o meu dever." Eu respondi: "Abel, isso é mais uma patrulha, você já é um herói e sua família será avisada, mas nada lhe acontecerá. Parece que o Abel estava pressentindo a morte. Após seu falecimento, eu escrevi para a família, mas não pude, lamentavelmente, ir visitá-la como pretendia.

Abel da Rocha Mendanha não fez feio, ao contrário, portou-se sempre dignamente! Além de ser um orgulho para os seus entes queridos, hoje, faz parte, com toda justiça, da imensa galeria dos heróis do Brasil!

Entre os oficiais, o Capitão Ayrosa foi um bravo. Já havia sido ferido anteriormente em Lama di Sotto e por isto foi condecorado. Quase ao final da guerra, uma pesada metralhadora antiaérea castigava o flanco da Companhia. Ele era S3 do Batalhão. Por iniciativa própria, de *jeep* e armado com uma bazuca (lança-rojão), partiu com um soldado motorista, Hilário Décimo Zanesko e o sargento Ápio Aleluia para a destruição da referida arma (metralhadora antiaérea pesada). No choque com os alemães, houve uma tremenda explosão. O *jeep* ficou destroçado, tendo o soldado Zanesko falecido na hora, terrivelmente mutilado. O Ayrosa ficou gravemente ferido, caindo prisioneiro e sendo atendido pelo inimigo. O sargento Ápio milagrosamente escapou incólume, retornando às nossas linhas. Mais tarde, após a rendição alemã ,o Ayrosa foi entregue ao nosso Serviço de Saúde. No dia seguinte, ao ir visitá-lo, tive a impressão de que ele estava morto pelos numerosos estilhaços, alguns ele carregou para o resto da vida. Ele foi criticado por ter abandonado a função de S3 do Batalhão, para realizar aquela temerosa ação, fora de suas atribuições. O Cel Nelson de Melo, no entanto, sempre o enalteceu, destacando o brilho de sua carreira em todas as oportunidades.

Lembro-me também de uma patrulha de Natal. Todos em capotes e capuzes brancos. Na saída da mesma, ao decidir sobre a senha e contra-senha, o sargento Camargo, na sua simplicidade, querendo ser agradável, disse-nos: "A senha é Ayrosa, nosso Comandante de Companhia, e a contra-senha é Evangelista, nosso Subcomandante." Ficamos emocionados mas dissemos que não as usassem, pois se caíssem em mãos alemãs, eles poderiam, de um modo ou de outro, saber os nomes de seus oficiais comandantes.

Faço também uma citação em livro de minha autoria *E o Sonho Continua,* nas páginas 133 e134, a um pronunciamento do bravo 3º sargento Nelson Vasco Gondin, Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia. De sua locução feita, em 8 de

maio de 1996, no Dia da Vitória, como Presidente da Associação dos Veteranos da FEB de Florianópolis – SC, ressalto o seguinte trecho:

Cinqüenta e um anos são passados da vitória das armas brasileiras sobre o nazi-fascismo nos campos da Itália.

Hoje, com nossas figuras envelhecidas, representamos aquela força de brasileiros que de todos os quadrantes da Mãe Pátria atenderam a seu chamado e foram à guerra para vingar a morte de nossos patrícios e revidar as afrontas recebidas.

Não foi a melhor tropa que o Brasil dispunha, contudo surpreendemos nossos comandantes supremos pela nossa valentia e corajosa atuação, merecendo dezenas de destaques. Recebendo o título de Membro Honorário do IV Corpo de Exército norte-americano e elogios do Congresso Nacional dos Estados Unidos da América.

Com nossa juventude, lutamos nas cidades de Camaiore, Monte Prano, Monte Castelo, Castelnuovo, Montese, Zocca, Collecchio e Fornovo di Taro, tendo se processado, nesta última, após ultimato do nosso Comandante Coronel Nelson de Melo, a rendição incondicional e o aprisionamento da 148ª Divisão de Infantaria alemã, parte das Divisões 114 Ligeira e 90 Panzer Granadier alemãs e da Divisão Bersaglieri Itália, num total de 14.779 prisioneiros, dentre estes, 2 generais e 850 oficiais.

Lutamos bravamente contra um inimigo astuto, experiente soldado de grandes campanhas na África e na frente russa, e diga-se, lutamos sempre em situação desvantajosa. Eles sempre entrincheirados e bem armados nas cristas dos morros, e nós sempre subindo os morros íngremes, de difícil acesso, enfrentando a neve, a lama e cascalhos, para dar-lhes combates e expulsá-los de suas posições.

Tivemos 451 companheiros mortos, dentre os quais trinta catarinenses. Não estamos contanto os inválidos e feridos. Todos dando sua participação de sacrifício, com o derramamento de seu generoso sangue.

Somos autores e testemunhas oculares dos grandes feitos do Exército Brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial, na Itália.

Dentre os muitos elogios concedidos à nossa Divisão, destacamos apenas um, a palavra do General Crittenberger, Comandante do IV Corpo de Exército norte-americano, após a tomada de Montese:

"NA JORNADA DE ONTEM, SÓ OS BRASILEIROS MERECEM AS MINHAS IRRESTRITAS CONGRATULAÇÕES, COM O BRILHO DE SEU FEITO E SEU ESPÍRITO OFENSIVO. A TROPA BRASILEIRA ESTÁ EM CONDIÇÕES DE ENSINAR ÀS OUTRAS COMO SE CONQUISTA UMA CIDADE!"

Para encerrar o meu relato sobre a Campanha da Itália, permito-me relembrar o que abordei no meu livro *A Serviço do Brasil*, em sua página 72:

Não há dúvida de que é nas frações menores – grupo de combate, destacamento precursor, pelotão, em particular – quando investidas em missão de patrulha, que

o soldado como se desnuda, o coração e a mente entrando em plena sintonia, os sentimentos mais recônditos de sua alma aflorando com toda intensidade e, então aí, nesse estado de transparência, revela todo seu valor combativo ou toda sua fraqueza humana nos graus mais diversos. Justamente nessas ocasiões é que se detecta a grande diferença entre um pracinha da linha de frente e os demais combatentes da cadeia de comando – os que eram chamados, carinhosamente, de "saco B"; estes mais à retaguarda, por força das próprias funções, mas, por isso mesmo, se davam "ao luxo" de poder encobrir, em parte, seus sentimentos e reações mais fortes. Enquanto os das pequenas frações – os fuzileiros ou os de postos avançados – não teriam como se livrar dos mais variados percalços da guerra, os outros, também bravos combatentes "saco B", mais abrigados das intempéries e mais distantes dos perigos imediatos, estariam como que mais imunes às emoções e tensões mais desgastantes. Estas, com toda sua dose de imprevisto e lances dolorosos, se canalizam "de cara" para o pracinha da linha de frente, onde "a cobra está fumando" mesmo. Para o "soldado desconhecido", afinal, o grande e verdadeiro herói de todas as guerras. E isso porque só as pequenas unidades são os celeiros naturais dos bravos. São elas – as Unidades de 1º escalão – que enveredam perigosamente pela "terra de ninguém" e fazem os primeiros contatos com o inimigo. Uma "terra de ninguém" que, por vezes, é só aparentemente de ninguém , à medida que, mesmo não se deparando fisicamente com o inimigo, tem-se a impressão desse fato e, concretamente, seu rastro de ardis e armadilhas é deixado de propósito para retardar o avanço e fazer novas vítimas.

E pensar que tudo isso foi bravamente experimentado pelo nosso pracinha na Campanha da Itália – um homem simples, humilde, de boa índole, cordial, protótipo fiel do nosso povo oriundo, em sua grande maioria, do interior e das camadas mais carentes da população. Mas, superando a tudo e a todos e mais que isso, sobrepondo-se a si próprio, soube vencer, com a fibra do seu patriotismo, não só um inimigo experimentado e obstinado, mas outros obstáculos como os elementos da natureza – neve e frio – com os quais não se estava habituado.

É por isso que vale a pena lembrar as palavras do meu saudoso Comandante do 1º Batalhão do 6º RI, Major João Carlos Gross, quando da rendição de Fornovo: 'Os nossos pracinhas tiveram a recompensa do seu sacrifício, pois milhares e milhares de arianos da suposta raça superior desfilaram como prisioneiros de guerra diante dos minúsculos mestiços que obrigaram pela força tão importante rendição'."

Finalmente, a guerra terminou. Ouvimos as rádios italianas*: Finita la guerra in Itália*. O nosso Batalhão foi mandado para uma cidade de nome Voghera e lá, em junho de 1945, realizamos um bonito desfile, a Parada da Vitória, sob entusiásticos

aplausos do povo italiano. Vinho rosado em pleno desfile. Ressalto aqui, mais uma vez, o excelente tratamento daquele povo para conosco.

De lá fomos para o Sul, em Francolise, e, desse local, nos deslocamos para Nápoles, onde embarcamos de regresso ao Brasil.

A nossa recepção, no Rio de Janeiro, acho que foi uma coisa nunca vista. O povo invadia a formatura, abraçava-nos, chorava e nos carregava. No dia seguinte, na Vila Militar, ainda chegavam homens perdidos na véspera. Era tropa de São Paulo. Foi uma euforia!

Hoje em dia, passado meio século, sentimos dor e mágoa pelo desconhecimento, indiferença do povo, das elites, dos homens do próprio governo. Com exceção das áreas militares, verifica-se uma verdadeira apatia para com os pracinhas e com o sacrifício deles para atender ao compromisso Internacional da Nação Brasileira na Segunda Guerra Mundial.

Eu sinto orgulho de ter comandado pracinhas tão heróicos. No início, nós não acreditávamos na capacidade do nosso soldado. No final, vimos que estávamos enganados. Nós comandamos uma tropa de bravos.

Fomos a única tropa de Exército sul-americano a combater em solo europeu naquele conflito, tropa que retornou ao Brasil consagrada pelos resultados concretos alcançados.

General-de-Brigada*
Ignácio Rebouças de Mello

Natural da Cidade de Barras, PI, pertence à turma de 22 de novembro de 1937, da Escola Militar do Realengo. Como Tenente serviu, sucessivamente, no 18º Batalhão de Caçadores (BC), em Campo Grande, MT; no 27º BC em Manaus, AM; e no 3º RI, em São Gonçalo, RJ. Em 1943, foi nomeado Ajudante-de-Ordens do General Olympio Falconièri da Cunha, função que desempenhou na guerra, nos Órgãos Não-Divisionários da FEB. Após a guerra, foi nomeado Instrutor do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de São Paulo. Quando cursava a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, no posto de Capitão, em maio de 1949, durante uma demonstração de armamento de uma Divisão de Infantaria, foi ferido por estilhaços de granada de morteiro de 81mm, vindo a ser reformado no posto de Tenente-Coronel.

Por decreto de 10 de outubro de 1953, foi promovido aos postos de Coronel e General-de-Brigada. Recebeu as seguintes medalhas por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Medalha de Campanha; Medalha de Guerra; e Medalha Estrela de Bronze (Estados Unidos). Já reformado, diplomou-se em Relações Públicas e Administração pela Escola Brasileira de Administração Pública. Organizou e dirigiu um escritório comercial, durante cerca de vinte anos.

---

* Ajudante-de-Ordens do General Olympio Falconièri da Cunha, entrevistado em 9 de novembro de 2000.

Desejo que o meu relato sobre a Campanha da FEB inicie quando fui nomeado Ajudante-de-Ordens do General Olympio Falconièri da Cunha.

Aspirante de 1937, fui designado para o 18º Batalhão de Caçadores (BC) em Campo Grande, Mato Grosso, cujo comandante era o então Tenente-Coronel Falconièri.

Terminado o tempo de comando, o Coronel foi transferido e eu, promovido a 2º Tenente, segui para o Amazonas e depois para o 3º RI em São Gonçalo, no então Estado do Rio de Janeiro. Durante um período não tive mais contato com o Coronel, até que um dia recebi uma ligação telefônica de um médico que também havia servido em Campo Grande, perguntando se eu sabia da promoção do Coronel Falconièri a general e ainda mais, tinha a missão de me perguntar se aceitava ser seu Ajudante-de-Ordens.

Eu respondi que sim, que sabia da promoção. Quanto ao convite, disse que a função me era inteiramente estranha e que precisava, primeiro, verificar com o próprio General o que ia fazer. Aceitei o convite.

No exercício dessa função, fui designado para fazer um curso nos Estados Unidos e de lá fui transferido para o Depósito de Pessoal da FEB, em Caçapava. Certo dia, recebi uma ligação do Major José Lívio Leste informando que o General Falconièri tinha sido transferido para a FEB e me convidava para ser seu Ajudante-de-Ordens, indiscutivelmente, aceitei. Foi dessa forma que fui para a Itália.

Os 2º e o 3º escalões deixaram o posto do Rio de Janeiro na mesma data, 22 de setembro de 1944, em dois navios, o *General Mann* e o *General Meighs*. Eu viajei no 3º escalão, no *General Meighs* com o General Falconièri.

Na organização da FEB havia três generais com suas funções definidas: Comandante da Divisão – General Mascarenhas de Moraes; Comandante de Infantaria – Gen Zenóbio da Costa; e Comandante de Artilharia – Gen Cordeiro de Faria. Existia o cargo de Inspetor em cada Regimento de Infantaria, que eram três: o 1º, 6º e 11º RI. Diante disso, o Gen Mascarenhas criou a Inspetoria-Geral da FEB e nomeou o Gen Falconièri o Inspetor-Geral. Nessa função, ele permaneceu até a chegada do 4º escalão do Depósito de Pessoal, que era comandado pelo Coronel Mário Travassos, homem calmo, falava devagar, muito compreensivo.

As necessidades próprias da Divisão brasileira, que se situavam fora da órbita das forças americanas em atuação no território italiano, exigiam a montagem de um sistema coordenador das atividades. Esse sistema era um conjunto de órgãos administrativos com a denominação de Órgãos Não-Divisionários que o General Mascarenhas de Moraes decidiu atribuir ao Gen Falconièri, ampliando suas atribuições.

Esta organização possibilitou que o nosso Comandante tivesse mais tempo para a Divisão, que já estava completa e toda empenhada na frente de combate.

A estrutura recém-organizada era composta do Depósito de Pessoal da FEB, comandado pelo Coronel Mário Travassos, dos Postos Reguladores de Livorno, Caserta e de Nápoles, do Serviço de Saúde, comandado pelo Coronel Emanuel Marques Porto, e da parte da Intendência, na preparação das folhas de vencimentos que, depois de conferidas, eram enviadas ao Banco do Brasil para que se fizesse o pagamento da tropa. Também o Serviço de Correios estava sob a responsabilidade do General Falconièri.

A parte principal era a ligação que o General deveria ter com a MTOUSA, sigla, em inglês, de Exército dos Estados Unidos no Teatro de Operações do Mediterrâneo, ou seja, o Comando de toda a tropa do Mediterrâneo, atribuído ao Marechal *Sir* Harold Alexander. Outra responsabilidade do General Falconièri era a de manter ligação com o Tenente-General Mac Narney, Comandante da força americana na Itália.

Para desempenhar essas tarefas foi criado um Estado-Maior para o General Falconièri, com três seções: a 1ª, 2ª e 4ª Seções, preenchidas por vários oficiais, inclusive o Major de Infantaria Gutenberg Kepler Ayres de Miranda, o Capitão de Infantaria Tacito Lívio Reis de Freitas e o Tenente de Engenharia Franklin Nestor de Lima Serrano, que falava muito bem o inglês e serviu de intérprete, deixando-me bem aliviado do compromisso de entendimento com os americanos; meu inglês era aquele que aprendi no ginásio.

Como o número de oficiais era pequeno, o trabalho do Estado-Maior foi efetivado sem uma determinação específica para a execução das atividades das seções, sendo executadas por aquele que estivesse disponível. Dada a premência de tempo, exigiu que nós nos preparássemos no menor tempo possível, a fim de poder exercê-las.

A área era muito extensa, desde Nápoles até Caserta e Porreta Terme, onde estava o Marechal Mascarenhas. Em conseqüência, as distâncias eram muito grandes e todos esses órgãos inteiramente separados.

A maior preocupação do General Falconièri era primeiro com o Depósito de Pessoal da FEB, por causa do recompletamento e dada a urgência com que as unidades operacionais deviam ser atendidas.

Isso não foi difícil graças ao apoio fantástico recebido, inicialmente, do General Mark Clark, Comandante do V Exército, que depois foi transferido para o Comando do XV Grupo de Exército, e do General Lucian Truscott, que ficou em seu lugar, também formidável. O Depósito de Pessoal recebeu todos os meios necessários para o desempenho de sua importante missão. Em pouco tempo, o Depósito habilitou-se a ministrar instrução a todas as Armas, criando para isso diferentes cursos e diversas pistas de instrução. A carência de oficiais do Depósito, capacitados a instruir o

pessoal, foi resolvida com o envio à Caserta, mediante entendimento com a MTOUSA, de oficiais a fim de freqüentarem os cursos que lá existiam.

O coordenador de tudo era o Tenente-Coronel Archimínio Pereira, muito ativo, queria tudo feito na hora. Era um disciplinador por excelência, duro, muito duro, não transigia. A atividade era intensa, envolvendo dez mil homens, e havia a preocupação com os muitos oficiais da reserva, os R/2, que pelo reduzido tempo de formação não tinham adquirido a necessária habilitação para suas funções; todos tiveram que fazer os cursos.

Outra preocupação do General Falconièri era com o Serviço de Saúde. Quando o combatente era ferido ou ficava doente na frente, primeiro era atendido nos postos de saúde dentro da Divisão e não cabia ao General interferir. Se houvesse necessidade era encaminhado para o *Field Hospital* – Hospital de Campanha, que era o mais próximo da linha de frente.

Quando o ferido estava em estado pior, era encaminhado para o *Evacuation Hospital* – Hospital de Evacuação. Logo depois, tinha o *Station Hospital* – Hospital de estacionamento – localizado nas cidades ocupadas, com maiores recursos de intervenções de emergência. Os feridos que pelo seu estado podiam ser transportados por distâncias maiores iam para esse último hospital. Os combatentes brasileiros eram encaminhados para o *7º Station Hospital*, de Livorno, onde havia uma Seção brasileira. Os que eram recuperados voltavam para o Depósito e, em seguida, para a Unidade. Os mais doentes saíam de Livorno para Nápoles, onde havia os *General Hospital* – Hospital Geral.

Todo pessoal que chegava a esses hospitais não podia permanecer mais do que 120 dias, caso contrário, saía do Teatro de Operações, ia para os Estados Unidos ou vinha para o Brasil. A responsabilidade sobre a transferência desse pessoal também era do General Falconièri, através do Serviço de Saúde de FEB, elemento subordinado.

Outro elemento sob nossa responsabilidade era o Serviço de Correio, cabendo-nos assegurar a normalidade e rapidez do serviço de correspondência e encomendas postais. Esse serviço era chefiado pelo Tenente-Coronel de Artilharia Frederico Villeroy França e, mais tarde, pelo Capitão Raimundo Ferreira de Souza, que, posteriormente, já no Brasil, chegou a General-de-Divisão. Esse pessoal recebia toda a correspondência, fazia a triagem e enviava para o posto de coleta que ficava na Divisão, que era encarregado da distribuição.

O General Falconièri recebia todo o apoio administrativo, inclusive dos americanos, através de um órgão, o PBS, sigla, em inglês, da Seção Peninsular de Base com sede em Nápoles, que supria a Divisão de, praticamente, tudo, desde a munição até avião. Tudo era obtido muito rapidamente, inclusive gêneros alimentícios.

Posso assegurar que não existiam óbices ou problemas para realização de nosso trabalho. Os obstáculos esporádicos que surgissem eram, rapidamente, eliminados pelo pessoal diretamente ligado àquele assunto. Felizmente, os homens escolhidos para essas posições eram realmente de grande valor.

Minhas funções na Itália foram mais ligadas ao Estado-Maior do General, cabendo ao Capitão José Leite Brasiliano da Costa, já falecido, outro Ajudante-de-Ordens, porque eram dois oficiais desempenhando essa função, as tarefas específicas do cargo. Cabia, ainda, ao Brasiliano o comando do contingente que nos atendia.

Nessa campanha, muitos fatos e comportamentos me impressionaram, destacando entre todos a solidariedade entre os combatentes. O egoísmo desapareceu, dando lugar a preocupação com o outro, porque as contingências eram de tal ordem que seria impossível não pensar assim.

Um aspecto importante do soldado brasileiro era a boa vontade; se recebesse uma missão, não importava a hora, o clima, se ia levar um dia ou dois, cumpria-a com dedicação. A organização americana era fantástica, o número de especialistas, muito grande, a nossa, bem diferente. Mas, mesmo assim, nosso soldado se agigantou. Os americanos ficaram impressionados como o brasileiro, em tão pouco tempo, dominou inteiramente o emprego do material por eles fornecido; possuíam um poder de adaptação muito grande. Um caso interessante que aconteceu na Itália com o 1º escalão retrata bem a reação dos americanos diante da nossa tropa. Soube depois do ocorrido; não o presenciei.

Havia vários oficiais brasileiros freqüentando os cursos dirigidos por americanos, na fase anterior ao empenho em combate, sendo que um Coronel tinha sob sua responsabilidade cerca de dez oficiais. O General Mascarenhas foi visitá-los, encontrando-os em forma, prontos para serem apresentados. Após a mesma, o Coronel começou a expor os trabalhos que vinham desenvolvendo e, em determinado instante de sua exposição, disse: "Estou satisfeito com a visita do senhor porque dá-me a oportunidade de dizê-lo da minha admiração com a capacidade de apreensão dos seus oficiais. É verdadeiramente impressionante. Acabamos uma Seção de Instrução e passamos às perguntas para verificar o aprendizado, e seus oficiais avançam além do que nós havíamos ministrado." E, em seguida, fez um pedido: "Agora, existe algo que desejo pedir ao senhor. Veja a qualidade das capas –, estava chovendo e os oficiais usavam capas – que não são impermeáveis, deixando-os molhados; seus borzeguins estão se desmanchando. E eles não reclamam. Acho que deviam receber meios para que possam exercer suas atividades com eficácia."

Evidentemente, esse fato resultou numa providencia imediata do Gen Mascarenhas, e, em pouco tempo, recebemos o *combat boot* americano e os nossos desapareceram.

Embora o General Falconièri não fosse de dar palpites nas atividades fora das funções que lhe cabiam, sei, por constar no livro do Coronel Floriano de Lima Brayner, que ele apresentou uma sugestão ao Marechal Mascarenhas de Moraes, para cerrar à frente o mais rápido possível com a sua tropa, de modo a deter a 148ª Divisão alemã que estava recuando muito rapidamente, pois pretendia atravessar o Rio Pó. O General Mascarenhas acedeu e determinou que se usassem os caminhões da Artilharia para transportar a Infantaria.

Na ocasião do cerco da tropa alemã eu recebera uma missão e estava em Nápoles. O General Falconièri estava acompanhado do Tenente Franklin Nestor de Lima Serrano e foi incumbido de receber e escoltar, até Florença, o General alemão Otto Fretter Pico, Comandante da 148ª Divisão. Ele pedira, e foi aceito pelo Comando brasileiro, para ser o último a se entregar, porque queria permanecer à frente da Divisão nos preparativos para a rendição, de modo que a mesma se apresentasse toda arrumada.

Gostaria de fazer uma menção especial a algumas pessoas do QG. A liderança do General Falconièri era impressionante. Ele era um excelente comandante, fácil de ser entendido e de compreender o subordinado. O seu Chefe de Estado-Maior, Major José Lívio Leste, homem tranqüilo, de decisões rápidas e que coordenava muito bem todos os oficiais, foi um auxiliar de primeira linha.

Vale destacar, também, o cabo Solon Queiroz Prates, motorista do General Falconièri, mais tarde promovido a sargento pelo próprio General. Era um ótimo motorista. Durante à noite tínhamos que subir a serra de Porreta, que não era fácil e ainda mais com as luzes do carro apagadas. Na descida era pior, mas o cabo dirigia com muita habilidade. O nosso soldado, de modo geral, era habilidoso, encontrando solução para tudo.

Difícil de suportar era o inverno. Comigo mesmo aconteceu um fato. Era fim de inverno, já no mês de janeiro. Certo dia, senti alguma coisa me incomodando nas mãos; tirei as luvas, que estavam sempre calçadas, e me pareceu que as mãos tinham sido picadas por algum inseto, estavam inchadas, escuras e com dificuldade de movimentos. Mas, como o inseto poderia ter picado, se a luva era grossa?... No dia seguinte, o problema piorou, então o General mandou que eu fosse ao hospital. Assim que o médico me examinou, disse: “É pé-de-trincheira.” Fiquei surpreso, pois o problema não era nos pés, mas o fato é que eu estava com princípio de congelamento nas mãos. O inverno era realmente algo difícil de suportar.

Quanto ao relacionamento com os militares estrangeiros, ele foi muito bom. À nossa direita tínhamos o VIII Exército inglês, todos impecavelmente fardados. Com o americano nosso contato era maior, até porque pertencíamos ao V Exército, que era parte integrante do IV Corpo de Exército, comandado pelo General Willis D.

Crittenberger. De modo geral, entendíamo-nos muito bem com os ingleses e com os americanos, embora os ianques fossem mais extrovertidos.

A hierarquia era muito respeitada pelo americano, tanto que na área da saúde, o General Mascarenhas de Moraes teve que promover todas as enfermeiras brasileiras a 2º Tenente. O fato é que elas foram graduadas como sargentos e as americanas, como tenentes, com isso, a situação era difícil porque até os refeitórios eram diferentes. Mas, depois da promoção, a situação das enfermeiras brasileiras melhorou e elas tiveram maior destaque.

As seções brasileiras nos hospitais funcionavam muito bem, porque todo o pessoal foi bem escolhido, entre os melhores, tanto do Exército como do meio civil.

É uma pena eu não me lembrar mais de tantos nomes que pertenceram à FEB no campo da saúde, mas sei que até pessoas de renome foram convocadas, professores, grandes cirurgiões. Impressionou aos americanos a capacidade dos nossos cirurgiões e que, mesmo pertencendo à seção brasileira, operavam todos que necessitassem, indistintamente.

O apoio religioso também foi muito bom. O trabalho do padre era formidável, porque ia ao encontro do soldado prestando uma grande ajuda, entendendo como era difícil a situação que enfrentavam, longe do país e da família.

Um dado importante sobre a frente ocupada pela Divisão brasileira nos Apeninos é que as posições alemãs situavam-se na parte alta, com comandamento total sobre nós. De seus observatórios de Monte Castelo, Montese, Zocca e outros, os alemães controlavam os passos dos combatentes brasileiros. Uma ocasião li uma declaração interessante de um Tenente-Coronel alemão, em que ele dizia o seguinte: "Quando fui para a frente brasileira disseram-me – ele vinha de uma Divisão que estava inteiramente extenuada – que eles eram calmos e que eu iria me dar bem. Assumi o comando de um Batalhão e comecei a observar, já no primeiro dia, que a informação que me deram estava errada, porque foi um dos lugares mais difíceis que tive na guerra. Certa vez, observei o pessoal brasileiro jogando bola em uma área reduzida. Não entendia como era possível os brasileiros terem tempo para jogar futebol porque não me davam folga, atormentando-me com seguidas patrulhas".

Para a folga do pessoal que estava na frente, existiam em Nápoles hotéis sob a responsabilidade do General Falconièri. Os americanos também tinham hotéis sob sua responsabilidade, em Roma, Florença e outros locais. O homem apresentava um tíquete, fornecido pelo comando brasileiro, e imediatamente recebia tudo que era preciso.

Finalmente, a 2 de maio de 1945 tudo se encerrou. A guerra praticamente estava no fim com a vitória dos aliados. Quando um soldado era avistado, o povo italiano queria abraçar, obsequiar de alguma forma e diziam: "*Finita la guerra*".

Nessa fase final, a tropa brasileira teve a missão de ocupar uma determinada área, compreendida entre Alessandria e Piacenza, sendo constituídos três grupamentos: o 1º, o 6º e o 11º, cada um comandado por um general. O 1º foi comandado pelo General Cordeiro de Faria, o 6º comandado pelo General Falconièri e o 11º pelo General Zenóbio da Costa. Nossa área, na cidade de Tortona, estava localizada aquém do Rio Pó e era extensa. O General ordenou-me que chefiasse o Destacamento Precursor do Grupamento. Quando cheguei a Tortona, percorri a cidade verificando onde poderia colocar as unidades e, em seguida, fui ao encontro do Prefeito falar da minha missão. Fui muito bem recebido, ele me disse que tudo estava bem, que eu escolhesse o lugar que quisesse e acabou me convidando para um almoço em sua casa, regado a bom vinho caseiro. Os italianos recebiam muito bem todos os brasileiros.

A FEB regressou para o Brasil em julho. Eu e o Major Leste permanecemos com o General Falconièri na Itália até setembro, pois ele foi destacado para resolver todos os problemas administrativos pendentes.

Voltamos de avião no início de setembro. Passamos pela ilha de Ascensão, Natal e finalmente Rio de Janeiro. Ao chegar, verificamos que a FEB já estava praticamente dissolvida. O Exército espalhou os oficiais por todo o Brasil. Não se encontravam dois oficiais na mesma unidade. Foi uma pena o não-aproveitamento desse pessoal que voltou com muita experiência. Eu, pessoalmente, lucrei muito. Fiquei mais tolerante, menos individualista, solidário...

Quanto à recepção por parte daqueles que não foram com a FEB, não posso dizer que foi hostil, mas havia um retraimento.

A participação da FEB em solo europeu foi muito importante para o Exército e para o Brasil, que ficou conhecido no mundo todo, teve voz nas Nações Unidas, e foi a FEB que projetou o Brasil.

É muito triste uma guerra. Eu peço a Deus que nunca, nunca aqui, em solo brasileiro haja uma guerra. A miséria que vimos na Itália era qualquer coisa de incompreensível. A parte moral da pessoa desaparece por completo, é terrível.

Finalmente, quero dizer que o Projeto História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial é maravilhoso. É uma pena que não tivesse começado antes, porque teriam ouvido homens que exerceram funções de maior responsabilidade como oficiais-generais e comandantes de regimentos e batalhões.

Coronel Jorge Alberto Moitrel Costa*

Nasceu na Cidade do Rio de Janeiro - RJ. Formou-se pela Escola Militar do Realengo em 2 de março de 1944, quando foi declarado Aspirante-a-Oficial da Arma de Artilharia. Realizou, durante sua carreira, como Oficial, os cursos da Escola de Instrução Especializada (Curso de Guerra Química), de Artilharia de Costa, de Aperfeiçoamento de Oficiais, de Comando e Estado-Maior do Exército. Na FEB, desempenhou a função de Observador Avançado da Artilharia, junto à Infantaria, integrando a 1ª Bia/III Grupo. Após a Guerra, serviu no 2º GACos (Fortaleza de São João), como 1º Tenente, no 8º GACosM, como Capitão, no 6º GACosM, como Major, e, ainda no posto de Major, voltou para o 2º GACos. Foi Oficial de Estado-Maior do Comando Militar da Amazônia (CMA) e da 8ª Região Militar, no posto de Major, e da Diretoria de Serviço Militar. Dentre as condecorações que lhe foram outorgadas, por sua participação na Segunda Guerra Mundial, destacam-se: Cruz de Combate de 2ª Classe, Medalha de Campanha, Medalha de Guerra. Deixou o Serviço Ativo em 26 de agosto de 1966.

---

* Observador Avançado da Artilharia, junto à Infantaria, integrando a 1ª Bateria do III Grupo de Obuses 105, entrevistado em 24 de outubro de 2000.

Devo dizer de minha grande satisfação por ter sido convidado para participar do Projeto História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial. É um grande prazer e aqui estou para responder às perguntas que me sejam feitas.

Em 1939, eu estava com 18 anos. Havia terminado o Colégio Militar do Rio de Janeiro. Eu pouco sabia de política; apenas algumas informações publicadas nos raros jornais da época ou veiculadas pelo rádio. Ainda não havia a televisão. Era Presidente da República o Dr. Getúlio Vargas. No poder desde 1930, era um governo autoritário, era uma ditadura. Sentia-se que havia, por parte do governo, uma certa simpatia pelos governos nazistas e fascistas. Mantinha-se uma neutralidade aparente no início da guerra. Com o torpedeamento dos navios brasileiros pelos submarinos alemães, houve uma mudança na situação geral. Verificou-se uma grande manifestação popular, a revolta generalizada mudou a posição do governo brasileiro.

A primeira providência foi a ocupação do litoral pelo Exército Brasileiro. As tropas que estavam no Nordeste deixaram os seus quartéis de paz e passaram a ocupar posições nas praias. A Marinha também passou a patrulhar a costa, assim como a Aeronáutica. O blecaute foi instituído como norma geral, principalmente no litoral. O Brasil passou a apoiar os Aliados e a viver uma situação real de guerra.

Em 1944, eu estava na Escola Militar do Realengo, como cadete do último ano.

Quanto à organização da Força Expedicionária Brasileira, eu pouco sabia. Como Aspirante e depois como 2º Tenente, ignorava as diretrizes e as decisões que nortearam o Alto Comando. Sabia que seria enviada uma Divisão para a guerra. Mas sobre a organização mesmo, pouco sabia. Seria uma Divisão de Infantaria, uma DI, com sua Artilharia Divisionária, a AD, e os demais órgãos divisionários.

Declarado Aspirante, fui classificado no Subgrupamento de Artilharia, parte do Depósito de Pessoal que seria organizado em Pindamonhangaba, São Paulo. Com o embarque do 6º Regimento de Infantaria no primeiro escalão da FEB, todos aqueles quartéis do Vale do Paraíba – Taubaté, Caçapava e Pindamonhangaba – estavam vazios. Então, o Depósito passou a ser organizado nesses aquartelamentos. Quando cheguei Aspirante a Pindamonhangaba, encontrei o quartel completamente vazio. Não havia pessoal, nem material. Depois começaram a se apresentar alguns oficiais mais antigos. Em seguida, chegaram dois trens: um vindo de Curitiba, com soldados do Paraná, e outro de Mato Grosso, com tropas de Ponta Porã, da fronteira com o Paraguai. A partir daí, o Depósito começou a ter sua estrutura organizada. Logo recebeu ordens de se deslocar para o Rio de Janeiro e ocupou os terrenos do chamado Derby Club, onde hoje está o Estádio do Maracanã. Depois do embarque do 1º Regimento de Infantaria, o "Regimento Sampaio", com o segundo escalão, o Depósito saiu do Derby e ocupou o seu quartel na Vila Militar.

A minha designação para a FEB foi uma determinação superior. Ao ser designado, mandaram-me fazer o exame médico, e aí, discretamente, fui consultado se queria ir ou não. Eu disse que, se estivesse em condições, iria. E fui. Assim, ingressei na FEB.

No Brasil e no navio transporte no qual segui para a Itália, eu pertencia ao Depósito. Embarquei fazendo parte do chamado escalão permanente, que teria a incumbência de preparar os soldados a serem mandados para a linha de frente.

No dia em que chegamos ao porto de Livorno e eu, pela primeira vez, pus os pés em território italiano, deixei de pertencer ao Depósito. Fui surpreendido por uma viatura já me aguardando e que me conduziu para o Posto de Comando, o PC, do III Grupo de Obuses, instalado em Rochetta-Matei. Ali, fui designado para a 1ª Bateria, que já estava em Savignano. O Grupo, que tinha ido com o segundo escalão, já havia recebido o equipamento, o armamento, e já havia ocupado posição. O Grupo cumpriu a sua primeira missão de tiro na noite do dia 15 de novembro de 1944, quando desencadeou uma concentração sobre Castelnuovo, exatamente às 22h15min. Cheguei à Bateria no dia 25 de dezembro, um mês e dez dias depois; quer dizer, fui do porto de Livorno direto para o *front*.

Em 11 de janeiro de 1945, recebi a missão de seguir para a linha de frente, para ocupar o observatório da 1ª Bateria. O observatório estava instalado na Torre de Nerone. Um Oficial da Bateria me acompanhou até o observatório e quando julgou que eu já estava em condições de cumprir a missão, ele regressou à posição da Bateria. Eu permaneci no observatório com um cabo motorista e um cabo rádio-operador que faziam parte da equipe do Observador Avançado.

A Torre de Nerone era um saliente da linha de contato, encravado no dispositivo inimigo. A mesma estava na cota 731 (era a altitude do observatório). Na frente da Torre, existiam três elevações: Soprassasso, Castelnuovo e Monte Della Castellone com uma altitude de mais de mil metros. Tinham uma grande visão de todo o terreno em frente. A Torre era muito íngreme, o que obrigava a quem fosse para lá, a se aliviar, ao máximo, do peso. O acesso ao PC do Batalhão ao qual a Bateria apoiava e o acesso à Torre só podiam ser feitos à noite, porque o terreno a percorrer ficava completamente exposto. À noite, o observador que estava lá na Torre mandava um soldado descer ao PC do Batalhão para apanhar um camburão de água e uma caixa de ração para o dia seguinte. Quando esse soldado estava cumprindo a sua missão, ele era caçado com fogos *very light* e tiros de morteiro. Ele era caçado... ali era difícil...

Aquele era o observatório mais visado de toda a frente. Tanto os alemães como os americanos já tinham estado lá. Conheciam bem toda aquela região. Durante a minha estada, houve uma noite em que uma patrulha alemã cortou toda a comunicação por telefone. Nós ficamos apenas usando o rádio. Eu recebi um elogio

do Oficial-de-Ligação que, mais tarde, deu origem à Cruz de Combate que recebi. Esse foi o meu batismo de fogo.

A minha recepção na Bateria não poderia ter sido melhor. Os tenentes, quase todos eram colegas de turma, de modo que eu já era bem conhecido. Sentia-se que na 1ª Bateria havia um clima de união, de eficiência, todos desejando cumprir bem a missão. Não tive problema algum em adaptar-me.

Na Torre, durante toda a fase de estabilização da frente, havia um revezamento entre dois tenentes. Cada um ficava no observatório por um período de quinze dias. Quando se era substituído, vinha-se para a posição da Bateria e aí se tinha um descanso necessário. A gente passava lá dentro de um buraco durante quinze dias, onde só se recebia a água para beber, a ração e mais nada. Só quando se vinha para a retaguarda se podia fazer a barba, tomar banho, mudar a roupa. Entretanto, muitas vezes, quando se chegava ao PC do Grupo, já havia uma outra missão, e a gente ia direto para outro observatório. Eu estava com o 2º Batalhão do 6º RI, mas fui, lembro-me, para o observatório da Bateria que apoiava o 3º Batalhão do 1º RI. Estive em outro observatório, foi em Zocca, e a Bateria tomou parte em tudo ali…Conforme a situação, a gente não tinha descanso. Durante toda a fase de estabilização, eu passei na Torre, revezando, de quinze em quinze dias, com um outro colega meu, mas isso não impediu que, chegando à retaguarda, não tivesse outra missão a ser cumprida, conforme citei.

Acho que a adaptação do nosso soldado ao inverno europeu foi muito boa. Poucos tinham visto neve, inclusive eu. Ele enfrentou o frio abaixo de zero, um vento cortante e dormia, às vezes, ao relento. Felizmente, o equipamento fornecido pelo Exército americano era muito bom. Primeiro, o chamado *field jacket*, que ninguém conhecia, mas que, depois que a pessoa recebia e colocava no corpo, não tirava mais. E o saco de penas impermeável que permitia ao soldado colocá-lo no terreno coberto de neve e dormir, passar a noite ali. Ele tirava apenas o coturno, entrava, puxava o fecho, e sentia até calor lá dentro, de vez em quando. Quando acordava e levantava, enrolava a cama-saco e esta era pequena… Não enfrentaríamos bem o inverno com o uniforme com que fomos, com o chamado "Zé Carioca". Mas lá recebemos toda a roupa que deu para agüentar o frio. E o soldado brasileiro suportou muito bem o inverno na Itália!

O desempenho dos oficiais e dos sargentos não poderia ter sido melhor. Eu não conheço quem tenha deixado de cumprir a sua missão! Acho que a adaptação foi realmente perfeita! Sem haver perda da eficiência, houve uma adaptação do método empregado ainda no Brasil, o método francês, para o método americano. Nós, por exemplo, oficiais de Artilharia, sentimos que o método francês visava muito à econo-

mia de munição. Já o método americano era mais flexível, sem haver, digamos, desperdício. Considero que essa adaptação foi muito boa e rápida, sem prejuízo da eficiência. O treinamento, eu acho, foi o necessário e suficiente para que isso acontecesse. Ainda no Brasil, eu fiz várias regulações de tiro, em Gericinó, já pelo método americano. Adaptei-me bem, senti-me preparado, e não tive dificuldades lá na Itália.

A adaptação do nosso soldado foi ótima. Desde o momento em que ele entrou no navio, tudo lhe era diferente. A alimentação desconhecida, às vezes uma simples caixa de ração; um clima que ele nunca tinha visto antes. Considero muito boa adaptação do nosso soldado às situações que viveu na Itália. Ele superou o clima, superou tudo que, para ele, se apresentava diferente: o equipamento que recebeu, o armamento, a alimentação, o combate. Tudo completamente diferente, e ele a tudo venceu. Você chega à conclusão de que enfrentar uma guerra como ele foi obrigado a enfrentar, só com sorte, destemor e grande capacidade de adaptação para ter a honra de sair vencedor.

Como Observador Avançado, eu tinha pouco contato com a população local, apesar de estar ali na frente. Esse contato se restringiu ao convívio com os camponeses que eram os donos da casa aonde foi instalado o PC da nossa Bateria. Aí, nós tivemos um convívio agradável com um velho italiano, pobre, e que só bebia vinho. Nunca o vi beber água...

O nosso Serviço de Saúde funcionou bem a contento. Todas as unidades tinham um médico e um capelão. Como as Baterias ficavam descentralizadas, era difícil uma assistência permanente, quase diária, do médico ou, no caso do apoio religioso, do capelão. Só nos momentos de necessidade é que o soldado procurava o médico. E este ficava no Grupo. E a mesma coisa, o capelão. Só fui saber da sua existência no navio, quando celebrou uma missa.

Embora eu estivesse ali na frente como Observador Avançado, não tive a oportunidade de ver em combate um soldado inimigo. E nunca tinha visto um sequer como prisioneiro. A primeira vez que fui ver um soldado alemão foi quando se deu o aprisionamento da 148ª Divisão alemã. Nessa ocasião, a minha Bateria estava em posição. Então, vimos parte da Divisão que desfilou pela posição de Bateria. Eles desfilaram com garbo, cantando, e muito bem fardados, principalmente os oficiais. Deixaram uma impressão muito boa.

A segunda vez que tive contato com o soldado alemão foi quando fui designado para comandar um comboio constituído de vinte e cinco viaturas de duas e meia toneladas, com a finalidade de transportar prisioneiros alemães para um PC na retaguarda. Foi uma missão inopinada, uma “mensagem a Garcia”. Fui chamado ao PC, e o Oficial que me atendeu disse o seguinte: “Tenente! Você vai comandar esse

comboio, com vinte e cinco viaturas, transportando esses prisioneiros alemães para o PC." E me mostrou, na carta, um PC à retaguarda. Eu saí e assumi o comando do comboio. Em cada viatura, havia um soldado motorista e um graduado ao lado dele. Eu fui num jipe, na testa da coluna. Orientando-me pela carta que recebi, saí pela estrada que me foi indicada, e cheguei ao PC onde tinha que entregar os prisioneiros. Qual foi a minha surpresa, quando reconheci, no Major que me recebeu, aquele meu instrutor no Colégio Militar do Rio de Janeiro, de nome Serafim Migueis. Ele não se lembrava mais de mim. Afinal, naquela época, eu era um menino, aluno do Colégio Militar, e ele já era Capitão. Na oportunidade do encontro, já era Major ou Tenente-Coronel, a quem entreguei o comboio com vinte e cinco caminhões e todos os soldados alemães prisioneiros. Cada caminhão trazia vinte e cinco a trinta alemães. Naturalmente, eles não estavam armados. Este foi o contato que eu tive com o soldado alemão.

Agora, o que senti, isso sim, ainda durante a guerra, foi a atuação da artilharia e dos morteiros alemães. Atuação que infernizava os observatórios por onde andei, principalmente a Torre de Nerone.

Pela minha passagem pela Torre de Nerone, sentindo os efeitos da atuação de sua Artilharia e dos seus fogos de morteiro, recebi a Cruz de Combate de 2ª Classe. Eu acho que foi uma injustiça, porque existem a Cruz de Combate de 1ª Classe, para condecorar aquele que tenha praticado um feito isolado, e a de 2ª Classe, para, vamos dizer, condecorar aqueles que participaram de um feito coletivo. Eu acho que, desde o momento em que a minha Bateria tivesse tomado parte no combate, cumprido a sua missão, então, todos os que a integravam mereciam a Cruz de Combate de 2ª Classe, pelo feito coletivo.

Entretanto, por eu estar na Torre de Nerone numa noite em que uma patrulha alemã deixou o observatório sem comunicação com o Grupo, ficamos só com a comunicação de rádio, recebendo a noite inteira tiros de Artilharia, tiros de morteiro e agüentamos, levando o Capitão Oficial-de-Ligação, que estava junto com o 2º Batalhão do 6º RI, a comunicar por escrito que, apesar de tudo o que aconteceu naquela noite, eu mantive a posição, mantive o observatório, conduzindo os tiros da nossa Artilharia, e que fiz tudo o que deveria ser feito, então eu pratiquei uma ação isolada, como escreveu o então Capitão Hamilton Mourão que, sendo do Estado-Maior do Grupo, várias vezes desempenhou a função de Oficial-de-Ligação de Artilharia junto ao Batalhão. Lendo o meu Diploma da Medalha de 2ª Classe, constata-se um feito individual, porque, naquela noite, deu-se o fato tal como foi relatado e como consta de minhas Folhas de Alterações. Por isso, acho que foi uma injustiça eu não ter recebido a Cruz de Combate de 1ª Classe. Deixo, aqui, portanto, esse justo desabafo!

Prosseguindo em minha narrativa, devo salientar que, em Collecchio-Fornovo, havia o perigo da Divisão alemã escapar. Então, a nossa Infantaria tinha que se deslocar com rapidez, não podia perder tempo. Foi montada uma operação com os meios motorizados da AD. Todas as viaturas da AD foram destinadas ao transporte da tropa de Infantaria, o que permitiu que não se perdesse o contato com o inimigo, com a Divisão alemã.

Inicialmente, a 2ª Bateria do nosso Grupo foi o único elemento de Artilharia a apoiar esta operação. Depois, a 1ª, a nossa Bateria, também recebeu a missão de se juntar à 2ª Bateria, e eu tomei parte nessa operação, ocupei posição. Eu, o Faria Lemos e o Salli, nós três fomos e ocupamos posição, mas não houve necessidade de atirar. Fizemos toda aquela marcha. Nós três, porque, nessa época, o Soutto Mayor se encontrava doente, baixado ao hospital, e o Faria Lemos é que estava no comando da Bateria. Foi uma marcha noturna, tudo às escuras, nós no jipe e os quatro obuses atrás, seguindo-nos. Num determinado momento da estrada, um Oficial brasileiro se dirigiu ao Faria Lemos e o convidou a acompanhá-lo. Determinou que a coluna continuasse. Continuamos o Salli e eu. Sentimos que estávamos nos aproximando da área onde ainda atiravam. Podiam-se ver os clarões e ouvir o barulho enquanto nos dirigíamos para aquela região.

Mais algum tempo e outro Oficial para a coluna pediu ao Salli que o acompanhasse, determinando que a coluna prosseguisse. Prossegui sozinho, num jipe, eu e os quatro obuses atrás de mim. Mais um pouco, fomos seguindo, seguindo, até que outro Oficial fez a coluna parar e me mostrou uma região para que eu ocupasse posição e apontasse a Bateria. Então eu saí da estrada, ocupei posição na região que foi determinada e apontei a Bateria. Tudo no escuro e com a ajuda de bons sargentos Chefes de Peça, a Bateria entrou em posição. Mas não houve mais necessidade de atirar. Essa foi a participação em Collecchio da 1ª Bateria do III Grupo.

Eu não tive oportunidade de ter contato com as tropas americanas e inglesas. Apenas sabia da 10ª Divisão de Montanha americana, que estava também naquela região, e que era uma Divisão muito conceituada. Quando se falava na 10ª de Montanha, todo mundo respeitava. Contato mesmo, contato com essas tropas aliadas, eu nunca tive...

O apoio logístico na campanha da Itália, considero que foi cem por cento. Eu acho que o esforço de guerra dos Estados Unidos demonstrou aos aliados a força da indústria bélica americana e uma organização perfeita que permitiu um apoio logístico que considero ótimo. O aprovisionamento dos gêneros alimentícios, o fornecimento de equipamento, de material, tudo foi feito com uma presteza excepcional. O remuniciamento, então, nem se fala. Eu dou grau dez.

A minha Bateria, a 1ª, era a "Bateria do Galo". Era o seu nome, como a 2ª era a "Bateria Jóia", e a 3ª, a "Bateria do Papagaio". As duas, a 1ª e a 3ª, andavam com os PC sempre juntos, "Galo" e "Papagaio". Eram o Soutto Mayor e o Florimar Campelo. A outra era do Valmiki Erichsen, a "Jóia", que realizou a última missão de tiro da Artilharia da FEB no TO da Itália. Eu me dava bem com todos eles.

A 1ª Bateria cumpriu todas as suas missões de tiro com grande eficiência. A mesma tomou parte em todas as operações da 1ª DIE, ocupando, durante a fase de estabilização, o observatório mais importante de toda a frente, que era o da Torre de Nerone. Eu, como Observador Avançado da Bateria, passei toda essa fase lá, revezando com o Júlio de Pádua Guimarães. A Subunidade coroou a sua atuação como uma das duas baterias que participou da perseguição à 148ª Divisão alemã, cumprindo todas as missões que recebeu.

Da propaganda, a única coisa que eu posso dizer é que, às vezes, nas missões de tiro, eram lançadas as granadas chamadas de propaganda.

Mas o que mais me impressionou na FEB foi a capacidade de adaptação do soldado brasileiro. Ele enfrentou tudo, todas as adversidades. O Brasil foi o único País sul-americano a tomar parte em uma campanha no território europeu. Nós não tínhamos uma tradição guerreira recente. Já ia longe a Guerra do Paraguai. Então, o soldado brasileiro foi à Itália e mostrou a sua coragem, o seu sangue frio, a capacidade de adaptação. Venceu o clima que não conhecia, a alimentação diferente, e tudo o mais. Eu acho que ele enfrentou todas as vicissitudes com galhardia.

Quanto aos oficiais com quem privei durante a Campanha da Itália, eu destacaria o Comandante do Grupo, Tenente-Coronel Souza Carvalho, que era muito querido por todos. Figura ímpar, líder admirável e inesquecível... Destacaria, ainda, o Adjunto do S/3, o Capitão Fausto Carvalho. A Central de Tiro, com quem o Observador Avançado trabalhava, teve uma atuação notável, graças ao seu proficiente trabalho.

Finalmente, destacaria a equipe coesa e competente da 1ª Bateria, oficiais e praças. O moral era elevado, muito elevado. Você sentia que havia um clima de união, de responsabilidade e a vontade de fazer o melhor possível.

Nessa oportunidade, desejo ressaltar que o I/2º Regimento de Obuses Auto-Rebocado (I/2º RO AuR) nasceu em Quitaúna, no Estado de São Paulo, em janeiro de 1944, por transformação do 6º Grupo de Artilharia de Dorso (6º GADO) e, na guerra, atuou com a denominação de III Grupo de Obuses 105mm (III GO 105) para facilitar o seu emprego em campanha, inclusive o entendimento dos americanos do V Exército de Campanha e do IV Corpo de Exército, que faziam parte da cadeia de comando de nossa Divisão. O Sergio Faria Lemos da Fonseca, Comandante da Linha de Fogo de nossa Bateria, chegou a pertencer ao 6º GADO, porque integrou-se ao Grupo em Quitaúna no

início de 1943, último ano do Grupo como Artilharia de Dorso. Ele mesmo foi ao Porto do Rio de Janeiro buscar os obuseiros 105mm que substituíram os velhos canhões da Unidade a partir de 1º de janeiro de 1944, ano em que o recém-formado I/2º RO AuR recebeu, entre os seus novos oficiais, o então Aspirante Salli Szajnferber, prezado companheiro da 1ª Bateria, ao qual me referi ao tratar da difícil marcha noturna por nós realizada na Região de Collecchio, sob o comando do Faria Lemos.

Gostaria, agora, de lembrar que a vitória dos aliados foi um alívio, comemorada na Itália em 2 de maio de 1945, três dias depois da rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã, que ocorreu nos dias 29 e 30 de abril. Quando a guerra terminou, o sentimento que me dominou foi a felicidade de ver se aproximar o dia de regressar ao Brasil e, principalmente, de voltar para junto da família.

Terminadas as operações, a FEB recebeu ordens de concentrar-se ao Norte da Itália, para embarcar no Porto de Gênova. Nós da 1ª e 3ª baterias ficamos na Cidade de Broni. O Norte é muito mais adiantado do que o Sul, sobretudo naquela parte de Milão e de Turim.

Depois veio a ordem de regressar ao Sul. A tropa foi de navio, em navios pequenos. O material foi deslocado por terra. Então, em cada Bateria foi escalado um Tenente para comandar a coluna com todas as viaturas, os obuses, a tralha toda. Na minha Bateria, fui escalado para ir por terra, de jipe, com todas aquelas viaturas e motoristas.

Nesse deslocamento, passei por Monte Cassino e foi uma oportunidade para ver o que lá ocorrera. Passamos em La Spezia, que era a principal base italiana, o porto de La Spezia. Finalmente, chegamos a Francolise. Era uma região deserta, e a tropa ficou em barracas de dez praças e camas de campanha. Durante o dia Sol forte, um calor horrível, e, à noite, a temperatura caía, fazendo muito frio. Como divertimento à noite, passavam, ao ar livre, filmes da Carmen Miranda, em inglês. Nessa altura, todas as viaturas tinham sido recolhidas. Então, estávamos ali, presos, acampados, estávamos a pé. Dali, de Francolise já fomos diretamente para o navio e voltamos ao Brasil.

No dia da chegada ao Rio de Janeiro, a recepção por parte do povo e dos familiares não poderia ter sido melhor. Os jornais também deram ampla cobertura. Ainda não havia televisão, era só o rádio e os jornais que cobriam os acontecimentos. Com o tempo, mesmo os jornais foram diminuindo as referências à FEB.

Quanto ao Exército, eu devo dizer que a impressão que se tinha, eu pelo menos tive, é que existiam dois exércitos: o dos “febianos” e o dos “não febianos”. Estes, por vários motivos, dentre os quais o de natureza política, empenhavam-se para que a FEB não tivesse voz.

Quanto às conseqüências da campanha da Itália para o Exército, eu acho que, tendo sido o Brasil o único país sul-americano a participar de uma guerra em território europeu, projetou suas Forças Armadas no cenário mundial e lhes deu prestígio. O Exército, por ter vivido uma situação real de guerra, permitiu que os seus oficiais e sargentos tivessem uma visão mais ampla dos vários aspectos que uma guerra pode oferecer, adquirindo, inclusive, uma experiência extremamente valiosa para a evolução da doutrina e da organização da própria Força terrestre.

Do ponto de vista pessoal, recebi três medalhas, mas tenho a tristeza e a mágoa de não ter recebido a Cruz de Combate de 1ª Classe. Conforme relatei, acho que foi uma injustiça!

Devo terminar dizendo do grande orgulho que sinto por ter pertencido à FEB.

Coronel Manoel Valença Monteiro*

Natural da Cidade de Laranjeiras, Sergipe, pertence à turma de 2 de março de 1944 da Escola Militar do Realengo. Participou, como 2º Tenente, da campanha da Força Expedicionária Brasileira na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial. Integrou o III Grupo de Obuses 105mm, Grupo Souza Carvalho, hoje 20º Grupo de Artilharia de Campanha Leve (Aeromóvel), "Grupo Bandeirante", sediado em Barueri, SP. Possui os seguintes cursos: Artilharia de Costa (1947); Tática Anti-submarina no Centro de Instrução da Marinha na Ilha das Cobras (1948); Aperfeiçoamento de Oficiais, da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército; Defesa Antiaérea do Exército (1956). Dentre as principais funções exercidas destacam-se: Comandante de Bateria e Fiscal Administrativo em Unidades da Arma de Artilharia; Subcomandante do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro (CPOR/RJ); Instrutor-Chefe da Seção de Artilharia Leve e Subdiretor de Ensino da Escola de Defesa Antiaérea (EsDAAe); Ajudante Geral da Divisão Blindada e Adjunto da Secretaria da Comissão de Promoção de Oficiais. Passou para a Reserva em 1966. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações, por sua atuação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate de 1ª Classe, por ato de bravura individual; a Medalha de Campanha e a Medalha de Guerra. Exerceu diversas atividades civis.

* Observador Avançado da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses, entrevistado em 16 de agosto de 2000.

Inicialmente, devo dizer que estou muito satisfeito em participar desse projeto no qual os ex-combatentes relatam a sua participação na campanha da Itália. É uma homenagem aos que participaram da Força Expedicionária Brasileira, a FEB.

Fui declarado aspirante-a-oficial de Artilharia no dia 2 de março de 1944 e classificado no Depósito de Pessoal da FEB, no Subgrupamento de Artilharia. O Depósito estava distribuído pelas cidades de Pindamonhangaba, Taubaté e Caçapava, no Estado de São Paulo. Com a viagem do 1º escalão da FEB para a Itália, ele se transferiu para o Rio de Janeiro, ocupando aquartelamentos das Unidades já embarcadas. O Depósito embarcou no 4º escalão, na segunda quinzena de novembro de 1944, com destino a Nápoles, na Itália.

Minha classificação no Depósito da FEB foi uma grande surpresa. O Depósito era uma Unidade pouco conhecida, mas, felizmente, um companheiro, o Aspirante Luiz Eduardo Sócrates Baptista, filho do então Comandante do Depósito, o Coronel Luiz Baptista, informou-me do que se tratava. Antes de seguir destino, participei da apresentação dos aspirantes ao Comandante da FEB, o General João Baptista Mascarenhas de Moraes, a qual foi feita na "Casa de Deodoro", na Praça da República, no Rio de Janeiro. Disse, o General, da satisfação que sentia com o "sangue novo" que recebia e falou da missão nova que seria cumprida pela Unidade.

A minha função era de subalterno de subunidade do Subgrupamento de Artilharia, pertencendo ao efetivo permanente. Na Itália, junto com outros oficiais, fui transferido para o efetivo de substituição e, em 24 de dezembro de 1944, recebi ordem para me apresentar no Quartel-General Avançado em Porreta Terme. Daí, fui designado para o III Grupo de Obuses 105mm, comandado pelo Coronel José de Souza Carvalho, nas funções de subalterno da 2ª Bateria de Obuses, na condição de excedente.

Mas, como dizia, após a apresentação ao General Mascarenhas de Moraes, deslocamo-nos para São Paulo e o Coronel Luiz Baptista, após nos receber, determinou que fôssemos para o quartel do II Batalhão do 5º Regimento de Infantaria, em Pindamonhangaba, que estava vazio, completamente vazio, havendo nele, apenas, um sistema de comunicação – uma estação rádio – e só. Durante uma semana ficamos aguardando ordens. Logo, através do Boletim Reservado do Exército, tomamos conhecimento da criação da Unidade e da sua missão. Começaram a chegar os oficiais e, daí em diante, foi a nossa luta...

Poucos dias depois de nossa chegada, digamos um mês, recebemos a visita do Ministro da Guerra, General Eurico Gaspar Dutra, a fim de verificar nossas instalações.

O Depósito de Pessoal da FEB era formado de um Subgrupamento de Infantaria, outro de Artilharia e um terceiro reunindo Unidades das demais Armas e Serviços, como as Companhias de Engenharia, de Intendências e a de Saúde etc.

O Subgrupamento de Artilharia era constituído de um Estado-Maior, uma Bateria de Comando, uma Bateria de Serviços, duas Baterias de Obuses 105mm e uma de 155mm. Essa organização visava a se ter uma tropa adestrada, em condições de ser transferida às Unidades da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, constituídas com material 105mm – três Grupos de Obuses – e 155mm – um Grupo de Obuses.

No Depósito, recebemos primeiro o material. Logo depois, chegou o pessoal já instruído, mas em material diferente do que seria usado na FEB. O armamento usado na instrução era de origem americana. Os sargentos e cabos que se apresentavam, vindos de outras Unidades do interior do Brasil, haviam sido instruídos com o material Krupp, Schneider, ou com a metralhadora pesada Hotchkiss da Infantaria. O pessoal, na essência, chegava bem instruído, mas tinha que se adaptar ao novo material, a carabina .30, a metralhadora .50, a metralhadora .30 refrigerada a água, o material do obus 105mm Howitzer, o material do obus 155mm, tudo de origem americana.

Além da instrução, havia a necessidade de concluir a vacinação e de realizar exercícios de manutenção do adestramento, que se acentuaram depois que o Depósito de Pessoal da FEB, inclusive o Subgrupamento de Artilharia, foi transferido para o Rio de Janeiro, após o embarque do 1º escalão, como já disse anteriormente. Continuamos a instruir o pessoal e a atender as transferências solicitadas pelas Unidades que deveriam embarcar com os 2º e 3º escalões. Na verdade, é bom que se esclareça, julgávamos que esse Subgrupamento de Artilharia iria ser empregado na guerra. Logo depois, porém, compreendemos que a nossa missão era fornecer pessoal preparado para as Unidades que, realmente, iriam entrar em combate.

Durante a permanência no Brasil, só recompletamos claros de praças. Na Itália, o Depósito recebeu oficiais para atender as necessidades de preenchimento dos claros que eventualmente aconteciam. Comigo, como já adiantei, chegando à Itália, passei para o efetivo de distribuição e, logo depois, recebi a ordem de me apresentar ao III Grupo de Obuses 105mm, do Coronel Souza Carvalho.

A tarefa do nosso Subgrupamento de Artilharia, do Depósito de Pessoal, consistia na instrução básica, de manutenção e a preparação do combatente na parte relativa às vacinas e à documentação. Era necessário que tudo isso estivesse perfeitamente correto. Nós entregávamos o soldado pronto à Unidade que necessitava dele para o preenchimento do claro existente. Isso desfalcava o nosso Subgrupamento que, entretanto, recebia novas turmas, que eram preparadas, e tudo se repetia. Era um trabalho contínuo de recompletamento de pessoal.

Outro ponto a considerar refere-se à quantidade de material de que dispúnhamos. Era reduzido, suficiente para a instrução; apenas uma peça.

Fui designado instrutor da Metralhadora .50. Não a conhecia. Conhecia a Hotchkiss pesada. A .50, não. Com interesse e dedicação consegui ser um razoável instrutor. Me desdobrei para aprender e para dar as instruções sobre a metralhadora e realizar o tiro com ela. Também colaborei na instrução da Carabina .30 e do obus 105mm Howitzer e da instrução da técnica de tiro noturno de Artilharia.

Estava empenhado na instrução e preparo desse efetivo de substituição quando, num domingo, ao voltar ao quartel na Vila Militar, certo de que, na segunda-feira, prosseguiríamos a instrução, recebemos a ordem de preparar para embarcar em três ou quatro horas. Na madrugada de segunda-feira, 16 de novembro, eu e outros oficiais embarcamos em uma viatura e fomos para o navio *General Meighs*. Durante quase três dias ficamos no navio, procurando conhecer toda a sua compartimentação, para podermos facilitar a vinda dos que iriam embarcar dentro de poucos dias.

Na quarta-feira, se não me falha a memória, o Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas, chegou, às oito horas da noite, e apresentou-nos os votos de uma boa viagem, dizendo que confiava na coragem e no heroísmo dos pracinhas.

Partimos, com o *General Meighs* transportando cinco mil e tantos oficiais e praças. Havia dois comandos, o do navio e o da tropa transportada. Fomos comboiados por destróieres americanos, um cruzador brasileiro e dirigíveis, até Recife.

Durante o dia participávamos dos exercícios de “abandonar o navio”. Fazíamos uma média de dez exercícios por dia, até atingir o tempo mínimo de quatro minutos. Quando soava a sirene, parecia que estávamos em plena guerra... as armas do navio transporte atiravam, os navios de guerra que comboiavam também atiravam, procurando “viver” uma situação de guerra. A sirene tocando e nós, oficiais e praças, procurando seguir as instruções de ficar próximo às baleeiras, prontos para o abandono do navio. Tudo muito bem-feito, aprendemos tudo direitinho.

Recebíamos duas refeições diárias. O pessoal de serviço tinha direito a três.

Fomos comboiados por belonaves americanas e brasileiras até Gibraltar. De Gibraltar a Nápoles a Esquadra britânica assumiu o comando. Chegamos bem a Nápoles.

Havia dois QG, um Avançado e outro Recuado. Em 24 de dezembro de 1944, mandaram que eu me apresentasse ao QG Avançado, do General Mascarenhas, em Porreta Terme, deixando o Depósito em definitivo.

Lá, fui designado, como disse, para servir no III Grupo de Obuses 105mm, do Coronel Souza Carvalho. Não me lembro a região onde ele se encontrava, mas sei que, durante o percurso até o grupo, eu tomei alguns sustos porque havia alguns obuses em posição e estavam atirando. Para mim, a guerra estava começando naquele momento.

Me apresentei ao Coronel Souza Carvalho, um excelente companheiro, um grande chefe. Mandaram me apresentar à 2ª Bateria, de outro chefe valoroso, amigo, bom comandante, o Capitão Valmiki Erichsen. Fui apresentado à Bateria e, ali mesmo, encontrei o meu companheiro Tenente Marcel Padilla, que exercia, naquela ocasião, o comando da Linha de Fogo. Naquele instante mesmo ele já me passava as instruções sobre aquela função. E, assim, comecei a estagiar efetivamente na 2ª Bateria de Obuses do III Grupo 105mm.

O Tenente Padilla, naquele momento, tinha dupla função: era o Chefe da Seção de Manutenção e, ao mesmo tempo, comandante da Linha de Fogo. O meu batismo de fogo foi junto ao Padilla.

Estávamos ali, no interior da Itália. Havia pouquíssimas casas por perto. Próximas à posição da Bateria havia duas pequenas casas. Uma pequena onde estava instalada a central telefônica da Bateria e outra maior onde estava o Comando da Bateria.

Eu alternava o comando da Linha de Fogo com o Padilla, dia sim, dia não. Quando eu estava de folga, ia para o PC do Capitão, que me tratava com muita camaradagem.

Mas voltando ao dia 25 de dezembro, dia seguinte à minha chegada à Bateria: à noite o Padilla me convidou para um jantar na casinha onde, inclusive, instalamos a central telefônica. Cheguei já eram mais ou menos nove horas da noite, ainda dia claro, naquela época, na Itália. Participava desse jantar que nos era oferecido por um casal de velhos moradores, quando, inopinadamente, a Artilharia alemã resolveu dar uma demonstração de sua força. Comecei a me assustar porque ouvia perfeitamente as granadas passando por cima da casa e arrebentando adiante. O arrebentamento era tão violento que fazia tremer o terreno e a casa... Fiquei apavorado.

Não sei quanto tempo durou... uns bons minutos. Não fiquei satisfeito. Fiquei mesmo meio apavorado nesse meu batismo de fogo no dia 25 de dezembro de 1944. Perdi o apetite, não quis mais comer.

Assim começou minha participação efetiva na campanha da Itália.

Alguns dias depois a coisa piorou. Enquanto eu estava na Linha de Fogo, me mandaram estagiar na linha de frente, observador avançado junto ao III Batalhão do 6º RI. Fiquei lá uma semana e, ao retornar, passei novamente a dividir o comando da Linha de Fogo com o Tenente Padilla. Logo depois, o Tenente Marcílio de Sá Earp, que era o observador avançado titular junto àquela Unidade, teve um negócio nos pés devido a muita neve e temperatura baixa. Os pés estavam sofrendo... Então o Capitão Valmiki determinou que se fizesse a substituição. Como eu já havia feito o estágio, fui ser o observador avançado. Comecei a cumprir a nova tarefa, agora sozinho, na linha de frente. Engraçado, lembro-me que os infantes não gostavam

que eu aparecesse, porque sempre que eu saía de um PO, o alemão respondia com morteiro. Os infantes não gostavam que o tenente artilheiro aparecesse por lá porque era sempre um convite para o revide inimigo.

Aconteceu aí o segundo batismo de fogo.

Era tudo branco... a neve... uma coisa incrível. Eu tinha necessidade de conhecer a situação... nunca podia ir, ficar lá em cima... precisava ver as patrulhas que saíam. O Comandante da Companhia, Capitão Los Reis, precisava disso, daquilo... Eu precisava decorar a situação na frente da companhia. Era a região de Volpara.

Imaginei uma forma de observar, pensando não ser visto. Levei um lençol, furei o lençol e coloquei o binóculo. Avancei até a linha de crista onde estava a nossa Infantaria e fiquei alguns minutos procurando confrontar o que via através do binóculo com a carta que se achava em minhas mãos, fazendo um giro do horizonte, procurando gravar, fotografar mentalmente a situação. Quinze ou vinte minutos depois, de repente, com uma explosão, eu fui jogado uns dois metros para trás. Fiquei sem saber o que queria dizer aquilo, se fora ferido. Apenas fui deslocado... foi uma coisa fora do normal... e até hoje não sei explicar o que é que aconteceu...

O que teria sido? O alemão teria visto? O alemão não "dormia de touca". Teria visto o movimento do lençol? Teria visto o binóculo? Não sei!

A verdade é que, para mim, houve um arrebentamento de morteiro. O alemão estava cansado de saber... sabia de tudo perfeitamente... estava tudo ajustado... todos os morteiros dele... eles usavam e abusavam do uso do morteiro. Eles, às vezes, tocavam alvorada para a nossa tropa com morteiros. Era uma coisa impressionante. Se houvesse munição... Eles não atiravam mais porque não havia munição. Porque, se ele pudesse, ele fazia.

Eu acho que no caso em questão, ele pensou: o que é aquilo? Que negócio é aquele? E resolveu realizar um tiro de morteiro. E assim acabou a história do que foi o meu segundo batismo de fogo.

Esse artifício do lençol foi a forma que encontrei para cumprir a missão de observador. Exigia imaginação. Nós estávamos embaixo, no terreno, e eles estavam em cima. Tínhamos que inventar, criar qualquer coisa que permitisse ver, acompanhar o que estava acontecendo. Porque logo viriam as missões... o Capitão me convocaria e diria: "Tenente, eu vou soltar uma patrulha assim.... preciso de tiro em tal e tal lugar". Eu tinha que estar presente ali.

Realmente essa fase de neve foi muito difícil. Acredito que, no meu caso, por ter sido deslocado, deve ter havido um milagre...não tive um ferimento sequer... nada aconteceu comigo... a neve deve ter sufocado os estilhaçamentos e o ar deslocado é que deve ter feito o resto.

O clima de inverno rigoroso é um caso sério para nós brasileiros. Agora está acontecendo no Sul do Brasil, mas, naquela época, a neve era um negócio fora de série... dezessete graus abaixo de zero não é brincadeira. Aprendi a enfrentar essas situações. Fui orientado bastante pelo meu Comandante de Bateria. Mas ficava pensando nas guarnições das peças de obuses... Como elas resistiram a esse inverno 17 graus abaixo de zero...

É claro que na Bateria havia um revezamento: cada guarnição incluía nove a dez homens; então quatro deles e o cabo guarneciam a peça um dia e, no dia seguinte, o sargento o fazia com mais outros quatro.

Mas o brasileiro é criativo. Já encontrei assim: em cada peça de obus, uma barrica de ferro, com mais ou menos 70 cm de altura... essa barrica tinha fogo que era sempre alimentado por sobras de pólvora negra.

Essa pólvora negra vinha dos saquitéis. Era de onde ela vinha. O obus 105mm tem na sua carga completa sete saquitéis. Normalmente atirávamos com carga cinco. Então sobravam os saquitéis números seis e sete e iam se acumulando. E uma forma de dar destino a essa pólvora negra junto às peças era alimentar o fogo. Alimentar o fogo com um pouco de madeira e com aquela pólvora negra. E assim eles conseguiam aquecimento, faziam um cafezinho, ou esquentavam qualquer coisa ali.

Com isso aliviavam o frio do inverno que ia sendo enfrentado com uma barrica de ferro em cada peça. Quando vinha a ordem: “missão de tiro”, o pessoal do turno parava tudo aquilo ali, deixava a barrica de ferro a uma distância de segurança e cumpria a missão. E o inverno foi vencido com a ajuda dessas verdadeiras lareiras de guerra improvisadas pelos nossos artilheiros.

Mas a criatividade estava sempre presente.

Todas as Unidades expedicionárias tinham uma Subunidade de Serviços responsável pelo transporte, especialmente de munição. A Bateria recebia diariamente cerca de duzentos tiros. Era a média, era o consumo: duzentos tiros por dia. Como fazer chegar essa munição, esses duzentos tiros, às peças? Acontecia o seguinte: à frente da posição passava uma estrada. A Bateria de Serviços do Grupo deixava esses duzentos tiros em determinado ponto. Desse ponto até a linha de fogo da Bateria foi construído um sistema de transporte, uma caixa com roldanas na qual era transportada a munição do ponto de entrega acertado entre o Comandante da Bateria de Serviços e o da Linha de Fogo.

Eu encontrei isso lá, funcionando, e a Linha de Fogo recebia facilmente. Os duzentos tiros chegavam à Linha de Fogo rapidamente. Lá estava esse sistema facilitando o serviço, fruto da criatividade do soldado brasileiro.

Permito-me afirmar que a nossa Artilharia Divisionária – seus oficiais e praças graduados – soube se adaptar com inteligência às modificações impostas pelo novo armamento e técnica de tiro para a execução na campanha da FEB. Eu, por exemplo, vinha, de longa data, me preparando para o desempenho da função de observador avançado nos exercícios noturnos, ainda no Brasil. Mas na Itália, na campanha da FEB, não tive a oportunidade de operar numa Central de Tiro, porque havia uma centralização da técnica de tiro pelos grupos, deixando os capitães comandantes de Bateria com outros encargos, mais administrativos. Esporadicamente eles realizavam uma regulação e observação do tiro.

A Central de Tiro estava na mão do Adjunto do S3. No caso do meu grupo, nas mão certas do Capitão Fausto de Carvalho Monteiro, excelente oficial, bem tarimbado na função. Ele coordenava a execução dos tiros das Baterias e participava das reuniões de operações, porque também havia os tiros da Artilharia Divisionária. E aí é que as Centrais de Tiro tinham papel mais relevante. Os TOT – *time on target* – como eram chamados, eram tiros preparados de antemão, mais ou menos precisos. A Artilharia não é Infantaria, não é fuzil. Mas realmente, os TOT, os tiros nos quais participava toda a Artilharia Divisionária, era "paulada" nos pontos, nos depósitos da tropa alemã. E assim, os alemães passaram a divulgar que uma nova Artilharia havia chegado à Itália. Era a Artilharia da Força Expedicionária Brasileira, comandada pelo General Cordeiro de Faria. Artilharia boa!

Ao soldado brasileiro eu faria, aqui, uma homenagem. Olha!... quanto à disciplina em combate, eu considerava o soldado brasileiro superior ao americano. Por quê? O americano não avaliava bem a situação vivida. Ele achava que aquilo era um passeio. Ele avançava até assobiando, cantando. Diferente do soldado brasileiro que, por natureza, é desconfiado. O brasileiro é desconfiado. Até o canto de um pássaro já o deixava em alerta.

Nós tínhamos como aliada e vizinha a 10ª Divisão de Montanha americana. Uma tropa bem preparada, alimentada e treinada, sendo aniquilada pelo material alemão, as "Lurdinhas". Isso é o que eu ouvia e sentia, porque a "Lurdinha" era uma metralhadora alemã com uma cadência de tiro rápida, uma coisa fora do comum. A nossa metralhadora .30 tinha uma cadência menor. Mas a alemã, era uma coisa séria.

O americano me parecia um tanto ingênuo, uma criança... Isso foi confirmado quando, em uma licença de quatro dias em Roma, em contato com oficiais americanos, eu notava o americano ingênuo... um bom soldado, tudo o mais, mas é a tal história...

Em princípio o brasileiro é desconfiado. Eu gostava de ver, de apreciar, o avanço dos nossos pelotões. Quase não realizavam tiros. Deixavam por conta dos

alemães. Eles é que ficavam nervosos e atiravam a esmo. E o soldado brasileiro, progredindo, progredindo, os pegavam como se fosse uma cobra. Os pegavam nos ninhos, nas posições bem aferradas ao terreno dos alemães. E os pegavam e traziam. Nesse particular, o Tenente Iporan – Iporan Nunes de Oliveira – sempre trazia prisioneiro alemão.

O soldado brasileiro sempre deu demonstrações de possuir iniciativa. Era formidável quanto à criatividade. Corajoso, enfrentava com naturalidade as situações de combate. Eu gostava de ver...

O brasileiro, ou seja, os integrantes da FEB – oficiais e praças – apresentavam um sentimento diferente do europeu. O brasileiro é afetivo, comunicativo, festeiro, gosta de música, alegre e tenta animar o próximo. O brasileiro é assim em qualquer parte do mundo, seja na guerra ou no esporte, ele é sempre o mesmo. O brasileiro é fora de série. E o povo italiano foi, pouco a pouco, sendo conquistado com amizade aberta, franca e sincera. Por isso houve até casamento de pracinhas. No princípio os italianos estranharam os pracinhas, devido à propaganda alemã que pintava o brasileiro como um soldado estranho, esquisito, bárbaro. No entanto, a realidade se mostrou outra. Um detalhe curioso é que o italiano estranhava o fato de os brasileiros tomarem banho todos os dias. Os europeus eram um pouco diferentes de nós em relação a isso...

Individualmente, meu destaque especial é o Tenente Rubens Resstel, por sua audácia e coragem. Ferido duas vezes, tratado, voltou ao combate.

Eu me lembro bem desse nosso companheiro. Esse homem, desde a Escola Militar do Realengo, já era um cadete diferente. No exercício chamado “caça à raposa”, ele fazia a raposa. Quarenta, sessenta cadetes atrás dele para capturá-lo e nós não pegávamos esse homem. O Rubens demonstrou na Itália essa mesma capacidade. Recebeu a Medalha *Silver Star* dos americanos por seu desempenho e pela demonstração de bravura.

Havia outros oficiais competentes, mas que não tiveram a oportunidade de se revelar. Destaco, entre eles, o Padilla, que permaneceu longo período na Linha de Fogo e depois, com a chegada do Tenente Amerino Raposo Filho, voltou para a Manutenção. Ele se revelaria um oficial capaz, competente, inteligente, criativo e amigo, isso é que é importante.

A nossa Bateria era formidável... aqui para nós, eu acho que era a “menina dos olhos” do Coronel Souza Carvalho... tinha até o apelido de “Bateria Jóia”... Resultado da liderança e da ação de comando do Capitão Valmiki Erichsen, que verificava tudo, cobrava tudo, controlava, supervisionava, estava sempre ali, à frente da Bateria.

Para mim, o soldado alemão era um grande soldado. Fosse qual fosse a situação, e ali na Itália não era muito boa, ele era disciplinado, fiel cumpridor das ordens e regulamentos, atento aos sinais de respeito e aos procedimentos militares. Testemunhei isso quando ele, mesmo prisioneiro, no acampamento, fazia a continência a nossa bandeira no hasteamento pela manhã, parando de executar seus afazeres. Eles perderam a guerra mas não aquela formação de soldado. O soldado alemão era um grande soldado.

Gostaria de falar alguma coisa sobre o apoio logístico em campanha.

O apoio logístico do americano foi fabuloso; desde o navio transporte o Exército americano nos apoiou com eficiência. Se não tivesse havido esse apoio logístico americano... Nunca deixei de comer mingau pela manhã e receber maço de cigarro todos os dias. A gente não se preocupava em assinar papéis; a gente chegava com uma viatura precisando reparo, ele a recebia e... assina aqui... leva essa outra... e saía com uma viatura inteiramente nova. Certa vez, logo após o recebimento do material, um obus da 1ª Bateria foi danificado e, rapidamente, substituído por outro. Era mão aberta com material... Com pessoal eles eram mais exigentes e cuidadosos.

Aqui uma observação sobre o soldado inglês, com quem também convivemos. O Exército inglês era mais pobre. E o soldado inglês não gostava de muita conversa, era mais orgulhoso. Diferente, portanto, do americano.

Voltando ao apoio logístico, falo agora da nossa Bateria de Serviços.

Ela era comandada pelo Capitão Oswaldo de Oliveira Senna. Ela era o elo entre o formidável apoio logístico americano e as Baterias do Grupo. Ela fazia tudo, de tudo. E entregava lá nas posições. Só queria saber onde era o ponto de entrega. Essa eficiência atribuo à ação do Capitão Oliveira Senna.

Era Subcomandante do Grupo o Major Heitor Borges Fortes que, inclusive, já possuía o curso da Escola de Comando e Estado-Maior. Era conhecido por suas Ordens de Operações, verdadeiras aulas, uma coisa formidável. Eu tive a oportunidade de ler essas ordens de operações. Mas a citação que quero fazer é que ele havia sido instrutor do Capitão Oliveira Senna, e o havia reprovado. Pois bem, eu ouvi o Major Borges Fortes dizer: “Interessante! Eu fui instrutor desse Capitão e o reprovei. No entanto, ele é, para mim, o melhor Capitão do Grupo.”

À atuação eficiente do Capitão Oliveira Senna como Comandante da Bateria de Serviços, some-se outras qualidades como a pontualidade, a assiduidade e o espírito de cooperação, qualidades que demonstraram que a prática é diferente da teoria.

A minha participação nas operações da FEB nos Apeninos é cheia de lembranças. Recebi a Cruz de Combate de 1ª Classe. O Diploma da Medalha registra:

"2º Tenente Manoel Valença Monteiro, por ter, quando destacado junto à 8ª Companhia do 11º RI, como observador avançado, revelado coragem, sangue-frio e capacidade de ação, durante os encarniçados combates dos dias 14 e 15 de abril de 1945, para conquista de Montese, Serreto, Paravento, Montebuffone e Montello, conduzindo com rapidez e precisão os tiros de artilharia contra posições de metralhadoras inimigas, mesmo sob intensos fogos de canhões e morteiros inimigos, que caíam em Montaurígola, seu posto de observação, durante a fase de progressão. Em terreno difícil, semeado de minas e fortemente batido, deslocou-se muitas vezes, carregando o seu rádio e, a pedido do Comandante da Companhia, assegurou a transmissão das informações da situação ao Comandante do Batalhão. O Tenente Valença apresentou assim provas de coragem e grande noção do dever, vindo confirmar o elevado conceito em que o tem os seus chefes."

A Infantaria tinha traçado o seu plano de operações no qual suas ações eram balizadas pela conquista de determinados objetivos. Nós tínhamos que terminar o dia alcançando o objetivo número um, e, depois, no dia seguinte, o dois, e assim por diante. Mas nós encontramos muita resistência, principalmente por barreiras de morteiro. Eu não sei por que o serviço de comunicações da Companhia falhou. Falhou e eu então, como tinha um rádio, passei a dar as informações que o Capitão João Manoel de Faria Filho, Comandante da Companhia, pedia. O Oficial-de-Ligação era o Capitão José Maria.

Aproveito para dizer aqui, embora haja uma polêmica a respeito, mas eu digo e é a pura verdade: nessa ocasião passou por lá o G3 da Divisão, o Tenente-Coronel Humberto Castello Branco. Ele falou pelo meu rádio com o Comandante do Batalhão, pedindo isso e aquilo... pedindo providência e coisa e tal... porque o rádio dele não estava funcionando... As regras das comunicações foram rasgadas, porque a gente tinha que se identificar pela designação do posto-rádio – "aqui 51, câmbio" etc. Naquele momento não foi possível... teve que ser dito: "agora fala o G3 da Divisão", a fim de dar credibilidade à transmissão. Ele pedia, me lembro, uma coisa que chamava de patrulha agressiva.

Realmente, nesse combate de Montese tivemos muitas baixas e, de madrugada, dois dias depois, fomos substituídos por outro Batalhão. Nesse III Batalhão, estavam como observador, de um lado, o Rubens Resstel, e em outra Companhia, no outro lado, o Salli Szajnferber.

Outra fase da campanha sobre a qual me perguntam é a de Collecchio e Fornovo, e a rendição da 148ª Divisão alemã.

Na véspera de ocuparmos essa posição, estávamos numa festa, satisfeitos, pensando que a guerra terminara na Itália. Praticamente, a guerra estava terminada

na Itália, porque não havia mais ação; nós não ouvíamos mais falar em alemão. Fomos surpreendidos, com a ordem para realizarmos um deslocamento a fim de ocupar posição. Mas não tínhamos os caminhões! Como iríamos para a posição? Os caminhões estavam com a Infantaria que realizava uma manobra da Divisão naquela região. Todos os caminhões estavam emprestados, restando-nos as peças de obuses. Não sei quem foi o responsável por isso, mas logo apareceram os tratores do Grupo 155mm e fomos ocupar a posição, participando do Destacamento Nelson de Mello. Constituíam esse Destacamento, além da minha Bateria, o 6º RI e mais carros-de-combate americanos.

Numa estrada em frente – estrada 62 – os remanescentes de duas Divisões alemãs e uma italiana foram assinalados em retirada para o Norte. Essas Divisões tinham sido batidas e estavam com muitas baixas, pouca munição e nenhuma alimentação. O jeito era a rendição. Mesmo porque uma manobra da Divisão Expedicionária, muito bem-feita, não permitia que o alemão se reorganizasse. Encontramos esses elementos em Collecchio e Fornovo e os detivemos em seu deslocamento.

Ocupamos uma pequena elevação existente. Tivemos, vamos dizer, um "chega pra lá", ou melhor, como é que se chama? Sim, um "golpe de mão" tentado pelo alemão. Enquanto isso acontecia conosco, estavam-se realizando as negociações para a rendição.

Mas, enquanto se negociava o "pau cantava". Teríamos feito mais estragos, mais coisas, se a nossa Bateria tivesse ocupado posição com munição suficiente. O Tenente Amerino Raposo notou que a munição estava acabando e solicitou ao Tenente Padilla, que era o oficial de Manutenção, da Bateria de Serviços, para providenciar. O problema era que tínhamos o trator do 155mm e precisávamos de caminhão que se desloca mais rápido que o trator. Não sei como conseguiram, mas o certo é que veio a munição, embora já um pouco tarde, porque as negociações para a rendição já estavam na fase final.

Desejo registrar a impressão que tive das tropas aliadas com as quais tive contato durante a campanha na Itália.

A impressão que eu tive das tropas americanas, nas oportunidades em que eu tive contato com elas, foi a melhor possível. Os americanos eram agradáveis e comunicativos. Sua técnica de combate era semelhante à nossa. Já os ingleses eram um pouco mais fechados, aparentando um pouco de orgulho. Não se abriam. Não sei... é a formação deles. O nosso contato fazia-se através da língua italiana; o americano aprendendo e a gente também aprendendo. Era um italiano arranhado. Não tive oportunidade de observar o tiro para tropas americanas ou inglesas. Caso tivesse que fazer, aí a língua talvez teria sido um problema, não é?

Mas voltemos às ações de combate.

No caso de Montese, eu tinha solicitado, através do rádio, a observação aérea. Gostaria que a Esquadrilha de Observação e Ligação tivesse participado, porque ali o combate foi duro e estávamos com dificuldade para atingir o terceiro objetivo, previsto na Ordem de Operações. A Infantaria conquistou os dois objetivos iniciais, mas estava com muitas baixas. Depois da conquista de Montese, com a ruptura da defesa alemã, a ofensiva deslanchou; o alemão estava retraindo. Começamos a ouvir as bravatas.

Mas, deve-se destacar o trabalho do Esquadrão do Capitão Plínio Pitaluga no aproveitamento do êxito, perseguindo o alemão, sempre a fustigá-lo. Deve ter contribuído também para a rendição esse trabalho do Esquadrão do Capitão Pitaluga.

E a 2ª Bateria, a "Bateria Jóia" do III Grupo, participou do término das operações. Em Collecchio e Fornovo me causou surpresa ter que ocupar posição com tratores. Mas, conseguimos com todas as dificuldades como a imprecisão da carta, os tratores... obedecendo as determinações superiores. No final, a nossa Bateria, a Bateria Branca, a 2ª Bateria do Capitão Valmiki Erichsen foi a Bateria da Artilharia Divisionária que realizou o último disparo sobre a tropa alemã.

O que mais me impressionou na guerra foi o soldado brasileiro. Gente simples, de aparência ingênua e bisonha, obediente, era corajoso e disciplinado. Soube suportar o rigor do inverno europeu como qualquer habitante local; enfrentou o melhor soldado do mundo com galhardia e de igual para igual. Cumpriu com dignidade a missão de vingar os seus irmãos mortos pelo traiçoeiro torpedeamento dos nossos navios da marinha mercante. Ele cumpriu a parte dele. Nós cumprimos, nós todos cumprimos a nossa parte.

A rendição da 148ª Divisão alemã coroou a campanha da FEB. Fechamos a campanha com chave de ouro. A manobra da Divisão que permitiu a rendição da tropa inimiga encerrou com brilho a campanha da Força Expedicionária Brasileira na Itália.

Gostaria de citar alguns chefes e companheiros cujo comportamento e ações ficaram nas minhas lembranças. Embora eu tenha tido pouco contato com elementos de cima, vou falar do Coronel Souza Carvalho. Tive poucas oportunidades de estar com ele. Era o Comandante do Grupo. Via nele um pai, um chefe, um amigo e um companheiro. Na Bateria, todos eram bons companheiros e amigos. Mas devo destacar o Comandante da Bateria, o Capitão Valmiki Erichsen. Atento com seu pessoal... Bom companheiro... Bom amigo... Não sei mais o que dizer...

Vou contar um fato que me deixou muito comovido. Em 29 de janeiro de 1945, quando eu estava lá em Volpara, num posto de observação, na frente, ele

mandou uma viatura me buscar. Surpreso, pensei que iria ser substituído ou mandado para outra missão. Nada disso. Ele mandara me buscar para comemorar meu aniversário, com bolo e tudo mais... depois, voltei ao meu posto, à minha missão.

Não tive contato com a Artilharia Divisionária. No inverno, uma vez, me apareceu o 1º Tenente Paiva, observador avançado do Grupo 155mm. Ele queria realizar alguns tiros e o seu rádio não estava operando convenientemente. Disse-lhe que não havia problema e liguei-me com o oficial-de-Ligação, que era o Capitão Mário Fernandes. Pedi que a Central Telefônica do Grupo – codinome "lépido", se não estou enganado – fizesse ligação com a Central do Grupo 155mm, de codinome "lúcifer" e pedi que me desse "lúcifer 3", que era a Central de Tiro. Atendeu o Tenente Francisco Boaventura Cavalcanti Júnior:

– Boaventura, aqui é o Valença.

– O que é que há Valença?

– Olha, está aqui do meu lado o Tenente Paiva, observador, que quer ajustar o tiro e o seu ... Pode entrar em contato com ele?

– Posso. Passa o telefone para ele.

Passei o combinado do telefone.

Ele ajustou o tiro e fiquei com inveja de não ser observador avançado do 155mm. Na frente do arrebentamento do obus 155mm, o 105mm não é nada. O do 155mm é dez vezes maior. É um arrebentamento fantástico. Ele realizou aquilo, e eu fiquei com inveja do Tenente Paiva.

A Artilharia também participava da propaganda durante a campanha. Os alemães utilizaram bastante a propaganda através de panfletos lançados em nossas linhas. Fizeram misérias, disseram muita besteira. Tive a oportunidade de ver a propaganda alemã que chegava a nós e que era acintosa, desagradável, agredia o povo brasileiro. Mas, afinal era uma guerra. Quanto a nossa eu nunca a vi; ela já vinha arrumada nas granadas e não se podia mexer. Sabia apenas que íamos atirar munição de propaganda, quando aumentávamos a alça e a carga para mandar lá para a retaguarda deles.

Quero ainda abordar dois assuntos.

O primeiro é registrar o ambiente tenso que encontrei quando me apresentei ao Quartel-General, em Porreta Terme, após os insucessos de Monte Castelo. O General Mascarenhas estava muito triste, muito chateado. Havia uma investigação, alguma coisa assim, nesse sentido, para avaliar a investida fracassada sobre M. Castelo. Mas, com a Ofensiva da Primavera na qual tudo foi bem elaborado, em consonância com a 10ª Divisão de Montanha americana, inclusive a conquista de Monte Castelo, demos o troco. Essas ações demonstraram, de modo inequívoco, o nosso valor militar.

O segundo assunto que gostaria de abordar é o apoio logístico do Exército americano. Eu destaco a importância desse apoio para a campanha. A forma de realizá-lo, sem burocracias, rapidamente substituíam a viatura, o armamento, bastando assinar um papel. Foi primoroso e garantiu o êxito da campanha.

Terminada a guerra na Europa, voltamos ao Brasil e o povo prestou significativa homenagem a todos os escalões de regresso, com a mesma intensidade. É do brasileiro receber bem e ele gosta dos nossos pracinhas. Ficamos bastante satisfeitos com a acolhida. Foi uma grandiosa experiência.

Na campanha, colhemos bastante ensinamentos e muitos frutos para o nosso Exército. Isso eu posso dizer, porque a instrução que recebi no Realengo foi depois alterada, fruto da experiência durante a campanha. Sou testemunha da evolução que ocorreu, desde os procedimentos básicos do serviço em campanha relativos à higiene, ao uso do material individual, ao consumo de água tratada etc, até as operações propriamente ditas.

Um exemplo, é a criação da Polícia do Exército que antes não existia entre nós. Sobre a atuação da PE americana, há até um cartaz do qual me lembro, colocado na entrada dos perímetros urbanos, com os seguintes dizeres: "Passe devagar e conhecerá a nossa cidade. Passe depressa e conhecerá o nosso xadrez."

O nosso Exército participou com destaque na campanha da Itália, na Segunda Guerra Mundial. A Força Expedicionária Brasileira, a FEB, retornou consciente de seu papel histórico e glorioso.

Quanto a mim, a minha vida pessoal, não tenho dúvida de que voltei mais amadurecido, mais consciente. Cumpri minha missão e me orgulho de pertencer ao nosso valoroso Exército e de ter integrado a FEB.

A Força Expedicionária Brasileira cumpriu a sua missão. Deu exemplo de patriotismo através das ações de seus abnegados pracinhas.

O Brasil, por meio dos nossos expedicionários, demonstrou a sua grandeza ao responder, em terras da Europa, os atos praticados contra nós, pelos alemães, em águas do Atlântico Sul.

Coronel Jurandyr Loureiro Accioly*

Natural da Cidade de Capelas - AL, pertence à turma de 4 de novembro de 1944 da Escola Militar do Realengo. Teve as seguintes promoções: 2º Tenente, em 02-03-1945; 1º Tenente, em 25-03-1947; Capitão, em 25-03-1951; Major, em 25-08-1956; Tenente-Coronel, em 25-04-1964; e Coronel, em 25-08-1968. Realizou, durante a sua carreira como Oficial, os cursos de Motomecanização (Escola de Motomecanização); de Transporte de Tropa do Núcleo da Divisão Aeroterrestre; de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO); de Comando e Estado-Maior (ECEME); e Ciclo de Extensão de Energia (ESG). Integrou a FEB como Aspirante-a-Oficial, por ter-se declarado voluntário, ainda como cadete. Na guerra, exerceu a função de Comandante do 3º Pel Fzo/9ª Cia / III Btl/1º RI. Tomou parte dos ataques de Monte Castelo, Bellavista e Cota 958. Após a Guerra, exerceu importantes funções administrativas; de Instrutor; de Informações; de comandante de Organizações Militares e de Guarnição Militar; de chefia de gabinete e de seções; de agente-diretor; de assessor de assuntos econômico-financeiros; de estado-maior; de chefia de grupo combinado de informações e logística e Serviço Nacional Relevante prestado à ONU. Recebeu as seguintes condecorações, por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Medalha Cruz de Combate de 2ª Classe; Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

* Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 9ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria, entrevistado em 9 de agosto de 2000.

É com viva emoção que desejo externar os meus agradecimentos por esta entrevista, que faz relembrar fatos passados há mais de cinqüenta anos, e que marcaram profundamente a minha vida. De início, vou discorrer sobre a minha integração à Força Expedicionária Brasileira.

Faltando poucos dias para ser declarado Aspirante-a-Oficial, soube que os dez primeiros classificados da arma de Infantaria poderiam integrar a FEB voluntariamente; por ocupar o sexto lugar de minha turma, aceitei seguir para o Teatro de Operações da Itália.

Em 23 de novembro de 1944, dezenove dias após ser declarado Aspirante, embarquei no navio de transporte de tropa americano, *USS General Meighs*, chegando a Nápoles em 7 de dezembro de 1944. Durante a travessia do Oceano Atlântico, tomei parte de inúmeros e constantes exercícios de "abandono de navio", diante da ameaça de ataques de submarinos. As minhas condições de saúde eram muito boas.

Lá chegando, fui direto para o *front*. Não houve a possibilidade de se fazer uma preparação, uma adaptação ao novo material de campanha. Eu me apresentei ao Regimento na antevéspera do vitorioso ataque a Monte Castelo e, imediatamente fui designado comandante de um Pelotão. Desloquei-me ao encontro dos seus integrantes a fim de conhecê-los e ter uma idéia do que iria acontecer, isto é, tomar conhecimento da missão.

Não houve tempo de pensar em batismo de fogo. Quando mal tinha conhecido o meu pessoal e o material disponível, chegou a hora de desembocar o ataque; uma vez nesse ataque não tive mais tempo de pensar em ter medo. O medo é inato de cada um; todos têm idéia de proteger a sua vida, é uma autodefesa, mas naquelas circunstâncias eu não tive tempo de pensar nisso. Tinha que pensar mais na vida daqueles homens que estavam comigo. Assim, deslocamo-nos e, talvez, com a graça divina, conseguimos chegar ao topo de Monte Castelo.

Éramos quatro aspirantes: Guerra, Mega, Amorim e eu, lançados no campo de batalha em circunstâncias parecidas. O Aspirante Guerra, Teodoro Guerra de Oliveira, foi ferido mortalmente, salvando-se por um milagre. Foi evacuado imediatamente para um hospital americano, e quando teve alta não tinha mais condições de combater, retornando ao Brasil.

O Aspirante Hélio Amorim Gonçalves foi ferido gravemente e ficou muito tempo sem ter condições de combater; não foi evacuado para o Brasil, e o terceiro, o Aspirante Francisco Mega morreu em combate.

Nós embarcamos juntos do Brasil para a Itália, e lá fomos para o Regimento Sampaio, numa mesma viatura, juntos e muito amigos.

O fato de chegar ao topo de Monte Castelo, com a conquista desse objetivo tão almejado, após vários ataques sem sucesso, é a sensação de alívio, e a de ter contribuído para uma vitória expressiva. Graças à atuação bem-sucedida da nossa gloriosa Artilharia meu Pelotão foi salvo. Estávamos sem condições de recuar e de avançar, quando a Artilharia, com tiros precisos, bombardeou as posições inimigas, facilitando o nosso avanço. Neste dia, tive mais um pelotão incorporado ao meu, porque o tenente, com o sopro de uma granada ou coisa parecida, ficou inerte, então mandaram que continuasse a atacar a serra com dois pelotões, sem conhecer ninguém desse outro Pelotão, e muito mal os meus homens.

Conquistado Monte Castelo, mandaram que eu prosseguisse para atacar Bellavista e Cota 958. Esse ataque não foi muito difícil, já que os alemães e algumas outras tropas, lá instaladas, largaram-se. Diminuíram de muito a resistência. Eles não tiveram tempo de minar a região, porque a Cota 958 fica atrás de La Serra e o inimigo esperava oferecer uma maior resistência em La Serra. Um campo minado é muito traiçoeiro; quando a mina explode realmente faz estrago.

Daí para a frente, podemos dizer, que começou a ofensiva da primavera. A 10ª Divisão de Montanha americana conseguiu fazer um deslocamento muito rápido e as tropas alemães, que estavam pela frente, foram-se dispersando, facilitando muito o nosso trabalho. Foi um deslocamento mais cuidadoso do que ataque consecutivo.

O próximo objetivo foi Zocca, para onde progredimos sem encontrar fortes resistências. À proporção que nos deslocávamos para o Norte da Itália, uma região próspera, a resistência foi diminuindo. Além desse aspecto a população também prestou um grande auxílio, pois denunciava onde estava o inimigo, bem como o combatia. Nós encontramos muita gente falando o português; alguns tinham parentes no Brasil, ou aqui estiveram. Havia um intercâmbio muito grande. Eles eram e são amigos dos brasileiros.

Nessa Fase de Aproveitamento do Êxito, seguido da Perseguição, fomos a Collecchio e Fornovo. Nessa região, normalmente as ordens que recebíamos eram para ocupar e defender determinados pontos, evitar saques e disciplinar. Outros brasileiros já tinham chegado ali antes, e conseguiram dobrar a resistência.

Havia divisões alemães e uma divisão italiana, que não estavam congregadas, seus combatentes se espalharam. Nós tínhamos que tomar cuidado; de vez em quando a gente fazia prisioneiros, dez, 16 homens, tínhamos quase que indicar o caminho da retaguarda para eles, porque não tínhamos efetivo para o número de prisioneiros que foi feito. Um homem conduzindo dez, 12, todos desarmados, mas se quisessem, podiam fugir.

Relembro a época do inverno rigoroso, quando foi amplo o emprego das patrulhas, que representam uma ação bastante difícil na guerra. A patrulha requer tato, iniciativa e destemor. Certa vez, escoltei um tenente alemão da SS; eu o trouxe de volta com muito sacrifício, porque tanto os alemães como os brasileiros, atiravam no terreno entre as duas posições, uma "terra de ninguém". Chegamos primeiro até a nossa Companhia e de lá mandaram que eu levasse o tenente até a retaguarda, onde estava o Comandante do III Batalhão do 1º RI, o Major Franklin Rodrigues de Moraes.

Ele resolveu organizar uma companhia de choque, com o Tenente Guynemé Muniz, o Tenente Alírio Granja e eu. Essa companhia, que seria a 8ª, não foi formada. Houve um problema grande na frente que precisava ser elucidado, sendo eu designado para obter as informações necessárias. O desgaste de um Tenente de Infantaria é muito grande, muito grande mesmo. Com facilidade o comandante de Pelotão desaparece: fica doente, é ferido ou é morto.

Precisava-se, então, que um tenente fosse a Abetaia, sendo eu escalado. Reuni quinze homens e fomos cumprir a missão; conseguimos nos aproximar, pegamos todas as informações, e com isso não houve tempo de se formar a companhia de assalto, com as graças de Deus.

Vi o desempenho de oficiais da nossa Força Expedicionária Brasileira, que se pode reputar dos melhores. Tive um comandante de Companhia, Capitão Alberto Jorge Farah, extraordinário, homem este que quando saíamos em patrulha, não dormia. Ele acompanhava passo a passo, esperava a volta e nos orientava muito. Era incansável... Era um capitão que nos incentivava e apoiava em todos os sentidos, moral e profissionalmente. Não deixava ninguém na companhia sem a sua ação de presença. Quando eu estava de folga, e era convocado ao seu PC ou local onde ele estivesse, orientava-me e dizia-me como proceder; ao sair numa patrulha para tal região, dava-me todos os detalhes da área, e como eu deveria prosseguir. Foi extraordinário para mim. Chamava-se Alberto Jorge Farah.

A nossa gente teve um bom desempenho, apesar do pouco treinamento. Foi uma falha que eu acredito existir, que por contingências, esse treinamento prolongado não foi feito e é essencial. Eu digo que é essencial porque a 10ª Divisão de Montanha treinou durante três anos, chegando a considerar o aspecto físico do combatente para a composição do Batalhão, num, por exemplo, todos tinham um metro e oitenta, em outro, todos tinham um metro e setenta, muito dispostos e muito bem-treinados. Mas, treinaram três anos, depois de ter uma vida profissional muito longa.

O soldado brasileiro foi, em princípio, um pouco indisciplinado, porque, nas nossas posições, quando o inimigo não estava atirando, o pessoal jogava futebol,

corria, era uma alegria muito grande, e eu vivia me martirizando por causa da segurança; e quanto ao lado alemão, não se via uma mosca. Agora, resistência à fadiga, muito grande, e coragem, na sua maioria. Foi uma demonstração de que o brasileiro é corajoso.

No que se refere ao relacionamento da tropa com a população local, pode-se dizer que foi excelente; o povo italiano considerava o brasileiro como um irmão. Nós oferecíamos coisas que eles não tinham, como o cigarro e a comida, eles correspondiam sendo muito atenciosos conosco.

O apoio de saúde, também foi excelente. Os nossos padioleiros se esforçaram muito. Vou dar um exemplo; quando o Aspirante Guerra foi ferido, fui socorrê-lo com dois padioleiros. O Guerra estava sem sentidos, com sangue escorrendo pela boca e pelo ouvido; esses padioleiros o removeram – eu ajudando no que podia – até um posto de triagem. O Aspirante Guerra veio morrer há três anos atrás, muito tempo depois da guerra. Ele foi ferido à bala, que tirou uma tangente no coração; na frente, era um orifício muito pequeno, mas atrás, era uma calamidade.

Se não fosse essa ação rápida e atenta dos padioleiros, não chegaria nunca ao posto de triagem. Teria morrido. Olha, eu posso dizer que se alguém chegasse com vida a um posto de triagem, tinha muita chance de viver; era impressionante.

No que se refere ao apoio religioso, para mim, praticamente não existiu, porque eu vivia lá na frente numa pequena fração; não havia tempo, não se podia rezar uma missa ou prestar-se um apoio dessa ordem.

Já quanto ao inimigo, pode-se afirmar que era bem-adestrado, defendia as suas posições com muito denodo e não se entregava facilmente. Ele combatia até o último instante que podia, resistia e defendia as posições com muito vigor.

Eu gostaria de destacar dois aspectos marcantes na Campanha dos Apeninos, primeiramente, o excelente espírito de companheirismo e a colaboração que passara a existir no Pelotão. Segundo, alguma dificuldade que tive no início para exercer na sua plenitude o comando daqueles homens que eram cerca de quarenta. Nos Apeninos isso mudou, todos passaram a acreditar em todos.

Uma ação efetivada pelas tropas aliadas na Itália que me marcou profundamente foi o ataque da 10ª Divisão de Montanha a Belvedere. Foi impressionante a organização, a coragem e o desenrolar dessa operação. Em dez ou quinze minutos, três batalhões da 10ª Divisão de Montanha foram dizimados. Formou-se uma fila de ambulâncias até Montecatini, que ficava lá na retaguarda, acredito que a uns cinqüenta ou sessenta quilômetros, ou mais. A estrada ficou tomada pelas ambulâncias, todas se deslocando na velocidade máxima permitida. Mas, a 10ª de Montanha não desanimou, continuou o ataque e venceu.

A resistência alemã foi terrível. Eles faziam casamatas nas elevações e minavam a frente toda. E amarravam o tiro das armas; levavam uma vantagem muito grande. O que nos aliviou e muito é que o inimigo não tinha Aviação, a Aviação era coisa nossa. Se não tivéssemos Aviação e Artilharia potentes, seria um fracasso.

O apoio logístico americano foi perfeito, pela pletora de meios e pelo deslocamento de material e de tudo que era necessário, nada nos faltava.

Mas, uma das coisas que mais me impressionou na campanha da FEB foi a resistência à fadiga pelos nossos homens. Não estavam preparados e não tiveram um treinamento prolongado para uma ação de guerra. No entanto, com pouco tempo e tudo adverso, superaram as dificuldades e se adaptaram muito bem. E, também destaco mais uma vez que sou um admirador muito grande, da apresentação física da 10ª de Montanha e da sua atuação em combate.

Desejo, agora, fazer referência especial a alguns integrantes da Unidade. São três nomes que eu considero uma obrigação minha citá-los. Uma, ao comandante da minha 9ª Companhia, que se chamava Alberto Jorge Farah, incansável e destemido. Outro, o S3 do III Batalhão, Walter de Menezes Paes, que escreveu o livro "Lenda Azul" editado pela Biblioteca do Exército Editora, que considero magnífico, a expressão verdadeira da atuação do III Batalhão na Campanha da Itália. E o terceiro nome, de um sargento que eu não conhecia e, por coincidência, também alagoano, chamado Arlindo Barbosa, homem incansável, destemido, leal e muito preparado; esse homem nos ajudou muito. Ele se radicou na Bahia, em Feira de Santana. Depois da guerra, todo o Natal, vinha ao Rio de Janeiro, para me cumprimentar. Todos, e quando havia qualquer um outro evento e ele podia, vinha. Veio no meu aniversário, e a um desfile no Aterro do Flamengo em 8 de maio. Ele ia junto comigo lá na frente. No princípio, quando atacamos Monte Castelo e Cota 958, ele ia ao meu lado chamando os homens e eu também, porque eram quase bisonhos, e ele congregou tudo.

Muitas das vezes precisávamos confortar os combatentes. A gente vê o amigo, o companheiro gemendo de dor, atordoado, e às vezes chamando pela mãe: "Minha mãe! Minha mãe!" Como se a mãe estivesse ao seu lado. Então, tínhamos que confortar: "Não, isso não é nada". Um tinha perdido a perna e nós dizíamos: "Não se desespere, vai haver um jeito, o americano já descobriu um meio". Tínhamos que inventar alguma coisa para elevar o moral dele. No fim, nós nos irmanamos tanto que, como eu era o comandante, passei a ser uma espécie de pai.

A respeito da campanha, gostaria de acrescentar duas coisas: uma é que eu tive dúvida do acerto de ter ido para a guerra, em razão da minha falta de experiência, saindo da Escola Militar. E a outra é que, não desejando que ocorra, mas como não sabemos o futuro, se houver a necessidade de mandarmos uma nova FEB, que

esta possa sofrer menos, porque a mesma teve um papel relevante, magnífico, mas com um esforço sobre-humano. Que se faça um treinamento maior e a tropa seja equipada com meios adequados.

É interessante contar que não tive a oportunidade de comemorar a vitória lá na Itália, porque houve necessidade de se manterem determinadas posições; e a tropa que era indicada para isso era a do meu escalão, que estava lá na frente. Então, eu passei esse tempo ocupando posições e tratando com os italianos, pois não sabíamos a quantidade de inimigos que ainda estavam soltas. Havia muita tropa, mas o número de prisioneiros feito foi muito superior ao nosso efetivo, mas muito superior. Nós ficamos de tal forma envolvidos que nem do 8 de maio tomamos conhecimento; só depois que soubemos do fato.

A FEB foi recebida muito bem no Brasil, manifestações valiosas, majestosas, invulgares, muita consideração. Eu recebi homenagem nas Alagoas; não queria ir, mas a FAB facilitou-me, transportando-me até Recife; de Recife, o Estado de Alagoas mandou me apanhar, e fui recebido na cidade onde fui criado, Viçosa de Alagoas, com festejos emocionantes durante três dias, que eu achei que não merecia tanta homenagem. Inclusive das cidades vizinhas e da cidade onde nasci, Capela, mandaram representações para lá. Foi inesquecível.

Evidentemente houve conseqüências na minha vida pessoal ter integrado a FEB. Foi um incentivo muito grande, pois em todas as organizações militares por onde eu passei, fui muito bem acatado e recebido, e tive muito trabalho, porque mandavam que eu fizesse palestras a respeito do que tinha vivenciado na guerra.

Na vida particular, procurei não falar da FEB, para não repetir o mesmo assunto e cansar. Aqui encontrei a irmã do Mega que faleceu, era muito nossa amiga. Estive com o Guerra e o Amorim; nós éramos como irmãos. Quando, como coronel, pedi transferência para a reserva, o Amorim e o Guerra foram a minha casa e disseram: “Você não vai pedir transferência para a reserva”. Tinham muito carinho para comigo; queriam que eu continuasse.

Finalmente, gostaria de registrar o valor inestimável deste projeto. Não podemos deixar no esquecimento fatos heróicos que aconteceram na FEB. Não me considero um herói, porque tudo comigo foi fácil, mas muitos e muitos companheiros padeceram bastante. Não quer dizer que não sofri, mas não tanto quanto eles.

Continuem e meus parabéns por esse trabalho magnífico que estão realizando.

Coronel José Tancredo Ramos Jubé*

Nasceu na Cidade de Goiás - GO. Formou-se pela Escola Militar do Realengo em 4 de novembro de 1944, quando foi declarado Aspirante-a-Oficial da Arma de Artilharia. Realizou, durante sua carreira, como Oficial, os cursos de Artilharia de Costa, Técnica de Ensino, Aperfeiçoamento de Oficiais, Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) e Superior de Guerra, da ESG. Dentre os cursos civis, destacam-se, o de Administração de Empresas, pela PUC/RJ (1975) e o de Direito, pela Universidade Estácio de Sá (1987). Na Campanha da Itália, integrou o 20º Grupo de Artilharia de Campanha – Grupo Bandeirante (III GO da FEB), nas funções de Auxiliar do Comandante da Linha de Fogo. Foi Instrutor da Academia Militar das Agulhas Negras, da Escola de Artilharia de Costa e da ECEME. Integrou a Secretaria do Conselho de Segurança Nacional (1961) e o Gabinete do Ministro Costa e Silva (1964 até 1967). No Gabinete Militar do Governo Costa e Silva (1967 a 1969), foi Assistente–Secretário. De 1969 a 1972, serviu na Embaixada do Brasil, em Washington, na função de Adjunto do Adido Militar. Comandou o 10º Grupo de Artilharia de Campanha – Fortaleza – Ceará, de 1972 a 1975. Ainda em 1975, exerceu o cargo de Chefe de Estado-Maior da 1ª RM. Ao término do Curso Superior de Guerra, foi para a Diretoria de Formação e Aperfeiçoamento, quando deixou, em agosto de 1977, o serviço ativo. Dentre as condecorações que lhe foram outorgadas por sua participação na Segunda Guerra Mundial, destacam-se: Medalha de Campanha e a Medalha de Guerra.

---

* Auxiliar do Comandante da Linha de Fogo da 3ª Bateria do III Grupo de Obuses 105mm, entrevistado em 20 de outubro de 2000.

Mal começara a Segunda Guerra Mundial, o Brasil adotou uma posição de inteira independência dos fatos. Não tomou nenhuma iniciativa porque não tinha mesmo que fazê-lo, permanecendo neutro, neutralidade que se estendeu do início da guerra, em 1º de setembro de 1939, até 7 de dezembro de 1941, quando os japoneses atacaram Pearl Harbor de modo surpreendente e covarde, levando o Brasil a hipotecar solidariedade aos Estados Unidos.

As surpresas desse período, em que os fatos se sucediam com incrível rapidez, provocaram, em janeiro de 1942, a Terceira Conferência dos Chanceleres Americanos, que, apesar das discrepâncias, conseguiu estabelecer, praticamente, a unidade continental.

Nessa conferência, contamos com um gigante, que foi o nosso Chanceler Osvaldo Aranha, e os americanos mandaram um homem de primeira qualidade, Sumner Wells – um diplomata, um executivo de governo excelente –, que se entendeu maravilhosamente com o nosso Ministro.

Inicialmente, procurava-se apenas partir do princípio que havia solidariedade de todo o Continente aos Estados Unidos, mas, depois, Osvaldo Aranha e Sumner Wells caminharam para uma situação mais objetiva, buscando uma meta concreta – que era o rompimento de relações com a Alemanha e com a Itália. Contudo, como disse, houve discrepância e, por incrível que pareça, da Argentina, que não quis participar, votando contra. A seu lado, colocou-se o Chile, apresentando como justificativa o fato de seu posicionamento geográfico, voltado para o Oceano Pacífico, o que muito favorecia uma ação dos japoneses contra o seu território.

O argumento chileno não se prestava à Argentina, que , realmente, não teve como justificar a sua estranha posição. Mais tarde, o Brasil, após reconhecer o estado de beligerância em relação à Alemanha e à Itália no dia 22 de agosto de 1942, declarou o estado de guerra em 31 do mesmo mês, entrando efetivamente no conflito.

Nessa oportunidade, aconteceu um fato interessante. O General Justo, que fora Presidente da Argentina e era general honorário do Exército Brasileiro, apesar do voto contrário de seu País na 3ª Conferência de Chanceleres, apresentou-se ao Brasil pronto para ir à guerra. Lembro-me bem disso, porque eu era cadete do 1º ano e, no dia 10 de setembro, quando recebi o espadim, homenageava-se, aqui no Rio de Janeiro, o Gen Justo, de forma marcante, pela sua decisão desassombrada. Então, é possível notar que, em nosso País, havia mais unidade com relação à guerra do que no vizinho do Sul.

Após a entrada do Brasil na guerra, algumas medidas foram tomadas como o blecaute na orla marítima. A Avenida Atlântica, por exemplo, ficava às escuras e os edifícios, voltados para o mar, eram obrigadas a colocar uma cortina escura nas

janelas, pois a Quinta-Coluna pusera as unhas de fora, principalmente no Sul, onde a colonização alemã já era grande naquela época, assim como a italiana.

Devo dizer que São Paulo sempre teve uma respeitável colônia italiana, todavia nunca se soube de nenhum movimento pró-Eixo nesse Estado, mas, no Sul, houve, por causa da grande influência dos alemães. Hitler, dentro de sua concepção, instigava os descendentes de alemães, baseado certamente no princípio do *juris sanguinis* pela origem de seus pais e de seus avós.

Dentro desse quadro, no Rio Grande do Sul, eles conseguiram implantar inúmeros clubes, diversas associações para desenvolver e divulgar os interesses do Eixo, cultivando, com todo empenho, as tradições germânicas. O General Cordeiro de Faria, que foi o Comandante da Artilharia Divisionária da FEB, meu comandante portanto, sentiu perfeitamente esse problema e atuou no sentido de integrar todo o Rio Grande do Sul, exigindo, inclusive a língua portuguesa em todos os atos, porque havia escolas onde o aluno só falava o alemão, desde que entrava em seus portões até o momento que por eles saía, em contraposição à Constituição que sempre consagrou, com todas as letras, o Português como a língua nacional.

Enquanto nos defrontávamos com o problema dos quistos formados pelos descendentes dos países do Eixo no Sul, fundamentalmente de alemães, no Norte e no Nordeste havia um problema, ainda, mais sério, porque o saliente nordestino era a área mais adequada, pela sua proximidade, à ligação com a África,e a guerra, que era total, já havia avançado por toda a Europa e já estava no Continente africano.

Com isso, surgia uma questão preocupante, ou seja, se os alemães atingissem a costa atlântica da África – a área de Dakar, que é também um saliente africano – eles poderiam chegar ao Brasil, ocupando o saliente nordestino, para daí atuar contra o Canal do Panamá principalmente e mesmo contra os Estados Unidos.

Diante dessa hipótese, tornou-se importante defender o saliente nordestino contra o Eixo. Felizmente, os americanos chegaram à costa africana do Atlântico antes dos alemães, mas não desapareceu a importância do Nordeste, porque, sendo muito próximo da África, apresentava-se como ponto de passagem obrigatório da força americana para chegar àquele Continente.

Assim, o Nordeste passou a se constituir no grande trampolim entre a América do Norte e o Continente africano. A história chamou, muito justamente, de o “Trampolim da Vitória”, cabendo destacar que os americanos sentiram essa imposição geoestratégica com muita antecedência e, para valer-se dessa posição privilegiada, empreenderam numerosas ligações, diversos contatos, em todos os níveis, com o Brasil a respeito do Nordeste, no sentido de poder utilizá-lo na concretização de suas necessidades. Eles já haviam levantado a possibilidade de um desembarque

alemão aqui, inclusive para atuar contra a Venezuela, com o propósito de apoderar-se do seu petróleo, de grande interesse para eles, bem como bombardear outros pontos nas Antilhas.

Alias, essa importância é antiga. Quando os holandeses ocuparam o Nordeste, ocuparam também a costa africana portuguesa, se não me falha a memória Angola, levando o Brasil a enviar uma expedição que seguiu do Nordeste, comandada por Salvador Corrêa de Sá, para combater os invasores em Angola.

No caso da Segunda Guerra Mundial, em que o conflito era global, a distância do Nordeste para a África, com os recursos da tecnologia, reduziu-se ainda mais. Assim, o americano tinha interesse em se defender usando o território brasileiro. Aí, veio aquela luta, levada a efeito pela Quinta-Coluna que combatia a presença americana em território brasileiro, o mesmo acontecendo com os nacionalistas puros, mais arraigados aos seus ideais, o que é uma coisa bonita, muito bonita, mas, às vezes, atrapalha.

O Chanceler Osvaldo Aranha, com sua habilidade e com grande apoio do General Dutra, conduziu as negociações até o momento decisivo em que acordos foram estabelecidos, inclusive o que autorizava o americano a operar em território brasileiro, acordos com os quais nós lucramos, porque o Brasil mandava matérias-primas para os Estados Unidos, principalmente o cristal de rocha, em quantidade respeitável, recebendo, em troca, o financiamento para a construção de uma siderúrgica – a de volta Redonda – que foi, sem dúvida, o marco de nossa industrialização.

Depois da fase inicial, que se caracterizou pela neutralidade e durou até janeiro de 1942, quando o nosso Governo mudou de posição, solidarizando-se com os Estados Unidos da América, após o ataque japonês, de 7 de dezembro de 1941, a Pearl Harbor, passou-se, então, para a fase da beligerância, como ficou aí bem claro. Temendo uma invasão alemã, resolveu reforçar o Nordeste com a implantação de várias Unidades, inclusive o Grupo de Artilharia de Campanha que eu comandei, criado no Ceará, durante a guerra, para participar da defesa do litoral.

Além disso, olhando o mapa do Brasil, observa-se uma linha defensiva avançada, formada pelas ilhas oceânicas – rochedo São Pedro e São Paulo, Fernando de Noronha, Atol das Rocas, Ilha da Trindade, podendo até incluir as ilhas Malvinas que, na verdade, hoje estão com os ingleses.

Essas ilhas do litoral representam, portanto, uma espécie de linha avançada de defesa do Brasil. Dessa forma, buscou-se criar um sistema defensivo nas principais ilhas: Fernando de Noronha recebeu uma Unidade de Infantaria e um Grupo de Artilharia Antiaérea e Trindade foi ocupada pela Marinha.

Tomou-se, por conseguinte, uma série de providências no sentido de reforçar o Nordeste (Fortaleza, Natal, Recife, Fernando de Noronha e Salvador, principalmen-

te) e o Norte (Belém), com os recursos militares disponíveis, e mesmo o Rio de Janeiro e outros pontos de nossa costa foram mobiliados por tropas visando à defesa contra o alemão.

A organização da FEB veio mais tarde. Surgiu por pressão popular, por causa do torpedeamento dos nossos navios, o qual desperteu o povo contra aquela afronta, apontada pelos estudantes em passeatas nas ruas, onde clamavam pela resposta imediata aos agressores, para vingar cerca de oitocentas mortes de patrícios, indefesos, ocorridas de fevereiro a agosto de 1942, em 19 navios mercantes afundados, levando o País a declarar o estado de guerra em todo território nacional contra a Alemanha e a Itália em 31 de agosto, dias após a décima nona ação submarina inimiga na costa brasileira.

Não fossem os covardes torpedeamentos de parte significativa de nossa frota mercante e o movimento estudantil em favor da guerra, o povo permaneceria alheio, porque não havia, por parte do governo, uma preparação psicológica para levar nossa gente a voltar-se contra o inimigo audacioso, que, com seus submarinos, impedia o transporte de pessoal e carga em nosso litoral.

O próprio General Mascarenhas de Moraes, Comandante da Força Expedicionária Brasileira, elaborou uma nota, que agora faço referência, vinda, portanto, de um homem do qual não se pode duvidar: "Permaneceram em postos da administração pública alguns auxiliares imediatos do Chefe do Governo sabidamente contrários à participação do Brasil na guerra ao lado das democracias."

Em mais um trecho pequeno da nota, externa o nosso General: "Do Chefe do Governo, recebi todo o apoio, mas tive a minha ação entravada por alguns de seus auxiliares imediatos, simpatizantes da causa totalitária. Ao invés de colaborarem no sentido da mobilização geral do País, agiram sub-repticiamente, dificultando a organização da FEB no vão desígnio de impedir que as tropas brasileiras fossem combater os nazi-fascistas de quem eram simpatizantes."

Então, a FEB surgiu, apesar de todas esses obstáculos, por quê? Por causa do clamor público e também pelo efetivo apoio americano. O clamor adveio de brasileiros indignados com os torpedeamentos dos nossos navios mercantes, o que se deu num crescendo impressionante até que, em agosto de 1942, a situação tornou-se insuportável, especialmente para nós militares, quando um submarino alemão, afundou, em 15 de agosto de 1942, o *Baependi*, que levava, do Rio de Janeiro para Recife, o 7º Grupo de Artilharia de Dorso (7º GADO) completo, causando a morte de 270 pessoas, salvando-se apenas 36 – a maior tragédia ocorrida no Atlântico Sul durante toda a Segunda Guerra Mundial, em termos de perda em pessoal e valor do material transportado. Era seu Comandante o Major Landerico Albuquerque Lima,

pai do nosso colega Odim Barroso de Albuquerque Lima, com quem me relaciono até hoje. O navio foi ao fundo, com a morte do Comandante e da grande maioria de seus comandados, a maior parte soldados recém-convocados.

Nesse naufrágio, perdemos, também, um corajoso oficial de uma das Baterias do Grupo – o Tenente Alípio Napoleão de Andrada Serpa. Ele pegou o seu salva-vidas e o entregou a um soldado que se mostrava extremamente nervoso; morreu realizando um ato de caridade cristã – uma ação muito bonita! Eram quatro irmãos da família Andrada Serpa: Antônio Carlos, Luiz Gonzaga e José Maria, que combateram na Itália, e o Alípio, que morreu em tão trágico naufrágio.

Naquele dia terrível, o mesmo submarino (U-507), responsável pelo afundamento do *Baependi*, torpedeou, ainda, como soubemos tempos depois, os navios *Araraquara* e *Aníbal Benévolo*, causando a morte de 131 brasileiros no primeiro e 150, no segundo, com muito poucos sobreviventes.

Quero, nesse momento, prestar uma homenagem a todos esses heróis brasileiros, em especial aos nossos irmãos de armas que tiveram um destino tão trágico, quando se deslocavam para participar efetivamente da defesa do nosso País, na região Nordeste.

Com relação à minha ida para a Força Expedicionária Brasileira, ela aconteceu da seguinte forma: eu e alguns colegas de todas as Armas, fizemos uma petição ao Ministro da Guerra, solicitando o nosso ingresso na FEB. Mas o Diretor de Pessoal do Exército, exatamente o Gen Mendes de Moraes, não considerou o nosso pedido, espalhando todos nós pelo Brasil afora. Mas alguma autoridade resolveu reconsiderar aquela decisão e nos chamar para a FEB. Nada mais acertado, porque éramos jovens e voluntários. Assim, eu permaneci 12 dias apenas no 3º RAM, em Curitiba, onde havia sido classificado. O telegrama que recebi no Paraná determinava que eu partisse imediatamente para o Rio de Janeiro para iniciar viagem para a Itália. Fomos todos nós com o Depósito de Pessoal da FEB, sob o comando do Cel Ibá Jobim Meirelles. Lá chegando, ficamos em Bagnoli, que era um local para a quarentena da tropa... De Bagnoli, fomos para Staffoli, onde tivemos uma rápida preparação, comandada por um oficial extraordinário, o Cel Mário Travassos – de grande valor, um dos homens, na minha opinião, que mais visão teve no Exército daquela época, haja vista a revolução que fez, posteriormente, no ensino, com a experiência que trouxe da FEB.

Designado Diretor de Ensino, fez três seminários, dos quais eu tive a sorte de participar, e que deram uma nova dimensão ao ensino do Exército. As alterações, que colocou em prática, foram, sem dúvida, muito boas. Nesses seminários, ele atualizou currículos, estabeleceu outros, criou cursos que buscavam a evolução da metodologia do ensino do Exército, sendo, dessa época, a implementação do Curso

de Técnica de Ensino, que eu inclusive realizei, o Curso de Classificação de Pessoal, tudo fruto do primoroso trabalho do então General Mário Travassos, que se valeu, também, do pessoal da FEB, onde encontrou grandes colaboradores. Além do mais, era muito inteligente, bastando dizer que, como Capitão, ele escreveu um livro de geopolítica que é clássico – *A Projeção Continental do Brasil*. É um livro que todos nós deveríamos ler. Eu o li quando fiz concurso para Escola de Comando e Estado-Maior há muitos anos, mas depois o emprestei e o perdi.

O Gen Mário Travassos alterou os currículos das diversas matérias do Colégio Militar, fazendo o mesmo com os currículos da Academia Militar e até do IME, mas sempre evoluindo, caminhando com a civilização e com a tecnologia, que experimentavam um progresso crescente.

Esse homem, que tanto realizou em benefício do ensino como General, foi no posto de Coronel, o grande Comandante do Depósito de Pessoal da FEB, aquele que exigiu uma instrução intensa, preparando sempre e objetivamente os homens para o combate.

Estive algum tempo no Depósito, até que um dia chegou uma ordem da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) determinando que os Aspirantes de Artilharia oriundos da Escola Militar das Agulhas Negras (AMAN) e mais um R/2, Vasco Ribeiro da Costa, de muito bom espírito militar e excelente pessoa, fossem designados para os Grupos. Então, dali saímos para a Artilharia Divisionária (AD), que mantinha seu Quartel-General em Vignole. Lembro-me que dormi aquela noite ao lado do então Capitão Joaquim Vitorino Portella Ferreira Alves, que me deu uma série de “dicas” a respeito da guerra. Apesar dos cursos que eu havia feito no Depósito, aprendi muita coisa com o Cap Portella. Ele é um dos melhores da Arma de Mallet, tendo escrito um livro notável *Seis Séculos de Artilharia*, muito bom realmente, bem como a biografia do Patrono da Arma.

Na AD, recebi a informação de que deveria apresentar-me no III Grupo 105mm. Deus me ajudou bastante, porque o III Grupo era uma grande família, além de ser uma eficiente Unidade que fez a guerra com tranqüilidade, porque possuía um grande Comandante e o pessoal era de primeira qualidade. Aprendi muito dentro do meu Grupo em plena guerra. Fiquei feliz em saber, momentos antes de iniciarmos essa entrevista, que todos os Oficiais do Grupo, que por aqui passaram, fizeram um destaque especial ao nosso Comandante, o valoroso Coronel José de Souza Carvalho. Vejo, portanto, que não estou falando por minha conta, mas estou relatando a realidade, com outros.

José de Souza Carvalho era um homem excepcional, carioca, apaulistou-se depois, indo viver em São Vicente, mas nunca deixou de ser carioca, manteve todas

aquelas características do carioca: alegre, expansivo, comunicativo, apoiava todo mundo, ouvindo os problemas e os resolvendo. Tínhamos uma imensa confiança nele, porque ele não falhava e era o único Comandante de Grupo que não tinha o Curso de Estado-Maior. No entanto, estava no mesmo nível dos demais, devido a sua personalidade forte e convincente e ao senso prático de solucionar demandas. O seu prestígio na AD era muito grande!

Mantinha contato constante com a Infantaria. Não era comandante de gabinete; ele era de andar, de percorrer, de dar conselhos, de orientar, de consultar; era um homem extremamente ativo. O seu dinamismo, vigor físico e a sua atenção para com todos nós, seus comandados, me impressionavam. Era um homem e um Comandante como muito poucos!

Para nós, veteranos do III Grupo, foi grande a satisfação de vê-lo perpetuado no Monumento, construído no quartel em Barueri, através de seu retrato em bronze, homenagem especial e muito merecida ao nosso eterno Comandante!

Gostei demais daquele Monumento. Ele é assim, uma espécie de um anfiteatro. Tem ao fundo aquela muralha em arco contendo o nome de todo o pessoal em seis placas de bronze: a do Comandante e Estado-Maior e as outras cinco, uma de cada Bateria, todos bem próximos, unidos como fomos na guerra. Um Grupo que primava pela união dos Comandantes de Bateria, de seus tenentes, pela forte coesão que se observava entre gente alegre e comunicativa, fato muito bem ressaltado no discurso do Cel Souza Carvalho na Cidade de Broni, após o término da guerra, quando falou da camaradagem reinante e a integração existente dentro do Grupo e dele com o Escalão Superior, unidades apoiadas e demais grupos da AD.

Há um fato interessante a destacar em Broni, onde chegamos com a guerra finda, em 6 ou 7 de maio, fato que está relacionado com a pergunta: “O que fazer agora com a tropa, que aprendera tudo e bem sobre a missão da Artilharia na guerra, sobre suas funções na realidade do combate?” O pessoal ficaria quietinho, como frades, estudando, rezando, até o retorno ao Brasil? Impossível!

A solução veio do nosso Cel Souza Carvalho que lançou a seguinte idéia: “Nós lutamos aqui para defender a democracia, para mostrar ao mundo o que é o Brasil. Então, vamos, agora, nos preparar para nossa apresentação condigna lá no Brasil e nas solenidades que participaremos aqui na Itália, no âmbito do Grupo, da AD e do V Exército! Nós vamos chegar ao Rio de Janeiro para fazer um desfile brilhante, o que exige treinamento, preparação consciente”. Com esse subterfúgio, ele conseguiu que a tropa recebesse bem a instrução ministrada por oficiais e sargentos, em todas as manhãs, de ordem unida, educação física e até alguma coisa do regulamento de continências que pudesse estar esquecido. A ênfase foi dada na ordem unida com armas e tudo aquilo que levasse o

Grupo a se apresentar bem nas futuras formaturas. Com isso, a Unidade se manteve disciplinada e coesa até o seu retorno, que se deu no Sul da Itália, em Nápoles.

Muito tempo depois, no final da década de 80, em Barueri, na comemoração da "Última Missão de Tiro" da Artilharia brasileira no Teatro de Operações da Itália, que coube à 2ª Bateria do nosso Grupo realizar, o então General Souza Carvalho, já na reserva, explicava o porquê daquela cerimônia: "Na madrugada de 29 de abril de 1945, dizia ele, realizamos o tiro da volta ao lar, do retorno às nossas casas, do reencontro com nossas famílias, justificando comemorá-lo, anualmente, com todo entusiasmo e íntima satisfação". Souza Carvalho, realmente, não precisou tirar o Curso de Estado-Maior. Ele era o líder e o psicólogo nato.

Nós, que viajamos com o Depósito de Pessoal, chegamos à Itália no meio do inverno... Para homens de clima tropical, foi um sucesso porque, apesar de não possuirmos uniformes adequados àquele frio terrível, o que se deve a uma falta de previsão da FEB, até que recebêssemos os agasalhos necessários, suportamos aquela situação sem esmorecimento...

Vale dizer que, pouco tempo depois de nossa chegada, recebemos os agasalhos do Exército americano, considerando que a nossa japona era insuficiente para enfrentar o inverno europeu.

Entre as peças de uniforme que nos foram entregues, destaco a galocha, que não possuíamos, um capote, o *field jacket*, que, traduzindo, é uma jaqueta de campanha, uma proteção para o rosto, além de luvas e meias de lã bem grossas. Com isso, os problemas acabaram. Houve aquele recurso da Infantaria para evitar o pé-de-trincheira, ou seja, colocar jornal ou feno direto na galocha, deixando de usar o borzeguim, hoje chamado de coturno, que foi deixado de lado. Essa solução tornou-se importante porque o combatente passou a preocupar-se somente com o alemão e não mais com as dores nos pés e nas pernas e com o "fantasma" do pé-de-trincheira, que levava à amputação de membros inferiores.

Realmente, essa solução criativa dos brasileiros, que impressionou vivamente o Serviço de Saúde americano, merece um destaque especial. O brasileiro passou a combater despreocupado, livre de um problema desesperador!

Antes, havia dois inimigos: um era o alemão e o outro o pé-de-trincheira. Você pode imaginar o que seja o homem combatendo hoje e amanhã ser obrigado a cortar o pé ou a perna?! É algo de uma brutalidade inaceitável! E essa questão terrível acabou de repente para o nosso pessoal! Atravessamos boa parte do inverno com tranqüilidade nesse particular!

Outra coisa que não se explica – o uniforme levado daqui era da mesma cor do uniforme alemão – o que, por vezes, dificultou o reconhecimento de quem era quem.

A respeito da mobilização é preciso que se diga que o pessoal incorporado teve pouca instrução, basicamente marchas diurnas e uma noturna. Isto se deve ao fato de terem mandado para a formação da FEB centenas de analfabetos, gente doente e essa situação obrigava os tenentes a perderem grande parte do seu tempo a fazer fichas para o Depósito do Pessoal, constando os problemas encontrados com o objetivo de excluir aqueles que não reuniam as mínimas condições.

Além disso, chegava grande quantidade de elementos de má conduta que não poderia, de forma alguma, ser levada para a guerra. Os comandantes de Unidade, com a missão de fornecer pessoal, designavam essa gente para a FEB e o faziam para dela se livrarem, mas, dessa maneira, comprometiam a qualidade da incorporação, que precisava escoimar os analfabetos, os doentes, os de "má conduta", incompatíveis com o perfil do homem que iria representar o Brasil numa guerra mundial.

Nesse quadro difícil, releva dizer que o Exército teve, à frente do Depósito de Pessoal no Brasil, chamado de Centro de Recompletamento de Pessoal, o Coronel Arquimínio Pereira, que era duríssimo e que soube enfrentar todos esses problemas, trabalhando, inclusive, com gente perigosa, sem se intimidar. Coube-lhe, fundamentalmente, separar o joio do trigo, ou seja, impedir que o pessoal sem as condições mínimas embarcasse. Desenvolveu um trabalho hercúleo, no qual conseguiu, de certa forma, o êxito desejado. Essa foi uma missão permanente a cargo do Depósito de Pessoal, especialmente do responsável por tudo – Cel Arquimínio Pereira.

Imaginem as novas técnicas que surgiam, o novo armamento mais sofisticado, exigindo gente, no mínimo alfabetizada, para trabalhar com réguas e tabelas de tiro, com alças de mira. Não existindo mais cavalos para lavar e limpar, não havia mais lugar para os analfabetos, para os cavalariças, que, antes, eram em grande quantidade e que, com a nova organização, deveriam se restringir a números reduzidos.

Da mesma forma, homens doentes eram incompatíveis com a guerra. Lembro-me, perfeitamente, de quando fui realizar o exame médico para ingressar na FEB. Havia dois rapazes do Nordeste diagnosticados pelo médico com sopro no coração e foram cortados. Como mandar para o Rio de Janeiro dois moços destinados à guerra com problema de saúde dessa ordem?!

Cabe, portanto, enfatizar que, graças ao Cel Arquimínio, o pessoal incapaz acabou ficando por aqui. Por este motivo, na Itália, a instrução foi bem mais apurada. Realizamos além das marchas, diurnas e noturnas, que sem dúvida, são importantes, outros tipos de instrução, a cargo dos americanos, como o curso de armamento, o curso de minas e o de topografia, muito bem ministrados. Uma matéria chamou-me a atenção, pois, em nosso País, nunca se pensou nisso – convivência com o povo italiano. Então, se enfatizava: como lutar contra o alemão e a tropa italiana, mas mantendo

a boa convivência com o povo italiano? Como era esse povo? Então, explicavam, por exemplo, que não deveríamos rir se víssemos dois italianos de mãos dadas passeando, como faziam as mocinhas no Brasil, pois isso fazia parte do estilo de vida deles, significando, naquela época, apenas camaradagem. Assim, além dos conhecimentos militares, explicavam o *modus vivendi*, a psicologia do italiano, para bem conviver com ele.

Quanto à parte da Artilharia, há um aspecto importante, isto é, quem conhece um canhão tem facilidade de conhecer outro – é só uma questão de mudar determinados componentes, mas a essência, os parâmetros fundamentais não mudam; trata-se de uma questão de adaptação a outro material.

Entretanto, nós não tivemos só a mudança de velhos canhões para novos obuseiros, mas nos defrontamos com uma sensível modificação da técnica de tiro, uma vez que fomos formados no método francês, bem diferente da concepção americana, mais expedita e eficaz. Além disso, pelo sistema francês, o dono do tiro era o Capitão, tanto que existiam os famosos capitães virtuosos que faziam regulações rápidas. Eram os "donos" do tiro, famosos na minha época de cadete. Mas Capitão, no sistema americano, transformou-se em administrador da sua bateria, o responsável maior por todas as providências indispensáveis ao seu emprego operacional nas melhores condições, especialmente pelo planejamento, direção, coordenação e controle das medidas e procedimentos de ordem logística em nível de subunidade, auxiliado pelo seu Oficial de Manutenção, principalmente. A observação dos tiros era dos tenentes – dos Observadores Avançados (OAv) e dos Oficiais de Reconhecimento – e, às vezes, dos capitães Oficiais-de-Ligação junto aos batalhões. A Central de Tiro fazia o resto – Central de Tiro (C Tir) do Grupo ou a C Tir de Bateria, esta, nas mãos do Tenente Comandante da Linha de Fogo.

Então, o Capitão passou a administrador e essa foi a mudança fundamental. Foi uma transformação radical, mas não houve dificuldade, porque conhecíamos, em parte, o que se implementava, sendo, portanto, uma questão de adaptação.

A respeito dos nossos soldados, gostaria de dizer que o homem brasileiro mostrou-se muito inteligente, porque aquele que não sabe se defender, ou seja, não reúne a inteligência exigida para interpretar, com rapidez, cada situação que se lhe apresenta, esse, sem dúvida, morre.

A verdade é que os nossos combatentes raciocinavam bem e, por isso, tivemos somente cerca de 450 mortos, quando éramos mais de 25 mil, o que, para uma Divisão – que defendeu, atacou, aproveitou o êxito, perseguindo depois e aprisionando perto de 15 mil homens – pode ser considerado um rendimento muito bom.

Quanto à iniciativa e criatividade, o soldado brasileiro consagrou-se resolvendo, definitivamente, o problema do pé-de-trincheira naquele brutal inverno, dei-

xando o americano estupefato com a simplicidade e objetividade da solução encontrada, conforme mostramos.

No que tange à coragem, aí teríamos dezenas de nomes para citar. Restringindo-me à Artilharia e ao meu Grupo, destaco aqui um exemplo que, por si só, demonstra cabalmente a bravura de nossa gente. Falo do Tenente Rubens Resstel, condecorado pelos americanos com a Medalha *Silver Star* – Estrela de Prata, a maior e a mais importante condecoração dos EUA, outorgada na guerra aos grandes combatentes. Vejamos a citação que acompanha a condecoração desse jovem Oficial da 3ª Bateria do III Grupo de Obuses da FEB:

SILVER STAR

RUBENS RESSTEL (1G62533), Segundo Tenente de Artilharia da Força Expedicionária. Por bravura em ação nos dias 14 e 15 de abril de 1945, próximo a MONTELO, na Itália. Como Observador Avançado de Artilharia, demonstrou coragem e perícia no cumprimento de seus deveres. Avançando à frente da Infantaria, penetrou em um carro de combate abandonado, a fim de conseguir informações das posições inimigas. Enquanto enviava observações de tiros para sua Unidade de Artilharia, ele manejou a metralhadora do carro-de-combate e varreu as posições inimigas com intenso fogo, permitindo o avanço da Infantaria. No dia seguinte, o Segundo Tenente RESSTEL habilmente guiou nossas tropas através de posições avançadas sobre terreno acidentado, de baixo de pesado fogo inimigo. Ainda que ferido, ele continuou sua tarefa até que as tropas tivessem ocupado suas posições. O espírito intrépido e a desprendida devoção demonstrados pelo Tenente RESSTEL refletem as mais altas tradições da carreira militar. Ingressou no serviço militar vindo do Rio de Janeiro, Brasil.

Deixo cópia, em inglês, dessa Citação publicada no Boletim do IV Corpo de Exército, integrante do V Exército americano, anexada aos demais documentos, que entreguei ao Projeto de História Oral do Exército.

O documento em tela e outras citações do Exército dos Estados Unidos da América sobre os nossos febianos que receberam a *Silver Star*, a *Bronze Star*, a Medalha de Sangue, entre outras, pelos seus impressionantes feitos; o senhor William Waack, crítico mordaz da FEB, não deve ter encontrado nos arquivos norte-americanos! Se os encontrou, não se interessou por divulgá-los em seu livro! Estranho nos parece esse comportamento, não é?

Na disciplina, de vez em quando, havia um arranhão, mas nada que diminuísse o valor de nossa gente. Lembro-me, por exemplo, da Companhia comandada pelo saudoso Capitão Memória, quando, certa vez, olhando para a crista de uma elevação,

que ficava à frente da sua subunidade, viu um soldadinho batendo o cobertor para retirar a poeira e gritou: “Abaixa fulano! Teu anjo da guarda já está dentro do abrigo há muito tempo!” Aí, um exemplo de desleixo com a própria vida, comum entre os pracinhas brasileiros, que abusavam, dando chance para o pior acontecer!

Havia também um outro problema, que consistia em pegar o *jeep* do outro, mas isso, diga-se de passagem, não se via só no nosso soldado; muita gente, que não era pracinha, também levava a viatura alheia, principalmente quando desaparecia a sua. Releva citar que nunca vi gente participando de bebedeiras, nem tomei conhecimento de nenhuma alteração de soldado por causa de bebida alcoólica.

O certo é que voltei da guerra com muito boa impressão e muita confiança no homem brasileiro, por tudo que ele realizou. Aliás, isso não seria novidade para quem se lembrasse de Euclides da Cunha, em sua obra *Os Sertões*, na qual diz com todas as letras: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”. Os pracinhas brasileiros provaram isso cabalmente! Eles se agigantaram!

É hora, portanto, de ressaltar que, entre os aspectos que mais impressionaram na campanha da Itália, o homem brasileiro tem um lugar prevalecente – ele foi, sem dúvida nenhuma, excepcional.

Recordo-me, também e muito, da despedida da escolta da Marinha de Guerra quando chegamos a Gibraltar. Os nossos contratorpedeiros *Greenhalg* e *Mariz e Barros*, quando chegaram a Gibraltar, passaram a missão de escoltar o nosso navio para uma Esquadra aliada, num ato comovente. O adeus dos navios brasileiros, expondo todas aquelas bandeirolas, com o pessoal perfilado impecavelmente em seus uniformes brancos, aquela continência para nós, nunca mais esqueceremos!

Ao mesmo tempo, impressionou-me profundamente aqueles navios e aviões americanos e ingleses, dos quais alguns iam nos acompanhar de Gibraltar até a Itália. Pela primeira vez, eu senti o que é uma potência militar!

Em Gibraltar, havia aquele imenso rochedo com a fortaleza inglesa, lembrando a Inglaterra dona dos mares no passado, a Inglaterra dos piratas! Naquele episódio, surpreendeu-me a enorme quantidade de navios e aviões de guerra aliados, circulando naquelas proximidades e *blimps* realizando observação. Lembro-me que conversava com um amigo, o Tenente Francisco Prado, que foi, depois, deputado federal e infelizmente já morreu. Ele era do nosso Grupo. Comentando com ele sobre aquela grandeza toda, ele me disse: “Tancredo, guarde bem isso: um dia nós seremos assim, uma potência.”

Pensando no que ele falou, vejo que está demorando, mas nós vamos chegar lá! Assistimos, nas décadas de 1950 a 1970, nesta última, fundamentalmente, a uma amostra significativa de que isso é possível! Nós vamos conseguir!

Outra coisa que me impressionou foi a guerra em si e mais o rastro da guerra, os seus desdobramentos para aqueles que convivem com a mesma em seu país. Hoje, fico pensando que, aos vinte anos, achava a guerra atrativa, por incrível que pareça, mas chocante. Eu a considerava um jogo de xadrez.

Avança para aqui, joga a Artilharia ali, pede tiro de aviação acolá. As operações militares em si correspondem a um jogo de inteligência. Mas o rastro da guerra, o efeito sobre o moral não do pessoal que está combatendo, de um lado ou de outro, mas o do pessoal civil, obrigado a conviver com aquele processo, é terrível! Quando a tropa vai avançando, as pessoas desaparecem porque não podem ficar debaixo dos tiros. Quando a tropa ultrapassa, eles vêm, mas não têm comida, não têm roupa, é uma coisa tristíssima, sob todos os aspectos!

E, aí, cai naquele caso em que a moral vai embora. Meninos procuravam soldados para visitar as suas próprias mães, o que me chocava bastante. Esse é o outro lado da guerra, brutal, que dói verdadeiramente. Então, Deus nos livre de uma guerra em território brasileiro! Não podemos admitir a guerra em solo nosso e temos tido sorte nisso!

O povo italiano sofria uma humilhação constante, em especial com a fome. Não adiantava nem dinheiro, porque não havia nada para comprar. A própria lira italiana não tinha nenhum valor.

Felizmente, havia a 5ª Seção – "Assuntos Civis e Governo Militar" e, que cuidava desse pessoal que sofre mais que os combatentes, porque convive com a fome. O americano se valia do pessoal civil para cooperar numa série de encargos: faxina, cozinha etc. Em contrapartida, a 5ª Seção relacionava esse pessoal e, depois que a tropa comia, todos aqueles que estivessem na lista vinham para o rancho. Todavia, os que não constassem, não participavam mesmo; era aquele abatimento terrível! Quantos chegavam, aguardavam e iam embora famintos!

Outro fato que eu quero relatar, relacionado, ainda, com a imensa falta de alimento para o povo italiano durante a guerra, diz respeito a uma constatação minha ao ir a Roma ou a Florença nas dispensas de três dias. Eu freqüentava restaurantes do V Exército, onde serviam comida americana, com a qual me adaptara muito bem. O aspecto interessante é que tínhamos o direito de levar um convidado para o almoço ou jantar.

Em Roma, por exemplo, eu me hospedei no Hotel Excelsior. Era o hotel dos oficiais, na Vitória Veneto, principal rua da cidade, com uma escada pomposa na entrada, onde nos deparávamos com um número espantoso de moças, mais de quinhentas, com um olhar suplicante, fixo em quem entrava, na expectativa de serem convidadas para almoçar. Assim, o militar escalava, chamando com o dedo e corri-

am três ou quatro e você tinha que especificar – *no, e questa signorina di bianco* e, então, a que estava de vestido branco subia para almoçar ou jantar com você, enquanto as outras voltavam desapontadas. Essas coisas é que me chocaram muito, pois nunca tinha visto nada parecido em minha vida.

Considero esse o aspecto mais deprimente da guerra, conflitando com a parte operacional, interessante e até bonita, embora lidando com vidas humanas, mas é um jogo de inteligência.

Depois de Montese, onde se observou um gigantesco duelo entre as artilharias em confronto, o meu Grupo atuou nas operações de Collecchio e Fornovo. A 2ª Bateria entrou em posição e atirou em apoio ao 1º Batalhão do 6º RI. A 1ª Bia também marchou, entrou em posição, mas não chegou a atirar em proveito da manobra, ficou em condições de fazê-lo. A minha subunidade – a 3ª Bateria – foi encarregada de fazer o transporte da Infantaria, de onde a mesma se encontrava até lá na frente, porque o alemão recuava com uma velocidade impressionante, exigindo a máxima rapidez dos nossos regimentos para restabelecer o contato, impedindo a sua retirada do Teatro de Operações da Itália.

Coube-me transportar, para Salso Maggiore, com as viaturas do nosso Grupo, a 5ª Companhia do Regimento Sampaio, que era comandada pelo Capitão Valdir Moreira Sampaio, uma pessoa espetacular, extremamente corajoso, tendo, merecidamente, recebido a *Bronze Star* do Exército americano, como reconhecimento pelos seus feitos.

Para realizar esse vultoso transporte da nossa Infantaria para a frente, a Artilharia Divisionária (AD) realizou uma reunião para acertar todos os detalhes com os tenentes encarregados dos comboios. Todos eram, como não poderiam deixar de ser, os mais modernos das Unidades.

Lembro-me bem que o Coronel Emílio Rodrigues Ribas Júnior, Chefe de Estado-Maior da AD, do General Cordeiro de Faria, fez uma preleção, terminando da seguinte maneira: "Vocês têm liberdade para agir, liberdade de entrar em entendimento com a Infantaria, liberdade para tudo, menos para fazer burrice." Aquilo calou fundo, levando-me a sair consciente da nossa real responsabilidade, na realização desse deslocamento para junto do inimigo.

Dirigi-me, de imediato, para o Grupo, pois a maior parte dos caminhões era da Bateria de Serviço, indo, em seguida, procurar o Capitão Valdir Moreira Sampaio, com o qual consegui uma carta que continha uma vasta área do Vale do Pó, com vários municípios da região que nos interessava, localizados mais ao norte da área abrangida pela carta.

O reconhecimento realizado na carta e posto em prática à noite, com o comboio completamente apagado, deslocando-se em total escuridão, indicara-nos

que, para chegar a Salso Maggiore, devíamos seguir uma estrada que, num ponto, se bifurcava: para um lado era San Polo; para o outro, San Polo d'Enza, onde precisávamos chegar.

Quando atingimos a tal bifurcação, o alemão esperto, tirou da placa a palavra *d'Enza*, ficando San Polo para a esquerda e San Polo para a direita. Como é que a gente ia saber? Chamei um soldado que ia comigo no *jeep* e lhe disse: "Vá lá e veja se você dá um jeito de iluminar com essa pequena lanterna a placa e observe se há algum sinal da palavra San Polo d'Enza?" Ele foi e voltou dizendo: "Olha, San Polo d'Enza é para a direita e San Polo para a esquerda, não precisei nem iluminar, porque pelo tato senti que o alemão raspou a palavra d'Enza para exatamente criar confusão."

Confesso que tive muito receio, pois era minha a responsabilidade de fazer chegar ao destino previsto aquela Companhia de Infantaria que, naquela bifurcação, aguardava a minha decisão. O Capitão Valdir não interveio, porque ele havia me fornecido sua carta e não viu mais nada, ficando o problema nos ombros do 2º Tenente recém-promovido. Felizmente, eu acertei. Lá pela meia-noite, chegamos a Salso Maggiore, onde paramos e o pessoal desembarcou iniciando a ocupação da pequena cidade. Fiquei no quarto do Capitão Valdir, ocasião em que conversamos bastante, antes de dormir. Depois da guerra, no Rio de Janeiro, vim a encontrá-lo no bairro do Grajaú, quando, após um forte abraço, recordamos essa passagem toda.

No término daquela operação, senti a importância e a satisfação de concluir aquela missão com acerto. Ao mesmo tempo, pude verificar que, além do esmero no planejamento do que se vai realizar, há também presente, na execução, o fator sorte, ao lado do expediente para enfrentar situações inesperadas.

Ao resolver aquele imprevisto, lembrei-me do Cel Emílio Ribas, naquela reunião realizada no AD: "Vocês têm liberdade para fazer tudo, menos fazer burrada." Ele estava certo quando nos alertara com uma palavra mais dura, porque nos fez viver a situação com a responsabilidade exigida.

Essa narrativa de uma das muitas missões do final da guerra, nada tinha a ver com a minha função principal, exercida desde que cheguei à 3ª Bateria do III Grupo, que era a de Auxiliar de Linha de Fogo. Antes de abordá-la, desejo fazer um merecido elogio ao Comandante da Linha de Fogo (CLF) da nossa Bateria. Ele era Oficial da Reserva, um químico industrial, nascido no Paraná e formado em Curitiba – o 1º Tenente Ítalo Carmeno Anderson, um excelente oficial, tão militar como os da ativa. Até hoje ele é assim , apesar de ter retornado à vida civil. Como nós o admiramos! Ele não deixa de comparecer à Unidade na cerimônia do "Último Tiro", ocasião em que foi inaugurado o "Monumento aos Veteranos da FEB do Grupo Ban-

deirante", inclusive coube-lhe descerrar a placa da nossa Bateria, por ocasião da inauguração, em 27 de janeiro de 1989, pois o Comandante da Subunidade – o saudoso General Florimar Campello – não pôde comparecer por motivo de saúde, vindo a falecer pouco tempo depois.

O Tenente Ítalo Anderson, como CLF na guerra, era o responsável direto pelo tiro da Bateria, vivendo o tempo todo junto às peças, dando os comandos de tiro e informando à Central de Tiro do Grupo a realização ou não das missões de tiro.

Acontece que o CLF não consegue ficar vinte e quatro horas cumprindo missão. Então, quando ele sai para descansar entra o Auxiliar dele, cujas atribuições são exatamente as mesmas do Comandante da Linha de Fogo, função que me coube exercer.

Além de sua função principal, o Auxiliar de Linha de Fogo controlava as viaturas da Bateria de Tiro e ministrava as instruções previstas, porque, na guerra, também se dá instrução e ainda cooperava no controle da munição.

Sobre os tenentes da minha Bateria, devo dizer, com satisfação, que admiro todos. Destaco, inicialmente, o Tenente Rubens Resstel – o único artilheiro que possui, como vimos, a medalha *Silver Star* – pela sua bravura em combate, tendo recebido essa condecoração dos americanos lá na Itália. Em termos militares, ele foi um dos melhores tenentes do III Grupo da FEB. É, hoje, um patrimônio, uma reserva moral da nossa Arma e, sem dúvida nenhuma, do Exército.

Entre as minhas observações sobre os oficiais que a compunham minha subunidade, deixei para o fim o Comandante da Bateria – Florimar Campello. Esse era outro homem excepcional. Maranhense, radicado no Paraná, conhecia o calor do Norte e o frio do Sul. Era um homem completo, tanto pelos seus conhecimentos profissionais, como pelo senso de cooperação e camaradagem. Falando em camaradagem, releva dizer que os três comandantes das Baterias de Obuses eram muito amigos. Dava gosto ver a amizade que havia entre o Florimar Campello (3ª Bia) Walmiki Erichsen (2ª Bia) e o Soutto Mayor (1ª Bia). O Capitão Senna (Bateria de Serviço) era um homem muito especial. Trabalhador incansável e correto em suas decisões. O Capitão Paulo Thomaz Alves (Bateria de Comando), profissional muito competente, sabia tirar de seus subordinados tudo que a missão pedia.

Com relação ao nosso Capitão Soutto Mayor, vou contar um caso que me parece interessante, pois tem por objetivo mostrar a credibilidade dos monarcas ingleses frente aos seus súditos, na época da guerra. O Capitão era filho de uma senhora de origem inglesa e que mantinha no Brasil algumas tradições de sua terra, como o desjejum com ovo e bacon.

Ocorre que, na guerra, a artilharia antiaérea era toda inglesa. Os americanos deixaram por conta deles a defesa contra aviões e os ingleses receberam novos

canhões para realizá-la, o que os levou a convidar alguns oficiais de outros Exércitos para conhecê-los. Isso porque canhão é como cavalo, você tem que acreditar nele; o cavalo é a mesma coisa, tem que fazer sistema com o cavaleiro. Assim, os ingleses queriam fazer propaganda dos seus canhões para os outros artilheiros mostrando as características das mesmas. E o Cap Soutto Mayor, que infelizmente já não está entre nós, foi um dos convidados, o que o levou a lembrar que, passando oito dias numa unidade inglesa, iria recordar sua mãe, comendo, pela manhã, ovo com bacon, tradição inglesa que ele tanto apreciava.

No dia seguinte, ele amanheceu lá e foi para o *breakfast*. Encontrou tudo, menos ovo. “Puxa, que azar! Hoje não tem ovo, vou comer o bacon com pão mas sem ovo”, foi o que dissera para si mesmo. No outro dia, também não havia ovo; no terceiro dia, a história se repetiu. Então, ele não agüentou e, como todo brasileiro, quis saber o porquê. Chamou o homem do rancho e indagou-lhe por que não havia *eggs*. E a resposta foi imediata: “Ah, meu senhor, o Império Britânico está fazendo economia de ovos, mas o senhor fique tranqüilo já chegou aviso de que, por ocasião da Páscoa, nós todos vamos ganhar um ovo.” Mas o Capitão não se convenceu com a resposta e indagou: “Mas o senhor tem certeza de que ninguém come ovo?” “Senhor, nem o Rei!” foi a resposta. Isso é que é acreditar!

Não sei se o fato é real, porque nunca perguntei ao Capitão Soutto Mayor, mas todos afirmavam que isso aconteceu com ele.

Já que estamos falando em acreditar, vamos relembrar alguma coisa sobre o Serviço Religioso. Acho que foi um benefício para a FEB. Trouxe uma real vantagem,, porque o afastamento dos quartéis da Igreja foi uma imposição republicana, devido ao positivismo, mas o homem é um ser que acredita em Deus, que necessita se aproximar Dele. O ateu diz que é ateu, graças a Deus.

O fato é que o brasileiro é místico. Ele precisa de uma assistência religiosa. Em meu Grupo, III Grupo de Obuses 105mm, estava Dom Francisco, que era um frade beneditino da Bahia. Ele assinava Dom Francisco, Capitão OSB, ou seja, Capitão Ordem de São Bento. Brincávamos com ele e ele conosco, porque dizíamos que era da Orquestra Sinfônica Brasileira e ele se encarregava de espalhar a idéia. Tratava-se de uma figura humana excepcional. Foi muito bom conviver com o nosso Dom Francisco!

Recordo-me que, certa vez, Dom Francisco iria viajar para Roma. Evidentemente, veria o Papa. Todos queriam alguma coisa; queriam que ele comprasse isso, comprasse aquilo. Eu quis uma benção do Papa, outros também. Ele anotou os pedidos e as quantias recebidas do pessoal, porque ele não tinha a menor condição de atender a todos. Faltava-lhe dinheiro para isso. Ao chegar a Roma, distraiu-se e lhe roubaram todo o dinheiro. Ao regressar, fez questão de pagar a um por um, dizendo que “não

podia ser de outra forma, porque o pessoal confiou nele e, portanto, ninguém deveria ficar com o prejuízo." E alguns não queriam receber e ele fazia questão de pagar, porque, de acordo com o seu entendimento, Deus mandou esse castigo para ele e não para os outros. Esse era o nível do nosso Capelão! Uma beleza de pessoa!

Outro fato que dá uma idéia perfeita dos homens que integraram o nosso Serviço Religioso, está ligado a um acidente com o *jeep* do Capitão Florimar Campello. Vínhamos andando por uma estrada, dirigindo o sargento Carlos Alberto, com o Capitão Campello no meio e eu na beirada. De repente, deparamos com uma cratera feita por uma granada alemã que caíra no meio da pista e, nesse instante, o motorista distraiu-se, bateu no buraco e dali foi de encontro a um caminhão. Eu fui lançado para fora, o Capitão Campello ficou no interior do *jeep*, onde estava também o sargento Carlos Alberto. Levei uma pancada na testa, porque bati numa rodela, cuja função era baixar ou levantar o vidro, o que hoje não há mais. Levantei-me – pois caíra num trigal – e verifiquei que a testa sangrava, momento em que me dirigi para o *jeep*, onde encontrei o Capitão que me pediu para tirar o Carlos Alberto de onde estava, porque ele não tinha forças para fazê-lo.

Quando levantei o sargento e o soltei com todo cuidado ele arriou. Percebi, então, que estava mal. Coloquei-o no braço e ao olhar para sua cabeça, verifiquei que saía sangue de todas as cavidades – dos olhos, do nariz, da boca e dos ouvidos. Ele levou uma pancada no peito, da direção, bateu com o rosto na mesma e morreu naquela hora.

Pois bem, fechei os seus olhos e o levei até a uma capela que ficava bem perto, mas foi uma tarefa difícil, porque ele pesava bastante. Daí a pouco, chegou a *military police*. Não sei se foi avisada ou passou por acaso, e pedimos aos americanos para informar ao Grupo e, assim, foi tudo resolvido.

O sargento Carlos Alberto era protestante, mas D. Francisco ao chegar foi dizendo: "Ele pertence ao Grupo e vai ter a minha oração." Rezou a missa para o nosso graduado com a 3ª Bateria toda presente.

Avisou, em seguida, ao Pastor Soren o que fizera para o sargento dizendo: "A minha parte católica já fiz, agora faça a sua..." O pastor Soren, outra figura de grande valor, fez o culto protestante para o rapaz, que perdemos por uma fatalidade. Aí, uma amostragem significativa de como funcionava bem o Serviço Religioso, católico e protestante.

Da mesma forma que o Serviço Religioso, era formidável o Serviço Médico em todos os escalões. O atendimento que recebi num hospital americano pelo ferimento que tive na testa foi rápido e eficaz. Lembro-me que um americano me disse assim: "Olha, vou colocar nesse ferimento a maior novidade que a guerra propiciou na medi-

cina", falando-me em inglês. Olhou para mim e botou o remédio, que era a sulfa. Ele falava no meu ouvido como quem diz estou lhe dando o máximo, o melhor. Muitos outros exemplos da eficácia do Serviço Médico teríamos para relatar, mas o importante é dizer que a assistência médica, tal qual a religiosa, foi de elevado padrão!

Pretendo agora fazer uma referência a um pessoal que merece uma homenagem – a nossa Esquadrilha de Ligação e Observação – a 1ª ELO – que tanto trabalhou em proveito da Artilharia Divisionária (AD). Tive a satisfação de manter um bom contato com os seus integrantes, chegando, inclusive, a dormir uma noite lá com eles. Era uma irmandade – o pessoal observador pertencia à Artilharia da 1ª DIE e os pilotos eram da Força Aérea. Houve uma comunhão perfeita entre artilheiros e aviadores. Lamentamos todos a extinção da ELO, ainda em solo italiano, mal acabara a guerra, indo os artilheiros para os seus Grupos e o pessoal da FAB para o Grupo de Caça.

Uma palavra sobre o nosso "Senta Pua" – o vitorioso 1º Grupo de Aviação de Caça – que obteve o respeito e louvor da Unidade americana, com a qual participou de ataques decisivos ao alemão, particularmente às suas instalações logísticas, como depósitos de munição, destruídos, em maior percentagem e ainda apoio aos ataques em terra pelas esquadrilhas brasileiras, durante a Ofensiva da Primavera.

Visitei-os em Pisa, onde encontrei um ambiente alegre, de descontração e confiança. Esse era o clima entre os nossos pilotos e o pessoal de apoio, apesar do perigo por que passavam diariamente. Voltei de lá vibrando com o ambiente da FAB.

Nos primeiros dias da Ofensiva da Primavera, o céu ficou coalhado de aviões e entre eles lá estavam as aeronaves do nosso "Senta Pua", mergulhando para bombardear as posições alemãs, em meio a uma impressionante barulheira...

Gostaria de falar, daqui para frente, da transição efetivamente da guerra para a paz. Para tanto, eu vou fazer uma rápida síntese sobre os pontos mais marcantes desse período da campanha. A última fase da guerra foi muito interessante porque foi uma fase rápida e bastante gratificante para nós brasileiros, que se seguiu a uma fase preparatória para a grande Ofensiva da Primavera, que só seria desencadeada em abril.

Nessa fase preparatória, vivida com integral sucesso, a partir de 21 de fevereiro, quando conquistamos duas posições ao lado dos americanos – o Monte Castelo pela tropa brasileira, cuja queda era uma questão de honra para nós, e o morro de La Torracia pela 10ª Divisão de Montanha, uma Divisão incomum que foi adestrada nas montanhas do Alasca para ser empregada nos Apeninos. Essa foi, pois, a primeira fase, a fase preparatória, ainda em pleno inverno.

A grande Ofensiva começa, no dia 14 de abril, com Montese. Nunca vi no céu tantos aviões até me lembrei na ocasião daquela batalha entre gregos e persas, em que chegou um aviso para os gregos de que os persas eram tantos que cobririam o

Sol com sua lanças e flechas; Leônidas, o herói grego do desfiladeiro das Termópilas, respondeu-lhes: "Melhor, combateremos à sombra." Então, parecia que nos íamos lutar à sombra dos aviões, tal a quantidade de aeronaves existentes no ar.

Nessa fase, a batalha de Montese, a mais sangrenta da guerra, foi apoiada por mais de trezentos canhões, segundo o livro do General Mário Fernandes, Oficial-de-Ligação do III Grupo de Obuses, durante toda a campanha. Por aí, pode-se aquilatar a intensidade que marcou a batalha em si. E essa ofensiva, crucial de 14 a 17 de abril, só caiu mesmo de ritmo lá pelo dia 21, pois de 21 a 29 viveu-se a fase da Perseguição, quando a guerra descamba para o fim, vivido em Collecchio e Fornovo.

O movimento era tão intenso e os alemães se retiravam com tal velocidade que o nosso III Grupo, o Grupo Bandeirante, recebeu duas missões diferentes: a missão de tiro, que é natural de uma Unidade de Artilharia e que imortalizou a 2ª Bateria de Obuses, e a missão de transporte. Assim, a 1ª Bateria foi lançada para San Vitale, em apoio à Infantaria, e a 2ª Bateria para Collecchio, onde havia uma grande força inimiga atuando, e a 3ª Bateria, que era a minha, foi engajada nos transportes.

Nós, da 3ª Bateria, pegamos os caminhões da Bateria de Comando e da Bateria de Serviço e fomos transportar, como já disse, a Infantaria para ver se a mesma conseguia alcançar o alemão que fugia principalmente na direção do Passo de Brenner.

Apesar da guerra ter terminado mesmo em toda a Europa em 8 de maio, no dia 2 ela já havia cessado na Itália e, em 6 de maio, o nosso Grupo estava todo concentrado em Valenzuela Darda. Para Artilharia, a última missão de tiro foi cumprida na madrugada do dia 29 de abril, pela 2ª Bateria do III Grupo, comandada pelo Capitão Walmiki Erichsen, que depois foi General na Reserva, tendo à frente da Linha de Fogo o 1º Tenente Amerino Raposo Filho, hoje Coronel, desenvolvendo uma série de atividades intelectuais, para gáudio de todos nós, na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), Escola Superior de Guerra (ESG) e no Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos (CEBRES), do qual é fundador.

Sobre esse fato singular, eu escrevi o que leio a seguir:

O último tiro da Artilharia brasileira na Segunda Guerra foi realizado pelo III Grupo 105mm, denominado, a partir do primeiro semestre de 1947, "Grupo Bandeirante", hoje com sede em Barueri – São Paulo. Essa missão foi cumprida pela 2ª Bateria de Obuses, a partir de uma hora e quarenta e cinco minutos de uma madrugada fria e escura. As quatro peças ocuparam posição num campo de futebol da cidade de Collecchio, tendo à frente belo bosque, que servia de massa cobridora, e, ao lado, um imponente castelo.

O 1º Tenente Amerino Raposo, Comandante da Linha de Fogo, dispunha, no momento, de poucos meios e as condições para o cumprimento da missão eram

precárias, ou seja, munição reduzida pela dificuldade de transportar para frente maior quantidade de granadas, uma vez que faltavam viaturas, emprestadas à Infantaria, e as peças foram deslocadas para a frente pelos tratores do IV Grupo. Uma carta topográfica de escala 1:200.000, insatisfatória para a execução do tiro, e um tempo nebuloso, reduzindo a observação do campo inimigo e impedindo a condução do tiro, que complicava mais ainda a situação.

O Comandante da Artilharia Divisionária, General Oswaldo Cordeiro de Faria, informa à Bateria que o 1º Batalhão do 6º RI, no que pese lutar corajosamente, enfrenta inimigo de efetivo bastante superior e conseqüentemente se encontra com necessidade extrema do apoio de Artilharia.

O 1º Tenente Amerino Raposo, sob feliz inspiração, convoca os quatro chefes de peça e os põe a par do quadro existente. Decide, então, estimando uma distância de dois quilômetros, fazer na carta topográfica um quadrilátero, em cujo os vértices cada peça fará tiros de modo intermitente, procurando com esse artifício dar as tropas germânicas a idéia da existência de outras unidades de Artilharia na área. Calculado os elementos de tiro em direção e alcance, as peças abrem fogo conforme o estabelecido. Já na madrugada de 29, chega à posição de bateria o comandante do III Grupo, Tenente-Coronel José de Sousa Carvalho, dando um comando para todos surpreendente: "Alto, cessar fogo, atracar a parlamenta."

Em seguida, diante da curiosidade geral, revela a razão de sua ordem – o inimigo está cercado e negocia a sua rendição, que só poderá ser incondicional no entendimento da 1ª DIE, representada pelo Cel Nelson de Melo. Em seguida, o Comandante se retira. Ocorre que, neste ínterim, chegam reforços de munição providenciados pelo próprio Comandante da Linha de Fogo. E agora o que fazer? Em uma silenciosa decisão unânime, a Bateria logicamente cumprirá a ordem recebida, mas o fará com certo e justo retardo e os obuses voltam a lançar fogo numa explosão final não mais com tiros intermitentes mas em rajadas sucessivas com volume, intensidade e duração. Consta que havia unidades alemãs contrárias à rendição e essas concentrações devem ter influído para que as mesmas se alinhassem às demais. Esses disparos, realizados com entusiasmo e vibração, foram os últimos da Bateria. Viveu-se, assim, a missão de tiro derradeira da Artilharia brasileira na Segunda Guerra Mundial, cumprida pelo III Grupo 105, depois denominado Grupo Bandeirante, prêmio por ter representado a Artilharia de São Paulo no Teatro de Operações da Itália.

Pesquisas posteriores, ainda pendentes de confirmação deduzem que essas rajadas finais, fora de qualquer plano de fogos, dadas com surpresa e arroubo, podem ter contribuído para que os tedescos, mestres nas reações com rápidos e eficientes contra-ataques, tenham desistido de qualquer ação contra as tropas brasileiras

que já os cercavam e os impediam de empreender a sonhada retirada do Norte da Itália para a Áustria e Alemanha.

Assim, descrevi esse último tiro, na Campanha da FEB, fato singular da história do I/2º Regimento de Obuses Auto-Rebocado, III Grupo da FEB.

Cessadas as hostilidades, continuamos a participar do transporte, agora dos prisioneiros alemães para a retaguarda. Nesse transporte, fui engajado, o mesmo acontecendo com o Tenente Moacir Véras, da 2ª Bateria de Obuses.

Se bem que, depois, os americanos tenham chamado a si esse encargo, inicialmente fomos nós que realizamos o transporte dos prisioneiros. A fase de ocupação tem também duas subfases: a do escalão superior ao da AD, em que nossa área foi dividida para ser ocupada por três grupamentos táticos, sendo um deles – o GT6 – com o nosso Grupo, mas isso só ocorreu do dia 1 ao dia 8 de maio. Do dia 8 em diante, a ocupação do terreno passou a ser executada sob a decisão e coordenação da Artilharia Divisionária.

À nossa Unidade, coube as cidades de Broni e Canneto-Pavese. O QG da AD ficou na cidade de Stradella, bem próxima às que estávamos. A 1ª e a 3ª Bateria de Obuses e a Bateria de Serviço ficaram na cidade de Broni e a 2ª Bateria e a Bateria de Comando foram para Canneto-Pavese. Essa foi a distribuição adotada. Todos procuraram ficar em escolas, porque as salas de aula se transformavam mais facilmente em alojamentos.

Mas houve um problema: o que fazer com o homem? Já falei alguma coisa sobre isso, mas desejo aprofundar um pouco. A guerra estava finda e dar instruções a eles não fazia sentido, porque cada um deles no seu assunto, na sua especialidade, no seu trabalho era PHD. Não havia mais o que aprender. Então, como preencher o tempo deles? O pessoal que entrava de serviço tinha lá sua missão. E os que não estavam? Ora, nesse momento, o Comandante do Grupo tomou uma decisão inteligente: voltamos a ter alvorada, que não havia na guerra, embora fosse um pouco mais tarde, sete e meia. Aí o Grupo, fazia educação física e jogos para ocupar o tempo do pessoal que não estava de serviço. Almoçava-se, havia um repouso após a refeição e, na parte da tarde, além de aulas de informações sobre o que se passava no mundo, especialmente no Brasil, uma hora, uma hora e meia, no máximo, entrava na "ordem unida", que é a instrução que enquadra a tropa...

Lembro-me que, quando fiz concurso para ECEME, lendo um trabalho sobre a atuação de Caxias logo que chegou a Tuiuti, constatei que a sua primeira providência, porque o pessoal estava um pouco desleixado, foi instituir a "ordem unida" como obrigação diária e com isso ele enquadrou a tropa e pôde prosseguir na sua campanha vitoriosa.

E, na FEB, fizemos a mesma coisa: a "ordem unida", que se justificava considerando a necessidade do Grupo apresentar-se bem nas comemorações da Uni-

dade, da Artilharia Divisionária e do V Exército americano e, depois, nos desfiles que iriam ocorrer no Brasil...

Então, dizendo ao soldado que a "ordem unida" era uma preparação para as cerimônias que se avizinhavam, pois há muito tempo não a fazíamos, eles aceitaram aquilo e tudo correu bem. Mas ensinar fuzil, metralhadora, granada-de-mão, essas coisas, não tinha cabimento, pois, como eu disse, eles eram doutores nesses assuntos.

A nossa solenidade foi no dia 15 de maio em Broni. A da Artilharia Divisionária realizou-se em 24 de maio também com missa, desfile e uma bela locução do General Cordeiro de Faria.

Gostaria de ler aqui a breve e bonita oração do Cel Souza Carvalho na formatura do dia 15, porque é uma síntese do desempenho do nosso Grupo durante toda a campanha.

Meus Camaradas!

Pela primeira vez, desde a nossa partida, o III Grupo se enfileira em uma formatura geral, para comemorarmos o fim da guerra, com a marcante e esmagadora Vitória das Nações Unidas.

Desfraldada, ufana e sem mácula, contemplamos orgulhosos a nossa Bandeira, que a mulher brasileira de São Paulo nos ofertou.

Honrando as tradições de dignidade e bravura de nossa gente, chegamos ao término das missões que couberam ao Grupo no Teatro de Operações da Itália e do V Exército, integrando o IV Corpo, na execução das inúmeras ações a cargo da Divisão Expedicionária Brasileira, acionados, serena e firmemente, pela nossa AD.

Em sã consciência, podemos dizer bem alto:

Cumprimos o nosso dever.

Que alcance teve para nossa amada e estremecida Pátria, o cumprimento do nosso dever?

Vós já o sabeis, porque sois soldados conscientes.

Conquistamos todos os que aqui viemos o invejável destaque de Potência para a Nação Brasileira, lutando pela liberdade, sobretudo, pela integridade e honra de nosso Brasil, que audaz inimigo, hoje vencido, procurou atingir e enxovalhar.

Sem lutas fratricidas, pelo nosso esforço e sacrifício, já ouvimos falar que, na Pátria distante, se processam as campanhas em prol da Democracia.

Eis, meus camaradas, o acervo de bons serviços que tão honestamente prestastes à Terra dadivosa e bendita, onde as nossas famílias nos esperam pedindo a Deus por todos nós.

Meus Camaradas!

Eu tenho uma dívida de gratidão para convosco e quero, em tão auspicioso momento, reconhecê-la perante vós.

Não tenho a veleidade de julgar que a mim se deve o êxito do cumprimento das missões impostas ao Grupo, nos campos ensangüentados da velha Europa.

Afirmo-vos que não.

A vós sim, devo a felicidade que quisestes proporcionar ao vosso comandante, facilitando sobremodo a sua ação de Comando, que outra não foi senão transmitir-vos as ordens emanadas dos Chefes Divisionários, certo de que a sua execução, aqui sempre descentralizada pelos escalões subordinados, seria rigorosamente cumprida.

E, assim, foi por toda a campanha e sabeis que não exagero na minha afirmação.

Tive apenas um cuidado, é bem verdade, e talvez aí se encontre um pouco da minha colaboração, neste todo homogêneo e harmônico que é o nosso Grupo. Foi fazer dos meus oficiais, sargentos, cabos e soldados meus amigos, antes que o fossem meus comandados. Foi procurar estabelecer entre todos uma perfeita compreensão de sentimentos, em que fosse intensificada, cada vez mais, a prática da extraordinária virtude militar – a camaradagem.

E essa virtude militar, que cultuamos e que tanto nos tem valido, já se tornou tradição da Unidade e, há dias, quando fomos honrados com a visita do Exmo Sr General Comandante da FEB, Sua Excelência fez sentir o seu agrado pela forte união e entendimento existentes entre todos nós.

Desnecessário seria dizer-vos que pelo Grupo Bandeirante e pela harmonia de nossa Família Militar, reconsiderei muitas vezes, transigi em casos outros, aconselhei quando o conselho foi o melhor caminho, e tudo foi feito, graças a vós, mais do que a mim, sem ferir no todo, a ordem e a disciplina militar.

Nas decisões do Comando, a vossa colaboração – espontânea, leal e judiciosa – foi a forte razão de ser de tudo que fizemos.

Aqui fica, portanto, a profunda e sincera gratidão de vosso Comandante a todos vós – soldados, cabos, sargentos e oficiais –, meus dignos e nobres comandados.

Meus camaradas!

Vosso Comandante, como todos vós, sente que há claros em nossa formatura e todos lamentamos essas faltas.

Vou fazer a chamada:

3º Sargento ALCIDES DE OLIVEIRA, Soldado DIRCEU DE ALMEIDA, Cabo TITO MAIETTA, Cabo RAUL KODAMA, Soldado LAURINDO ZAMPRONI, Soldado PAULO NASCIMENTO, Soldado JERÔNIMO THOMAZ DA SILVA.

São os nossos mortos. São os nossos mutilados de guerra, que estão faltando.

Glória eterna aos que tombaram em serviço da Pátria!

Nossa elevada admiração e respeito aos que por Ela se sacrificaram!

Artilheiros! Aí estão em linha os nossos canhões!

Em forma, soldados e material, que servimos a Arma dos fogos longínquos, maciços e destruidores, que deram apoio aos nossos dignos e bravos Infantes, nos momentos críticos e incertos, no aceso da refrega ou quando os golpes felinos do inimigo se faziam sentir nas montanhas nevadas dos Apeninos.

Rei dos Campos de Batalha! Os artilheiros do Grupo Bandeirante te homenageiam, antes de uma triste despedida que será, mais hoje, mais amanhã!

Terminaste brilhantemente a tua missão, escrevendo, com as tuas luminosas trajetórias bem conduzidas, a frase que a História perpetuará:

Vitória das Nações Unidas!

Vitória do Brasil!

Mas eu queria, antes de passar adiante, trazer aqui alguns dados que são sempre interessantes, mormente para os artilheiros. O nosso Grupo, desde a sua entrada em ação no Teatro de Operações do Mediterrâneo em 15 de novembro de 1944, quando atirou pela primeira vez, até a sua atuação em Collecchio - Fornovo, onde realizou o último tiro da Artilharia brasileira na Itália, cumpriu 2.530 missões, consumindo um total de 41.004 granadas de diversas espécies.

Somente na Ofensiva da 1ª DIE sobre Montese, Montello e Montebuffone, as Baterias do Grupo realizaram 9.053 tiros, dos quais 3.717 e 2.933 somente nos dias 14 e 15 de abril, respectivamente.

Na ação de Collecchio, a 2ª Bateria de Obuses, atuando descentralizada, disparou 276 granadas.

A Companhia de Obuses do 6º RI cumpriu, quando reforçando o III Grupo, no período compreendido entre 12 de março e 19 de abril, 104 missões de tiro, consumindo 3.019 granadas. Nesse período, os seus elementos de tiro (deriva, alça e sítio) foram fornecidos pela nossa Central de Tiro. Assim, além de todos os seus obuseiros, havia mais seis da Companhia de Obuses do 6º RI, que entrava na nossa prancheta como se fosse mais uma Bateria, ou seja, o III Grupo comandou o tiro de quatro subunidades.

Todos esses dados constam do último Relatório do III Grupo – Relatório de Unidade Nº 5 – elaborado, após o término da guerra, em 21 de maio de 1945, em seu Posto de Comando (PC) em Canneto Pavese (Província de Pavia – Itália).

Como todo Relatório de Campanha fala da Situação do Inimigo, da Situação Amiga, das Operações Realizadas, Reforços, Localizações de Postos de Comando(PC)

e de Posições de Bateria, Valor Combativo da Unidade e Assuntos Administrativos, incluindo Efetivo em Pessoal, Perdas, Situação da Munição, sobre a qual nos referimos, Meios de Transporte e a Localização dos Órgãos de Serviço, além de uma breve conclusão, que leio nesse momento:

Este relatório encerra os dados relativos à mais importante fase da atuação do III Grupo neste Teatro de Operações – a que nos conduziu a VITÓRIA – e é, com satisfação, que registro que a Unidade se sente orgulhosa do papel que desempenhou.

É com justo desvanecimento que o III Grupo 105 regressará ao Brasil levando em sua Bandeira o galardão que lhe foi conferido por sua atuação em campanha – a Cruz de Combate de 1ª Classe –, instituída pelo Decreto – Lei Nº 6.795, de 14 de agosto de 1944, e entregue em solenidade pública em Alessandria.

Nesse Relatório, portanto, encontramos dados preciosos porque vai a detalhes que o tornam bastante completo. Assinado pelo Tenente-Coronel José de Souza Carvalho, Comandante do Grupo, o confere do mesmo é do então Major Subcomandante Heitor Borges Fortes, pai do Cel Hugo Borges Fortes, nosso amigo, dedicado, até hoje, ao estudo da história da Artilharia brasileira.

Uma vez terminada a fase da ocupação, veio à esperada notícia de retorno ao Brasil e isso nos obrigava a deixar Broni e Canneto Pavese, onde fizemos bons amigos. Aliás, devo dizer que foi excepcional o nosso convívio com os italianos. Desde a chegada até a despedida, em todas as cidades, o congraçamento deles conosco foi excelente, o que também foi facilitado, é bom lembrar, pelo fato de que quase todo italiano tem um parente em São Paulo.

Achei graça, que, logo na entrada de um pequeno município, *picolo paize*, para eles, havia uma escola com uma quadra de basquetebol e um aviso: *Fenita la guerra questa notte se bala*, ou seja, "se não há mais guerra, vamos dançar, não é!" Então, vê-se o ambiente como era festivo com o fim da guerra e como nos recebiam bem.

A ligação foi incrível haja vista que alguns pracinhas se casaram na Itália, inclusive um que foi colega meu na Escola Militar; deixou a Escola, foi para FEB como sargento, hoje é Oficial do Exército na reserva e se casou com uma italiana, boníssima moça, e isso ocorreu com uns vinte ou trinta, que se casaram por lá. Um Subtenente, que toma conta do cemitério em Pistóia até hoje, é também casado com uma italiana, o que mostra ter sido o entrosamento muito grande.

Ao deixar Broni e Canneto Pavese, o Grupo dirigiu-se, por meio de viaturas, para a cidade de Francolise muito próxima a Nápoles, perto da praia de Mandragone, onde o pessoal tomava banho de mar, o que ajudava a passar o tempo.

Aí, era só expectativa de saber a hora de embarcar. Estávamos num acampamento, todo mundo dormindo em barracas. A preocupação com a tropa diminuíra.

Em Francolise, a atividade principal era educação física, que terminava com banho de mar. Além disso, só o encargo de planejar e organizar o embarque.

Nessa ocasião, eu fui mandado para Nápoles, em missão atribuída pelo Grupo. Passei a representá-lo, por aproximadamente um mês, no embarque do seu material, tanto o de artilharia como o de topografia e direção de tiro. Comigo, estavam outros oficiais dos demais grupos e de outras unidades, encarregados de missão semelhante. Dividi, inclusive, o meu quarto com um Oficial de Engenharia muito conhecido, o Ten Paulo Nunes Leal, que depois foi Deputado Federal e Governador de Rondônia, autor de um livro sobre a FEB. Dessa forma, supervisionei o encaixotamento de todo o material do Grupo por uma Companhia de Mão-de-Obra, tropa não divisionária, subordinada ao General Falconière.

Por sorte, quando lá cheguei, o Comandante da Companhia era o Tem Carlos Azevedo, de Artilharia e de uma turma na minha frente, encontrando-se ainda ali o Capitão, mais tarde General, Sebastião Ramos de Castro, que pertencia ao Depósito da FEB também. Nessa Companhia, passei um mês assinando os *Parking List* relativos ao meu Grupo. Era tudo muito bem-feito, tudo bem encaixotado, bem acondicionado. Quando se observava que estava faltando, por exemplo, um pouco de papel, o responsável providenciava imediatamente, para não atrasar o serviço. Uma lista ficava para a Companhia, que depois passava para o setor americano; outra, ia dentro do caixote; e a terceira, eu depois entreguei ao meu Grupo. Essa foi a minha missão final na guerra.

Já em Francolise, havia uma diversão que era a praia de Mandragone, cuja areia não era como a de Copacabana e nem de Ipanema, assemelhava-se a da praia de Santos. Eu, praticamente, não usufruí dessa diversão, porque, como disse, estava em Nápoles, preparando o embarque do material do Grupo, em navio específico.

Nessa fase, em Francolise, ainda para preencher o tempo, o pessoal realizou várias visitas muito proveitosas, sob o aspecto cultural. A turma visitou as cidades de Herculano, Pompéia e Capri, inclusive a Gruta Azul, ampliando, com isso, os seus conhecimentos.

Todo mundo adquiriu mais cultura até porque a Europa mesmo destruída é uma lição e tem cicerones espantosos. Existe até curso superior para ser guia de turismo, o que confere à profissão a necessária seriedade. Eles davam verdadeiras lições sobre Júlio César, enfim, sobre a história do Império Romano.

Até que chegou o dia do embarque. Deixamos o Porto de Nápoles, com destino ao Rio de Janeiro, em 12 de agosto de 1945. Embarcamos no navio *Mariposa*, que tem uma história particular e bem interessante. Esse navio era alemão, aprisionado no Brasil e foi entregue ao Governo americano, depois. Tratava-se de um navio de transporte confortável, com capacidade para seis mil pessoas aproximadamente.

Voltamos, pois, num navio tomado pelos brasileiros em águas brasileiras, depois que entramos em guerra. Propiciou-nos uma viagem de volta muito agradável. Nele, estava toda a Artilharia Divisionária exceto o II Grupo – Grupo Monte Bastione – que veio na frente, no 1º escalão, com o 6º RI.

Comandado pelo General Cordeiro de Faria, o 2º escalão, além da Artilharia Divisionária, compreendia também o Regimento Sampaio. A chegada ao Rio foi uma consagração até porque o nosso escalão trouxe para o Rio de Janeiro o pessoal carioca, excetuando-se o III Grupo da AD, de origem paulista. Mais de um milhão de pessoas nos esperavam. Desembarcamos no armazém 10 do Cais do Porto no dia 22 de agosto, entrando na barra às 8h45min, atracando às 10 horas. Levamos na ida 14 dias e na volta apenas 10, de 12 a 22, porque não houve aquele ziguezague da ida, motivado pelo perigo de submarinos alemães. Ao entrarmos na Baía de Guanabara fomos saudados com tiros de salva pelas Unidades de Artilharia de Costa.

Na volta, dispunha-se de salva-vidas, mas por questão de segurança normal; na ida, ao contrário, o risco era grande, o uso era obrigatório levando-nos a participar de exercícios de ataque, com toque de apito e todo mundo correndo para a sua posição perto do seu escaler. Uma vez, os americanos alertaram da possibilidade da ação de submarinos próximos, com base em informação do radar, mais ou menos na altura de Cabo Verde, no litoral da África. Mas no retorno ao Rio de Janeiro, que nos interessa agora, foi uma consagração, uma festa belíssima, o povo alegre, satisfeito, as ruas repletas...

O Grupo não se desligou logo da AD, ficando inicialmente no Rio de Janeiro, no quartel do 1º Grupo de Artilharia Antiaérea, porque o seu antigo aquartelamento em Quitaúna fora ocupado pelo 2º Grupo de Canhões 90mm Antiaéreo, que para lá foi mandado ao chegar a São Paulo, vindo de Fernando de Noronha, antes do término da guerra.

Assim, o quartel que pertencia ao nosso I/2º Regimento de Obuses Auto-Rebocado (I/2º RO AuR), antes do Grupo ir para a Itália, passou para o 2º G Can 90. Dessa forma ficando sem quartel em São Paulo, deu-se, no Rio de Janeiro, a desincorporação do pessoal e a entrega da Medalha de Campanha, aí residindo uma diferença entre nós e o americano. Este entrega a medalha *in loco*, ou seja, o cidadão executa um ato de bravura, o ato é analisado é reconhecido e ele recebe, em plena guerra, a sua medalha. Nós deixamos para entregar as medalhas aqui no Brasil. O ato de heroísmo é, por conseguinte, reconhecido na hora pelo americano, enquanto, entre nós, só muito tempo depois.

Permanecemos, no Rio, até 7 de novembro de 1945, data em que deixamos o quartel do antigo Antiaéreo, onde hoje está a Escola de Comunicações – Vila Militar,

utilizando as nossas próprias viaturas no deslocamento com destino a Taubaté, onde nos alojamos num vazio depósito de frutas e numa casa reservada para o Comando.

Em Taubaté, a nossa estada foi boa, porque o povo nos recebeu muito bem. Os clubes da cidade nos foram franqueados e éramos convidados para todas as solenidades. Foi aí que se fez a nova incorporação. Na verdade, as instalações não reuniam condições satisfatórias para o Grupo. Muitas viaturas ficavam ao relento, desprotegidas, apesar dos canhões, colocados em dois ou três galpões, contarem com cobertura. Na casa alugada, onde funcionava o Gabinete do Comando, estava também a Secretaria, a Ajudância, Tesouraria e outras seções.

Contudo, o Grupo não podia continuar ali, mal aquartelado. Por isso, o Coronel Souza Carvalho, após muito empenho, conseguiu a transferência da Unidade para São Paulo – Parque D. Pedro II, no Centro – em local satisfatório, pois não só as peças, como todas as viaturas, passaram a ter garagens. O quartel contava, ainda, com um bom pátio interno, campo de esporte, tornando a nossa permanência ali aceitável, bem melhor do que em Taubaté.

Chegamos em São Paulo no dia 1º de junho de 1946, mas há uma coisa que me prende a Taubaté – a mim e ao então Tenente Moacir Véras – pois foi lá que fizemos o juramento de 2º Tenente, o juramento do primeiro posto, embora tenhamos sido promovidos anteriormente durante a guerra na Itália.

Taubaté, na minha carreira, tem esse ponto importante, pois foi onde eu fiz o juramento do primeiro posto. Vivemos jurando. Jura quando se entra na Escola Militar – é o espadim; jura, depois, quando sai Aspirante; e jura, finalmente, como Segundo-Tenente – é o terceiro juramento e esse foi feito no I/2º Regimento de Obuses Auto-Rebocado, quando aquartelado no Vale do Paraíba, onde permaneceu de 7 de novembro de 1945 até 1º de junho de 1946, data em que se transferiu para São Paulo, onde meses depois, exatamente em outubro, deixei o Grupo por motivo de transferência para Juiz de Fora, por necessidade do serviço.

Em São Paulo, quando ocupou o quartel do Parque D. Pedro II, o Grupo realizou o seu primeiro tiro após a guerra, na região de Itaquera, entrando em posição na Fazenda do Carmo, onde esteve em exercício de 27 a 30 de julho de 1946. Executou um programa de instrução de serviço em campanha com muito bons resultados, incluindo todos os trabalhos topográficos necessários ao tiro real.

Em 1946, lembro ainda uma missão que cumprimos a título de cooperação com o Regimento de Itu, quando aquele Regimento foi designado para receber obuseiros 105mm, exigindo que os seus graduados conhecessem o novo material. Então, criou-se um curso no nosso Grupo em São Paulo, do qual fui Instrutor, com a duração aproximadamente de um mês, funcionando diariamente pela manhã e à

tarde. Assim, os sargentos de Itu foram aprender o obus 105mm naquele ano em nossa Unidade.

Regressaram a Itu em condições de receber o novo material e de participar da instrução de cabos e soldados. O nosso curso intensivo, com provas e tudo, revelou um bom resultado. Logo após o seu término, deixei o I/2º RO AuR.

Um trabalho acurado foi feito, ainda, em 1946, para que a nossa Unidade – a única de Artilharia do Estado de São Paulo a ir à guerra – recebesse, oficialmente, a designação histórica de "Grupo Bandeirante", o que ocorreu em 20 de novembro de 1946, pelo Decreto Nº 22.140, publicado no Boletim do Exército Nº 47, de 23 de novembro de 1946 e no Diário Oficial de 22 de novembro. Assim, a denominação, utilizada desde a guerra, passou a ser oficial.

Infelizmente, em setembro de 1950, o nosso Exército cometeu o erro palmar de transformar o I Grupo do 2º Regimento de Obuses 105mm – Grupo Bandeirante, III Grupo de Obuses da FEB –, em 2º Grupo de Canhões Automáticos Antiaéreo 40mm que, mais tarde, em novembro de 1972, passou a denominar-se 2º Grupo de Artilharia Antiaérea. Como é que um Grupo de Campanha, que vai a guerra, ao voltar, é transformado, cinco anos depois, em antiaéreo?!

Foi uma tristeza para todos, sobretudo para os seus veteranos da FEB! Esse tratamento inaceitável dado ao nosso Grupo, que sempre foi de Campanha desde 1915, quando começa a sua história, demonstra total falta de apego às tradições! Observa-se, dessa vez, a segunda insensibilidade de que o Grupo foi vitima, esta imperdoável, pois a primeira ocorreu quando ficou sem quartel ao chegar da guerra. Contado ninguém acredita!

Mais tarde e outra vez, inadvertidamente, em vez de transformar o 2º Grupo de Artilharia Antiaéreo no 20º Grupo de Artilharia de Campanha, quando este foi criado, desativou-se e extinguiu-se o Grupo Antiaéreo, respectivamente em novembro de 1976 e 8 de janeiro de 1979, afetando a linhagem do I/2º RO AuR, o nosso tradicional Grupo Bandeirante, III Grupo da AD Expedicionário! Outro erro palmar!

Para minimizar o problema, surgido por desconhecimento do histórico da Unidade, foi elaborada, com extraordinário descortino e bom senso, a "Portaria Ministerial nº 790, de 15 de março de 1979", que recupera, de certa forma, as tradições do III Grupo da FEB, ao resolver:

– Considerar o 20º GRUPO DE ARTILHARIA DE CAMPANHA, com sede em Barueri – SP, mantenedor das tradições históricas e do acervo do 2º GRUPO DE ARTILHARIA ANTIAÉREA, *extinto pelo* Decreto nº 82.995, de 8 de janeiro de 1979.

– Dar ao 20º GRUPO DE ARTILHARIA DE CAMPANHA, com sede em Barueri-SP, a Denominação Histórica GRUPO BANDEIRANTE, de acordo com as Instruções aprovadas

pela Portaria nº 295-GB , de 20 de agosto de 1968, modificada pela Portaria Ministerial nº 830, de 14 de junho de 1974.

Com isso, o 20º GAC, passa a ser o legítimo herdeiro das tradições históricas do I/2º RO AuR (III Grupo de Obuses da FEB). Enfim, sepultou-se a indiferença, prevalecendo a inteligência!

Em 1995, o 20º Grupo de Artilharia de Campanha – GRUPO BANDEIRANTE – passou a denominar-se 20º GRUPO DE ARTILHARIA DE CAMPANHA LEVE (20º GAC L), pelo fato de integrar a 12ª Brigada de Infantaria Leve (Aeromóvel) – 12ª Bda Inf L (Amv) –, vindo a ser considerada Unidade de Pronto Emprego do Exército, para satisfação de todos nós que acompanhamos a história do nosso Grupo, que, após as andanças do pós-guerra, felizmente desfruta de um amplo e belo quartel na cidade de Barueri-SP.

Para o Exército Brasileiro, a participação na Segunda Guerra Mundial só trouxe vantagens, porque a nossa Força mudou, ao verificar que não tinha mobilização, tendo que realizá-la em prazo exíguo, o que é uma coisa complicada, um trabalho árido, que pressupõe tempo e o Exército conscientizou-se de que precisava aprimorar esse setor.

A FEB teve então esse mérito: mostrou que a mobilização é um encargo importante, porque sem a mesma não se pode enfrentar uma guerra e essa tarefa, para nós, até então era secundaríssima.

Depois houve um salto à frente. Passamos a adotar o que havia de novo, de moderno. Hoje, aliás, o Exército, em termos de Artilharia, por exemplo, está desenvolvendo o Projeto Gêneses, que é um projeto onde até o Observador Avançado (OAv) possui um computador, que faz tudo o que o Observador teria que fazer, mandando para Central de Tiro todos os dados que compõem a Missão de Tiro (MT), os quais são jogados em outro computador, que se encarrega de obter os elementos para o tiro (Deriva e Elevação).

Ao ver que o Exército estava implantando esse projeto, fiquei orgulhoso, porque as inovações começaram com a FEB. Assim, não regredimos; ao contrário, andamos para a frente. O Sistema de Instrução mudou, acabando aquelas aulas teóricas e repetitivas, ganhando objetividade para atender à realidade.

Na minha época de cadete, a primeira aula de topografia, em que se apresentou o teodolito, o professor o colocou entre a sua mesa e a primeira fila de carteiras. Montou-o um tripé e disse: “Isso aqui é um teodolito” e passou teoricamente a falar sobre as suas possibilidades e o modo de operá-lo.

Quando fui ser Instrutor da AMAN, na mesma cadeira de topografia, peguei o teodolito e fui com os cadetes para o terreno de modo a utilizá-lo na prática, reali-

zando as medidas dos ângulos que nos interessavam dentro do exercício programado, fazendo todo trabalho de campo exigido. Isso é uma evolução muito grande!

Até quero contar um caso para mostrar como a burocracia não existe na guerra. Houve um tiro alemão que caiu em cima de uma grande quantidade de cargas de projeção não utilizadas, provocando um incêndio que danificou completamente o goniômetro-bússola (GB) da Linha de Fogo, instrumento topográfico importante para apontar as peças, fazer a verificação do feixe (pontaria) etc. Em face do ocorrido, o Comandante da Bateria de Serviço – Capitão Sena – outra figura extraordinária, combatente incansável desde antes da guerra, quando já trabalhava intensamente, providenciou uma requisição de GB. Lembro-me até que o papel era amarelo. Pegou um motorista qualquer e mandou que ele fosse para o depósito americano de instrumentos de direção de tiro, dando-lhe o endereço. Ao voltar com um GB novo, em curto espaço de tempo, perguntei-lhe: “Como é que você conseguiu isso tão rapidamente com o americano?” E ele me respondeu: “Tenente, fui recebido por um negro de dois metros de altura e não sei quanto de largura de ombro a ombro. Olhou o papel e disse ok, ok, indo lá dentro pegar o GB imediatamente e, ao entregar-me, exigiu, apenas, que eu assinasse um papel, o que fiz sem entender nada que ali estava escrito e vim embora.” Não há burocracia: o americano, na hora da guerra, compreende perfeitamente a necessidade de atender a todos os pedidos com a máxima rapidez.

Esse é um retrato do apoio administrativo americano, que tinha seqüência através de nossa Bateria de Serviço, a qual também foi modelo durante toda a Campanha, graças a seu Comandante, de quem já falamos, e do pessoal que a integrava, cabendo referência especial ao Tenente Waldemar Rangel Bomfim, hoje Coronel, residindo em São Paulo.

Voltando à questão relacionada com as conseqüências para o Exército da atuação da Força Expedicionária Brasileira, devo afirmar, com a maior ênfase, que se verificou uma evolução considerável, apesar da Quinta-Coluna que, antes e depois da guerra, esteve e permanece empenhada, em denegrir a FEB, chegando a dizer que não fomos à guerra, fizemos turismo na Itália, um desrespeito aos nossos 451 mortos, 1.577 feridos em ação de combate e 1.145 acidentados, dos quais 487 combatendo. A tal injustiça, respondemos com o nosso desempenho, claramente revelado no balanço dos prisioneiros, extremamente favorável às nossas tropas: 35 brasileiros contra 20.573 inimigos capturados, incluindo pessoal de duas divisões – a 148ª de Infantaria alemã (do General Oto Fretter Pico) e uma italiana, a do General Mário Carloni, além de remanescentes da 90ª Divisão Panzer Granadier, com a prisão desses generais, de 892 oficiais e 19.679 praças.

Infelizmente, há pseudobrasileiros, descendentes de alemães que apesar de não possuírem o menor credenciamento para falar sobre guerra, até porque seus conhecimentos sobre planejamento, práticas e estudos militares são nulos, atrevem-se a tratar do que não entendem, com intuito de tentar, em vão, macular a vitoriosa trajetória da FEB, que retornou ao Brasil coberta de glórias incontestáveis.

Vale asseverar que reflexos políticos importantes se verificaram com o retorno da FEB, desmentindo, inclusive, o *Stars and Stripes*, jornal do V Exército americano que, logo após o término da guerra, publicou: “O Brasil mandou soldados para acabar com as ditaduras na Europa e não acabou com a que está instalada em sua casa”.

Na verdade, o Governo Vargas era uma ditadura, pois não existia estado de direito, por não haver Legislativo, não haver Hino nem Bandeira nos estados, cuja autonomia praticamente inexistia. O Judiciário foi até acrescido de uma coisa esdrúxula, um tal Tribunal de Segurança Nacional que foi criado para expulsar do sistema administrativo do País os inimigos do Getúlio. Mas a FEB desmentiu essa idéia apresentada no Jornal do V Exército, porque ela chegou aqui em junho e, em outubro, o Getúlio caiu. E quem foi o interprete do pessoal? Quem estava acionando tudo para acabar com a ditadura? Foi o General Cordeiro de Faria, o Comandante da AD Expedicionária, que se encarregou de ir ao Palácio avisar ao Getúlio que seu governo acabara.

Creio que a FEB prestou um grande serviço, contribuindo decisivamente para trazer o Brasil à normalidade democrática. Além desse aspecto relevante, a FEB concorreu efetivamente para que o nome do Brasil viesse a ser conhecido no campo internacional.

Quando eu servia em Washington, todo mundo sabia da participação da Força Expedicionária Brasileira na guerra, e as referências à FEB eram elogiosas e não poderia ser de outra forma, como mostramos com alguns poucos mas significativos números, tratando de prisioneiros de guerra.

Quer nas conferências mundiais, quer nos órgãos permanentes, como a ONU e a OEA, nós, a partir da Segunda Guerra Mundial, passamos a existir, a ter presença, o que antes seguramente não acontecia.

Um caso interessante quero relatar, ocorrido quando eu era Adido Militar junto à Embaixada do Brasil nos Estados Unidos. Marcou-se uma reunião do BID, em que compareceram todas as nações integrantes dessa Organização e dentre as mesmas o nosso País. O Ministro da Fazenda, Antônio Delfim Neto, era o representante do Brasil. Marcada a reunião, fui para lá, como Observador para acompanhar os trabalhos e informar. A reunião, marcada para às oito e meia, não começava! Sabe

por quê? Porque o avião do senhor Delfim Neto não podia decolar de Nova York, onde houvera uma nevasca e o aeroporto fora interditado.

Assim, porque o Delfim Neto estava atrasado, a reunião foi adiada e só começou após a sua chegada. Pude observar, pessoalmente, como era grande o prestígio do Brasil! Sabe em que época? Estive na Embaixada em Washington de 1969 a 1972. Então, foi nesse período dos presidentes militares em que o nosso País tinha voz, era respeitado pelo resto do mundo e a FEB também colaborou para isso, pelo que realizou nos campos de batalha do Velho Continente em 1944 e 1945.

Na guerra, ganhei maturidade, apesar de ter apenas vinte anos. Completei vinte e um lá no Teatro de Operações. Só Deus e eu sabíamos que, naquele dia, estava me tornando cidadão brasileiro na sua plenitude, completando vinte e um anos em meio às preocupações permanentes de uma campanha contra um inimigo profissional e imprevisível, que realizava o esperado, mas também o inesperado, por tudo que conhecia sobre a guerra.

Quando eu cheguei, meu pai fez uma pergunta: “Como é que você se sente agora ao voltar da guerra?” E eu lhe disse: “Meu pai, sinto-me profissionalmente realizado, porque ir à guerra é o máximo que um militar pode registrar em sua carreira. Além disso, por tudo que vi, tenho, agora, muita confiança no Brasil!”

Dessa forma, creio que respondi satisfatoriamente a indagação de meu pai. Todavia, nessa entrevista, desejo fazer mais algumas considerações que, por si só, justificam a nossa posição e inicio perguntando: “Onde a guerra acaba para um Tenente, tanto de Infantaria como de Artilharia?” Eu mesmo respondo: “Acaba no horizonte à sua frente, porque do lado estão os limites do seu escalão, que não podem ser ultrapassados. Para os artilheiros da Linha de Fogo, como eu, o horizonte durante a guerra morria na massa cobridora à frente de nossas peças, ou seja, na primeira elevação que nos protegia das vistas e dos fogos diretos do inimigo, tanto na defesa agressiva, adotada inicialmente, como nos ataques sucessivos, realizados nos Apeninos. Aquele era o meu Teatro de Operações”.

Assim, a visão do Tenente é curta, apresenta-se limitada, indo crescendo, é claro, à proporção que se sobe de escalão. Para a Companhia ou Bateria é maior e vai aumentando quando se atinge o Batalhão, o Regimento, a Divisão, o Corpo de Exército até chegar ao escalão exército, onde a visão é quase continental.

Todavia, na guerra de movimento, que caracterizou a última fase da campanha, onde o Aproveitamento do Êxito e a Perseguição nos obrigaram a percorrer muitos quilômetros em curto espaço de tempo para obstar a retirada do inimigo do Vale do Pó para a Áustria e Alemanha, o nosso conhecimento sobre a área de operações e sobre o povo que a habitava ganhou uma outra expressão, uma dimensão bem mais ampla.

Contudo, só com a guerra terminada é que nós, tenentes, tivemos a oportunidade de alargar verdadeiramente a nossa visão ao viver outras situações. Nessa etapa, tivemos a oportunidade de reunir novos conhecimentos, especialmente em solenidades dos escalões superiores, como por exemplo, a de Alessandria – uma bela cerimônia, onde representações de todas as divisões aliadas, que atuaram no Teatro de Operações da Itália, estiveram presentes. Com muito prazer, eu estava lá, integrando a delegação do nosso Grupo.

Nessa cerimônia internacional, vibrante e inesquecível, em que o Tenente Rubens Resstel recebeu a Medalha *Silver Star*, outorgada pelos Estados Unidos, por bravura em combate, assisti a um discurso de um General americano dizendo da sua imensa satisfação em destacar que o Brasil era uma das seis nações do mundo ali presentes e uma das duas representantes das Américas, ao lado dos Estados Unidos, participando, portanto, daquele evento significativo, onde os aliados homenageavam os seus combatentes mais destacados e as valorosas unidades que haviam atuado em terras italianas.

Assim, enquanto durante a maior parte da guerra o nosso horizonte, como tenentes, era reduzido por força do escalão a que pertencíamos, naquela solenidade tínhamos a feliz oportunidade de ouvir as maiores autoridades do campo de batalha, com completa visão do Teatro de Operações do Mediterrâneo, falarem do que representou o nosso País naquele contexto amplo.

Sem dúvida nenhuma, o Brasil chegou ao fim da guerra com uma elevada projeção. E os soldados da FEB – do pracinha mais jovem ao nosso General Mascarenhas de Moraes, que se imortalizou por tudo que fez –, são os responsáveis por esse fato incontestável. Os Quintas-Colunas, de ontem e de hoje, empenham-se, em vão, tentam e permanecem tentando distorcer os acontecimentos com o propósito de esconder a realidade, o que é impossível, porque os resultados estão aí, muito claros, perfeitamente mensuráveis, qualitativa e quantitativamente, mostrando, cabalmente, que a FEB triunfou!

Como mensagem final, nesse importante Projeto, que se propõe a tornar a FEB conhecida nas suas minudências, sobretudo nos pequenos escalões que, em toda linha, se encarregaram das ações frente a frente com o inimigo, eu gostaria de destacar que acalento o sonho de que a Força Expedicionária Brasileira venha a constar dos livros escolares, para que os meus netos e os netos dos demais brasileiros tenham a oportunidade de conhecer os seus feitos. Isso é o mínimo para um País, principalmente o nosso, que tem a vocação de ser grande!

Tenho dado uma olhada nos livros de meus netos sobre História Contemporânea e nada se fala da FEB.

Da mesma forma, quando estudei Direito, havia a disciplina de OSPB, voltada para o estudo de problemas brasileiros, muito apreciada pela maioria dos alunos, com exceção dos esquerdistas internacionalistas, que detestam estudar o Brasil, preferindo concentrar-se nos modelos alienígenas que sonham em ver instalados em nosso País.

Nos Estados Unidos da América, onde morei por três anos e realizei vários cursos, existe uma disciplina interessante que se chama *Speech* que é uma matéria do curso primário, voltada para ensinar a criança a falar. Por esse motivo, o americano fala baixo, gesticula menos do que nós. Nessa matéria, além de ensinar como falar, vão muito mais longe, ao transmitirem, também, noções da grandeza americana, dizendo mais ou menos o seguinte: "Você nasceu num país que é assim (fazem uma síntese sobre o que a criança precisa compreender para valorizar o seu país), e, por isso, você tem obrigação de fazer isso e aquilo, pelo país, porque os seus avós o fizeram". Vejam a profundidade impressionante de tudo isso!

No dia 31 de maio é quando lá se comemora o *Memorial Day* – dia dos finados – que para nós é 1º de novembro. Nesse dia, nos EUA, todo mundo hasteia a bandeira americana em sua casa, sem exceção, em homenagem aos seus mortos na guerra.

Por tudo isso, gostaria que a FEB fosse contemplada nos livros, de modo que os nossos netos viessem a conhecê-la, o que hoje, infelizmente não acontece. Da mesma forma, nas universidades, o silêncio sobre a nossa História, sobretudo a militar, é total. Para tanto, acabaram com o Estudo de Problemas Brasileiros. É uma pena! O Brasil terá a grandeza que tanto merece, quando isso mudar!

Termino ressaltando que tenho muito orgulho de ter servido, nos anos de 1944 e 1945, no nosso I Grupo do 2º Regimento de Artilharia Auto-Rebocado (III Grupo da FEB), que, desde a guerra, começou a ser chamado, oficiosamente, de "Grupo Bandeirante", como vimos, no discurso de Broni do nosso saudoso Comandante, Ten Cel José de Souza Carvalho, depois General na reserva.

Hoje, o 20º Grupo de Artilharia de Campanha Leve, Grupo Bandeirante, é o seu legítimo herdeiro, mantendo vivas as suas tradições na cidade de Barueri - SP, inclusive por meio de um belo monumento, como já falei, erguido em honra aos veteranos da FEB, em cuja inauguração (27 de janeiro de 1989), presidida pelo Ministro do Exército, Gen Leônidas Pires Gonçalves, tive o orgulho e o imenso prazer de estar presente. Nessa oportunidade, comandava o Grupo Bandeirante o então Cel Geraldo Luiz Nery da Silva, já um batalhador indormido pelas tradições de nossa unidade e de nosso Exército.

Coronel Ernani Ferreira Lopes*

Natural da Cidade do Rio de Janeiro, RJ, pertence à turma de 8 de janeiro de 1944 da Escola Militar do Realengo. Na guerra, exerceu a função de Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 11º RI – "Regimento Tiradentes". Após a guerra, em 1946, freqüentou o curso da Escola de Material Bélico. A seguir, desempenhou diversas funções ligadas à manutenção, com destaque para o Comando da Companhia Leve de Manutenção, em Juiz de Fora. Em 1957, concluiu o curso de engenheiro químico no Instituto Militar de Engenharia. Nessa nova situação militar, serviu na Fábrica de Bonsucesso e foi chefe do Laboratório Químico do Parque Central de Motomecanização, ambas com sede no Rio de Janeiro. Em 1969, foi promovido a Coronel, posto em que deixou o serviço ativo. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate de 2º Classe; Medalha Sangue do Brasil; Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

---

* Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 11º Regimento de Infantaria, entrevistado em 26 de agosto de 2000.

A ação dos "camisas verdes", de ideologia nazista, foi me causando uma grande revolta e desejo de combatê-los. Este desejo aumentou quando, na Escola Militar do Realengo, começaram a levar filmes sobre o ataque à Polônia, justamente para minar a nossa força moral. Reagimos contra tal situação e o General Álcio Souto chegou a pensar em prender os cadetes, mas nada foi feito.

Foi um libelo contra o filme e a presença, não rara, de alguns oficiais e o embaixador alemão à Escola e, ainda, porque fomos obrigados a marchar no passo de ganso.

Concluído o curso na Escola Militar, havia uma grande simpatia para se ingressar na Força Expedicionária e eu fui voluntário, escolhendo o 11º RI, Regimento Tiradentes, porque sempre tive muita admiração por essa nobre figura da História do Brasil, indo para São João Del Rei.

Fui como Aspirante e lá fui promovido a 2º Tenente. No entanto, ao chegar a São João Del Rei, fiquei decepcionado porque o Exército que eu conheci na Escola era diferente do que comecei a ver. Os soldados da minha Companhia, que ficavam em um pavilhão distante quase quinhentos metros do refeitório, não tinham calçados, só tamancos e eu ficava envergonhado de conduzir aquele pessoal pelo calçamento de pedra.

À tarde, íamos ao campo apanhar capim para improvisar uma cama e poder dormir. Logo, uns três, quatro dias depois, vi um soldado enforcado na bandeira da porta do alojamento. Foi o primeiro contato, como aspirante, com os problemas da tropa.

Os oficiais da Companhia eram, na maioria, da Reserva e um deles se embriagava muito. Quando o Capitão Olegário Abreu Memória chegou, mandou-o embora e trouxe um outro Oficial. Iniciou a atividade de enquadramento, de acordo com a experiência de instrutor da Escola Militar e de forma rigorosa.

Ele gostava da teoria de combate francesa, fornecendo-nos manuais franceses para auxiliar a nossa preparação, que foram muito úteis depois.

No Rio de Janeiro, instalados no Morro do Capistrano, na Vila Militar, não houve uma preparação maior para o Regimento. O Sampaio tinha o seu quartel, mas nós não tínhamos. Era um barraco todo de madeira com o chão de terra e as camas no chão com muita poeira e mosca, uma coisa horrível. Parecia até a África por conta dos filmes a que assistíamos, pois constava que íamos para o Norte daquele continente. Um outro fato que me despertou atenção, foi quando o General Zenóbio chamou o dentista em um sábado e disse que até segunda-feira queria ver todo o Regimento pronto com os soldados sem problemas dentários. Eu fui ajudá-lo. Quando entrava, via na terra próximo da cadeira do dentista uma poça de sangue. Extraíam dos soldados, às vezes, dez, doze dentes. Eu vi homens fortes entrarem e desmaiarem vendo o sangue.

A instrução, de um modo geral, foi a melhor que tivemos. O Capitão americano chegava com muita freqüência a nossa companhia e o Memória dizia-lhe: "Vocês não têm nada que ensinar; nesse particular eu não preciso do senhor aqui". Posso afirmar que realmente tivemos uma preparação de combate muito boa em Gericinó, na Vila Militar do Rio.

A seguir me desloquei para a guerra juntamente com o 2º escalão. No entanto, há um fato interessante que causou revolta no 11º RI, que foi o primeiro a se preparar: tiraram um Batalhão nosso para completar o 6º RI. Diziam que o Comandante do Regimento Sampaio e o do 6º tinham o Curso de Estado-Maior e o Delmiro Pereira de Andrade não tinha. Então...

O transporte foi precedido de boatos, por causa do sigilo, mas cada vez que se falava no embarque, provocava claros nos efetivos dos pelotões e das companhias, fazendo com que o Depósito tivesse que recompletar. Finalmente, na semana do embarque, estávamos com efetivo completo e fomos para a Estação de Deodoro, onde pegamos o trem fechado, seguindo destino. Durante o deslocamento, a população acenava com o lenço, dando adeus; isto é, o sigilo foi rompido. Então, fomos até o porto e embarcamos sem problema, com muita disciplina.

Nossa viagem no *General Meighs* foi ótima, apesar de a comida americana ser adocicada. Nós, oficiais, fazíamos a inspeção nos porões do navio onde ficavam os soldados; fizemos constantes exercícios de abandono de navio, em caso de torpedeamento. Quando dava o alarme, não havia um soldado que ficasse fora do lugar previsto no caso de uma necessidade. Eram servidas duas refeições por dia, o café e o almoço, além do cinema e teatrinho para distração.

Quando chegamos a Nápoles, vimos cortejos fúnebres, pois o tifo estava matando muito gente, por isso não desembarcamos do navio. Mesmo durante a guerra, quando fomos a Nápoles numa ocasião, havia várias placas de *off limits*, isto é, zona perigosa. No dia seguinte, houve baldeação para as *Landing Craft Infantry*, lanchas americanas de trinta metros por cinco de largura e enfrentamos uma tempestade que eu nunca tinha visto, bem como ondas cobrirem o navio da proa para a popa.

Todo mundo passou mal; depois de dois dias fui um dos últimos a sair do porão com aquele saco nas costas e andando mais de cem metros em cima de dormentes de madeira, porque o navio ficou longe do porto de Livorno e mais, os dormentes afundavam sob nossos pés.

Em San Rossore, quase não havia instrução, lá fora a terra do rei, onde ele ia passar as férias. Certo dia, estivemos em uma elevação nessa região aprendendo a desativar minas enterradas no chão e não tivemos qualquer dificuldade de levantar um campo minado. Mas, ao término da instrução por causa da neblina, descemos em

coluna, por segurança, com o instrutor brasileiro; mais atrás, uns vinte ou trinta metros, vinha o 2º Tenente Márcio Pinto que trazia em seus braços uma mina anticarro; de repente foi aquela explosão terrível e corremos para ver o que tinha acontecido. Havia pisado numa mina antipessoal e encontramos os pedaços do Márcio espalhados pelo chão. Assisti os recolherem em um saco branco e os encaminharem de acordo com as normas.

Após esse período inicial em San Rossore e, depois, em Filetole, onde nos encontrávamos acampados, partimos em caminhões para Sila e de lá, à noite, para Bombiana, ao ataque ao Monte Castelo, às 18h do dia 28 de novembro.

Recebi a missão de atacar Falfare e flanquear Abetaia; só às oito horas do dia 29, aniversário de meu pai, conseguimos olhar de frente o Monte Castelo. Sem preparação de fogos de Artilharia, partimos para o ataque. Ao meu lado vinha o 3º sargento Orientador do Pelotão, Wilson Ramos, quando uma granada de morteiro 81mm explodiu junto a nós. Caído ao meu lado, sem um ferimento, vítima de deslocamento de ar, jazia o corpo do sargento Wilson. Notei que um filete de sangue escorria do seu ouvido, sentindo-me culpado por sua morte.

É bom voltar um dia antes, porque fomos para uma região à margem de um rio, sob uma chuva torrencial; estávamos com o uniforme totalmente molhado. Lá marchamos por uma estrada muito estreita e cheia de lama por causa da chuva e nessa progressão os tiros de Artilharia e dos morteiros alemães sibilavam. Sem experiência, nós nos jogávamos no chão e aí dizia um veterano que estava conosco: “Esses tiros são nossos, pois o som é ascendente, o do inimigo é descendente”. Então, começávamos a aprender.

Chegamos a Bombiana quase a meia-noite, sendo eu chamado pelo Capitão que, mostrando-me um mapa, começou a indicar o Monte Castelo e a marcar objetivos, isto é, só conhecia no mapa. De manhã, às cinco horas, fui para a base de partida e logo que clareou, não sabia sequer onde era o Castelo, nem como era, mas para a Infantaria, não há como um Tenente deixar de cumprir a missão. Logo que começaram os tiros de morteiro do alemão, o pessoal do Pelotão ficou preso e com medo, mas eu então gritei, chamei e o Pelotão começou a progredir. As granadas ao explodirem enchiam o espaço de fumaça negra. Em seguida, houve a explosão de uma granada de morteiro junto a mim e ao sargento, nós caímos e quando me levantei, olhei e a fumaça havia se dissipado, vi o sargento morto e o pessoal rastejando para escapar dos tiros de morteiro.

Bem, eu me senti culpado porque ainda no Brasil, o Wilson Ramos, que era muito franzino, mas fazia todas as instruções, marchas e todos os exercícios, por mais puxados que fossem, foi julgado incapaz pelo médico 1º Ten Ademaro de Lamare

Filho. Ele veio a mim chorando e dizendo que queria ir para a guerra. Fomos até o Lamare, o Wilson ainda chorando, quando expliquei que o sargento tinha condições. Na oportunidade, o Lamare me disse que eu era o responsável e aprovou-o então, e percebi nos olhos brilhantes de Wilson sua satisfação por ter sido incorporado ao efetivo do 11º RI. Por isso, eu me sentia culpado, pois poderia não o ter levado para a guerra, mas ele era competente.

Prosseguimos avançando até atingirmos nossos objetivos junto a Falfare, flanqueando Abetaia, palco da luta mais árdua para a conquista do Castelo. Quem pega o mapa do Castelo, vê lá no sopé um pouquinho acima de Abetaia as casas. Nós não tínhamos feito um reconhecimento eficiente da região. Quando chegamos a Falfare, que era do outro lado, viu-se que Abetaia dominava tudo, o flanco direito e o esquerdo. Para subir o Monte Castelo tinha que destruir Abetaia, pois se não o fizesse a tropa seria atingida pelos fogos no flanco e na retaguarda. Não houve preparação de Artilharia e ficamos presos. Ali, os alemães deixaram, encimando as sepulturas rasas, uma tabuleta com a seguinte inscrição: "*Drei Brasilianeschen Helden* – Três heróis brasileiros". Três soldados nossos, três homens, peito aberto subindo a elevação, foram alvejados, recebendo uma homenagem por parte dos alemães, com a colocação de três cruzes. Fato que se tomou conhecimento, posteriormente, através do nosso Serviço de Informação.

Ficamos quatro dias sem comer ração quente.

Quando houve o insucesso do ataque, o Capitão João Manoel de Farias Filho da 8ª Cia do III Batalhão estava quase em cima do Castelo e achou que poderia tomar posse, mas eu ouvi dizer que o Comando tinha medo de um contra-ataque. Assim, a situação foi considerada perigosa, havendo ordem de retrair. Esse Capitão era muito valente, ele andava em cima do Castelo em constante desafio.

O Capitão Memória então disse: "Você agora ficou com a parte mais avançada devido ao retraimento, não pode recuar, manda cavar *fox hole*". Estávamos em um campo aberto de frente para Abetaia. Se passasse algum alemão dentro de uma casa, dava para ver pela janela. Nós ficamos ali durante quatro dias sem refeição quente e apenas com a água dos cantis; ninguém saía durante o dia. As necessidades fisiológicas eram feitas dentro daquele buraco. No quarto dia, sabedor de nossa situação aflitiva, o Capitão informou que iria mandar alimentação quente. Eu disse ao Capitão para mandar à noite, devido às marmitas de alumínio refletirem à luz do Sol. O fato é que o inimigo não tinha conhecimento da nossa presença ali.

Quando os homens deixaram as marmitas e desceram – eu não dei ordem para apanharem a alimentação, preocupado com o sigilo sobre a nossa presença – começaram a bombardear, cobriram de granadas a nossa posição. Uma granada de mortei-

ro atingiu o meu sargento-auxiliar Miguel. Ele ficou ferido e, à noite, um soldado levou-o para a retaguarda, todo ensangüentado, mas com tranqüilidade foi andando. Perdi, ainda, o sargento Nilson ferido no ombro e o soldado Teodoro ferido na coxa.

À noite, o Capitão me perguntou como estava a situação, passando-lhe todas as informações. Nisso, vem um soldado que me informa que o sargento Alves e o sargento Messias foram para o lado dos alemães para matá-los. Fui pegá-los quase perto de Abetaia, sendo evacuados com problemas psiquiátricos; nunca mais eu os vi.

No ataque de 12 de dezembro ao Monte Castelo – nosso Batalhão, o III do 11º RI, ficaria em reserva – o Capitão João Tarcísio Bueno, Comandante da 1ª Companhia do I Batalhão do 11º RI, caiu gravemente ferido. O terreno era fortemente minado e batido por fogos de metralhadora e morteiro. Eu recebi uma comunicação do Capitão Memória de que ele estava perto da nossa posição e pedia para mandar dois bons soldados para ajudar o sargento Max Wolf. Mandei um cabo e um soldado muito experientes, vindo a saber posteriormente que os alemães estavam ali próximos para ver se alguém ia buscar os feridos; o Capitão estava ferido e, ao que parece, vinte e quatro horas ou mais sem ter sido assistido; não sei como ele resistiu. Também fui informado de que uma patrulha, não sei de que Companhia, foi apanhar o Capitão, que depois foi condecorado até pelos americanos com a *Silver Star*, a medalha de Prata.

Na 4ª Companhia do II Batalhão, do Major Sizeno Sarmento, do 1º RI, 17 homens de um Pelotão não responderam a chamada e foram dados como desaparecidos em ação. Tempos depois, após a conquista do Castelo, foram encontrados os corpos desses soldados em torno de uma casamata-reduto de Abetaia. Esse episódio ficou conhecido como os “17 de Abetaia”.

Após o ataque de 12 de dezembro de 1944, a neve começou a cair, dificultando o nosso movimento. Meu pelotão recebeu ordem de deslocamento para Santa Filomena, junto ao Belvedere. Iríamos substituir um Pelotão da Divisão Búfalo americana.

Antes de nos deslocarmos, o Capitão Memória me levou, junto com o Tenente Geraldo Sebastião Pereira Bezerra, Comandante do Pelotão de Petrechos, para um reconhecimento. Durante o deslocamento, o Capitão me deu um binóculo e perguntou: “Você está vendo aquele alemão?” Peguei o binóculo e vi o alemão defecando. O Capitão, empregando um fuzil dotado de luneta, atirou e o alemão caiu. Não demorou mais de um ou dois minutos e começaram os tiros de morteiros em cima da gente e nós deslizamos pela neve correndo.

Quando fui para Santa Filomena em uma parte da estrada, coberta de neve, pisei e senti algo consistente, constatando serem cadáveres de combatentes negros da Divisão Búfalo. Avisei a posição pelo telefone para que fossem evacuados.

Quando anteriormente houve um ataque dos alemães, eles não resistiram, não fizeram nada para resistir, morreram muitos e outros até recuaram, chegando quase a Porreta. Quando eu cheguei, em Santa Filomena, já noite, vi os soldados no chão, dentro de uma casa, jogando amendoim e abrindo a boca para apanhar, igualzinho a esses filmes americanos. E jogando carta. O Tenente olhou para mim e começou a falar em inglês, como não entendi, procurou se comunicar em castelhano. "O que você está vendo aqui deve estar lhe assustando, porque nós não temos ninguém aí fora vigiando". Se os alemães chegassem, matariam todos. Completou perguntando: "O que eu faço aqui? O que um negro faz aqui, se não tem direito nenhum nos Estados Unidos e não chega nem a Comandante de Batalhão? Defendo que democracia?"

Quando nós os substituímos e eles desceram, vi muitos deles jogando fora o fuzil *Springfield*, como se fosse uma porcaria. Mais tarde, nosso pessoal recolhia os fuzis. Com isso, se pode ter uma idéia do racismo muito forte nos Estados Unidos e o desengajamento total daquela Divisão que não estava vivendo a situação.

Na fase da estabilização, comandei muitas patrulhas. Gostaria de lembrar a incursão de uma patrulha por mim comandada que, repentinamente, deparou-se com um soldado alemão.

Recebemos a missão de estabelecer contato com o alemão e íamos progredindo, quando, de repente, vejo um soldado na minha frente. Eu o olhei e vi o seu gorro de lã com duas orelhas balançando; o nosso não tinha, era como o boné. Quando vi aquilo balançar concluí que não era meu soldado.

E ele espantado, pegou o fuzil e atirou, mas o fez sem pontaria e o tiro pegou na roupa branca; o casaco furou, mas tive tempo de atirar com a metralhadora e ele, atingido, caiu; mandei o *partisan*, que vinha ao meu lado, para verificar. O *partisan*, furioso, pegou a metralhadora e esfacelou a cabeça do alemão e o mais curioso foi que os meus soldados queriam agredir o italiano. Tivemos que explicar que os *partisans* sofreram muito com as suas mulheres e seus filhos. Então, o Capitão não mandou mais *partisans* conosco.

Realizamos também golpe-de-mão contra tropas alemãs abrigadas em suas casamatas no Monte Gorgolesco. O Capitão me chamou e disse: "Você vai com nove homens e eu vou mandar mais uns três ou quatro do Pelotão de Petrechos". O nosso soldado fuzileiro sabe como aproveitar o terreno e o do Pelotão de Petrechos é aquele que fica na metralhadora, numa base de fogos. Progredimos normalmente, quando por volta das 23h chegamos bem perto da posição deles. Quando percebemos, eles atiraram primeiro; quem estava ao meu lado era o soldado Sérgio Glevinsk, um paranaense de família, acho que de poloneses; ele era muito alto e eu do lado dele, baixinho; um tiro pegou na cabeça do soldado Sérgio e ele me segurou, quan-

do, então, caímos juntos e ele disse: “Tenente, não fica, vamos embora, vai morrer todo mundo!” Ele morreu e nós tivemos que continuar sobre as posições alemãs. Eu tinha um soldado muito bom, negro, de nome Felisbino dos Santos, que levou um tiro na testa e, mesmo assim, andou amparado por um companheiro quase um quilômetro para a retaguarda, quando tombou morto. Naquela confusão, quase não vi mais nada; desesperei-me e joguei na posição, a uns dez metros, as granadas que tinha; o local começou a pegar fogo. Os soldados então começaram a atirar e a jogar granadas, mas não havia um soldado vivo dentro daquelas três casamatas.

Depois desse golpe-de-mão, o Capitão me chamou e disse que eu estava muito abatido, mandando-me para a retaguarda, porque haveria um ataque a Monte Castelo – realizou-se em 21 de fevereiro de 1945. Completou: “Você vai participar desse ataque e eu quero que você se recupere com os seus soldados”.

Na verdade, retaguarda era força de expressão, porque a minha posição, que era a mais avançada da FEB, em Santa Filomena, estava a mais de dois quilômetros do PC; mudei para uma posição que ficava a uns quinhentos metros. Fomos substituídos por um Pelotão da Divisão de Montanha americana.

Fomos todos para dentro de uma casa que, por ser uma fortaleza, dispensava a necessidade de construção de abrigos. Na minha frente, junto a um riacho, havia um grupo do 1º Pelotão, que participara do primeiro ataque a Monte Castelo, não tinha ninguém em condições de combate. Era do 1º Pelotão da 7ª Cia que, durante um combate, perdera alguns homens debaixo de fogos de Artilharia e morteiro. Mas, o Capitão o colocou na minha frente, embora eu não tivesse muita confiança nesses homens.

Eu tive um problema, porque os alemães entraram pelo rio e chegaram até o meu pelotão para explodir a casa, mas tive aquele pressentimento, uma premonição, vou dizer assim. Eu não era espírita, era católico, mas quando vi aquela imagem de mulher na minha frente a dizer: “Você tem que ir lá”. Eu me deitei outra vez, cansado, fui puxado e caí da cama. Que susto! Olhei para debaixo da cama e não vi uma pessoa sequer, fui ao corredor e de uma viseira percebi os alemães saindo do rio, cercando-nos e assestando uma metralhadora pesada em direção da casa. O sargento já estava acordado. Dei instruções a ele e desci para acordar os soldados, pois essa era a ordem do Capitão, que queria todos descansando.

Determinei que, quando eu jogasse a granada em cima do alemão, que estava na frente e explodisse, todos atirassem com todas as armas e o Alberto Wagner, que era o meu mensageiro – um excelente soldado, criado nas barrancas dos rios Paraguai e Uruguai, com duas marcas na barriga dos combates naqueles matos, em lutas com os contrabandistas – fosse ao Pelotão de Petrechos do Bezerra e dissesse que eu estava sendo cercado; o Wagner saiu naquele tiroteio todo. Os alemães recuaram, levando um

corpo e por nós perseguidos entraram num bosque próximo. Agora, nós éramos os desprotegidos naquele campo de neve e voltamos à nossa base.

O Capitão Memória disse-me para fazer um campo minado, quando fui montá-lo, o 2º Tenente R/2 José Belfort de Arantes Filho me diz: "Quem fez o curso fui eu". Ao que eu falei: "Eu fiz aquele curso de San Rossore". O Belfort retrucou: "Mas, aquele curso não se compara ao que eu fiz" – e completou: "Você vai descansar em Florença". Ficando acertado que ele iria montar o campo minado.

O Belfort era muito detalhista. Eu não estava mais lá; contaram-me depois como ele foi fazer o campo minado. Ele disse: "Bem, se explodir essa mina aqui vai explodir aquela e vai pegar o grupo todo que estiver aqui".

Quando já estava quase para terminar o campo minado, colocou uma mina que, ao apertar o pino, explodiu. Chamaram o Wilke, que era o especialista, Comandante do Pelotão de Remuniciamento, mas não se sabia onde era o campo minado, pois não tinha sido feito o croqui. O Wilke começou a pesquisar com o sabre, fazendo explodir uma das minas, esfacelando o seu pé, o mesmo acontecendo com o sargento que o auxiliava nessa missão.

Eu não vi, porque saí logo. Depois, quando fui ferido, ainda encontrei o Wilke no hospital; ele mesmo fazia o curativo na perna.

Na verdade, não havia necessidade daquele campo minado, primeiro porque havia um grupo na minha frente e um Pelotão de Petrechos.

Houve um caso marcante. O Capitão me chamou e disse que antes de sairmos para o ataque a Monte Castelo, eu recolhesse todas as granadas de fuzil e de bazuca. Eu argumentei que a tarefa era para especialista e não para mim. Depois da guerra, já no IME, eu fui aprender a fazer a nitropenta; se uma granada dessas cair de uma altura de cinqüenta centímetros explode; a nitropenta, não é como o trotil que pode receber um tiro de fuzil que não explode.

Comecei a juntar aquela munição. Havia a cota 988 que o alemão às vezes usava para observação, porque aquilo era um tobogã. Numa ocasião, quando fugi das granadas, saí deslizando pela neve e todo o grupo me seguiu.

Eles, naturalmente, perceberam aquele movimento e começaram a atirar granadas de morteiro, atiraram a primeira, a segunda, quando um dos estilhaços bateu naquelas bombas amontoadas e eu só vi quando fui projetado ferido pela explosão. Devia estar a menos de dez metros. Fui atingido na região glútea. Eram dez horas da manhã e o padioleiro me aplicou um analgésico, fazendo com que não sentisse nada...

Fui levado ao Lamare, que fazia os primeiros socorros, sendo operado às dez horas da noite no hospital de campanha em Porreta Terme pelo Dr. Mansur que, pela primeira vez, estava aplicando uma nova anestesia; apaguei logo e não senti nada.

No dia seguinte, estava na cama cheio de sangue; chamaram o Dr. Mansur em Pistoia, que veio me atender. Disse-me que ia ligar um vaso que rompeu, mas não podia dar anestesia. Você grita, bota um negócio na boca. Eu resisti e ele rapidamente ligou o vaso. Dias depois, fui para o hospital de Livorno, quando eu conheci o Mário Márcio da Cunha, nosso atleta campeão dos cento e dez metros com barreira, com os braços estendidos cheios de parafusos. Gritava a noite toda devido às dores horríveis que sentia, em decorrência dos ferimentos produzidos por bomba de Artilharia na ponte de Porreta Terme, que, quando explodiu, pegou um grupo grande.

Depois que comecei a andar em cadeira de rodas, fui visitá-lo; ele tinha pavor do nosso médico e do nosso padre. Ele dava gritos, xingava, dizia tudo quanto era palavrão. Havia um pastor que era uma beleza, falava inglês muito bem e servia de intérprete para as enfermeiras, quando queríamos alguma coisa. Na enfermaria do hospital ocupei uma cama tendo ao meu lado um Tenente de Engenharia que tivera um pedaço de seu fígado arrancado. Do outro lado o Tenente Wilke. Mais à direita um Tenente gritava e dizia palavrões, pedindo que trouxessem seu pé de volta. Uma tristeza. Um dia, estava na cadeira de rodas, junto da janela, olhava um italiano que, trabalhando com uma picareta, bateu numa mina daquelas que explodiu; fui parar do outro lado da enfermaria.

Ao ter alta do hospital, em Livorno, deram-me um uniforme de soldado, cujo tamanho devia ser para alguém com dois metros e eu com um metro e sessenta e três; não tinha cinto, amarrei com barbante. Não sabia para onde ia. Cheguei à estrada e vi uns carros americanos passando; pensei: “Vou pegar um carro desses...” e dirigir-me para o *front*, procurar a 7ª Cia, que ocupava uma frente junto ao Monte Spechio. Eu estava com uma tala na perna, que ainda doía.

O Capitão me viu e perguntou: “O que você veio fazer aqui?” Respondi: “Eu não quero ficar lá atrás, eu quero ficar aqui se o pessoal precisar de alguma coisa”. Então, quando eu comecei a andar ele disse: “Não, você não está bom, precisa voltar”.

Assim, fui para Montecatini, que era uma cidade turística, de águas quentes para tratamento de imersões e fisioterapia. Foi quando encontrei um pianista...

O local era Santa Filomena. Certo dia recebi o 2º Tenente R/2 Fernando Galo, para estágio. Apresentou-se com unhas bem tratadas, polido, cabelinho louro, baiano de olhos azuis. Perguntei: “O que é que faz aqui? Não é para você vir pra cá”. O Depósito havia mandado vários oficiais estagiários. Nunca tinham presenciado um bombardeio, nem sabiam o que era bombardeio de Artilharia. É terrível. Horas após a sua apresentação, quando as granadas iniciaram a explodir, começou a tremer e esse comportamento é contagioso. Tremíamos todos e, em dado instante, gritei e o sacudi, conseguindo que voltássemos à calma. Falei com o Capitão que ele não possuía condições para combater. Tempos depois, lá em Montecatini, eu o encontrei tocando piano.

Foi chamado para o Serviço Especial americano para divertir os soldados; ele tocava esplendidamente, tanto que após a guerra chegou a fazer turnê pela Europa.

O único medo que eu tinha era de mina, depois de ter visto um sujeito pisar em uma e ficar em pedaços. Se explodia uma mina, ninguém mais se mexia. Felizmente, não encontrei campo minado.

Eu gostaria de acrescentar um fato sobre um Tenente da Reserva do Rio Grande do Norte ou do Sergipe, não me lembro ao certo.

Ele fez um estágio comigo, na fase do Capistrano, no Rio de Janeiro, mas tinha pouco conhecimento. O Capitão me disse para ter paciência com ele e que era muito interessado em ir para a guerra. Assim ocorreu. Soube mais tarde que ele pegou nessa mina, em que o alemão colocava uma mola por baixo e ao ser pisada, era jogada para cima, ao explodir, lançava estilhaços atingindo as nádegas do combatente. Pois bem, foi uma dessas minas que atingiu o Tenente Poti, que não morreu, mas ficou incapaz para o resto da vida.

Eles criavam muitas situações, para as quais tínhamos sido alertados nas instruções. Deixam, por exemplo, um quadro inclinado na parede de uma casa. O combatente, distraído, ia corrigir a posição do quadro e, ao fazê-lo, acionava uma mina que explodia. Usavam o mesmo artifício na válvula de descarga. Eles eram terríveis. Lembram-se do fato já narrado, do sujeito capinando no hospital, provocando aquela explosão?

No ataque a Abetaia em que foi ferido gravemente o Capitão Bueno, os alemães empregaram um tipo de munição chamada de bala "dum-dum" que penetrava no corpo e, quando saía, fazia um buraco enorme e a granada *schrapnell*, que ao explodir, lançava no ar uma espécie de chuveiro de balas, por cima das cabeças de nossos soldados.

Com relação ao clima, notadamente no inverno rigoroso, não tive no meu pelotão qualquer caso de soldado com problema que merecesse o atendimento de enfermeira ou de médico. Havia a ameaça do pé-de-trincheira, mas tínhamos instrução de encher as botas de capim, feno, jornal no pé...

Eu li num livro no Clube Militar que os americanos tinham muitos problemas com o pé-de-trincheira e quiseram saber por que os brasileiros não tinham, passando a adotar o nosso processo.

Com relação ao desempenho da nossa gente, posso afiançar que o pessoal oriundo da Escola Militar vinha muito bem preparado. Cada Capitão era mais exigente do que o outro, como era o meu Comandante, o Memória; ele não dava um minuto de descanso; cobrava constantemente. O Hugo de Andrade Abreu, que nós chamávamos de "chupetinha", era outro exigente, mas o Memória era mais. O Farias da 8ª Cia já não era tão exigente, era um homem desprendido que saía no meio do fogo, mas que não devia fazê-lo, pois se precisassem dele... Era ousado, agora na parte de instrução aos oficiais deixava a desejar.

E o soldado brasileiro conseguiu se superar; o meu Pelotão era constituído noventa por cento por mineiros. Eles são muito religiosos e, quando tinham um descanso qualquer, tiravam o capacete e rezavam pedindo proteção a Deus. E não davam problema com a população. Tivemos lá em Bombbiana um caso interessante, envolvendo os nossos soldados com algumas meninas que andavam com tudo que era soldado. No meu pelotão ninguém queria saber das meninas. Quando chegou o Regimento Sampaio, eles não largavam as meninas que colocavam no colo. Os meus soldados comentavam que eu não os deixava. A verdade é que os americanos não toleravam soldados com doença venérea, chamando atenção para essa questão. O homem, quando adquiria essa doença, ficava num campo de concentração pior do que o dos prisioneiros. Assim, eu os instruía, evitando o problema.

Eles eram muito confiantes, viviam repetindo: “Eu vou voltar, não vou morrer, eu vou voltar”. Muito católicos...

Quanto ao apoio religioso, nós tínhamos um padre por Batalhão, um até morreu, que ficava no PC da Companhia ou do Batalhão, na retaguarda, não chegava a ir ao Pelotão, quando em posição, na frente. Acho isso errado, ainda mais em se tratando daquele pessoal religioso de Minas, que está sempre na igreja.

Também nunca vi jornalista correspondente de guerra no meu Pelotão; quando muito ficavam na Divisão. Recebíamos um jornalzinho americano cujo repórter, às vezes, ia até o Pelotão; muitos deles iam até em patrulha.

Dos padres eu tive contato com o Frei Alfredo, que era muito bom; quando ele reunia o Pelotão numa hora que podia conversar, falava em sexo, doença venérea, abordava todas as questões. Já o Padre Eloi parecia ter um par de asas; não se podia falar certas coisas perto dele; não tinha aquele contato como o Frei Alfredo.

Quanto ao apoio de saúde, podemos acrescentar que as enfermeiras da Escola Ana Nery eram consideradas, mas as outras nem eram enfermeiras formadas. Os padioleiros, lá na frente de combate, atendiam qualquer problema até no meio do fogo. Alguém se feriu, eles vinham socorrer. Quando eu fui ferido, em função das granadas que explodiram atingidas por tiros, eles foram lá, atenderam-me e me levaram para o jipe na padiola, rapidamente. É bem verdade que os alemães faziam aquela varredura de tiros e paravam, permitindo, então, a ação dos padioleiros.

Quanto ao soldado alemão, há que se dizer que tinha muita experiência de combate, das invasões da Polônia e Rússia, além da firmeza enraizada do alemão.

Já os soldados austríacos, por qualquer coisinha, levantavam logo a mão e a gente já sabia que não eram alemães. O alemão era difícil. Nosso pessoal para fazer prisioneiro, tinha muito trabalho. Houve um caso com uma patrulha inimiga com nove alemães que nós cercamos e, ao fugir do cerco, foi parar na frente dos soldados

comandados por um colega meu, o Tenente Itamar da 9ª Cia, que já havia sido informado por mim, pelo rádio. O Itamar, com seu pessoal, imprensou a patrulha. O Subtenente que a comandava, mesmo ferido no chão, não queria se entregar, tendo que ser arrastado, ainda assim, agredia com os pés. Os alemães tinham muito conhecimento do terreno. Sabiam por onde nós tínhamos que passar e, quando chegávamos àquele lugar, vinha bomba.

Além do contato com a Divisão Búfalo, a divisão de negros americanos, tive contato com a Divisão de Montanha, que, segundo consta, preparou-se durante três anos nos Estados Unidos, em terreno montanhoso. Não tinha gente abaixo de um metro e oitenta.

Eles atacaram Della Torracia, Belvedere e Gorgolesco, o que veio facilitar a conquista do Castelo pelo bravo 1º RI.

O ataque a Montese, para mim, foi a fase mais árdua da FEB e a mais sangrenta. Destacou-se o Tenente Iporan, que demonstrava muita calma desde a Escola Militar, por isso, fico pensando como ele conseguiu resistir em Montese.

É interessante destacar que não era necessário "empurrar" o combatente para a frente. Como eu tinha medo de não ser um líder, então ia na frente, mesmo nas patrulhas eu era o que estava lá na frente. E eles me seguiam, não precisando falar, pois o exemplo é o principal...

Houve o caso do meu sargento-auxiliar que foi ferido naquele episódio das marmitas e voltou; era um ótimo sargento. Uma vez o Capitão me chamou e disse que estava com vontade de promovê-lo a 2º Tenente, mas antes ia fazer um teste, determinando que comandasse uma patrulha. Dito e feito, quando ele chegou no meio do caminho, ficou paralisado, pois entrara em pânico. Não foi atingido, mas achou que ia morrer; daí não saiu. Nunca mais eu soube do Miguel.

Durante os preparativos para o retorno foi uma fase de dispersão geral. Como lia muito sobre a parte histórica, queria visitar tudo quanto era museu da Itália. Então, tinha vontade de conhecê-los durante as tochas e havia um detalhe que ajudava: quando se encontrasse um jipe abandonado, podia-se pegá-lo, pois passava a ser seu "dono".

Vimos um jipe caído numa ribanceira, tiramo-lo com auxílio de um italiano e com a viatura, nós nos deslocávamos, sendo que gasolina não era problema. Um dia, descobri que o americano organizava grupos de visita de Roma para o Egito. Quando fui me inscrever, não foi mais possível, porque a nossa Divisão já estava para embarcar.

Quanto ao meu acidente, depois comecei a andar bem. Hoje, eu sinto um pouco, porque os estilhaços ainda estão na minha perna. Quando fico muito tempo sentado numa certa posição, começa a fisgar.

Eu tinha vontade de fazer o Curso de Estado-Maior, mas com o meu problema seria difícil. Fui fazer o IME. O Zenóbio me deu uma bronca, chegou e disse que eu o estava traindo por conta disso.

Nesse depoimento, não poderia deixar de comentar como a FEB foi recebida no Brasil pelo povo. Foi uma coisa indescritível quando chegamos à avenida, com tanta gente de um lado e de outro nos aplaudindo e o pessoal marchando; marchando não era bem o termo, estávamos andando junto ao povo. Eu fui para a minha casa no Méier, na Rua José Bonifácio e vi aquele aglomerado na rua, soltando fogos para tudo quanto era canto; na minha casa nem se podia entrar, com tantos amigos e parentes.

Logo depois, o meu professor de Mecânica da Escola Militar do Realengo, que havia sido também o meu professor de Matemática, no ginásio da Rua Ibituruna, o General Augusto da Cunha Duque Estrada me prestou uma homenagem no coreto do Méier, com o povo presente e ainda me deu uma medalha comemorativa do evento.

Depois eu fiz uma exposição de fotografias no Cinema Paratodos; acho que ninguém tinha tanta fotografia quanto eu, porque eu não fumava e trocava cigarro por fotografias.

Além da exposição de fotos no cinema, onde mais da metade foi extraviada, fiz outra em Santa Maria, com outras tantas perdas; a última que eu fiz foi na Assembléia Legislativa, sobrando-me as poucas fotografias que tenho em casa.

Como conseqüência para o Exército, ter sido criada a FEB e participado da guerra, há que se destacar o salto que foi dado, uma grande evolução. Como exemplo, lembro-me de que quando fui promovido a Capitão no Regimento Sampaio, transferiram-me para Juiz de Fora, e passei a Comandante da Companhia Leve de Manutenção; vim ao Rio procurar o Confúcio Danton de Paula Avelino e lhe pedi as cozinhas americanas que empregamos na guerra e não as atrasadas que fabricávamos.

Na minha vida pessoal, após a guerra, posso dizer que continuou a mesma coisa. Quando fui, era solteiro e não tive o problema de alguns companheiros que sofreram com o isolamento da família – esposa e filhos.

Como mensagem final, posso dizer que qualquer esforço no sentido de lembrar a ação da Força Expedicionária Brasileira é meritório. O brasileiro está perdendo a sua auto-estima pelo fato de alguns maus brasileiros assim o desejarem e pelo fato de nações ambiciosas olharem para a nossa Amazônia desejosos de a possuírem.

Felizmente, nossos chefes já têm conhecimento desses fatos. O Comandante Militar do Leste, General Luiz Gonzaga Schroeder Lessa, fez na ABI memorável palestra, denunciando uma série de acontecimentos que nos causam maiores preocupações.

Foi uma alegria muito grande poder ter participado desse Projeto.

Coronel Eduardo de Ulhôa Cavalcanti*

Natural da Cidade do Rio de Janeiro, RJ, pertence à turma de 4 de novembro de 1944 da Escola Militar do Realengo. Como aspirante-a-oficial, por ter-se declarado voluntário, ainda como cadete, foi designado para o Depósito de Pessoal da FEB. Passou a integrar o Regimento Sampaio em 11 de abril de 1945, onde permaneceu até 27 de outubro daquele ano. Nesse Regimento, como subalterno da Companhia de Obuses, tomou parte nos ataques para a conquista de Montese, Montebufone, Montelo e Cota 880. Durante a sua carreira, como Oficial, freqüentou os cursos de Motomecanização (EsMB), de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) e de Comando e Estado-Maior (ECEME). Após a guerra, foi transferido para o Batalhão de Guardas, no qual serviu até fevereiro de 1956, quando foi cursar a Escola de Comando e Estado-Maior, diplomando-se em janeiro de 1959. Após o curso, serviu nos quartéis-generais da 4ª DC e 9ª RM, em Campo Grande, MT, bem como na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como Instrutor. Pertenceu ao Batalhão Suez, de novembro de 1960 a maio de 1962, quando foi classificado no Estado-Maior do Exército, aí permanecendo até maio de 1969. Foi promovido a Coronel em agosto de 1971. Comandou o 2º Batalhão de Infantaria de Selva em Belém, PA, e o 7º Batalhão de Infantaria Blindado, em Santa Maria, RS, e chefiou as 3ª (Vitória, ES), 12ª (Juiz de Fora, MG) e 23ª (João Pessoa, PB) Circunscrições do Serviço Militar. Deixou o serviço ativo em 1976. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações pela sua participação na Segunda Guerra Mundial: Medalha Cruz de Combate de 2ª Classe, Medalha de Campanha; e Medalha de Guerra.

---

* Subalterno da Companhia de Obuses do 1º Regimento de Infantaria, entrevistado em 29 de agosto de 2000.

Em 1939, eu cursava, no ginasial, série equivalente à atual 7ª do 1º Grau e sentia o ambiente totalitário do Estado Novo, em que vivíamos há dois anos. Estava presente no meio escolar através das Paradas da Raça, de comparecimento obrigatório, na véspera de cada 7 de setembro. Os colégios, cuja presença era obrigatória, desfilavam marcialmente tendo à frente suas próprias Bandas de Corneteiros e Tambores com integrantes do próprio colégio. O aluno mais destacado conduzia o Pavilhão Nacional. Esse ambiente de patriotismo chegava n'alma dos alunos.

O farto noticiário do Departamento de Imprensa e Propaganda nos influenciava bastante. Sintetizando, em todos os órgãos públicos e estabelecimentos comerciais havia o retrato de Getúlio Vargas com a legenda: "O Brasil deposita a sua fé e esperança no Chefe da Nação."

Éramos um país formalmente neutro, embora transparecesse a inclinação do nosso Governo para os países do Eixo. O combate ferrenho ao comunismo e a tolerância e até estímulo ao integralismo, que viria depois a se contrapor ao Presidente, corroboravam esta assertiva. O integralismo era uma adaptação à realidade brasileira do modelo nazi-fascista. Cresceu e se espalhou pelo País, impressionando os chefes militares mais destacados, pelo combate que fazia ao comunismo.

De forma que, quando a situação política tornou-se favorável, o Presidente Vargas implantou o Estado Novo com o apoio, podemos dizer total, das Forças Armadas.

Além disso, certos ingredientes favoreciam, entre os militares, a propaganda da doutrina nazi-fascista. O nazismo, então triunfando na Europa, transformou a Alemanha, em vinte anos, de uma nação destruída em potência de primeira grandeza.

Quanto ao fascismo, elevou a Itália, igualmente, a um país de primeira categoria, ampliando suas conquistas na África e Abissínia. O eixo Roma-Berlim acabara de triunfar na Guerra Civil espanhola. Isto, naturalmente, empolgava os nossos militares, que apreciavam muito o soldado alemão, com sua tradição prussiana.

Não eram, entretanto, a semelhança e a prática ideológicas os únicos fatores que inclinavam nosso Governo para os países do Eixo. Havia interesses outros; nossas relações comerciais com a Alemanha, no final da década de 1930, chegaram a ser mais importantes para o Brasil do que aquelas com os EUA.

Assim, pendente entre essa inclinação e a contrária, a do Pan-Americanismo, apregoada e progressivamente imposta pela política norte-americana, o Brasil se manteve em neutralidade enquanto possível. Assim permanecemos até o ataque japonês à Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941. Sobreveio então o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o Eixo – Roma, Berlim e Tóquio – em 1942.

Devido à ocupação nazista no Norte da África, nosso Nordeste assumiu importante papel estratégico para os Estados Unidos. Era área a ser militarmente de-

fendida e utilizada para futuras operações dos aliados. Com habilidade, Getúlio Vargas cumpriu a exigência de autorizar a instalação de bases militares norte-americanas, através da contrapartida de financiamento para a construção da Usina Siderúrgica de Volta Redonda.

Tornou-se impositiva a criação de um Teatro de Operações (TO) no Nordeste e o envio para lá de numeroso contingente militar. Devido à nossa deficiência de vias de transportes naquela época, só nos restavam os meios marítimos. Essas decisões do Governo brasileiro atraíram contra nós a ação dos submarinos nazi-fascistas.

O envio de tropas para o Nordeste expôs nossa tremenda deficiência em matéria de transportes terrestres, mostrando que Norte, Nordeste, Centro e Sul eram verdadeiras ilhas, cuja interligação dependeria da via marítima. Com efeito, a alternativa não oceânica para do Centro ir-se ao Nordeste exigia sacrifícios e tempo desmedidos. Quem se dispusesse a tal viagem teria que utilizar estradas precárias, de trânsito não assegurado em tempo de chuva, combinado com a navegação pelo Rio São Francisco. Outrossim, a ligação com o Sul era também difícil e morosa, sem rodovia segura, estando ainda em construção o Tronco Ferroviário Sul.

Passamos a sofrer efeitos do conflito mundial, com ataques e torpedeamentos de nossas embarcações por Unidades dos países do Eixo. Sucederam-se no Mediterrâneo e no Atlântico Norte, sob pretexto de estar conduzindo carga de interesse dos aliados. Em agosto de 1942, em três dias consecutivos, são torpedeados em nossas águas territoriais cinco navios mercantes, sendo que em um deles era transportado um Grupo de Artilharia proveniente do Rio de Janeiro.

Tais fatos provocaram comoção nacional. Clamores nas ruas exigiam a declaração de guerra. Não havia outra alternativa para salvaguarda da dignidade do País. Em 22 do mesmo mês, foi declarado o estado de beligerância com os países do Eixo.

Cursava eu o 2º ano em Realengo quando, em novembro de 1943, foi criada a FEB. Tive conhecimento de que sua formação, sob preceitos organizacionais do Exército norte-americano, teve, naturalmente, problemas de diversas naturezas. Um deles, que me foi dado perceber, era relacionado com a idade dos nossos oficiais. A idade média dos capitães, por exemplo, corresponderia àquela dos coronéis ou mesmo generais norte-americanos. Daí assistirmos ao afastamento de vários tenentes instrutores, para curso nos Estados Unidos, voltando graduados como capitães e classificados na FEB.

Quando minha turma de formação estava prestes a concluir o curso, recebemos na Escola uma comissão de oficiais do QG da FEB, com a finalidade de nos esclarecer sobre um possível ingresso voluntário no Depósito de Pessoal, em organização acelerada e prestes a embarcar para a Itália. Fiz a declaração formal de meu

voluntariado, em companhia de muitos colegas de turma. Declarados aspirantes em 4 de novembro de 1944, vários colegas de Infantaria, mais bem classificados na turma entre os voluntários, foram destinados àquele Depósito, que embarcou em 23 de novembro de 1944.

No meu caso, inicialmente, fui mandado com mais quatro aspirantes para o 9º Batalhão de Caçadores (BC), no Rio Grande do Sul. Fizemos uma viagem perigosíssima, muito demorada, em navio da Companhia de Navegação Costeira, desarmado, através do litoral. Após tudo isto, ao chegarmos ao 9º BC, com quatro dias de Unidade, recebemos ordens de voltar, a fim de integrar o Centro de Recompletamento de Pessoal (CRP) – denominação inicial do Depósito de Pessoal – em organização no Rio de Janeiro e que iria constituir o último escalão de embarque da FEB. Fomos expostos a um perigo desnecessário. Nossa volta foi por via aérea.

Passei a integrar a 4ª Companhia de Fuzileiros do 1º Batalhão do CRP-FEB, que estava parte aquartelada nas dependências do 1ª RI, que já tinha seguido para a Itália, e parte acampada no morro do Capistrano, na Vila Militar. Seu efetivo era de ordem de quatro a cinco mil homens.

Não guardo, infelizmente, boas recordações da fase inicial de minha carreira. Ao CRP chegavam diariamente contingentes de reservistas, muitos dos quais contrafeitos e dispostos a serem desobrigados da reincorporação, seja por indisciplina, seja por incapacidade física ou doença. Tal realidade causava dificuldades disciplinares e administrativas, particularmente aos Comandantes de Companhias e ao Pessoal de Saúde.

A instrução militar se resumia àquela destinada ao reenquadramento básico do soldado; não havia exercícios no terreno, nem dispúnhamos do armamento que seria usado na Campanha. Recordo que certa noite, estando de Oficial de Dia, no Regimento, apresentou-se um 1º sargento, acompanhado de dois reservistas, chegados de trem, de São Paulo. Tinha a missão de conduzir trinta convocados, estudantes paulistas, para incorporação no CRP. Perguntei pelos 28 que, relacionados no documento que me apresentou, ali não estavam. Disse-me que em diversas estações, na viagem, eles haviam abandonado o grupo.

Presenciei, repetidas vezes, o constrangedor murmúrio de inconformidade e mesmo de revolta, partido da massa humana de quatro a cinco mil homens, impacientemente formando filas para a refeição do almoço, sempre muito atrasado. O murmúrio se transformava em protesto e até, às vezes, insubordinação quando cada homem recebia sua porção, constituída de dois ovos cozidos, um pedaço de queijo e um tomate *in natura*... Tal cardápio era justificado como necessária adaptação à alimentação na guerra. Os oficiais ficavam atrapalhados com a revolta da tropa dian-

te dessa situação. Era um ambiente péssimo. Para nós aspirantes, recém-egressos do Realengo, era desgastante.

Para coibir os graves deslizes cometidos pelos reservistas convocados, que iam desde agressões aos civis até insubordinação com superiores, o Subcomandante do referido CRP, encarregado da disciplina, decidiu aplicar um recurso punitivo extremo. Consistia em manter o faltoso, por 24 horas, deitado e com os braços e pés amarrados a quatro estacas fincadas no solo, ao seu redor. Isso acontecia, particularmente, no Morro de Capistrano. Várias vezes, os companheiros do “estaqueado” mostravam-se inconformados e propensos a libertá-lo. Nessas ocasiões, as poucas Companhias consideradas de confiança eram acionadas para garantir o cumprimento da pena. A minha Companhia, a 4ª, era dessas confiáveis e, por isto, uma das poucas que tinham armamento e munição em suas dependências.

Era necessária uma doutrinação diária, pois havia soldado querendo se infectar, alegar doença, para ser dispensado. O CRP-FEB era estruturado em Batalhões e Companhias e, para se ter uma idéia, eu não conhecia o Comandante do meu Batalhão; os capitães comandantes de Companhia possuíam grande autonomia.

Finalmente, tudo isso terminou com o embarque para a Itália, no dia 8 de fevereiro de 1945, em imenso navio adaptado para transporte de grandes efetivos militares. O alojamento do pessoal era em beliches, dispostos em porões com profundidade de quatro andares, com o mínimo espaço lateral entre eles e com pequeno número de escadas para acesso ao tombadilho. Observava que em caso de iminência de naufrágio, principalmente à noite, seria bem difícil evitar-se o pânico. A mortandade entre os ali alojados seria quase total, sem que alcançassem sequer o ar livre para chegar aos escaleres de salvamento. Visando naturalmente impor ordem e calma em caso de eventual pânico, era estabelecida uma escala para presença de oficiais subalternos, durante as 24 horas, nos alojamentos da tropa.

Os exercícios diurnos e noturnos, de alarme e abandono de navio, eram muito bons. Tínhamos certeza de que em caso real aquela conduta, correta durante os exercícios, não seria a mesma.

O contingente brasileiro não causou problemas de vulto durante a viagem, se bem que tenha sofrido com o regime alimentar por todos nós considerado fora e aquém de nossos hábitos e necessidades. Pela manhã, refeição substancial, mas constituída de itens fora do nosso costume, como leite gelado. Só teríamos depois a refeição do jantar, quase às cinco horas da tarde. Aqueles que tiravam serviço tinham direito a três refeições. Nunca vi tanto voluntário para tirar o referido serviço. Outra coisa interessante era exercício de tiro antiaéreo contra alvos rebocados por aviões. Todas as metralhadoras e canhões automáticos do navio atiravam.

Nossa escolta era constituída de um cruzador norte-americano e dois destróieres brasileiros. De vez em quando os destróieres se afastavam, faziam uma varredura de área e regressavam ao comboio. Nunca soubemos se houve algum fato real de aparecimento de submarino.

Chegando à Itália, permanecemos dois dias numa área próxima a Nápoles. Em seguida partimos para Livorno em outro navio, sendo deste local conduzidos para o Depósito do Pessoal em Staffoli.

Sobre minha preparação visando à Campanha, não cheguei a participar, no Brasil, de exercícios com essa finalidade. Apenas os cursos freqüentados no Depósito de Pessoal, já na Itália, tiveram propriamente esse caráter. Mas, creio pertinente um comentário crítico ao programa de instrução da Escola Militar, durante o meu curso de formação.

Desde junho de 1940 a França, derrotada, amargava a ocupação de Paris pelas tropas nazistas. Tal derrota mostrava a desatualização da doutrina militar francesa, que tinha no General Gamelain seu mais expressivo formulador e seguidor. Ressaltava essa doutrina a importância das linhas de defesa das quais a *Maginot* era o exemplo perfeito, considerada, então, intransponível.

O Brasil adotava essa doutrina, aqui ensinada por aquele militar francês quando integrou, anos antes, a Missão Militar Francesa que em certa fase instruiu o nosso Exército.

Estou certo de que nada justifica o fato de a Escola Militar, no período em que a cursei, 1942-44, não assimilar e ministrar ensinamentos colhidos da realidade da guerra em andamento na Europa e África.

Já incorporado ao Depósito de Pessoal da FEB, na Itália, freqüentei dois cursos: o de Comandante de Pelotão de Fuzileiros e o de Minas e Armadilhas. Foram excelentes pelo realismo, objetivo e disponibilidade de meios. No curso de Minas, por exemplo, o campo era real e havia uma mensagem em inglês que, traduzida, dizia o seguinte: “Que aqui fique o tenente incompetente antes de ser levado a conduzir seus homens para a morte, numa situação real.”

No curso de Comandante de Pelotão havia uma seção chamada de Inoculação de Combate – *Combat Inoculation*. Era montada uma situação real para progressão de uma fração de Infantaria. Os tiros de metralhadora eram reais e rasantes sobre a tropa; explosões de minas à direita e à esquerda.

Os cursos eram muito eficientes. Foram ministrados por oficiais norte-americanos, em áreas de instrução perfeitas para o desenvolvimento dos exercícios.

No Depósito, a instrução era em sala, teórica, em que se exploravam os ensinamentos de guerra na Europa. Éramos alertados sobre uma série de ações que

os alemães realizavam, fora da Convenção de Genebra. Uma delas era a de que, ao se render de braços erguidos, o alemão repentinamente empunhava uma metralhadora que trazia nas costas e metralhava quem o estivesse aprisionando. Na realidade, que eu saiba, isso nunca aconteceu com a FEB, mas muito fomos alertados.

Todo os dias saía uma relação dos escalados para o *front*. Eu olhava com avidez para ver se o meu nome estava incluído. O Depósito era um aglomerado heterogêneo. Eu queria ir para uma Unidade com espírito de corpo.

Finalmente, fui transferido para o Regimento Sampaio. Ao chegar, fui imediatamente incluído na Companhia de Obuses. Não posso esconder minha decepção naquela ocasião, porque tinha sido designado para uma Subunidade cuja operacionalidade era completamente estranha para mim e exerceria função diferente daquela para a qual acabava de ser preparado. Essa Subunidade, integrante dos Regimentos de Infantaria na organização de guerra, era constituída de três Pelotões de Obuses 105mm, totalizando seis peças, constituindo seu apoio de fogo mais poderoso.

Apresentei-me ao 1º RI e à Companhia de Obuses cerca de dez dias antes do início da Ofensiva da Primavera, marcada para 14 de abril de 1945. Era a fase preparatória à Ofensiva, caracterizada pelos freqüentes duelos de Artilharia e atividade de patrulhas. Fui recebido pelo Comandante da Companhia (Cmt Cia), Capitão Antônio Carlos de Andrada Serpa, que era artilheiro. Essa Companhia, orgânica dos RI, como já assinalado, fazia parte da organização americana e seu comando seria de um Capitão de Infantaria. No caso do 1º RI, nosso Capitão Infante foi ferido no pé, com disparo acidental da própria arma, na véspera da primeira entrada em posição. Foi hospitalizado e, posteriormente, repatriado. O Cap Serpa, brilhante oficial, fora, inicialmente, o orientador de Artilharia junto àquela Subunidade. Aliás, cada uma dessas Subunidades tinha um oficial orientador-técnico de Artilharia. Diante da evacuação do Comandante, o Cap Serpa imediatamente assumiu o Comando e permaneceu no mesmo até o final da guerra.

Esse oficial era muito inteligente, sensível, humano e logo percebeu a minha desilusão. Ele foi o meu orientador pessoal. Fez todo o possível para que o meu entrosamento se processasse rapidamente e pudesse sentir a beleza da Arma de Artilharia. Mesmo com a Companhia executando inúmeras missões de tiro nas 24 horas diárias, diligenciou para que eu me entrosasse nas diversas atividades técnicas, operacionais e administrativas lá praticadas, justapondo-me aos oficiais que a integravam desde a fase de treinamentos no Brasil e ainda instruindo-me pessoalmente e fazendo com que o acompanhasse nos reconhecimentos e nos contatos com a Artilharia Divisionária, os oficiais de Ligação e os observadores avançados.

Fiz o possível para corresponder a esse tratamento, empenhando-me em me habilitar tão cedo quanto possível. Tive oportunidade de executar com maior freqüência os trabalhos relativos ao preparo de posições de tiro, mais consentâneos com os conhecimentos de topografia comuns às diversas Armas.

Quando houve o desencadeamento da Ofensiva e sucederam-se os deslocamentos para novas posições, recebi do Capitão Serpa um elogio do seguinte teor: " ... foi capaz de preparar três posições de tiro no espaço de 32 horas..." Assim, pude desenvolver a contento essa parte do preparo das posições de tiro, mas, a parte técnica da Artilharia – Central de Tiro ou Linha de Fogo – não me foi possível assumir funções, pela falta de tempo em adquirir segurança no exercício das mesmas.

Creio que meu empenho foi reconhecido, pois estava escalado, como observador avançado, para as operações de transposição do Rio Pó, que entretanto não aconteceram, em virtude da rendição dos alemães no TO da Itália, em 2 de maio de 1945.

Na Ofensiva da Primavera, no ataque a Montese, apoiado pela nossa Companhia, integrando a Artilharia Divisionária (AD), atiramos sem cessar mais de 24 horas. Aí tivemos a notícia da morte do aspirante Francisco Mega, um dos mais jovens de minha turma. Ele se portou com muita bravura. Mortalmente ferido durante corajosa progressão para o objetivo que lhe fora designado, expirou apontando-o para seus subordinados e reiterando a ordem para prosseguirem. Interessante o fato de que ele pertencera à mesma Companhia de Obuses, tendo insistido em ir para uma Companhia de Fuzileiros. Para seu claro, fui eu designado.

Após o rompimento da defesa alemã nesse ataque ao maciço de Montese, a 1ª DIE entrou na fase do Aproveitamento do Êxito. Era uma progressão rápida, uma série de deslocamentos, sem parar. Mal preparávamos uma posição, tínhamos que abandoná-la e seguir adiante. Foi tão grande nossa rapidez de movimentos que a travessia do Rio Pó, que se esperava árdua, não se realizou. O inimigo se rendeu antes.

Recebemos a missão de escoltar os prisioneiros até seus locais de destino, que eram diversos. Eles seguiam em coluna, enorme, e nós à retaguarda, de jipe. Nessa ocasião, vimos grande quantidade de soldados alemães, ainda adolescentes, com 14 e 15 anos de idade. Alguns soldados brasileiros, de brincadeira, tiraram a mochila de um daqueles meninos e ficaram jogando-a de um para outro e o menino chorava por não poder apanhá-la. A rendição e evacuação desses milhares de homens foi uma grande tarefa logística. Apesar de todo o clima de caos entre os alemães, a rendição processou-se seguindo toda a formalidade do cerimonial militar.

A respeito do desempenho de nossos profissionais, gostaria de abordar esse assunto sob dois ângulos distintos. O primeiro, referente ao pessoal que conviveu comigo na Companhia de Obuses desde quando lá cheguei, às vésperas da Ofensiva

da Primavera. Ressalto, destacadamente, o exemplar desempenho do Capitão Andrada Serpa, conduzindo-se como verdadeiro mestre, não somente nos problemas operacionais e administrativos, como também nos de natureza humana, através da lúcida compreensão psicológica com que encarava casos pessoais de qualquer subordinado. Enfatizo, também, o desempenho de dois tenentes de Infantaria, um da ativa – Tenente Caiado –, outro, R2 – Tenente Paulo Scatena –, este estudante de Medicina, 4º ano, convocado como infante. Eram perfeitos conhecedores das atribuições de um subalterno em Subunidade daquela natureza, graças ao fato de a ela pertencerem desde sua fase de organização e aprestamento.

Quanto aos graduados, presenciei atos de demonstração cabal do cumprimento do dever, principalmente dos pertencentes às Comunicações, sempre orgulhosos pelo restabelecimento das ligações, em pleno bombardeio, demonstrando empenho e dedicação notáveis.

Sob o segundo ângulo passo a abordar o desempenho de nossos profissionais.

Quando se fala dos Comandos Superiores, existem pessoas que criticam a atuação de Batalhões e até as do Alto Comando da FEB. É-lhes atribuída a culpa pelos fracassos das várias investidas ao Monte Castelo, antes de sua vitoriosa conquista. Tive oportunidade de, servindo por longo período no Estado-Maior do Exército, na Subseção de História, conhecer detalhes das operações da FEB que evidentemente escapam ao conhecimento de leigos e mesmo de militares. É que aqueles ataques se realizaram quando a tropa brasileira cumpria a missão defensiva, então atribuição do IV Corpo de Exército, escalão o qual integrava: *"devendo efetuar ações ofensivas em direção ao Monte Castelo – Torraccia e, em seguida, ao Monte della Croce – Castelnuovo"*. Eram ações preconizadas pelo Comando Superior com vistas, inicialmente, a facilitar a ação dos americanos sobre o Maciço do Belvedere. Mesmo sem atingirmos o nosso objetivo inicial, tais ações foram úteis ao IV Corpo, porque facilitaram o sucesso dos americanos em nosso flanco oeste, desviando para nossa frente parte do poder defensivo germânico no conjunto Belvedere-Castelo. A decisão sobre esses ataques brasileiros malogrados decorreu de diretriz superior, segundo concepção de manobra e prioridades que não nos cabiam discutir. O infante que executa a missão e vê que não consegue progredir fica traumatizado, achando que está sendo colocado numa missão impossível. São circunstâncias da guerra. A prescrição que a Divisão brasileira tinha era atuar ofensivamente sobre Castelo. Esse "atuar ofensivamente" era uma maneira de dizer: "Você vai e faz o que puder nessa direção." Sabemos que uma ação secundária tem pouco mérito porque não representa a vitória, mas é importante para a manobra como um todo. Resumindo, gostaria de registrar minha opinião de que os ataques foram perfeitamente certos, discor-

dando daqueles que os classificaram de loucos, mal pensados e até uma questão de vaidade, ao querer fazer o impossível.

A conquista de todos aqueles objetivos, por brasileiros e americanos, só ocorreria nove semanas após, fruto, então, de bem executada manobra da Grande Unidade a que nos subordinávamos, com plena utilização dos meios e apoios disponíveis.

A conduta do nosso homem refletiu-se igualmente no relacionamento com o povo italiano. Durante a guerra, eles nos alojavam em suas casas, junto com suas famílias. Após a guerra, nas cidades, essa amizade continuou intensa. Foi muito boa a convivência da FEB com os italianos. Nossos homens sempre os trataram muito bem e houve, de fato, reciprocidade nisso.

Falei acima sobre a ação dos elementos de comunicação e seu trabalho heróico sob a chuva de granadas. Outros, igualmente formidáveis, foram os padioleiros. Bravos, incansáveis, humanos, socorriam seus companheiros em pleno combate, ponto inicial da cadeia do atendimento de Saúde aos feridos. A propósito, vou narrar o que presenciei na Companhia de Obuses. Ao acompanhar a um posto de triagem um sargento de minha Cia., gravemente ferido quando uma granada da própria peça explodiu a poucos metros da boca da mesma, testemunhei o diligente esforço das equipes médicas em socorrer os inúmeros evacuados da frente, durante o ataque a Montese. Chegavam em profusão, feridos de todo jeito, em ambulâncias, padiolas, jipe ou a pé. O ferimento do meu sargento era grave, tendo como conseqüência uma tremenda hemorragia. Fiz ver essa situação ao oficial médico, que me disse: “Isto aqui tem que ser na ordem. Ponha-o aí na fila e nosso pessoal vai examiná-lo o mais rápido possível.” A equipe inteira demonstrava uma fadiga imensa, mas agiam com presteza, no afã de salvar a todos. Era a época da sulfa, que era colocada nos ferimentos, nos buracos das balas e assim passavam os feridos adiante, para os hospitais de evacuação.

Outro ponto de destaque foi o Serviço Religioso. Tive oportunidade de observar, durante a viagem de ida, a bordo, que as missas eram freqüentadíssimas. Durante a campanha não pude observar. Era uma correria louca. Na volta, no navio, a freqüência já não foi a mesma. Contudo, a organização do Serviço Religioso, na FEB, foi excelente. Flexibilidade para todos os credos: católicos, protestantes e metodistas. Sua organização foi básica, mais tarde, para a criação do nosso Serviço Religioso atual.

Combatemos contra um inimigo educado para a guerra. A doutrinação nazista, casada com as características invulgares do povo alemão, conhecidas em tantas guerras, forjou um combatente abnegado, resoluto, com acendrado patriotismo. O inimigo com que nos defrontamos era de inegável bravura, disposto a morrer sem recuar. Sua ação sobre nós se estendia também na parte da propaganda. Atiravam com granadas sobre nossas linhas inúmeros panfletos, alegando que éramos os

melhores soldados do Brasil e nada tínhamos que fazer na Itália, deixando nosso País nas garras do americano. Uma charge representava o Tio Sam colocando as mãos no morro do Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro.

Em compensação, lutando ao nosso lado, tivemos combatentes valorosos e aguerridos, de diferentes nações. Cito, segundo o testemunho dos mais antigos, a ação da 10ª Divisão de Montanha americana, cujos soldados, desde o ataque ao Belvedere, tiveram um magnífico desempenho.

Sobre o apoio logístico recebido, inicialmente tive aquela péssima impressão originada da refeição. Diziam que na guerra seria assim; contudo, na Companhia de Obuses, a não ser nos momentos de deslocamento, não tivemos que comer a ração de combate "K". Nossa comida era quente, preparada na hora, farta e variada. Também não houve problema de munição, que sobrava.

Um aspecto interessante daquelas sessões de instrução que recebíamos, na época do Depósito de Pessoal, é que falava-se dos êxitos obtidos pelas tropas, não só brasileiras como aliadas. Diariamente era relatada a situação de guerra na Europa e procurava-se mostrar que outros estavam fazendo coisas brilhantes e que, quando chegasse a nossa vez, caberia a nós fazer o mesmo.

Culminando todas essas recordações, reporto-me ao nosso regresso ao Brasil, integrando o 2º escalão de retorno. Recepção calorosa, apoteótica. O Alírio Granja era o Porta-Bandeira e eu o Porta-Estandarte do Sampaio. Desembarcamos no armazém 14 e entramos marchando na Avenida Rio Branco, onde, mais ou menos na altura do Clube Militar, estava o palanque do Presidente. A aglomeração do povo era enorme e nos comprimia; mal conseguíamos marchar. Ao passar pelo Presidente, o Granja não desfraldou a Bandeira brasileira; em conseqüência, não abati o estandarte. Logo após, perguntei-lhe o que tinha acontecido, tendo o Granja me respondido que a vibração era tão grande que tinha se esquecido de desfraldar a Bandeira. A imprensa, contudo, noticiou o fato como sendo o primeiro ato de rebeldia da FEB.

Ficamos sem botões, arrancados pelo povo como *souvenir*. A emoção foi tão grande que não sentimos o imenso percurso que realizamos: do cais do Porto fomos até o obelisco, no final da Avenida Rio Branco, e dali até a Central do Brasil, onde embarcamos em trens especiais. Eram milhares de pessoas a nos ovacionar. Dizem que no 1º Escalão a recepção foi mais vibrante ainda.

No âmbito do Exército receberam-nos bem, embora sem entusiasmo. Não fomos considerados excepcionais por termos ido à guerra, pois esse era o dever de todo militar.

A FEB, e isso é inegável, trouxe conseqüências de várias naturezas e, muito naturalmente, para o Exército. Dentre elas, ocorre-me a reformulação doutrinária, a reorganização das Unidades das diversas Armas, a criação de outras, a extinção ou

transformação de algumas. Mas trouxe, principalmente, uma mentalidade de disciplina diferente, mais aberta e fraternal, que mesmo com alguma resistência foi-se disseminando no Exército desde então.

Além de tais conseqüências, no Exército, praticamente todo o pessoal que estava na ativa durante o período da guerra teve o benefício das leis feitas para os ex-combatentes. Elas foram progressivamente estendidas aos militares que guarneceram o litoral do Nordeste, aos que serviram no Norte e Nordeste e, finalmente, aos que estavam em qualquer lugar do Território Nacional – creio que com exceção, apenas, de parte do então Mato Grosso.

Nada justifica que nos meus anos de preparação para a guerra, respectivamente, 1942, 1943, 1944, não houvesse mudança alguma na Doutrina Militar brasileira. A guerra irrompera em 1939 e já havia mostrado que a França, nossa inspiradora de Doutrina, fora derrotada fragorosamente. Ainda fomos, durante esse tempo, preparados naquela defesa linear constante dos franceses, apoiada em pontos fortes. Nenhuma atenção se deu aos blindados e guerra de movimentos. Podemos concluir que havia falta de interesse pela efetiva participação na guerra.

Quero, ao terminar meu depoimento, desejar às novas gerações que tenham o mesmo invulgar espírito de sacrifício, bravura e amor à Pátria daqueles milhares de integrantes da FEB. Em particular, faço referência aos integrantes de minha Companhia, todos valorosos e brilhantes. O Cap Serpa, da estirpe dos Serpa, dispensa comentários. Foi quem me orientou com seus exemplos para o futuro de minha carreira; com ele tornei-me um fã da Artilharia. Destaco também o Tenente Caiado e o 2º Tenente R/2 Paulo Scatena, médico na vida civil e chefe da Central de Tiro, durante a guerra. Todos foram excelentes em combate.

Tenente-Coronel Joel Lopes Vieira*

Nasceu na Cidade de Buenópolis, MG. Incorporou-se no 10º RI, Belo Horizonte, como voluntário, em março de 1939. Foi promovido a cabo em 1939, a 3º Sargento em 1940 e a 2º Sargento em 1943. Em abril de 1944, nos campos de batalha, foi comissionado a 2º Tenente, por estar nas funções de Comandante de Pelotão, em face de ferimento do Comandante efetivo e pela forma com que se houve nas ações de combate. Confirmado no posto de 2º Tenente de Infantaria e incluído no Quadro de Oficiais do Exército. Realizou os cursos de Cabo, de Sargento, de Oficiais da Reserva (COR) e da EsAO. Antes da Guerra, exerceu as funções de Comandante de Esquadra de Grupo de Combate, de Sargento Comandante de Grupo de Combate, Sargento Auxiliar de Pelotão de Fuzileiros, Monitor de Curso de Sargento. Durante a Guerra, embarcou no 1º escalão e, como integrante da 7ª Companhia do 6º RI, desempenhou as funções de Sargento Auxiliar de Pelotão de Fuzileiros e Comandante desse Pelotão. Tomou parte em todos os combates, desde o Vale do Serchio – de Camaiore a Barga – até Collecchio e Fornovo. Após a Guerra, foi: Comandante de Pelotão de Fuzileiros; Instrutor da EsSA; Comandante de Companhia e de Batalhão do 12º RI; Subcomandante do CPOR de Belo Horizonte. Após ser transferido para a Reserva, foi Chefe de Seção do SNI em Belo Horizonte; Chefe do Departamento de Segurança da Rede Ferroviária Federal em Belo Horizonte – MG e Presidente da Seção Regional de Belo Horizonte da ANVFEB. Dentre as condecorações que lhe foram outorgadas, por sua participação na Segunda Guerra Mundial, destacam-se: Cruz de Combate de 2ª Classe; Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

---

* Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria, entrevistado em 23 de novembro de 2000.

Com muita honra e satisfação, aceitei o convite para ser entrevistado pelo Projeto História Oral, importante obra que está sendo realizada pelo Exército, referente à Segunda Guerra Mundial. Como integrante da Força Expedicionária Brasileira, embarquei, com o 1º escalão, no 6º RI, podendo contribuir, com as minhas observações, ao longo desse depoimento de caráter pessoal, para confirmar outros depoimentos ou trazer fatos novos para a história da FEB.

O ambiente no Brasil, no início da década de 1940, era de expectativa em relação à Segunda Guerra Mundial. Acompanhava-se o desenrolar dos acontecimentos através do rádio e dos jornais e uma grande parte da corporação mostrava-se entusiasmada com a ofensiva desencadeada pela Alemanha, levando de roldão a Polônia e permitindo outras conquistas. O Brasil mantinha a neutralidade.

Porém, a partir de 1942, com o torpedeamento dos nossos navios mercantes que trafegavam, desarmados, em águas territoriais brasileiras, e se viram atacados pelos submarinos alemães, houve uma revolta geral. Em várias cidades, assistimos a depredações e saques de lojas comerciais de proprietários alemães, italianos e japoneses que, apavorados, não tinham condições de reagir e cerravam as portas dos seus estabelecimentos.

Começou, a partir dessa época, o deslocamento de tropas para reforçar a defesa do nosso litoral e ilhas oceânicas, face à possibilidade de um ataque àquelas regiões, não só por submarinos, mas também pelo inimigo que estava instalado ao Norte da costa africana.

Houve, também, movimentação de tropas da região Centro-Sul para o Nordeste e Norte, feita preferencialmente por via férrea até o porto fluvial de Pirapora, e daí, via fluvial, pelo Rio São Francisco, evitando-se, assim, o perigo de torpedeamentos e perdas de vidas humanas e materiais.

Diante da situação de beligerância, imposta pelos alemães, afundando os nossos navios mercantes em nossa costa, houve uma forte pressão dos estudantes, de entidades de classes e do povo em geral para que o Brasil declarasse guerra às potências do Eixo.

Entretanto, julgamos que o fato mais importante para que o Brasil entrasse em guerra, foi a pressão exercida pelos Estados Unidos, face à necessidade de instalar bases aéreas e navais em nosso território, naquelas regiões para poder reabastecer os seus navios e aviões.

Com a declaração de guerra, em 31 de agosto de 1942, que veio logo após o governo declarar o estado de beligerância em 22 de agosto, foi iniciada a mobilização, isto é, a convocação das classes dos reservistas que iam constituir o contingente a ser enviado ao Teatro de Operações. Foi uma fase difícil e trabalhosa, pois aqueles entusi-

asmados jovens que apedrejavam lojas, que faziam passeatas e que gritavam pedindo a guerra e que realmente apresentavam melhores condições de saúde e de discernimento, empregavam todos os meios possíveis para não serem convocados.

Esses jovens, procedentes das classes média e alta, usavam influências políticas, psicológicas ou mesmo de saúde para evitar a incorporação e, na maioria das vezes, conseguiam o seu objetivo. Conseqüentemente, a maior porcentagem dos pracinhas na FEB foi constituída de convocados das classes menos favorecidas, semi-analfabetos de procedência do interior, que não tinham instrução suficiente e nem gozavam de boa saúde, devido principalmente às suas precárias condições de vida e regime alimentar.

O exame de seleção, que inicialmente era bastante rigoroso, foi abrandado e, somente reprovados, nos exames médicos e físicos, aqueles que realmente não possuíam as mínimas condições exigidas.

Nessas circunstâncias, foi organizada a Força Expedicionária Brasileira integrada por brasileiros de todos os rincões dessa nossa imensa pátria e a concentração processou-se na Cidade do Rio de Janeiro, para onde se deslocaram o 6º RI e o III Grupo, ambos do Estado de São Paulo; o 11º RI, de São João Del-Rei, Minas Gerais, e demais tropas que iriam constituir a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária.

Quando o Brasil declarou guerra ao Eixo, eu já era militar da ativa, 2º sargento, servindo no 10º RI, localizado na Cidade de Belo Horizonte. Após a seleção médica e física, fui transferido para o 11º RI, de São João Del-Rei. E, com esta Unidade, segui para o Rio de Janeiro, onde se deu a concentração da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária. Para integrar o primeiro escalão e completar o efetivo do 6º RI, foram designadas duas Companhias do 11º RI: a 4ª Companhia de Fuzileiros, à qual eu pertencia, e a Companhia de Obuses que, naquela ocasião, era comandada pelo Capitão Domingos Ventura, hoje General.

Assim, fiz toda a campanha como integrante da 7ª Companhia do 6º RI.

A nossa preparação se deu inicialmente ainda em São João Del-Rei, através de exercícios mais voltados para a preparação física, marchas prolongadas, ataques a inimigos figurados em elevações etc.

Posteriormente, no Campo de Instrução de Gericinó, na Vila Militar, no Rio, tivemos oportunidade de realizar exercícios em pistas de combate, semelhantes às situações que iríamos enfrentar.

Foi construída no Morro do Capistrano uma grande armação de madeira para a prática de exercícios de salvamento em navios. Esse treinamento que foi realizado, se bem que não espelhasse realmente a situação a enfrentar, serviu, ao menos, para dar uma sacudidela nos velhos conceitos da escola francesa e alertar-nos para um novo método de combate que nos aguardava.

O transporte do 1º escalão para o Teatro de Operações foi no navio americano *General Mann*. Uma experiência nova para quase todos os pracinhas, que nunca haviam viajado num navio e se deram mal, enjoando a bordo.

Durante o dia, podíamos permanecer no convés, porém, à noite, tínhamos que ficar em nossos beliches. A disciplina era rigorosa e precisávamos portar durante todo o tempo o colete salva-vidas e era expressamente proibido jogar qualquer objeto ao mar como papéis, pontas de cigarro etc. Os exercícios de abandono do navio eram diários, feitos durante a viagem inteira, que levou 14 dias. As ameaças de submarinos, como aviões do inimigo, eram constantes, apesar da eficiente cobertura que nos proporcionava a escolta.

No dia 16 de julho, chegamos ao Porto de Nápoles e ficamos no subúrbio de Bagnole, numa cratera extinta do vulcão Astrônia. No dia 1º de agosto, foi iniciado o deslocamento da tropa para a Região de Tarquínia, onde recebeu as dotações orgânicas e, daí, prosseguiu para Vada, a fim de submeter-se ao intenso período de treinamento, que teve a duração de três semanas. Aprendemos o emprego, montagem, desmontagem e o funcionamento dos novos armamentos e realizamos os tiros reais e exercícios de combate. Os oficiais norte-americanos pertencentes ao V Exército, que cooperavam no adestramento da tropa, ficaram admirados pela rapidez com que os brasileiros se adaptaram aos novos materiais e a seus processos de emprego. O soldado brasileiro, inicialmente, estranhou bastante a alimentação, mas, com o passar dos dias e a sua versatilidade, adaptou-se ao novo sabor.

O meu batismo de fogo foi no dia 6 de outubro, no Vale do Serchio, após a conquista de Camaiore-Monte Prano. A minha Companhia atacava na direção de Castelnuovo di Garfagnana. Em Bolognana, o meu Pelotão repeliu uma patrulha alemã composta de quinze homens, sendo que quatro desses elementos morreram e um ficou ferido, sendo aprisionado.

No prosseguimento da ação pelo Vale do Serchio, a nossa 7ª Companhia cerrou à frente, porém, ao penetrar na Cidade Gallicano, foi hostilizada por intensos fogos de morteiro e metralhadora, tendo o meu Comandante de Pelotão, o Tenente Oswaldo Pinheiro, sido ferido e eu tive que assumir o comando do Pelotão, o 3º, ainda como 2º sargento auxiliar. Esse Tenente, ao retornar ao Brasil, fez o curso técnico e chegou em sua carreira a ser promovido a General.

Tinha assumido temporariamente o comando do Pelotão, mas, em seguida, passei para o Tenente Poti, que também foi ferido, e eu tive que reassumi-lo.

Lá no Vale do Serchio, quero salientar que as ações não deixaram de servir de um alerta para as tropas brasileiras, porque nós estávamos combatendo numa frente de menor expressão e, com as conquistas iniciais, a tropa brasileira estava muito

eufórica, com excesso de otimismo. A confiança reinante pela ocupação de Camaiore e Monte Prano e a falta de reação mais efetiva por parte do inimigo faziam com que considerássemos a guerra já vencida. No entanto, quando menos esperávamos, sofremos um terrível contra-ataque alemão, vindo de Castelnuovo di Garfagnana para Barga, onde nos encontrávamos, e tivemos, pela primeira vez, que retrair, bastante pressionados.

Apesar desse insucesso, o saldo foi positivo no Vale do Serchio, tanto que fomos rocados para a Região dos Apeninos, no Vale do Reno, pelo Comandante do V Exército, onde as ações da FEB tornaram-se extremamente difíceis, vindo, realmente, glorificar o soldado brasileiro. O pracinha, já amadurecido, consciente da sua responsabilidade e do seu valor, pôde empregar-se a fundo, igualar-se e ombrear-se aos melhores soldados do mundo.

Foi ali que ele enfrentou a lama, o frio e a neve e soube suportar, com estoicismo, os fracassados ataques a Monte Castelo, até que atacou e conquistou o referido objetivo, que se tornara uma questão de honra para o soldado brasileiro.

No período do inverno, as ações tornaram-se apenas defensivas, mas as patrulhas eram ofensivas e empregadas como rotina. Podemos, entretanto, destacar a ação de uma das patrulhas empregadas nesse período, que foi a do nosso Pelotão, comandada pelo 3º sargento Noraldino Rosa dos Santos, realizada no dia 24 de janeiro.

Em pleno inverno, ele conseguiu atingir as posições inimigas, surpreendendo os alemães e causando-lhes mortes e ferimentos, mas sofrendo duas baixas. No dia 5 de fevereiro, logo após a ação da nossa patrulha, os alemães, em revide, atacaram os nossos postos avançados, particularmente em nossa frente, apoiados por fogos de Artilharia, morteiros e armas automáticas, porém foram repelidos, deixando grande quantidade de material, duas bazucas, metralhadoras beretta e cargas de trinitrotolueno (TNT), o conhecido trotil. Ficaram, ainda, um morto e vários feridos, sendo que um foi aprisionado e os demais recolhidos no dia seguinte pela própria tropa alemã, que veio com a bandeira branca; nós permitimos que eles recolhessem os elementos que estavam caídos no terreno, entre as nossas posições e as deles.

Como falamos anteriormente, Monte Castelo estava atravessado na goela de todos os brasileiros; era uma questão de brio conquistá-lo. Foi realmente um dos combates mais difíceis. Realizamos quatro ataques e, no quinto, pelo 1º RI, foi conquistado Monte Castelo, após uma luta extremamente dura, mas conseguimos vencer.

O alemão estava muito bem posicionado, ocupando a parte de cima da elevação com total comandamento de vistas e de fogos sobre as nossas tropas, exigindo muita vontade e competência para desalojá-lo.

Posteriormente, partiu-se para a Ofensiva da Primavera com as operações em Montese, que culminaram com uma histórica vitória obtida sobre os alemães, que não queriam abrir mão dessa posição pois, se o fizessem, possibilitariam o aproveitamento do êxito através do Vale do Pó.

Sofremos muitas baixas, mas suportamos. O homem brasileiro viveu momentos de terror e tensão, mas superou a tudo e conquistou os objetivos determinados: Monte Castelo e Montese – os mais difíceis –, Serreto, Paravento, Montebuffone e Montello, partindo na direção do Rio Pó.

O soldado brasileiro demonstrou bravura, confiança em seus comandantes, companheirismo e solidariedade, sobretudo para com o colega ferido, em situação difícil, nunca o deixando abandonado no campo de batalha. Essa era uma das características do nosso pracinha, empenhando tudo para não deixar o companheiro sem ser assistido.

O nosso Comandante, o então Capitão Helio Portocarrero, foi ferido em Montese, quando teve que nos deixar definitivamente, pela enorme gravidade de seu estado de saúde. Felizmente, sobreviveu e continua entre nós.

De Montese, tenho outra recordação muito amarga. Um companheiro, já antigo, não acreditava em fazer *fox hole*. Dizia ele: “Se a granada vier com o meu endereço, me atingirá em qualquer lugar.” Mas, nesse ataque a Montese, viu que estava caindo muita granada, e cavou um *fox hole* ao lado da minha trincheira. Durante o dia, ele não podia colocar a cabeça para o lado de fora, pois o alemão estava marretando mesmo. Quando escureceu, sentamos na beira dos próprios abrigos. Nisso, veio uma granada e caiu entre nós dois. Eu ainda tive a oportunidade de jogar-me dentro do *fox hole* e ele, que havia feito o primeiro abrigo durante a campanha da Itália, foi atingido e morreu ali na hora, sem ter podido utilizá-lo ou vir a receber algum atendimento médico. Isso aconteceu com o Noraldino Rosa dos Santos, o mesmo da patrulha do meu Pelotão, cujo fato já narrei, e que consta do livro do Coronel Castello Branco.

Aquela patrulha ficou numa situação crítica, porque atacaram a casa central e as outras duas laterais, alertadas, cerraram fogo sobre eles, que não podiam retrair. Eu tive que apoiá-lo com um outro grupo para que pudesse realizar o retraimento.

Após Montese, em direção ao Vale do Pó, a campanha se caracterizou pelas conquistas de Zocca, Vignola, Collecchio e, finalmente, o combate de Fornovo, quando foi aprisionada a 148ª DI alemã, comandada pelo General Otto Fretter Pico, com o efetivo de 14.700 militares, grande quantidade de armamento, viaturas e animais.

Releva citar que o meu Batalhão, o III do 6º RI, comandado pelo Major Silvino Castor da Nóbrega, primeiro a entrar em combate na Itália, esteve, coincidentemente, também na última batalha em Fornovo, quando a Vanguarda da FEB, aprisionou a 148ª Divisão alemã.

Gostaria de destacar ainda que o soldado brasileiro sentiu o rigoroso inverno de até dezoito graus abaixo de zero, porém o suportou devido, principalmente, a sua juventude, idade variando entre vinte e 24 anos no máximo, e ao material que lhe foi distribuído; tínhamos bons agasalhos, inclusive a cama de dormir, tipo saco, às vezes, eu preferia sentir frio, mas não dormia ali dentro para não ser surpreendido. O jeitinho brasileiro também foi importante naquela eventualidade. Enquanto o americano sofria o problema do pé-de-trincheira, o brasileiro praticamente não o enfrentou; eles ficaram preocupados em saber por que baixava tanto americano com pé-de-trincheira e o brasileiro, não. Aquele galochão passou a ser usado sem o coturno, que apertava o pé e dificultava a circulação. A nossa gente enfiava os pés diretamente na galocha e completava com feno para esquentar e permitir o movimento dos dedos.

Honra seja feita. Os oficiais e os graduados da FEB mostraram-se responsáveis e capazes no desempenho de suas atividades. Os militares integrantes do 1º escalão tiveram três semanas de treinamento rigoroso e intensivo, e da maneira como a FEB foi inicialmente empregada (Destacamento FEB), em frente não muito violenta, obteve-se a adaptação da tropa, mormente dos comandantes, em diversos níveis, ao campo de batalha.

Os demais escalões que foram chegando se favoreceram dos conhecimentos já adquiridos por seus colegas do 1º escalão, além do treinamento que receberam. Os raros casos de insucesso que ocorreram, como os ataques fracassados a Monte Castelo, parece-nos que foi mais um incorreto emprego da tropa, cumprindo determinação do IV Corpo de Exército norte-americano, do que um mau desempenho dos seus oficiais, graduados e soldados.

Nos ataques de 29 de novembro e de 12 de dezembro de 1944 ao Monte Castelo, foi empregada tropa recém-chegada e, portanto, sem a menor experiência de combate e desprotegida em seu flanco esquerdo (Belvedere, Gorgolesco, Cappela di Ronchidos), o que não aconteceu no ataque vitorioso de 21 de fevereiro de 1945.

Posso concluir, afirmando que tanto os oficiais como os graduados cumpriram a missão com denodo e desprendimento.

Os pracinhas se superaram, sem dúvida, pois a FEB, na sua maioria, foi constituída de soldados de pouca instrução, subnutridos, físicos frágeis e procedentes de cidades do interior ou do campo; isso nós não podemos negar, porque é uma realidade.

Entretanto, à proporção que iam recebendo alimentação mais apropriada, uma instrução adequada, conhecimento e relacionamento com novos amigos, transformaram-se completamente. Tornaram-se soldados conscientes, responsáveis, disciplinados, resistentes à fadiga, respeitadores e amigos dos seus chefes e de uma solidariedade ímpar para com os seus colegas. Tudo faziam para não abandonar os seus compa-

nheiros feridos nos campos de batalha. Nos ataques, arremessavam-se como feras indomáveis na conquista dos objetivos determinados. Enfim, tornaram-se verdadeiros soldados sob todos os aspectos, sabendo elevar bem alto o nome do Brasil e de nossa gente.

O relacionamento com a população local foi o melhor possível. Não há dúvida de que o povo italiano sofreu muito, porque, quando o alemão ia recuar, procurava destruir tudo o que era possível na região que deixaria, com enormes prejuízos para os seus habitantes. Mas o soldado brasileiro, ao contrário, os tratava com respeito e humanidade e, com a sua maneira alegre e descontraída, angariava a simpatia de todos, estando sempre pronto a oferecer um cigarro, que era coisa dificílima naquela ocasião, e uma barra de chocolate para atenuar a fome daqueles que não tinham coisa alguma para comer. Entretanto, mantinha-se sempre alerta para obter dados sobre o inimigo e não deixar vazar informações que lhe pudessem ser úteis.

Em relação ao apoio de saúde, contávamos no pelotão com um cabo enfermeiro, o cabo Rocha, que eu encontrei com muita satisfação em reunião recente que fizemos em Salvador. Ele prestava, com grande eficiência e rapidez, o primeiro socorro aos feridos. Estava sempre pronto para assistir os feridos, inclusive aqueles que se encontravam lá na frente de combate, prestando o primeiro atendimento e os recolhendo ao Posto de Socorro (PS) do Batalhão. Mostrou-se um graduado de muito valor, realizando muito bem o que lhe cabia.

Quanto à assistência religiosa, tínhamos de, quando em vez, a visita do capelão. Porém, o que mais nos impressionava e nos comovia era a atitude do nosso soldado. Todas as noites eles se reuniam no *fox hole*, ou numa parte qualquer, para fazer as suas orações, e me chamavam para rezarmos juntos.

Sobre o soldado alemão, pode-se dizer que a FEB enfrentou nos campos de batalha da Itália um inimigo tradicionalmente guerreiro, que já estava há bastante tempo lutando na Segunda Guerra Mundial, acostumado ao clima e ao terreno.

Por estar na defensiva há muito tempo, conhecia bem o terreno, o que representava uma grande vantagem. Era um soldado fanático, brioso e que tinha disposição tanto nas ações defensivas como nas ofensivas.

Por essas qualidades, era um soldado respeitado, mas não que o brasileiro o temesse. Entretanto, como se dizia por lá, "*não pode dar sopa na crista, para não ser abatido*".

Sobre as tropas aliadas, minhas observações se restringem ao ataque de que participamos ao lado da 10ª Divisão de Montanha americana, quando nós atacamos o Monte Castelo. Eles atuaram no flanco da 1ª DIE com muita correção, pois foram preparados exclusivamente para combater em regiões montanhosas; eram fortes e treinados. O ataque por eles realizado, em 20 de fevereiro, a Belvedere, Gorgolesco e

à Cappela di Ronchidos, onde, inclusive, ficaram, momentaneamente, detidos, ajudou bastante o nossa ação sobre Castelo no dia seguinte.

Gostaria de destacar alguns aspectos sobre o apoio logístico, prestado basicamente pelo americano, através dos nossos escalões competentes, que podemos classificar de muito bom. Éramos atendidos a tempo e a hora, tanto na questão de remuniciamento e armamento, como na alimentação, não deixando nada a desejar. Todos os dias recebíamos aquele suprimento necessário, e, quando na defensiva, recebíamos a ração quente, se bem que essa ração só pudesse chegar aonde estávamos à noite e lá a gente esquentava. À tarde, recebíamos a ração K ou a ração C, que também alimentava suficientemente. A ração C vinha numa latinha e não era tão gostosa; nós a esquentávamos e tínhamos a impressão de que estávamos comendo uma ração quente. No princípio, pensávamos que era uma ração insuficiente para a alimentação do brasileiro, mas logo vimos que satisfazia perfeitamente.

Já a ração K, numa caixa de papelão hermeticamente fechada, era fornecida para os ataques, sem a possibilidade de ser aquecida. Essa é a diferença principal de uma para outra.

A respeito do relacionamento entre nós, desejo destacar o espírito de solidariedade e companheirismo que sempre existiu no seio da nossa Companhia e tenho certeza de que em toda a FEB. Nos momentos difíceis, podíamos estar certos de que sempre teríamos um companheiro ao nosso lado. Essa é a razão principal que levava a nossa subunidade a cumprir as missões recebidas.

O que mais me impressionou na campanha da FEB foi justamente essa solidariedade e a forma pela qual o soldado se adaptou... Ele se agigantou no terreno, no manuseio do armamento e até no destemor em enfrentar um inimigo tarimbado, astuto e pertinaz.

Cada um procurava cumprir com a sua obrigação, constituindo um time preparado para bem cumprir a missão. Desde o Comandante da nossa Companhia, que nos dava todo o apoio, até o soldado mais humilde, todos tinham consciência dos seus deveres e os cumpriam com firmeza.

Todavia, era preciso confortar o subordinado na hora difícil. Sempre que ia haver um ataque, saía conversando com um e com outro. Como Comandante do Pelotão, eu estava sempre presente, junto aos meus comandados, na certeza de que o exemplo é a melhor maneira de se comandar, de conhecê-los melhor e de adquirir a sua confiança.

Por isso, numa situação de perigo, todos os comandados ficam com a atenção voltada para o seu chefe. Se o chefe vai à frente e mostra disposição em cumprir a missão que foi recebida, o subordinado o acompanha.

A ação da propaganda alemã se restringia ao emprego de alto-falantes voltados para a nossa tropa. Eles tocavam músicas brasileiras e procuravam nos induzir a pensar que a guerra estava perdida, que estávamos sendo explorados pelos americanos. Também lançavam panfletos sobre as nossas posições. O elemento que fazia essa propaganda falava o português corretamente e depois fiquei sabendo que realmente era uma "Quinta-Coluna". Da nossa parte, não tomei conhecimento de como a propaganda se realizava.

Há que se ressaltar a ligação com elementos da 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação, a ELO, através do nosso Comandante de Companhia. Quando as nossas posições estavam sendo bombardeadas pela Artilharia inimiga, solicitávamos o apoio da ELO e logo a seguir lá estavam eles procurando localizar as posições de tiro do inimigo para as devidas providências. Eles faziam um trabalho eficiente e rápido e dávamos graças a Deus quando os víamos voando, na busca das coordenadas das posições inimigas para a nossa Artilharia entrar em ação.

Quanto ao 1º Grupo de Caça, a sua atuação foi por todos reconhecida como destemida e eficaz. Nas ocasiões em que eles tiveram a possibilidade de cooperar conosco nos Apeninos, o fizeram de uma maneira muito objetiva, de modo que nós devemos esse reconhecimento pela atuação deles na retaguarda do inimigo e quando cooperavam com a FEB durante o ataque, particularmente, em 21 de fevereiro de 1945, na tomada do Monte Castelo.

Com orgulho, gostaria de afirmar que a campanha da FEB na Segunda Guerra Mundial foi realizada com muito sacrifício, destemor, resignação e vontade de levar a bom termo a missão recebida, contribuição efetiva do Exército, no século XX, para o enriquecimento da História Militar do Brasil.

O espírito de corpo e a responsabilidade de bem representar o Brasil junto às nações aliadas fizeram com que o soldado brasileiro superasse as deficiências e se ombreasse com os melhores soldados do mundo.

As vitórias conquistadas, o número de brasileiros que honraram o compromisso assumido perante o Pavilhão Nacional, derramando o seu sangue e morrendo na defesa da Pátria, os companheiros que voltaram com ferimentos ainda sangrando dos últimos combates e os que, ainda hoje, apresentam seqüelas físicas ou psíquicas da campanha são provas insofismáveis de que o soldado brasileiro que integrou a FEB ofereceu um exemplo magnífico às novas gerações.

Ao término da guerra, com a rendição da 148ª Divisão, vimos desfilar, perante nosso Regimento, todos aqueles alemães temidos, mas derrotados pelo valor da Força Expedicionária Brasileira. Tivemos um momento de descontração, de alívio e de esperança de um breve retorno a nossa Pátria.

Porém, não houve uma euforia descontrolada que se poderia esperar. O que se observou foi que cada soldado fazia as suas preces, as suas orações, agradecendo ao Criador a ventura de ainda estar com vida e com saúde e, brevemente, poder retornar ao convívio dos seus entes queridos.

Passamos a desencadear os preparativos para a volta ao Brasil. Após a rendição da 148ª Divisão alemã e da Divisão Bersaglieri italiana, o nosso 6º RI deslocou-se, em 3 de maio, para as cidades de Tortona, Castelnuovo e Voghera, onde ficou estacionado. Em princípio de junho, foi para a região de Francolise, nas proximidades de Nápoles.

No dia 6 de junho, o Regimento Ipiranga seguiu para o Porto de Nápoles, embarcando no navio *General Meighs*, que zarpou com destino ao Brasil, onde chegou em 18 de junho, atracando no Porto do Rio de Janeiro.

A recepção à FEB foi verdadeiramente apoteótica. Os brasileiros prestaram aos pracinhas muitas homenagens pelas glórias obtidas na Itália, não só por ocasião da chegada ao Rio de Janeiro, mas também em todas as cidades do interior que receberam muito bem e com muito orgulho os seus filhos, demonstrando o reconhecimento, a alegria e a satisfação em tê-los de volta.

No seio do Exército, os que pertenciam ao serviço ativo foram normalmente reincorporados e classificados pelas diversas unidades do País. Não houve a menor manifestação de apreço e consideração pela Força, por nós que chegávamos de uma dura campanha. Consta que muitos militares tinham receio de que, com o regresso da FEB, fossem preteridos em suas carreiras. Houve ciúmes, injustiças, sem chegar a configurar-se retaliações.

Somos de opinião que a participação da FEB na Segunda Guerra Mundial trouxe para o Exército conseqüências altamente positivas. Houve a reformulação da doutrina de guerra já ultrapassada, a modernização do armamento até então utilizado, dos meios de comunicação e de transporte e, principalmente, da mentalidade.

Como conseqüência da guerra, o militar adquiriu a disciplina consciente, melhorou o tratamento para com o subordinado, que passou, dentro dos princípios da disciplina, a ser tratado pelo superior com mais humanidade, merecendo maior apreço e atenção. O subordinado respeita o superior, não pelo medo de ser punido, mas pelo respeito natural que lhe deve, o que é extremamente louvável!

Por sua vez, a FEB teve uma importância muito marcante na minha vida pessoal, pois foi, a partir daí, que realizei os cursos necessários para continuar a carreira militar. Considero o Exército uma das instituições mais confiáveis desse nosso País e tenho orgulho e satisfação de ter sido um dos integrantes dessa modelar organização, onde, com trabalho, disciplina, responsabilidade e força de vontade, o homem consegue realizar as suas aspirações.

E mais, o Brasil é um País de formação e orientação política eminentemente pacífica, amante da paz e da liberdade. Porém, quando ameaçado na sua liberdade e nos seus princípios mais sagrados, sabe reagir à altura das ofensas recebidas.

Foi o que aconteceu por ocasião da Segunda Guerra Mundial, quando a Força Expedicionária Brasileira, constituída por brasileiros de todos os seus recantos, soube elevar bem alto o nome e o pavilhão da nossa Nação! Esse é um feito que jamais poderá ser esquecido!

Nós, seres mortais, amanhã não mais existiremos, porém a memória da FEB terá que permanecer viva, para que as futuras gerações possam se orgulhar de que o nosso País concorreu para que a liberdade neutralizasse a opressão, a democracia sobrepujasse a tirania e os atacados pudessem revidar a ofensa, como fizemos com relação àqueles que torpedearam os nossos navios, tirando a vida de mais de mil brasileiros no nosso litoral.

Embora não seja o nosso desejo, se houver, no porvir, a necessidade de o Brasil defender a sua soberania e o bem-estar de sua população, temos a certeza de que as novas gerações saberão cumprir a sua missão como cumprimos a nossa na Segunda Guerra Mundial.

Major Ruy de Oliveira Fonseca*

Nasceu na Cidade do Rio de Janeiro - RJ. Cursou o Seminário São José, no Rio de Janeiro, durante seis anos. Formou-se pelo Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro (CPOR/RJ) em 1938, quando foi declarado Aspirante-a-Oficial R/2 da Arma de Infantaria. Realizou, durante a sua carreira, como Oficial, o curso de Formação da Escola Militar (COR), no CPOR, de 1946 a 1949. Na FEB, foi classificado, inicialmente, no Depósito de Pessoal, sendo designado, em seguida, Comandante do Pelotão de Petrechos da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria, onde permaneceu durante toda a campanha. Após a Guerra, serviu no 17º e 6º RI, bem como na Secretaria Geral do Ministério da Guerra, no Regimento Escola de Infantaria e no Departamento Central de Armamento. Foi Ajudante-de-Ordens do Gen Olímpio Mourão Filho. Deixou o serviço ativo no posto de Major em 1958. Na vida civil, realizou o curso de Ciências Contábeis na atual Universidade Cândido Mendes e o curso de Extensão de Geografia na Universidade do Brasil em 1957. Realizou dois estágios de Educação Física na Divisão de Educação Física do MEC em 1966 e 1968. Foi professor do Colégio Piedade, de 1957 a 1965, e das Faculdades Reunidas Nuno Lisboa, de 1971 a 1976, com Registro obtido junto ao MEC. É, hoje, 1º Vice-Presidente da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, além de Coordenador das Seções Regionais dessa tradicional Associação. Dentre as condecorações que lhe foram outorgadas, por sua participação na Segunda Guerra Mundial, destacam-se: a Cruz de Combate de 2ª Classe, a Medalha de Campanha e a Medalha de Guerra.

---

* Comandante do Pelotão de Petrechos da 4ª Cia / II Btl / 11º RI, entrevistado em 30 de agosto de 2000.

Eu me sinto muito honrado, e sobretudo gratificado, pelo que pude oferecer ao meu País, à minha pátria, aos meus companheiros, durante a campanha da Itália e, depois, durante a minha vida civil, como profissional castrense, desempenhando a profissão de professor.

O militar é um professor nato, porque ele passa a vida ensinando. É claro que nem sempre ensina a ciência, a tecnologia, porque é direcionado para a guerra. Mas, enquanto o País não está em guerra, ele vai aproveitando o espaço que tem, o material humano que passa por suas mãos, para incutir nos mais jovens noções de cidadania, de responsabilidade para com o seu País, e, principalmente, a noção de solidariedade para com o povo.

É uma honra, eu penso, não somente ter podido ser tudo o que fui e que está documentado, mas também o fato de poder conviver com os meus companheiros, o que é uma satisfação muito grande e me gratifica. Por tudo o que fiz e pelo que passei, a essa altura da vida, tenho a certeza de que colaborei um pouquinho para melhorar a vida, a situação e a educação do nosso povo.

Em 1939, eu estava terminando o curso da faculdade. Teria, por aí, uns vinte e poucos anos. E como todo jovem, era interessado em saber das coisas, embora a mídia, naquela época, fosse muito reduzida. A imprensa era formada, praticamente, pelos jornais, não havia a televisão e o rádio, ainda, era muito limitado em seu alcance. Então, a gente se fixava muito naqueles jornais mais populares. Lembro-me bem de um jornal chamado *Avante*. E de um outro, a *Gazeta de Notícias*. Eram jornais mais baratos e que o estudante podia comprar e ler. O *Jornal do Brasil*, e o *Jornal do Commércio*, eram jornais que atendiam mais à classe média superior. Tinha-se uma informação, muitas vezes, direcionada, não para um objetivo comum, mas para um objetivo político imediato dos jornalistas daquela época. Esses periódicos que líamos, como era o caso do *Avante*, eram jornais que agitavam o ambiente estudantil, eram meio revolucionários.

Independente disso, havia também grupos, tanto de ação construtiva, quanto aqueles pessimistas, que achavam que estava tudo ruim, que o Brasil não tinha jeito. Nós ficávamos divididos em relação a essas tendências. Em todo caso, felizmente, na minha faculdade, com a orientação dos Cândido Mendes, que eram católicos fervorosos bem conhecidos – havia o Conde Cândido Mendes, havia o Figueira de Melo, que eram os professores – não tínhamos problemas. O ensino ali era muito sério, muito objetivo. A faculdade funcionava no mesmo prédio da Ação Católica, de Dom Helder Câmara. E aquela coisa toda nos envolvia. Eu guardo a impressão de que, na nossa faculdade, embora houvesse um pouco de agitação, era relativamente tranqüila. Fazia parte do turno da noite, uma vez que lecionava durante o dia. Mas,

realmente, o movimento estudantil era muito ativo, de ambos os lados, tanto da direita, como da esquerda.

Quando a Alemanha entrou em guerra, a política do Brasil, dos governantes de então, era uma política – não quero dizer fascista nem nazista – germanófila. E havia um vezo nacionalista exagerado, um nacionalismo do tipo jacobino. Isso, naturalmente, levava o estudante a reagir contra o governo. A gente notava um certo toque fascista nas iniciativas do governo, por melhores que fossem as intenções. Havia, por exemplo, uma ordem de se formar nos colégios, a juventude brasileira. Semelhante àquela juventude nazista, ou àquela juventude do Mussolini. E havia os desfiles escolares. Os alunos tinham que marchar na "Parada da Raça", na véspera do 7 de Setembro. Tudo isso, se por um lado era agradável, por outro, era motivo de preocupação e de reação. Esse foi o ambiente em que eu vivi nessa época do início da Segunda Guerra Mundial. O Brasil mantinha um certo afastamento da guerra, mas como que "torcendo" para o que se mostrava mais forte na época, a Alemanha. Começaram, então, a surgir os movimentos voltados para o lado que se pensava ser o lado bom dentre os conflitantes.

Na própria faculdade, funcionava uma "linha de tiro". Havia um Tenente Irineu que a conduzia. Era muito interessado e atuava junto à juventude para matricular alunos na "linha de tiro". E fazia uma propaganda muito grande do CPOR, o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva. O que me levou ao CPOR foi essa convivência com o Tenente Irineu que, na "linha de tiro", nos dava aulas também. Ali se conseguia recrutar gente para o CPOR. Eu me lembro bem que, na minha turma de CPOR, havia uns oito ou dez que não se matricularam comigo na faculdade. Todos os outros eram meus colegas também lá. Uns prosseguiram no CPOR. Outros não, porque o CPOR, naquele tempo, começava muito cedo. A instrução era de seis as oito da manhã. Havia um período contínuo de instrução coincidindo com as férias das faculdade e um descontínuo, o período das aulas. Fazer o CPOR era muito sacrifício, porque, além de não ganhar nada, o aluno ainda tinha que comprar todo o uniforme. O exército não investia praticamente nada, a não ser designando os instrutores e cedendo o local da instrução. O restante era por conta do aluno, por nossa conta. Por isso, é que nós éramos chamados os "pátria-amadas" no ambiente da faculdade. Às vezes, a gente ia fardado à faculdade. As ombreiras do nosso uniforme eram de cor branca. Então alguns colegas diziam que a gente "voava nas asas brancas da ilusão". Gozação dos companheiros.

Quando o Brasil começou a pender para o lado dos aliados, aproximando-se principalmente dos Estados Unidos, soubemos que foram firmados diversos tratados que depois tiveram sucesso. A partir de então, começaram as represálias contra a

"Quinta-Coluna". A invasão da Europa pelos nazistas, segundo se dizia na época, e pelo que a gente lê hoje, se fez em quatro colunas que atacaram a França e a conquistaram em poucos dias. Os alemães tinham, aqui no Brasil e nos outros países aliados ou neutros, uma "Coluna" que não aparecia e que era encarregada da propaganda e da espionagem em favor dos nazistas. Era a chamada "Quinta-Coluna". Começaram a aparecer no Brasil os "quintas-colunas". Eram pessoas simpatizantes do "Eixo", que tinham rádiotransmissores que difundiam notícias favoráveis à Alemanha, a fim de criar um ambiente de antagonismo. Tudo isso veio se juntar às campanhas dos comunistas e dos integralistas, cujas ações já haviam justificado a implantação do Estado Novo e da ditadura do Presidente Vargas.

No próprio CPOR, por exemplo, eu me lembro bem, havia um pelotão de simpatizantes integralistas. Naturalmente, havia algum Oficial, algum Tenente, eu não me lembro, quem se filiara ao Integralismo. A turma estava dividida em dois ou três pelotões, e em um dos pelotões a maioria era de integralistas. Quando acabava a instrução, que se dava aquele tradicional "Fora de Forma", "Boa!", eles levantavam os braços e faziam o "anauê", que era a saudação integralista, de tendência fascista.

Nesse caldeirão já fervilhando, o governo agiu violentamente tanto contra os comunistas quanto contra os integralistas. Provavelmente, isso teria contribuído, também, para que os alemães começassem a atacar os navios mercantes que levavam produtos agrícolas e matérias-primas para os Estados Unidos e para os aliados.

Começaram os torpedeamentos e, aí sim, isso mexeu com o povo. Aqueles que, na época, achavam que o Brasil não tinha que se meter mudaram de posição. Cresceram as manifestações contra o nazi-fascismo. O povo todo e, principalmente, os estudantes, inclusive eu, saímos à rua pedindo a declaração de guerra ao "Eixo". Devo citar aqui a participação do Colégio Pedro II, que veio inteiro às ruas, pedindo ao governo, não a guerra propriamente dita, mas uma decisão em relação ao torpedeamento dos navios mercantes brasileiros. Houve um período de neutralidade declarado durante o qual foram tomadas medidas coercitivas contra os nazistas, e, finalmente, houve a declaração de guerra do Brasil à Alemanha e à Itália. O País envolvera-se na guerra.

Hoje se explora muito a questão do Acordo com os EUA que possibilitou recursos para a instalação da Siderúrgica Nacional. É preciso que se entenda que ninguém faz uma guerra para perder, ninguém faz uma guerra para não ganhar nada. Miseravelmente tem-se que ganhar pelo menos a guerra.

Considero essas discussões atuais um assunto como o do "sexo dos anjos". A Siderúrgica está aí, até hoje, trabalhando, e nos fez muito bem. Não prejudicou a ninguém. Ao contrário ela trouxe benefícios para o Brasil que a própria guerra não

trouxe. Houve habilidade política do governo, que permitiu aos Estados Unidos instalarem as suas bases aéreas no Nordeste, mas, em contrapartida, obteve recursos para fazer a Siderúrgica em Volta Redonda. A FEB não foi vendida, não foi trocada pela Siderúrgica, como dizem alguns. Não foi assim. Foram acordos militares, como sempre se fazem em tempo de guerra. Esses trouxeram vantagens para o País, inclusive alguma melhoria para o Nordeste, onde foram instaladas as bases. Este é o meu ponto de vista. Foi assim que vi o envolvimento do Brasil no conflito e o seu engajamento na guerra.

O Brasil também assumiu o compromisso de mandar tropas para o Teatro de Guerra. Organizaria, inicialmente, um Corpo de Exército, tipo americano, com três divisões. Íamos participar de uma campanha, colaborando com os aliados. Tínhamos que nos adaptar aos americanos, junto aos quais iríamos lutar. Como nós vínhamos de uma doutrina militar de tática e de estratégia francesa, nas quais predominava a defensiva, tivemos que mudar.

A adaptação ao sistema americano custou um pouco, não somente por causa da mudança em si, mas também porque, quando nós fizemos a convocação dos reservistas, eles vieram com aquele treinamento antigo. Foi um trabalho muito grande o realizado pelo General Mascarenhas de Moraes. Muitos oficiais foram aos Estados Unidos fazer cursos de atualização, de reciclagem dos quadros, para que se pudesse ensinar aos soldados brasileiros técnicas e procedimentos que estavam mais de acordo com a campanha da qual participaríamos. De um modo geral, isso não foi muito difícil, porque nós, brasileiros, somos muito versáteis. Quem conviveu com a tropa, quem já combateu com ela, sabe disso.

A organização da FEB, inicialmente, também foi difícil. Porque uma tropa tem que receber uma instrução uniforme, próxima a que receberam as demais. Nós sabemos que, até hoje, no Brasil, é difícil reunir as Unidades de Infantaria, de Artilharia, e as outras tropas. Naquela época, nós tínhamos poucas estradas. As estradas de ferro eram quase todas de bitola estreita. Pouquíssimas estradas eram asfaltadas e, dos rios navegáveis, apenas alguns trechos eram explorados, a não ser o São Francisco, parte do Paraná, e os da Amazônia. A navegação costeira estava submetida a ataques de submarinos alemães. Os deslocamentos de tropa para a concentração da FEB deram muito trabalho ao General Mascarenhas. E também deu trabalho a escolha dos comandantes. Os nossos oficiais, antigamente, chegavam ao generalato numa idade já bem avançada, aí pelos sessenta anos. Enquanto isso, o General americano tinha quarenta e dois, quarenta e três anos. Houve uma força de vontade muito grande para superar as dificuldades. Ele foi um Comandante sempre muito perto da tropa, muito lado a lado conosco. E, assim,

foram os demais comandantes escolhidos. Foi organizada uma Divisão com mais de vinte e cinco mil homens. Felizmente, a guerra acabou, e não houve necessidade de se concluir a organização de uma outra Divisão, embora a tratativa para tal já estivesse em andamento.

Como me integrei à Força Expedicionária Brasileira?

Eu fiz a manobra de 1940, que foi a primeira tentativa de organizar uma convocação militar dos reservistas. Em 1940, além de convocar oficiais da Reserva, foram convocados reservistas que passaram meio mês no quartel, fazendo a manobra que se chamou a grande manobra do Vale do Paraíba. Nós saímos da Vila Militar, no Rio, e fomos até a Região de Taubaté, Pindamonhangaba e Lorena. Nessa época, tenho a impressão de que o General Zenóbio, ainda Coronel, comandava o 3º Regimento de Infantaria; o General Lott comandava o Batalhão Escola de Infantaria. Foi uma movimentação muito grande. Eu era Aspirante-a-Oficial e tomei parte no exercício integrando o 2º Regimento de Infantaria, como Comandante de Pelotão. Ali comecei, realmente, a tomar contato com o Exército.

Havia servido ao Exército antes, quando saí do seminário. Ter a carteira de reservista era a condição para se arranjar emprego ou prestar concurso. Eu tinha dezoito ou dezenove anos e não era reservista, porque, antigamente, o cidadão servia ao Exército com vinte e um anos. Apresentei-me voluntário. Como estávamos vivendo o período logo depois da Revolução de 1932, a “coisa ainda estava fervendo” e me aceitaram. Então, servi de 1933 a 1934 como voluntário, fiz o Curso de Cabo, o Curso de Sargento e “dei baixa”. Fui trabalhar no Ministério do Trabalho para onde havia feito concurso. Nessa época, aluno da faculdade, como já relatei, fui para o CPOR. Cursei-o em dois anos, e não em três como era antigamente, pois eu já havia feito os cursos da tropa, matricularam-me no segundo ano. Isso aconteceu em 1937. Saí Aspirante em 1938 e, em 1939, formei-me na faculdade. Em 1940, fui convocado para participar da manobra da qual falava.

Terminada a manobra, fui licenciado e voltei para o Ministério do Trabalho como funcionário. Em 1941, fui convocado novamente porque o Exército já começara a convocar seus reservistas. O Oficial da Reserva era convocado sem tempo definido e, assim, fomos ficando em 1941, 1942 e, quando completei o exercício em 1943, fui promovido a 1º Tenente e transferido do 2º RI para uma Unidade que tinha sido criada, naquela época, com material americano, o 1º Batalhão de Engenhos. Primeiro, criaram uma Companhia de Engenhos na Vila Militar. Essa Companhia transformou-se em Batalhão e o quartel de ambos foi um dos pavilhões do 2º RI.

O primeiro Comandante desse Batalhão foi o Coronel Rodolfo Augusto Jordan. O Batalhão tinha duas companhias de canhões anticarro 37mm. Recebemos todo o

material. Recebemos, também, toda a documentação em inglês, para traduzir e para dar a instrução desses canhões à tropa. Ficamos dois meses no pavilhão do 2º RI, até que o Coronel Jordan conseguiu nos transferir para um aquartelamento na Rua Dr. Garnier, em Triagem, onde, hoje, estão as Unidades Logísticas. Fizemos a tradução dos manuais com a ajuda de oficiais vindos dos Estados Unidos e começamos a instrução com o canhão 37mm, que praticamente não foi empregado na guerra, porque logo o substituíram pelo de 57mm.

Quando organizaram os regimentos da FEB, incluíram, como orgânicas, uma Companhia de Obuses e uma Companhia de Canhões Anticarro. Então, os tenentes que estavam no Batalhão de Engenhos foram aproveitados na FEB.

Uma turma foi para o "Regimento Sampaio", outra, para o 6º RI, e uma terceira, para o 11º RI, para onde fui transferido. Como o 11º RI ainda estava em organização, primeiro fui para o Depósito de Pessoal da FEB. Quando o 6º RI embarcou, levou duas companhias do Depósito que se destinavam ao 11º RI. A Companhia do 11º RI, para a qual fui designado, era comandada pelo Eryx Motta, que estava conosco no navio transporte. Capitão Eryx Motta, Comandante da 4ª Companhia do 11º RI.

Fiz a guerra toda com a 4ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria, à frente do Pelotão de Petrechos. Devido à baixa do Tenente Mário Montanha Teixeira, de Curitiba, um R/2 como eu, ferido no primeiro "golpe-de-mão", na primeira patrulha de reconhecimento de combate, assumi o comando do 1º Pelotão de Fuzileiros que ficara sem seu Comandante. Logo depois, porém, veio o Tenente Cássio de Abranches Viotti da retaguarda e ficou no comando, possibilitando o meu retorno ao Pelotão de Petrechos.

O meu escalão foi, pela ordem, o terceiro. Chamam de primeiro o do 6º RI. Chamam de segundo, o do Regimento Sampaio. E de terceiro, o do 11º RI, embora o segundo e o terceiro tenham ido juntos.

Nós começamos a fazer uns exercícios muito rígidos no próprio navio, durante a travessia do Atlântico. Havia uma operação que se chamava "abandono do navio". Era a preparação para deixar o navio no caso de torpedeamento. Havia um toque de sino que era a convenção para que se abandonasse o navio. Imaginem cerca de cinco mil homens realizando essa operação. Primeiro, fizeram uma exposição geral. Para cada grupo de camarote, era designada uma baleeira, aqueles botes salva-vidas que vão no navio. Cada chefe de camarote sabia qual era a sua baleeira, e a ele competia ser o guia, levando seus homens, em coluna, por determinado itinerário, até a baleeira, para não haver atropelo.

No primeiro dia foi um Deus nos acuda. Mas, à medida que os exercícios iam sendo feitos, um de manhã, um à noite, um outro a qualquer hora, todo o pessoal,

rapidamente, se aprestava com o salva-vidas, que era de uso obrigatório o dia inteiro, o cinto, que nunca era tirado, e com água no cantil. Assim, o exercício se processava em ordem e dentro dos tempos previstos.

Esse salva-vidas era um colete com o qual o sujeito ficava com os braços meio levantados, parecendo um pingüim. O apelido do colete era *May West*, May West era uma artista do cinema americano, muito boa atriz, que fez muitos filmes, mas que era gorda, seios grandes e andava com os braços assim meio levantados, balançando o corpo, como um pingüim. Por isso o apelido. E o soldado parecia mesmo um pingüim secando as asas. Aí, está o lado pitoresco do exercício.

Lembro-me da sensação quando passamos em Gibraltar. Como professor, você estuda, você imagina como será. Mas quando nós passamos na ida, à noite, impressionou-me. Foi de lá que voltou a nossa escolta brasileira. Na volta, passamos de dia, a emoção foi outra.

Na ida, houve uma coincidência. Os oficiais que davam serviço de bordo usavam uma braçadeira MP e podiam circular livremente, a fim de verificar se todas as luzes estavam apagadas. Era o blecaute que se fazia à noite. Eu era um desses que tirava serviço, e justamente nessa noite, quando circulava pelo meu setor de vigilância, nós passamos por Gibraltar. Foi quando tive essa sensação da ocasião única. Pensei comigo: "Puxa! Um dia eu vou chegar e vou dizer, como diz uma poesia do Castro Alves – "*Meninos, eu vi. Eu vi. Passei por Gibraltar. Meninos, eu vi*".

A guerra tem os aspectos heróicos, os aspectos trágicos, mas tem também um pouquinho de pitoresco que a gente tem que explorar.

A entrada em Nápoles foi muito impressionante pelo número de navios afundados no porto pelos bombardeios. Muitos daqueles navios já estavam ali tanto tempo que foram transformados em arrimo para aterros de ancoradouros. Havia ali no cais aqueles estivadores, aquele pessoal que trabalhava na estiva, e que ficava em volta do navio, pedindo cigarro, embora nos fosse proibido o contato com eles. Mas, como sempre, alguém joga um cigarro, uma ração ou qualquer outra coisa. Conquanto houvesse ordem para não se fazer isso, lá estavam eles pedindo. Essa foi, para mim, a imagem de um país destruído.

No desembarque, ficamos dois dias de quarentena, até o navio em que viemos ser inspecionado. Embarcamos, por companhias, no transporte de tropa chamado LCI – *Landing Craft Infantry* – uma coisa assim. Ele levava mais ou menos uns duzentos e poucos homens. Esses barcos tinham o fundo chato e jogavam muito. Embarcamos neles já à tardinha, fizemos uma parada num lugar chamado Pozzuolli, que é um porto depois de Nápoles. Viajamos um dia, aquela noite toda, e mais o dia seguinte. Pegamos uma tempestade. Até que chegamos a Livorno.

Em Livorno, o desembarque foi meio temeroso, porque desembarcamos numa praia que deve ter sido minada, uma vez que havia um limite, uma fita branca de cada lado de uma trilha. Só se podia passar por ali. Então, em caminhões, fomos levados até à Cidade de Pisa. Nessa ocasião vimos a torre, outro espetáculo que todo mundo ali deve ter gravado. A torre inclinada, com a base protegida por sacos de areia para não ser destruída. E fomos para um acampamento que era um parque, uma espécie de Quinta da Boa Vista. Ali fora um campo de caça do rei, Tenutta Di San Rossore. Já encontramos as áreas marcadas para cada companhia pelos esclarecedores. Num determinado ponto, o 11º RI entrou. As barracas das cozinhas já estavam armadas. Cada soldado levava a sua barraca, mas lá havia barracas de dez praças, algumas armadas para servir de modelo. A tropa então armou as demais que foram necessárias. Lá se encontrava um cozinheiro americano, um cabo cozinheiro para dar instruções aos da nossa Companhia. E já havia alguma comida pronta. Os nossos cozinheiros foram fazer um curso rápido e o cabo americano ficou mais oito ou dez dias orientando o pessoal.

A partir de então, começou um programa de treinamento para a tropa combatente. Primeiro, houve um programa de marchas. Começamos com uma marcha de quatro quilômetros, depois de oito, ali nas imediações, ora nas estradas em direção à praia, ora em direção ao interior, mas em estradas, todas em áreas urbanizadas. Perto desse acampamento, havia um mato fechado onde circulavam camelos trazidos da África. Chegamos no começo de outubro e saímos dali somente em meados de novembro, quando fomos para um campo de treinamento mais avançado. A instrução de minas e armadilhas foi ministrada ali na Praia de Pisa. Foi onde nós perdemos o Tenente Márcio Pinto, que era lá de Juiz de Fora. Ele comandava justamente o Pelotão de Minas e, numa dessas instruções, contam – eu não sei, eu não vi – que ele, terminada a instrução, na hora de vir embora, lembrou-se que tinha esquecido qualquer coisa. Voltou para buscar e, supõe-se, que ele correndo, tenha pisado em alguma dessas minas. Assim, perdemos o Tenente Márcio Pinto, da Companhia de Comando do II Batalhão do 11º RI, Comandante do Pelotão de Minas.

Recebemos o material, o armamento primeiro, e fizemos muita instrução de tiro. Nas praias, havia os alvos rebocados, e lá, então, se atirava com a metralhadora .50 refrigerada a ar, a .50 refrigerada a água e com o fuzil *Springfield*, que foi o primeiro fuzil que recebemos na Itália. Depois, recebemos o *Garand* e um fuzil-metralhadora. No finalzinho da instrução, começamos a receber, também, as carabinas .30.

A quantidade de material foi de tal monta que, no final, eu já não sabia o que o Pelotão possuía. Eu tenho, ainda, o meu livro do Pelotão, com especificação do material todo e o que cada soldado recebeu. Havia bússola, relógio, inclusive caneta

tinteiro. O material era completo. Os oficiais recebiam, já na frente de combate, a carta do lugar aonde estavam operando.

Houve também uma instrução sobre saúde: purificação da água, primeiros socorros, tratamento de doença venérea, tudo isso com uma programação minuciosa e com inspeção dos americanos. Eles, volta e meia, percorriam as companhias.

As instruções eram muito boas e os oficiais e sargentos americanos, empenhados nas mesmas, falavam o português ou o espanhol.

Não tivemos cursos para comandantes de Pelotão. Os tenentes, isso já mais tarde, iam fazer um curso em Santa Agata dei Gotti, que se chamava o *leadership school* – escola de líderes. De um modo geral, iam para lá os segundos-tenentes.

Quando a gente já tinha bastante conhecimento das coisas, já conhecia o armamento, já havia atirado, já havia feito uma prova das coisas que a gente havia aprendido, grupos de tenentes e sargentos começaram a ser mandados para frente de combate. Recebia-se um memorando e, no dia seguinte, vinha a viatura que ia deixando o pessoal de Infantaria, no 6º RI, que já estava em ação no Vale do Serchio, e no Grupo de Artilharia, os artilheiros. O meu batismo de fogo foi aí, no Vale do Serchio, junto ao 6º RI. Estagiei na 8ª Companhia do 6º RI, cujo Comandante tinha o nome de guerra De Los Reis. Era um moreno, forte, e os tenentes ali eram três da ativa e dois da reserva. Um da ativa foi meu amigo e faleceu faz pouco tempo. Era o Gerson Machado. Havia o Tenente Caetano que era Comandante do Pelotão de Petrechos. Fiquei colado com ele e com o Gerson para aprender. O Pelotão de Petrechos da Companhia tinha duas seções de morteiro e uma de metralhadora. O Pelotão de Petrechos Pesados era do Batalhão.

Na Companhia comandada pelo De Los Reis, havia um Tenente da reserva, o Tenente Túlio Campello de Souza, que, depois, perdeu uma perna no comando de um Pelotão de Fuzileiros. Hoje, ele mora em Guaratinguetá. Dessa cidade, havia um outro Tenente, o Nestor, ambos do 6º RI. E estavam na Região de Monte Prano.

Na minha equipe, a que estava estagiando na frente, éramos eu, um sargento e um Subtenente. O Subtenente, na guerra, fazia as folhas de pagamento e o furriel tratava do material. Aqui no Brasil, o furriel fazia a folha de pagamento o Subtenente era do material. Na guerra, o Subtenente ficava na Companhia de Comando do Regimento fazendo as folhas de pagamento e, como o meu Capitão queria, o Subtenente de meu Regimento ia à frente para pagar o pessoal. O Motta dizia assim: “Realmente, eu podia mandar buscar o dinheiro, mas é melhor você vir pagar, porque você aí toma conhecimento da guerra.” Então, o Subtenente Melo ia até onde o pelotão estava, naturalmente com muito cuidado, para fazer o pagamento do pessoal, porque o Capitão assim determinara. O furriel ficava na retaguarda, mais ou menos junto à cozinha

ou pelo menos nas imediações, onde ficava a *impedimenta** da Companhia, os sacos, as roupas que não se estava usando. O italiano chamava aquilo de *magazin*. Havia um soldado da Seção de Comando da Companhia que tomava conta desse material. Tudo numerado, arrumadinho, sob a responsabilidade do furriel, que mantinha, ainda, uma pequena reserva de munição, a munição de emprego imediato.

Esse estágio para mim foi muito proveitoso, porque, em primeiro lugar, o Capitão De Los Reis levou-me ao seu PC, uma casamata que eles tinham construído ou havia sido dos alemães. Enfim, era uma casamata. E havia uma nesga na qual estava instalado uma binocular. Ele me mostrou: “Olha! Ali, naquele lugar, deve haver uma posição alemã. Pela carta, tudo indica. Eu sei que há uma posição alemã ali”. Ele fez o giro do horizonte de toda a frente da Companhia. E eu pensava: “Meu Deus do céu! O que eu estou vendo ali!” E se via ao longe, porque não era assim tão perto. A posição inimiga devia estar mais ou menos a um quilômetro e tanto de distância. Havia uma depressão grande entre a nossa posição e a deles. Os morros lá são muito altos, mas, em compensação, entre eles, há uma grande depressão. E eu via aquele movimento parecendo de pessoas. Eu disse: “Meu Deus do céu! Eu estou vendo gente ali. Ou eles vão me matar ou eu tenho que matá-los”. Bateu-me aquela dor! Não é bem um remorso, é que matar não é uma coisa que a gente tenha vontade de fazer. Não é como tomar um sorvete. Mas se eu não fizer, ele acaba comigo!

O Capitão então me explicou o que um Comandante de Companhia fazia na guerra. Disse: “Você é um 1º Tenente. Vou lhe explicar como procedo, porque pode surgir a oportunidade de você comandar a Companhia. Você tem aqui – falou ele me mostrando na carta – o pelotão do Nestor. O do Túlio, está aqui. O do Gerson, aqui. E o do Caetano, aqui. Eu vou mandar você, primeiro, para o Pelotão do Gerson, que está mais à frente. Depois, você vai para o Pelotão do Caetano. Ele vai lhe ensinar, inclusive, os truques para você regular os tiros sem mexer na arma.”

Para regular o tiro de um morteiro, você dá uma volta para cá, são tantos graus, uma volta para lá, são tantos metros de distância. A gente faz isso automaticamente porque aproveita a regulagem do tiro da Artilharia ou a do seu próprio tiro, que é realizado pelo seu observador. Porque também o morteiro tem um observador, um soldado de binóculo que, vendo onde caem os tiros, pede: mais à direita; mais à esquerda; foi curto, mais à frente. Geralmente, o morteirinho 60mm atirava em combinação com o 81mm. Muitas vezes, entretanto, ele teve que ser empregado isolado,

---

* IMPEDIMENTA – S. f. – bagagens que retardam a marcha de um exército; aquilo que impede, cria dificuldades para marcha. Do latim *impedimentu*. (Dicionário Brasileiro Melhoramentos e Dicionário da Língua Portuguesa de Antenor Nascentes)

como em Collecchio, por exemplo. Lá, ele teve que ser empregado imediatamente. Era um combate em localidade no qual a gente tinha que desalojar o inimigo. Devido ao casario e ao inimigo muito próximos, os morteiros atiraram quase em pé (com o tubo na vertical). E a observação era feita da torre da igreja. O observador era o Jairo, no meu Batalhão. E o Barreto, que já faleceu. Mas eu queria falar era da versatilidade do morteiro 60mm. Ele tinha a placa-base, mas havia também uma luva de couro e amianto que permitia, apoiando a placa no chão, segurá-lo entre os joelhos, sem necessidade de botar o tripé, facilitando a sua utilização imediata. Em Collecchio, muito soldado nem montou a peça de morteiro 60mm. Eles diziam: "Não, Tenente! Vamos botar assim mesmo, segurando entre as pernas. Vira para lá ..."

De tanto a gente andar e lidar com a morte e com feridos, a gente vai ficando meio despreocupado. Não acredita mais no risco. Pensa: "Essa granada não é para mim!" Procura fazer as coisas segundo o regulamento, mas sempre há uma saída mais simplificada e imediata de executá-las.

O morteiro 60mm denunciava muito a posição ocupada por quem o usava. Tanto que, à noite, quase não se atirava com ele. Ele tinha uma língua de fogo muito grande. Então esse sistema de atirar com o morteirinho seguro no meio das pernas, assim nos joelhos, permitia dar dois, três tiros e mudar imediatamente de posição, porque, senão, vinha o tiro do 88mm inimigo em cima de nós. São pequenos detalhes que não aparecem em livros... E o 88mm era um tiro tenso, direto. Era um revolver grande... A gente tinha muito medo...

Ao observar tudo isso, eu pensava muito na minha formação. Eu entendo que o militar antigo era profundamente matemático, exato, mais rígido nos seus procedimentos. Via as mudanças com desconfiança. Hoje, não! O militar tem uma visão muito mais aberta. A própria Escola Militar... Hoje, não é mais como antes. A minha formação, entretanto, foi mais acadêmica. Eu acreditava naquilo, naquela matemática rígida, por obrigação. Mas eu não era inflexível, tolerava a adoção de práticas de maior flexibilidade, o que podia redundar em algum prejuízo, mas trazia certas vantagens...

O meu batismo de fogo junto ao 6º RI ocorreu justamente quando houve um golpe-de-mão dos alemães. Uma Companhia inteira, se não me engano a 2ª ou a 3ª, ficou sem munição. Gastou toda a munição e teve que recuar. O Tenente Gonçalves era desta Companhia. Hoje, ele é um industrial de prestígio em São Paulo, tem uma gráfica. A gente entende que um retraimento não é uma derrota. O Gonçalves teve que recuar. Ele safou a Companhia. Retraíram um pouco desordenadamente. Inclusive a Companhia do De Los Reis também teve que abandonar aquela posição, e recuou, não tão desordenadamente, porque não estava no foco do contra-ataque alemão, não estava no miolo, aonde o alemão atacou. Estava mais para a direita.

Para mim, que era estagiário, que estava vendo a coisa ali pela primeira vez, participar de um recuo logo no primeiro dia! Fiquei apreensivo. Aí, o Gerson (eu estava com o Gerson) disse: “Não se preocupe. Isso aqui é assim mesmo. A gente recua hoje, amanhã a gente vai para a frente, e não tem problema não.” E me acalmou e nós retraímos.

Lembro-me bem: o Gerson tinha o PC numa casa bem à retaguarda. Geralmente, nessas casas que a gente ocupava, com as famílias, que resistiram e ficaram ali, constituídas de pessoas de idade, de adolescentes ou crianças pequenas. O Gerson já era conhecido da família, porque já havia ficado por ali antes. Ele me apresentou, ficamos lá e a situação se acalmou.

Porém, me lembro bem de um fato que registrei no meu diário: quando estávamos mudando de posição, me foi determinado ir com o Gerson. Também me foi determinado que seguisse por outro caminho. E eu vi, lá na frente, o General Zenóbio. Ele chegou de jipe, com o Ajudante-de-Ordens, que eu acho que era o Capitão Pará. Não chegou bem-humorado. Chegou bravo. E deu ordens, movimentou a Companhia Anticarro, alguns elementos daquela Companhia, na suposição de que houvesse alguma progressão alemã por ali. A Companhia Anticarro era a tropa usada para se contrapor a contra-ataques como aquele. Quando atirava, fazia aquela limpeza, fazia aquele estrondo todo e voltava para a base dela. E a tropa que tinha sido empurrada para trás reocupava as posições. Isso foi o que eu soube na época e que ouvi depois. Foi o que aconteceu ali.

Vamos, agora, deixar o Vale do Serchio, onde se deu o meu batismo de fogo, para viver a nossa passagem por Casa de Guanella, no Vale do Reno.

Casa de Guanella, onde, hoje, há um monumento, e estão prestes a inaugurar um outro, foi um lugar por onde quase toda a FEB passou . Era um posto avançado entre Bombbiana e Abetaia, lugares onde a FEB perdeu muita gente. Casa de Guanella também foi mais ou menos assim. Um lugar onde tivemos, inclusive na minha Companhia, os primeiros mortos. O primeiro morto foi o sargento Miguel de Sousa Filho, um acreano. Do 1º Pelotão, o Tenente Montanha foi o primeiro ferido.

O sargento morto nós conseguimos resgatar, porque ele foi atingido logo de saída. Eu estava no meu PC, numa estrebaria, onde Frei Orlando depois foi dar uma comunhão. Na estrebaria, havia uma baia, devia ser uma espécie de maternidade das vacas, porque ela era pequena e tinha um tablado e uma manjedoura. Nessa manjedoura, colocamos o cadáver do sargento Miguel, que, como já disse, foi o primeiro morto da minha Companhia. Em seguida, morreram mais dois: o Nogueira, não sei seu nome todo, e o outro não me lembro como chamava. Perdemos, portanto, três sargentos. Feridos foram vários, como o Doca, que perdeu o pé numa mina, também fez o

COR depois da guerra; o sargento Sabino, que hoje é médico e trabalha na Fundação Osório, se não me engano, mas tenho tudo anotado no meu diário. Como professor, esses registros me interessam, e um dia, vou utilizá-los, quando menos seja, para contar as histórias para os meus alunos, para contar uma coisa que eu vivi.

E a "crisma de fogo", por assim dizer, foi exatamente em Guanella, naquele dia da patrulha de reconhecimento da montanha, como já me referi. Dia em que nós sofremos um bombardeio muito grande e a Companhia do Cotrim recuou, a 1ª Companhia do I Batalhão do 11º RI, Batalhão do Major Jacy.

O Comando imediatamente superior ao do Jacy, talvez o próprio General Zenóbio, determinou que uma Companhia do 6º RI tamponasse a brecha. O que aconteceu ali foi, em parte, semelhante ao que acontecera lá, em Barga no Vale do Serchio... Aí é que entrou a 7ª Companhia, do Capitão Helio Portocarrero, a 7ª, do Onofre, aquele sargento que foi promovido a Tenente. E tapou o buraco que se formou na frente do 11º RI, com a saída da Companhia do Cotrim. Ficou lá até o dia seguinte, quando a minha Companhia, chegou para substituí-la.

A diferença entre o que aconteceu em Barga, no Vale do Serchio e em Casa de Guanella é que, nesse último local, a 1ª Companhia abandonou a posição precipitadamente, sem necessidade, é o que diziam, e sem ordem para tal, enquanto que, em Barga, o retraimento foi a única solução diante de um poderoso e bem executado contra-ataque alemão.

Nós fomos puxados de San Rossore para uma área chamada Filetolle. O 11º ficou estacionado lá, para fazer a última revisão em sua preparação para entrar em combate. Os americanos supervisionavam isso. Fizemos um exercício final, no qual passamos uma semana com instrução de combate de Sol a Sol. Era de manhã, de tarde e de noite, chovendo ou não, dormia-se uma noite, a outra não; uma Companhia atacava de dia, a outra atacava à noite... O campo de instrução de Filetolle era ao lado da Cidade de Vecchiano, que já se encontrava ocupada desde o tempo em que o 6º RI estivera lá. Desde então, sempre havia uma tropa brasileira ali. Quando nós ocupamos o campo, todo dia um Pelotão era designado para a cidade. Entrava de serviço ao meio-dia, fazia o policiamento e serviços ligados à ocupação, como a ligação com as entidades locais.

Um dia eu fui escalado como Oficial-de-Dia lá em Vecchiano. Levei o Pelotão para lá, onde já havia um alojamento para a tropa. Era um armazém de sacos de trigo de um cidadão, feitor numa fazenda próxima. Nesse armazém, havia um chuveiro bom. Foi o primeiro banho de chuveiro que eu tomei na Itália. Eu ocupei o local e comecei a estabelecer contato com aquele pessoal ali. Quem era fulano, quem era beltrano, quem estava respondendo pela autoridade civil. Recebemos o jantar daque-

le dia, e, no dia seguinte, o café da manhã. Como ficava pertinho de onde estava a Companhia, a comida chegava quente. Veio o almoço, o pessoal almoçou, e aí chegou o almoço do outro Pelotão que deveria me render e que não veio, porque houve um deslocamento do Regimento. A tropa foi embora e não houve essa substituição. Dobrei o serviço com o meu Pelotão. Fiquei com o rancho do meu Pelotão e o rancho do outro. Eu fiquei com aquilo tudo e me perguntando: “O que nós vamos fazer com isso, se daqui a pouco vem o jantar?” Chamei um cidadão, que até tirou um pouco da comida para ele, que me sugeriu chamar o padre da Igreja de Santo Alexandre. O padre disse: “Temos aqui um orfanato com umas trinta crianças e estamos passando muita dificuldade. A gente arranja comida com as tropas que passam, com as tropas de ocupação, mas nunca tivemos tanta comida assim”. Botei aquilo tudo no jipe e o padre me levou até o colégio das freiras, o orfanato. Como todo colégio de freiras, estava tudo muito limpinho, muito arrumado, apesar da guerra. A freira agradeceu muito e rezou por mim. Acho que foi por isso que eu nunca corri muito perigo. Ela me convidou para visitar o colégio e eu logo aceitei. Afinal, era professor. E qual é o professor que não quer visitar um colégio? Havia umas salinhas de aula e entramos numa em que uma das freiras estava ali, com as crianças sentadas. Quando nós entramos na sala, as crianças se levantaram e fizeram a saudação fascista: “*Duce*...” Saudava-se três vezes “*Duce! Duce! Duce!*”. A freira quase morreu de susto, e escutei o padre dizer, entre os dentes: *Questi fascisti maledetti!* Aí, a freira falou em italiano: *Excusate, signore tenente, ma noialtre eravamo constrette a fare, queste cose tutti sera: Duce! Duce! Duce!*. Ela pediu desculpas... Este episódio me marcou muito, pois pude ver como o fascismo vai fazendo a cabeça das pessoas desde criança. Pensei, então, na maneira de ser do brasileiro e fiquei feliz por sê-lo.

Do campo de instrução de Filetolle, nós fomos transportados para Granaglione, bem lá no alto dos Apeninos. Fomos de caminhão, subimos, subimos, subimos e, como a 4ª era a Companhia testa do Batalhão, ela foi a primeira a chegar. E ficou bem no alto...

O Comandante do nosso Batalhão era o Major Orlando Ramagem. Eram dois os majores: um Comandante de Batalhão e o outro, o Subcomandante, que era o Miguel de Souza Aguiar, que não tinha nada a ver com o Souza Aguiar, da Polícia. Era o Major Miguel.

Chegamos lá em cima à tardinha... Já havia ocorrido o problema de Guanella. Foi quando eles puxaram a Companhia para a frente de combate. Ali, já houve uma prontidão. O Capitão nos disse: “Houve um problema lá na frente com a Companhia do Cotrim, do I Batalhão. Eles fecharam o buraco lá na frente com a 7ª Companhia do 6º RI, mas ela está cansada, porque veio de uma outra posição. Foi levada para lá, de

repente, só para tampar o buraco. Provavelmente, de hoje até amanhã à tarde, nós vamos nos deslocar para substituí-la." O Capitão determinou que ficássemos prontos. Então, nós já estávamos prevenidos de que seríamos empregados na frente a qualquer momento. Dormimos equipados e, com tudo pronto, nos acomodamos por ali.

Granaglione não sofreu nada porque era no alto do morro, uma aldeia pequena que os italianos chamavam de *picolo paeze*, no meio de uns castanhais. Já fazia muito frio, era final de outono, já quase chegando o inverno. Vivia-se os primeiros dias de novembro.

Amanheceu e não houve o deslocamento esperado. Então, o Capitão Motta foi fazer o reconhecimento. O Subcomandante da Companhia tinha ficado lá para trás, porque era ele quem se encarregava do material, da comida e da munição. Então, ficara na retaguarda a fim de trazer o material para frente.

O mais antigo dos tenentes, depois dele, era eu. Fiquei então com a Companhia. O Capitão me disse: "Ruy você fica pronto, porque, se eu não puder voltar, eu mando o jipe com o mensageiro e você desloca a Companhia. Naturalmente, o Batalhão vai lhe dar a ordem e dizer para onde você vai".

O Eryx foi e fez o reconhecimento, ficou lá quase o dia todo e, à tarde, ele disse: "Assim que cair a noite, nós vamos nos deslocar para a posição na frente de combate".

Mas nós passamos aquela noite ali. Enquanto a gente estava deitado no chão, o capacete era o travesseiro. Nós estávamos numa casa que tinha um casal com criança pequena, de peito, mamando. A criança chorava muito e eu perguntei por que ela chorava tanto? A mãe disse: "É porque eu não tenho leite". E eu tinha leite em pó na minha ração e pude ajudar. Foi gratificante atenuar aquele sofrimento por algum tempo.

Quanto as rações, o negócio era mais ou menos o seguinte: no Pelotão, eu tinha uma caixa de ração para um dia; a Companhia tinha caixas para dois dias. Havia, portanto, uma espécie de escalonamento de víveres, além da ração que se tinha no bornal. O soldado tinha que ter aquela caixa. Ele comia primeiro a dele. Se acabasse a dele, eu tinha aquela outra no Pelotão, e assim por diante. E, quando consumia, já avisava ao Capitão, por telefone. Quando entrávamos em combate, não dava para ver o Capitão. Eu só falava com ele pelo telefone.

Saímos naquela madrugada e fomos devagarinho. Passamos em Porreta Terme, porque Granaglione ficava antes do Quartel-General, subimos, passamos a tal Ponte de Silla, que era bombardeada dia e noite, e, logo na frente de Silla, havia um caminho que subia para a Casa de Guanella. Passamos em Gaggio Montano, por dentro, mas estava tudo apagado. Gaggio Montano tem uma pedra igual ao Pão de Açúcar. Hoje, eles têm um mirante lá em cima, com um acesso de cento e trinta e

cinco degraus. Eu estive lá recentemente. Passamos por aquela pedra preta à noite e conseguimos chegar e substituir a Companhia do 6º RI que estava lá na área de Guanella. O tempo estava meio enjoado, com muita lama.

A Casa de Guanella era uma casa senhorial de três andares. Era de uma família rica, como é rica ainda hoje. Era dos Berti, Arnoaldo Berti, um advogado. O filho dele foi senador na Itália depois da guerra. A família tem essa casa até hoje, e foram os Berti que deram o terreno para esse outro monumento que se vai erguer lá. Eu mantenho muito bom relacionamento com eles.

Então, eu dizia, a casa do Arnoaldo estava toda destruída, pelo menos os andares de cima. Quando essa Companhia do 6º saiu e nós chegamos, já recebemos um primeiro bombardeio, ainda antes de nos havermos instalado. Essa foi a minha "crisma de fogo".

Mas o Capitão já tinha estado lá durante o dia, quando ele fez o reconhecimento. E já havia instalado o PC num compartimento que dava a frente para o inimigo, no qual havia um rombo de granada que, à noite, era tapado com uma lona escura, e, durante o dia ficava aberto. Deve ter sido uma granada de 88mm que pegou ali. O compartimento, uma sala, parecia ter sido a biblioteca, pelos livros que estavam espalhados pelo chão. Eu apanhei dali uns postais que ainda guardo. Apanhei também dois livros. Lembro-me bem de um que se destinava à formação da cidadania, "*Cuore*", cujo autor era um fascista célebre, Edmundo di Amici, amigo de Mussolini naquela época.

O Capitão Motta arranjou um banco, uma cadeira, e já estava com o telefone ligado com o Batalhão. O Observador de Artilharia estava ali com ele, se não me engano, Tenente Homero. E aquele buraco ali na frente. Ele me disse: "Olha, Ruy, você chegou com a Companhia e está tudo bem. Já teve notícias lá de trás, do Milton? Ele está puxando o material e já tem um lugar para a cozinha mais a retaguarda; já arranjou um lugar para colocar o material. Aqui é o PC do Capitão e está aqui o telefone. O Meireles vai para não sei onde fazer a ligação com a 6ª Companhia (que era a do Capitão Covas)."

Ficaram engajadas na linha de frente duas Companhias, a 4ª e a 6ª, e a 5ª ficou em reserva. Do meu Batalhão eram a 6ª Companhia, do Covas, a 4ª, do Motta, e a 5ª, do Henrique Cardoso... o outro Capitão era o Américo Batista de Moraes, Comandante da CPP, a Companhia de Petrechos Pesados. O S/3 era o José Vasconcelos, acho que já faleceu, e o Comandante da Companhia de Comando era o Luís Pereira da Cunha, que perdemos há uns dois anos atrás. Esses eram os capitães do meu Batalhão.

Depois da guerra, nós costumávamos nos reunir de vez em quando: o Eryx Motta, eu, o outro Tenente da minha Companhia, o Silvio Leandro Meireles, que era

engenheiro militar de comunicações, o Oswaldo Tavares Bezerra, que é Coronel, cearense e mora no Crato, e o camarada que entrou no lugar do Montanha, que era um daqueles Subtenentes que foram convocados; era um daqueles R/1, José Maria Amaral Neto, e que já faleceu. Era bem idoso e sempre muito engraçado. Fez a Revolução de 1932. Naquele tempo em que o cara, para atirar, ajoelhava e segurava a pistola apoiando o cotovelo no joelho. Então o pessoal ria muito com ele, quando falava: "Vou fazer como em 1932." E ajoelhava no chão e botava a pistola naquela posição. Nós dizíamos: "Toma cuidado Amaral Neto, fica assim que você vai ver uma coisa". São essas passagens, essas brincadeiras que a gente não esquece e que, na verdade, têm importância.

Em Guanella, primeiro, nós sofremos esse bombardeio. Mas, depois, quando clareou o dia, fizemos o reconhecimento do local. O meu Pelotão ficou na estrebaria na parte esquerda do edifício. Essa estrebaria hoje é uma garagem. Eu estive lá recentemente e, como hoje está tudo mecanizado, ninguém a usa mais. A casa senhorial foi toda recuperada. Os três andares, tudo. Ficou bonita e é a casa dele e da família. É uma casa de campo. Ele é dono das terras e das propriedades. Aos que trabalhavam em suas terras (meeiros), ele dava um pedaço das mesmas, tornando-os, também, pequenos proprietários. Ele passa muito tempo em Guanella, o descendente dos Berti. Ele é um dos que deu o terreno para fazer o monumento que nós vamos inaugurar.

Ficamos dezessete dias em Guanella. Chegamos dia 4 de dezembro de 1944. A retirada havia sido de dois para três. Nós chegamos no dia 4 e saímos no dia 23. Saímos quase na véspera de Natal. Ali, fizemos esse reconhecimento do Montanha, que não foi bem um golpe-de-mão, foi uma patrulha de reconhecimento.

Na frente de Guanella, havia três posições alemãs: a C. Vitelline, tinha a La Ca e Fornella, que depois foi tomada pelo 11º, e, mais acima, a posição mais forte deles, lá no alto, Monte Castelo. Então o nosso problema era descer a encosta e fincar pé ali em C. Vitelline, porque em C. Vitelline a gente ficava mais encoberto, a gente fugia um pouco do fogo da ala esquerda de elevações, que era toda deles. A ala esquerda, que se chamava Mazzancana. Quando Mazzancana caiu, tomada pela 10ª Divisão de Montanha, liberou a gente e deu para fazer o ataque. Nós recebíamos fogos de lá e também do lado de Bombbiana, à direita. Assim, o fogo cruzava exatamente na frente de Guanella, na direção de Abetaia para Guanella. Então, toda tentativa frontal, todos os ataques frontais foram perdidos.

Quando Mazzancana caiu, melhorou para a gente. Essa foi a visão de quando eu era Tenente. Depois a gente lê e vê como é que foram as coisas. Lê as ordens de combate e fica mais esclarecido. Mas como Tenente, a minha visão foi essa. Foi nessa região também, naqueles ataques frustrados, principalmente no do dia 12 de dezem-

bro, é que houve uma falha grave: foi quebrada a surpresa, porque houve um sinal e a Artilharia teria se antecipado. Não sei se foi a Artilharia. O pessoal falava que houve um desencontro das informações entre a Artilharia e o pessoal da base de partida. Nesse ataque do dia 12, a base de partida era na linha Guanella-Bombbiana. Não sei o que houve, realmente. A minha Companhia ficou com o seguinte encargo: base de partida para uma Companhia, que era a 6ª do 1º RI, a do Capitão Farah, que já faleceu. O Tenente era o Apolo. A nossa Companhia ficou com a missão de apoiar com os fogos o ataque, complementar os fogos, e em caso de insucesso, acolhê-los, que foi o que aconteceu. Então, pela minha esquerda, eu me lembro como se fosse hoje, veio o Tenente Apolo que perdeu quase a metade do Pelotão. E ele veio desesperado, gritando cadê o fulano, você viu o beltrano, onde está o ciclano, junte-se aqui, vem para cá... Da minha posição dava para ver, porque ele já tinha passado, de volta, por minha posição, e estava na minha retaguarda. Disso, eu me lembro bem e escrevi no meu diário, tomei nota bem disso e me lembro bem do Apolo. Depois ele esteve no COR algum tempo, mas desistiu. A gente conversava muito sobre esse episódio e ele dizia: “Puxa, quando eu vi vocês ali...”

É preciso, e eu quero deixar bem claro, que essa era a visão de Tenente, de vinte e poucos anos e que, às vezes, reclama do que ele não entendeu direito. Mas foi assim que eu vi os fatos.

Uma coisa era certa: as frentes dos pelotões eram muito grandes. A gente aprendeu com o francês que o Pelotão teria 150 metros de frente. Com o pelotão reforçado com uma Seção de Metralhadora, a gente ficava com uma missão em uma frente muito grande e a metralhadora não tinha condições de bater pelo fogo toda a área de responsabilidade do Pelotão.

Guanella tinha mais ou menos a forma de um U aberto. No meio, tinha um poço ou um laguinho. Esse poço estava entupido de petrechos. Quando nós chegamos em Guanella havia material espalhado por todo lado. Tinha de tudo, até violão. Eu tenho a impressão de que a Companhia do 6º RI que ocupou a posição antes de nós, não tinha idéia de onde estava. Isso foi muito comentado. Eu mesmo peguei mais um morteiro 60mm ali, abandonado por eles. Essa Companhia foi embora e nem se interessou por aquilo. Talvez porque eles já fossem veteranos, já estavam em campanha desde setembro...E nós, não. Nós éramos “calouros”. Tudo o que servia para reforçar o Pelotão, a gente apanhava. Eu apanhei até um saco de dormir que me serviu a guerra toda. Estava meio rasgado mas eu o costurei. Era de gabardine, não entrava água, e, dentro dele, tinha um saco de lã que podia ser removido. Aliás não fui eu que o apanhei. Um soldado o apanhou e, como ele fumava e eu não, ele propôs trocar os pacotes de cigarro que eu tinha pelo o saco de dormir. Troquei com

ele. Diariamente, religiosamente, a gente recebia um maço de cigarros, uma barra de chocolate e uma barra de chicletes.

Quem passou fome na FEB ou era "desligado" ou não cumpriu as rotinas. Porque eles já tinham aquelas rações no bornal, ele tinha a comida, comida que podia não ter hora de chegar, mas chegava. Quando nós estivemos em posições de difícil acesso, por exemplo, havia uma companhia de transporte com mulas, de um italiano que nos prestou bons serviços.

Cada Pelotão contava com um italiano encarregado. A Companhia recebeu três italianos que conheciam mais ou menos a área. Cada um deles botava as marmitas do Pelotão na mula e ia aproveitando os caminhamentos, geralmente à noite. Sobre isso eu já escrevi uma vez, porque é um detalhe interessante. Esse nosso italiano, nós não sabíamos nem o nome dele, chamando-o pelo apelido, que era "Barba", porque ele possuía uma barba, aliás quase todos aqueles alpinos usavam a barba grande. Ele trabalhou conosco quase uns quinze dias, levando a comida. Sempre pontual. Pegava as mulas, chegava lá na posição, arriava as marmitas, a gente as pegava, tirava a comida, e ele as levava de volta. Ele não era de muita conversa. Esse italiano ia e vinha, ia e vinha, debaixo de bombardeio, acontecesse o que acontecesse. Um dia a mula chegou sozinha, de noite, no escuro. A mula sabia o caminho, veio embora para a posição. Um mensageiro meu ia esperar o Barba, porque, às vezes, o Pelotão mudava a posição e eu botava o mensageiro num ponto de encontro. Procura daqui e dali, vieram me avisar: "A mula chegou, Tenente, mas o Barba não chegou. Determinei:" "Você vai para lá e espera, porque ele deve aparecer, a não ser que tenha morrido pelo caminho vítima de algum bombardeio." O mensageiro ficou lá, e daí a pouco, chega ele com o Barba. O Barba estava furioso da vida, falando aquele monte de palavrões em italiano, enquanto o pessoal começou a gozá-lo pelo que houve. Com este *maledetto nazisti*, com aquela mula *desgraciata*, um *maledetto* bombardeamento... Bombardearam, a mula se assustou, fugiu da mão dele e se mandou para a posição do Pelotão.

Depois de Guanella, nós passamos à reserva e eu fiquei em Casa de Cordetta, onde passamos o Natal, e onde ocorreu o episódio do "orso", o cachorro "observador de artilharia". Era um cachorro bonito, peludo, e como urso em italiano é "orso", o cachorro, peludo como um urso, era "orso". Cachorro e soldado fazem sistema. O soldado dava comida, fazia carinho...e ele corria de um lado para o outro, preso àquele fio de arame com mais ou menos dez metros de comprimento. Começamos a reparar que, quando passava a granada, ele ou ficava quieto, parado, ou então corria para dentro da casinhola. Quando a granada explodia perto ou no alto do morro ou um pouco à frente, porque o tiro às vezes era curto, às vezes era longo, ele corria.

Quando ela ia cair perto, ele antes corria para dentro da casinhola. Então ficávamos observando: ele correu para dentro da casinhola, vem fogo aí. Corria todo mundo para os *fox hole* que tínhamos cavado em volta da casa. Quando ele só ficava quieto, com a calda parada, levantada, a granada passava. Ele escutava, tinha pela audição a percepção da maior ou menor proximidade da granada. Então, quando ele corria para dentro da casinhola, todo mundo corria também para os abrigos. Ele se tornou um “observador de Artilharia” diferente...Foi útil, porque ele evitava que fôssemos surpreendidos por uma granada que explodisse ali perto...

Em Casa de Cordetta, nós ficamos até sair para Bela Vista. Antes nós saímos dali e fomos para um lugar chamado Casa de Fauro. O Capitão Motta conseguiu reunir a Companhia nesse lugar porque ela ia ser movimentada. Em Casa de Fauro, nós passamos uma noite. E, então, fomos para Bela Vista, preparar um ataque, o ataque de Rocca Pitigliana e de outro povoado próximo. Ainda não tinha havido a tomada de Monte Castelo. Em Bela Vista, ficamos com um Pelotão em Falfare. Esse Pelotão de Falfare é que fez uma ação diversionária para enganar os alemães, porque o ataque ia ser pela direita, o ataque que teve êxito, o de 21 de fevereiro. Uma parte da 4ª Companhia ficou em Falfare, fazendo uma simulação de ataque, enquanto o Regimento Sampaio, tenho a impressão, fez mais alguma coisa, porque para lá foi só o Pelotão do Meireles. Nós perdemos um soldado ali, o Américo. Há uma rua com o nome dele em Marechal Hermes, no Rio, Américo Ferreira.

De Falfare, participamos do ataque de Rocca Pitigliana. Depois do ataque, nós fomos receber mais munição. Esse ataque nós fizemos junto com a 10ª Divisão de Montanha. Ela desceu pela ravina da esquerda, e nós fomos frontalmente à cidade. Eu me lembro que eles usaram ali o lança-chamas. Foi a primeira vez que eu os vi usarem aquele negócio. Não sei para o que foi, se tinha alguma posição inimiga, alguma arma. Foi a primeira vez que eu vi um lança-chamas. Aí, nesse local eu também vi uma outra coisa também pela primeira vez, uma coisa rara. Houve uma propaganda falada na frente de combate. O americano instalou os alto-falantes na frente, não sei onde e, de repente, alta noite, eles começaram a falar em alemão. Isso foi na véspera do ataque. No meu Pelotão, havia soldados que entendiam alemão, porque a metade do meu Pelotão era de catarinenses, e a outra metade de baianos e sergipanos...uns dez eram catarinenses. Havia um Rudolf, um Schoerer, e outros. Um deles me disse que os americanos estavam apelando para que os alemães se rendessem antes que acontecesse coisa pior. A propaganda durou uns quinze ou vinte minutos. Nós ficamos alarmados, desconfiados. Aí, o Capitão, lá de trás, pelo telefone, disse: “Ruy, calma aí! Já recebi a informação de que eles estão fazendo uma propaganda convidando o alemão a se render porque é tempo perdido resistir”.

Enfim, o Capitão sabia e me avisou. E eu tive que avisar às posições lá na frente, para não se apavorarem com aquilo. Nós já estávamos no meio do inverno aí houve o ataque a Monte Castelo. Dali, nós nos deslocamos para Riola a fim de atacar Castelnuovo, ação na qual a minha Companhia realmente teve a oportunidade de atacar em primeiro escalão. Atacou junto com o 6º RI, com a Companhia do Aldenor da Silva Maia, que atacou lá pela esquerda, por um monte que até ficou famoso, a Torre de Nerone. Nós atacamos ao sul.

Em Castelnuovo, se atacou em forma de pinça, porque Castelnuovo estava no alto, o Batalhão do Ramagem foi pela direita, pela margem do Rio Reno, e o Aldenor, do 6º, atacou pela esquerda. Quem entrou em Castelnuovo foi a Companhia do Aldenor porque ele seguiu mais ou menos numa altura compatível com a altura de Castelnuovo. Então ele andou num terreno que, embora inclinado, era uma via de acesso elevada. Nós tivemos que subir. Tanto que os lugares ali se chamavam Lareda Di Soto, quer dizer Lareda de baixo, Lareda de Sopra, Lareda de cima. Era uma subida. Depois vinha Ser Bonzone, que já era mais ou menos na mesma altura do lugar onde estava o Aldenor.

Foi lá que esteve o Joel Silveira, que escreveu o livro *O Pracinha*. Ele esteve no meu Pelotão quando já estávamos em C. Bonzone. Depois que nós fechamos a pinça por cima e por trás da posição alemã. Houve um problema aí: o fotografo que fazia a cobertura fotográfica para ele era o Horácio. Ele, no livro, diz que era o Tirso. Não era o Tirso, era o Horácio, um cidadão de meia-idade, cinqüentão. Ele foi tirar fotografia em Castelnuovo e não deu outra: recebemos um bombardeio sobre nós, tanto que ele diz que tivemos que nos proteger nos abrigos, embaixo de umas ruínas. O Joel Silveira diz no livro dele isso aí, mas foi o Horácio que provocou a situação, com o reflexo da máquina. Já era dia claro quando o Horácio foi fotografar. Nesse lugar, onde nos abrigamos, tínhamos descoberto um pernil de porco. As cozinhas italianas, geralmente, eram no térreo, e eles tinham, no meio da cozinha, um quadrado de cimento com uma argola. Soldado fuça tudo. Eles começaram a botar um fio naquela argola e a puxar de longe, pois podia ser uma mina. Mas quando destaparam aquilo, havia cinza, cinza de lenha, e eles então, com muito cuidado, cavaram em volta. Ali enterrado estava a provisão da cozinha. Havia queijo, pernil, garrafa de cerveja feita em casa... Eles faziam isso nas costas do Tenente e só vinham me mostrar quando já haviam descoberto o que era. "Tenente! Nós achamos um pernil aqui. não sei se há vinho." Joel Silveira fala nisso. Bebemos um copo do vinho encontrado, comemos do pernil, tudo do que estava enterrado lá no meio da cinza... Então, toda cozinha em que se chegava, ficavam procurando logo aquele quadrado das provisões.

Nesse ataque a Castelnuovo, aconteceu o seguinte: o Batalhão do Ramagem atacou com a 5ª e com a 4ª Companhia, e usou a 6ª, do Covas, como reserva. A CPP, do

Américo, seguiu pelo Vale do Reno até mais embaixo, e ocupou uma posição de morteiro mais ou menos no ângulo morto. Só que a gente, para passar pela estrada, para chegar na base de partida, que era lá embaixo, passava-se por um barranco baixo, pequeno, quase rente com a estrada. Ficávamos expostos e recebíamos fogo direto.

Registrei no meu diário uma das coisas que eu admirei no meu Capitão. Ele estava no meu Pelotão porque nós estávamos fazendo fogo de apoio de metralhadora e nós tínhamos que realizar uma mudança de posição da metralhadora. Ele estava comigo, impulsionando não só o meu Pelotão, mas também os dois que iam na frente, em primeiro escalão. Era mais ou menos uma distância de uns trinta metros. Havia uma ravina com tiro enfiado e, do outro lado, um barranco abrigado. Ele olhou para mim e disse: “Olha! Vou dar o lance. Você cuida aí.” E, entre uma rajada e outra, deu o lance para o outro lado. Não é brincadeira não, fazer uma coisa dessas! A rajada fez ti, ti, ti... junto aos pés dele. Aí eu calculei: se eles deram essa rajada no pé do Capitão, eu vou em seguida. Corri também, mas não recebi a rajada. Quando eles começaram a atirar de novo eu já havia passado.

O risco foi muito grande e eu vi que, se os outros tentassem cruzar ali, um ou dois passariam, mas alguém ficaria, certamente. Fiz, então, sinal para o pessoal de que por ali não dava para passar, e eles foram atrás do Pelotão de Morteiro cujo Comandante era o Tenente Rubem de Andrade. Desceram mais um pouco e caminharam pela beirada do rio até chegar onde o Capitão Motta já estava esperando e eu também. Isso atrasou um pouco na subida, mas o Pelotão passou com segurança. Depois, lá em cima, no ataque a Castelnuovo também não morreu ninguém nosso. Tivemos uns feridos, porque nós estávamos nessa ação de desbordamento e o inimigo atacava muito a Companhia que ia pela ravina. Nessa mesma ação, estavam as companhias do Aldenor e do Henrique, este avançando pela nossa esquerda...

O Aldenor entrou em Castelnuovo e nós prosseguimos, até que, mais adiante, paramos, eu me lembro, num lugar que era um cemitério. Aí paramos. O Aldenor ocupou Castelnuovo, fez a limpeza da cidade, e nós ficamos ali aguardando ordens.

Em seguida, veio a ordem de retornar a Lizzano, que era o ponto de reunião de onde havíamos saído para o ataque. A Companhia ia ser deslocada mais para a frente porque ia participar de outro ataque. Começamos a preparar o ataque de Montese. Então, em Lizzano, ficamos algum tempo. A Companhia foi levada um pouco para a retaguarda para haver um descanso. Fomos para Porreta. Começaram as licenças. Recebi uma licença de quatro dias e voltei nas vésperas do ataque de Montese.

Fui a Florença. Para ir, a gente perdia quase um dia, porque tinha que sair de madrugada. Florença estava, dali, a mais ou menos uns sessenta quilômetros, uma hora e meia a duas horas de caminhão. Mas a viagem se tornava longa, porque havia

uma prioridade na passagem nos pontos de controle da polícia. Às vezes, o caminhão ficava parado, esperando passar um comboio. O americano nisso era rigorosíssimo. Ele tinha o mapa de quem ia passar e de quem não ia. Quando peguei o caminhão lá no PC do Batalhão, já estavam mais ou menos dez, 12 homens. O S/1 do Batalhão, Gonzaga, me disse: "Você vai passar na retaguarda e pegar mais não sei quantos homens das 4ª, 5ª e 6ª Companhias". O caminhão lotou. Entraram mais dois oficiais, eram 2º tenentes. Fui designado para chefiar esse grupo por ser o mais antigo. O S/1 me entregou a autorização com a relação do pessoal para Florença. Mas deveríamos passar no QG para pegar uma autorização para ir ao hotel. Em Florença, havia um edifício, assim como o da Central aqui no Rio, que foi transformado em hotel para descanso dos soldados. Tinha de tudo. No pátio, embaixo, prepararam um palco de teatro, ringue de boxe, bilhar, uma cantina, café, banho, cabelo, manicure. E a Cruz Vermelha. Tinha tudo ali. E havia os dormitórios.

O QG estava em Pavana. Chegando lá, apresentei-me ao Major que era encarregado das licenças. Ele mandou descer todo mundo. Queria fazer uma inspeção no pessoal. A gente precisava levar o uniforme de passeio. Como eu tinha saído mais cedo, havia apanhado o meu uniforme de garbadine. Dobrei direitinho, botei dentro do bornal, amassadinho, mas embrulhado. Havia trazido o casquete e dado uma graxa na botina.

Mas o soldado, coitado, o uniforme de passeio do soldado era aquele uniforme de lã, e que ele botava dentro do saco de qualquer maneira. Ele não tinha um gorro de passeio. Ele tinha aquele gorro de bico e aquele bonezinho de lã, que tapava as orelhas, ou o capacete. A maioria deles tinha saído de madrugada da posição, para ir para o PC do Batalhão a fim de gozar a licença. Haviam trazido aquela tralha toda e posto dentro do bornal. Quase todos tinham vindo como estavam, para mudar a roupa no hotel, depois do banho, como eu também. Só que eu estava direito, arrumado, com uniforme de lã, *combat boot* limpo. Como eu tinha que dar o exemplo, saí arrumado, mas com o uniforme de campanha com o capacete. Mas na retaguarda não se podia levar o capacete de aço. Eu botei o gorro de lã, que era o de passeio.

Saltou todo mundo e foi aquela confusão. Havia gente de capacete, sem capacete, com gorro, sem gorro, com cinto, sem cinto... E aí ? Agora fazer o quê? O Major não queria explicação. Eu lhe disse: "Major, só uns quatro ou cinco aí que estão comigo e são aqueles ali, são da minha Companhia. Os outros vieram de outros lugares, foram embarcando no caminho." "Mas o senhor devia ter visto", disse ele. Não teve conversa. Ele ficou bravo, chamou o Subtenente e disse: "Recolhe todas essas coberturas desse pessoal e fornece 'bibico' para todo mundo." Aí, até cada um arranjar um gorro de lã que desse direitinho na cabeça, perdemos ali duas ou três horas da folga que a gente ganhara.

Chegamos em Florença e me disseram: “Você tem que passar ali onde estão os banheiros e a lavanderia.” Aí o atendente, americano, em vez de levar o pessoal logo para o banheiro, fez como ele fazia com a tropa americana, levou o pessoal num balcão comprido, onde outro americano, que ali estava, não conseguia que entendêssemos o que ele queria. Como eu sabia um pouquinho de inglês, entendi que ele queria que a gente entregasse o fardamento que usávamos. Ele veio com um saco dobrado, assim como os que vêm da tinturaria, mas com fardamento americano: uma calça, uma blusa etc. Foi difícil desfazer a confusão. Só chegamos a um acordo com a ajuda de outro americano, que falava mais ou menos o italiano, e com o argumento de que as insígnias eram diferentes. Para eles, foi uma beleza, porque não precisaram lavar nossa roupa.

Assim, a turma entrou, tomou banho e um guia levou cada um para o seu dormitório. Eu marquei dia e hora de nossa volta. Disse a todos: “A reunião é aqui. Quem não estiver, perdeu, eu vou me embora. Vá, depois, pelos próprios meios! Vou sair de manhã cedo com o caminhão, porque não vou voltar lá pelo Major não... Ele queria os gorros de volta...” Os gorros, os capacetes... mas isso é uma outra história. Havia uma fartura de material... uma quantidade enorme! Por que devolver?! Se o *combat boot* rasgava, falava-se com o Capitão e ele mandava pegar outro. E, aí, já começava a vir o *combat boot* americano, que era amarelo. E a turma toda, de um modo geral, arranjava um jeito de trocar, porque a botina era diferente...

Quando nós saímos do Brasil o *combat boot* do Oficial já era amarelo. E do praça nem era *combat boot*. Eles tinham uma botina e a perneira de lona verde. O soldado usava perneira de lona verde. Mas, chegando lá na Itália, viu-se que não se estava mais usando aquela perneira, e, de um modo geral, se fornecia o *combat boot*.

Mas, voltando às operações. Em Montese, o Batalhão do Ramagem ficou na reserva. O ataque foi feito pelos I e III Batalhões. O I, que era o do Jacy, recebeu novo Comandante. O III era do Major Cândido. Nós ficamos ocupando as orlas, enquanto eles ocuparam Montese. Quando eles partiram para o combate, foi aquilo que todo mundo sabe. Terrível! Mas o Iporan entrou lá, uma façanha que todo brasileiro deveria conhecer. O Iporan e o seu Pelotão foram brilhantes! Depois ele prosseguiu, chegando a Zocca. Havia outros de quem me lembro. Os tenentes Sérgio e Aluísio, que eram da Companhia do João Farias. O Subcomandante do Farias era o Seixas. Ele se vestia de italiano e se metia lá no meio das linhas inimigas. Era o Nicolau Seixas. Uma figura! O Tenente Sérgio Gomes Pereira, hoje Coronel, sabe das histórias do Seixas. Depois da guerra, ele se formou em medicina, alguma coisa assim.

O Sérgio perdeu muita gente do Pelotão, inclusive um dos seus sargentos. O Sérgio, realmente, enfrentou uma luta danada! Ali, morreu o Ary Rauen, um rapaz

da reserva, natural do Paraná. Morreu também o sargento Wolf, um combatente respeitadíssimo! Mas o Wolf morreu de dia, na patrulha de reconhecimento por ele comandada no dia 13 de abril, na véspera do ataque a Montese.

Morreram dois oficiais ali em Montese e outros ficaram feridos. O ataque continuou até Zocca.

Como citei, ficamos na reserva, ocupando as orlas de Montese, até haver um novo deslocamento. Aí, já começou aquela corrida para o Vale do Pó. Mas nós ficamos ali, aguardando os caminhões da Artilharia, nós não tínhamos viaturas. Dali, a nossa primeira parada foi em San Polo d'Enza. Isso aí já foi depois de vinte de abril... Deslocou-se o Batalhão Ramagem todo, parando em San Polo d'Enza. Os outros eu não tenho idéia onde ficaram. Dali de San Polo d'Enza, fizemos patrulhas de reconhecimento para os lados. Eu fiz uma patrulha numa cidadezinha chamada Traversetolo.

Eu tenho mantido comunicação com pessoas dessa localidade. Mandaram-me, outro dia, uma flâmula. De vez em quando, eu escrevo para eles... eu sou aquele Tenente que entrou aí assim...etc.

Recebemos a missão de ver se havia alemão por ali. Mas do meu lado, felizmente, o Pitaluga já tinha passado nas imediações. Então, os alemães que estavam por ali já haviam retraído. Podia ter um ou outro enrustido por lá, mas a tropa mesmo já não se encontrava mais.

Quando eu cheguei na entrada de Traversetolo com o meu Pelotão, arranjamos uma bazuca, botamos na frente do jipe; o Pelotão, pelos lados, com as armas mais potentes, o esclarecedor à frente, e, atrás, o sargento serra-fila. E fomos avançando, devagarinho. Mas quando nós entramos nas ruas que davam acesso à cidade, já vimos, nas sacadas, os panos brancos. E enquanto íamos avançando devagar, espreitando o que acontecia por ali, começou a juntar gente na rua principal, e já vinham com uma garrafa de vinho... e eu tive que controlar o pessoal para não nos envolvermos em uma comemoração antecipada.

Em Traversetolo, eu obtive as informações que precisava sobre a rede de eletricidade, de telefone, e tudo mais. Dali, voltei com os dados para San Polo d'Enza. Naquela noite, veio uma notícia falsa que tinha acabado a guerra. Foi um tiroteio, todo mundo falando, mas veio uma contra-informação e, naquela noite mesmo, saímos para Collecchio. O Pitaluga fez contato com o inimigo, o 6º RI também fez contato, e nós fomos para Collecchio. Quando nós entramos em Collecchio, enfrentamos um combate de localidade. O Ramagem mandou a nossa Companhia atacar não bem na rua principal, mas numa rua paralela a ela, e na rua principal não sei quem ficou. Nessa rua principal, para a direita, tinha um armazém dos alemães, mas eles já haviam evacuado e ali restava carroça, cavalo, carro, cozinha. Era uma espécie de

depósito. Eles recuaram, mas ficaram nas orlas da cidade, ocupando a estação ferroviária, a última estação e a frente da igreja. A igreja ficava numa elevação. Eles se puseram primeiro na igreja. Eles recuaram mais e a gente começou a revistar as ruas e as casas. A Companhia do Henrique foi em primeiro escalão, se não estou enganado. Eu sei que nós ficamos no meio do dispositivo. Aí, os alemães começaram a se render. Uns se entregavam, outros resistiam. Avança daqui, avança dali, mas, com o bombardeio de morteiro, a resistência foi diminuindo, até que conseguimos cercá-los. Fizemos, ali, cerca de seiscentos prisioneiros. Entre quinhentos e seiscentos. Eles começaram a ser levados para a igreja. Na igreja, separamos os oficiais...Um deles queria saber do ordenança. Aí, se vê a história da grandeza e da servidão militar. Ali, estava um Major preocupado com soldado ao lado de quem combatera. E o ordenança, da mesma forma, procurando o Major...

Essa interação entre os homens em combate é muito importante. Eu posso dizer de cadeira porque num dos bombardeios de Guanella, eu não sei se eu estava distraído, ou estava fazendo qualquer coisa. Eu tinha um soldado que não era lá muito bom elemento. Ele tomava umas “canas” de vez em quando. Esse rapaz até já morreu. Procurou-me no Rio diversas vezes, porque ele era alcoólatra. Eu o internei no HCE em várias ocasiões, mas ele fugia. Ele ia lá em casa me procurar. Era de São Paulo. Era um dos poucos paulistas que eu tinha no Pelotão. Ele ouviu ou sentiu o silvo da granada. Eu também senti, mas fiquei indeciso. Ele me empurrou para o chão e, praticamente, deitou-se por cima das minhas pernas assim como quem quisesse proteger o Tenente. Pensei: “Puxa! Esse cara não é tão ruim como parece!” Mas quando ele tomava uns tragos, ele era perigoso! Não sei como, ele arranjou lá uma carabina .30 e andou dando umas rajadas por conta própria. Tive que tomar a carabina dele. Conversei com ele, mas tive que colocar o cabo Machado tomando conta dele. O Machado era do Rio Grande do Norte e, depois da guerra, foi trabalhar nos Correios. Eu lhe disse: “Machado, acabou a guerra, agora você toma conta do Ruiz, não deixa ele fazer besteira.” E o cabo ficava colado com ele para evitar que fizesse bobagem.

Nós ficamos ocupando Collecchio. Quando o 6º RI tomou Fornovo nós começamos a ajudar na limpeza da própria Collecchio, aquela beirada, aquelas áreas nas quais a gente não tinha chegado ainda. Houve a rendição da Divisão alemã e começaram a reunir os prisioneiros. A Companhia ficou alojada já em algumas casas inteiras. Eu me lembro que fiquei numa casa muito boa. A gente procurava sempre abrigar o soldado num lugar bom. E essa casa, um palacete, me chamou muito a atenção. Pela primeira vez, vi uma cozinha rica, de gente de posse. Toda ela em aço inoxidável. Uma coisa enorme. E também os banheiros, onde a gente

tomava banho, eram excelentes. O banheiro tinha aquela coisa que parecia um telefone... aquilo, para nós, era uma novidade. Um soldado foi tomar banho com aquilo e disse: “Isso é muito bom; tem até telefone no banheiro!” E outro logo corrigiu: “Rapaz, isso não é um telefone, é um esguicho para você tomar banho.” Era uma casa, realmente, luxuosa. E o dono a colocou a nossa disposição. Evidentemente, nem podia ser de outra forma, naquelas circunstâncias. Delicadamente dizíamos: Senhor fulano, nós cuidaremos bem da casa... Nós ficamos lá, mas ninguém foi lá para dentro da casa do homem. Nós, apenas, nos instalamos na cozinha e na dispensa. Ficamos por ali...

Dali, nós retornamos. Fomos de caminhão para um lugar chamado San Salvatore Monferrato. Ficamos ocupando a cidade, com a missão de policiamento para manter a ordem. San Salvatore é o que eles chamam de *fraccione*. Alessandria é uma cidade grande. San Salvatore era mais um bairro isolado, como se fosse uma cidadezinha. Vamos dizer que seria um subúrbio, porque ficava a uns cinco quilômetros de Alessandria. Passando de Alessandria, havia uma primeira povoação chamada Castelleto Monferrato, onde ficou uma Companhia, e nós ficamos mais avançados, em San Salvatore. A Companhia do Américo foi, ainda, mais adiante, para uma cidade cujo nome não me lembro. Em San Salvatore, nós ficamos uma semana e pouco. Eu me lembro que havia uma fábrica de refrigerantes... De Collecchio a San Salvatore era longe. Viajamos quase o dia inteiro de caminhão. Collecchio bem ao Norte, e nós viemos de novo para o Sul, porque Alessandria era um entroncamento ferroviário. De San Salvatore, fomos recolhidos para Alessandria, para um quartel até bem moderno, uma construção diferente. No quartel, as companhias ocupavam um espaço com um corredor central que tinha de um lado o alojamento do Capitão, do outro a “reserva” do material, também de um lado e de outro, os pelotões, a cozinha e, lá no fundo de tudo, os banheiros. Cada Companhia ocupava o seu pavimento. Quando o Capitão apitava, formava todo mundo no corredor, a Companhia toda. O corredor era o lugar da formatura. Era um quartel muito bom, bastante confortável. E era camuflado.

O Batalhão Ramagem, pelo menos, ficou todo ali, naquele aquartelamento. Não sei onde ficaram os outros Batalhões do 11º RI, porque o quartel não era muito grande. Mas devem ter ficado ali por perto. O “Sampaio” foi lá para Piacenza, o 6º RI ficou em Tortona, e nós ficamos em Alessandria. Nós tirávamos serviço na cidade.

O clima, o frio, foi difícil. Mas nós tínhamos meios de enfrentá-lo, porque não faltava roupa. Eu me lembro que eu tinha uma ceroula e uma camisa que tenho até hoje, e que vou levar para Cruz Alta agora. Cinqüenta anos e não caiu um botão. Um sistema interessante. A ceroula era abotoada na frente. Da bragui-

lha para trás, havia um sistema de cadarço, parecido com o colete de mulher antigamente. Então ela servia em qualquer um. Cabia num magro como eu, apertando o cadarço, e cabia num gordinho. Prático. Em cima dela eu vestia o nosso uniforme de lã, que era uma lã, 20% de lã, mas que dava para o gasto. Apesar de que, com a chuva, encolhia.

O Brasil, infelizmente, não teve tempo de mobilizar as indústrias. Então ele comprou o que tinha no mercado. A Casa Moraes Alves, que era de uniformes militares, foi quem fabricou as camisas. Fabricava os uniformes. As costureiras se viraram, e, em uma semana, faziam um uniforme. Além da Moraes Alves, tinha aquela Roque Gagliano, que era uma outra casa que vendia uniforme. Bem, eu vestia aquele uniforme de lã, e, por cima dele, um uniforme meio cáqui, que por dentro, era lã e por fora era de um tecido no qual a água não pegava. Ele recebia água, parecia que molhava, mas a água não passava para dentro. Ele tinha um calção, daqueles com uma braguilha de fecho ecler e com elástico na cintura, e uma blusa igual do mesmo material. Pelo menos a minha Companhia possuía esse tipo de abrigo. Tínhamos meias de lã, lã grossa, o *combat boot*, ou uma botina no caso do soldado, e, por cima, uma galocha que vinha até o meio da canela. Essa galocha era de material leve e não entrava água de jeito algum. Eu me lembro bem da minha. Não entrava água... Todo mundo tinha esta roupa.

Muita gente pegava o cobertor, a manta, que era de boa lã (além da nossa, a gente tinha a de lã americana), e como cada soldado tinha duas, três mantas, em conversa com as italianas, mandava fazer uma espécie de sapatilha e não usava a botina, somente a galocha. Com o inverno, a nossa botina ficava rígida demais e machucava o pé. Então, muitos botavam a meia, aquela sapatilha de lã, que se parecia com um sapato mocassim, e botava aquilo dentro da galocha com o jornal e com palha de trigo. Todo mundo comenta que, por isso, o brasileiro quase não teve "pé-de-trincheira", que era o congelamento dos pés.

Deixa-me contar o caso do Virgílio, o corneteiro. O Virgílio, até pouco tempo, era vivo e morava ali perto de Magalhães Bastos, no Rio. Eu o conheci no 2º RI, quando ele veio servir e queria ir para a banda de corneteiros. Era um negro atarracado, desses que não têm muito pescoço. Era o tipo do cara bom para corneta: tórax avantajado, meio "fortezinho". Ele foi para a minha Companhia, a 8ª Companhia do 2º RI, cujo Comandante era célebre no Exército, o famoso Capitão "Bibi", de quem também eu tenho uma crônica, o Capitão Antônio Damião de Carvalho Júnior. O Bibi era desses para quem era Caxias no céu e ele na terra. Era todo do regulamento, era aquele de quem contam aquelas anedotas, mas que muita coisa daquilo era verdadeiro. Morava no quartel. Ele se casou muito mais tarde, eu tenho impressão, já como

Major ou Tenente-Coronel. Vivia no quartel. Ele tinha uma grande vantagem: tanto brigava para baixo como para cima.

A Companhia dele, era dele, e de mais ninguém. Ele não admitia que ninguém fizesse nada sem falar com ele. Ele defendia o subordinado dele até o fim. E quando tinha que “sentar a ripa”, ele sentava sem dó e sem piedade. Eu o conheci, ainda Aspirante, no 3º RI, quando eu era soldado. No tempo que o Oficial-de-Dia andava de espada. E ele não era fácil não. Só saía no portão o soldado penteado, arrumado, com brilhantina no cabelo, sapato engraxado fardamento impecável. E o Virgílio foi para minha Companhia, a 8ª, a do “Bibi”. O Virgílio era daqueles que a gente chamava de “bom crioulo”. O que era o bom crioulo? Era um homem bom, educado, que dava os seus golpezinhos, mas nunca fazia nada de muito grave. Um dia me falou que tinha vontade de ser corneteiro. Eu mandei que ele falasse com o mestre da banda, pois, naquele tempo, não tinha programa padrão de instrução, seleção, como hoje. Não tinha nada. Você indicava e, se o mestre da banda precisasse dele, o soldado ia para lá. Falei com o Capitão Damião sobre o pedido do Virgílio e lhe disse que achava que ele daria um bom corneteiro. E o Virgílio foi ser corneteiro. Ele aprendeu rápido. Tinha um bom ouvido para música e dizia que ia fazer carreira. O tempo em que estive no 2º RI, ele ficou por lá, e mexia muito comigo: “Olha o meu padrinho! Mas a verdade é que se tornou um bom corneteiro. Uma alvorada tocada por ele era uma peça de arte. O silêncio tocado por ele chegava a comover, porque ele “chorava” na corneta. Ele ficou muito bom, muito bom mesmo.

Quando o “Sampaio” e o 11º RI, para completar seus efetivos, levaram o pessoal do 2º RI, dizem que colocaram o pessoal em forma, a banda na frente, e foram para a “Capistrano”. Quando eles entraram lá, fecharam a porteira, a banda saiu em acelerado e deixou o pessoal lá dentro... estórias. O corneteiro na guerra é mensageiro. Pelo menos era naquela época. Então, o Virgílio apareceu na 4ª Companhia como mensageiro. E dizia: “Que bom! Estou na Companhia do meu padrinho.” Foi um excepcional mensageiro. Ele chegava, às vezes, até com o italiano da mula que transportava as marmitas... Ele vinha com a correspondência do Batalhão, as cartas novas... Ele andava com a corneta. Eu dizia: “Virgílio, não anda com essa corneta porque isso aí vai brilhar, o alemão vai ver, e...” E ele me respondia: “Tenente, vou tocar essa corneta em Berlim.” “Que Berlim”, dizia eu, “você não vai chegar nem na metade do caminho e a corneta já se foi...” E ele, levando a correspondência, trazendo cartas novas, porque, quando a gente mudava de posição, o Capitão mandava as cartas para as nossas posições marcadas e isso ficava sob sua responsabilidade. Caía de cá, caía de lá, e foi amassando a corneta. E eu dizia: “Virgílio, se eles lhe prenderem, você sabe o que é que você faz?” Ele respondia: “Eu engulo essas cartas”.

E eu dizia: "Como você vai engolir um cartapácio desses." E ele: "Eu dou um jeito, eu rasgo ela toda e vou comendo..."

Fez a guerra, e quando nós fomos para Alessandria, no quartel de Il Christo, assim se chamava aquele bairro, como o expediente era "normal", fizeram a escala, e ele entrava de corneteiro de dia. Com isso, saía mais e tinha os arranjos dele por lá. Quando eu perguntava ele respondia: "Estou namorando uma loira. Vou me casar com ela, o senhor vai ver." Brincava muito comigo. Ele tocava a corneta, toda amassada, que já não soava como ele queria.

Um dia ele me aparece na Companhia com a corneta desamassada, toda arrumadinha. "O que é que houve?" Perguntei. "Você comprou essa corneta?" "Não senhor", respondeu, "não comprei não. É a minha corneta. Eu dei uns maços de cigarro aí para um italiano que tem uma oficina e foi ele quem desamassou para mim. Depois, pedi a um velho mestre de banda italiana, que ficou meu amigo, e ele apertou de cá, apertou de lá, botou no tom. Ficou uma beleza." "Mas por que esse mestre corneteiro ficou seu amigo", perguntei. E ele me disse: "Porque eu ia sempre à casa dele, conversava muito com ele, porque, na outra guerra, ele foi corneteiro também, *capito*..." E ele ainda dizia *capito*, como quem diz: entendeu a relação entre nós?

Falemos, agora, do soldado alemão, o inimigo. Não tive oportunidade de ver o inimigo, assim, pessoalmente. Nas patrulhas, não tive ocasião de ver nenhum e fui sempre hostilizado por ele. Numa patrulha perto de Montese, nós tivemos notícias que havia alemães cujo PC era na igreja. Antes de bombardear a igreja, o Comando queria ter uma informação concreta. O Capitão designava as patrulhas por escala. Começou pelo mais moderno, fazia rodízio e não tocou a mim aquela patrulha, que manteve contato direto com os alemães.

Assim vi o inimigo, pessoalmente, apenas três vezes, porque o meu Pelotão fez três prisioneiros: um foi apanhado pelo Álvaro, na linha de frente. Nós colocávamos obstáculos de arame com umas granadas para prevenir a incursão de patrulhas inimigas. Eu tenho impressão que ele tropeçou num daqueles obstáculos ou correu para se livrar, a granada explodiu, ele ficou meio tonto e o Álvaro, que era baiano de Feira de Santana, conseguiu prendê-lo. Tirou a arma dele e o trouxe para o Pelotão. Ele não era muito jovem, não. Ele já era um homem feito e, conversando com ele, meio em italiano, ele mostrou-me retratos da família, deu-me dois eslaides, em um deles havia uma criança no colo de uma senhora. Um cara preso, a gente entrega logo o coração. Demos cigarro e café a ele.

Os outros haviam ultrapassado as nossas linhas e foram apanhados sem problemas. Esses eram mais novos. Havia um bem novinho. Talvez tivesse vinte a vinte dois anos, não falava nada, nem de italiano, e experimentava o francês. Não enten-

dia nada, e foi logo levantando as mãos. Mas a ordem era mandar os prisioneiros para a Companhia, e a Companhia os mandava para o Batalhão, para o S/2 interrogá-los. E, assim, foi feito. Dois mensageiros e o próprio Álvaro os levaram. Estavam desarmados, tinham uma identidade e uma placa de identificação. O primeiro interrogatório era feito pelo S/2 do Batalhão, e ele, por telefone, informava ao S/2 do Regimento que, desse modo, antes do homem chegar, já tinha as informações colhidas pelo Batalhão. Depois esses homens eram mandados para a retaguarda. Normalmente, o Batalhão juntava prisioneiros feitos em uma mesma área para ver se a conversa de um conferia com a conversa dos outros.

Lá na igreja de Collecchio, aí sim, eu conversei com um Tenente, porque nós, os oficiais, de um modo geral tomávamos conta do pessoal, mas os prisioneiros, de Tenente para cima, normalmente, eram encaminhados, de imediato, para a Divisão.

Assim que os alemães se renderam e foram feitos prisioneiros, começaram a chegar os caminhões para levá-los para a retaguarda. Primeiro, levaram os oficiais, depois, então, é que foram os graduados e os soldados. Esvaziaram a igreja para recebê-los, mas nós já não estávamos mais lá, outra tropa cuidava deles.

Eu tenho duas visões da guerra. Primeiro, e a visão do civil, da minha formação universitária. Para a formação universitária, a guerra não é uma coisa boa. A guerra é sempre uma perversão humana, é uma coisa condenável. A gente sabe até pelo que disse Clausewitz, que a guerra é o confronto de duas vontades opostas em que uma quer se impor à outra. E para isso é preciso destruir o inimigo. Seria talvez o mal necessário, como o foi para destruir o nazi-fascismo, que queria submeter uma raça a outra, uma nação a outra, usando a força e a destruição e o assassinato para isso.

Encontramos sinais das atrocidades nazi-facistas por toda parte na Itália. Quando havia qualquer atentado contra um soldado alemão, eles fuzilavam ou faziam atos de crueldade contra a população civil. Lá perto de Gaggio Montano, tem um lugar chamado Cason de Ronchidoso, tinha um tenente nazista que não era combatente, ele era de uma Companhia de manutenção de viaturas. Ele ocupou as casas, mandou os italianos deixarem o lugar, e deixou lá só uma meia dúzia deles, para prestar serviço aos alemães. Contam os sobreviventes daquela área, garotos naquela época, que, um dia, não se sabe o porquê, uma pessoa deu um tiro que ele considerou um atentado contra sua tropa. Ele prendeu todos os moradores da área que ainda estavam ali, eram setenta e seis velhos, mulheres e crianças, os colocou num barranco e fuzilou todos. Juntou os corpos, botou gasolina e tocou fogo. Eu tenho uma fotografia da exumação dos ossos dessas pessoas... Depois da guerra, feita a exumação, os ossos foram colocados na capelinha de Cason de Ronco Idoso, que visitei posteriormente.

A guerra embora sendo, às vezes, um mal necessário, extrapola aquilo que considero humano e civilizado.

Agora, como militar, eu achei que a guerra ocorreu perfeitamente dentro dos parâmetros que tinham que ser adotados. Quando eu recebia a ordem de bombardear uma torre de igreja, paciência, fazia o que era determinado. Muitas vezes a gente ainda ficava em dúvida, mas o homem é um ser tão instável, que ele passa da piedade à crueldade em um instante. Então um perguntava: “Acertou?” O outro respondia: “Acertei.” “O que é que tem lá?” “Foi pena que voou.” Expressão muito usada, na guerra, para definir o alvo destruído. Essa expressão foi consagrada na guerra e, até hoje em dia se diz “foi pena que voou” quando a coisa é muito violenta. Naquela época, normalmente, os agasalhos eram todos feitos de pena, de pena de ganso, e as propriedades, quase todas, tinham muitas aves entre suas criações. Quando uma habitação, uma propriedade, era bombardeada, depois da fumaça, levantava aquela porção de penas. Daí, a expressão.

Quanto à preparação de nosso pessoal, principalmente oficiais e sargentos, eu vejo também de duas maneiras. Primeiro a gente vê a versatilidade que não é do soldado brasileiro, é do homem brasileiro. As medidas usadas pelas armas americanas eram todas em jardas, polegadas, e milhas. Os brasileiros se adaptaram logo e se faziam as conversões de cabeça, sem necessidade de tabelas. Uma polegada de mais ou menos três centímetros, uma jarda tem não sei quantas polegadas, uma milha tem mil e não sei quantos metros. Em muito pouco tempo, o pessoal lidava com facilidade com as diferenças entre o que havia aprendido e o que tinha que fazer na prática. A doutrina, embora fosse diferente, tinha um esquema semelhante. Alterações de nomenclatura, designação de manobras ou operações, não confundiam nosso pessoal ao realizá-las. O soldado foi se acostumando também com os sons do combate, com o som da Artilharia. Ele conhecia a granada brasileira e, de um modo geral, ele também sabia identificar quando a granada saía de lá, da Artilharia inimiga.

Em segundo lugar, observei o comportamento de nosso pessoal em ação. Aí ele foi, como qualquer homem, surpreendente. Era preciso observá-lo com cuidado, conhecer cada um. Junto com os outros, numa área de estacionamento, o homem era um. Mas quando era designado para uma patrulha, ou para uma missão qualquer, por exemplo, de vigilância, eu observava: se ele botava o capacete para trás para ver melhor, era uma coisa. Se enfiava o capacete e baixava, como se não quisesse ver o perigo, era outra coisa. Aí a gente começa a conhecer cada um. Não sei até onde se pode preparar o homem para enfrentar os perigos do combate. Os homens são diferentes. É preciso conter os afoitos e empurrar os temerosos.

Inclusive os oficiais, os tenentes... A gente via o entusiasmo deles, assim como também houve Tenente que o Capitão teve que mandar para a retaguarda: "Olha, você, meu filho, vai para o Depósito, para a instrução, porque aqui não está dando para você fazer o que tem que ser feito. Você não tem estrutura para isso". Nunca se tocava na parte de formação. Você a tem. Às vezes, o camarada não tinha condição física, psicológica ou profissional. Isso aconteceu muito. Por exemplo: por falta de oficiais subalternos, o Exército, até por recompensa, promoveu Subtenentes e sargentos idosos a 2º Tenente. E entregou a esses 2º tenentes idosos, que não tinham mais condição física para subir oitocentos, novecentos metros à frente de seus homens, no Comando de um Pelotão em ação de combate. Se os mais novos se esforçavam e conseguiam, outros, em compensação, pagaram caro por isso. Adquiriram seqüelas, sofreram de pneumonia, durante o inverno, e uma porção de outras coisas. Então, esse problema não é propriamente do homem. É do sistema de seleção que deixou a desejar. Outro exemplo: o caso da dor de dente. Quem já teve dor de dente sabe disso: é pavoroso. Então o homem tinha uma nevralgia, tinha um negócio assim, o Comandante tem que entender que esse homem está sem condições de combater, que, naquele momento, ele não pode utilizá-lo. Então, a gente tinha sempre que fazer uma verificação para ver os homens que tinham condições para determinadas funções. Um camarada que pegava no sono em pé, você não podia colocá-lo num posto avançado. Você o designava para ficar, por exemplo, cuidando do telefone. O telefone tocava, ele acordava.

Mas, de um modo geral, o soldado brasileiro se superou. Eu acho que sim. Eu acho que ele deu muito mais do que dele se esperava. E, vou afirmar, se projetou no tempo e no espaço, dentro e fora do Brasil! Vi isso depois da guerra.

Uma vez, nós saímos para o interior, para fazer uma visita e inaugurar uma regional dos Ex-combatentes em Guarapuava. A estação de rádio da cidade anunciou que a FEB está chegando para inaugurar etc. Eu era o chefe dessa comitiva da Associação. Um soldado da Unidade que nos acolhia chegou e disse: "Major! Há dois cidadãos que querem falar com o senhor". Eu perguntei: "De onde?" Ele respondeu: "É pessoal aqui da área". "Mande que eles entrem, já que querem falar comigo", disse eu. Chegaram os dois. Colonos, lavradores, cada um com um embrulho embaixo do braço, um saco de plástico. Perguntei: "Em que eu posso servi-los?" Responderam: "A gente escutou na rádio que está chamando a FEB de novo. Então viemos nos apresentar". Quase quarenta anos depois, sem guerra, e o homem brasileiro sabe o que foi a FEB, sabe de sua importância, embora a mídia em geral muito pouco tenha feito nesse sentido.

Fatos, como esse dos dois lavradores, demonstram o conceito da FEB para o brasileiro. Nós, ex-combatentes, temos orgulho de ter servido, de ter pertencido à

FEB. Apesar de todas as coisas que sofremos no pós-guerra. O desprezo de muitos, que achavam que a FEB estava cheia de bêbados, que, ao voltarem, só faziam tomar pileque e ficavam por aí, zanzando. Na verdade, não houve um sistema de desmobilização que levasse o homem e o entregasse de volta ao ambiente de onde ele veio. Entregaram-no na Unidade dele, ou num Quartel-General numa cidade grande para que, dali, esse homem fosse devolvido à vida civil. É uma visão pessoal minha: eu acho que o homem que saiu de Guarapuava tinha que ser entregue lá na Unidade dele em Guarapuava, e dali voltar à sua gente, ao seu meio, onde ele seria valorizado, festejado e respeitado. Talvez essa crítica que faço possa não servir para nada, mas serve como testemunho daquilo que passamos ao regressarmos da Itália. Para mim, a FEB acabou na Itália, a FEB foi desmobilizada na Itália. Isso causa, até hoje, justa frustração entre os ex-combatentes.

A recepção da FEB pelo povo, não há palavras que possam descrever. Houve uma festa nunca vista em nosso País. Nós fomos praticamente carregados “no colo”, nem seria nos ombros. Afinal, havia uma certa ordem no desfile, havia uma certa ordem na apresentação. Foi apoteótico! E as autoridades, de um modo geral, também estiveram no papel delas. Aquelas que tinham responsabilidade, naturalmente, cumpriram o que lhes cabia.

Mas houve também discriminação, de quem tinha nas mãos o poder e de companheiros que não foram à guerra. Não sei o porquê. Talvez seja da natureza humana. Havia os que diziam: “Vocês foram lá para ganhar em dólar! Vocês foram muito bem pagos! Ciúmes? Logo nos foi proibido usar o uniforme. Por que não nos deram um prazo? A alegria da vitória, do dever cumprido e, principalmente, da volta levou muitos a procedimentos que feriam as normas de rotina. Mas não seria normal que isso acontecesse? Afinal, havia um clima de festa, de regozijo. Na minha maneira de ver, poderia ter havido mais tolerância e respeito conosco, que voltávamos vitoriosos, uma vitória substantiva do Brasil. E depois, voltaríamos aos regulamentos em vigor. Faltou essa compreensão. Isso tudo causou aborrecimento às autoridades, porém muito mais a todos nós. Houve um desapontamento. Nós fomos à Itália, levamos a coisa a sério, cumprimos a nossa parte! O pagamento foi um licenciamento apressado e injusto dos nossos pracinhas, que se viram abandonados, e não tiveram opção! Quantos gostariam de permanecer, mas não foram ouvidos?

Quanto ao povo, não. O povo, as famílias, isso não. Eu me lembro que parentes que tinham lojas botaram cartazes: “Daqui saiu o Tenente fulano de tal”, com o retrato dele ali exposto. “Ele está voltando. Vamos recebê-lo”. O povo e as famílias, receberam muito bem os ex-combatentes, e demonstraram cabalmente o quanto se orgulhavam deles.

Vejam o sentimento de ufanismo que se sente até hoje em Caçapava, de onde saiu o 6º RI. E em Minas, onde se festeja a participação do 11º RI na FEB. Lá em São João Del Rei, quando completou cinqüenta anos de nossa volta, foi feita uma simulação do retorno. Eles botaram o trem na estação de Matozinhos, perto de Tiradentes, e fizeram como se a gente estivesse chegando, os veteranos chegando. Fomos recebidos quase como que no próprio dia da chegada em 1945. O povo todo na rua, colégios, gente por todo lado, isso nos cinqüenta anos do fim da guerra, nos cinqüenta anos de nossa volta da Itália.

Há um velho adágio que diz que "os velhos soldados não morrem". Inspirou um artigo meu. Eu acho isso não só pelo que sinto em mim, mas pelas demonstrações de carinho e respeito que recebo. Tive uma formação civil e, depois, tive uma formação militar. A minha formação civil deu-me o caráter, e a minha formação militar deu-me a consciência desse caráter, a capacidade de defender o que esta lá dentro de mim. Eu sinto que não estive militar, eu sou um militar! Por dentro, eu me sinto ainda o Tenente Ruy!

Então, quando eu vou a algum lugar e encontro alguém que foi meu soldado e me chama de Tenente, isso me dá uma satisfação maior do que se ele me chamar de Major. Porque eu sinto que eu fui um Tenente, eu não estive Tenente. Agora eu estou Major. Mas o que eu fui como soldado, foi Tenente. Eu fui um Tenente provado na hora em que foi preciso. E Major, não. Major eu cheguei por passar para reserva, por fazer jus a certos direitos que a lei me outorgou. No meu diário, eu o encerro dizendo que eu nunca pleiteei nada além daquilo que a Pátria achou de me dar.

O soldado é assim. Muitas vezes reclama, dá alteração. Mas quando ele dá baixa, ele tem orgulho de dizer que serviu em tal Regimento, em tal Unidade. E sempre diz com satisfação: "Eu servi no Regimento tal, eu servi com o Coronel fulano de tal. Para ele, o Tenente dele, o Capitão dele é o modelo dele."

Houve uma passagem interessante comigo. Nós estávamos fazendo, todo ano, a comemoração da tomada de Montese no Regimento lá em São João Del Rei. É uma festa muito bonita relembrando essa grande vitória do 11º RI. O Regimento está muito bonito. Hoje, ele é um Batalhão de Montanha, especializado em montanhismo, tem o equipamento todo diferente, um uniforme bonito e a gente tem muito orgulho de tudo isso. Todo ano, além da Associação dos Ex-combatentes, todo aquele pessoal que serviu no 11º aparece por lá a fim de participar dessa comemoração. No ano passado, foi uma beleza.

Num determinado ano, quando eu era também Vice-Presidente da Associação, coube-me comandar os veteranos naquela formatura. Antigamente, os veteranos formavam atrás dos soldados. Hoje, como somos poucos e já mais idosos, ficamos em

um cantinho, mais na sombra, até a hora do desfile. Aí, todos fazem questão de desfilar. Então, formava a tropa e formavam os veteranos. Nesse dia a que me refiro, estava lá o Covas, com os dois filhos, um, Tenente-Coronel e outro, Major. O Heraldo e o Helinho, estavam lá os dois, em forma com a gente. Próximo a mim estava a guarda-bandeira, com a Bandeira Nacional e o Estandarte do Regimento. Em São João Del Rei, no lugar aonde está o monumento à FEB, é uma avenida, e, perto do monumento, não tem sombra alguma. Essa formatura costuma ser às dez horas da manhã, e o calor é grande. Eu percebi que o porta-bandeira, que era um Tenente, começou a bambear, bambear, e, de repente, desmaiou. Eu estava atrás dele e o amparei com um braço, fui deixando que ele ficasse deitado no chão, e com a outra mão mantive a bandeira de pé. Ele foi socorrido, e eu fiquei em forma com a Bandeira Nacional do Regimento, firme ali. A solenidade teve seqüência, a tropa começou a se preparar para o desfile, e, a comando do Tenente porta-estandarte, também a guarda-bandeira à qual eu me incorporara. E ali, com medalha, com boina, braçadeira, aquilo tudo. Eu perguntei ao porta-estandarte: “Meu filho! Como é que vai ser? Ele respondeu: “Não, o senhor desfila com a bandeira”. Ao que retruquei: “Não há problema?” Mas alguém avisou e veio lá de trás um Tenente que me substituiu. Durante alguns minutos tive a honra de ser o porta-bandeira de meu Regimento. O Comandante era o Bini, que é filho de um sargento também Expedicionário, companheiro meu. O S/3 era o Del Mônaco que, hoje, é Coronel e está em Resende, como Chefe da Divisão de Ensino da AMAN. Depois recebi um ofício do Bini, agradecendo a minha participação e colocando o Batalhão a disposição. O episódio distinguiu-me dentre os ex-combatentes de meu Regimento. Considerei que isso merecia alguma divulgação e realmente mereceu: o Clube Militar publicou, com muito destaque, artigo meu registrando o fato. Deus me deu esse dom de poder escrever as coisas que eu sinto e eu acho que recebendo um dom, a gente tem que aproveitar e colocá-lo a serviço do próximo.

Esse hábito de escrever registrando os fatos de que participei me fizeram contar a história do “Pancho”.

Nas vésperas de Montese, os alemães botaram os italianos de lá para fora, porque iam resistir nas posições. Então começaram a entrar italianos pelas nossas linhas. Estávamos num lugar onde havia uma casamata que tinha sido dos alemães. Quando nós a ocupamos estava com um cadáver alemão ali dentro. Já estava até em decomposição. Fizemos o enterro dele. O meu Pelotão chegou a enterrar uns seis cadáveres alemães. O que se poderia fazer? Eles não vinham buscar, e para acionar o nosso Pelotão de Sepultamento, demorava. A gente os enterrava, botava uma cruz, e nela escrevíamos: aqui está enterrado um soldado alemão. Tiramos o cadáver dali,

o enterramos e desinfetamos a casamata com uma espécie de aerossol. Aproveitamos a casamata para fazer ali o PC do Pelotão. Ela tinha dois beliches de um lado e dois do outro. E ali ficamos eu, o meu sargento-auxiliar e os dois mensageiros, com o telefone ligado à Companhia. Por causa do vai e vem de italianos, nós estabelecemos um posto de recepção. O italiano chegava, mostrava o documento, quando tinha. Caso contrário, a gente o encaminhava para o S/2. Fazia os grupinhos e os mandava para o Batalhão. Aí, chegou um com um carneirinho debaixo do braço. Bichinho anêmico, daqueles que nós chamamos lá no Sul de “chibo mamão”, “chibo” é filhote, pequeno, e mamão porque estava mamando ainda. O italiano perguntou: “Quer comprar?” “Quanto?” Perguntamos. O italiano respondeu: “Um pacote de cigarros”. Juntamos lá uns quatro ou cinco maços de cigarro, demos para ele, eu tinha dinheiro, dei 500 liras, e lá se foi ele feliz da vida.

Era do Pelotão, o Emiliano, que gostava de cozinhar, e logo disse: “Tenente! Nós podemos assar esse carneirinho na Páscoa”. Era abril, época da Páscoa. “ A gente faz um foguinho e podemos assar ele na Páscoa.” Todos de acordo, deixamos o carneirinho lá. Quando foi chegando a época da Páscoa para assá-lo tínhamos que fazer o fogo escondido dentro do barranco. Nós já tínhamos feito um banheiro dentro do barranco, fizemos um outro buraco e nele instalamos um fogo, com aqueles fogareiros a gasolina que cada Pelotão tinha, e que, praticamente, não faziam fumaça.

Muito bem, vamos lá! Quem vai matar o carneiro? Eu não mato, dizia um, eu não mato, dizia outro, eu tenho pena do pobrezinho, falava um outro. No fim das contas ninguém matou o carneiro. Ele foi crescendo, agarrado comigo, parecia um cachorro, e ficava ali na casamata. Ele pastava uma ervazinha que havia ali em volta, comia por ali mesmo. Mas o que ele gostava muito era o fumo do cigarro. Você abria um maço de cigarro, dava para ele, e ele comia como se fosse alfafa. Também o cigarro americano era praticamente palha. Ele comia um pacote inteiro. Eu, como não fumava, recebia e já passava para ele o cigarro. E o pessoal que não fumava fazia o mesmo. Ele gostava muito de aveia, e a gente recebia muita aveia. A gente recebia aveia prensada, uns pacotes grandes, para tomar com leite e fazer um mingau. A gente pegava aquela aveia botava o leite e ele comia aquela ração. Estava sempre junto comigo. Enquanto nós estivemos na casamata, ele ficava comigo, andava comigo em todo lugar que a gente ia, e quando a gente saía para qualquer missão, quem tomava conta dele era esse baiano Álvaro. Fizemos um equipamento para ele e uma placa de identidade, Pancho, na qual constava o tipo sangüíneo *rosso* (vermelho em italiano) e a religião “todas”... Andou o tempo todo com o Pelotão. Nós o escondíamos quando chegava a hora de ação. A gente o amarrava e o deixava com o soldado que ficava no PC. Ficava lá... Em Collecchio, quando começou o tiroteio na

rua, ele pulava, corria para cá e corria para lá, e pulava de um lado para o outro e, sempre, onde eu ia, ele ia junto. Cresceu e ficou um bichão. Em Alessandria ele desfilou com a tropa, na frente da Companhia, atrás do Motta. E o Motta dizia: “Esse carneiro ainda vai dar trabalho”. Eu respondia: “Não dá trabalho não.”

No fim da guerra, eu era Subcomandante da Companhia e ele queria ficar na minha barraca. Aí, o Motta disse não. Carneiro não é feito bode, mas tem uma catinga, embora o Álvaro desse banho nele e o mantivesse limpo. Nesse período, no quartel, ele ficava com o Álvaro. Seguiu de trem para Bolonha com a gente, e, de lá, de trem para Francolise, acampamento final, perto de Nápoles. Em Francolise, já ficou mais difícil, porque ele ficava na barraca do Álvaro. Saía para passear e pastar em um campo de trigo abandonado que tinha muita palha. Ele saía e comia aquela palha seca e ficava daqui e dali. Aí eu pensei: bom, agora vamos estudar o que é que a gente vai fazer com esse carneiro. Para levar não dá. O americano foi taxativo em relação a animais, porque tinha soldado que tinha gato, outro que tinha cachorro. Mas carneiro, só eu tinha. Eu era o Tenente do carneirinho. Até hoje, quando alguém quer me identificar, pergunta: “O senhor é aquele Tenente que tinha um carneirinho?” E eu digo: “Sou eu sim, o Tenente Ruy, que tinha um carneirinho.” Nos encontros aqui no Rio, o companheiro vem me abraçar e pergunta: “E o carneirinho?”

Resolvemos dar o carneirinho, o “Pancho” a um padre de uma igreja próxima ao acampamento, dias antes de irmos embora. Foi combinado assim, todo o Pelotão topou, vamos dar o “Pancho” para o padre. Pois bem! Um dia, não sei como, ele não voltou para o acampamento. O Álvaro procurou, procurou nas imediações, procurou de cá, procurou de lá, e nada. O acampamento em Francolise vivia cercado de italiano. Era fotógrafo tirando retrato, alguém vendendo isso e aquilo, outro comprando, uma feira.

O carneiro não apareceu mais. Como havia o Pelotão do Tenente Bezerra, um cearense que gostava de carne de bode, um dia ouvi um zum, zum, zum de que o Tenente Bezerra havia apanhado um carneiro, levou para não sei onde, matou e comeu lá com o Pelotão dele. Eu fiquei bravo. Fui lá e perguntei ao Bezerra o que é que houve. Ele disse: “Eu não fui, eu não. Não fui eu e não houve nada disso. É mentira. O pessoal está inventando.” O Bezerra era meio enfezado, cearense, meio vermelhão. E foi taxativo: “Não! Isso é invenção do pessoal. Não fui eu.”

E o “Pancho” desapareceu...E ninguém sabe qual foi o seu destino.

Eu termino dizendo: Olha! Bateu-me uma saudade! E, realmente. Afinal, ele foi um combatente como nós, com placa de identidade e tudo, não é ?...

Quando eu cavava um buraco, sempre deixava um lado para “Pancho”. E muitas vezes ele foi o meu travesseiro. Ele deitava, eu botava a cabeça em cima dele, e ele

ficava quieto. Acho que ele entendia, como o cachorro entende, ele sabia quando precisava ficar quieto. E ficava... Mas quando a gente o soltava, ele saía desesperado.

E são essas as coisas que, como eu digo sempre, vão fazendo a vida da gente.

Na guerra, quando você não está combatendo, não está se preparando para um deslocamento ou combate, você não está fazendo nada. Você só está esperando. E a espera é sempre estressante. Então a gente tem que aproveitar esses momentos pitorescos, esses momentos para tomar nota, para escrever. É por isso que eu escrevia. Meu passatempo na guerra era escrever. Quando parava, eu pegava o caderno bastante judiado, pegava a caneta, escrevia e depois guardava de novo. No outro dia, eu me lembrava de alguma coisa, acrescentava. Então, eu consegui fazer aquele diário e dei um exemplar dele a cada filho. Cada filho tem uma cópia. E fico muito grato por entregar outro exemplar ao Projeto do Exército sobre a FEB. Pensei que já não iria servir mais para nada.

Mas vou continuar escrevendo. Agora mesmo, posso até lhe contar um fato atual...

Uma revista italiana publicou um artigo meu. Essa revista eu assinei e eles me mandam regularmente. Publicaram aquele artigo de Casa de Corneta, depois publicaram umas cartas minhas. E, na revista, eu li um artigo no qual um cidadão, fazendo uma crônica, dizia que fora salvo, ele e um companheiro dele, quando eram meninos, foram salvos por um sargento e um Tenente brasileiros que estavam na casa dele. E conta que, depois que o pessoal saiu da área onde vivia, ele andou pelo campo, apanhando material, apanhando cartuchos vazios, coisa de garoto. E que achou uma granada, uma "bomba a mano", como eles dizem. Uma granada desse tipo "abacaxi", até eles dizem abacaxi (defensiva), e veio para casa com ela na mão. Enfiou o anel do pino de segurança no dedo, e começou a rodar, e foi mostrar para o Tenente brasileiro que estava arrumando o material para ir embora. Estavam o Tenente e um sargento. Quando viram aquilo na mão dele, o Tenente e o sargento avançaram em direção ao garoto, e ele, inadvertidamente, puxou o grampo e a granada caiu no chão. Aí, não sei, e ele também não sabe quem foi, um dos dois, o Tenente ou o sargento, pegou a granada e jogou pela janela. O Tenente mandou todo mundo abaixar, e a granada explodiu lá longe, no meio de uma plantação que rodeava a casa. E ele explora esse fato. Eu li isso e escrevi uma carta para essa revista dizendo que sempre leio tudo relativo as coisas que os brasileiros fizeram na Itália e que fiquei emocionado com o tratamento que eles deram ao assunto. E escrevi uma crônica sobre isso, com o título de "Um Herói Desconhecido".

Há os heróis que praticam atos excepcionais, mas que reputo convencionais, ou seja, atos que, por suas características, se convencionou que são atos de heroísmo.

Eles recebem medalhas, recebem homenagens, recebem as honras da Pátria. Mas há também aqueles que são verdadeiros heróis, mas os seus feitos passam despercebidos, ficando sem as merecidas recompensas. Eles, o Tenente e o sargento estavam embalando a roupa ali naquela casa e, de repente, um deles praticou um ato de heroísmo, salvando a vida de dois meninos.

O italiano leu a crônica publicada também pela revista, e me escreveu uma carta contando o que ele passou e como os brasileiros o ajudaram, dando comida para a sua família, lá em Granaglione, onde ele estava escondido. Hoje, ele é perito em tributação, alguma coisa assim, negócio de imposto, do Ministério da Fazenda de lá.

Na carta que escreveu, e que respondi agradecendo, ele dá o que seria o nome do brasileiro. Mas, infelizmente, na listagem da FEB, não encontramos o nome que ele deu. Naturalmente, ele não memorizou o nome correto. Eu ia fazer uma notícia, num jornalzinho nosso, dos Ex-combatentes, pedindo: “Se você é esse Tenente ou esse sargento, escreva para o seu fulano de tal na Itália, pois ele quer conversar com você, quer fazer um agradecimento.” Mas o jornal é muito pequenininho, são três, quatro páginas, então terei que esperar a oportunidade de publicar. O italiano disse que era um Tenente alto, parece de descendência germânica, descendente de alemão. Nós tínhamos vários tenentes assim.

A experiência fabulosa da Força Expedicionária Brasileira mostrou que o Exército é capaz de fazer o impossível na hora em que é necessário. Com a FEB, foi assim. Em menos de seis meses estava uma Divisão armada, formada, pronta para partir. Isso é a mesma coisa de quando eu era Capitão e o meu Comandante disse: “Olha! Você vai receber amanhã cem conscritos”. “Mas, Coronel, eu não tenho colchão, não tenho camas.” “Cama você pode não ter, mas colchão, você tem palha aí de trigo e fazenda eu lhe dou. Você pega o alfaiate, ele faz o saco, você manda encher de palha e bota para o soldado deitar”. Em dois dias, com quase nada, eu recebi uma Companhia. Essa é a versatilidade do brasileiro. A capacidade de fazer, de improvisar e realizar. O que a gente tem de recursos humanos e pode aproveitar imediatamente é incomensurável. Então a FEB foi mais ou menos assim. Lançamos mão, inclusive na parte material, daquilo que a gente tinha na hora.

Outra coisa importante foi a abertura, o aperfeiçoamento da formação militar no Exército. Uma abertura que está aí. Os “programas-padrão de instrução” surgiram depois da guerra e padronizaram a instrução, fixaram objetivos comuns para todo o Exército. Antigamente, a Divisão de Infantaria (DI) mandava para o Regimento um programa com objetivos a atingir no primeiro mês, no segundo e no terceiro. O Batalhão recebia aquilo do Regimento e passava para a Companhia: objetivos a atingir no primeiro mês, no segundo etc. Então a instrução, a formação militar ia depen-

der muito do Capitão. E não havia uma fiscalização permanente. Quando havia "exame de Companhia", o Capitão chegava lá, apresentava a Companhia, vinha para cá, se faziam umas corridas (maneabilidade), lá no campo e pronto. Infelizmente, era assim. Hoje, não. Há um programa completo para a instrução de tiro, de aplicações militares, maneabilidade, emprego em combate, serviço em campanha, organização do terreno, camuflagem etc. Há uns objetivos mínimos a atingir e que podem ser fiscalizados e verificados. Pode-se avaliar como foi feita a instrução militar. E tudo planejado e programado racionalmente.

Seis anos de seminário, eu fiz os quatro anos de fundamental e mais dois anos de filosofia, eu estudei filosofia, psicologia, ética etc. Naquela época, os filósofos estudados eram aqueles mais notórios da história, como Leibnitz, por exemplo, com as teorias deles, e aqueles alemães que se dedicaram ao estudo da filosofia. Mais modernamente nós temos outros filósofos e, entre eles, Ortega e Gasset, que disse que o homem é ele e suas circunstâncias. Então, eu tenho sempre essa máxima comigo, e é ela que abre o meu diário. *Yo soy yo e mis circunstancias*. O homem é ele e as circunstâncias que o cercam. Então ele explora as circunstâncias na medida dele mesmo. E, no final, quando as circunstâncias terminam, o que é que sobra? O homem.

Na guerra, hoje, podem inventar a arma que quiserem, podem inventar foguete, satélite, mas quem vai resolver a guerra? É o homem. É ele que vai ocupar o seu devido lugar e vai dizer: agora é assim, agora é assado.

Já Capitão, depois da guerra, servi em várias unidades, e uma, da qual guardo boas recordações, foi o 17º Regimento de Infantaria, lá de Cruz Alta. Sou autor da canção desse Regimento. O 17º era originário do velho 8º RI. O 8º RI tinha o apelido de "Sabre de Prata". Ele foi formado por três batalhões que vieram do Nordeste. Pegaram aqueles Batalhões e com eles organizaram um Regimento, porque, no sistema francês, a unidade de emprego era o Regimento. A unidade de emprego, hoje, é o Batalhão. Isso facilitou porque se movimenta uma massa muito menor de homens, de material e de tudo. Embora eu não seja um grande estudioso do assunto, não tenho o curso de Estado-Maior nem nada, mas isso é racional. É preferível você operar com unidades menores.

Quando foi criada a 6ª DI, com sede em Porto Alegre, ela era constituída dos 17º, 18º e 19º RI. O 17º em Cruz Alta, o 19º em São Leopoldo e o 18º em Porto Alegre, lá no Partenon. E o 17 era o único que não tinha canção. E o Coronel reclamava: "a gente não tem uma canção". E "Regimento das Missões" era o nome que a gente queria para o 17º RI, porque aquela área de Cruz Alta, como a de Santo Ângelo e São Miguel, era chamada a área missioneira, a Região dos "Sete Povos das Missões", como todo mundo sabe. Abriram um concurso para a escolha da canção do Regimen-

to. Eu era Capitão nesse tempo, com três filhos e um para nascer, e, como sempre, um militar de Major, de Coronel para baixo, ele anda sempre pendurado. É dinheiro para o colégio, dinheiro para isso, dinheiro para aquilo... E o prêmio era bom. O prêmio era de um conto de réis, naquela época, mil cruzeiros. Decidi. Eu vou entrar nessa, porque com mil cruzeiros vai dar para fazer as férias no Rio de Janeiro. De Cruz Alta ao Rio de Janeiro era uma semana de viagem de trem. Entrei no concurso. Fiz a letra aproveitando a história da formação do Regimento. Já não me lembro direito dos versos. "Na cochilha ensolarada, no mais puro céu de anil, marcha o infante brasileiro, na defesa da fronteira (porque Cruz Alta é quase na fronteira)... na defesa da fronteira, empunhando o seu fuzil, marcha o infante brasileiro, na defesa do Brasil." Depois me pediram para acrescentar alguns outros versos, pois o Regimento, agora Batalhão, integrando a 16ª Brigada de Infantaria, transformada em Brigada de Selva, estava indo para a Amazônia. E em Cruz Alta ia ser instalado um Centro de Instrução e Aperfeiçoamento de Sargentos, no quartel do nosso 17º, o que aconteceu, de 1992 para 1993, com a decisão de deslocar o Batalhão para Tefé, liberando o aquartelamento."

Eu não queria mexer naqueles versos, mas achava que deveria haver um dedicado à Amazônia, já que a canção falava do Rio Grande do Sul, falava do Nordeste, agora deveria falar na Amazônia. A idéia era dizer que o Regimento que veio do Norte para o Sul, regressou ao Norte, agora com a missão de defender a Amazônia do Brasil. Isso foi aprovado e, hoje, a canção está sendo cantada lá em Tefé. Eu digo para o meu pessoal de Porto Alegre, que precisamos ir a Tefé, ver o "nosso" quartel lá no coração da Amazônia.

Quando eu me integrei à FEB e participei da campanha na Itália, já não era criança. Já estava mais maduro que boa parte dos tenentes da época. Eu passei para a reserva com problemas, porque eu acho que o homem tem de fazer um esquema para sua vida. A minha vocação inicial era ser professor. O Exército deu-me essa oportunidade, porque, no Exército, o Oficial é sempre um professor. Ele está sempre ensinando, está sempre realizando, está sempre demonstrando. E, no Exército, há ainda esse princípio repetido pelo meu velho Capitão Damião: "Tudo que deve ser feito, deve ser bem-feito. E o Exército explora isso. Se você tem que fazer alguma coisa, se ela merece ser feita, não adianta, ela tem que ser bem-feita, senão você vai fazer de novo." Eu acho que o posto mais importante no Exército é o de Capitão. O Capitão influencia direta e diariamente o comportamento de todos seus subordinados. Por isso, me lembro com admiração do meu Capitão Damião. O Capitão lida com os tenentes, rapazes entusiasmados saídos da Escola Militar e, às vezes, se mal orientados, podem perder todo esse entusiasmo até chegar a Capitão. E ele tem que

manter esse entusiasmo para o período de Capitão, e depois, de Major para adiante, para que continue tão eficiente quanto fora como Tenente. A liderança pressupõe uma boa dose de entusiasmo, colocada em tudo que se vai realizar.

Esse é o meu depoimento. Falei espontaneamente, não tenho que esconder nada. Nunca fiz nada que não pudesse falar na frente dos companheiros, dos amigos. Até hoje tenho relacionamento com muitos que foram meus soldados. Uns "catarinas", lá em Florianópolis, o Coelho, que foi meu soldado. Em Jaraguá do Sul, são dois, um deles o Daniel Campigoto, que já fez oitenta anos e eu fui a essa festa em Jaraguá do Sul. Tem um outro filho de alemão que mora mais perto, é o Schroeder. Lá em Brusque tenho dois, um da cozinha, quando fui Subcomandante da Companhia, responsável pelo bom funcionamento da cozinha; e o outro, o Vaneli. O Vaneli, eu o promovi a cabo, porque além de um atirador de mão cheia, era um desses camaradas que a gente pode contar para tudo. Anselmo Vaneli, é o nome dele, me escreve sempre, sempre manda cartão no Natal. Tinha um aí no Sul, um outro, que morreu há pouco tempo, Vilemar Ristow, filho de polaco que falava alemão muito bem e que era meu intérprete, além do Schroeder. No Pelotão, eu tinha uns que falavam bem alemão e outros que falavam italiano. Eu explorava isso de uma maneira razoável, porque facilitava um bom entendimento com os moradores das regiões por onde passamos e onde combatemos, ao contrário dos alemães que hostilizaram muito toda aquela gente. Isso aí é o velho coração latino batendo, o que nos aproximou bastante.

Desejo que o Exército continue esse Projeto que preserva a nossa história. Tenho a impressão de que são muito importantes os depoimentos de veteranos, não só daqueles que estiveram na frente como eu, mas também daqueles que trabalharam na organização da FEB, os do Depósito, e nós sabemos que o Depósito, embora não tivesse na linha de frente, colaborou de uma maneira excepcional para as operações, porque era responsável pela instrução, lidando com a ansiedade e a expectativa do homem que seguiria para a frente de combate. Que o Projeto História Oral tenha um êxito extraordinário e que seja aproveitado não só no Exército, mas também em todo o Brasil, como testemunho de que, um dia, os seus filhos souberam, bem longe de seus irmãos e entes queridos, cumprir o seu dever, muitos com o sacrifício da própria vida.

Para o Exército, deixo a minha mensagem de amor filial, porque, graças ao mesmo, consegui dar, à minha família, conforto e estabilidade, formar os meus filhos, formar até netos e bisnetos, que já vão em bom caminho. Eles têm muito respeito pelo avô, orgulham-se muito por eu ter integrado a FEB, e eu me orgulho muito mais por ter podido construir minha família à sombra do Exército.

Major Elza Cansanção Medeiros*

Nasceu na Cidade do Rio de Janeiro - RJ. Formou-se pela Escola da Cruz Vermelha Brasileira em 1942. Voluntária para a guerra, em abril de 1943, integrou a 1ª turma do Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército, ministrado pela Diretoria de Saúde. Nomeada Enfermeira de 3ª Classe em abril de 1944, foi convocada para servir na Itália. Embarcou, com o Destacamento Precursor de Saúde, chegando a Nápoles em julho de 1944. Em agosto, deu-se a sua arvoração ao posto de 2º Tenente. Na Itália, foi Enfermeira-Chefe da equipe brasileira do 7º Hospital de Evacuação. Um ano após sua arvoração, foi promovida à Enfermeira de 1ª Classe. Após a Guerra, não retornou ao Exército. Optou por realizar concurso para o Banco do Brasil, onde permaneceu até 1957, ano de sua 2ª convocação para o serviço ativo do Exército. Por lei do Congresso Nacional de 1957, foi reconvocada para o serviço ativo, ano em que foi promovida a 1º Tenente, posto no qual permaneceu até a sua reforma em 1976, quando, por Portaria Ministerial, com base na Legislação vigente, foi promovida ao posto de Major. Dentre as medalhas que lhe foram outorgadas, por sua participação na II Guerra Mundial, destacam-se: Medalha de Campanha, Medalha de Guerra, Cruz Vermelha Internacional Bronze, Serviços Meritórios dos EUA, Medalha *Ancien Combatant du Teatre du Operacion du L'Europe* (da França) e Medalha do Soldado Polonês Livre. Escreveu três livros sobre a FEB: *Nas Barbas do Tedesco* – 1953; *E Foi Assim, Que a Cobra Fumou!* – 1987; *Eu Estava Lá!*, elaborado no ano 2000. Atualmente, presta serviço voluntário para a preservação da Memória Histórica Nacional.

---

* Enfermeira no Teatro de Operações da Itália, entrevistada em 14 de setembro de 2000.

O perigo de um ataque ao nosso território tornava-se cada vez mais iminente. Pensava-se não ser possível para o Brasil revidar as afrontas sofridas com o torpedeamento de nossos navios em nosso litoral. Até a Baía de Guanabara os submarinos chegavam. Vivíamos sob uma ditadura inspirada nos moldes do governo de Hitler, e o ambiente era extremamente tenso. Germanófilos estavam no comando, inclusive em determinados comandos militares. Sem contar o próprio presidente.

Pela vontade das autoridades, jamais chegaríamos à guerra, mas a ação do povo as pressionava. A cada dia a população estava mais revoltada, e os movimentos nas ruas aumentavam, exigindo o revide. Eram muitos os comícios pró-guerra. Principalmente por parte dos estudantes, que, apesar da intensa participação, quando a hora chegou, não tiveram o mesmo entusiasmo. Poucos foram os que se apresentaram para a guerra. Eu estava entre os agitadores pró-guerra. E a forma que encontrei de ajudar o Brasil foi fazendo o curso de enfermagem da Cruz Vermelha, que iniciei em 1942, onde encontrei Virgínia Maria de Niemayer Portocarrero.

No dia 18 de abril de 1943, apresentei-me ao Exército. Ao chegar à Diretoria de Saúde, fui atendida por um capitão-médico. Quando lhe disse que estava ali para me apresentar para a guerra, ficou extremamente surpreso. Pediu-me que aguardasse e saiu para chamar o Coronel Marcos Porto, mais tarde Diretor de Saúde da FEB. Ele fora colega de meu pai e meu professor na Cruz Vermelha. Ao ver-me, fez a maior festa, mas quando expliquei que estava ali para seguir para a guerra, tomou meu pulso, pôs a mão na minha testa dizendo-me que, no mínimo, eu deveria estar com febre cerebral. Depois me perguntou como é que eu poderia querer ir para a guerra se não havia nenhuma decisão neste sentido, ao que respondi, dizendo-lhe que não estava brincando. Disse-lhe também que o Brasil se encaminhava para a guerra e eu fazia questão de ir revidar a afronta que estávamos sofrendo. Ele me levou pela mão ao General Sousa Ferreira, para quem repeti tudo o que dissera, e o General então me assegurou que, se realmente houvesse guerra, me mandaria para lá. Como eu estava seguindo para o Nordeste, pedi-lhe que me desse uma garantia por escrito. Ele me deu uma carta de apresentação às regiões militares para que, em caso de movimento de tropa, eu pudesse ser engajada, estivesse onde estivesse.

Viajei para o Nordeste e ajudei a socorrer os náufragos do *Itapagé*, torpedeado em Maceió, em setembro de 1943. Depois, segui para Recife com o intuito de reorganizar a Cruz Vermelha. Estava realizando o meu trabalho em Recife, quando chegou um telegrama do General Sousa Ferreira, que me informava sobre o voluntariado. Caso meu oferecimento continuasse de pé, que retornasse imediatamente. Às quatro horas da tarde do dia seguinte, eu chegava ao Rio de Janeiro e logo me apresentava pronta na Diretoria de Saúde, o que o surpreendeu bastante, pois o

telegrama fora enviado apenas na véspera. Fui indicada para o curso de treinamento para as enfermeiras da reserva do Exército, e o General garantiu que, se me classificasse, manteria o compromisso de me enviar sempre na frente. Mas se não me classificasse, nada poderia fazer.

O curso foi uma barbaridade. Como era a primeira vez que mulheres estavam no Exército, não se sabia exatamente o que fazer. Na educação física, alguns dos exercícios não eram os mais adequados. A travessia do pórtico de cinco metros de altura sem rede, a marcha rastejante sob o fogo de metralhadora, a falsa baiana eram alguns deles. Exercícios que hoje já não são feitos nem mesmo pelos homens. Também tivemos instrução militar e um pouquinho de história ministradas pelo Capitão Meira Mattos que, por alguns poucos dias, foi instrutor das enfermeiras. Parece que foi uma idéia do próprio General Mascarenhas de Moraes. E costumo brincar que a maior galhardia do General Meira Mattos reside no fato de ter sido instrutor das enfermeiras.

Os horários dos treinamentos eram absurdos e loucos. Ficávamos no Hospital Central do Exército (HCE) das sete horas da manhã até o meio-dia. E estou falando de uma época de guerra, quando a carência de transporte era grande e a melhor opção era o bonde, que levava do HCE até a Central do Brasil uma hora de viagem. Após o expediente no HCE, tomava-se um bonde para ir ao QG, onde tínhamos aula a uma hora, sem hora de almoço. Após a aula no QG, saíamos para a Escola de Educação Física, na Praia Vermelha, onde às três horas tínhamos aula de natação ou educação física. Entre os muitos despropósitos que aconteceram, estavam as aulas de francês, uma vez que lutaríamos ao lado do americano, trabalharíamos com o americano. Por aí se pode ter uma idéia dos equívocos e da imprevidência com que fomos tratadas no início da FEB. Foi preciso a FEB mostrar o que era, lá fora, para que começassem a nos respeitar. Se hoje recebemos o apoio e o reconhecimento do povo, devemos a nós mesmas, ao nosso trabalho, ao nosso valor e não ao trabalho aqui na retaguarda. Inclusive, fomos desmobilizadas ainda na Itália.

Não tínhamos transporte, apesar da distância entre os locais das instruções. Corríamos para o HCE, depois para o QG ou a Praia Vermelha utilizando os nossos próprios meios, o que traduz o descaso para conosco. Foram seis semanas das mais difíceis. Cheguei a desmaiar, fazendo educação física. Nessa época, eu estava morando numa pensão que não servia o café da manhã. Chegava ao HCE e participava do estágio o tempo todo, pegava o bonde em direção ao QG e também não almoçava. A maior parte de nós não tinha situação financeira boa. Fomos cinqüenta na primeira turma, mas dessas cinqüenta muitas não seguiram para o Teatro de Operações. Aliás, a grande maioria não foi.

Na realidade, o trabalho da enfermeira antes da guerra não era bem conceituado. As enfermeiras eram em sua maioria pessoas de nível social baixo. Apenas com o advento da guerra foi que a coisa mudou um pouco. Até as princesas brasileiras, Maria Teresa e Maria Fernanda, foram fazer o curso de voluntária socorrista. Fui monitora delas na Cruz Vermelha. Também participaram a Lúcia Osório, sobrinha-neta do General Osório e que fora minha colega de colégio no Anglo Americano; a Heloísa Cecília Vilar, filha do Almirante Vilar; a Carmen de Bibiano, maior acionista da América Fabril; a Inácia, estudante de medicina, e a Graziela, filha do governador do Amazonas. Enfim, pessoas de bom nível, uma evolução social na categoria de enfermeiras.

Em 1944, depois do treinamento e terminado o curso, fomos nomeadas enfermeiras de 3ª Classe prontas para seguir para a Itália. Embarcamos ao todo, entre a primeira e a segunda turma, as do Paraná, as de Minas Gerais e as da Bahia, 67 enfermeiras, e, dentre elas, apenas seis das que seguiram para o Teatro de Operações eram enfermeiras profissionais. Éramos todas samaritanas e voluntárias socorristas, assim mesmo, oriundas da Alfredo Pinto e da Cruz Vermelha. Apenas duas eram oriundas da Escola Ana Néri, pois, com a premência da guerra, já não havia mais tempo para preparar enfermeiras profissionais.

De início, não estava previsto o embarque de enfermeiras, e quando os americanos souberam desse fato deixaram bem claro a necessidade de que fossem enviadas enfermeiras. Convém destacar que as enfermeiras americanas não falavam nosso idioma e já estavam muito sobrecarregadas. Teríamos, portanto, que levar as nossas próprias enfermeiras. O General Sousa Ferreira contou-me que a diretora da Escola Ana Néri foi chamada, pois precisávamos preparar enfermeiras, mas ela, ao tomar conhecimento de que as enfermeiras receberiam apenas 520 mil réis, disse ao general que a desculpasse, mas que uma enfermeira da Escola Ana Néri não se sujeitaria a receber tal remuneração. Deu as costas e foi-se embora, deixando-o sem saber o que fazer.

Lembrou-se daquela "maluca" que se apresentara como voluntária. Tomou-se, então, a decisão de fazer o voluntariado, aceitando qualquer diploma. Fizemos o curso aqui no Exército, motivo pelo qual as enfermeiras da FEB não tinham muita prática. Mas, quando assumi a chefia, chamei-as e disse: "Vejam o que as americanas fazem e façam melhor. Observem o que elas fazem e façam melhor." Essa foi a minha ordem que foi cumprida à risca, tanto que nunca tivemos problemas.

A preparação para o embarque foi pândega. Nós, de macacão verde-oliva de manga curta, camisa de tricoline de manga comprida ultrapassando as mangas do macacão, gravata, quepe, cinto de guarnição, cantil e bornal. Éramos uns verdadei-

ros gafanhotos de verde-oliva. Os absurdos foram tão grandes que pelo enxoval do Exército até as nossas calcinhas e sutiãs tinham que ser verde-oliva, o que não tinha a menor razão de ser. Embora o Coronel Marcos Porto já tivesse alertado sobre como teria de ser feito, insistiram mesmo assim em não fazer como ele sugerira. O uniforme de serviço que nos foi destinado aqui no Brasil era um vestido de morim, todo abotoado, com um avental cheio de pregas com peitilho engomado. Na cabeça, um pano amarrado em formato de meia-lua.

Quando chegamos à Itália e vimos os uniformes listradinhos das americanas, chamamos o Coronel Marcos Porto e mostramos a ele. Perto do uniforme delas, nossas roupas eram horrorosas. Ele então recomendou que escondêssemos nossos uniformes e disséssemos que não os leváramos, que chegariam mais tarde juntamente com a bagagem. Providenciou, então, para que recebêssemos uniformes americanos, que passamos a usar em lugar dos que nos foram entregues aqui no Brasil. Era um vestido traspassado de fibra sintética sem nenhum botão e que podia ser lavado na máquina. Batia, lavava, pendurava e cinco minutos depois já era possível vesti-lo, totalmente funcional.

Outro fato no qual insistiram foi o seguinte: naquela época, os americanos estavam em pleno *apartheid*. Eles tinham tropa de negros e tropa de brancos e não admitiam que uma tropa se misturasse com a outra. Mas nós insistimos em enviar enfermeiras de cor, o que nos criou um imenso problema. Das três mulatas que foram, duas nos deram muito trabalho, pois os americanos não admitiam nem mesmo mulatas. Isso nos criou situações dificílimas. Os americanos não as aceitavam de jeito algum e essa foi uma briga muito séria. Mas, aqui no Brasil, nunca houve esse tipo de situação. Por mais que queiram inventar essa história de *apartheid*. E isso ficou plenamente demonstrado, quando enfrentamos o americano em 1944 e levamos a nossa gente, inclusive enfermeiras mulatas, para participar da guerra. Então, não adianta insistir com essa história, porque não existiu nenhum preconceito no Brasil. Há uma integração das três raças, graças a Deus. A pura raça brasileira é uma mestiçagem. Nós somos um pouco de cada uma delas. A nós não interessa se as pessoas são negras, amarelas, vermelhas ou brancas, o que interessa é o ser humano como pessoa, sua integridade moral, seu comportamento social e não a cor da pele. A cor da pele não interessa. E isso é o que há de mais bonito.

As enfermeiras chegaram ao Teatro de Operações antes das tropas. Antonieta Ferreira, Carmen de Bibiano, Inácia de Melo Braga, Virgínia Portocarrero e eu. Saímos daqui numa situação muito engraçada, apenas com uma divisa no braço, sem posto.

Naquela ocasião muitas pessoas se opuseram ao envio das enfermeiras, fazendo até comentários desairosos a respeito das mesmas. Mais tarde, puderam constatar o

julgamento precipitado que fizeram, porquanto o trabalho por elas realizado foi de significativa importância. Isso, inclusive, levou-as a seguir para o Teatro de Operações sem postos ou graduações, o que foi corrigido posteriormente na Europa.

O resultado dessa situação foi que durante a viagem não podíamos fazer nossas refeições no restaurante dos oficiais, porque não éramos oficiais, não podíamos ir para o de praças, porque não éramos praças, não podíamos ir para o de civis porque éramos militares. Solução mais simples: ficamos mesmo sem as refeições até nossa chegada à Itália.

A viagem das cinco primeiras enfermeiras pela África em direção ao Teatro de Operações foi uma verdadeira aventura. Recebemos ordens de que não podíamos dizer nem em casa que iríamos embarcar. Não podíamos ir de carro, de táxi, de ônibus e nem de bonde. Foi quando perguntei se deveríamos ir a pé. Sugeriram, então, que a Carminha e a Antonieta, que tinham carro, fizessem o transporte das outras. A Carminha, que morava na Zona Sul, pegaria a Virgínia e eu. A Antonieta, que morava na Zona Norte, iria com a Inácia. E assim foi. Mas tinha de ser em absoluto sigilo. Só podíamos dizer que iríamos embarcar de noite, na hora de ir.

No terceiro andar onde é hoje a 1ª Região Militar, na curva, há um quartinho. As nossas bagagens ficaram escondidas ali. Trazíamos peça por peça em pequenos embrulhos. Teríamos que arrumar a mala sem que ninguém percebesse.

No dia do embarque, encontramos um caminhão aberto carregado com os nossos sacos de viagem no pátio. Ficamos aguardando a viatura, na qual embarcaríamos, quando recebemos ordem de viajar no próprio caminhão, mais precisamente em cima do mesmo, que se deslocaria aberto, cheio de sacos de viagem, onde nos mandaram subir. Saímos às cinco horas da manhã, hora em que um grande número de trabalhadores está desembarcando na Central do Brasil. E aquelas cinco "gafanhotas" sentadas em cima das malas. Só faltava levar um cartaz dizendo: "Tchau, tchau, estamos indo para a guerra." Era só o que faltava! Esse foi o sigilo absoluto!

Tudo foi improvisação conosco. O último grupo de enfermeiras chegou à Itália no dia 20 de outubro, pois elas não seguiram em escalão. Iam de avião, uma, duas, três, quatro, à medida que havia lugar em um avião eram embarcadas. No retorno, é que algumas vieram de navio, trazendo presa a Margarida Richerman, que fazia um programa na Rádio Auriverde, com propaganda para os brasileiros se renderem. Foi tudo como estou relatando, não há uma vírgula de exagero em nada do que estou contando. Na realidade, não queriam que a FEB saísse de jeito algum!

Nós, do primeiro grupo, pegamos um avião no Santos Dumont, um C-47. Fizemos escala em Ilhéus, Caravelas, Salvador, Recife e Natal, onde chegamos à noitinha. Em Natal, o representante do Itamarati nos aguardava, por coincidência um grande

amigo meu, o Manuel de Tefé. Parnamirim, do lado brasileiro, deixava a desejar, tudo desorganizado, uma comida cuja apresentação tirava o apetite. Do outro lado da pista, ficava a base americana, uma limpeza, uma organização, comida excelente.

Nessa nossa estada em Natal, aconteceu um fato interessante. Fomos fazer um passeio à noite. Como não íamos embarcar naquela noite, resolveram nos levar, inicialmente, a uma boate. Quando lá chegamos, um cantor com uma voz maravilhosa brindou-nos com a valsa da despedida e foi uma choradeira, um choque emocional muito grande para nós. Em seguida, nos levaram para dar um passeio em Ponta Negra. Naquela época, era um lugar muito deserto, só dunas de areia. Ao olhar para as dunas, percebi um sinal de morse luminoso. Eu aprendera telegrafia no colégio e conhecia o código, dei o alarme. Eu tinha ordem de que, se falasse sobre o embarque da tropa, iria a conselho de guerra. A tropa embarcara no dia 2 e nós dia 7. Do grupo, só eu sabia que a tropa embarcara. Eu combinara um código com alguns amigos. No dia em que eu recebesse uma determinada caderneta de telefone de volta, o embarque teria acontecido. Ele deixaria a caderneta com uma pessoa, que a devolveria em seu nome e, quando a recebesse, saberia que a tropa embarcara.

Quando eu dei o alarme, fizemos uma demarcação da tangente, Manuel de Tefé e mais um oficial brasileiro e um americano ficaram conosco. Os outros foram para o comando da base dar o alarme. Fomos demarcando para tirar a tangente e localizar o ponto de onde o sinal luminoso estava partindo. Assim que fizemos a demarcação, retornamos para o comando da Base.

Quando a Marinha rastreou o mar com os holofotes, o periscópio estava visível a olho nu. Todos puderam ver o periscópio do submarino. E a tropa estaria passando na altura de Natal. Esse foi o estado de espírito com o qual embarquei para a guerra, apavorada com a idéia de que nossos navios pudessem ter sido atingidos.

A nossa aeronave deveria ter-nos levado direto a Dacar, mas como um avião fora abatido nessa mesma rota, fomos para Acra, para a Ilha de Ascensão, no meio do Atlântico. Somente depois prosseguimos para Dacar, Atar, Robert Field, na Tunísia, Marrakech, Casablanca e Algier. As turmas seguintes usaram a rota Natal-Dacar, Dacar-Casablanca, Casablanca-Itália. Mas a nossa rota foi Natal-Ilha de Ascensão, Ascensão-Acra, em Gana, que naquele tempo chamava-se Costa do Marfim. Na volta, viemos pela Tunísia e Horan.

Onde chegávamos, diziam: “Que isso? Brasil? Não, aqui não. Toca para a frente.” Porque só tínhamos um tracinho aqui no braço, não podíamos ir para os hotéis dos oficiais. Ao chegarmos a Algier, encontrei o Embaixador Vasco Leitão da Cunha, amicíssimo do meu pai, que vivia na minha casa e me conhecia desde pequena, e os dois assistentes dele, Mauri e Mozart Gurgel Valente, filhos do dentista que tratara

de minha mãe, quando eu estava para nascer. Amizades antigas. Outra coincidência feliz. Ao me ver, o embaixador logo perguntou: “Minha filha, o que é que você está fazendo aqui? Como é que seu pai deixou?” E eu lhe disse que meu pai não deixara e até cortara relações comigo, mas que a situação das enfermeiras era a pior possível. Estávamos sem comer direito, vivendo à custa de biscoito e chá que me fora fornecido em Pernambuco pelo Presidente da Cruz Vermelha, dono da maior fábrica de biscoitos de lá, a Fábrica de Biscoito Pilar. Quando fui me despedir da família dele, na véspera de minha partida, ele me presenteou com duas latas de cinco quilos de biscoito e duas pilhas de caixas de biscoitos salgadinhos, que mandou preparar especialmente para eu levar na viagem. E foi com isso que chegamos até Algier. O major que embarcara conosco não dava a devida atenção aos nossos problemas.

Então, o Embaixador Vasco Leitão da Cunha providenciou hotel para nós. Ficamos hospedadas no Letti, embora no quarto dos empregados lá em cima. Mas era um hotel, o maior de Algier. Havia um teatro ao lado, onde depois conheci o General De Gaulle. Chegamos lá no dia 12 e no dia 14 deu-se o desfile dos franceses livres, sob o comando de De Gaulle. Nosso quarto lá em cima tinha uma sacada de ferro e, como fazia muito calor e não havia ninguém que pudesse nos observar, assistimos ao desfile em trajes menores, de calcinha e sutiã, deitadas no chão. Enquanto assistíamos ao desfile, o telefone tocou. Uma marinheira francesa queria falar comigo. Como não conhecia marinheira francesa alguma, desliguei o telefone. Ligaram outra vez. Perguntaram-me se eu não tinha sido da Cruz Vermelha e respondi que sim. Então, pedi para que a marinheira subisse, o que não foi permitido porque o hotel era de oficiais e a marinheira não poderia subir. Vestimo-nos e descemos todas. Onde umas iam, as outras que não falavam outro idioma iam atrás, para não ficarem sozinhas. Descemos as cinco. Ao chegarmos ao saguão do hotel foi um escândalo. Todo mundo a gritar, a pular, a se abraçar. Era a Jaqueline Vantuil, colega de turma da Cruz Vermelha. Ela era voluntária na Marinha francesa e fora promovida naquele dia a cabo-marinheiro. Ouvira pela rádio alemã que se encontravam em Algier as enfermeiras brasileiras que se destinavam a Nápoles, embora nenhuma de nós cinco soubesse para onde iria. Só então tomamos conhecimento de qual seria nosso destino, o que realmente se efetivou. No dia seguinte, seguimos destino.

A viagem até Nápoles durou do dia 9 ao dia 12 e nossa primeira noite na Itália foi de bombardeio. Ninguém dormiu. No dia seguinte, a tropa chegaria, e os alemães haviam prometido uma grande recepção para os brasileiros. Os americanos passaram a noite inteira atirando, usando artilharia antiaérea com balas traçantes nas cores verde e vermelha. Era uma beleza, uma coisa linda, uma festa de São João! Esse foi o nosso batismo de fogo.

Nessa noite aconteceu uma cena engraçada. Eu fiquei num quarto interno sozinha e logo fui para a cama e dormi. De repente, acordei com as meninas batendo na porta e pedindo socorro. Abri a porta e elas me disseram que três americanos estavam no quarto delas e não queriam sair. Eu tinha levado um punhal com o meu nome gravado, que me fora presenteado por um ex-noivo. Oficial não podia portar arma, então levei o meu punhalzinho comigo. Peguei o punhal, e com o mesmo já desembainhado na mão e bem à vista, fui até o quarto onde elas estavam hospedadas, perguntar aos americanos o que estava acontecendo. Ao verem o punhal na minha mão, os três logo se desculparam, alegando terem errado de andar. Saíram correndo e foram embora. Realmente eles tinham errado de andar, estavam hospedados no piso de baixo. Mas a confusão toda se deu e ninguém se entendia porque elas não falavam inglês. Assim, foi a nossa primeira noite na Itália, o nosso batismo de fogo, de confusões e de tudo. No dia seguinte à nossa chegada, o marechal chegou. Desembarcou a tropa e trezentos homens baixaram de bordo para o hospital com sarampo, catapora, varicela, caxumba, as coisas mais esdrúxulas possíveis. Ficaram no Hospital Geral 45 (45 General Hospital).

Na Itália, recebemos nossa primeira estrela de Tenente. As enfermeiras foram as primeiras oficiais brasileiras. Outro dia disseram que as primeiras oficiais foram da Marinha, mas não é verdade, o Exército foi o pioneiro. E na reconvocação inovou, dando-nos igualdade de condições com os homens, o que não acontecia nem na Marinha, nem na Aeronáutica. Nós, as cinco primeiras enfermeiras da FEB a chegar ao Teatro de Operações, somos, então, as cinco primeiras oficiais do Exército Brasileiro. Não só pelo fato de termos chegado antes à Itália, como também pelo fato de termos sido as cinco primeiras arvoradas no posto de Tenente. Depois, pela lei de 1957, fomos confirmadas no posto que tínhamos na Itália a partir da data da arvoração. Somos as mais antigas na realidade. E a mais antiga sou eu.

A minha estrela foi entregue pelo nosso oficial de ligação, o Coronel Carvalho. Ele prometera que quando o Vesúvio entrasse em erupção, iria me buscar, mas não tive oportunidade de observar o fenômeno de perto porque, ao chegarmos a Herculano, o Vesúvio já não soltava mais fumaça. Voltamos e, como já tínhamos perdido o jantar no hospital, fomos comer no Roma, hotel onde também ficavam hospedadas as altas patentes, inclusive o General Mascarenhas, a quem encontramos na porta do refeitório. Cumprimentei-o e pedi para falar com ele. Ele disse que estaria no salão e que, quando terminasse de jantar, que fosse falar com ele. Quando o Coronel Carvalho foi pagar o jantar, o sargento americano disse que eu não poderia jantar naquele local, por não ser oficial. E começou uma discussão entre o sargento e o Coronel. Nessa altura, eu já estava em prantos pela humilha-

ção. Humilhação que eu já vinha sofrendo desde a saída do Brasil. Uma situação muito desagradável.

Fomos falar com o General Mascarenhas, e o Coronel Carvalho aproveitou para relatar-lhe tudo o que se passara. Contou-lhe que nós, as enfermeiras, estávamos sofrendo horrores. O General Mascarenhas disse-nos que já pedira ao Brasil uma solução para as enfermeiras e, caso essa solução não chegasse, ele mesmo tomaria as providências necessárias. Perguntou-me a que horas terminava meu plantão no dia seguinte e pediu-me que fosse encontrá-lo na Casa dos Oficiais da Justiça. Lá, tornei a relatar com as lágrimas escorrendo-me pela face todas as humilhações por que estávamos passando. O General, então, pediu aos ministros que encontrassem uma forma de resolver nossa situação. E a fórmula foi encontrada. Diziam na época que um regulamento do tempo da Guerra do Paraguai previa a situação de arvorado. O arvorado tem todos os direitos e vantagens inerentes ao posto, exceto direitos pecuniários. Então, fomos arvoradas segundos-tenentes recebendo a quantia de 420 mil réis. Depois, tivemos uma promoção e passamos a receber 758 mil réis.

Nós, as cinco primeiras enfermeiras brasileiras no Teatro de Operações, fomos divididas em dois grupos ao chegar: a Carminha, a Antonieta e a Virgínia ficaram no *182º Hospital de Guarnição*. A Inácia e eu ficamos no Hospital Geral 45.

Dizem aqui que a enfermeira não correu risco porque ficava na retaguarda, mas isso não é verdade. A seção brasileira do 7º Hospital de Evacuação (*7th Evacuation Hospital*), que ficava dentro do hospital americano, era um hospital de 1.200 leitos, que funcionava numa antiga colônia de férias feminina, em cima da areia da praia em local todo minado, entre Livorno e a Marina de Pisa, na costa do Tirreno. No dia 23 de dezembro de 1944, véspera de Natal, tínhamos mil pacientes brasileiros no hospital, para 24 enfermeiras, e os americanos duzentos pacientes para 67 enfermeiras. Lembro-me bem desta data, foi quando caí numa cratera de granada. Estava cruzando a estrada carregada de presentes de Natal para guardar, quando ouvi o alarme aéreo. Fui obrigada a desviar minha rota e caí em uma cratera de granada. Rachei a coluna e a perna. Por isso, fui reformada com o diagnóstico de espondilose anquilosante. Posso ficar paralítica a qualquer momento. Acho que só não fico porque não me deixo ficar.

A Ilza Meira Alkimin já faleceu e não pode mais prestar seu depoimento, mas, se assim não fosse, poderíamos ver a cicatriz em seu supercílio, ocasionada pelo coturno de um italiano vitimado pela explosão de uma mina. O fato se deu quando resolveram fazer um jardim no local por onde cortávamos caminho todos os dias em direção ao rancho. Quando o italiano encarregado de preparar o terreno bateu a picareta em uma mina, seu corpo fez-se em pedaços. Seu coturno rompeu o supercílio

da colega que estava na janela do andar de cima. Em uma outra ocasião, um paciente que não estava em seu juízo perfeito fugiu da enfermaria e seguiu pela praia. Ao retornar ao hospital, entrou em uma enfermaria com 120 gessados segurando uma mina antitanque na cabeça.

Voltei lá o ano passado e chorei muito. O prédio ainda está lá, mas cercado de arames e telas com cartazes dizendo “Proibido Entrar, Perigo: Minas”. Ainda está minado até os dias de hoje.

Um outro fato se deu por essa época. No Ano Novo, após o acidente que sofri no Natal, eu estava com a perna engessada e decidi não passar a data sozinha na nossa enfermaria na parte de cima. Pedi que me levassem para baixo. E o Caio Amaral, o ortopedista brasileiro, atendeu-me. Levaram-me para o salão na parte de baixo e fiquei com a perna estendida na cadeira, na mesa da chefia. O noivo da enfermeira-chefe americana, então, virou-se para mim e perguntou se era verdade que no Brasil havia muitas feras e animais que andavam pelas ruas das cidades. Eu respondi que sim, era verdade, estavam repletas de americanos. E ele ficou passado com minha resposta. O comandante americano, coitado, não sabia o que fazer ou dizer!

A cadeia hospitalar era de trás para diante. O Hospital Geral, o de Nápoles, era o 45. Tínhamos um, o 182º Hospital de Guarnição, que era um hospital móvel. O nosso, o 182, era no próprio recinto do 45, formado por barracas, no mesmo lugar da antiga feira mundial. Então, de trás para diante, estavam o Hospital Geral, o Hospital de Guarnição, o Hospital de Evacuação e o Hospital de Campanha (*Field Hospital*).

O Hospital Geral, situado em Nápoles, ficava à retaguarda. Para este eram levados aqueles que iriam ser repatriados ou cuja recuperação excederia um período de três meses.

O Hospital de Guarnição era um hospital de estacionamento, cuja permanência era de no máximo um mês, talvez um pouquinho mais. Atuei no 182, logo ao chegar. Só bem mais tarde fomos para o 7º Hospital de Evacuação. Fomos avançando com a tropa.

Depois que saímos do 45, fomos para 38º Hospital de Evacuação, que era totalmente móvel, formado por barracas. Comportava aproximadamente oitocentos homens e efetuava qualquer tipo de procedimento de segunda instância, inclusive procedimentos cirúrgicos. As cirurgias de segunda instância eram aquelas feitas no paciente que podia ser transportado. Se o paciente pudesse suportar o transporte de pelo menos uma hora, ele era levado para o Hospital de Evacuação, um hospital de segunda instância para uma cirurgia de segunda instância.

A cirurgia de primeira instância era feita no Hospital de Campanha. É o hospital mais avançado, mais próximo da linha de frente, a mais ou menos meia hora de

distância do *front*. Para este, são levados os que não podem ser transportados e necessitam de cirurgia de emergência e onde tínhamos a enfermaria de choque.

Na enfermaria de choque não existiam camas, mas cavaletes. O paciente chegava na padiola, que era colocada sobre os cavaletes, e ali mesmo era tratado. Muitas vezes até operado. Lençóis esterilizados eram usados para fazer a proteção e mexer o mínimo possível com o paciente. No choque, eram ministrados a primeira dose de antibiótico, o reativante da antitetânica e realizadas as transfusões de sangue. Enfim, tudo o que fosse necessário ao paciente na emergência. Na verdade, a enfermaria de emergência era o próprio pronto-socorro. A segunda instância era atendida no Hospital de Evacuação, e a terceira instância no Hospital de Guarnição.

Nós todos fazíamos parte da *45 Task Force*. A 10ª de Montanha, os brasileiros, os sul-africanos, os negros americanos, todos formavam a *Task Force*. E quando houve o ataque e a recuada do Regimento dos negros americanos, na vizinhança de Monte Castelo, mais precisamente no seu flanco esquerdo, os baixados foram atendidos ali. Monte Castelo foi terrível. Eu costumo dizer que Jesus Cristo nasceu em Belém do Pará e não em Belém do Rivera, porque, para proteger os brasileiros como ele protegeu nesse dia, só sendo brasileiro. Nessa retirada, o 6º RI foi a vítima, ficou sem a proteção no flanco, com o recuo do Regimento supracitado.

Muitas grandes cirurgias foram feitas nessa ocasião. No 7º Hospital de Evacuação, pela primeira vez eu vi abrir um coração quando um cidadão americano chegou com uma bala localizada entre o pericárdio e o miocárdio. E, nessa época, ninguém fazia cirurgia cardíaca. Tínhamos grandes cirurgiões. Grandes professores americanos convocados, assim como brasileiros também. O professor Stelita Lins, que era professor de biologia e de urologia era um deles. Ele ficou em Nápoles, e nós brincávamos com ele, dizendo-lhe que era o prefeito de Nápoles, porque já participara da Primeira Guerra Mundial. Era um homem finíssimo e adorado, que freqüentava a alta sociedade napolitana. Todos o conheciam, condessas, marquesas, baronesas, pois já tinha morado na Europa. Vivia cercado das famílias tradicionais de Nápoles. E, com isso, ele conseguiu um ambiente maravilhoso para nós, para todos nós. Éramos muito bem recebidos. Outro grande profissional era o professor Mazílio Bueno, de clínica médica, assim como o professor Alfredo Monteiro, de cirurgia. Eram todos professores da Faculdade de Medicina, oficiais da reserva que foram convocados para a Itália. Todos eram profissionais de alto gabarito.

Entre os profissionais que mencionei também se encontrava o professor Alípio Corrêa Neto, de São Paulo, seu trabalho foi tão brilhante e tão importante que os americanos lhe entregaram o comando do Hospital de Campanha. Era uma pessoa

fabulosa. Eu tinha verdadeira adoração pelo professor Alípio Corrêa Neto. Quando ele chegou, nós estávamos passando por uma fase bastante difícil no hospital. O médico que chefiava na ocasião dormiu na barraca na hora de seu plantão no choque. Chegou um caso grave brasileiro e mandaram chamá-lo. Ele avisou que já vinha e continuou dormindo. Após uma hora, chamaram-no novamente e ele soltou um palavrão. O médico americano decidiu não esperá-lo mais. Desse dia em diante, os americanos passaram a ignorar os médicos brasileiros, até a chegada do professor Alípio. Ele era um cirurgião e o lugar dele era na sala de cirurgia, então às sete em ponto ele estava na sala de cirurgia. No primeiro dia, não lhe deram nada para fazer. E ele lá parado, alto, magro. No segundo dia, o pessoal já começou a ficar meio incomodado. Convidaram-no, então, para ajudar em uma cirurgia. À medida que ajudava na cirurgia, demonstrava seu profissionalismo. Os americanos acabaram por reconhecer seu valor, entregando-lhe a chefia do 32º Hospital de Campanha, onde as equipes brasileira e americana passaram a trabalhar sob a chefia do professor Alípio. Ele salvou o serviço de saúde brasileiro. Fez um trabalho magnífico.

E uma coisa é certa, nunca vi morrer no hospital. Chegavam, sim, muitos combatentes já mortos. Na noite em que os negros recuaram, mais de oitenta mortos chegaram. No posto socorro de Batalhão, quando o soldado passava pelo posto de socorro, a medalha de ferimento em campanha (Medalha de Sangue) já lhe era entregue. O americano já vinha com elas. Ele, morto, e, embaixo do corpo, já vinha a caixinha com a medalha e o diploma. Ele chegava ao hospital morto, mas já com a medalha.

Saímos de Nápoles, mudamos para Pisa. Seguimos para o 38º, em Vada. Depois de Vada, Santa Lucia, um povoado de Vada. O hospital estava localizado no meio de um parreiral. Todos no hospital viviam com a boca manchada de preto por causa da cor da uva.

Quando o hospital foi transferido, nós mudamos com o hospital. A transferência de um hospital de uma cidade para outra era bastante interessante. A organização americana era exemplar. Não tinha problema de continuidade. Evacuava-se quem podia ser evacuado e a metade do hospital era desmontada e transportada para outra localidade e montada novamente. No dia seguinte, levavam-se os pacientes para lá. O trabalho não parava um minuto sequer.

A vida social era normal e bastante estimulada pelo americano. Quando o hospital mudava de uma cidade para outra, a primeira coisa que se montava era um salão de beleza. A enfermeira não podia andar desarrumada. Sem exageros, mas maquiada, o cabelo permanentemente penteado. Nada de cara de doente. De doente bastavam os feridos.

Em Pisa, no 38º, entrosamo-nos muito bem com toda a equipe e fomos muito bem tratadas. Não havia restrições para conosco, em nada. Mas, no dia 2 de novembro de 1944, perdemos esse hospital em meia hora, só aparelhos de raio X foram quatro, dois fixos e dois portáteis. O equipamento de instrumental cirúrgico ocupava toda uma tenda inteiramente forrada de lençóis, em cujas prateleiras as bandejas ficavam preparadas por tipo de cirurgia, com o instrumental todo pronto. Era só colocar a bandeja em cima do carrinho, abrir o pano e todo o material já estava ali para a cirurgia. Milhares de instrumentos se perderam nas águas. Eu chorava de desespero, só de pensar como aquilo tudo poderia ter sido útil aqui no Brasil. Se tivéssemos um hospital daquele, com aquela quantidade e qualidade de material, seria uma felicidade.

E tudo aquilo foi embora nas águas, quando os alemães represaram o Rio Arno, nos Apeninos, até as comportas estourarem. As águas vieram arrasando tudo montanha abaixo. E muita gente morreu nessa corrente. Ilhas inteiras de árvores desceram. Casas flutuaram rio abaixo. Nós estávamos na margem do Rio Arno e tivemos um metro de água dentro das barracas do hospital. Eu me encontrava deitada bordando uma estrela no bibico, quando o Dr. Sebastião Souto entrou no acampamento das enfermeiras gritando "corram, corram, as águas estão invadindo o hospital". E nós tratamos de salvar o que pudemos. Não conseguimos salvar muita coisa. Eu fiquei com uma calça de pijama e uma calça verde-oliva e mais nada. No dia da enchente, meia hora depois, após perdermos a roupa toda, quando chegamos ao alojamento improvisado, as americanas já tinham recebido uniformes limpos. Nós não tínhamos o que vestir. Dois dias depois, quando voltamos para procurar outras coisas, nada encontramos. Minha mala estava flutuando. Quando abri o fecho ecler da mala, a única coisa sã e salva lá dentro era uma cobrinha d'água verde. A roupa tinha encolhido e fiquei sem ter o que vestir, estava tudo dentro d'água. Tentei vestir minha farda, mas não passou da metade do braço, porque o material não era de boa qualidade.

Como o uniforme não tinha reposição, fui para a cantina americana e comprei uniforme americano. Aliás, voltei para o Brasil com a farda americana. Tanto que depois o General Falconière me mandou para Livorno fazer fardas. Só que me cobraram um conto e quinhentos, e como eu ganhava setecentos e cinqüenta mil réis, deixei a farda para lá, não a trouxe. Comprei por trezentos mil réis o uniforme americano e o coronel de intendência lá de Livorno me deu uma jaqueta verde-oliva de couro. Quanto às outras enfermeiras, cada uma se virou como pôde, comprando. Algumas tiveram a sorte de conseguir entrar na farda depois, mas a minha não coube de jeito algum. Enquanto isso, o apoio administrativo americano era perfeito.

Perdeu-se tudo no 38º, mas em quarenta minutos não havia um paciente no hospital. Os americanos encostaram carros anfíbios, para onde transportamos as camas de lona, que pareciam padiolas com fundo de madeira. Junto com os doentes seguiram seus pertences. Em quarenta minutos, não havia mais um paciente no hospital. E ninguém morreu na enchente. Logo em seguida, os americanos repuseram tudo. Nada faltou. Basta dizer que tudo o que desapareceu no hospital que ficou embaixo das águas se materializou no outro. Nada parou de funcionar.

A única nota triste foi a seguinte: à tarde, na véspera, quando as águas já estavam vindo, as valas de escoamento do acampamento já estavam meio cheias e uma colega escorregou em uma tábua, batendo com a cabeça. Apesar de machucada, fizeram-na seguir para Nápoles, numa viagem de 26 horas de caminhão. No dia seguinte a sua chegada a Nápoles mandaram-na trabalhar numa enfermaria de contagiosos, sem verificarem se ela estava imune às doenças ou não. E ela se contaminou. Mais tarde, em vez de a submeterem a um tratamento, enviando-a diretamente para os Estados Unidos, pois sentia dores na coluna resultantes de uma fratura da qual ninguém tomara conhecimento, enviaram-na para o Brasil. No HCE, colocaram-lhe um gesso que não secou e apodreceram-lhe as carnes. Essa moça sofreu horrores. Terminou com um tumor no cérebro. Foi uma confusão terrível. Seu nome era Graziela Pontes Carvalho, amazonense, filha de um ex-governador do Amazonas. Ela era a mais velha de todas e a chamávamos de titia. Até o General Mascarenhas a chamava de titia. Todos tinham muito carinho por ela.

Depois da enchente de Pisa, fui para o 7º Hospital de Evacuação, em Livorno. Algumas colegas já se encontravam lá, mas estava tudo bastante desorganizado. Tanto que, ao ser mandada para o 7º, designaram-me enfermeira-chefe. Como não havia chefia até então, a chefe americana mandava e desmandava nas brasileiras. Quando cheguei e fui designada, procurei-a para me apresentar. Ela era Major e eu 2º Tenente. Informei-a de que fora designada enfermeira-chefe das brasileiras e que qualquer coisa que ela precisasse que se entendesse comigo. As enfermeiras brasileiras não mais receberiam ordens diretamente dela. Eu era a chefe e nossas funções iguais. Os nossos postos eram diferentes, mas a função igual. Não admitiria que desrespeitassem meu cargo.

Passaram-se uns dias, cheguei à enfermaria e as enfermeiras brasileiras não estavam presentes. A enfermeira americana as transferira. Fiquei muito aborrecida. Fui até ela, o dedo em riste, e disse-lhe que não admitia tal coisa. Não éramos empregadas dos americanos e nem suas subordinadas. Em seguida, fui até a direção do hospital e, sempre falando em inglês, disse a mesma coisa ao diretor do hospital que pediu mil desculpas, que eu o perdoasse, mas que até então não havia chefia e

que essa situação não mais se repetiria. Brasileiro comanda brasileiro! Nós trabalhamos juntos, mas não aceitamos cativeiro!

Nesse hospital, fui obrigada a dar vinte dias de cadeia a quatro colegas. Elas saíram na condução do hospital com o major subchefe para ir à inauguração do hotel brasileiro em Florença. No dia seguinte, a enfermeira-chefe americana telefonou, dizendo que as enfermeiras brasileiras que trabalhavam nas enfermarias americanas ainda não tinham comparecido. Fui então verificar. Fui perguntar ao Pontes como proceder e ele disse que a responsável era eu, a enfermeira-chefe. Perguntei por elas às colegas e me informaram que tinham ficado para aproveitar uma carona oferecida pelos americanos em seus jipes. Mas às duas horas da tarde ainda não haviam entrado em contato, não tínhamos qualquer notícia delas. Sob as vistas do nosso chefe, liguei para a polícia militar americana informando que quatro enfermeiras brasileiras estavam desaparecidas, pedindo para que as localizassem. Sem que eu soubesse, a polícia deve ter telefonado para o hotel brasileiro e avisado, de forma que, em vez de descerem para Livorno, foram para o QG em Pistóia. Deram azar porque a Inácia, que era minha assistente, estava em Pistóia e as encontrou. Jamais quatro enfermeiras seriam transferidas de uma só vez, pois o número de enfermeiras era muito reduzido. A Inácia pediu ao Coronel Marcos Porto que as mandasse de volta, e uma viatura foi providenciada para o transporte da Inácia e das quatro. A cadeia era paga, mas dei-lhes vinte dias de cadeia e oito de reclusão na ala hospitalar. Afinal, o hospital estava lotado, era dever de ofício terem voltado. A desculpa fora que o jipe quebrara e tiveram de retornar ao hotel. Mas não era possível uma coisa dessas, poderiam ao menos ter entrado em contato.

Assim, tivemos alguns problemas de disciplina, inclusive com outras colegas, causados, sobretudo, por inadaptação. Muitos vão me censurar por dizer isso, mas recebemos gente que causou problemas devido à falta de uma seleção mais efetiva, anterior à viagem para à Itália. Na segunda turma, gente que não tinha condições de ter ido foi. É claro que na primeira turma também houve, tanto que as quatro que mencionei foram mandadas de volta ao Brasil, mas ficaram o tempo que quiseram em Casablanca, porque só se embarcava quando havia vaga no transporte.

Em Livorno, passei a pior fase do inverno. Chegamos a ter temperaturas abaixo de zero, uma noite a temperatura foi a 16 abaixo de zero. Como o hospital era na beira da praia, morávamos em barracas de lona em um pinheiral do outro lado da estrada. Então, nós tínhamos vento de terra e vento de mar noite e dia. Para dormir, usávamos vários cobertores. Um cobertor aberto, um dobrado em dois, outro aberto e outro dobrado em dois, seis cobertores, mais a cama rolo fechada. Eu entrava e saía pelo lugar do travesseiro e só arrumava a cama uma vez por semana para não esfriar.

Certa noite, ouvi uma sirene dando alarme de incêndio, mas como o frio era intenso nem pensei em sair do calorzinho da minha cama. Mal sabia que era minha barraca que estava pegando fogo, bem em cima da minha cama. A lona da barraca tinha tratamento químico, queimava, transformando-se em cinza sem fazer labareda. O que aconteceu foi que tínhamos duas lareiras de gasolina feitas com tambores e um cachimbo. Eu coloquei o cachimbo mais para o meio para aumentar o aquecimento e este ficou um pouquinho maior, provocando o incêndio. Só me dei conta do que estava acontecendo quando minha barraca foi invadida. Mas nem assim saí da cama, tal era o frio. Entraram, apagaram o fogo, foram embora e eu fiquei lá dentro. Sair para quê? Fiquei lá dentro da barraca.

Muitos ficaram doentes, mas resistiram. É interessante a inteligência, a argúcia e a inventividade do brasileiro. No inverno é comum acontecer o pé-de-trincheira e com o brasileiro isso quase não acontecia. Era muito raro. Os americanos ficavam impressionados com isso e pediram informações ao nosso serviço de saúde, sobre qual era o trabalho preventivo que era feito para evitarmos o pé-de-trincheira, um povo habituado ao clima tropical e que não estava muito familiarizado com o frio. Na realidade, ficavam surpresos em ver que o brasileiro quase não padecia de pé-de-trincheira e um grande número de americanos sofria desse mal. O que acontecia era que, em vez de usar o coturno, os pracinhas forravam o galochão com uma camada de palha de feno coberta com outra camada de jornal, outra de feno, outra de trapos de lã, mais outra de jornal e mais uma de feno, em seguida calçava três pares de meia e em seguida o galochão. E o problema terminava. A circulação funcionava. Não tinha o coturno apertando e os pés ficavam protegidos da umidade através da palha de feno, do jornal e da lã. Agora, eu tenho pé-de-trincheira. Quando chega o inverno, dói que é uma coisa horrível. Tive início de congelamento nas pontas dos dedos. Uma outra colega de Pernambuco também padeceu com um caso grave de pé-de-trincheira e nunca mais pôde ficar no frio.

O tratamento para o pé-de-trincheira era feito com ventilador e whisky. Colocava-se algodão entre os dedos e agasalhava-se o corpo todo com vários cobertores, deixando-se os pés do lado de fora envoltos em talco. Ligava-se um ventilador em cima para ajudar no descongelamento, que devia ser gradativo, esquentando por dentro, ativando a circulação. De duas em duas horas, bebia-se um cálice de whisky.

Todo o trabalho da saúde, do serviço de saúde merece elogios, desde o padioleiro lá na frente até os hospitais mais à retaguarda. Reputo o título de maior herói ao padioleiro. Tenho verdadeira veneração. Era aquele que chegava à linha de frente, protegido exclusivamente pelo braçal da Cruz Vermelha e pelo capacete. Ia buscar o ferido na cara do inimigo. Não portava arma alguma, nada, e até onde sei, como os

padioleiros estavam protegidos pela Convenção de Genebra, os alemães os respeitavam. Era ele quem prestava o primeiro socorro. Era ele quem resgatava e trazia os feridos e quem realmente os salvava. Transportava o ferido para o posto de socorro do Batalhão e, com tarjetas de cartolina presas com barbante, classificava a gravidade do caso e verificava para onde o ferido deveria ser transferido. Mas também era ele quem, num trabalho malfeito, um socorro mal dado poderia matar o paciente. De forma que eu tenho verdadeira admiração e teço os maiores encômios aos padioleiros. São os heróis do serviço de saúde.

A linha de frente de saúde era feita da seguinte forma: padioleiro, posto de socorro de Batalhão, posto de socorro de Regimento, companhia de saúde e batalhão de saúde. E a partir daí começava então a cadeia hospitalar. Essa era a seqüência do atendimento a partir do momento em que o paciente era ferido.

Quando não havia possibilidade de chegar ambulância até o ponto do resgate, o transporte era feito em um jipe com tração nas quatro rodas revestidas com correntes que usávamos como ambulância. O jipe podia subir montanha, percorrer qualquer terreno, era extremamente eficaz. Houve ocasiões em que transportávamos quatro padiolas no jipe, duas sobre o capô e duas na parte de trás, ou deitávamos o banco e colocávamos duas padiolas atravessadas, ou então, uma ao lado do motorista, dependendo do número de feridos, da gravidade do ferimento e do acesso ao local. O jipe tinha excelente desempenho naquela topografia difícil. Principalmente em época de neve, de gelo, as correntes nas quatro rodas possibilitavam acesso rápido.

Também prestávamos socorro aos alemães, que pediam para ir para as enfermarias brasileiras, porque brasileiro não tem problema com cor de pele, credo, nada. Eles queriam ficar com os brasileiros, pediam para ir para nossas enfermarias. Assim como os negros americanos também.

No 38º, a enfermaria tinha 120 leitos, sessenta de um lado, sessenta do outro e, no centro, um estágio. Era como chamávamos o lugar onde a enfermeira preparava os medicamentos para distribuição. Os negros americanos vinham com latas de queijo vazias que faziam de banquinhos e ficavam sentados a nossa volta conversando. De tanto ouvi-los, peguei o seu sotaque.

Quando voltei a Nápoles, numa ocasião, fui visitar o comandante do 45, um americano idoso, que era um amor de pessoa. Tinha três filhos, um fora morto em campanha, outro estava prisioneiro e um terceiro, combatendo. Com ele também podia me comunicar um pouco em francês. Quando conversávamos e eu não sabia dizer as coisas em inglês, a enfermeira-chefe, ele e eu ainda assim nos entendíamos muito bem porque também usávamos o francês. Até eu me acostumar com o sotaque deles foi difícil. Chorei, entrei em pânico, mas depois aprendi. Quando cheguei a

Nápoles para falar com o coronel, abri a porta do gabinete dele sempre falando em inglês. Ele olhou para mim, tirou o óculos e perguntou: *What?* Eu só repetia aquela gíria de negro americano. Saíra dali há um mês e voltava falando com o mesmo sotaque. Impressionante!

Aconteceu também um fato muito interessante com a Carmita Corrêa e Castro em uma noite em que ela estava de plantão na enfermaria. Ela foi classificada em primeiro lugar junto comigo. Como a ceia era à meia-noite, sempre tínhamos uma bacia com *doughnuts*, aquelas roscas fritas americanas famosas, e um jarrão com chocolate ou café com leite na enfermaria, para os que chegassem da frente com fome. Normalmente, não recebíamos prisioneiros, mas nessa noite chegaram três alemães. A Carmita só tinha 250ml de chocolate naquele momento. Ofereceu a um dos alemães e ele prontamente aceitou. Ela encheu uma caneca com chocolate e, como só havia duas roscas, saiu para buscar mais. Ao retornar à enfermaria com a bacia cheia, os alemães repartiam a caneca de chocolate e os dois biscoitos entre os três. Ela distribuiu as canecas e encheu-as. Eles entreolharam-se e sorveram tudo o que lhes era oferecido, até que ela deu um basta. Conversaram entre eles e perguntaram a ela se era o seu aniversário. Da unidade? Era dia nacional? E ela respondeu que não, o que os fez ficarem surpresos com a fartura, mesmo não sendo dia de festa. Chegaram a passar mal no dia seguinte, pois cada um ingeriu 750ml de chocolate com o estômago vazio.

Mas os pacientes brasileiros, apesar da fartura, no princípio, recusavam-se a comer e foi um problema sério, pois começaram a perder peso. Iniciei, então, a minha fase de nutricionista. Minha mãe era professora de arte culinária, e, por isso, achavam que eu tinha que ser nutricionista também. À noite, ia para a cozinha preparar e temperar comida com paladar brasileiro. Na verdade, usar ração americana com paladar brasileiro, o que agradou até os americanos, que também passaram a gostar.

Outra pessoa, por sinal uma pessoa muito conhecida, que muito nos auxiliou e a quem eu gostaria de ressaltar a participação foi a escritora Clarice Lispector. Clarice era casada com Maurinho José Valente Lispector, do Consulado. E, como o Embaixador Nabuco era solteiro, ela fazia o papel de embaixatriz, inclusive trabalhando no Consulado, em Nápoles. De manhã, ela preparava todo o trabalho do Consulado e à tarde vinha até o hospital nos ajudar. Cortava as unhas dos pacientes, escrevia cartas, fazia a parte da assistência social que nós não tínhamos.

Uma coisa da qual o Exército carece é ter em seus quadros assistentes sociais. Os americanos usavam as moças da Cruz Vermelha para fazer a parte da assistência social do corpo, a recreação dos pacientes. Tudo era feito pelas meninas da Cruz Vermelha. Nós tínhamos que improvisar tudo. Fiz até *show*, cantando *Boneca de*

Piche, pintada de preto com o Bola Sete, um pracinha que era cantor. Ele com o pé dentro do galochão, porque estava com pé-de-trincheira e não podia calçar o sapato, e eu com um vestido emprestado pela Diane Sholl, uma artista americana, que mandou sua caixa de maquiagem para eu me maquiar para o *show*. Nunca mais ela conseguiu vestir o vestido, pois como era magra e eu, gorda, o vestido esticou de tal forma que ela jamais pôde voltar a usá-lo.

A recreação é importante. O paciente não fica na enfermaria sem ter o que fazer, e todo o trabalho no hospital é feito por eles mesmos. O que pode andar empurra a cadeira do que não pode. O que está com as mãos boas faz o trabalho manual. A fisioterapeuta e a assistente social fazem muita falta. Há uma grande necessidade da terapia ocupacional, que é importantíssima para a recuperação do paciente. O soldado baixado não pode ficar pensando em doença sem ter o que fazer; é preciso arrumar uma ocupação para ele. Uma sala de recreação com violão, piano, bateria e rádio ajuda-o a não ficar pensando na doença. Eu fiquei entusiasmada com a terapia ocupacional. Estagiei em cinco hospitais norte-americanos depois da guerra, onde é imprescindível a terapia ocupacional.

Nesse ponto, quem nos ajudou muito foi Clarice Lispector, porque ela supria essa parte da qual carecíamos tanto lá em Nápoles, principalmente na enfermaria dos mutilados. O mutilado tem sempre o moral totalmente arrasado, e o cuidado no tratamento tem de ser enorme, para que não se sinta inferiorizado. Como muitos deles reclamavam que estavam com saudade da comida brasileira, Clarice resolveu arrumar feijão e fazer uma feijoadinha, convidando-os para almoçar na casa dela, lá no Consulado. Fomos pedir autorização ao chefe da seção brasileira, que era um núcleo dentro do hospital americano, e ele a negou. Falei então com o médico americano, que prontamente autorizou, pois sabia que Clarice estava nos prestando um favor. Além do que era disso que os pacientes estavam precisando. Mas como vesti-los? Só tinham pijamas, mas demos um jeito. Assim como Inácia, que era magra e alta, todas contribuímos com nossas calças compridas de lã de inverno, porque o Túlio e o Eli eram baixinhos e o Gil, muito alto. Vestimos nossas roupas nos pacientes, e o médico americano mandou encostar uma ambulância, onde os embarcamos e os levamos para o Consulado. Lá, eu os deixaria e retornaria imediatamente ao hospital. Mas Clarice e o embaixador pediram que eu ficasse. O fato é que eu poderia até ser presa se o chefe do setor brasileiro soubesse que eu retirara os pacientes do hospital, embora com a autorização do americano. O embaixador então telefonou para o chefe do setor brasileiro no hospital, dizendo que queria que eu ficasse e participasse do almoço junto com os pacientes. E ele, sem graça em dizer não para o embaixador, autorizou que eu ficasse acompanhando os pacientes. E foi uma festa maravilhosa. O Túlio era um exímio pianista.

Eli era um brincalhão, um moleque, foi com ele que combinara a história da caderneta de telefone, o código do embarque dos pracinhas. O Eli, que era meu amigo desde meninota, nesse dia, até quis dançar. Peguei-o por baixo do braço, suspendendo-o e ele pulando em uma perna só e a gente dançando *Tico, Tico no fubá* no Consulado. Isso em plena Campanha. Essas coisas eram feitas para poder levantar o moral. E isso era muito importante.

Outra pessoa que eu gostaria de destacar é a pessoa do Coronel-Aviador Nero Moura, que nos deu um apoio muito grande. O jipe do Cel Nero tinha uma carroceria de madeira com cadeiras de cinema, todo incrementado. Principalmente na época do inverno, no verão nem tanto, como o jipe era fechado, eu o usava para fazer compras para os pacientes que não podiam sair do hospital e retornariam para o Brasil. Pediam-me para comprar presentes em Florença para os familiares. Às vezes, por exemplo, quando precisava ir à frente buscar dinheiro, roupas e pertences dos doentes que não tivessem sido repatriados, telefonava para o Cel Nero, para saber quando o B-25 iria a Nápoles para eu pegar uma carona, e ele respondia sempre que o B-25 não era táxi e que os pilotos não eram chofer de praça, mas logo em seguida perguntava para quando eu precisaria do avião. O B-25 era o meu táxi.

O Grupo de Caça era muito diferente da nossa tropa. O Grupo de Caça, à noite, jantava de túnica e gravata ao som de um quarteto de cordas. Ali, mantinha-se o *aplomb*. Eu vivia muito no Grupo de Caça. Quando servi em Livorno, que era a vinte minutos de Pisa, pegava a primeira carona que passasse e ia jantar com eles. Eu jantava quase toda noite lá ou com os ingleses, os meus ex-pacientes ingleses.

Certa ocasião, eu e Lúcia fomos com a FAB para Florença, pois tínhamos quatro dias de licença. Nessa época, eu estava noiva e pretendia encontrar-me com meu noivo em Florença, já que ele estava na fronteira com a Iugoslávia. Telefonei para ele ao chegar ao hotel e ele disse que estaria chegando no dia seguinte por volta das quatro horas. Fiquei esperando por ele, e nada. Como não tinha mais para onde ir, voltei para a base. Logo depois, todos apareceram para me visitar e fiquei sabendo que assim que meu noivo acabou de falar comigo ao telefone e voltou para o alojamento para se aprontar para a viagem, uma granada atingiu sua barraca. Morreram ele e o motorista.

Em outra ocasião, fomos almoçar em Porreta com o pessoal da ELO. Lá estava um colega meu de infância, o Joel Clark, filho de um médico colega de meu pai, o Dr. Clark e meu vizinho em Copacabana. Como íamos para o PC, em Florença, o Joel, autorizado por seu comandante, ficou de nos levar para lá. Trouxe-nos um capacete de vôo, óculos, bota e isso para entrarmos em um jipe alemão que ele envenenara, colocando motor de avião e que comprara de um italiano.

Descemos os Apeninos amarradas. Era como se estivéssemos em um avião. O jipe desceu as ladeiras dos Apeninos em tal disparada que, em alguns momentos, eu achava que rolaríamos ladeira abaixo. Quando chegamos ao hotel, em Florença, Joel parou e abriu o carro, olhou o relógio e reclamou, ainda tinham dois segundos de diferença. Saltamos do carro e o pessoal que presenciou nossa chegada começou a rir de nós. Todos olhavam e riam e não sabíamos o motivo, somente ao passarmos na frente do espelho é que pudemos entender. O único ponto branco em nossos rostos eram os olhos, o resto do rosto estava todo preto de fuligem.

Não devemos deixar de mencionar a fraternidade do brasileiro com todos. Era maravilhosa. O brasileiro dá um boi para não entrar numa briga e uma boiada para não sair dela. Fazia misérias para pegar o alemão, depois que o pegava ficava com pena. Preocupava-se se estava com fome, com frio, tirava a roupa e dava para o alemão. Tirava tudo que era reserva de comida que tinha e dava. Para com os italianos então nem se fala. Essa era a situação. Machado Lopes contava uma coisa muito engraçada. Essa história também foi contada por ele no livro que escreveu. Certa feita, eles estavam estacionados lá em cima num pequeno povoado nos Apeninos, próximos de uma igreja que tinha o serviço religioso funcionando. Machado Lopes era muito católico e foi à missa, se não me engano uma missa de Natal, quando as italianas começaram a chegar vestindo verde-oliva. Elas haviam confeccionado suas roupas com o tecido dos cobertores que os pracinhas lhes deram. O Machado foi brigar com eles, dizendo-lhes que morreriam de frio por terem doado seus cobertores, ao que respondiam que mais valia um cobertor de orelha.

Outros emagreceram vendendo ração. Tínhamos quatro tipos de ração. A ração normal: chegava, por exemplo, um boi congelado e tínhamos carne fresca no dia seguinte. Contava seis meses de congelado, mas era congelado na hora em que era morto. Era um sistema de congelamento que conservava o sangue. Quando descongelava no sereno, o sangue escorria. Era como se fosse carne fresca. Os outros três tipos de ração eram a que tinha o alimento que precisava ser cozido, a ração C e a ração K, que hoje aqui é chamada de ração de campanha. É uma caixa de papelão que contém um envelope encerado. Dentro desse envelope encerado, há uma lata com alimento sólido. Variava de acordo com o cardápio, podia ser ovo mexido com presunto ou queijo, chocolate, leite em pó, cigarro, café em pó, chiclete, fósforo. A ração da lata variava de acordo com a refeição, café da manhã, almoço ou jantar. Era levada pelo combatente dentro do bornal, quando ia para a frente de batalha. Ele levava duas, três dessas refeições para o caso de emergência. O outro tipo de ração era a ração C. A ração C era enlatada. Lata em italiano se chama *scatola* e o *brasiliano* atacou um negócio *trubo buono*, um *scatoletano*.

O *scatoletano* tinha cotação monetária. Talharim e macarrão valiam mil e duzentos liras. O arroz tinha a cotação de mil liras. De acordo com o cardápio sabia-se o valor monetário. Muitos voltaram para o Brasil magrinhos, mas venderam tudo quanto foi *escatoleta* e ficaram com o bolso cheio de dinheiro para trazer para o Brasil.

O soldado brasileiro é fora de série. Só quem esteve lá, só quem esteve em campanha pode aquilatar o que é o homem brasileiro fora daqui, numa situação dessa. Aquele analfabeto que mal sabia falar português, quanto mais uma língua estrangeira, desdentado (vinte mil dentes foram extraídos entre o Brasil e a Itália), acostumado a comer jabá com farinha, agigantou-se. O soldado brasileiro amadureceu rapidamente. Transformou-se e renasceu um outro homem. Aquele campesino se tornou um gigante. O pigmeu se transformou em um gigante. Andava de pé descalço e botou um sapato bonito, uma roupa elegante, fumando *Chesterfield*. Passou a comer compotas e a falar língua estrangeira, a tomar vinho quente quando aqui só tomava pinga. Esse soldado, de um momento para o outro, sofreu uma transformação, adaptando-se em segundos, inclusive, com o armamento.

Aqui no Sampaio, eu vi, não me contaram não. O americano abriu um pano preto no chão, pegou o novo fuzil e começou a desmontar, depositando peça por peça no seu devido lugar. O brasileiro que observava, para se distrair, mastigava um palito de fósforo no canto da boca assobiando ao mesmo tempo. Olhava para um lado e para o outro, não dava bola para nada. O americano, percebendo que o homem que observava não estava se importando nem um pouco, ao acabar de montar chamou-lhe para desmontar e montar o fuzil como fizera. O homem jogou tudo no chão, montou e desmontou tudo e jogou no chão novamente. O americano ficou apavorado, pois o homem que apenas observava, que aparentemente não estava prestando atenção a nada, montou e desmontou a arma na metade do tempo do americano. A inteligência do brasileiro é anormal, fora de série.

E o nosso soldado é de uma bravura tremenda, ombreou-se com os chamados maiores soldados do mundo. É ele o maior soldado do mundo, o soldado brasileiro. Tínhamos até dificuldade em segurar o doente no hospital. Quando baixavam, queriam logo voltar para a frente e lutar. Não queriam ficar hospitalizados de jeito nenhum. Quando a gente prendia, mais tempo diziam que não tinham mais nada. Estavam ainda bastante doentes, mas queriam ir embora, queriam voltar para o combate. Queriam vingança do tedesco. O nosso soldado venceu todas as vicissitudes. É impressionante. Criaram uma língua própria, um esperanto especial. Era uma mistura de português, inglês e italiano e se entendiam às mil maravilhas. Morria-se de rir ao ver um americano e um brasileiro conversando, sem falar um a língua do outro e mesmo assim se entendendo.

O inimigo era uma máquina de guerra. Ele foi criado, educado e preparado para combater. Não interessava se a dor estava presente, a morte, ou o que fosse, foi feito para combater. Foi criado para obedecer ordens. E muitos baixavam o hospital. A primeira dose de antibiótico naquele tempo era sulfa. Para cada grama de sulfa, acrescentava-se duas gramas de bicarbonato. A sulfa era em pastilhas de meia grama. A primeira dose era composta de quatro gramas de sulfa, oito pastilhas e 16 de bicarbonato em pedra. Eram na realidade 32 pílulas que o pobre coitado tinha de engolir na primeira dose. Você entregava aquela quantidade enorme de pílulas para o brasileiro, e ele, achando que era demais, escondia debaixo do colchão. Ao alemão, você as entregava, e ele ficava olhando. Encarava-nos e botava tudo de uma vez na boca sem dar uma palavra. Você dizia "faça isso, é ordem" e eles obedeciam, disciplinados. Era uma máquina de guerra sem sentimento próprio, pelo menos foi o que eu senti. Mas eu morria de pena porque eram meninos.

Um desses meninos, um garoto de 17 anos , deu entrada um dia na hora em que eu iniciava meu plantão no choque. Ele chegou com a caixa craniana arrancada, a massa encefálica misturada à lama e dejetos. No choque, trabalhávamos com um espelho dentro do bolso. Encostei o espelho no nariz e embaçou, estava vivo. Então, era transfusão direta, sangue completo. O que fosse necessário. Não precisava nem chamar os médicos. Quem trabalhava no choque fazia parte de uma equipe muito especializada, pois só dois médicos estavam sempre presentes, um brasileiro e um americano, que decidiam quem seria internado. Então, a enfermeira tinha que saber o que fazer, não precisava estar perguntando o que fazer aos médicos, nem ficar chamando por eles. A não ser nos casos extremos.

Eu peguei o garoto e fiz tudo o que podia fazer. Peguei veia, fui controlando a pressão, que estava quase zero, mas o espelho ainda embaçava. Então, a missão era salvá-lo. Lá pela uma hora da madrugada ele ainda estava vivo, e dera entrada às sete horas da noite. Lavei-lhe a cabeça pingando soro morno para limpar-lhe os ferimentos de toda aquela lama. Limpei o máximo que pude e fiz um cortinado com a gaze, deixando-o lá. No dia seguinte, à tarde, ele ainda estava vivo. Resolveram então fazer-lhe uma cirurgia para fechar-lhe a caixa óssea. Esse menino foi um dos pacientes salvos da famosa enchente de Pisa. Eu ainda tive notícias dele por três meses, depois perdi o contato.

Quando o paciente chegava ao hospital, tínhamos um lema: "O soldado luta para a morte e a enfermeira luta com a morte." Nosso inimigo não era o alemão, o japonês, o chinês. O nosso inimigo era a morte. Tínhamos de vencê-la.

Alguns oficiais ingleses também baixaram em nosso hospital. Com esse jeitão brasileiro que me é peculiar de brincar com todo mundo, na ronda eu sempre mexia

com todos. Eu passava, puxava o pé de um, tirava o lençol do outro. Ia fazendo brincadeira de propósito para fazer graça. Como os ingleses eram todos circunspectos, o americano tratava bem o inglês, mas à distância, não era capaz de fazer uma brincadeira. Era mais fácil fazer uma brincadeira com um brasileiro do que com eles. E, embora se diga que o relacionamento com o inglês fosse mais difícil, comigo isso não acontecia, comigo era diferente por causa da brincadeira. Eles estavam jogando xadrez e eu tirava as pedras e as trocava de lugar. Enfim, fazia graça com cada um deles. Quando tiveram alta, comunicaram ao comandante deles como tinham sido tratados pelas brasileiras. Um dia, recebi uma delegação de três oficiais representando seu comandante, um lorde. Traziam para as enfermeiras brasileiras um convite para jantar. Pediram que lhes desse uma relação com os nomes de todas as enfermeiras brasileiras, porque viria um oficial com um carro para escoltar cada uma das enfermeiras ao jantar. Reuni as meninas e falei-lhes sobre o convite, mas disse que se preparassem porque seria uma ocasião na base da alta etiqueta.

Chegou o dia da festa. Uma procissão de carros. Um oficial para acompanhar cada uma das enfermeiras. A festa foi num castelo que eles estavam utilizando. O porteiro mais parecia um marechal, tal a quantidade de alamares e medalhas por todos os lados. No princípio, pensei que era algum oficial, mas não, era o porteiro. Entramos, e o coronel nos recebeu uma por uma, pelo nome em uma relação. A cada uma, em forma, ele agradecia o carinho com que tratáramos aqueles que estiveram sob nossos cuidados. Fomos para o salão no andar de cima, onde um quarteto de cordas tocava. Finalmente, o jantar, que foi um evento de alto nível e inesquecível para todas nós.

Depois, eles puseram essa casa dos oficiais da engenharia, que era pouco adiante do hospital, à nossa disposição. Havia um mordomo e uma lareira sempre acesa, um bule de chá no rescaldo. Não existia quase ninguém por lá, pois passavam o dia no campo. Eu acabava o serviço, ia para lá costurar, bordar, fazia o que tinha que fazer naquele rescaldo da lareira com o meu bule de chá do lado. A guerra, também, me proporcionou momentos agradáveis como esses.

Mas as emoções foram e ainda são muitas. Por diversas vezes, diante de um homem ferido, em dificuldades, tínhamos que levantar-lhes o moral. Houve um menino de Pernambuco, o Ismar. Esse rapaz chegou com paralisia dos radiais e não falava. Fizemos um teste com ele anestesiado, e ele falou. Na realidade, ele não tinha defeito nas cordas vocais. Vieram me chamar porque ele não queria deixar tirar a pulseira. Quando iam tirar sua roupa, ele agarrava o braço, segurando a pulseira. Não havia quem conseguisse tirar-lhe a roupa. Como eu, já naquele tempo, fazia um pouco de hipnose, comecei a dizer seu nome, olhando fixamente para ele. Expliquei-lhe que tiraria a pulseira, mas a colocaria de volta. Até que ele foi soltan-

do a mão. Quando ele soltou a mão, retirei-lhe a pulseira, segurando-a na frente dele ao alcance da visão. Trocaram-lhe a roupa pelo pijama e eu tornei a colocar-lhe a pulseira no braço. Ele então respirou aliviado.

Desse momento em diante, minha determinação era fazê-lo falar. Todo momento de folga que eu tinha, ia para junto do Ismar. No dia em que esse rapaz falou, quem ficou louca fui eu, só faltei dar cambalhota na enfermaria. Eu gritava, pulava, gritava "o Ismar falou, o Ismar falou", correndo de um lado para o outro. A minha alegria foi imensa. Dias antes, a seu pedido, eu respondera uma carta de sua mãe dizendo que não se preocupasse, porque ele só tinha ferido o dedo, e não podia escrever-lhe porque não podia segurar a caneta. Depois que voltou a falar foi uma alegria tremenda, retornou ao Brasil e nos correspondemos. Tenho as cartas até hoje.

Há dois anos atrás, eu estava em Porto Alegre fazendo uma palestra no Hospital Militar, quando percebi um homem calvo de olho azul na segunda fila, olhando-me firme. Prestou atenção à palestra toda e quando esta acabou, levantou-se e retirou do bolso dois envelopes, colocando-os na minha frente. Ao olhar o envelope, reconheci minha própria letra. Eram minhas cartas para ele. Senti uma enorme alegria. Ele está casado com filhos e netos e disse-me que tudo graças a mim, que eu o salvara. Isso é gratificante, o melhor prêmio, a melhor medalha que eu poderia ter recebido, a gratidão desse paciente.

Apesar da propaganda pela rádio concitando os alemães a se renderem e eles por sua vez concitando os brasileiros a fazerem o mesmo, o moral não se abatia. Mas, na realidade, pouca propaganda se ouvia, tanto que as coitadas das nossas mães se desmiolaram chorando na Rádio Nacional, para mandar mensagens às enfermeiras e nunca as ouvimos. Só viemos a saber das mensagens quando retornamos ao Brasil.

Com relação ao desempenho da nossa tropa, não é possível destacar um fato ou outro. Todos foram dignos de nota. Por exemplo, o Batalhão de Saúde foi espetacular, fez um trabalho maravilhoso. As companhias de tratamento não ficavam porque iam lá para a frente. Os padioleiros dentro da minha área de saúde foram maravilhosos, mesmo nos hospitais.

Mas do que soube e ouvi falar nos Apeninos, ou mesmo depois no Vale do Rio Pó, gostaria de destacar Montese. Lá não havia possibilidade de avanço porque com 360 graus de visibilidade da torre, qualquer tropa, por qualquer ângulo que viesse, era vista lá de cima. Montese estava muito bem defendido. Mas prevalecia sempre o nosso jeitinho brasileiro. O Ten Iporan, o valente Comandante de Pelotão de Fuzileiros do I Batalhão do 11º RI, aproveitou as curvas de nível e conseguiu subir e pegar os dois alemães que dizimavam a todos lá de cima da torre com as metralhadoras. Esse ataque a Montese ficou marcado como o mais sangrento, imortalizando

os brasileiros como o de Monte Castelo. Foram jogadas 15 mil granadas de artilharia, fora toda a munição de mão, num só dia. Montese e Monte Castelo foram, realmente, duas conquistas brilhantes de nossa FEB.

Monte Castelo foi impressionante. Eu fiquei horrorizada quando estive lá dez anos depois e o subi. Até quebrei o pé, porque resvalava de uma tal maneira que era impossível manter o equilíbrio. Hoje, está uma beleza, todo reflorestado. É um bosque maravilhoso. Mas na época em que eu subi, dez anos depois da guerra, ainda era pedra. Na borda, na ponta do despenhadeiro, cinco cidades podem ser vistas a olho nu. Eu me admiro, e até hoje penso, como os nossos pracinhas conseguiram subir com trinta quilos de armamento nas costas. Como eles conseguiram tomar aquele monte? É impressionante. Só quem esteve lá e tentou subir como eu pode aquilatar a dificuldade que deve ter sido. Como é que o nosso combatente conseguiu vencer aqueles obstáculos todos, com o alemão atirando das posições privilegiadas em que se encontravam?! É impressionante! O soldado brasileiro foi de uma bravura, de uma coragem, que faltam palavras para exaltar os seus feitos.

Quando a guerra terminou, eu estava em Livorno. Embora não fosse permitido ligar o rádio, nas casas os rádios berravam que a guerra findara. Então, quando acabou o desfile, fomos para Pisa, para o 1º Grupo de Caça e, como ficaria tarde para voltarmos, o Cel Nero Moura insistiu para que pernoitássemos lá. Ele estava com gripe, tossindo muito e não pôde nos acompanhar ao baile, mas aceitamos a oferta. No dia seguinte, o telefone tocou com boas notícias. Um piloto americano que voava mais ou menos em ala com as tropas brasileiras nos dava notícias do Othon Correia Neto, também meu companheiro de infância, em Maceió. Ele tinha sido abatido e estava desaparecido. Estavam ele e o Assis desaparecidos. Acabavam de ser localizados. Tinham estado no campo de concentração de Nuremberg, depois de passarem uma temporada no de Nusbeck. Estavam livres agora. O Moreira Lima conta a história dos dois em seu livro *Senta a Pua*.

Foram buscá-los no B-25 e, no dia seguinte, quando chegaram, resolvemos preparar-lhes um banho de champanha para recepcioná-los. Ficamos todos escondidos, quando o B-25 sobrevoou roncando o motor, avisando que iria pousar. Ficamos atrás da porta e penduramos uma garrafa de champanha na parte de cima da mesma amarrada com uma cordinha. Quando a porta se abriu, os dois tomaram um banho de champanha.

Terminada a guerra, pedi para retornar ao Brasil. Quando saímos daqui estava previsto que a cada seis meses haveria um rodízio. Só permaneceríamos na Itália por seis meses, eu já estava lá há um ano e muito cansada. Então, voltei em junho. Praticamente um ano se passara.

Estava exausta, minha responsabilidade era muito grande. Embora fosse a mais moça de todas, cabia-me a difícil missão de chefiar um hospital daquele tamanho. Além de tudo, ainda era a oficial de ligação entre as chefias e os pacientes que não falavam o mesmo idioma. Era um cansaço mental muito grande para mim, sem contar o cansaço físico. Já sofrera o acidente e minha saúde declinara bastante. De forma que pedi para retornar, pois já cumprira a minha missão, queria vir embora.

Mas o retorno foi uma decepção. A maior decepção que tivemos. No desfile, o povo vinha em cima roubando botão, arrancando fita, arrancando tudo. Porém, quando as enfermeiras passaram, ouvimos alguns desfazendo de nós, gritando que o brasileiro ganhara a guerra por causa dos canhões. Mas os canhões a que se referiam éramos nós, as enfermeiras.

Tal foi o descaso, o desprezo, que a FEB foi desmobilizada ainda na Itália. Nós também fomos desmobilizadas na Itália e jogadas na rua. Algumas colegas se sujeitaram a trabalhar como enfermeiras civis contratadas. Eu não, eu fiz concurso para o Banco do Brasil e por lá fiquei até 1957, quando entrei em licença sem vencimentos e retornei ao Exército. Depois de cinco anos, o banco começou a exigir a minha volta. No final de 1963, nas vésperas da Revolução de 1964, retornei ao Banco do Brasil, mas como havia um grande número de comunistas no setor, comecei a ser perseguida. Só me chamavam de milico, de reacionária e de outras coisas mais. Nisso se deu a Revolução, quando mudaram o meu horário, tornando-o incompatível com a minha permanência no Exército. Procurei suportar a perseguição disfarçada até que, posteriormente, fui requisitada pelo General João Figueiredo para trabalhar com ele por dois anos, no Escritório do Serviço Nacional de Informações, onde fiquei responsável pela assistência de saúde. Quando era necessário chamava o médico, quando não, eu mesma resolvia. Montei uma farmácia no Gabinete, funcionando, também, sob minha responsabilidade.

Depois, já em crise aguda da coluna, não agüentando as dores, fui reformada. Desde 1976 dizem que eu estou reformada, embora continue trabalhando. Faço esse trabalho voluntário de preservação da memória histórica, iniciado com o livro *Nas Barbas do Tedesco*. Nessa época, eu precisava de algumas fotos e vim ao Quartel-General procurar o Schneider, que era o chefe do antigo cine-foto cartográfico. Conversando com ele, prontifiquei-me a fazer o trabalho de captação da imagem da FEB através da fotografia sem qualquer remuneração, caso ele me desse carta branca. Hoje, o arquivo tem cerca de cinco mil fotos. Foi um esforço particular. Quase não tive apoio, a não ser no tempo do Schneider.

Depois tudo se tornou mais difícil. Inclusive papel, filme e química. Eu tinha que pedir pelo amor de Deus aos meus amigos. Todo o trabalho de preservação da

memória histórica foi feito por minha iniciativa com o apoio de algumas pessoas. A história da FEB, contada por aqueles que tomaram parte nos eventos na frente de combate, no apoio aos elementos de primeiro escalão, assim como na retaguarda, é bem diferente da história contada nos livros, complementando-a, efetivamente, com dados e observações imprescindíveis ao seu pleno e real conhecimento.

Procuramos abordar todos esses problemas por que passamos. Temos muitas coisas interessantes para contar. E muita coisa servirá de escola para as gerações futuras, sejam civis, sejam militares.

Estou para publicar outro livro intitulado *Eu Estava Lá*, meu quarto livro, escrito em três idiomas, português, inglês e italiano e por isso tem três prefácios, um prefácio americano, que foi escrito pelo Major John Buyers, o Oficial-de-Ligação da USAF junto ao 1º Grupo de Caça da FAB, que mora atualmente aqui no Brasil e é casado com uma brasileira, um prefácio italiano escrito pelo Stefano Salmi, do departamento de História da Universidade de Bolonha. Ele é um apaixonado pela Força Expedicionária Brasileira e possui vários trabalhos escritos sobre a FEB.

Soma-se ainda aos três prefácios um comentário maravilhoso do General Gleuber Vieira que fez uma apreciação muito simpática e objetiva sobre o trabalho, mas declinou de fazer o prefácio, achando que devia ser feito por um febiano ilustre. Então, eu convidei o Coronel Almerino Raposo, meu companheiro no Instituto Histórico, para escrever o prefácio brasileiro. Ele foi o Comandante da Linha de Fogo da 2ª Bateria de Obuses do Grupo Souza Carvalho, aquela que disparou, em Collecchio-Fornovo, o último tiro da Artilharia brasileira na Campanha da Itália.

Antes do meu Prólogo, há ainda uma apreciação do jornalista e escritor Walter Bellisi, autor do livro *Arrivan Il Nostri,* referente à tomada de Montese pelos brasileiros.

No meu depoimento, não há uma vírgula que não seja verdadeira. Eu desafio a quem quer que seja a contestar o que digo porque eu vi. Eu cheguei antes da tropa. Eu fui a primeira voluntária do Brasil. Tinha conhecimento de toda a preparação e formação da tropa aqui no Brasil pelo fato de ser amiga do General Sousa Pereira e do General Marcos Torres, ambos colegas de meu pai. Conheciam-me desde pequena. O General Sousa Pereira tinha uma cabeleira branca que eu achava linda. E quando eu era garota e não tinha gente estranha, eu sentava no colo dele, embarafustava os dedos nos seus cabelos e brincava com ele chamando-o de meu Papai Noel. Ele achava uma graça enorme, pois tinha um carinho muito grande para comigo. Devido a esses relacionamentos, tomei conhecimento de muita coisa que muito oficial não teve, os meandros da preparação.

Muita gente me censura dizendo que eu me meto a falar sobre a guerra e a atuação dos soldados, quando estava na retaguarda. Mas a retaguarda, no hospital, é

o ponto mais informado que existe. Tanto que o Joel Silveira e o Rubem Braga, por exemplo, buscavam informações comigo. O soldado, quando chega ferido da linha de frente, não tem tempo de inventar história. Ele conta o que realmente aconteceu. E era esse contato que eu tinha com os meus pracinhas, que me dava a chance de conhecer as histórias, eu podia saber de todas, como se deram na realidade.

Mas Deus nos livre de termos que enfrentar uma outra guerra. E para que as coisas se dêem de uma maneira bem diferente é bom que pesemos e verifiquemos com muito cuidado todos os erros cometidos no passado, para que não sejam repetidos. Devemos estar preparados. A maior defesa contra a guerra é estarmos preparados para ela. E isso as autoridades brasileiras não entendem, sucateando as nossas Forças Armadas. Não podemos deixar que isso aconteça.

A defesa do nosso território não cabe só aos homens. A defesa do nosso território cabe a todos os seres humanos, homens e mulheres, principalmente, hoje em dia, em que a mulher está ocupando uma posição muito importante nas Forças Armadas. Estamos com uma ameaça muito grande nas nossas fronteiras e precisamos ter as Forças Armadas preparadas para entrar em ação rapidamente, sobretudo na Amazônia. Espero que não tenhamos outras guerras, mas se isso acontecer, o soldado brasileiro saberá se comportar com o brilho, o garbo e o valor que demonstrou o pracinha na Força Expedicionária Brasileira.

Tenente Hugo Alves Corrêa*

Natural da Cidade de Diamantino, MT, pertence à turma de 4 de novembro de 1944 da Escola Militar do Realengo. Residindo na Cidade de Cáceres, MT, e sem perspectivas para continuar seus estudos, apresentou-se como voluntário para completar o efetivo da 2ª Companhia do II Batalhão de Fronteiras, sediado nessa cidade. Em janeiro de 1940, na graduação de 1º cabo e com o Curso de Sargento, foi transferido para o 1º RI, no Rio de Janeiro. Em agosto de 1940, foi promovido a sargento e, no ano seguinte, foi transferido para a Companhia Extra da Escola Militar do Realengo. Em 1942, prestou concurso de admissão e conseguiu aprovação, tendo ingressado na Escola Militar, onde foi declarado Aspirante-a-Oficial da Arma de Infantaria. Apresentou-se, ainda como cadete, voluntariamente, para participar da FEB, tendo sido classificado no Depósito de Pessoal. Em 11 de fevereiro de 1945, foi transferido para o 6º RI e classificado na 2ª Cia do I Batalhão, que guarnecia uma frente balizada pelas regiões de Boscaccio – Monte Cavaloro – Lisano – Il Sasso. Retornando ao Brasil, foi reformado, por motivo de saúde, no posto de 1º Tenente. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate de 2ª Classe e Medalha de Campanha. Em 1950, diplomou-se em Engenharia Civil.

---

* Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria, entrevistada em 10 de outubro de 2000.

Desejo abrir o meu depoimento dizendo de minha satisfação e de minha emoção ao tratar de fatos que ocorreram há muitos anos, ainda na minha juventude.

Soldado, cabo, depois sargento, requeri, em 1942, inscrição no concurso de admissão à Escola Militar do Realengo. Fui cadete da última turma do Realengo.

Concluí o curso em segundo lugar e fui voluntário para a Força Expedicionária Brasileira. Cursava o terceiro ano quando, numa reunião, o Instrutor-Chefe do Curso de Infantaria comunicou que a turma fora contemplada com dez vagas para a FEB. Todos declararam que queriam ir e, como no Exército a classificação intelectual é posto, foram escolhidos os dez melhores classificados.

Foi assim que, quis o destino, eu fosse, mais tarde, designado para a 2ª Companhia do I Batalhão do 6º RI, o nosso tradicional Regimento Ipiranga, lá de Caçapava.

Fomos classificados no Centro de Recompletamento de Pessoal, destinado a preencher os claros do efetivo das Unidades, de acordo com as baixas ocorridas. Fui declarado aspirante no dia 4 de novembro de 1944 e, dezoito dias depois, estava no navio.

Chegando à Itália, fomos para um acampamento provisório. Nossa permanência foi pequena, pois, em 24 de dezembro de 1944, fomos transferidos para um acampamento definitivo, onde seria ministrada a instrução de adaptação ao armamento existente do Exército americano. Como a minha turma, no último ano de Escola, foi preparada já para usar o armamento mais moderno, estávamos familiarizados com o canhão 37mm, as metralhadoras americanas, granadas de fuzil e de mão, bazuca, morteiro 60mm etc. Por esse motivo, chegando ao acampamento, fui designado para instruir os soldados no manejo e emprego dessas armas. Permanecemos nesse acampamento até o dia 17 de fevereiro de 1945, quando fui transferido para o 6º Regimento de Infantaria, que já estava em operação naquela linha de Boscaccio, Monte Cavalloro e Il Sasso, guardando a estrada principal da região, que ia para Bolonha. Fui transferido para o 2º Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia, sob o comando do Capitão João Evangelista Mendes da Rocha.

Meu Pelotão, nessa linha, tinha um Grupo de Combate (GC) em Boscaccio, um em Lissano e outro em Il Sasso, fazendo ligação com tropas Sul-africanas, que guarneciam as posições na outra margem do Rio Reno. O Tenente Edu Vargas, Comandante do 3º Pelotão, estava com sua tropa em Monte Cavalloro.

Era uma operação defensiva. Nessa situação, o tiro de inquietação desgastava muito a tropa, porque não se tinha sossego durante a noite. O meu Comandante de Companhia, através de constantes telefonemas, queria saber a localização do canhão que atirava e da explosão da granada. Os alemães passavam a noite toda fazendo tiros de inquietação, não nos deixando dormir sossegados.

Além de obrigações de defesa, os Pelotões empenhados forneciam elementos para as patrulhas lançadas na área inimiga, com a finalidade de reconhecimento.

Do meu posto saíram patrulhas interessantes. Houve patrulhas americanas com efetivo superior ao de um Pelotão, acompanhadas de ambulância, quase um posto de saúde, transmissões, que deixavam lá no meu PC, e internavam-se pela estrada para buscar informações.

Também passaram lá no meu posto, várias vezes, elementos do Exército americano perfeitamente disfarçados em militares alemães. Eles vinham uniformizados, usando os mesmos objetos de uso pessoal dos alemães e falando correntemente o idioma. Eram infiltrados na linha alemã para buscar informações das Unidades que estavam empenhadas a nossa frente e outras locais. Esses homens eram muito bem treinados, porque, para entrar sozinho numa zona de combate do inimigo, sem conhecer ninguém, é preciso ter muita coragem, experiência e técnica.

Outras vezes, recebia a informação de que chegariam através de minha posição. Até que um dia, um soldado meu que estava de sentinela, guardando o posto, levou um grande susto. De repente, aparece "um alemão" na frente dele; na verdade era um americano que estava chegando, acompanhado por um sentinela que saía de serviço.

Houve também um outro caso interessante. No meu Batalhão, o S3 não deixava Oficial comandar patrulha de valor GC. Ele dizia que a formação de um oficial era muito cara para o país, não podendo dar-se ao luxo de perdê-lo em missão que poderia ser cumprida, com eficiência, pelos sargentos do Batalhão. Então, as patrulhas eram sempre comandadas por um cabo ou sargento. Saiu uma comandada pelo sargento Jayme e, depois, quando voltou, o comandante estava montado numa bicicleta. O sargento, que já era "meio maluco", pegara uma bicicleta italiana e retornara montado na mesma, no *front*, em frente ao alemão.

E, assim, passamos o inverno olhando para aquelas ribanceiras do Soprassasso e Castelnuovo, parecendo-nos inexpugnáveis, com a presença do inimigo marcada pelas suas granadas e disparos de armas automáticas, inquietando os combatentes brasileiros. Na chegada da primavera teríamos a oportunidade de pisar naqueles montes que nos pareciam antes intocáveis.

O Comando do IV Corpo de Exército, ao qual se subordinava a Divisão brasileira, preparou um plano de ação para continuar a ofensiva, visando à expulsão dos alemães da Península Itálica. Iniciada em Monte Belvedere e Monte Castelo, empregando a 1ª DIE e a 10ª Divisão de Montanha, justapostas, teria prosseguimento no período de 3 a 7 de março de 1945, culminando com a conquista de Castelnuovo – Soprassasso.

Deste modo, cumprindo o plano elaborado pela 1ª DIE, coube ao I Batalhão do 6º RI a missão do ataque na direção principal, para conquistar aquele baluarte defensivo alemão, formado pelo maciço Castelnuovo – Soprassasso.

A operação ofensiva teve início com a 1ª Cia do I Batalhão atacando as posições alemãs instaladas na elevação de cota 702.

Em primeiro lugar, temos que louvar o plano de combate feito pelo Estado-Maior da 1ª DIE. Houve uma conjugação criteriosa dos meios das Armas de Artilharia, Engenharia e Infantaria. A Engenharia, porque a frente por onde avançamos era uma área muito íngreme e muito "minada". O terreno e a vegetação rala não permitiam usar a tática aprendida nos nossos bancos escolares, que é desenvolver os Grupos de Combate justapostos. Um Pelotão de Engenharia de caça-minas – sapadores –, durante a noite, subiu o morro e deixou balizado com uma tira branca aquele caminhamento possível, desimpedido de minas.

O Capitão Evangelista, Comandante da 2ª Companhia, acompanhando o desdobramento do ataque da 1ª Companhia, observou que elementos inimigos instalados na cota 670 impediam, com seus fogos de armas automáticas, que a 1ª Cia avançasse. Com a permissão do Cmt do Batalhão, empregou o 3º Pelotão, do Tenente Edu Vargas, para vencer aquela resistência. A seguir, o 2º Pelotão – o meu Pelotão, sob meu comando – cumpria a sua missão de conquistar a cota 722. Vencidas estas resistências, foi possível à 1ª Cia conquistar a cota 702, seu objetivo.

Aqui, falarei apenas sobre a participação do 2º Pelotão na conquista da cota 722, localizada no ponto intermediário entre Soprassasso e Castelnuovo.

No dia anterior, quando fomos fazer o reconhecimento da base de partida para o ataque, retornava uma patrulha da 4ª Companhia que mal conseguira deslocar-se. Ela foi atacada com armas automáticas e granadas. Foi uma ducha fria sobre as nossas cabeças assistir àquilo: uma patrulha saindo e não podendo nem se levantar, tal o fogo a que era submetida. Passamos a noite sentados de encontro a uma parede até conseguirmos dormir, para, no dia seguinte, tomar posição e partir sobre o inimigo.

Inicialmente, a Artilharia fez uma "preparação" muito bem-feita, uma barragem muito intensa. As instruções de combate que recebemos dizem que devemos progredir, isto é, partir para a conquista do objetivo tão logo se inicie a barragem de Artilharia.

Posicionei-me à frente do Pelotão e coloquei o sargento Andirás Nogueira de Abreu na retaguarda, para empurrar os retardatários. Com isso, quando a barragem de Artilharia parou, estávamos no topo do morro. Surpreendemos os alemães que estavam dentro das casamatas, feitas na contra-encosta, protegidos dos fogos da Artilharia.

Quando eles viram, já estávamos lá, embora tivessem atirado, tanto que acertaram no pulso do cabo Aldo. Mandei colocar a metralhadora em posição, apontada para a entrada dos abrigos e jogar granadas para o seu interior, como se caçam animais entocados. Logo depois apareceu uma bandeirinha branca e do interior dos abrigos saíram 15 alemães, todos amedrontados, pedindo para que não os matássemos.

Nessa ocasião, o cabo Nascimento, que comandava o GC do cabo Aldo, indignado porque o rapaz fora ferido, queria matar os prisioneiros. Não permiti aquele ato desonroso, dizendo-lhe que se quisesse ir à forra, ainda havia muito alemão de armas na mão, ali pelo campo e, assim, poderia realizar o seu intento. Não se vai matar um cara desarmado!

Não deu outra. Ele saiu como um louco, em busca de sua caça, e voltou satisfeito porque tinha executado a vingança. Os prisioneiros, não. Esses foram preservados e, após a revista de praxe, encaminhados para a retaguarda.

O objetivo conquistado era muito importante, porque era uma elevação que, da base de partida, não era vista e "enfiava" uma ravina. Ninguém poderia conquistá-lo se uma arma automática permanecesse ali, guarnecida, batendo o único caminho possível para atingi-lo. Não haveria possibilidade.

Então, a meu ver, o sucesso desse ataque foi a conjugação dos meios de Artilharia, Engenharia e Infantaria, tirando o maior proveito dos fogos e do movimento para o êxito da operação. Tanto que, depois de termos conseguido conquistar o nosso objetivo, a Companhia que atacou Soprassasso não conseguiu cumprir a missão, porque os alemães resistiram. Foi necessária uma nova barragem de Artilharia, para permitir o avanço dos nossos companheiros que conquistaram o Soprassasso.

Meu Pelotão, com a conquista da cota 722, isolara o inimigo, porque ficou Soprassasso de um lado e Castelnuovo para a esquerda. Eu fiquei no centro. Os alemães, então, ficaram partidos, sem poder recuar, porque havia a nossa tropa que não deixava.

Quando o Batalhão foi deslocado para Gaggio Montano, após a retirada do inimigo, o meu Pelotão passou alguns dias instalado defensivamente em Capela di Ronchidos, na elevação de Monte Belvedere, região vizinha a Monte Castelo.

Uma ordem do Comando da FEB veio me tirar dessa posição.

Fui designado para fazer um curso em Santa Agatha Dei Gotti, uma cidade situada no Sul da Itália, próximo a Caserta, região de Roma. Esse curso, muito importante, transmitia aos comandantes de Pelotão a situação real de combate. Os exercícios eram todos feitos com munição real; não havia festim. Era granada, projetil, tudo real. Tanto que, no deslocamento dos grupos de instrução, eles eram sempre acompanhados por ambulância, porque diariamente alguém era ferido num daqueles exercícios.

Lembro-me de um exercício que estava sendo ministrado por um Major americano. Consistia num ataque visando, segundo a tática do americano, aos pontos de resistência dos alemães. Montavam-se as metralhadoras de modo que realizavam tiro sobre a própria tropa. Nós também aprendemos na Escola como realizar isso, com aquela velha metralhadora Madsen.

Durante o exercício para um grupo de brasileiros, em que os instrutores eram todos americanos, um dos nossos colegas perguntou ao Tenente americano também com o corpo colado ao solo para se proteger dos tiros: "Tenente, qual a margem de segurança para realizar esse tiro?" Quando o instrutor, inadvertidamente, levantou a cabeça, levou um tiro na nuca, prostrando-o ao solo, vindo a morrer instantaneamente. O Major chefe do grupo de instrução parou o exercício e tirou a minha turma de lá. Chamou a turma seguinte e repetiu o mesmo exercício, como se nada tivesse acontecido. A responsabilidade era da guerra, que nos torna insensíveis e até desumanos.

Terminada esta experiência escolar, retornei à minha Unidade e Pelotão, que tinha deixado Capela di Ronchidos e, agora, estava acantonado em Canevaccia, aguardando ordens.

Quando cheguei, havia notícia de que nós íamos, no dia seguinte, atacar Montelo. Mas o Comando resolveu empregar outra Unidade, enquanto nós fomos deslocados para Selegara e cota 802, ocupada por tropa da 10ª Divisão de Montanha. Para mim, foi a região mais tétrica da guerra.

Meu Pelotão substituiu um Pelotão da Companhia F do II Batalhão do 85º RI da 10ª Divisão de Montanha. Chegamos durante o dia. À noite, o meu Comandante de Companhia, Capitão Evangelista, mandou um jipe para levar-me ao seu PC. Entrei no jipe e não levei ninguém comigo, fui sozinho e passei o maior medo de toda a minha vida. No caminho, cheio de cadáveres e equipamentos de guerra abandonados, o motorista comentou: "Puxa! Quando eu passei por aqui na ida esse material não estava aqui, ou então estava em outro lugar." Fui lá, o Comandante deu a missão para o dia seguinte e falou: "Bom, agora, você me desculpe, porque estou sendo chamado lá no Batalhão e não posso mandar levá-lo. Você vai ter que voltar sozinho."

Voltei sozinho, a pé, percorrendo pouco mais de um quilômetro até meu PC, com um medo louco. Com a pistola destravada na mão direita, embrenhei-me pela estrada, mas com um medo descomunal de ser massacrado por alguma patrulha alemã ou ser admoestado pelas almas daqueles cadáveres, que aguardavam remoção pelo serviço especializado – acho que tinha mais medo das almas, recordando das estórias ouvidas na minha infância. Que sufoco passei! Agüentei firme e cheguei incólume, sem dar mostra dos momentos difíceis por que havia passado.

Conceituo o pessoal da 10ª Divisão de Montanha como monumental. Eram soldados supertreinados, homens parecidos com esse “Rambo” do cinema. Quando atacaram Belvedere – posição muito difícil, porque embora a encosta do morro não fosse muito íngreme, era sem vegetação e muito longa –, esses homens a conquistaram como um trator, nada impedia o seu avanço. Morria gente mas iam em frente, empurrando os alemães; chegaram e conquistaram a posição.

Os americanos dessa Divisão de Montanha eram muito fortes. Eles combatiam com uma mochila que parecia uma mala, pesadíssima. O nosso soldado não carregaria a mochila deles, mais os equipamentos que tinham e as armas. Eram, pois, super-homens e tinham munição de sobra. Um tenente deles, quando foi me substituir, ao cumprimentar-me, quase quebrou minha mão. Era pequeno, não era grande não, mas era uma “massa”.

Constatei, pessoalmente, o heroísmo desses valentes soldados ao fazer o reconhecimento do terreno que passaria a defender a partir de então. Havia uma casamata com dois alemães mortos, junto à metralhadora que guarneciam, e, caminhando em direção a essa arma, vi três corpos, perfurados por balas, pertencentes àquele grupo de destemidos americanos.

A ordem era conquistar o objetivo, não importando a perda humana. O morto era logo substituído por outro combatente do mesmo quilate. Americanos e alemães, mortos, insepultos, espalhados por toda a área, bastante mutilados. Arrepia aos mais frios combatentes.

A meu ver a conquista de Belvedere facilitou a tomada de Monte Castelo, porque, como ela ficava no flanco, permitiu que eles dessem cobertura aos nossos ataques. Inicialmente fizemos ataques frontais, o que, naquela região, era muito difícil.

Não é desmerecer a conquista do Monte Castelo, mas a gente vive as coisas reais do momento. Não conheci, não sei dos planos, nem como foi feito o ataque a Monte Castelo. Só conheço a posição em que estive. Lá, vi como aquele morro dominava a região, era o ponto mais alto e, então, permitiu que o nosso Regimento tivesse sucesso em Monte Castelo. Mesmo assim, com grandes perdas e muito trabalho. Foram duas Divisões, a 10ª de Montanha e a Divisão de Infantaria Expedicionária avançando contra as posições alemãs, contra forças bem instaladas em suas casamatas. Foi um ataque memorável e uma grande vitória.

Um fato que se deve louvar no alemão é que ele, quando recuou na Itália, e os aliados começaram a avançar, cada vez que fazia ocupava posições que podiam ser defendidas com poucos elementos. Então, eles foram recuando até que chegaram aos Apeninos, elevações muito grandes e de difícil acesso, que podiam ser defendidas por poucos soldados.

Além do canhão 88mm, tinham uma metralhadora que era um negócio, a tal da "Lurdinha". Era uma arma terrível. O 88 e a "Lurdinha" eram duas armas terríveis.

Existia perto de Gaggio Montano, antes de Porreta, um posto americano que "fabricava fumaça". Localizado na estrada, próximo de uma ponte importante, os americanos ali ficavam, o dia inteiro, fazendo nevoeiro. A gente só podia passar com o nevoeiro artificial, caso contrário... Era total o domínio que os alemães tinham sobre as posições.

Em Selegara, consegui muito armamento individual, fuzis semi-automáticos Garand e carabinas, abandonados, de americanos mortos. Consegui muita munição também.

Voltando ao ponto de meu relato, quando chegava sozinho, após a viagem a pé, de volta do PC da Companhia, ainda estava lá, no pátio descoberto fronteiro à casa onde me instalara, aquele companheiro de guerra, de campo oposto, deitado em decúbito dorsal com o rosto na minha direção e com os braços estendidos, com a mão direita aberta mostrando a sua aliança de noivado, como a pedir que transmitisse à sua noiva amada a mensagem de que estava dormindo o sono profundo e eterno da morte. Nunca me saiu da retina a imagem comovedora desse alemão.

Assim, com os pensamentos originados dessa imagem, após transmitir aos meus comandados as ordens que recebera, fui buscar um sono reparador no meu saco de dormir. Quando se está exausto, não existe preocupação que nos tire o sono e, assim, desliguei-me dos meus pensamentos e problemas até o amanhecer do novo dia, 19 de abril de 1945.

Conforme as ordens que recebi, ao clarear atacamos a cidade de Zocca, que foi conquistada sem grandes reações.

Os alemães recuavam e começaram a fazer patrulhas e a guarnecer aqueles pontos de resistência, para fustigar e retardar o nosso avanço. Mas ainda atacavam.

Em Zocca, junto com o Tenente Jair Lontra Sampaio, observador avançado de Artilharia junto à minha Companhia, encontramos uma casa bonita e comentamos: "Vamos passar uma noite bem dormida nesse nosso PC." Quando estávamos antegozando o presente, caiu uma granada dentro da sala. Saímos correndo e... nada de PC... Fomos dormir ao relento, um PC a céu aberto.

No dia seguinte, atravessando uma região montanhosa, chegamos a Levizzano, já na linha de cumeada dos Apeninos, de onde tivemos uma extraordinária vista para aquela imensa planície do rico e desenvolvido Vale do Pó.

Em Levizzano tivemos uma grande surpresa com a manifestação de alegria dos seus habitantes com os gritos de "Libertadores", abraçando, beijando e oferecendo-nos vinho. Foi uma alegria geral.

O momento era oportuno para ser desencadeada a Perseguição ao inimigo em retirada. Foi então o que decidiu o IV Corpo de Exército.

O comando da FEB fez um plano de ação *sui generis*. Como a Infantaria não era motorizada, ele buscou todas as viaturas da Divisão e embarcou a Infantaria. Assim, pudemos chegar à região de Collecchio graças a esse aproveitamento das viaturas da Artilharia e oriundas da retaguarda, que motorizou a Infantaria, permitindo um deslocamento rápido. Encontramos os alemães desprevenidos, porque eles não podiam esperar que uma Infantaria não-motorizada realizasse uma movimentação tão veloz. A coordenação do emprego dos meios foi muito bem-feita. Surpreendemos os alemães em Collecchio.

Atendendo ao planejamento elaborado, passamos pouco tempo em Levizzano. No dia 26 de abril de 1945, fomos, de caminhão, para Montecchio Emilia, recebendo ordens para desembarcar e providenciar bivaque. Quando nos preparávamos, chegou uma ordem de deslocamento: "Vamos logo! Deixem todo o equipamento; só carreguem o armamento, a ração fria e a manta a tiracolo."

A essa altura, nós, de comandos inferiores, não sabíamos onde estávamos, porque não tínhamos mais carta. Os tenentes não tinham mais carta porque o deslocamento era muito rápido.

Avançamos na noite desse dia 26 numa determinada direção, por uma estrada. Chegou a um ponto em que não deu mais e recebemos ordem para parar e cavar abrigo. Mal iniciamos, começou a cair uma chuva torrencial, muito forte. Era chuva e frio. Foi uma verdadeira loucura! Meu Comandante de Companhia ordenou: "Olha! Você pega o seu Pelotão. Vê essa estrada aqui? Você pega essa estrada, marca mais ou menos um quilômetro e pouco, e deve encontrar uma casa de tijolinho aparente com portão vermelho; lá tem um mensageiro à sua espera."

Ocorre que naquela região só havia essas tais casinhas de tijolinho. Tomei a decisão de seguir em frente até que recebesse algum tiro, indicando que chegara à linha inimiga. Até que, lá pelas tantas, encontrei o tal mensageiro. Mas o Pelotão estava com todo mundo molhado, cansado e com frio. Dei ordem para tirar a roupa e dormimos ali, num estábulo, nuns montes de feno existentes. De manhã cedinho, todo mundo saiu correndo, completamente despido, porque acordamos com uma fuzilaria em cima da gente. Foi cômico, o camarada nu com a arma na mão.

O cerco aos alemães estava se fechando, cabendo-nos seguir para Collecchio. Minha Companhia foi designada para reforçar o II Batalhão do 11º RI, que estava encarregado da ação sobre essa localidade. Deveria acabar de limpar a área da periferia da cidade, onde havia remanescentes alemães oferecendo resistência. Ouvíamos até o alemão falar lá do outro lado no bosque em frente, distante uns

duzentos metros. Seria desastroso efetuar o ataque, visto que entre o bosque e nossa posição o terreno era descoberto. Meu Capitão disse: "Não vou atacar sem uma preparação de Artilharia." Não havia Artilharia. Foram buscar uns carros de combate de um Pelotão de Carros americano, que se posicionou, permitindo que atacássemos com sucesso e fizéssemos vários prisioneiros.

Daí para frente, parecia "briga de mocinho". Os alemães fugindo e nós correndo atrás deles. Num determinado ponto, uma guarnição de metralhadora alemã que recuava parou e foi entrar em posição. O soldado Garcia, meu lançador de granada de fuzil, teve a felicidade de acertar em cima da arma, dizimando a guarnição alemã.

Tenho até comigo uma pistola que recolhi nesse ataque aos alemães posicionados no bosque. Foi tomada de suboficial. É uma pistola Mauser, bonita, que guardo de lembrança. Uma beleza de arma.

Não me lembro de quantos prisioneiros foram feitos. O Comandante da Companhia reuniu-os e ordenou ao Tenente Edu que os levasse para a retaguarda. Como o alemão nunca deixou de atirar, continuou fazendo o mesmo em cima de nós. O grupo seguia em coluna, marchando a pé para a nossa retaguarda. Em dado momento, houve um bombardeio alemão, e os prisioneiros abrigaram-se no terreno. Terminado o fogo inimigo, eles voltaram à formação e continuaram. Felizmente eles não tentaram fugir. Se o fizessem, ninguém os seguraria, pois o Tenente Edu dispunha de apenas seis soldados. Eles já sabiam que a guerra estava perdida para eles. Tinham a oportunidade de estar com a vida assegurada; para que bancar o herói?

Cessadas as resistências inimigas nas cercarias de Collecchio e após a limpeza do terreno, fomos deslocados para o interior da cidade, onde acantonamos e passamos a noite de 27 para 28 de abril.

Ali em Collecchio, nessa ocasião, numa missão de reconhecimento, entrei num palacete muito bonito, no interior de um belo bosque, parecendo um prédio público, onde devia ter sido instalado algum PC. Impressionou-me o que vi no saguão principal da estrada, frente a uma bela e imponente escadaria. Havia um oficial superior alemão com a cabeça toda enfaixada e ensangüentada, deitado morto sobre uma maca. Estava lá, completamente abandonado, fazendo-nos refletir sobre o significado da nossa matéria: o que era poder até poucos dias atrás – deveria ter sido um dos comandantes ali – agora não era mais nada.

Após a queda de toda a resistência da região de Collecchio e tendo em vista as informações de que uma Grande Unidade estava recuando de La Spezia, passando por Gaiano para internar-se na Áustria, na manhã do dia 28 de abril, o I Batalhão do 6º RI recebeu a missão de barrar este movimento.

No final da tarde nossa Companhia atacou Tintarola com os 1º e 3º Pelotões. Meu Pelotão, que vinha em segundo escalão, recebeu a missão de reconhecer a cidade de Gaiano. O terreno era praticamente limpo de vegetação que pudesse proteger o deslocamento, mas apresentava uma longa ravina, partindo da nossa posição e indo até a estrada de rodagem que levava àquela cidade.

O comportamento do Pelotão foi exemplar. Quando o GC mais avançado estava próximo da estrada, fomos recebidos por um violento bombardeio de Artilharia e armas automáticas. Era a vanguarda da 148ª Divisão de Infantaria alemã que fora localizada.

Fiquei sabendo o que é receber um tiro direto de canhão. O bombardeio era tão intenso que não podíamos mais nos movimentar. Usar nosso armamento era impossível, porque os alemães tinham a superioridade e iria denunciar a nossa posição. Dei ordem ao Pelotão para manter-se nas posições, a fim de aguardar a noite. Escurecia muito tarde, nessa época, na região; já eram oito horas da noite e a tarde ainda estava caindo. Ficamos naquela posição aguardando a oportunidade para o recuo.

Nesse momento de grande incerteza, com fogos cerrados sobre nós, me aparece um soldado, cujo nome prefiro não citar. Conto isso para que, mais para a frente, não se cometa o mesmo erro que praticaram com ele. Era um soldado oriundo de Unidade de Artilharia, cozinheiro, e que fora transferido, por castigo, mandando-o para recompletar o meu Pelotão. Nem sabia atirar. Fui ensiná-lo quando estávamos na fase defensiva, durante o inverno. Não sabia dar um tiro! Não tinha preparo psicológico algum.

Os meus soldados já eram muito experientes, estavam juntos desde o Brasil. Aí, chega mais esse, inexperiente. Naquele momento de perigo, teve um ataque nervoso e começou a gritar que ia morrer: "Vou morrer! Vou morrer!"

Pensei: "Bom, se esse cara ficar aqui, os meus soldados vão entrar em pânico". Não vi outra solução. Tomei da minha pistola e apontei-a para a sua cabeça, dizendo: "Desapareça da minha frente, senão eu é que vou te matar, ouviu? Vai embora! Desapareça daqui!" Apavorado, saiu como um louco, morro acima, sob intensa fuzilaria inimiga.

Dias depois fui ao hospital visitá-lo, onde estava internado em estado de choque, os olhos vidrados. Naquela correria, os alemães acertaram-lhe vários tiros, mas todos eles atravessando apenas peças do seu uniforme. Foi um milagre não ter morrido.

Foi um crime o que cometeram contra esse rapaz. Como é que mandam um homem despreparado para um combate de Infantaria? A Infantaria é a Arma que

olha o inimigo frente a frente. O infante é o homem que vai arrancar o inimigo do buraco, é quem está lá, bem próximo, mesmo, do combate. Foi um erro muito, muito sério, cometido com esse rapaz. Espero que, daqui para frente, não mandem, como pena disciplinar, um rapaz despreparado para uma zona de combate. Isso não está certo.

Mas, voltando à posição encalacrada em que fui colocado, consegui guardá-la. Eu não tinha missão de conquistar objetivos. Era uma patrulha de reconhecimento. Então, comecei a recuar. O primeiro Grupo de Combate veio inteiro, sem nenhuma perda. Mas, lá pelas tantas, os alemães atacaram mesmo, e, para não cairmos prisioneiros, fomos embora, retrocedemos de vez.

Foi nessa hora que morreu o sargento Andirás, meu sargento-auxiliar, e os mensageiros, soldados Sebastião Garcia e Abel Antonio Mendanha. O sargento ficou com seu corpo perfurado por balas. Até o relógio dele foi atingido. Engraçado, eram pessoas que estavam ao meu lado, muito próximo a mim.

Nesses instantes, quando você recua, o Comandante de Pelotão tem que estar preparado para guardar os seus comandados. Tem que ser o guia, não se pode abandonar o comandado, pois tem-se que assumir a responsabilidade por tantas vidas. É o primeiro a entrar e o último a sair. Por isso, eu esperei que todos deixassem aquele inferno, sem me dar conta de que estava correndo o mesmo risco. A preocupação era tirar os homens dali.

Nessa hora, a vida do Comandante de Pelotão é secundária. Isso eu aprendi também. Depois, na minha profissão, na Engenharia, enfrentei situações difíceis, de risco, junto com o trabalhador, fazendo uma fundação ou um buraco ameaçando desabar. Quem comanda tem que dar o exemplo.

O sargento Andirás Nogueira de Abreu, que faleceu, praticamente, no último dia da guerra, era o meu subcomandante. Não gostaria de falar sobre ele porque me emociono. Pediria que fosse transcrito o que escrevi:

"Quero deixar consignados os meus agradecimentos ao 2º sargento Andirás Nogueira de Abreu, meu sargento-auxiliar, que pelo primoroso desempenho de suas funções permitiu o cumprimento das missões recebidas pelo Pelotão, tornando fácil o meu comando.

Não teve a ventura de retornar ao seio de seus familiares, porque faleceu no último dia de combate, tendo o seu corpo todo perfurado por projetis de armas automáticas naquela fatídica patrulha de reconhecimento, na região de Gaiano.

A Pátria deve a este herói brasileiro que, com sabedoria, calma e abnegação, transmitia a sua bravura aos seus comandados, vencendo todos os obstáculos que se

lhe apresentaram, menos o último, que ceifou a sua vida, privando-nos da sua amizade e companheirismo. Belo caráter".

Após o inferno de Gaiano, jurei que não faria mais prisioneiro alemão, tamanha a minha indignação. Este juramento não durou nem 24 horas porque, nessa noite de 28 de abril, após serem silenciadas as resistências inimigas, passando toda ela ouvindo a movimentação de viaturas e vozes dos alemães, foi aceita, pelo inimigo, a intimação de rendição incondicional da tropa em recuo, constituída da 148ª Divisão alemã, remanescentes da Divisão Bersaglieri "Itália" e da 90ª Divisão Panzer Granadier, num total de 14.779 homens.

No dia seguinte, logo após aqueles renhidos combates, onde muitos morreram ou ficaram feridos, de lado a lado, começou aquela confraternização. Nossos soldados foram até Gaiano, de onde voltaram com lembranças oferecidas pelos nossos antigos inimigos, tendo um deles, o sargento Jaime, sempre inovador, retornado montado num cavalo que recebera de presente. Nada indicava que, no dia anterior, éramos ferrenhos inimigos.

Às 17h15min do dia 29 de abril de 1945, iniciou-se, partindo de Gaiano, pela rodovia 62, a passagem da tropa que se rendia. Eles desfilaram em formação militar, parecia uma parada cívica. De onde estávamos, tínhamos vista total e pudemos apreciar esse espetáculo único. Poucas pessoas viram isso. Eu tive esse privilégio.

Começou o "desfile" com um grupamento das ambulâncias que a nossa Divisão forneceu aos alemães, juntamente com as deles, porque tinha muitos feridos. Passaram as ambulâncias, e, logo após, veio uma banda de música, tocando hinos de guerra alemães e, atrás da banda de música, o Estado-Maior do Regimento e a tropa regimental organizada em três Batalhões. Seguiram-se outras Unidades, como dois grupos de canhão 150mm hipomóveis.

Foi um desfile muito bonito, emocionante, tendo durado até as duas horas da madrugada do dia seguinte.

A guerra embrutece, vê-se tanta coisa ruim, tanta coisa sem sentido, que você embrutece também. Vê-se o sofrimento, vê-se o diabo. Logo, é capaz de uma promessa de vingança, que se esvai quando chega a paz.

O pior é que sofre o inocente, mas não aqueles que promovem a guerra, que ficam nos seus gabinetes e mandam outras pessoas no lugar deles. Veja esse menino mesmo que morreu, o Mendanha, era um rapaz goiano, maravilhoso, um trabalhador rural, nem sabia o que era a Alemanha! Um homem desse deixa a família aqui no Brasil e acaba por morrer no campo de batalha.

Não tem sentido! A guerra não tem sentido!

Quando o seu país é invadido, logicamente temos que defendê-lo. Para isso existem as instituições de defesa da soberania do país. Agora, fazer uma guerra por questões políticas, isso é um crime. Nesses casos, faz-se a guerra para beneficiar meia dúzia de pessoas.

Ainda resta lembrar alguns pontos importantes relacionados à Campanha.

Durante esse período que estivemos na Itália, pegamos muito frio e nosso equipamento não era adaptado a esse clima. Tanto é verdade que quando chegamos ao acampamento na Itália, em dezembro, recebemos no primeiro dia mantas. As nossas eram ralas, não protegiam nem contra o frio de Petrópolis. As camisetas e o pijama eram de um tipo de lã que não parecia sê-lo. Em San Rossore, na nossa chegada, pegamos uma noite com chuva. No dia seguinte, havia soldado que não conseguia sair da barraca, todo encolhido de frio. Saiu-se correndo e requisitou-se capote americano, uns capotões, além das mantas de lã mesmo. Depois começaram a distribuir ceroulas de lã, grossas. O brasileiro, com sua característica de improvisação, protegia a cabeça com a manta, tipo essa toca de ninja, só com o nariz de fora, e fazia um chale enrolado no pescoço. Às vezes, olhando-se, parecia um bando de ninja de uniforme.

Apesar do frio, nossa tropa não foi afetada, como mostram os resultados. Combatemos sempre com muita vontade, cumprindo todas as ordens recebidas.

Quanto à população local, os italianos adoravam os brasileiros, quaisquer que fossem os lugares onde estivemos.

O resultado da Campanha comprova o bom desempenho dos oficiais e graduados, apesar de não terem tido oportunidade de um treinamento prolongado. A capacidade de adaptação do brasileiro é muito grande.

Quanto ao soldado alemão, não tivemos um contato maior com os mesmos. Conhecia-os pela reação às nossas ações, que foram de luta até o último momento. Eles lutaram numa situação de desigualdade, porque não dispunham de avião, mas de uma coisa muito importante que era o terreno, primordial na defesa. Sabiam usá-lo de maneira bem adequada, escolhendo os locais certos para a instalação de suas armas, de onde podiam ver o inimigo e, com isso, dificultar a ação da nossa tropa.

O apoio logístico funcionou muito bem. Quando saíamos para um ataque, recebíamos a ração fria. Já em outras posições em que era possível, recebíamos a ração quente. Nas posições mais difíceis, havia os italianos, os *partisans*, com as mulas, usadas para levar o suprimento nos terrenos acidentados e difíceis. À posição de Boscaccio, por exemplo, só chegava a mula, nada mais, e durante a noite.

Gostaria de mencionar o papel importante desempenhado pelo meu Regimento. Talvez tenha sido até mais empenhado que as outras Unidades, embora não

tenha o destaque merecido nos escritos sobre a FEB. Se olharmos a campanha da Itália, vê-se que em quase todas as ações realizadas e objetivos conquistados, o 6º RI está presente. Possui o mérito de ter chegado à Itália em primeiro lugar e de ter participado de todas as ações difíceis. Porém, quando voltou para o Brasil, não teve destaque algum. Todo o valor foi do Regimento Sampaio, o 1º RI, porque o Comandante do 6º foi logo para a Presidência da República, enquanto o Comandante do Sampaio continuou no Comando da Unidade.

E o 6º também não fazia estardalhaço, tinha vergonha, até, de dar medalha! Vejam-se os elogios, quase não existem. Minhas alterações tem umas três folhas e só, a respeito da Campanha. Agora, se pegarmos uma Folha de Alterações de elementos do Sampaio, está cheia de menções sobre a participação do militar nas diversas ações.

Mas a História é que vai esclarecer. A justiça se fará pela História.

Fazendo uma apreciação do todo da Campanha, na Itália, posso afirmar que trago algumas impressões marcantes. Uma foi da Divisão de Montanha americana. Eram homens impressionantes, esses soldados da Divisão. Soube que a Unidade de São João Del Rei é um Batalhão de Montanha. Faço votos para que criem nele a mesma mística que os americanos criaram na Divisão que conheci na Itália.

Outra coisa que me impressionou foi a riqueza do americano. Oleodutos instalados nas rodovias acompanhavam o deslocamento das Unidades, abastecendo as viaturas sem nenhuma burocracia. Era espantosa, na parte de comunicações, a quantidade de cabos de transmissão espalhados pelo terreno. Via-se aquela "maçaroca" de fios em tudo quanto era lugar.

Em particular, destacaria o nosso soldado, não que tenha sido maravilhoso, mas se superou. Foram para a guerra homens sem cultura, de estado físico que não era dos melhores, mas homens acostumados à luta. Esses homens, que viviam espalhados pelo interior de Mato Grosso, Goiás, Nordeste, que vieram de Minas Gerais, eram habituados a enfrentar as dificuldades. Eles, como dizem, "tiraram de letra" essas coisas que vivemos na Campanha, na guerra.

No regresso ao Brasil tivemos uma grande recepção.

Na manhã do dia 18 de julho de 1945, entramos na barra da Cidade do Rio de Janeiro. Nosso coração vibrava de emoção por retornar àquele solo bendito onde havíamos deixado nossas raízes.

Atracado o navio, fomos visitados pelo Presidente Getúlio Vargas, acompanhado de todo o seu Ministério, que foi cumprimentar-nos.

Depois do meio-dia, foi efetuado o desembarque da tropa que, formada ao longo da Avenida Rodrigues Alves, desfilaria pela Avenida Rio Branco, desceria a Avenida Mem de Sá e rumaria para a Central do Brasil, a fim de ser transportada

para os quartéis da Vila Militar. Mas, quando começou o desfile, ali na Praça Mauá, e a testa ultrapassou a Visconde de Inhaúma, o povo vibrante invadiu a formação e misturou-se aos militares. Parecia um desfile de escola de samba, com a avenida tomada pela população.

Tive a grata satisfação de abraçar meu companheiro Amorim, Tenente Helio Amorim Gonçalves, que não voltou junto com a FEB porque tinha sido ferido em Montese. Estava postado na Avenida Rio Branco, próximo à esquina da Presidente Vargas, assistindo ao desfile.

Neste momento final do meu depoimento, quero deixar uma mensagem que não é bem relativa à FEB, mas sim a esta Instituição que se chama Exército. Logo que cheguei ao Brasil tive uma licença e fui para a minha casa. Quando retornei ao trabalho, tive problemas de saúde decorrentes da guerra e fui reformado. Meu pragmatismo fez-me receber aquilo tranqüilamente e fui tratar da minha vida civil; fiz o vestibular para a Escola de Engenharia, passei e me formei.

E, assim, terminou a minha carreira militar. Serei eternamente grato ao Exército, modelador de homens capazes de enfrentar os reveses da vida. Sinto-me feliz por ter assimilado os princípios que balizariam meus passos na vida civil, na qual ingressei.

Por fim, uma curta mensagem: “Na vida devemos ter três atitudes: dedicar-se a um trabalho, ter vontade nas coisas que faz e agir sempre com correção”.

Sargento Moacyr Machado Barbosa*

Nasceu em Paracambi, no Estado do Rio de Janeiro. Foi convocado para o Exército em 1942, servindo no 2º Batalhão de Caçadores – em Santa Cruz, Cidade do Rio de Janeiro. Realizou, durante sua carreira, como praça, os cursos de Cabo, concluído em 6 de maio de 1943, e de Formação de Sargento, em 28 de setembro de 1943. Ingressou no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR), para realizar o Curso de Oficial da Reserva, em 30 de outubro de 1943, tendo retornado ao 2º BC por Ordem Ministerial, que mandava desmobilizar todo praça casado. Foi transferido para o Regimento Sampaio – 3º Pelotão da 7ª Companhia, em 13 de novembro de 1943. Embarcou para a Itália, em 13 de setembro de 1944, com a 1ª Divisão Expedicionária. Na posição de Bombiana, na frente de Monte Castelo, assumiu o comando de seu Pelotão, do dia 11 até o dia 26 de dezembro de 1944, por problema de saúde do Tenente Comandante e do 2º sgt subcomandante. Participou com o 1º Regimento de Infantaria da Tomada de Monte Castelo, em 21 de fevereiro de 1944. Regressou ao Brasil, após o final da Guerra, em 1945, retornando à sua função nos Correios e Telégrafos. Foi Professor de Matemática no Educandário Piratininga – RJ (1968 a 1970) e no Colégio Santos Dumont – RJ (1970 a 1975). Na vida civil, desempenhou atividades variadas como a de artista plástico, com trabalhos de artesanato em madeira, metais e pintura, e a de professor de Música no Curso Santa Cecília, de 1970 a 1986. Dentre as condecorações que lhe foram outorgadas, por sua participação na Segunda Guerra Mundial, destacam-se: Medalha Cruz de Combate de 1ª Classe, por bravura individual em combate, Medalha de Campanha, Medalha de Guerra e Medalha de Ouro do Departamento de Correios e Telégrafos para ex-combatentes. Deixou o serviço ativo em 1945, após seu retorno à Pátria.

---

* Sargento-Orientador do 3º Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria, entrevistado em 31 de agosto de 2000.

O Brasil mantinha neutralidade absoluta. Havia cuidado com as ilhas oceânicas, para que não houvesse uma incursão das tropas dos países beligerantes. De repente, os submarinos começaram a pôr a pique navios brasileiros desarmados. Foram 29 navios afundados em seqüência, morrendo cerca de 1.500 pessoas. Os navios passaram a ser comboiados e o Brasil mudou de posição.

Com a entrada na guerra, cedemos bases navais e aéreas, no Norte, Nordeste e ilhas oceânicas para os americanos. Ficou estabelecido que o Brasil mandaria três divisões para o campo de batalha , cada uma com três regimentos de infantaria, quatro grupos de artilharia, um batalhão de engenharia, elementos de saúde e recompletamento.

Em 1942, recebi a comunicação de que tinha sido sorteado para o serviço militar. Eu era da classe de 1914, tinha 28 anos e era casado, sendo funcionário dos Correios e Telégrafos desde 1934. Apresentei-me no 2º Batalhão de Caçadores, em Santa Cruz, Rio de Janeiro. Fiz os cursos de formação de cabo e de sargento em 1943. Fui designado para o CPOR, onde deveria fazer o curso de oficial da reserva em outubro de 1943. Não fiz o curso por causa da Ordem Ministerial que mandava desmobilizar toda praça casada. Retornei ao 2º Batalhão de Caçadores, onde aguardei, por uns dias, a desmobilização, o que acabou não ocorrendo. Fui, sim, transferido para o Regimento Sampaio, em novembro de 1943. No Regimento Sampaio, ocupei a função de sargento orientador do 3º Pelotão de 7ª Companhia. O Regimento Sampaio era Unidade Expedicionária. Assim, eu ingressei na FEB.

No Regimento Sampaio, fizemos exercícios para a guerra. Para mim, foi difícil, pois tinha quase 30 anos, não era mais um menino. Tinha que subir em cordas, deslocar-me em subidas com rapidez, fazer rastejos. O rastejo, às vezes, era feito com tiro real de metralhadora por cima de nós.Quem não fizesse a coisa direito podia se ferir. Um soldado recebeu um tiro no traseiro e outro soldado foi ferido no joelho.

Eu era casado, acostumado a um certo conforto. No início, a alimentação não era das melhores, mas eu saía na hora do almoço e comia numa pensão perto do quartel. Quando o General Zenóbio passou a almoçar no quartel, a comida melhorou. Aí, passou a ter bife à milanesa, um feijão que era quase uma feijoada, às vezes havia até pastel de camarão. Eu deixei de comer na pensão. Depois, a comida melhorou mesmo.

Embarcamos no 2º escalão. A viagem transcorreu sem incidentes. Havia uma certa tensão, tínhamos medo de sermos torpedeados por submarinos. Líamos, quando ainda no Brasil, notícias de torpedeamentos de navios. Pensávamos na possibilidade de o submarino passar por entre os navios de guerra da escolta e nos bombardear. Felizmente, isso não aconteceu.

No navio, tudo transcorreu normalmente, muitos exercícios, de noite as luzes eram apagadas, escurecimento total. Tínhamos plantões nos alojamentos, que no navio se chamam compartimentos. A tropa não teve nenhum problema de saúde, pois tinha sido bem vacinada.

Fomos escoltados pela Marinha de Guerra do Brasil até Gibraltar, daí em diante a escolta foi por navios ingleses. Não sabíamos, ao embarcar, nosso destino. Depois que entramos no Mediterrâneo, navegamos por uns poucos dias. Quando estávamos praticamente à vista de Nápoles, vimos Capri. Não tivemos dúvidas de que nosso destino era a Itália. Em Nápoles, nossa ansiedade não diminuiu, porque, segundo o pessoal, o *stuka*, avião de bombardeio alemão em *piquê*[1], tinha bombardeado o porto na véspera. Muitos navios estavam emborcados, jogaram muitas bombas.

Logo em seguida, embarcamos em umas barcaças de invasão, que nos levaram até Livorno. No caminho, atravessamos um tremendo temporal, quando até o pessoal da tripulação enjoou. Em Livorno, pegamos uns caminhões e fomos para Pisa, onde acampamos.

No acampamento, recebemos coturnos e galochas. O fardamento era o mesmo que levamos do Brasil. Começamos, então, um programa de instrução próprio para a guerra. Marchas a pé e tiro real, principalmente. O tiro era diário. Um exercício que eu considerava bom mesmo era o de esgrima com baioneta. Eu assimilei bem o exercício, de forma que passei a participar como instrutor. Os americanos faziam aquele exercício como se fosse combate real, com rapidez, gritos e berros.

Depois do programa de exercícios, o Regimento, com os três Batalhões, deslocou-se para Silla. Lá, a 7ª Companhia recebeu ordem de substituir uma tropa do 6º RI na Torre Nerone. O deslocamento foi a pé, noturno, não enxergávamos nada. Para dificultar ainda mais, usávamos as máscaras contra gases, porque havia a idéia de que os alemães talvez usassem gás venenoso, mesmo sendo proibido pela lei internacional. Foi uma caminhada muito difícil.

Ocupamos a posição em Torre Nerone. Tenho a impressão de que os alemães sabiam que nossa tropa era inexperiente, relativamente mal treinada. Eles acionaram todo o seu poder de fogo sobre nossa posição. Bazuca, morteiro, canhões antiaéreos 88mm, canhões de longo alcance. Respondemos ao fogo e recebemos ordem de armar baioneta. Correu o boato de que íamos ser atacados por uma tropa de alemães malucos, todos nus! Naquele momento ninguém achava o retém do sabre, para armar a baioneta, eu ajudei alguns, ansioso porque tinha que armar a minha também. Felizmente, o ataque não veio. Pela manhã, encontramos, a uns cinco

[1] Piquê – vôo rasante com inclinação lateral, voltado para a vertical.

metros à frente de nossa posição, um alemão morto. Não sei como ele chegou até ali, porque nossa Artilharia também tinha atirado.

Foi nosso batismo de fogo, em Torre Nerone. Meu Comandante de Companhia, da 7ª, era o Capitão Arnizaut. O Comandante do III Batalhão era o Major Franklin de Moraes. O Comandante do Regimento era o Coronel Caiado de Castro. Os comandantes dos outros Batalhões, I e II, eram os majores Uzeda e Sizeno.

Saímos, mais tarde, de Torre Nerone, sendo substituídos não sei por qual Unidade. Foi durante a noite. Voltamos para Silla, onde começamos os exercícios para um assalto ao Monte Castelo.

Uns dois dias antes do dia 12 de dezembro, recebemos ordem de subir para ocupar o Monte Castelo. Não era um ataque, pois a informação, do IV Corpo, era de que os alemães tinham abandonado suas posições. Íamos dar quase um passeio. Ficou estabelecido que eu levaria o fogão que tínhamos no *fox hole*. Ele dava calor para o pessoal. O tenente levaria minha metralhadora e os fuzis de dois ou três soldados, que estavam levando os cobertores. Seria uma caminhada normal, sem combate.

Eu avisei ao Capitão Arnizaut que tínhamos visto alemães lá em cima, inclusive com fuzil. Ele disse que não eram alemães, mas italianos, porque o IV Corpo havia dito que os alemães tinham-se retirado. Eu insisti, disse que o IV Corpo estava a 400km, lá atrás, que nós, sim, estávamos perto e vendo os alemães. O Capitão disse que a ordem era aquela. Então, os sargentos combinaram que seria feita uma patrulha, que esta subiria na frente, atirando nas cotas elevadas, de modo a provocar uma resposta dos alemães, caso eles ainda estivessem lá.

Foi escolhido um sargento da 9ª Companhia para comandar a patrulha. Os comandantes de Pelotão e de Companhia não participaram dessa iniciativa. Para a subida, cada fração iria por caminho diferente, mas a patrulha iria na frente. Quando chegasse lá em cima, faria sinal para todos subirem.

Quando a patrulha estava a uns 300m do cume, abriu fogo. Para nossa satisfação, não houve resposta dos alemães. Continuou avançando, já estava a uns 150m do cume, atirando, quando os alemães desencadearam fogo sobre a tropa. A patrulha retraiu correndo. Felizmente não acertaram. O restante da tropa não subiu o Monte Castelo, ficamos aguardando o sinal da patrulha. Eu não saí de perto de meu *fox hole*. Mas tive de jogar fora o fogão.

No dia 12 de dezembro, o Regimento Sampaio montou um ataque a Monte Castelo. O III Batalhão atacou, com as 7ª, 8ª e 9ª Companhias. O II Batalhão ficou na expectativa (em reserva). O ataque foi difícil, porque ninguém sabia nada. Eu acho que o comandante do nosso Pelotão não havia recebido as ordens do comando. Quando lhe perguntei onde era o objetivo, ele me mostrou a carta. Eu, ainda, insisti

indagando-lhe sobre a ordem que o comando lhe dera. Ele disse que trabalhava na secretaria, não tendo tido tempo para inteirar-se da missão com a devida profundidade e que lhe deram somente aquela carta e a direção geral do ataque. Posteriormente, ele foi substituído por ter sido ferido.

O ataque era para nós pegarmos os alemães de surpresa. Aparentemente eles foram, tanto que passamos por duas casamatas e eles não deram sinal de vida. Parecia que não havia alemães. Ali, aprendemos uma coisa de muita valia para as ações posteriores. As casamatas eram incrustadas na pedra. Elas possuíam uma sala onde havia beliches e também as vigias para as armas. Tinham, ainda, uma sala subterrânea, com a entrada camuflada por feno. Lá, eles se escondiam. Assim, quando olhávamos, naquele dia, as casamatas pareciam vazias.

Ultrapassamos as casamatas e prosseguimos. Começava a clarear quando os alemães lançaram muitos artefatos iluminativos, os *very light*. Tínhamos aprendido, ainda no Brasil, que, quando fossem lançados os *very light*, deveríamos ficar parados, pois ele durava pouco. Assim, parado, o soldado não seria identificado pelo inimigo, que o confundiria com um tronco ou coisa parecida. Mas os alemães lançaram muitos *very light*, milhares deles. Ficou claro como o dia. Quem seguisse as instruções morreria com um tiro na testa. Eu mergulhei num riacho gelado. As balas, ao baterem no chão, lançavam terra no meu rosto.

A 7ª Companhia já estava na cota 803, o cume é 977. Os alemães atiravam de metralhadora. As casamatas, que nós havíamos ultrapassado naquele momento, atiravam na tropa que vinha na retaguarda. As que se encontravam à nossa frente atiravam em nós. Não podíamos avançar, nem sermos socorridos ou reforçados. Eu ainda me lembro que, naquela situação, recebi uma ordem, pelo telefone, de que devíamos tomar Monte Castelo, nem que fosse apenas com um homem. Mas não deu mesmo. Essa ação da 7ª Companhia foi na área de Fornello e C. Vitelline.

Ficamos naquela situação o dia inteiro, eu pedi insistentemente que atirassem granadas fumígenas, que o americano tinha em quantidade, para enfumaçar a área. Isso tudo começou por volta das 6 horas. Minha munição de granadas acabou. Quando eu via um movimento qualquer, pensava que eram os alemães vindo buscar prisioneiros. Soltava uma granada. Havia a idéia de que os alemães castigavam os prisioneiros, ninguém queria pensar, portanto, em ser preso. Nós ouvíamos nossos feridos agonizarem, sem poder socorrê-los. Um deles eu ouvi encomendando sua alma. Não tínhamos reforço, nem socorro, nem padioleiros.

Por volta das 16 horas, começamos a retrair. Eu tinha algum conhecimento de matemática, assim calculei a bissetriz do ângulo formado pelas metralhadoras. A Artilharia lançou as granadas fumígenas e nós, de mãos dadas, seguimos para fora

da zona de tiro das metralhadoras. Veio conosco o sargento Tadeu, Subcomandante do 3º Pelotão de Fuzileiros, o nosso Pelotão. Hoje, ele é Coronel.

O Tenente Comandante do nosso Pelotão desapareceu na base de partida. Deve ter pisado numa mina, sido alvejado ou ficado enredado no arame farpado. Eu mesmo me embaraçei no arame, saí com muita dificuldade. Não soube mais do Tenente. Deve ter ido para o hospital.

Por volta das 18 horas, retornamos às nossas linhas originais. Eu ouvi o barulho de uma arma sendo engatilhada e gritei que era brasileiro que estava voltando, que era recuo brasileiro. Felizmente, o sentinela não atirou. Passamos por ele e, logo adiante, encontramos o homem que dava ordens pelo telefone. Era o Comandante da Companhia, que já tinha retraído.

Nesse ataque, morreram muitos homens da 7ª Companhia, que ficaram lá na posição onde foram atingidos.

Depois do dia 12, fomos para uma posição de descanso, em Silla. Como o tenente estava no hospital e, para lá, tinha ido o sargento Tadeu, o Capitão Arnizaut me indicou para comandar o Pelotão. Eu era, aparentemente, o mais experiente e analisava melhor as coisas.

De Silla, fomos para Bombiana, uma posição que era na base de Monte Castelo. Fomos substituir a 8ª Companhia do nosso Batalhão. Fizemos a substituição, as coisas correram normalmente. De vez em quando, fazíamos uma patrulha lá na frente. Montamos um Posto de Observação (PO). Ficamos em Bombiana até 21 de fevereiro.

Em 24 de dezembro, estávamos dentro do cemitério de Bombiana, quando começou a nevar. Estava caindo algodão do céu. Dentro de pouco tempo, o terreno ficou branco, começamos a sentir frio. Eu estava no comando do Pelotão, quando oito soldados reclamaram que não podiam andar, que seus pés e pernas estavam gelados. Nós estávamos nas trincheiras, em posição, porque havia a possibilidade de o alemão atacar por ali. Tínhamos de estar atentos. Os oito foram para o Posto de Saúde e voltaram com diagnóstico de ameaça de pé-de-trincheira, que é uma doença que paralisa a circulação. Dizia-se que os americanos colocavam jornal no coturno, que quando um americano tivesse a doença dez brasileiros já teriam tido, pois eles estavam acostumados. Acontece que alguém jogou o coturno fora, quem eu não sei, e encheu a galocha de feno. Foi coisa de brasileiro! Acabou o pé-de-trincheira, a friagem no pé! O procedimento se espalhou pela tropa. Andávamos na neve sem problemas. Agora era só manter a atenção no inimigo. E o americano estava querendo saber o motivo da não incidência da enfermidade no brasileiro, uma vez que eles continuavam com o problema!

Nossa posição, no cemitério, era numa elevação pequena. Quando caíam algumas granadas de 88mm, nós jogávamos bolas de neve ou pedras nas costas dos compa-

nheiros. Quando o bombardeio acabava, a gente levantava voltando à normalidade. Aquele que tinha sido atingido pela bola de neve ficava passando a mão no local atingido, procurando sangue, para ver se tinha sido ferido. Ferimento não dói, na hora, só depois. Por isso, ficava procurando a ferida. Era uma brincadeira de brasileiro.

Não perdemos um homem sequer nessa posição e o pé-de-trincheira não nos pegou. Recebemos uns capotões americanos no início do inverno e, logo depois, outras peças do uniforme deles, além dos preciosos galochões. A farda dos americanos era uma roupa com que eles podiam ir a uma festa. A nossa, além de deixar um pouco a desejar, era mais ou menos parecida com a alemã. Houve até um choque com os americanos. Eles pensaram que éramos alemães e atiraram, nós pensamos que os alemães eram eles e atiramos, também.

Fazíamos patrulhas quando era detectado algum movimento na frente. A patrulha ia lá e eram italianos, procurando comida ou outra coisa.

No dia 21, participamos do ataque vitorioso a Monte Castelo. Na nossa base, estudamos o terreno onde iríamos atuar. Nós já éramos veteranos de guerra, treinados. A 7ª Companhia não perdeu um só soldado no ataque do dia 21 de fevereiro. Tivemos sorte, também. Uma casamata, que, no ataque do dia 12 de dezembro, tinha causado várias baixas, fora destruída por uma granada de Artilharia. A granada entrou pela vigia, explodiu lá dentro. Eu vi que alguém escapou ferido, pois havia sangue nas paredes. Foi uma coincidência o acerto da granada. Nem com cinqüenta bombas se destruiria a casamata, não dava para desfazer o morro. Se isso não acontecesse, nosso ataque seria mais difícil.

Durante a progressão, o Capitão Arnizaut me informou que o sargento Zé Maria e outros brasileiros estavam cercados pelos alemães. O Capitão mandou que eu pegasse um pessoal e fosse socorrer o Zé Maria. Partimos, progredindo por lances, dando tiros. Até que entrei em contato com o Zé Maria, que era do 2º Pelotão. Ele me informou que estava cercado. Continuamos a progredir e deparamos com uma casamata. Os alemães estavam agindo como anteriormente. Pus o pessoal em posição de combate e rastejei, entrando na casamata. Não vi ninguém, parecia abandonada. Vi uma portinha, que me parecia a entrada de um túnel, lancei uma granada de mão e saí correndo. Não esperei o resultado. Achamos uma metralhadora .50 desguarnecida. Deixamo-la no local e prosseguimos.

Mais adiante ouvi vozes, cheguei, inclusive, a pegar uma granada para lançar, mas identifiquei qualquer coisa que parecia brasileiro. Eu gritei, eles responderam. Estavam numa casa semidestruída, era o 2º Pelotão. A casa estava numa cota próxima a 900. Reunimo-nos ao 2º Pelotão, nos abraçamos. Foi, então, que chegou o soldado cerra-fila, aquele que se desloca na retaguarda. Ele carregava aquela me-

tralhadora .50. Era um sacrifício tremendo, pois a metralhadora é muito pesada. Atacamos então a posição alemã em frente. Como tínhamos a metralhadora .50, foram só dois minutos de tiro, todos nós atiramos. Os alemães levantaram a bandeira branca, renderam-se. A casa onde estavam fora reduzida a quase nada, não tinham como agüentar as rajadas da .50. Foram feitos 18 prisioneiros, sendo 5 feridos. Um era francês e outro, tcheco. Os demais eram alemães. Foi muito bom o serra-fila trazer a metralhadora .50. Tenho a impressão de que se não tivesse acontecido isso os alemães iam-nos dar dor de cabeça.

O inimigo que estava mais em cima se retirou. Eu, o Zé Maria e o nosso pessoal subimos a crista e comunicamos ao Capitão. Éramos 25 homens.

Soubemos que os americanos estavam de posse de Belvedere. Como aquela região é montanhosa, havia outras posições com os alemães, como La Serra e Gorgolesco. Preparamos, então, uma posição defensiva, com o material disponível, como tijolos, fardos de feno, móveis de casas destruídas.Tudo que pudesse nos proteger do tiro de fuzil. Os donos das casas destruídas deviam estar no cemitério de Bombiana.

Logo depois da conquista de Monte Castelo, fazendo uma verificação na área, encontramos os corpos dos brasileiros mortos no ataque de 12 de dezembro, daqueles que não pudemos trazer de volta. Eram os corpos dos sargentos Aires e Pinto, do cabo Lucena e dos soldados Benone, Eliaquim, Durvalino, Álvaro, Lima, Miguel e Marcelino. O Eliaquim era aquele que eu ouvira encomendando a alma. Estava com a Bíblia. O Aires era torcedor do Fluminense, por isso havia-lhe dado uma fivela do seu clube. Reparei que eles estavam escuros. Isso me deu uma certa agonia, pois sabíamos que os alemães não gostavam de gente escura, eram racistas. Mas reparei no sargento Aires, logo me veio a mente que o frio de 20 graus abaixo de zero conserva, mas queima a pele. Eles estavam mumificados na neve, sem cheiro. Os alemães não os enterraram.

Os corpos estavam tão perto de nós, mas também tão longe. Não mandamos buscá-los, de 12 de dezembro a 21 de fevereiro. Mas era impossível mandar alguém lá. Os alemães desrespeitavam a lei internacional, atiravam nos portadores da cruz, nos padioleiros. Se alguém fosse lá, ficava. Os corpos foram levados para Pistóia, onde foram enterrados. Foram mortos bem perto do cume.

Após a consolidação da posição, a 7ª Companhia foi para a posição de descanso adiante de Silla, Porreta Terme. Nós estávamos há cinqüenta dias sem tomar banho, pois dentro do cemitério de Bombiana não havia água. A neve aliviava aquele suorzinho, assim ficamos cinqüenta dias sem banho. Em Porreta Terme, tomei um banho maravilhoso. Fazíamos fila para o banho, mesmo estando sujeitos a

bombardeio, era o hábito da fila. Como o banho foi muito bom, resolvi tomar outro, entrei de novo na fila. Avisaram que quem cortasse o cabelo não precisava entrar na fila para o banho. Entrei na fila para cortar o cabelo, que há muito tempo não cortava, cortei o cabelo e tomei outro banho.

Dois dias depois fomos substituir os americanos em Belvedere, pois eles iam prosseguir atacando. Subimos Belvedere, de novo, e fomos para a posição. Passamos o mês de março no Belvedere. Agora víamos os alemães embaixo, estávamos em cima. Eles continuaram a usar o 88mm e um canhão de longo alcance. Hoje, há um desses canhões no Colégio Militar; foi trazido como presa de guerra. Eles atiravam cinqüenta granadas e retraíam. Segundo os entendidos, os americanos e os observadores aliados em geral nunca conseguiram saber sua posição.

Uma ocasião estava próximo à base do Belvedere, passeando um pouco. Abaixo, havia quatro tanques americanos parados. Começou um bombardeio. Vi, então, um soldado pequenino correr para baixo de um tanque. Fiz o mesmo. Quando cheguei, dei um tapinha nas costas do soldado, dizendo-lhe: “Companheiro, a cobra está fumando lá fora.” Ele virou-se para mim e disse: “Essa guerra é para sargento”. Eu o reconheci, era o General Mascarenhas de Moraes. Não usava estrelas, como eu não usava divisas. Eu não sabia se saía ou se ficava. Ele me segurou pela gola, senti que não queria que eu saísse. Quando acabou o bombardeio, cada um seguiu seu caminho. Eu subi para a posição.

Depois de Belvedere, nós ficamos mais acima que os alemães. Eles estavam acostumados a jogar granadas em cima de nós, mas ali a coisa se inverteu. Começamos a pegar alemães vestidos de italianos. Segundo os italianos, eles os rendiam e pegavam suas roupas. Colocavam um bonezinho de montanhês e passavam por nossa gente. Pegamos alguns, mas não houve entrevero. Começamos a avançar, eles recuando. E, assim, chegamos ao Vale do Pó.

Paramos em Piacenza, que ficava próximo e na direção de Alessandria. Fomos informados que, a oeste dessa cidade, o nosso Esquadrão fizera junção com forças francesas que estavam em Suza, um pouco adiante de Turim, nas proximidades de Alessandria, no Vale do Rio Pó. Os alemães não tinham para onde ir. Estavam cercados. O 6º RI, em Collecchio e Fornovo, fechava o cerco às tropas inimigas. A guerra, para nós, estava praticamente acabada. Ainda havia o receio de que alemães, como em ocasiões passadas, tentassem um contra-ataque ou realizassem algum golpe de mão, mas, depois do dia 2 de maio, esse receio acabou. Assinada a paz, com a rendição alemã na Itália, a alegria foi geral. Todo mundo se abraçou, rolávamos pelo chão, dávamos tiros para o alto. Eu atirei com uma arma que nunca tinha visto, parecia um canhão na minha mão, tinha um cano enorme.

Durante a guerra enfrentamos um inimigo experiente e aguerrido. Eles preparavam boas posições, eram peritos em organizar o terreno. Costumavam procurar cercar seus inimigos no meio do fogo das casamatas. Nós aprendemos muito com eles, aprendemos a combater e a superá-los. Era, entretanto, um inimigo cansado. Alguns prisioneiros que fizemos vinham lutando há muito tempo. Um deles tinha lutado na África, como veio lutar na Itália eu não sei. Meu contato pessoal com os alemães não foi grande, mas os prisioneiros que fiz me pediam, logo, chocolate. Nós os tratávamos bem, dávamos comida, chocolate, cigarro. Trouxe algumas lembranças de guerra, que troquei com os alemães por chocolate. Uma bússola, uma caneta, um distintivo parecido com uma águia. Também trouxe outras coisas, como um jogo de damas que encontrei em uma casamata próxima ao topo de Monte Castelo. Foi naquela casamata destruída por uma granada de artilharia que entrou pela vigia. Eles jogavam damas no local.

Outro inimigo que tivemos que combater foi o frio, o clima. Primeiro foi o pé-de-trincheira, que com a criatividade brasileira superamos. Andávamos com a neve quase cobrindo as galochas, mas livres do pé-de-trincheira. O frio era terrível, mas, de noite, em nossas posições, sempre havia um fogareirozinho para nos dar calor. Quando ficávamos muito tempo em uma posição, fazíamos um túnel. Cobríamos o túnel com uns tubulões que o Tenente Paulo de Carvalho, então Subcomandante da 7ª Companhia, arranjou. Ele depois foi promovido a Capitão e comandou a 8ª Companhia. Era general, há poucos anos, quando faleceu. A turma chamava o tubulão de trem de luxo. Dava para dormir dentro, tinha uns dois a três metros de diâmetro, era de aço, a prova de 88mm. Mas, mesmo assim, o protegíamos com uns sacos. Também nos abrigamos muito em casas abandonadas e outras construções. Era muito frio, 16, 20 graus abaixo de zero. Não tínhamos, inicialmente, roupas para suportar.

Não tivemos falta de gasolina. O motorista que deixasse sua viatura parar por falta de gasolina era preso. Em espaços regulares, havia camburões para troca e, também, bombas de combustível; era só parar e abastecer.

A alimentação era boa. Recebíamos até peru. Só que quando era servido no almoço, sabíamos que, à tarde, tínhamos uma missão nova para cumprir. Peru era um presente de grego. Era uma coincidência tremenda! Se não era asa, se era peito ou coxa, nós sabíamos que dali a pouco sairia um Pelotão para fazer um reconhecimento difícil em uma igreja, em uma aldeia ou para verificar algum movimento lá na frente. Almoço com peru era seguido de missões variadas, coincidência que não falhava!

O apoio de saúde foi bom. Eu me feri duas vezes. Na primeira, deitei num toco e feri o joelho. Fui para o hospital, passei dois dias e voltei para minha Companhia. Essa baixa consta de meu boletim. Na segunda, o sopro de uma granada me fez desmaiar. Fui para o hospital, de lá para o Centro de Readaptação e, depois, para o Depósito de Pessoal.

A guerra já estava no fim e eu não queria ficar lá, longe de meu pessoal. Com a permissão do Coronel Archiminio Pereira, deixei o Depósito. Disse-lhe que era da 7ª Companhia do Sampaio, que estava cheio de dinheiro, que tinha que pagar, que tinha sofrido um acidente e que fora hospitalizado. Ele deu autorização e voltei para minha Companhia. Meu lugar era no Sampaio, onde estive desde que cheguei à Itália. Essa baixa não consta de meu boletim, no entanto, o sopro da granada ofendeu as minhas juntas.

Quanto ao nosso relacionamento com os americanos, eu diria que foi bom. Na substituição de tropas da 10ª Divisão, tudo correu bem. Houve apenas um incidente, quando uma patrulha nossa combateu contra uma deles. Foi uma confusão, encontraram-se no escuro, não tinham condições de saber se o outro era alemão. Uma patrulha atirou na outra e nosso sargento, por infelicidade, matou o americano. Mais tarde, esse sargento brasileiro pisou numa mina.

Depois de Monte Castelo, quando a coisa ficou menos difícil para nós, saíamos de *jeep* com eles para fazer uma *tocha*[2], para ver umas meninas.

Com os italianos também nos relacionamos muito bem. Em qualquer lugar que chegávamos, depois dos alemães se retirarem, éramos recebidos com festa, eles diziam *brasiliani liberatori*. Se quiséssemos era festa de manhã à noite. Sempre contaram com o nosso apoio, em comida inclusive. Como eu era casado, minha mulher me mandava sempre uns caixotinhos com goiabada e café. Eu fazia o café e, quando havia oportunidade, oferecia às famílias italianas. Era uma alegria. Eles tinham dinheiro, liras, mas não tinham onde comprar café.

O soldado brasileiro encara, de modo alegre, todas as situações, até as aparentemente sem solução. Se, numa patrulha, quando parecia que todos estavam com medo de um choque com os alemães, aparecia um cabrito, lá ia um brasileiro querer pegar o cabrito. Queria trazer de volta para fazer churrasco. Também soube superar o cansaço, a fadiga. Era só receber a ordem para fazer determinada coisa que se fazia. Os sargentos diputavam o comando das patrulhas, todos queriam comandar. Às vezes, insistiam tanto que iam dois na mesma patrulha. Eu fiquei com a impressão de que o soldado brasileiro aceita bem a morte quando no cumprimento da missão.

Não havia brigas entre nós, éramos todos amigos. A camaradagem marcava o nosso relacionamento. Da mesma forma, a guerra fazia superar o medo. Na hora em que era preciso, o medroso ia lá e fazia o que tinha de fazer. Da mesma forma, o valente se tornava cauteloso, não há valentão na guerra!

O relacionamento entre oficiais, sargentos e soldados era fraterno, diferente do que se via no Exército de antes da guerra, onde havia grande separação, onde

[2] Tocha – passeios ou saídas para algum tipo de diversão.

sargento e soldado não podiam conversar. Na guerra, o soldado pedia cigarro ao tenente, este ao sargento. Conversávamos, estávamos todos na mesma situação.

O brasileiro era também muito religioso. Um soldado do 3º Pelotão, antes de qualquer deslocamento, tirava do saco uma estátua de madeira de N.S. da Conceição, que a sua noiva tinha-lhe dado. Colocava a estátua no chão, ajoelhava-se e rezava em voz alta por alguns instantes. Depois disso, guardava a estátua e dizia estar protegido, que nada poderia atingi-lo, que sua volta para o Brasil estava garantida.

Sempre que parávamos em um local desabrigado, a primeira providência era cavar o *fox hole*. Aquele soldado, depois de cavar o seu abrigo, colocava a estátua na borda do buraco. Certa ocasião, quando estávamos numa posição a uma pequena distância da base do Monte Castelo, começou uma chuva de granadas. O deslocamento de ar, da explosão de uma delas, levou a estátua da Santa para longe. O soldado pediu meu auxílio para encontrá-la. Quando o bombardeio deu uma trégua, saímos, rastejando, em busca da Santa. Até que a encontramos no meio de uma cratera. A cena que se seguiu foi de uma emoção indescritível. O soldado se abraçava com a estátua, beijava-a como se fosse um ente querido. Ali, mesmo com o risco de ser atingido, começou a rezar em voz alta, agradecendo à Santa por ter conseguido recuperar sua estátua. Quando regressamos aos nossos *fox holes*, constatamos que o abrigo do soldado transformara-se num enorme buraco.Uma granada tinha caído dentro dele, enquanto estávamos fora, procurando a estátua de Nossa Senhora da Conceição. Sem dúvida, assistimos a um milagre!

Quando terminou a guerra, estávamos perto de Piacenza. Uma distância como Lapa-Copacabana, ou um pouco mais. Nós estávamos lá, rezando para terminar o conflito. Já tínhamos visto uma Divisão se entregando, mas havia sempre o risco de se receber um balaço antes da guerra acabar. De lá fomos, de trem, para Civita Vechia, uma cidadezinha onde havia baixo meretrício, interditada às tropas aliadas, *off limits*. Nesse lugar, a Cruz Vermelha nos deu um sanduíche e embarcamos em caminhões, que nos levaram para Francolise.

Foi o pior da história. Nós saímos de um lugar onde todos festejavam, *brasiliani liberatori*. Era festa todo dia. Era velho, era moça, todos nos agradavam – *brasiliani una ova frite vene*. Em Francolise, era uma poeirada, ninguém podia ficar descalço porque a areia fina, que parecia do Vesúvio, queimava. Ficamos num lugar cercado por arame farpado, com sentinela, não se podia sair. Nossa primeira providência foi tirar a roupa, ficar de calção, mas com as botas.

Acredito que a razão disso, desse cerceamento, era que o brasileiro já estava acostumado à festa, a se divertir. Era um lugar horrível, com a polícia americana rondando em seus *jeeps*. Se fosse encontrado algum militar fora do lugar devido, vinha uma parte e uma punição. Ficamos nessas condições mais ou menos uma semana. Eu

saí, fui ao Teatro San Carlos, muito parecido com o Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Assisti a óperas, duas vezes o *Rigoleto* e uma vez Lucia de Lamemour. Toda a platéia de roupa de gala e nós com a blusa amarrada, camisa com a gola suspensa. E tomando cuidado com a polícia americana, tendo, por duas vezes, que me esconder. Até que veio a ordem de embarque.

Embarcamos no *Mariposa*, navio transporte americano, em Nápoles. Eu tinha levado meu violão para a guerra. Tocava violão, era seresteiro e dançava bem. Assim, trazia meu violão de volta. Durante as operações, ele ficara no Depósito da FEB, na retaguarda, junto com o saco B. O saco A ia conosco para todos os lugares, dentro iam muda de roupa, cigarros, coisa de uso mais comum. Por isso, chamávamos o pessoal da retaguarda de saco B. Uma vez, eu estava na retaguarda, escrevia uma carta, quando caiu uma granada. Ouvi como se fosse um estilhaço batendo no meu violão, que estava junto de mim. Acostumado com a brincadeira de jogar coisas nos outros, durante os bombardeios, fiquei zangado. Queria saber quem era o machão que tinha feito aquilo com o meu violão. Disse uma porção de coisas. Até que um sargento me mostrou um estilhaço que quebrou um tinteiro, transpassou o violão e cravou numa madeira. Mais tarde, o Coronel Caiado me pediu o violão para colocar no Regimento Sampaio. Ele está lá, atualmente.

A viajem de volta foi diferente. Não havia mais escurecimento à noite, ficávamos nas cobertas, faziámos seresta, era livre. Quando passamos por Fernando de Noronha, pela manhã, a tropa formou e cantou o *Hino Nacional*. Ainda me emociono quando recordo. A tropa toda correu para a amurada do navio, para um lado só. O navio, segundo se dizia, adernou. Não sei se isso era possível, mas diziam que poderia, inclusive, jogar todo mundo na água.

De Fernando de Noronha ao Rio, a estação de rádio de bordo veio recomendando que, na chegada, a tropa se dividisse, uma parte ficaria voltada para Niterói e a outra para o Rio de Janeiro. Meteu medo na gente, dizia que não morremos na guerra e não era para morrermos na Baía de Guanabara. Assim, entramos na barra distribuídos nos bordos do navio. Mas quando chegamos à altura da Fortaleza de Santa Cruz, aconteceu a mesma coisa, mas já estávamos quase dentro da baía, quase chegando em casa. A tropa cantava o *Hino Nacional*, várias embarcações e navios estavam em torno do nosso navio. Os fortes e fortalezas atiraram em nossa homenagem.

A emoção foi grande. Um homem do Sampaio ficou maluco quando viu a Fortaleza de Santa Cruz. Isso me comove, quando me lembro. Morreu há um ano atrás, foi internado no HCE, seria enterrado como indigente, se não fôssemos eu e um outro companheiro.

A alegria que se apossou de nós, quando vimos aquele quadro, foi imensa. Um sargento, o Edgar, segurou a minha perna e quase me jogou fora do navio. Eu tive de

dar-lhe um coice, mas ele dizia: “Moacir, estamos em casa.” Foi uma alegria tremenda. Dizem que havia gente que foi para o compartimento, para não se jogar na água.

Desembarcamos, minha esposa me esperava. Foi um empurra, empurra, todo mundo queria abraçar, beijar. Parece que o Brasil todo nos esperava. A festa foi muito grande.

Mal cheguei, fui trabalhar nos Correios e Telégrafos. Eu poderia ter continuado no Exército, fui, inclusive, consultado. Mas eu ganhava bem no meio civil. Meu ordenado era mais ou menos o de major. Ainda dava aulas particulares, tinha muitos alunos.

Sentia uma satisfação imensa, em todos os colégios que lecionei, nas cidades do Brasil, por onde andei, de Porto Alegre a Manaus, de perguntar para os garotos: “Você conhece a FEB?” Fazia, então, uma exposição sobre a Força Expedicionária Brasileira.

Seqüelas da guerra me acompanharam. A primeira vez que fui visitar colegas num hospital, senti vertigem, fiquei mole. No primeiro velório a que fui, desmaiei. Não podia ver médico de branco, hospital, defunto. Desmaiei três vêzes na repartição. Tratei-me até 1968. Sonhava muito com os alemães me atacando, às vezes me prendendo. Nunca sonhei que eu prendia os alemães. Tomei remédios violentos, o médico dizia que ia passar. Uma vez minha esposa passou mal, tive de levá-la ao hospital. Fui na ambulância, segurando o soro. Eu dizia: “Não vou desmaiar, não vou desmaiar.” Ela morreu no hospital, tive de ficar com a falecida ali. Foi um sofrimento. Mas não consegui ir ao enterro, nem ao da minha segunda esposa, também falecida.

O que mais me impressionou na guerra foi a perda de tantos amigos, que ficaram lá em cima do Monte Castelo. Nós convivemos dois, três anos e, de repente, encontrá-los mortos, insepultos. O sargento Aires, por exemplo. Ele estava contrariado por ter ido para a guerra. Nós brincávamos, dizíamos que ele estava gostando, que estava comendo bem, que apreciava aquela vida. Ele não gostava da brincadeira, ficava zangado. Infelizmente, ele ficou lá. A amizade que tínhamos desde o Rio de Janeiro, quando fazíamos exercícios juntos, competindo um com o outro, era muito forte. Foi muita gente, eram muitos! Senti bastante!

Depois de falar da guerra, da aflição, da presença freqüente do sofrimento e da morte, lembrando que tantos outros não tiveram essa oportunidade, ocorre-me que é preciso haver um grande empenho para evitá-la. Isso me leva a pensar no seu oposto, a paz. E a tê-la como meta de vida.

Com nossa participação na Campanha da Itália, ganhamos grande prestígio entre as nações. Não esquecer aquela frase do General Crittenberger, Comandante do IV Corpo, ao qual estávamos subordinados: “Quando a história da Segunda Grande Guerra for escrita, haverá um lugar de destaque para o Brasil.”

Sargento Rubens Leite de Andrade*

Nasceu no Município de Campos - RJ. Em julho de 1943, apresentou-se como voluntário no III Batalhão/3º RI, sediado em Campos. Embarcou para a Itália, em novembro de 1944, onde foi transferido para o 11º RI, na função de Sargento-Auxiliar do 1º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia. Depois de cumprir várias missões, no dia 6 de março de 1945, o seu Pelotão foi designado para fazer uma patrulha visando obter informações, para o Comando do Regimento, sobre a linha em que o inimigo passou a ocupar. Sua função nessa Patrulha era a de esclarecedor, isto é, o "ponta" da Patrulha. Estava parado em um determinado ponto, Região de Vergato, quando, ao olhar para o seu Comandante de Patrulha, este, por sinais, mostrou-lhe uma casinhola junto a um monte de feno, determinando-lhe, ainda por sinais, que a vasculhasse. Após demonstrar ter compreendido, levantou-se para dirigir-se à casa, quando o seu pé direito tocou em uma mina antipessoal, arrancando-lhe a perna. Nesse campo minado, junto com ele, outros integrantes do Pelotão foram atingidos pelas minas, em reduzido espaço de tempo. Dentre as medalhas que possui, pela sua participação na FEB, destacam-se, as de Sangue do Brasil, Medalha de Campanha, Medalha de Guerra, Medalha de Guerra da Polônia, Medalha *La Croix du Combattant de l'Europe*. Desde 1991, preside a Associação dos Ex-Combatentes do Brasil–Seção Rio de Janeiro. A partir de 1993, passou a outorgar a oficiais e praças das Forças Armadas a Medalha da Vitória, da referida Associação, com objetivo de distinguir aqueles que vêm enaltecendo os feitos da FEB.

---

* Sargento-Auxiliar do 1º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria, entrevistado em 19 de setembro de 2000.

Pretendo contribuir com a nossa Força Terrestre através desse meu depoimento, que é a narrativa da minha vida dentro do Exército Brasileiro. Procurei cumprir com o meu dever, ficando, inclusive, mutilado em combate. Perdi uma perna ao pisar em uma mina, durante uma patrulha, no dia 6 de março de 1945.

Para o soldado de Infantaria, a patrulha é mais temível do que o ataque. Nela, partimos para o desconhecido, não sabemos o que nos espera. Às vezes é a emboscada, como aconteceu a uma Patrulha de minha Companhia. Foram cercados pelos alemães. Alguns conseguiram se retirar, porém três não tiveram a mesma sorte. Resistiram até o último cartucho. Foram sepultados pelos alemães, que escreveram no local onde morreram, nas cruzes de suas sepulturas: “Aqui jazem três heróis brasileiros”.

Antes de o Brasil entrar na guerra, a expectativa tomara conta de todos. A Alemanha parecia a nação mais poderosa do Mundo. A população estava meio dividida, muitos ficavam impressionados pelas imagens exibidas nos cinemas, nos jornais, sobre as ações alemãs. Eu mesmo tinha uma certa admiração pela disciplina, pela postura, pelo passo de ganso, exibidos nos desfiles alemães. Isso mudou com o torpedeamento dos navios brasileiros. Ocorreram várias manifestações públicas contra os alemães; uma passeata foi até o Palácio do Catete exigir do Presidente Vargas uma atitude enérgica.

Saímos da neutralidade para a beligerância.

Logo depois, houve a conferência do Presidente Vargas com o Presidente Roosevelt, no Nordeste. Foi definido que o Brasil participaria da campanha na Europa com um Corpo Expedicionário.

Houve grande dificuldade para organizar a FEB. Aquela multidão, que pedia a guerra, na hora de ir para o combate, sumiu. Por isso, foram buscar gente simples, do interior. Estes foram. Até achar os comandantes, que eram convidados, foi difícil. Sabiam que teriam de partir para a guerra. Eu, na época soldado, vim de Campos, como vieram outros dos pampas, dos seringais, das montanhas alterosas, do Leste e do Oeste. A canção da FEB, quando diz – “Você sabe de onde eu venho? Venho do Morro do Engenho...” – retrata essa diversidade de composição. Nós sentimos isso na época, mais ainda no pós-guerra.

Foi o homem simples que formou a FEB.

Aqui, naquela época, diziam que era mais fácil uma cobra fumar do que a FEB embarcar. Por isso, a FEB, após seu primeiro combate vitorioso na Itália, adotou como símbolo, em seu uniforme, a cobra fumando.

Entrei para o Exército como voluntário. Morava perto de um quartel e via os soldados, quando saíam, alegres, fazendo festa. Eu achei que a vida militar era boa, assim me apresentei como voluntário.

No quartel, o meu sargento me colocou para fazer o Curso de Cabo. Não queria fazer o curso, mas o sargento disse ser obrigatório, mas me deu a opção de escolher a especialização. Como meu pai era farmacêutico, eu sabia dar injeção e fazer curativos, optei pelo curso de padioleiro.

Então houve uma requisição de pessoal para a FEB. Vim como padioleiro, mas aqui, no Depósito, colocaram-me na Infantaria. Havia excesso de padioleiros e, por isso, fui para a Companhia de Infantaria do Depósito. Voltei a ser infante.

O comandante do Depósito era o Coronel Arquimínio Pereira, um homem duro, temido. Tinha fama de estaquear os indisciplinados. Mandava prender o faltoso em uma estaca, por três dias, com uma sentinela ao lado. Mas era necessário. A FEB, aqui, era um tanto indisciplinada, principalmente os paulistas. Eles saíam do Rio e queriam ir para São Paulo no peito e na raça, sem pagar passagem. Em Paracambi, uma patrulha os cercava, eles pegavam os capotes dos civis para se disfarçarem, para iludir o pessoal da patrulha. Precisava haver muita disciplina, porque sabíamos que o nosso destino era a guerra, daí a necessidade de endurecer com aqueles que queriam fazer o que bem entendiam.

Embarquei no dia 23 de novembro de 1944, sob o comando do Coronel Arquimínio, no navio *General Meighs*. Éramos mais de 5 mil homens. A viagem foi boa, com muitos exercícios de abandono de navio. Houve ainda o medo dos submarinos. A Marinha do Brasil nos escoltou até Gibraltar; daí em diante, fomos para Nápoles escoltados por navios ingleses.

Nápoles é uma cidade velha, cheia de muralhas e castelos. Mas estava muito destruída, com rombos nas muralhas, casas em escombros e muitos navios afundados no porto, com apenas mastros e chaminés fora da água. Tive uma decepção.

Minha Companhia desembarcou três dias após as demais. Ficamos limpando o navio durante esses dias; eu com um medo danado que aparecesse um avião para nos atacar.

A seguir embarcamos em umas barcaças de desembarque que nos transportaram até Livorno. Foram três dias e três noites no mar encapelado, todo mundo enjoou. Eu, que não tinha enjoado na viagem de navio, não consegui resistir. Havia seis níveis de beliches, o meu era o último. Todo mundo vomitava lá de cima, eu também não escapei.

De Livorno, fomos para Tenutta di San Rossore, um terreno de caça do Rei da Itália. Lá montamos acampamento e passamos a nos preparar. Fazíamos marchas de 30 e de 40km, além de exercícios de infantaria, como, por exemplo, progressão sob o arame farpado debaixo de tiro real. Após uma semana, fui transferido para a 1ª Companhia do 11º RI, que iria para o *front*.

Meu Comandante de Companhia era o Capitão Darcy Lázaro; de Pelotão, o Tenente Resende; e de Grupo de Combate, o sargento Aquino. Todos eles eram muito bons. Ótimas lideranças, porque do sargento ao Oficial ninguém vacilava. Isso era bom, porque o medo existia e o exemplo deles nos arrastava.

O sargento Aquino era um escurinho, muito bom, valente. Havia um soldado, eu o chamava de "Carioca", nunca vi tanto medo. Ele olhava nos meus olhos, eu já adivinhava o que queria saber e ele perguntava: "Rubens, você está com medo?" "Sim, estou com medo". Eu dizia, mas olhávamos para nosso líder, o sargento, que estava na frente, com o Tenente mais à frente ainda e não podíamos deixar de segui-los. Aonde eles fossem, nós iríamos.

Hoje, quando entrego as medalhas da Associação Nacional dos Ex-Combatentes, digo que a liderança, nas Forças Armadas, é muito importante. O soldado brasileiro é bom, ele vai onde for seu líder, mesmo que saiba que vai morrer. Cito o exemplo do sargento Max Wolf Filho, do meu Batalhão. Ele era voluntário para todas as patrulhas. Por vezes, o Comandante de Companhia colocava outro sargento com ele, mas o comando era dele. Era um bravo! Em sua patrulha, o esclarecedor era ele!

Conheci esse homem. Passou a fazer patrulhas diurnas, muito mais perigosas do que as noturnas. Os soldados que faziam patrulhas diurnas eram dispensados de fazer guarda durante a noite. O quarto de hora, na guarda, à noite, era temido. A gente ficava 3 horas sozinho no *fox hole*, uma folha que caísse amedrontava. Assim, o sargento Max Wolf tinha sempre voluntários para suas patrulhas.

Foi numa patrulha dessas, que ele, à frente, como esclarecedor, viu uma casamata alemã. Conduziu a patrulha para cima da casamata. Foi metralhado e gritou: "Estou ferido!" Um amigo meu, o Estevão, um paranaense, acorreu e o colocou sobre as costas, no meio das balas. Tentou retirá-lo, mas, com o peso do sargento, não conseguiu ziguezaguear de volta. Foi também metralhado e morreu ali. Hoje, o Estevão está no Monumento, como soldado desconhecido. Ele não usava a plaqueta de identificação, como muitos, eu inclusive. Se eu tivesse morrido, seria também um soldado desconhecido. Para mim, o Max Wolf é um dos maiores heróis da FEB .

Outro bravo foi o sargento Ferrine, meu Comandante de Pelotão. Ficou no Exército até Tenente-Coronel. Era um sargento que dava o exemplo. Da mesma forma que meu Comandante de Grupo de Combate, o sargento Aquino. Ele, nas patrulhas, tomava todas as precauções, fazia as coisas corretas, mais do que eu. O Aquino morreu na mesma patrulha onde eu perdi a perna. Pisou numa mina e teve as duas pernas destroçadas. Faleceu três dias depois, em conseqüência da perda de sangue e da fraqueza.

Meu Subcomandante de Companhia era o Tenente Aluísio Kepler. Ele era alto, tinha quase dois metros e sua passada era de 2 ou 3 metros; eu não conseguia

acompanhá-lo. Numa patrulha, quando ele dava um alto horário, eu ainda não tinha chegado. E era tudo no morro, porque o alemão só ficava no morro. Quando ficou no plano, nós o derrotamos com facilidade, isto no final da guerra. Mas o Tenente Aluísio era um exemplo, ficava sempre na frente. Eu, às vezes, xingava-o, pois não conseguia acompanhá-lo.

Eu o encontrei, como Coronel, no saguão do Ministério. Ao vê-lo, gritei: “Tenente Aluísio!” Ele voltou-se em minha direção quando, então, disse-lhe: O senhor não é o Tenente Aluísio, Subcomandante da 1ª Companhia do 11º RI?” Ele sorriu e perguntou: “Você é um ex-comandado meu?” Respondi: “Sim !” Abraçamo-nos, com muita alegria e emoção.

Meu batismo de fogo foi em Rocca Cornetta, um *front* terrível. Os alemães nos bombardeavam durante todas as noites e a noite inteira. Depois de três noites sem dormir, na manhã do terceiro dia, entramos em confabulação: “A que horas esses alemães dormem? A noite inteira não nos deixam dormir, devem dormir de dia”. Nós formamos uma patrulha e fomos até as posições alemãs. Realmente, estavam dormindo. Eu estava nessa patrulha. Cutucamos os alemães com os fuzis para acordá-los, fazendo “psiu” para que não fizessem barulho. Acordamos e prendemos seis deles. Depois, outros acordaram sozinhos e começou um tiroteio. Nós voltamos para nossas posições e comunicamos o fato ao Comando, que não tinha dado ordem para fazermos a patrulha. Nós fomos lá espontaneamente, porque eles não nos deixavam dormir, queríamos saber o porquê. No dia seguinte, o Comando superior mandou buscar os prisioneiros.

Após as vitórias de Monte Castelo e Castelnuovo os alemães retraíram. Fomos substituídos em Rocca Cornetta.

Era o dia 6 de março. Lembro-me como se fosse hoje. Íamos pela estrada, quando veio a ordem de se lançar uma patrulha para buscar o contato com o inimigo e identificar sua nova posição defensiva. Quando se faz uma linha de defesa, em qualquer guerra, colocam-se minas à frente das posições, uns 500m à frente.

O Capitão Darcy Lázaro, Comandante da Companhia, não escalou o Pelotão para a patrulha. Ele nos disse que estávamos exaustos, exauridos. Por isso iria escalar apenas o Comandante, cabendo ao Comandante escolher os homens. Assim, escalou o sargento Ferrine. Como eu era amigo do sargento Ferrine, o primeiro escolhido por ele fui eu, seria esclarecedor da patrulha.

Formada a patrulha, saímos em direção aos morros. Eu estava na retaguarda quando o sargento me chamou, para frente; eu lhe disse que nunca tinha sido esclarecedor. Ele retrucou que não tinha importância, que seria naquele dia. Andamos a tarde toda até chegarmos às montanhas onde caímos num campo minado.

O primeiro a pisar em uma mina fui eu. O Comandante da patrulha, sargento Ferrine, tomou a frente, dizendo para que os demais só pisassem onde ele já tivesse pisado. Mas outros pisaram em minas; até o anoitecer, foram oito baixas, oito que perderam as pernas. Meu Comandante de Grupo de Combate, o sargento Aquino, perdeu as duas pernas, três dias depois morreu.

Todos desconheciam que aquela região se encontrava minada e esse desconhecimento fica como exemplo para o futuro, a fim de que as patrulhas, que saiam em missão sejam informadas, sempre que possível, da possibilidade da existência de campos minados.

Pisar numa mina dói muito. É uma amputação a sangue frio.

Anoitecia, o sargento Ferrine comunicou-se com a Companhia. Recebeu ordens de permanecer no local e aguardar o pessoal da “desminagem” para que a patrulha pudesse retrair em segurança. Isso aconteceu e saí dali transportado em padiola. Creio que fiquei umas quatro horas aguardando o padioleiro. Nós tínhamos avançado muito e estávamos no meio de um campo minado.

Fui levado para uma ambulância, que nos aguardava na estrada, a mim e aos outros feridos. Fomos para o hospital de emergência em Porreta Terme. Lá passei três dias e sofri uma operação de emergência. Desse hospital fui para outro, o 7º, em Pistóia. Dali fui para Nápoles, onde ficava o Hospital Fixo, no qual fiz uma operação preparatória para colocar aparelho ortopédico. Fui muito bem atendido pelos médicos. Em Nápoles, havia conforto, boa alimentação. Tomei penicilina três vezes ao dia, durante trinta dias. Quando a enfermeira vinha aplicar a injeção, eu virava a cara, doía, mas era necessário.

Em abril, um grande grupo de brasileiros feridos embarcou para os EUA, eu estava entre eles. Foi na madrugada do dia 13 de abril, dia da morte do Presidente Roosevelt. Muitos americanos choravam. Esse dia foi também o dos preparativos e reconhecimentos finais para a batalha de Montese, 14 de abril, a maior batalha da FEB. Era o último baluarte dos alemães. A queda de Montese, abriria acesso para o Vale do Pó. A partir dali, os alemães só poderiam tentar fugir para a Alemanha pelo Passo de Brenner. Foi uma luta de casa em casa durante quatro dias. Nela, se destacou o meu 11º RI, onde homens como o Tenente Iporã, o Edu Vargas e outros mais deram exemplos belíssimos de coragem e determinação.

Em Montese, houve também muitos brasileiros feridos. Os médicos iam buscá-los. O Ivon Maia e o Tenente Rubens Dourado fizeram isso muitas vezes. Numa dessas, o Tenente Rui foi atingido mortalmente. Exemplo perfeito de herói, uma vez que não precisava estar naquela missão, pois era dentista. Atualmente, há um auditório, aqui no Rio de Janeiro, na Odontoclínica, com o nome dele. Justa homenagem!

Após Montese, nossos comandantes, o Marechal Mascarenhas e os generais Zenóbio e Cordeiro passaram as viaturas da Artilharia para a Infantaria. Saímos atrás dos alemães, até que os cercamos em Collecchio – Fornovo. A FEB cercou a 148ª Divisão alemã e parte da Divisão Bersaglieri Italiana.

Os soldados alemães, eu calculo, deviam estar exaustos. A rendição foi boa para eles e para nós, todo mundo estava cansado e a guerra terminava ali. Eram bons soldados, mesmo diante das maiores dificuldades. Faltava-lhes tudo, não tinham sulfa para os feridos. Só tinham o patriotismo, fizeram a guerra como soldados realmente profissionais. Eles entregaram as armas chorando, soube depois.

Antes de se render, a 148ª Divisão tentou romper o cerco, mas nossa Artilharia abriu fogo cerrado sobre eles, que não puderam fazer nada. Então o Cel Nelson de Melo, Comandante do 6º RI, mandou uma mensagem para o Comando alemão, exigindo a rendição incondicional. O General alemão, eu estou supondo, deve ter confabulado com seu Estado-Maior e concluído que aquilo era a melhor coisa que poderiam fazer. Acabava com o sacrifício, com a guerra, com os sofrimentos. O frio, o medo, a fome, tudo isso junto são privações que o homem agüenta por causa de sua formação moral e pela ação de seus líderes.

Nós saímos daqui em novembro, em pleno verão. Chegamos lá e pegamos 18 graus abaixo de zero. O clima era terrível. A neve vinha até o joelho, era difícil caminhar. Fiquei com dor de dentes, dor de ouvido e dor de garganta, não conseguia falar. Mandaram-me para a cozinha, perto do posto médico. Eu pensei: "para mim acabou a guerra". Que nada, depois de três dias comendo melhor e tomando gelado, por receita do médico, fiquei bom. O médico me chamou e disse: "Você está bom, terá alta amanhã, depois do café, volte para o *front*". Tentei demovê-lo, dizendo: "Doutor, não faça isso comigo". Não adiantou, ele disse: "Vai sim, meu filho, você pode ir". Assim, após três dias voltei para o *front*, e começou tudo de novo. Voltei para a 1ª Companhia do 11º RI.

Eu não tive sossego, peguei só *front*. Nós não tivemos trinta dias de descanso, como outros, após estarem na frente. Não sei o que havia com a minha Companhia, talvez o General Zenóbio tivesse simpatizado com a mesma. Dava-lhe todas as missões.

Foi assim em Rocca Cornetta, onde avançamos para ocupar posições abandonadas, temendo o choque com os alemães. Temíamos que os alemães, depois de abandonarem a posição, tivessem retornado, para nos supreender. Graças a Deus não ocorreu isso.

Deus é brasileiro, ele nos ajudou muito e nos orientou. Nossos capelães também nos confortaram. Sempre que havia oportunidade armavam o altar e rezavam a missa, da qual participávamos com fé em Deus para que voltássemos ao Brasil, para que não fôssemos feridos. Todo mundo, numa hora dessas, tem fé.

A assistência médica também foi muito boa, da mesma forma que o apoio logístico. Nunca faltou nada, tudo a tempo e a hora. Quando íamos para uma missão parecíamos cangaceiros, de tantas balas e granadas que levávamos. Às vezes, abandonávamos até as “escatoletas”, pequenas latas que vinham com as rações C. Dessas rações, só gostávamos dos chocolates, que, por vezes, eram reunidos em um capacete e derretidos na fogueira, tirando um caldo de chocolate saboroso.

Quanto aos italianos, eram famintos. Eles imploravam por cigarros, por comida, por qualquer coisa; faltava tudo para eles. Até manta pediam. Tudo que podíamos dar, o que era possível, dávamos. O brasileiro é muito bondoso, o coração pesa muito!

Nós, soldados brasileiros, fizemos o melhor possível. Saímos daqui desconhecendo até o armamento e lá enfrentamos os alemães. Chegamos inseguros. Eles tinham uma matraca que fazia um barulho igual ao de uma metralhadora “tá tá tá tá”, que usavam principalmente à noite, deixando-nos zonzos. Mas fomos buscar a matraca; logo, logo, a mesma perdeu o seu valor. Nós aprendemos muito com eles e nos igualamos em bravura e audácia.

Monte Castelo foi uma posição difícil de ser tomada. Ficava numa montanha, ladeada de outras montanhas, Belvedere e Mazzancana, onde estavam os ninhos de metralhadoras. Quando os brasileiros alcançavam a metade da encosta do Castelo, começavam os tiros de Belvedere, Mazzancana e do alto de Castelo. Foram três ataques infrutíferos.

No quarto ataque, atacamos ladeados pela 10ª Divisão de Montanha, que investiu sobre Belvedere. Ao mesmo tempo o nosso 1º Grupo de Caça bombardeava Mazzancana, metralhando e jogando bombas. Eram homens audaciosos. Mergulhavam em cima do objetivo, não tinham medo de nada! Nós os víamos atacar, aplaudíamos a coragem deles. Com Belvedere sob ataque e Mazzancana arrasada pela FAB, o infante brasileiro ficou em igualdade com os alemães em Monte Castelo. Subiu com raiva, com vontade, foi até lá em cima.

Em Monte Castelo, nossa principal Unidade foi o 1º RI, o Regimento Sampaio. Em Montese, nossa batalha mais cruenta, consagrou-se o 11º RI, de São João Del Rey. Em Collecchio-Fornovo, o 6º RI, de Caçapava, cercou 14 mil homens, dentre eles dois generais e centenas de oficiais. Eram aguerridos, vinham lutando há muito tempo. Pertenciam a um exército que nos chamava de macacos e de outras coisas mais!

Eles jogavam panfletos em nossas linhas. Em um deles, havia a imagem do Pão de Açúcar com a bandeira americana hasteada nele. Em uma estação de rádio alemã, uma locutora, que parecia brasileira, dizia que, enquanto lutávamos, os americanos hasteavam sua bandeira no Pão de Açúcar. Ela pedia que nos entregássemos, que parássemos de lutar. Mas não caímos na conversa deles!

O soldado brasileiro foi um bravo. Cumpria com seu dever, sem mesmo precisar receber ordens de seus comandantes. A solidariedade que existia entre nós e a liderança de nossos comandantes foram fatores preponderantes para o nosso eficaz desempenho. Na guerra, éramos muito ligados, uns aos outros! Na paz, isso desapareceu, o que é triste!

Estava nos EUA, em tratamento, recebia cartas com recortes de jornais e revistas do Brasil. Quando li a descrição do desfile no Rio de Janeiro, com a FEB passando por um arco do triunfo, na Praça Mauá, chorei de emoção. Começou o desfile em fileiras de doze homens, quando chegou na altura da Rua da Alfândega a formação acabou. O povo se aglomerava para abraçá-los. Foi uma apoteose!

Mais tarde, o ex-combatente ia comer o pão que o diabo amassou. Seis meses depois nem o povo, nem os empresários, nem o governo se lembravam de nós. A FEB foi formada por homens de todas as partes do País. Conheceram a Itália e o Rio de Janeiro. Muitos, ao voltarem para o interior, não mais se adaptaram. Vieram para o Rio de Janeiro, sem emprego, sem lei que os amparasse, sem apoio do governo. Por isso, a Associação foi fundada em 1º de outubro de 1945. Era necessário criar um organismo que ajudasse os nossos febianos diante daquelas dificuldades...

Eu mesmo, sendo mutilado de guerra, fui julgado "incapaz para o serviço ativo, não podendo prover os meios de subsistência". Só não fui desmobilizado, porque uma lei dizia que, tendo sido ferido, eu devia ser promovido a 3º sargento. A lei prescrevia ainda que o sargento, ao passar para a inatividade, devia ser promovido a Oficial. Não aconteceu isso, fui reformado como sargento. Essa lei prescreveu cinco anos depois.

Foi uma ingratidão com nossos heróis, com aqueles que deram tudo pela Nação! Todos foram ingratos, o governo, os empresários, o povo, todos se esqueceram de nós! Pela Constituição de 1946, o ex-combatente teria direito ao acesso ao Serviço Público, independentemente de idade e escolaridade. A Associação lutou por isso, foi buscar amparo e apoio para nossa gente sofrida. Em seis meses, nos esqueceram, já não existiam heróis.

Fiquei mais de um ano nos EUA. Aprendi muito com os americanos. Como mutilado, eu não precisava entrar na fila do refeitório, uma atendente trazia a bandeja, com a comida, para minha mesa, eu ficava sentado. Até que um dia vi outro mutilado, sem as duas pernas se esforçando para ficar na fila, com a bandeja na mão, equilibrando-se como um autômato. Desde então, envergonhado, passei a entrar na fila. Exemplos como esse me fizeram amadurecer, melhoraram meu astral. Tinha vinte anos, tinha perdido uma perna, mas cheguei aqui, de volta, com a cabeça erguida. Enfrentei dificuldades, lutei pela vida. Casei com uma mulher mara-

vilhosa que muito me ajudou na formação e no sustento de minha família. Aprendi muito com ela também.

Volto, nesse final de minha entrevista, ao campo de batalha para relembrar que os alemães, por todo tempo, nos fizeram aprender muito, fizeram-nos sentir que estávamos à altura deles. Lembro-me bem que a nossa grande escola foi a patrulha, que, como disse, é para o infante mais temível que o ataque. Foi, nas patrulhas, principalmente no inverno, que o soldado brasileiro encontrou, sem dúvida nenhuma, a sua maior escola, cujos ensinamentos permitiram-lhe ombrear-se com o inimigo – veterano, ardiloso e profissional.

Hoje, fico emocionado com o carinho e a consideração do Exército para comigo. O General Lessa, o General Guilherme, outros oficiais da ativa, todos nos tratam com muita atenção. Tenho muito orgulho de ter sido da FEB e de ser mutilado de guerra. Quando entrego as Medalhas da Vitória, em solenidades, falo aos condecorados assim: "Eu, Rubens Leite de Andrade, mutilado de guerra ..." Divulgo, dessa forma, a FEB, relembrando os nossos feitos. Assim como eu, faz o General Ventura, que foi Comandante de Companhia de Obuses do 6º RI durante a guerra. Trata-se de um grande militar, um soldado que ainda hoje dá o exemplo.

Agradeço ao Projeto de História Oral por estar divulgando os atos de bravura dos ex-combatentes. Por mostrar que temos tradição, que nosso Exército permanece atento à sua história, à consagrada participação da FEB no Teatro de Operações da Itália.

Glossário

AD – Artilharia Divisionária
AERP – Assessoria Especial de Relações Públicas
AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras
ANVFEB – Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira
BC – Batalhão de Caçadores
BIB – Batalhão de Infantaria Blindado
CCAC – Companhia de Canhões Anticarro
CEBRES – Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos
CEMCFA – Curso de Estado-Maior e Comando das Forças Armadas
CIE – Centra de Instrução do Exército
CLF – Comandante de Linha de Fogo
CMA – Comando Militar da Amazônia
CMBW – Comissão Militar Brasil-Washington
CML – Comando Militar do Leste
COR – Curso de Oficiais da Reserva
CPOR – Centro de Preparação de Oficiais da Reserva
CPP – Companhia de Petrechos Pesados
CRP – Centro de Recompletamento de Pessoal
CTir – Central de Tiro
DC – Divisão de Cavalaria
DI – Divisão de Infantaria
DIE – Divisão de Infantaria Expedicionária
ECEME – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército
ELO – Esquadrilha de Ligação e Observação
EME – Estado-Maior do Exército

EsAO – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais
EsDAA – Escola de Defesa Antiaérea
ESG – Escola Superior de Guerra
EsIE – Escola de Instrução Especializada
EsMB – Escola de Material Bélico
EsSA – Escola de Sargento das Armas
EUA – Estados Unidos da América
FAB – Força Aérea Brasileira
FEB – Força Expedicionária Brasileira
GACL – Grupo de Artilharia de Campanha Leve
GACos – Grupo de Artilharia de Costa
GACosM – Grupo de Artilharia de Costa Motorizado
GADO – Grupo de Artilharia de Dorso
GC – Grupo de Combate
IME – Instituto Militar de Engenharia
INPS – Instituto Nacional de Previdência Social
LBA – Legião Brasileira de Assistência
LCI – Landing Craft Infantry (Lancha de desembarque)
MEC – Ministério da Educação e Cultura
MP – Military Police (Polícia Militar)
OAv – Observador Avançado
OM – Organização Militar
PC – Posto de Comando
PO – Posto de Observação
PS – Posto de Socorro
QG – Quartel-General
RAM – Regimento de Artilharia Montada
RO AuR – Regimento de Obuses Auto-rebocado
S1 – Oficial Chefe da 1ª Seção do Estado-Maior da Unidade (Atividade de Pessoal)
S2 – Oficial Chefe da 2ª Seção do Estado-Maior da Unidade (Atividade de Informações)
S3 – Oficial Chefe da 3ª Seção do Estado-Maior da Unidade (Atividade de Operações)
S4 – Oficiais Chefe da 4ª Seção do Estado-Maior da Unidade (Atividade de Logística)
TO – Teatro de Operações
VO – Verde-Oliva

ENTREVISTA
Geraldo Luiz Nery da Silva

DEGRAVAÇÃO
Léa Carla Aleman Amaresco

TEXTUALIZAÇÃO
Geraldo Luiz Nery da Silva
Aurelio Cordeiro da Fonseca
Adeliz de Siqueira Ferreira
Amilton da Costa Ramos
Ernesto Gomes Caruso
Luiz Carlos Carneiro de Paula
Sérgio Alberto de Castro

GRAVAÇÃO
Subseção de Audiovisuais da
5ª Seção do Comando Militar do Leste